Coleção Antônio de Morais Silva

Estudos de Língua Portuguesa



Academia Brasileira
de Letras

Estudos sobre *Os Lusíadas*



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

José Maria Rodrigues

Coleção Antônio de Morais Silva
Estudos de Língua Portuguesa

Estudos sobre *Os Lusíadas*

Estudos Introdutórios
Evanildo Bechara
Aníbal Pinto de Castro
Maria do Céu Fraga

3.ª edição

Rio de Janeiro 2010

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinicios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE LEXICOGRAFIA DA ABL

Eduardo Portella

Evanildo Bechara

Alfredo Bosi

Revisão

Vania Maria da Cunha Martins Santos

Denise Teixeira Viana

Paulo Teixeira Pinto Filho

João Luiz Lisboa Pacheco

Sandra Pássaro

Produção editorial

Monique Mendes

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Projeto gráfico

Victor Burton

Catalogação na fonte:
Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

R696 Rodrigues, José Maria, 1857-1942.
Estudos sobre os Lusíadas / José Maria Rodrigues ; estudos introdutórios de Evanildo Bechara, Aníbal Pinto de Castro e Maria do Céu Fraga. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2010.
374 p. ; 21 cm. – (Coleção Antonio de Morais Silva ; 9)

ISBN 978-85-7440-145-4

I. Camões, Luís de, 1524?-1580. Os Lusíadas. 2. Literatura portuguesa. I. Bechara, Evanildo, 1928-. II. Castro, Aníbal Pinto de. III. Fraga, Maria do Céu. IV. Título. V. Série.

CDD 869

Sobre esta 3.ª edição

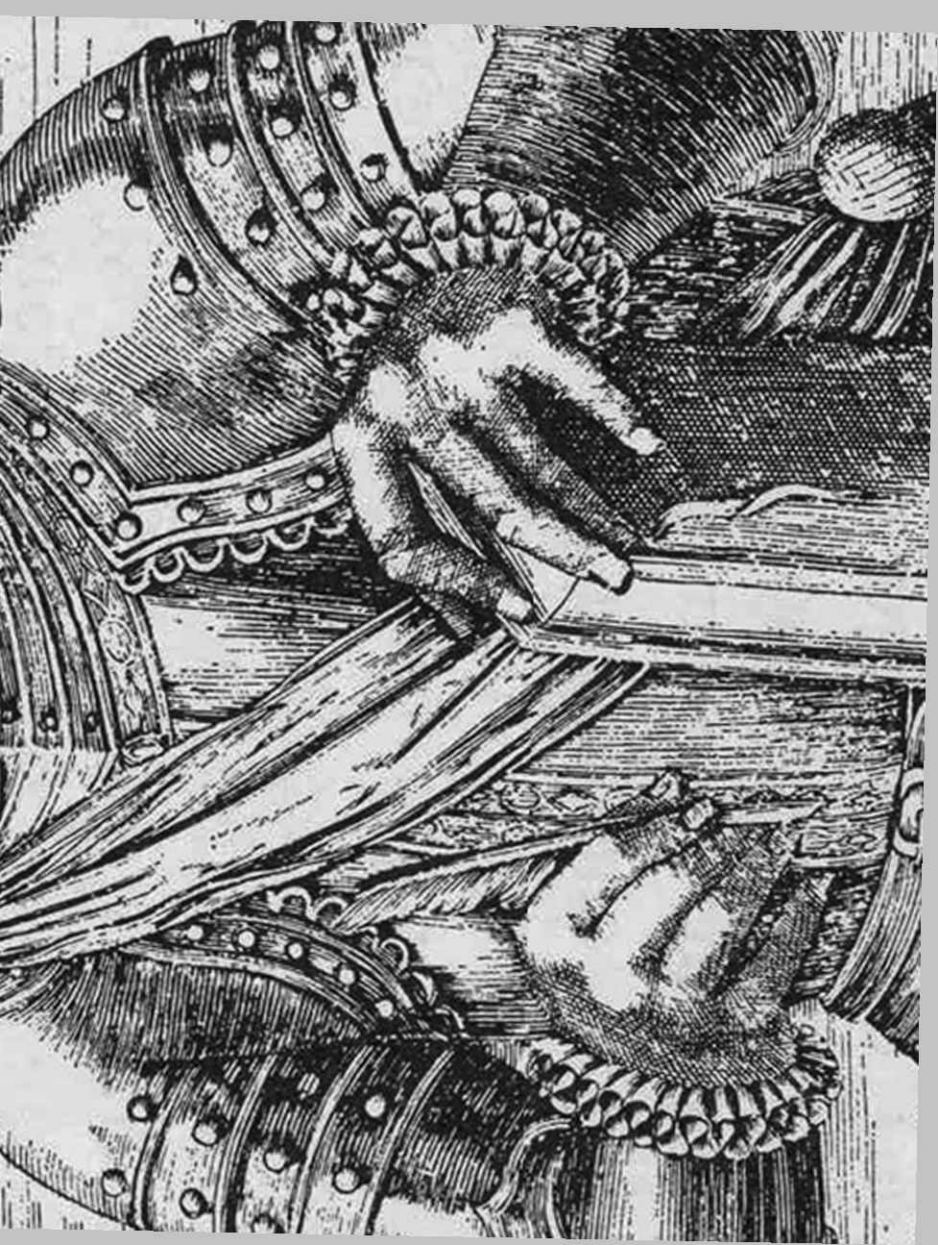
Evanildo Bechara

Esta 3.ª edição, na sequência da anterior publicada pela Editora Lucerna, em 1991, incorpora-se na Coleção Antônio de Morais Silva da Academia Brasileira de Letras.

Vem agora enriquecida com as alocuções assinadas pelos Professores Doutores Aníbal Pinto de Castro e Maria do Céu Fraga, proferidas em 2007, na sessão comemorativa dos 150 anos de nascimento de José Maria Rodrigues, promovida pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Nesta oportunidade, a Academia Brasileira de Letras manifesta seu profundo agradecimento por estar devidamente autorizada a tornar acessível ao público estudioso brasileiro estas valiosas lições sobre a vida e a obra do notável camonista Prof. Doutor José Maria Rodrigues.





José Maria Rodrigues e *Os Lusíadas Anotados* por Epifânio Dias

Evanildo Bechara

Para a história interna e externa do nosso idioma é de singular importância o séc. XVI e, nele, o papel disciplinador desempenhado por Camões na fixação do português literário, especialmente em *Os Lusíadas*: o aperfeiçoamento das formas linguísticas para servir de expressão às exigências estetico-literárias do Renascimento, sem menosprezar o tesouro acumulado pela experiência anterior, e o espraiamento da língua numa feição mais uniforme, no processo de expansão da Fé e do Império de um povo que

> E entre gente remota edificarão
> Nouo Reino, que tanto sublimarão

são dois ângulos centrais que modelam e servem para definir o contexto do idioma, em tão importante quadra da história cultural da gente lusíada.

O exame detido da riquíssima produção literária do séc. XVI está ainda à espera de estudos microscópicos para que possamos um dia chegar a uma visão macroscópica dessa realidade linguística.

Seria, entretanto, injusto, esconder que de há muito trabalhos esparsos vêm sendo acumulados e, entre estes, estão os *Estudos sobre Os Lusíadas* que o ilustre filólogo português José Maria Rodrigues escreveu ao apor notas à 2.ª edição dos justamente louvados

comentários de Epifânio Dias à Epopeia camoniana. Há tempos vimos estudando esta fonte importante para o conhecimento da língua portuguesa no séc. XVI, da qual pretendemos preparar uma edição comentada, retirando-a do quase anonimato em que se encontra, perdida nas páginas da *Revista de Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, no Rio de Janeiro, para a qual foi especialmente escrita e aí estampada entre 1923 e 1925. Entretanto, até a elaboração destes *Estudos* houve uma longa jornada percorrida e é a respeito dos passos iniciais deste percurso que cingiremos nossa contribuição a esta justa homenagem à figura do notável lusitanista e amigo Paul Teyssier.

Fontes dos *Lusíadas*

Pelo testemunho do próprio J. M. Rodrigues, sabemos que começaram tarde seus estudos mais sérios sobre a grande epopeia camoniana. Até aos 19 anos, quando concluiu os preparatórios de instrução secundária no Seminário de Braga, só entrara em contato com *Os Lusíadas* pelos excertos de antologia didática. Dois anos depois, preparando-se para o ingresso na Universidade, vemo-lo preocupado com um entrosamento mais perfeito do Poema, o que naturalmente estava muito longe de nos prenunciar o camonista que se revelaria na idade adulta.

Estas linhas se acham ratificadas pela seguinte passagem de uma palestra do autor, intitulada *As minhas Viagens através e em Volta de Os Lusíadas*, publicada em Lisboa em 1924 e integrante do volume comemorativo ao *Quarto Centenário do Nascimento de Camões*:

> "Quando em 1876 terminei os estudos em Braga (tinha então 19 anos), conhecia da nossa epopéia nacional apenas os excertos que vinham nas *Poesias Selectas* de H. Midosi. Dava-se até a circunstância, se a memória me não falha, de, nem durante o curso do liceu, nem quando freqüentei as aulas de teologia, no Seminário, me ter sequer passado pelas mãos a obra primacial da nossa literatura. Os dois anos que depois vivi naquela cidade, antes de ir para Coimbra, aproveitei-os estudando os preparatórios do liceu que ainda me faltavam para a matrícula na Universidade, revendo alguns dos que já tinha feito e procurando travar relações com *Os Lusíadas*, na sua íntegra. Adquiri para isso um exemplar... e mãos à obra, com o firme propósito (o que era a inexperiência!) de não passar a nova estância, sem que a precedente ficasse compreendida" (*Ibid.*, 35).

Ainda aqui, aos 21 anos, o autor não se consagrara definitivamente à camonologia. Tratava-se de preparação consciente para um degrau superior dos estudos e, sem dúvida, contato maior com a Epopeia, exigência que a um estudante sério e probo, do

quilate de J. M. Rodrigues, se impunha como dever de patriotismo e aprimoramento de cultura.

Nessa época, as dificuldades de interpretação cabal de *Os Lusíadas* se foram acumulando à medida que o jovem passava de estância a estância, sendo que a primeira, consoante o próprio autor, fora o "que todo o mande" do verso 7.°, est. 6.ª do canto I:

> "Até a 6.ª do C. I – continua a nos informar através da citada palestra – não houve novidade de maior, mas no 7.° v. desta surgiu-me um "que todo o mande", que não fui capaz de entender. Gastei uns poucos dias à busca da solução dos problemas que o texto oferecia. Não achei nenhuma que me satisfizesse e senti uma impressão de desânimo bem desagradável. Continuei com a leitura, mas aquele espinho lá ficava. Iam aparecendo outras dificuldades mas já não teimava. Ficavam para segunda leitura, para quando voltasse a I, 6, 7" (*Ibid.*, 37).

Esta dificuldade criaria raízes no espírito combativo de J. M. Rodrigues, e a ela, muito mais tarde, dedicaria longo estudo com que pretendia dar-lhe solução, intitulado *Sobre a Interpretação de um Passo de Os Lusíadas*. Aí, na 2.ª nota de pé de página, faz-nos uma declaração altamente importante para a fixação do início das pesquisas do autor na epopeia:

> "Só muitos anos depois (i.é., depois da resolução firme de ler atentamente o Poema), quando regressei aos estudos camonianos, é que consegui libertar-me da obsidiante dificuldade" (*Ibid.*, 38).

Se juntarmos os retalhos dessas informações de ordem cronológica, podemos concluir que os primeiros ensaios sobre a língua e o texto d'*Os Lusíadas* foram escritos quando J. M. Rodrigues andava por volta dos seus 47 anos, isto porque a época mais recuada de que datam esses estudos é, segundo pesquisa nossa, 1904.

Foi nesse ano que ilustre filólogo encetou, pelos vários números da revista *O Instituto*, uma série de doze artigos[I] sob a denominação *Fontes dos Lusíadas*, cuja separata vem com a data de 1905, mas que, na realidade, se estende até 1913.

I Os doze capítulos não saíam integralmente em cada número de *O Instituto*, mas se fracionavam irregularmente pelos fascículos que vão dos fins de 1904 até 1913, quando, a páginas 123 do n.° 60, a obra é concluída, pelo que se depreende da separata. Na revista, entretanto, aparece a indicação *continua*, como se J. M. Rodrigues pretendesse prosseguir as *Fontes*. Se pensou nisso, nunca retornou especificamente à tarefa. Em outros trabalhos, como, por exemplo, o em que estudou os pontos de contato da língua de *D. Quixote* com a d'*Os Lusíadas*, teria o camonista português numerosas oportunidades de ampliar suas eruditas *Fontes*. Como bem lembrou o Prof. Costa Ramalho no Prefácio à 2.ª ed. das *Fontes*, o livro foi composto aos poucos, "e porque o conhecimento da linguagem camoniana se foi nele apurando com o tempo, acontece com alguma freqüência que o autor vem a corrigir mais tarde uma opinião formulada anteriormente" (pp. X-XI).

Rastreando as prováveis fontes diretas de que Camões se serviu para construir a sua Epopeia – fontes que não somente forneceram os elementos narrativos, mas ainda ministraram modelos de construções linguísticas – pôde J. M. Rodrigues inaugurar definitivamente a estrada segura a percorrer: estudar as semelhanças e diferenças da língua do poeta e do seu tempo, e a técnica de estilo e de versificação que aí vemos praticada, investigação que representa subsídio indispensável a quem se abalasse a uma edição crítica do texto do Poema.

Uma análise ainda que perfunctória das *Fontes* assegura a esta produção o marco inicial da atividade de camonista que lhe atribuímos, apesar do voto contrário de Salgado Júnior (1963, p. CVI), que concede este privilégio ao artigo *Notas para uma edição crítica e comentada d'Os Lusíadas*, estampado no *Boletim da 2.ª Classe da Academia*, Lisboa, 1920. São suas as seguintes palavras:

> "Pode dizer-se que começa com este trabalho (a não ter em conta a crítica, de 1913-5) a exposição do que vão sendo as idéias de J. M. Rodrigues sobre o texto da obra camoniana" (*Ibid.*).

De 1904 até pouco antes de morrer, em 1942, a produção de J. M. Rodrigues sobre os mais variados aspectos da língua e estrutura da Epopeia é ininterrupta e abundante, infelizmente só aparecida em revistas e publicações comemorativas, muitas delas de difícil acesso ao pesquisador de nossos dias, impondo, destarte, a urgência de uma publicação dos mais importantes estudos de sua lavra[2].

As *Fontes* refletem uma acurada e diligente leitura da Epopeia e das obras com ela relacionadas, conforme demonstrou J. M. Rodrigues através de suas 639 páginas; pasma ver a imensidão de fatos recolhidos e normalmente bem manipulados, apesar

2 A benemérita editora que publicava as revistas *A Língua Portuguesa* e *O Ocidente*, sob a antiga direção de Álvaro Pinto, por mais de uma vez anunciou a saída de alguns estudos de J. M. Rodrigues; entretanto, infelizmente, cremos que nada veio à luz até a presente data. Durante as últimas festividades de comemoração do 4.º centenário da publicação d'*Os Lusíadas*, no meio de tantas reedições aparecidas em Portugal e no Brasil, esperávamos que fosse o momento propício para surgir uma ou outra obra do ilustre camonista. Diante do silêncio, ousamos propor à II Reunião Internacional de Camonistas, realizada de agosto a novembro de 1973, sob os auspícios do Ministério de Educação e Cultura e Universidade Federal Fluminense, a reedição dos *Estudos sobre Os Lusíadas*. Cumpre ainda acrescentar que por algum tempo esteve planeada pelo Centro de Estudos Filológicos (cf. *A Língua Portuguesa*, vol. II, p. 234, Lisboa, 1930-31) uma 2.ª edição das *Fontes dos Lusíadas*, que só apareceu em 1979, entre as publicações comemorativas do 2.º Centenário da Fundação da Academia das Ciências de Lisboa, com substancioso prefácio do Prof. Américo da Costa Ramalho. Por uma *Nota final* do pranteado Jacinto do Prado Coelho (p. 539), somos informados de que esta 2.ª edição havia sido programada, com introdução do Prof. Hernâni Cidade, para assinalar o 4.º centenário da publicação da Epopeia.

de nem sempre podermos estar de acordo com as soluções e as indicações de fontes propostas pelo insigne camonólogo. E o nosso entusiasmo por essa obra aumenta quando se conclui que é resultado de pesquisa quase pessoal, pois que muito pouco pôde colher dos estudos que o precederam. Infelizmente não nos sobram o espaço e o tempo necessários para um exame mais acurado das *Fontes*, bem como fugiria ao propósito central deste trabalho.

Como dissemos, as *Fontes* assistiram ainda à publicação d'*Os Lusíadas* comentados por Epifânio; a esta primeira edição referem-se, em geral, quase todas as notas inseridas nos *Aditamentos e Correções* (pp. 511-538), sem que, entretanto, seu autor faça qualquer alusão direta a Epifânio. Assim, já nas *Fontes* começa a surda polêmica travada entre esses dois grandes mestres em favor de um melhor conhecimento da língua de Camões e da língua portuguesa no século XVI.

Algumas observações a uma edição comentada dos *Lusíadas*

É a segunda grande obra de J. M. Rodrigues com vista à elucidação de várias passagens da Epopeia e à melhor fixação do seu texto, quer no seu aspecto de matéria poética, quer nas particularidades de língua e estilo do vate lusitano.

Este trabalho, aparecido nos volumes II a IV da *Revista da Universidade de Coimbra*, entre 1913 e 1915, e estampado em separata em 1915 (Coimbra, 122 págs.), está intimamente ligado e deve a sua existência à edição d'*Os Lusíadas* (Porto, 1910), preparada e fartamente anotada por um lídimo representante da filologia em Portugal, Augusto Epifânio da Silva Dias.

Esta edição d'*Os Lusíadas* representou passo decisivo para os estudos críticos do Poema, principalmente pela sólida contextura do comentário, sem divagações supérfluas; o seu anotador reunia sólida cultura vernácula e clássica para desincumbir-se honrosamente da tarefa, além de requintada experiência de edição crítica – com defeitos, é natural –, conforme nos atestam as *Obras de Christovam Falcão* (Porto, 1893), o *Esmeraldo* (Lisboa, 1905) e um punhado de observações à fidelidade de textos portugueses e latinos, nas páginas de revistas lusitanas e alemãs.

Entre os estudos sobre *Os Lusíadas* que teve de compulsar para preparar o seu trabalho, Epifânio consultou as *Fontes* de J. M. Rodrigues e a elas fez referência 28 vezes, em geral para discordar. Entretanto, parece-nos que o que mais contrariou o escrúpulo do ilustre sintaticista foi a facilidade com que J. M. Rodrigues propunha a alteração da lição primitiva em favor de uma teoria, que, aos poucos, ele mesmo foi abandonando. A oposição de Epifânio se revela bastante incisiva nesta passagem da *Introdução*:


Augusto Epiphanio da Silva Dias

"O Licenciado Manuel Correia, que eu não creio que morresse de amores pela verdade, assegura-nos que o Poeta foi aconselhado pelos frades do convento de S. Domingos de Lisboa a modificar a estância 71 e seguintes do canto IX. *Esta notícia do cura da freguesia de S. Sebastião da Mouraria parece-me que foi a que fez brotar na mente do Doutor em teologia José Maria Rodrigues a idéia de que numerosíssimos versos do Poema não apresentam a redação primitiva, bem melhor no seu entender, e que a perspicácia do mesmo doutor logrou reconstituir – ATTINGIT QUOQUE POETICEN –, mas sim uma segunda redação que o Poeta, infelizmente, aceitou de censores amigos.* No tocante aos bons costumes e pontos de religião ainda se compreende que o Poeta não cerrasse os ouvidos a conselhos de pessoas amigas; que porém tratando-se de cousas puramente literárias ele levasse a sua condescendência ao extremo que o Dr. J. M. Rodrigues imagina, e chegasse a substituir uma redação, não muito respeitadora da lógica, mas em que não se ofende a cronologia:

"E mais avante o estreito que se arrea
Co nome seu despois"

pela que vem no texto impresso:

"E mais avante o estreito que se arrea
Co nome dele agora" (X, 141).

em que há um anacronismo, é supor o malaventurado Luís de Camões caído em completa demência. Mas o certo é que, na maioria dos casos, a crença de a redação ser defeituosa ou menos aprimorada provém unicamente de o Dr. J. M. Rodrigues não saber interpretar com acerto os respectivos passos do Poema" (pp. XXIV-XXV. O grifo é nosso).

Para um temperamento sensível como o de J. M. Rodrigues, palavras desse teor muito deveriam ter abalado o seu orgulho, e logo se preparou para a resposta, já nas últimas páginas das *Fontes*, como anteriormente assinalamos. A maneira como começa *Algumas Observações* é bem elucidativa: o título é evasivo (*"a uma edição comentada"*) e a alusão do autor só se faz em nota de pé de página, sem preâmbulos nem elogios iniciais.

Estava assim deflagrada uma polêmica surda, enérgica, e que nunca se concretizou diretamente através das revistas. Se tal acontecesse, seriam imprevisíveis os resultados, pois que J. M. Rodrigues e Epifânio Dias eram polemistas implacáveis; o primeiro já

se denunciara havia muito, sustentando uma questão contra Camilo Castelo Branco; o segundo, pela sua erudição e contundência, contribuiu para a reformulação do ensino do latim em Portugal.

Dessa polêmica *sui generis* resultou o maior acúmulo de informações já levantado na filologia portuguesa sobre o texto do Poema, as fontes da matéria nele tratada e as peculiaridades não só da língua de Camões, mas de todo o século XVI. Os trabalhos da lavra de J. M. Rodrigues e Epifânio Dias se transformaram em obras de consulta e de referência obrigatórias por onde deve começar quem se abalance a estudar, sob qualquer prisma, as produções literárias de Luís de Camões.

Antes de passarmos ao exame dos resultados desse primeiro direto embate de ideias – dizemos assim porque, ao discordar de soluções apresentadas por J. M. Rodrigues nas *Fontes*, Epifânio já fizera um confronto inicial –, cabe-nos, a bem da verdade e em face de certos julgamentos que aquele estudioso externa acerca do caráter e de expediente do seu crítico, tecer algumas considerações quanto às condições de saúde do sintaticista português, após a saída da 1.ª edição d'*Os Lusíadas*, o que ocorreu em 1910.

A edição d'*Os Lusíadas* fora planeada nos momentos amargos que teve de enfrentar o filólogo, julgado num tribunal de Lisboa em vista de referências desairosas às autoridades responsáveis por uma então recente reforma do ensino (1894), em especial atenção ao Diretor-Geral da Instrução Pública, o conselheiro José de Azevedo Castelo Branco. O resultado do julgamento, nas circunstâncias do momento, valeu moralmente como uma absolvição para o réu e uma condenação para a parte. O processo começou nos fins de 1896 e foi concluído um ano depois (20 e 21 de dezembro). Defendeu o filólogo o Dr. Eduardo Alves de Sá.

Para que o motivo da acusação – como diz Leite de Vasconcelos – ficasse verberado em obra duradoura, e a sua gratidão publicamente testemunhada ao Dr. Alves de Sá, Epifânio empreendeu o trabalho e o dedicou à memória do seu defensor, historiando resumidamente o caso em contundente introito, datado de dezembro de 1908.

Mais uma vez a sua irritabilidade de ânimo – apesar de suas boas intenções – lhe trouxera graves consequências, pois que seus influentes inimigos, como já havia acontecido, não lhe pouparam dissabores. Extinto o ensino de grego no Liceu de Lisboa, passou para o Curso Superior de Letras e aí nunca "passou de um modestíssimo professor anexo, que nem às sessões do conselho escolar podia assistir", lembra Leite de Vasconcelos, "porque o Sr. Epifânio... estava no caso de reger, com o maior luzimento, uma cadeira de línguas clássicas em qualquer universidade do mundo" (Leite de Vasconcelos, 1922, 13).

Mas não são tais dissabores nem a revindita dos adversários o ponto que livra Epifânio das críticas de J. M. Rodrigues a que me referi e, sim, o estado de sua saúde, agravado rapidamente com o passar do tempo.

Quando saíram *Algumas Observações*, de J. M. Rodrigues, já Epifânio se achava a debater-se com a tremura na mão direita que pouco mais tarde se generalizou a todo o corpo. Uma testemunha desses momentos finais e difíceis do mestre foi Leite de Vasconcelos, que comenta:

> "Era a doença que os médicos denominam "de Parkinson", ou "paralisia agitante". O Sr. Epifânio deixou de sair de casa, e não tardou que ficasse de cama: a princípio escrevia com lápis; por fim deixou de escrever, e encarregou a estranhos a cópia do que tinha para publicar. Confrangia ver deitado no leito em constante agitação, e lendo a custo com o livro encostado no travesseiro, ou já sem poder ler, quem tanto labutara, quem fora tão cheio de energia!" (*Ibid.*, 14).

O mesmo insuspeito Leite de Vasconcelos nos adianta em que condições Epifânio teve conhecimento do aparecimento de *Algumas Observações* e em que grau pôde aproveitá-las para uma futura 2.ª edição d'*Os Lusíadas*:

> "O Sr. Epifânio já estava muito doente, e sem poder ler, quando se publicou este livro, o conhecimento do qual eu lhe ocultei, para o não afligir inutilmente visto que a doença o impedia de qualquer trabalho mental intenso; mas outra pessoa lhe falou dele e o Sr. Epifânio creio que ainda chegou a aproveitar na projetada 2.ª edição d'*Os Lusíadas* algumas das *Observações*, embora, se as lesse por inteiro, talvez, como me parece, não concordasse com todas, apesar de muito eruditas" (*Ibid.*, 57-58).

Neste mesmo caso se acha também Epifânio em relação às *Fontes*; embora iniciada a sua publicação no número 51 de *O Instituto*, em 1904, o trabalho se estendeu até o n.º 60, em 1913, o que impediria o seu aproveitamento por parte do sintaticista. Destarte, não procede, por exemplo, a seguinte queixa de J. M. Rodrigues, estampada nos *Estudos sobre Os Lusíadas* (RLP, n.º 25, p. 35, n. 65):

> "No *Instituto* de 1907 (cf. *Fonte dos Lusíadas*, p. 150-151) pareceu-me aceitável a correção *fado* (refere-se ao v. 3 da est. 51 do c. IV), apresentada por Gomes de Amorim. A leitura de F. de Morais fez-me mudar de opinião e por isso escrevi no *Instituto* de 1911 (*Fontes*, p. 531): "Para a interpretação da palavra *tempo* em IV, 51, 2, contribuem estas passagens do Palmeirim: "Alli repousou muitos dias... porque o tempo e a fortuna lhe deu algum repouso... Esta hé a mayor vergonha e maa ventura que o tempo nos podia dar. *Segundo o seu costume,*

> *o comentário dá como não escritas estas palavras e continua a atribuir-me a opinião que expressamente abandonei, como se vê pelo que fica transcrito e pelo que acrescentei em nota"* (O grifo é nosso).

Ora, o texto acima é posterior à saída da 1.ª edição d'*Os Lusíadas*, em 1910; assim, o julgamento e a queixa de J. M. Rodrigues não procedem aqui.

Estomagado pelas referências desairosas de Epifânio às suas dissertações nas *Fontes* – a que, se há excesso de imaginação para algumas soluções encontradas, não se pode negar erudição –, J. M. Rodrigues explícita e implicitamente sempre demonstrou má vontade quando criticava os comentários do ilustre filólogo.

Esta impressão sempre esteve presente ao lermos os trabalhos do notável camonista e sobre isto já tivemos oportunidade de nos expressar, principalmente em artigo de 1958[3].

Posteriormente vimos que Salgado Júnior era do mesmo parecer e estava empenhado em demonstrá-lo:

> "Na verdade, a questão da legitimidade da lição dos textos não nasceu com o das rimas mas com o d'*Os Lusíadas*, em torno da publicação, em 1889, da edição que do poema fez Gomes de Amorim. Sem preparação filológica bastante, este, julgando estar a restituir um texto primitivo, juntou à quantidade já existente de alterações sem fundamento uma outra notavelmente extensa. Então José Leite de Vasconcelos ergueu uma voz de protesto em artigos vários de jornal, logo reunidos em folheto, que ficaram marcando uma orientação (um tanto rígida, é certo), que obrigava, dali em diante, a uma mais cuidada atenção às realidades lingüísticas do século XVI. Nasceu disso série de estudos em que se foi anotando tudo quanto se insinuara ilegitimamente nas edições do poema desde muito antes do próprio Gomes de Amorim. Para encurtar razões, diremos brevemente que todos esses esforços se corporizaram em 1910 na primeira manifestação notável de aplicação das conclusões desta revisão: foi com a edição deveras excepcional de Epifânio Dias da Silva (*sic*). Outro passo foi dado, doze anos depois, com o aparecimento da edição fac-similada de 1922 (*sic*), que tornou acessível o estudo direto da própria mancha tipográfica reproduzida. *Acompanhavam-na as anotações de J. M. Rodrigues, infelizmente, muitas vezes tendentes a apoucar os pontos de vista de Epifânio, pela introdução de outros, bem discutíveis, como espero demonstrar um*

3 *Considerações sobre duas Estanças de Os Lusíadas* (*Revista Brasileira de Filologia*, vol. 4, t. I-II, 85-97).

dia" (1963, LXXVI-LXXVII. As estranhezas registradas no texto e os sublinhados são nossos).

Assim sendo, para uma análise objetiva dos trechos em que J. M. Rodrigues emite opiniões sobre a falta de probidade científica de Epifânio – omitindo dados importantes para uma tomada de posição do leitor que está diante de argumentos contraditórios –, tenham-se presentes as ponderações acima expostas, para que não se faça injustiça a um homem que durante toda a sua vida foi um exemplo, até exagerado, de retidão de caráter.

Os comentários de J. M. Rodrigues à 1.ª edição d'*Os Lusíadas* de Epifânio trazem 67 observações a 117 estâncias do Poema, observações que vêm reproduzidas, com ou sem argumentos novos nos seus trabalhos posteriores, especialmente nos *Estudos*, dedicados à 2.ª edição da referida obra do sintaticista português.

Sabemos que Epifânio tomou conhecimento dessas *Algumas Observações* não apenas pelo testemunho de Leite de Vasconcelos aqui reproduzido, mas ainda pelas correções do próprio autor, estampadas na edição de 1916-1918.

José Maria Rodrigues, justificando a reprodução das suas notas à 2.ª edição de Epifânio, em nota de pé de página, assegura-nos que o comentador d'*Os Lusíadas* aceitara 14 (catorze) das correções sugeridas em *Algumas Observações*: 1) I, 12,7-8; 2) III, 1, 5-6; 3) III, 16, 6-8; 4) III, 31, 6; 5) III, 73, 1; 6) IV, 25, 6; 7) IV, 36, 8; 8) IV, 49, 5-8; 9) VI, 22, 5-6; 10) VII, 4, 8; 11) VII, 75, 7-8; 12) VIII, 11, 2; 13) VIII, 35; 14) X, 50.

Antes de passarmos ao exame dessas correções aceitas por Epifânio, cabe-nos lembrar que à relação citada de J. M. Rodrigues podemos acrescentar, no mínimo, as seguintes passagens, cujo comentário sofreu alteração sob o influxo visível de *Algumas Observações*: V, 52, 1; VIII, 13, 3-4; X, 13, 4 e 68, 1-2.

Por outro lado, é interessante frisarmos que, discretamente, sem alarde nem citação, Epifânio, através de seus comentários, replica a lição de J. M. Rodrigues, pelo menos nas três passagens que se seguem:

1) IV, 49, 5-8

Na 1.ª edição, Epifânio anotara que o *monte Ábila* que ocorre no v. 5 da estrofe "designa aqui a cordilheira que orla o lado meridional do estreito de Gibraltar".

J. M. Rodrigues contraria a lição e conclui que "para Camões o Atlas é o Djebel-Muça e o Ábila, a península de Almina. Não tem, portanto, razão o comentário, identificando o Ábila dos *Lusíadas* com o Djebel-Muça ou fazendo dele uma cordilheira, e supondo que o Atlas do mesmo poema é a cordilheira que hoje tem este nome" (*Algumas Observações*, p. 59).

Epifânio, não de todo se desviando da lição dos geógrafos em que se apoiara desde a I.ª edição, anota prudentemente, depois das considerações de J. M. Rodrigues:

> "Os geógrafos não são unânimes na identificação do monte Ábila da antiguidade, sendo que uns entendem que é o moderno monte dos *Monos*, outros que é o monte do *Facho*, em espanhol Hacho" (v. Rev. archéologique, 1900, II).

2) V, 95,7-8

Comentando os versos camonianos:

> Não dirá Fúlvia certo, que é mentira
> Quando a deixava Antônio por Glafira

diz Epifânio:

> "Fúlvia casou em terceiras núpcias com Marco Antônio, o triúnviro (v. III, 136). Pondo Cam. Marco Antônio ao lado de Augusto e referindo-se os seis versos de Augusto contidos no citado epigrama aos amores escandalosos de Antônio com Gláfira, pode considerar-se certo que o Poeta hauriu esta notícia naquele epigrama. Não é porém líquido se a Gláfira dos versos de Augusto é a mulher de Arquelau – sumo sacerdote da deusa de Comana –, dama de quem Antônio, quando esteve no Oriente, recebeu favores, aos quais correspondeu dando ao filho de Gláfira o reino da Capadócia, ou se aquele nome é um pseudônimo, em lugar, talvez de Citeris, atriz de mimos, também amante de Antônio – a quem Cícero, em uma carta a Ático, chama por zombaria *Cytherius* –, como se lê nos comentários da edição de Marcial de 1522".

J. M. Rodrigues (*Algumas Observações*, pp. 14-15), além de não concordar com a pontuação do texto apresentado por Epifânio, não vê motivo para a alusão ao pseudônimo, uma vez que houve na realidade uma Gláfira amante de Antônio. E conclui citando a informação da *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa-Kroll:

> "*Glaphyra*. Hetäre des Archelaos von Komana; ... gebiert ihm den Sisimes. Später wird G. die Geliebte des Antonius, der den Sisimes als Archelaos zum König von Kappadokien erhebt. Diodor XLIX, 23. Appian. bell. civ. V, 7. Martial. XI, 20" (t. XIII, 1381).

Na 2.ª edição, Epifânio insiste no mesmo comentário, mas agora indica fonte que corrobora a alusão ao pseudônimo. Eis o trecho com a leve modificação entre parênteses:

> "Não é líquido (v. o índice dos nomes próprios que ocorrem em Marcial, na edição deste poeta feita por W. Gilbert) se a Gláfira dos versos de Augusto..."

A consulta à citada edição de Gilbert nos explica por que Epifânio não estava tão seguro quanto à Gláfira; é que este nome aparece no índice precedido de asterisco, sinalização que o diligente editor traduz nesses termos:

> "Cruce notavi personas a Martiale fictas, *asterisco eas, quae aut verae aut fictae videri possunt*" (Mart., p. 380. O grifo é nosso).

Para finalizar estes comentários, devemos ainda acrescentar que Epifânio faz numerosas correções na 2.ª edição, sem que fossem motivadas pelas observações de J. M. Rodrigues; a grande maioria dessas emendas diz respeito a enganos tipográficos, mas há várias de cunho doutrinário. O levantamento completo escapa ao propósito do presente trabalho, mas se impõe a uma futura edição d'*Os Lusíadas* comentados por Epifânio Dias. Já presta relevantes serviços o estudo comparativo dos textos de 1910 a 1916-18, de autoria de Marlene Mendes Veloso, que acompanha a reprodução fac-similada da 2.ª edição patrocinada pelo Ministério de Educação e Cultura, por ocasião do IV centenário da publicação do Poema (1972).

Das 18 emendas anteriormente citadas, que acusam a influência dos comentários exarados por J. M. Rodrigues em *Algumas Observações*, oito voltam a aparecer nos *Estudos* sobre a 2.ª edição e por isso não as explicitaremos aqui, uma vez que não é propósito destas linhas entrar mais a fundo nesta última obra.

As dez emendas tratam dos seguintes temas:

I) I, II, 7

> Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro

A respeito de *Rodamonte* fez Epifânio o seguinte comentário na 1.ª edição:

> "Rodamonte (forma popular, devida à dissimilação de Rodomonte) é personagem do *Orlando Innamorato*..."

Ao que J. M. Rodrigues contradiz:

> "*Rodamonte* não é uma forma popular de *Rodomonte*; é um nome inventado pelo conde de Scandiano, Matteo Maria Boiardo, autor do *Orlando Innamorato*. E *Rodomonte* não é anterior, é posterior a *Rodamonte*: é uma modificação feita pelo autor do *Orlando Furioso*, Lodovico Ariosto (1474-1533), no nome cuja paternidade pertence a Boiardo" (*Op. cit.* p. 1).

Na 2.ª edição Epifânio simplesmente elimina a explicação que dera entre parêntese, pela qual atribuía a forma *Rodomonte* a uma dissimilação.

2) III, 1, 5-6

> Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
> Te negue o amor devido, como soe.

Acerca de *Leucotoe* dizia Epifânio na edição de 1910:

> "As ninfas *Clície* (Clytie) e *Leucótoe* (ou antes Leucóthea) foram também amadas de Apolo (Ov. *Met.* IV, 194-270; FS)"[4].

J. M. Rodrigues protesta, declarando que a "*Leucotóe* (Leucótoe) deste passo dos *Lusíadas* nada tem com a filha de Cadmo, Ino, que, depois de transformada em divindade, ficou tendo o nome de *Leucótea* ou *Leucótoe*. É certo que esta alguma vez aparece com o nome de *Leucótoe*, mas a *Leucótoe* do poeta é que não pode dizer-se que é "antes *Leucótea*", pois foi sempre chamada *Leucótoe*" (*Op. cit.*, 5).

Na edição de 1916-18, Epifânio elimina o parentético "ou antes Leucóthea", arrimando-se à lição do autor de *Algumas Observações*.

3) III, 16, 6-8

> Logo os montes da Ninfa sepultada
> Pirene se alevantão, que, segundo
> Antiguidades contão, quando ardêrão,
> Rios de ouro e de prata então corrêrão.

4 Na errata, Epifânio corrige Leucótee para Leucótea, mas a primeira forma é possível, pois ambas as "desinências representam formas dialetais gregas" (*Algumas Observações*, p. 5, n. 5).

"A lenda – ensina Epifânio – a que o Poeta alude, acha-se em Diodoro Sículo (V, 32 § 2), ao qual se refere P. Mário no comentário ao lugar de Sil. Itálico acima citado (i.é. , III, 420-441). Nic. C. do Amaral, na *Cronologia* (publicada em 1554), também diz, com o autor grego:

> ... Quum enim pastores forte fortuna ignem in vastam montis syluam inijcerent, ita continuis diebus exarsit incendium ut puri argenti riuuli vi magni caloris effluxerint (p. 94).

Diodoro não fala de rios de ouro; porventura Cam. leu na versão latina (ou em Amaral), por equívoco *auri* em vez de *puri*".

Referindo-se a esta lição, J. M. Rodrigues lembra que nos "*Paralipomenon hispaniae libri X*, de João de Gerona, escritor contemporâneo dos reis católicos, Fernando e Isabel, a lenda do incêndio dos Pirineus, reproduzida de Diodoro Sículo, já vem acrescentada com a referência ao ouro:

> "Hi montes (Pyrenaei) usque in hodiernum suam appellationem retinuerunt. De istoré tamen montium nomine diversi diversa sentiunt... Diodorus vero libro quarto ait, quod cum mons ipse plenus esset maximis arboribus, plurimisque pastoribus propter greges qui inibi pascuntur, accidit ut die quadam apposito igne monti, quum ventus validus excrevisset, ignis vrens glebas ipsius montis coegit aurum atque argentum colligendum, reliquam ipsorum montium partem incenderunt, ab ardente pyra (quae est lignorum congeries ardens) Pyrenaei montes appellati sunt" (*Algumas Observações*, p. 8).

Epifânio assim modifica o comentário, diante da lição recebida:

> "Diodoro não fala de rios de ouro; mas, segundo observa o Dr. José Maria Rodrigues, já João de Gerona nos seus Paralipomenon Hispaniae libri X, publicados em 1545, registrando esta lenda, fala também de oiro".

A lenda com referência ao ouro deve ter-se divulgado pelo séc. XVI, pois vemos reflexo dela na *Corografia* (1561), de Gaspar Barreiros, pp. 141-142, conquanto não fale explicitamente em rio de ouro, mas em "minas de prata e de outros metais". Embora não seja propósito nosso enveredar pelos intrincados problemas das fontes camonianas e, num aspeto mais amplo, da *imitatio* ou *mimésis* nas literaturas antigas, cabe, entretanto, ressaltar a necessidade de uma excursão crítica na obra de J. M. Rodrigues, no que tange

a tais questões. Aqui, no caso em tela, estaria a citação de João de Gerona intimamente ligada à penetração da obra, a ponto de justificar a alusão feita por Camões.

> "Foram chamados estes mõtes Pyreneos d'esta palaura grega, pyr, que significa fogo, porque foram queimados de hum grande fogo que hés pastores lhe poseram nos arvoredos e matos, o qual laurou tanto por elles, penetrando te as cauernas da terra, que se descobriram muitas minas de prata e de outros metaes..." (G. Barreiros, *Loc. cit.*).

4) III, 31, 6

E não vê a soberba o muito que erra

Assim comentava Epifânio na 1.ª edição:

> "É difícil decidir se neste lugar *soberba* é adjetivo ou o substantivo abstrato empregado em vez da expressão concreta".

J. M. Rodrigues, tratando da regência do verbo *errar*, alude acidentalmente, em nota de pé de página, à dúvida de Epifânio:

> "A palavra *soberba* aqui, como se vê pelo contexto, é um adjetivo, que designa a mãe de D. Afonso Henriques" (*Op. cit.*, p. 41, n. 1).

E arremata:

> "Se alguma dúvida pudesse haver, o verso 8 desvanecê-la-ia completamente".

Na 2.ª edição d'*Os Lusíadas* Epifânio exclui a nota.

5) III, 73, 1

E posto enfim que desde o mar de Atlante

A respeito de *Atlante* Epifânio presta, na edição de 1910, os seguintes esclarecimentos:

"Atlante (v. I, 20) foi convertido por Perseu (v. OV. *Met.* IV, 626-661) na cordilheira do Atlas (ou Atlante, X, 156), que deu o seu nome ao *mare Atlanticum*".

J. M. Rodrigues contesta a afirmação:

"Mas o Atlas de Camões, como se vê pela estância 77 do canto III e mais determinadamente ainda pela passagem da ode I, acima transcritas, fica nas proximidades de Ceuta. É o Atlas de Homero e de Heródoto. Para a cordilheira que depois recebeu este nome reservaria naturalmente o poeta a designação de *Montes Claros*, freqüente nos nossos escritores do século XVI" (*Op. cit.*, p. 58).

E, depois de citar um trecho decisivo do *Esmeraldo De Situ Orbis*, conclui acerca da origem da denominação *mare Atlanticum*:

"Mas o nome dado ao mar de que se trata é mais antigo do que o conhecimento daquela cordilheira, por parte da antiguidade clássica. Heródoto, para quem o monte Atlas ainda está nas proximidades das colunas de Hércules, já chama ao mar que fica fora destas (...) o *mar Atlântico*. O nome veio, portanto, quer do primitivo monte Atlas, quer do gigante que neste foi transformado" (*Ibid.*).

Na 2.ª edição substitui Epifânio a expressão "na cordilheira do Atlas" por "no monte Atlas", conformando-se com a correção de J. M. Rodrigues.

6) IV, 25, 6

Das quinas e castelos o pendão

A este verso fez Epifânio a seguinte nota:

"as quinas (= os escudos de que se fala em III, 53-54) e castelos (em número de sete) das armas de Portugal".

J. M. Rodrigues chama a atenção para o fato de que, antes de se fixar em sete, o número dos castelos foi muito variável de período para período, de monarca para monarca.

Esta nota leva Epifânio à seguinte emenda, na 2.ª edição:

"... e castelos (por último, em número de sete) das armas de Portugal".

7) VII, 4, 8

Mas por sair do jugo soberano

Explica Epifânio que "o jugo soberano" significa a obediência ao Sumo Pontífice.

J. M. Rodrigues emenda:

> "O *jugo soberano* de que os protestantes alemães querem sair, por meio de *feias guerras*, é o jugo imperial (de Carlos V), e não o pontifício. Deste já eles tinham saído, *rebelando-se contra o sucessor de Pedro e inventando novo pastor e nova seita*. Mas não contentes com este *cego error*, ainda andam em guerra, não contra os turcos, contra os inimigos hereditários do nome cristão, que ameaçam a Alemanha, mas contra o próprio chefe do império germânico. Como se sabe, os protestantes, descontentes com a atitude de Carlos V na dieta de Augsburg (1530), resolveram resistir-lhe à mão armada e formaram a liga de Schmalkalden, que chegou a pôr em campo um exército de mais de 40.000 homens (1546). Este nada conseguiu, mas poucos anos depois (1551-1552) o imperador viu-se em sérios embaraços, por causa de Maurício de Saxe, que tinha feito uma aliança secreta com Henrique II de França" (*Op. cit.*, p. 68).

Diante da lição, Epifânio estampa o seguinte comentário em substituição à nota do texto de 1910:

> "O verso refere-se, como observa o Dr. J. M. Rodrigues, às revoltas dos protestantes alemães contra o imperador Carlos V. Veja-se no *Hand Lexicon*, de Meyer, a breve notícia dada em Schmalkaldischer Bund".

8) VII, 75, 7-8

Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

A respeito desses dois versos Epifânio apõe o comentário:

> "Como é sabido, a religião maometana proíbe beber vinho.
>
> Comer | em sentido geral, por "beber", se é que não houve antes aqui descuido do poeta".

Sobre *gentio*, v. o com. a VI, I". E neste diz-se:

> "O rei de Melinde era maometano; mas o termo *pagão* na linguagem vulgar equivalia a *não cristão*".

J. M. Rodrigues começa por contestar que o *gentio* se refira ao maometano:

> "Se na Idade Média o termo *pagão* se aplicava muitas vezes aos maometanos, não se pode dizer o mesmo a respeito da palavra gentio. Pelo menos não conheço caso nenhum. Mas ainda que Camões pudesse chamar *gentio* ao mouro Monçaide, não é nestas estâncias que ele o faz. (J. M. R. alude às est. 75 e 76). Aqui o gentio é, sem sombra de dúvida, o catual, e não o mouro" (*Op. cit.*, p. 16).

A seguir passa a explicar que os dois últimos versos da est. 75 têm fácil entendimento se levarmos em conta que se trata de um gentio de casta superior:

> "(Os naires), diz Duarte Barbosa, nom comem nem bebem senam em casa de naires". Nem tampouco lhes era permitido comer no mar: "E pera q˜ Pedraluarez mãdasse a terra quem negociasse a carrega das naus, mãdou (el Rei de Cochim) em arrefẽs dous naires principais, com cõdição q̃ se auião de reuezar cõ outros dous que ficarião enquanto aqueles fossem comer, porque não podiam comer no mar" (Castanhada, L.E I, cap. 40).

Apesar da elasticidade semântica que experimentou *gentes* na língua comum, desde o latim, conforme nos ensinam Löfstedt e Mohrmann[5], a ponto de transformar *gentilis* num sinônimo de *paganus*, Camões, seguindo o uso de seus contemporâneos, parece não ter aplicado o termo *gentio* aos maometanos. Epifânio reconheceu razão na emenda do censor e substituiu a nota anterior pela que se segue:

> "Como observa o Dr. J. M. Rodrigues, os *naires*, segundo Castanheda (I, 40), não podiam comer no mar".

Também concordou em que o gentio de que fala Camões na est. 75 é o catual, e não o mouro Monçaide; por isso é retirada da nota da edição de 1910 a remissão ao rei de Melinde, aludido no comentário a VI, I.

5 Löfstedt, 1956, II, 464 e ss.; Mohrmann, 1961, I, 26 e ss.

9) X, 13, 4

Nos braços do salgado e curvo rio

Confessa Epifânio na 1.ª edição:

> "Não é claro o que o Poeta quer significar dizendo "Nos braços do salgado e curvo rio" (o que, em todo o caso, se liga ao que vai dito e não ao que se segue). Storck pensa que é o canal (*der Sund*) entre a ilha de Cambalão e a terra firme, e compara II, 14, 8, onde o "*salso rio*" é o canal que fica entre Mombaça e o continente africano. Em geral entende-se que é o rio de Cochim, sendo o epíteto *salgado* explicado pelas palavras de Castanheda: "hum esteiro de maré que se metia no rio de Cochim. (I, 70). Os Albuquerques, porém, ao fazerem-se de volta para Portugal deixaram Du. Pacheco em Cananor, e daqui foi que ele partiu para Cochim" onde soube do feytor que a nova da guerra del rey de Calicut [contra o de Cochim] era verdadeira" (Cast. I, 65).

J. M. Rodrigues contrapõe ao argumento apresentado por Epifânio (i.é., não se trata de Cochim porque os Albuquerques deixaram Duarte Pacheco em Cananor) a declaração de Castanheda em I, 63, a qual esclarece que "Duarte Pacheco, embora se achasse em Cananor quando os Albuquerques dali partiram, *não foi deixado* em Cananor, *foi deixado* por capitão-mor na Índia, com a missão especial de defender o rei de Cochim contra o de Calicut" (*Op. cit.*, p. 76, n. 2).

É o que o Poeta diz nesses dois versos:

> E deixado em ajuda do gentio
> Rei de Cochim, com poucos naturais (vv. 2-3)

Dessa maneira, para J. M. Rodrigues, o verso que estamos discutindo

> Nos braços do salgado e curvo rio

> "não se refere ao sítio onde Duarte Pacheco foi deixado, não se liga ao que está dito antes, como afirma o comentário, mas sim ao que se segue. E o *salgado* e *curvo rio*, em que se encontra o passo de Cambalão e em que o destemido Pacheco desbaratou os *naires infernais*, é o esteiro que forma a ilha de Cochim" (*Ibid.*, pp. 76-77).

Epifânio, na 2.ª edição, aceita que o verso em discussão diz respeito ao que se segue, e não ao que atrás vinha dito, como supusera no comentário de 1910; entretanto,

ainda insiste em que o passo não é claro, bem como no fato de que os Albuquerques, de regresso a Portugal, deixaram Pacheco em Cananor, conforme Castanheda, I, 65.

Eis apenas a parte do comentário que sofreu alteração:

> "Não é claro o que o Poeta quer significar dizendo "Nos braços do salgado e curvo rio". Storck pensa que é o canal (*der Sund*) entre a ilha de Cambalão e a terra firme, e compara II, 14, 8, onde o *salso rio* é o canal que fica entre Mombaça e o continente africano, vindo assim *No passo Cambalão* a designar mais precisamente o que foi dito com *Nos braços do salgado e curvo rio*. Em geral entende-se que é o rio de Cochim, sendo o epíteto *salgado* explicado pelas palavras de Castanheda: "hum esteiro de maré que se metia no rio de Cochim" (I, 70).

10) X, 50

Falando Camões dos feitos de Lopo Soares nesta estância, Epifânio nos ensina:

> "Lopo So. de Albergaria foi mandado por sucessor de Af. de Albuquerque no governo da Índia em 1515 (Cast. III, 152). Na entrada de fevereiro de 1517 partiu "com héa armada de trinta e seys velas" "pera ho Estreito [do mar Vermelho] a buscar a armada do Soldão" (que tinha sido aprestada, mas que não chegara a sair) (Cast. IV, 10)".

J. M. Rodrigues aceita a lição, exceto o que diz respeito à porção entre parêntese, que contraria as informações ministradas por Castanheda:

> "O cap. 10 tem por epígrafe: *De como ho governador partio pera o estreito a buscar a armada do Soldão*. A do 11 é do teor seguinte: *De como ho governador soube que çoleimão rex era senhor de Iudá; e tinha hi varadas as galés; e determinou de pelejar coele*. E no 12 trata-se *De como ho governador chegou à cidade de Iudá, e a causa porque a não tomou*. Por aí se vê – conclui o camonista – o que deve pensar-se da asserção do comentário a respeito da armada do soldão "que tinha sido aprestada, mas não chegara a sair".

Epifânio reconheceu o engano e retirou do comentário do texto de 1910 a declaração que vinha entre parêntese.

Pela pequena amostra apresentada, o estudioso da Epopeia e das múltiplas questões a ela atinentes pode avaliar o subsídio precioso que representam as observações

de J. M. Rodrigues às edições anotadas por Epifânio Dias, e as tácitas respostas com que este filólogo replica algumas das críticas de seu patrício.

Vê-se claramente que a atitude do autor da *Sintaxe histórica* em relação a J. M. Rodrigues mudou por inteiro; entre as *Fontes* e as *Algumas Observações* há uma grande distância de teor das alusões ao camonista. Não encontramos nenhum julgamento desairoso como os que se nos deparam na Introdução e nos comentários do Poema em referência aos estudos estampados nas *Fontes dos Lusíadas* e que permanecem no texto da 2.ª edição.

Tarefa, portanto, que nos parece inadiável é rastrear a soma de informações preciosas que os *Estudos sobre Os Lusíadas* trazem aos comentários de Epifânio Dias à 2.ª edição do Poema, bem como procurar investigar a quem coube dar, em muitos casos, a última palavra às questões ventiladas na discussão.

Bibliografia

BARREIROS, G., *Chorographia de Alguns Lugares...*, Coimbra, 1561.

BECHARA, E., "Considerações sobre duas Estanças de Os Lusíadas": *In Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, IV, 1958.

—— "Uma fonte importante para o conhecimento da língua portuguesa no século XVI": In *2.º Simpósio de Língua e Literatura*, Rio de Janeiro, Gernasa, 1969.

EPIFÂNIO DIAS, A., *Os Lusíadas*. Anotados por A. E. da S. D. 2 vols. 1.ª edição, Porto, Magalhães e Monis, 1910; 2.ª edição, Companhia Portuguesa Editora, 1916-1918.

GILBERT, W. M. V., *Martialis Epigrammaton libri*, Lipsiae, B. G. Teubneri, 1907.

LEITE DE VASCONCELOS, J., *Epiphanio Dias. Sua vida e labor scientifico*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922.

LÖFSTEDT, E., *Syntactica. Studien und Beiträge zur historischen Syntax des Lateins*, 2 Aufl. 2 vols. Lund, C. W. K. Gleerup, 1956.

MOHRMANN, CH., *Études sur le latin des Chrétiens*. 3 vols. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1961-1965.

RODRIGUES, J. M., "As minhas viagens através e em volta de Os Lusíadas": *In Quarto Centenário do Nascimento de Camões*, Lisboa, 1924.

—— "Sobre a interpretação de um passo de Os Lusíadas": *In Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, 41, 1930.

—— *Fontes dos Lusíadas*. Separata de *O Instituto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905; 2.ª ed., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1974.

—— "Notas para uma edição crítica e comentada d'Os Lusíadas": *In Boletim da Classe de Letras*, Coimbra, Imprensa da Universidade, XIII, 1921, pp. 676-736.

—— "Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas". Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vols. II-IV, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915.

SALGADO JR., A., *Luís de Camões*. Obra completa organizada por A. S. Júnior, Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.



José Maria Rodrigues, um sábio professor que pôs a erudição ao serviço da pedagogia

Aníbal Pinto de Castro

A 27 de junho de 1857, nascia em Gondim, na Freguesia de Santa Eulália do Cerdal, concelho de Valença do Minho, aquele que viria a chamar-se José Maria Rodrigues.

Completaram-se, portanto, este ano, 150 anos sobre a data do seu nascimento.

Não podia a Universidade onde viria a formar-se deixar no olvido a celebração de tão significativa efeméride, e cabia naturalmente a este Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos o encargo e a honra de a promover – pelo predomínio que na sua obra adquiriram os Estudos Camonianos e pelo facto de congregarem laços muito estreitos ambas as Faculdades onde os ensinou, a de Lisboa e a de Coimbra.

Conhecedores do meu vezo por folhetos e documentos, lembraram-se os dirigentes deste Centro de ir buscar-me ao meu retiro, onde vou aguardando a morte tão longe quanto possível das monstruosidades do tempo e da fortuna, para, à guisa de abertura, vos traçar um perfil da sua figura e da sua obra, deixando à minha querida Colega e Amiga, Doutora Maria do Céu Fraga, a parte mais aliciante de tratar do Camonista.

Não podia furtar-me a esse dever (até como forma de agradecimento!) e... aqui estou!

Profunda e persistente foi a fase da primeira infância na sua formação e na modelação do seu caráter.

A primeira e mais profunda marca foi de índole familiar, e recebeu-a dos pais, Bento José Rodrigues e Maria Joaquina de Araújo, lavradores remediados a labutarem em cada dia nos campos do seu sustento e da sua honradez!

Concluído o ensino primário elementar em Valença, matricula-se no Seminário Conciliar de Braga. Quando ali se matriculou era já um excelente latinista, graças às lições recebidas do Cônego Araújo. Em 1878 recebe a ordem de subdiácono, no ano seguinte a de diácono e a 18 de novembro de 1880 é ordenado de presbítero.

Já então, desde 1878, estava matriculado na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde chegou ao 3.º ano, alcançando honrosas classificações.

Mas em 1881, passou para a de Teologia, onde alcançou o bacharelato a 25 de Junho de 1886 e a licenciatura a 25 de Novembro desse mesmo ano, depois de um *cursus honorum* com notas de 16, 18 e 18 valores, respectivamente. Só entre 1879 e 1881 viria a cursar os três primeiros anos dos Estudos Jurídicos.

A 5 de fevereiro recebia o grau de Doutor, apresentando como dissertação de conclusões magnas um trabalho intitulado *De materiae creatione ex nihilo, contra recentiores hujus dogmatis adversarios*. Presidia ao júri o Doutor Damásio Jacinto Fragoso.

Logo a seguir era nomeado Lente Substituto e Catedrático em 1902.

Desde 1894 fora chamado a colaborar na reforma do Ensino Secundário que, concretizada no regulamento de 14 de agosto de 1895, rasgou vias renovadoras ao ensino nesse grau.

Por decreto de 11 de outubro de 1895, é nomeado Reitor do Liceu Central de Lisboa.

Em 1902 transitou para o Curso Superior de Letras, onde professou Literatura Latina. Com a criação da Faculdade de Letras em 1911, alargou o âmbito das matérias ensinadas praticamente a todas as disciplinas do grupo de Filologia Clássica.

Por sua iniciativa foi criada a Cadeira de Estudos Camonianos, solenemente inaugurada em 1925 graças à intervenção de Afrânio Peixoto e a um legado de Zeferino de Oliveira, e na qual se inscreveram, logo de início, mais de 200 pessoas. Iria manter-se na sua regência mesmo para além da aposentação.

Em 1912 foi apresentada à Academia das Ciências uma proposta para a sua admissão, subscrita por Coelho de Carvalho, Leite de Vasconcelos, Cristóvão Aires, Gonçalves Viana e Henrique Lopes de Mendonça, sendo eleito sócio correspondente a 18 de abril desse mesmo ano.

Outro campo de fecunda atividade se abria, pois, para além de várias intervenções como o discurso de recepção ao Cardeal Mendes Belo, desempenhou o cargo de Vice-Presidente da Classe de Letras, para que foi eleito a 13 de dezembro de 1921, e de Presidente, por eleição de 13 de Dezembro de 1923 e 17 de dezembro de 1925.

Faleceu a 20 de janeiro de 1942, em Lisboa. Tinha à cabeceira a *Bíblia* e *Os Lusíadas*. O funeral realizou-se para a terra natal a 22. Por disposição testamentária, o seu corpo ia amortalhado no hábito de S. Francisco, antepondo a humildade do *Poverello* às pompas do capelo universitário.

Mas viria ainda a acumular outras funções como Vogal da Secção Permanente do Conselho Superior da Instrução Pública, além de uma comissão que teve uma comissão no Ministério do Interior.

Estes dados biográficos essenciais, que retiro do *Elogio histórico* que acerca dele proferiu o Doutor Jacinto do Prado Coelho na sessão da Academia das Ciências de 1963, são apenas marcos miliários de um percurso inteiramente vivido ao serviço da cultura e da língua portuguesas. Para além dos aspectos da sua produção camoniana, algumas linhas dominantes se podem traçar ainda; basta para isso percorrer as bibliografias elaboradas por Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves e Rosado Fernandes.

A primeira dessas facetas é a do polemista, iniciada em 1883 com a sua participação na chamada questão da Sebenta contra Camilo Castelo Branco que, aliás, conhecera quando do famoso descarrilamento do comboio que, na tarde do dia 11 de outubro de 1878, ocorrera na linha do Minho, entre Vila Nova de Famalicão e o Porto. José Maria Rodrigues dá notícia do caso, sublinhando que vira a seu lado, com a cara ensanguentada, o romancista de Seide. Os ferimentos, porém, não foram de maior e Camilo nem por isso perdeu a *vis* satírica que mais uma vez se manifestou perante as afirmações que o Doutor Avelino César Calisto havia feito numa lição de Direito Eclesiástico Português, proferida na Universidade de Coimbra. Referindo-se ao Marquês de Pombal, dissera o Lente, segundo o texto da Sebenta que lhe chegara a Seide, que a "inteligência do grande Marquês já foi posta em dúvida por uma das inteligências de maior vulto da moderna Literatura. Mas desgraçada inteligência! Ela é posta em almoeda e ao serviço de qualquer causa em troca de miseráveis e mesquinhos interesses. Inteligência mercenária que, convenientemente dirigida, seria a glória de um País deste modo a desonra de uma literatura e do País a que pertence." Referia-se Avelino Calisto ao *Perfil do Marquês de Pombal*, embora não indicando o nome do livro nem citando explicitamente o nome do Autor.

Nas notas à Sebenta do Doutor Avelino César Calisto tecia Camilo considerações várias acerca do dogma da infalibilidade pontifícia e à bula *Dominus ac Redemptor Noster*, que levara à expulsão da Companhia de Jesus por Clemente XIV. Num artigo publicado na *Civilização Católica* ripostara José Maria Rodrigues, então estudante do segundo ano de Teologia.

Não vem para este momento analisar em pormenor o teor deste e dos outros textos do estudante teólogo. Vem, sim, sublinhar a seriedade, o rigor e a segurança das suas intervenções. Longe de se deixar arrastar por qualquer entusiasmo polêmico ou desejo da fama, atém-se ao rigor dos termos e dos conceitos, e o mesmo acontecerá nos dois restantes folhetos que consagra o assunto. Certamente por ter concluído que os seus textos eram fornecidos pela tipografia ao opositor, já deixou sem resposta a carga terceira tréplica ao Padre. À sua honradez intelectual devia certamente desagradar um subterfúgio desta natureza, em que Camilo, aliás, era fértil.

Torna-se evidente que Camilo não tinha preparação nem serenidade para examinar a questão em termos comparáveis aos de José Maria Rodrigues. Contou-me uma vez o Doutor Mário Brandão, certamente por informação do Doutor Antônio de Vasconcelos, que entrando Camilo um dia na livraria de Chardron, no Porto, viu a examinar os mostruários da loja um eclesiástico com o seu severo chapéu preto na cabeça. Perguntou então ao empregado quem era e este respondeu: "Então V. Ex.ª não conhece a pessoa com quem teve uma polêmica tão acirrada? É o Doutor José Maria Rodrigues." Resposta de Camilo: "Ah! Não conheço. Mas ele na polêmica é que tinha razão. O que é que quer, eu estava aborrecido em S. Miguel de Seide e tinha de embirrar com alguém"...

Aliás, a mesma preocupação de verdade científica e de fidelidade às Instituições havia de levá-lo mais tarde a uma polêmica com o Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina, pelo fato de o Prelado se ter permitido interferir nos programas da Faculdade de Teologia contra as posições assumidas pelo Doutor Damásio Fragoso. É sabido que a Faculdade de Teologia de Coimbra estava profundamente ferida de regalismo, mas o teólogo não hesitou em defender a Instituição perante uma interferência que lhe era estranha, saindo à liça com o opúsculo *A Sagrada Congregação do Concílio e os Direitos do Senhor Bispo-Conde sobre a Universidade de Coimbra*.

Consciente da sua razão, era com serena convicção, mas sempre com sóbria elegância, que brandia os seus argumentos. Veja-se a polêmica que travou com o Almirante Gago Coutinho a propósito da rota de Vasco da Gama na sua primeira viagem à Índia.

Mas um dos aspectos que mais impressionam na sua multímoda carreira é a sua vocação pedagógica. Homem austero, também sabia assumir perante os alunos o papel de companheiro de jogos e brincadeiras que criavam à sua volta uma auréola de familiaridade e respeito, certamente as chaves de uma boa comunicação do saber. Referiu um dia o Doutor Sá e Oliveira, Professor e Reitor do Liceu Pedro Nunes, ao Doutor Hernâni Cidade que, ao iniciar a sua carreira, recebeu do erudito professor esta recomendação:

> – "Leia e faça ler. Reduza ao mínimo a biografia, as datas, as exterioridades acidentais. Leia e faça ler os Autores, interprete-os, faça atentar na beleza, no vário interesse do que criam. Aí tem a minha biblioteca. Leve os livros que quiser. Que os rapazes tomem o gosto da Literatura, o resto virá de *per si*."

Que admirável programa para o trabalho de um professor. E quem nos dera que, nestes nossos malfadados dias, esta orientação fosse transformada numa espécie de ato voluntarioso dos professores, distraídos por tantas teorias acríticas e moventes como as areias do deserto sopradas por desencontrados ventos. Notarei ainda que, na essência dessa atitude, está um conhecimento profundo da língua em todos os momentos da sua história e nas suas origens fortemente sustentadas pela madre latina e por todos os contributos que a enriqueceram, viessem donde viessem, do grego ao hebraico.

Múltiplas e convincentes são as provas da validade desse método.

Para mim, uma das que mais me impressionam é o modo como desempenhou a sua função de Professor do Príncipe Real D. Luís Filipe e do Infante D. Manuel, a que foi chamado pelo Rei D. Carlos. Foram grandes as hesitações que teve em aceitar o convite do Rei, mas aceitou por dever. Mais novo do que o irmão, o futuro D. Manuel II apenas colheria do saber do Mestre o teor de conversas não sistematizadas. Foram, no entanto, suficientes para nele fundamentar uma admiração e uma confiança científica que transformava a sua opinião numa garantia de segurança de que não podia prescindir. É o que se conclui de um conjunto de cartas que o rei, exilado, quase no fim da vida, lhe dirige, a propósito dos *Livros Antigos Portugueses, da Biblioteca de Sua Majestade Fidelíssima*, cujo primeiro volume foi editado em 1929, em Cambridge, pela Casa Maggs Bros. O referido conjunto encontra-se no Arquivo da Universidade de Coimbra, em cujo acervo deu entrada, por oferta do Doutor Antônio de Oliveira Salazar. Veja-se a primeira dessa série, datada de 18 de julho de 1929:

"Meu querido Mestre e Amigo Doutor José Maria Rodrigues

Recordando com saudade os tempos idos, venho recorrer à sua amabilidade e pedir-lhe um favor.

Acaba de sahir dos prelos da Imprensa da Universidade de Cambridge o primeiro volume da minha obra sobre *Livros Antigos Portugueses – 1489-1600,* da minha Bibliotheca.

Emprehendi esta árdua tarefa com o intuito de bem servir o nosso Paiz: é o seu único merecimento.

Ser-me-hia extremamente agradável offerecer um exemplar do meu trabalho à Academia da Sciências, mas não ousei fazê-lo sem que, primeiro, uma grande auctoridade tivesse a gentileza de dar a sua opinião acerca da minha modesta obra.

Pensei imediatamente no Illustre Professor, honra das Letras portuguesas e Mestre do meu chorado Irmão e que, muitas vezes nos intervalos das lições, me ensinou tanta cousa.

Se o Doutor José Maria Rodrigues, após o seu exame, julgar que o meu livro é digno de entrar na Bibliotheca da Academia, peço-lhe então que o offereça em meu nome à douta Academia.

Aceite os meus profundos agradecimentos e creia-me sempre o seu discípulo muito amigo

Manuel R."

Na carta de 7 de novembro escrevia:

"a sua carta foi, sem dúvida, um premio valiosíssimo do meu modesto trabalho: a sua excepcional auctoridade, consolou-me e deu-me alento para prosseguir. Os seus parabéns – digo-o francamente – causaram-me orgulho. Não tenho pretensões; o meu único intuito é prestar um serviço ao meu Paiz, mostrando, atravez dos meus livros, – quasi desconhecidos – a obra Portugueza!

A minha Bibliotheca, reunida pouco a pouco e com amor, é realmente extraordinária: a minha collecção de Camões, admirável e certamente das mais completas que existe: comprehende as edições dos *Lusíadas* de 1572 (as duas), 1589, 91 e 97, as Rythmas de 1595 e 98; o que é mais interessante, possuo

um exemplar – talvez o único que exista, *absolutamente perfeito* – dos *Autos* de António Prestes e Luís de Camões de 1587. Tenho todas as primeiras edições estrangeiras dos *Lusíadas:* edições Portuguezas dos séculos XVII e XVIII dos *Lusíadas* e das *Rythmas,* possuo-as todas. Agora que infelizmente (talvez o ignore) a Bibliotheca Palha foi vendida para a América, onde já se encontra enriquecendo a Bibliotheca da Universidade de Harvard, – onde já se encontrava a collecção camoneana Carvalho Monteiro, restam poucas boas collecções de Camões em Portugal. Sempre que o meu querido Mestre e amigo desejar qualquer cousa, sabe que a minha Bibliotheca está à sua disposição, se precisar de qualquer reprodução: Sabe que não pertenço ao número dos bibliophilos, que não querem ninguém veja os thesouros que possuem! Entre esses thesouros, encontra-se o exemplar único da I.ª Parte da *Chronica* de D. Manuel de Damião de Goês impresso antes da I.ª ed.: contém muita cousa que não vem na I.ª ed. Esse ex. pertenceu a T. Norton e foi reproduzido pelo Conde de Azevedo: algumas das variantes são muito curiosas: tencio-no reproduzir algumas em fac-simile, o que nunca foi feito.

.....

Dizia-me na sua carta que a apresentação do exemplar do meu livro à Academia devia ter logar na primeira sessão d'Outubro: nada vi nos jornais, e fiquei receando que, por qualquer motivo, se não tivesse realizado. Ficar-lhe-hia muito grato se me podesse dar notícias a esse respeito.

Tenho ainda que lhe agradecer os preciosos conselhos que teve a gentileza de me enviar; peço-lhe encarecidamente que me dê *Todos os conselhos que julgar convenientes*: muito preciso d'elles, esteja certo! Um último e grato agradecimento: a offerta de "A dupla rota de Vasco da Gama em "Os Lusíadas"".

Peço-lhe, meu querido Mestre, que me creia sempre
Um discípulo muito Amigo

Manuel R.

P.S. Tomo a liberdade de lhe enviar um importante artigo de "Times Literary Supplement" sobre o meu livro."

A partir daqui, e praticamente até ao seu falecimento, o Rei ouve atentamente a opinião do Mestre, dando-lhe conta das suas dúvidas e dificuldades.

Apenas mais dois passos dessa correspondência.

Na carta datada de Vichy, de 27 de julho de 1930, podemos ler esta página recheada de informação bibliográfica e afetuosamente familiar:

> "Trabalhei imenso durante este últimos três mezes, e no meio de inúmeros affazeres e preocupações, consegui fazer o que julgo ter sido um "Tour de force", pois revi, alterando-os em grande parte, sete estudos e escrevi mais 16 o que representa um todo de 250 p. de texto impresso: tudo isto foi agora para a imprensa. Alguns trabalhos foram *difficeis*: com o estudo sobre o *Preste João*, 1540, do Pe. Álvares; julgo ter completado o meu estudo sobre o *Marco Paulo*, 1502, e parece-me ter dado mais alguma luz sobre a magna questão da "Continuidade" do plano dos Descobrimentos. Alguns dos estudos sobre André de Resende interessaram-me: o meu exemplar do *Vicentius et Martyr* é precioso, pois tem m.tas emendas, notas e correcções do punho do illutre humanista. O último trabalho que escrevi foi sobre o *Lyuro das obras de Garcia de Ressende*, 1545, livro raríssimo do qual possuo um admirável exemplar. Estudando cuidadosamente o *Prologo* dirigido a D. João III, permitti-me alvitrar um hyppotese: que o plágio de Resende, não é realmente um plágio, e que Resende *completou* a obra de Ruy de Pina: as palavras do *moço da escrevaninha* parecem não deixar dúvidas a tal respeito. Tomo a liberdade de chamar a sua attenção pª esse ponto. Talvez o interesse de saber que uma nova preciosidade deu entrada na m.ª Bibliotheca: os dois vol. I e II das *Ordenações* de D. Manuel, impressos por Valentim Fernandes em 1512 e 1513! É o exemplar que pertenceu ao Marquês de Vallada! Calculo que é – é mesmo que *sempre foi* exemplar único. Ficam pois acabadas de vez todas as dúvidas que existiam acerca das famosas *Ordenações* impressas por Valentim Fernandes. Tenho também conhecimento de uma outra preciosidade: já a tive nas mãos, mas infelizmente, ainda não está em Fulwell Park: contudo espero que lá irá parar. É o manuscripto dos *Lusíadas* de Faria e Souza!!! Esta notícia da existência do original de Faria e Sousa, estou certo que o interessará. Não quero massal-o, mas peço-lhe que sempre me dê notícias e sobretudo me guie e aconselhe."

E na carta de 28 de novembro de 1931, lê-se o seguinte:

> "O meu volume II vae progredindo: perto de 550 pp. já estão impressas; espero terminal-o no fim de Janeiro. Logo que elle sahir à luz, ser-lhe-ão enviados

2 exemplares: um que lhe peço p.ª aceitar, o outro que, novamente lhe pedia p.ª offerecer em meu nome à Academia.

Acaba de se fazer uma descoberta importante na m.ª Bibliotheca. A m.ª secretária, pessoa preciosa e que tem sido o meu braço direito, procurando entre os meus numerosos manuscriptos, um de que eu precisava, achou um outro que lhe pareceu importante. Immediatamente pude ver que eram, nem mais nem menos, quatro cartas escriptas pelo punho de André de Resende! Duas são de Mestre André dirigidas ao Cardeal Infante D. Affonso, e duas, são cópias de 2 cartas do mesmo Infante p.ª A. de Resense. Não estão assignadas: são sem duvida cópias originaes: uma é especial interessante, pois Resende diz ao Infante "ter hoje encontrado Clenardo". São em Latim, já se vê. Como n'este vol. II ainda apparece um pequeno estudo sobre o illustre Eborense, vou publicál-as *em facsimile*. Estou certo que o vão interessar. A saudosa D. Carolina M. De Vasconcelos teria estimado vel-as.

Quanto ao meu trabalho, parece-me que vae bem: espero que elle merecerá a sua approvação".

Dolorosa deve ter sido a notícia do falecimento inesperado do Rei, e logo José Maria Rodrigues se manifestou, pois conhecem-se vários cartões das Rainhas D. Amélia e D. Vitória Augusta a agradecer as manifestações de pesar que lhes fizera chegar.

Felizes os homens e os tempos em que os Reis ouvem os Sábios para com eles humildemente aprenderem!

Neles o saber se aliou à incessante procura da verdade e da beleza, pois a sensibilidade estética era parte integrante da perspectiva em que viam os textos. Sob o manto austero da erudição ondeavam as pregas da mais diáfana fantasia! Em José Maria Rodrigues essa aura de fantasia está bem patente na interpretação poética, ainda que desfocante, da interpretação dos pretensos amores de Camões pela Infanta D. Maria. Mas não é seca nem peca... E em cada ato a austeridade do Professor se temperava com a bonomia do amigo para transformar as exigências do saber científico na cordialidade do convívio e na beleza dos caminhos que assim chamava os discípulos a percorrer em sua companhia.

Pertencente a uma plêiade de brilhantes eruditos que souberam como ninguém transmitir os seus conhecimentos onde quer que exercessem o seu magistério, José Maria Rodrigues bem merece as homenagens de quem, como ele, se dedica à nobre arte de ensinar e de fazer discípulos. Como Carolina Michaëlis, Epifânio Dias, José

Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, e tantos outros que fizeram das suas vidas um sacerdócio, num permanente culto!

Não é de admirar por isso que os seus livros de cabeceira, no momento em que fechou os olhos para a luz desta vida, fossem a Bíblia e *Os Lusíadas*. O Saber das Letras Humanas convertia-se, pela sua pesquisa e pelo seu magistério, numa luminosa manifestação do Saber Divino!

José Maria Rodrigues: o Camonista*

Maria do Céu Fraga

Mesmo se não as encaramos, ao modo de Comte, como manifestações de síntese afetiva, temos de reconhecer que as celebrações proporcionadas pela comemoração de datas, e em particular dos anos centenários, nos atraem por diversas razões, e desde logo porque põem em evidência as transformações operadas na sociedade e nas mentalidades pelo tempo, fazendo-nos refletir sobre o sentido da mudança e a alteração dos valores que lhe presidiram.

A forma como uma época interpreta e recria momentos ou figuras da História é tão significativa da época evocada como da época ou da personalidade que a lembra, da proximidade ou do distanciamento mantidos. Com frequência, quer a redescoberta de figuras do passado, quer a "ingratidão" das épocas que votam ao esquecimento alguns nomes e acontecimentos históricos, explicam-se, não pela consideração isenta das suas qualidades, mas antes pela consonância ou pelo afastamento dos ideais que os norteavam e as expectativas da época que os avalia.

Neste jogo de épocas, algumas figuras vão sobrevivendo à dura lei da morte, vendo a sua imagem sucessivamente reconstruída e reelaborada. Um dos casos mais paradigmáticos na história da nossa cultura é, sem dúvida, o de Camões. Num processo que

* Conferência proferida na sessão comemorativa dos 150 anos do nascimento do Prof. Doutor José Maria Rodrigues, promovida pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

se intensifica desde as comemorações do Tricentenário, o Poeta acompanhou as transformações da sociedade e da cultura, respondendo de diferentes maneiras às exigências de épocas distintas, que na sua obra procuravam sentidos diferentes e nele encontravam uma das principais imagens da identidade nacional.

E houve até ocasiões em que a figura do Poeta se impunha num clima de tal forma emotivo que não deixava margem para a racionalização e consideração dos textos particulares que estavam na base da sua celebração. Camões ganhara um valor simbólico que não se compadecia com o estudo frio das suas obras. Mesmo hoje, quando se discute o lugar da sua lírica nos programas de ensino básico e se debate se a sua epopeia deve ou não pertencer ao cânone escolar, a própria figura do poeta continua a despertar interesse, não obstante a biografia dos autores já não ocupar a posição central que desempenhou nos estudos literários dos finais do século XIX e primeira metade do século seguinte.

Muitos são os nomes da cultura portuguesa que se ligam a Camões. Na primeira metade do século XX, patrioticamente rendido ao "culto camoniano", toma grande relevo José Maria Rodrigues, um estudioso e intelectual que o entendeu como obrigação de compreender e dar a conhecer a obra do Poeta. Por isso, ao comemorarmos os 150 anos do seu nascimento, necessário é considerar o contributo do Professor Rodrigues para a cultura portuguesa e, de uma forma muito particular, para os estudos camonianos.

Gostaria por isso de dizer a minha satisfação por me encontrar aqui, numa iniciativa do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e agradecer ao Prof. Doutor Seabra Pereira, coordenador do CIEC, o convite amigo para me associar às comemorações do 150.º aniversário do nascimento do Professor Doutor José Maria Rodrigues, relembrando-o enquanto camonista insigne.

Encontramos o nome de José Maria Rodrigues indelevelmente ligado a Camões, numa relação marcada a um tempo por veneração e proximidade, erudição e fantasia, a partir do momento em que, ainda jovem professor, José Maria Rodrigues lucidamente observa que Camões não era tão lido como a sua exaltação faria supor. As causas do aparente paradoxo, encontra-as em primeiro lugar nas dificuldades de interpretação que os textos camonianos levantam ao leitor comum. Mais ainda, pensará que o afastamento se deve à imagem vulgarizada de Camões ser um poeta difícil. E aceitará como desafio a missão de estudar e dar a conhecer esse poeta que representa a Pátria e a sua grandeza.

Pouco depois da morte de José Maria Rodrigues, Hernâni Cidade, seu sucessor na cátedra de Estudos camonianos na Universidade de Lisboa, evocou-o[I], salientando a

I Hernâni Cidade, "Prof. Doutor José Maria Rodrigues", in *Revista da Faculdade de Letras*, T. VIII, 2.ªs, n.os 1 e 2 (Lisboa, 1942), pp. 6-11.

"coerência incorruptível" da sua vida de estudante, professor, investigador e sacerdote, o "equilíbrio das faculdades do espírito, das energias do caráter, das virtudes do coração". Na altura, contou que o mestre atribuía o início dos seus estudos camonianos às dúvidas colocadas pelos alunos no recreio do Liceu do Carmo, de que era reitor no final do século XIX. Na procura da resposta possível, a honestidade intelectual e as exigências espirituais que o guiavam levá-lo-iam a concluir que a resolução séria dos problemas não se coadunava como improviso da resposta pronta, exigindo antes reflexão e estudo continuado.

Esse estudo continuado e a intenção de contribuir para a clarificação das obras do nosso poeta maior motivarão publicação de notas dispersas e estudos. A partir de 1904, vai publicando na revista *O Instituto* uma série de artigos sob o título "Fontes dos Lusíadas", que reunirá posteriormente num volume de 639 páginas. A reedição do livro em 1979 pela Academia das Ciências de Lisboa, que comemorava então o 2.º centenário da sua fundação, diz bem da importância da obra. Prefaciou esta 2.ª edição o Professor Costa Ramalho, e, nas suas palavras, além de enaltecer a importância que ainda hoje tem a obra, sublinha também o caráter inovador desses estudos, a que não foi certamente alheia a influência exercida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

É de sublinhar que José Maria Rodrigues recorre, na explicação de algumas passagens d'*Os Lusíadas*, a textos dos humanistas europeus dos séculos XV e XVI, numa aproximação que não era então corrente, e que vem a abranger nomes como Manuel da Costa, Jorge Coelho, Diogo de Teive, G. Buchanan, Biondo, Mateus de Pisano, Sannazaro, Lourenço Valla. São também textos menos citados nos nossos dias, mas certamente compulsados por Camões, aqueles que lembra a propósito de Boccaccio, Petrarca e Ariosto. A sua vasta erudição não deixa de lembrar textos dos historiadores portugueses: Duarte Galvão, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Rui de Pina e Fernão Lopes. E lembra-os não só para aproximar os textos, apontando fontes de Camões, mas também para, a partir da leitura, propor emendas a alguns versos da epopeia, numa tentativa de fixação do texto. As notas transformam-se, nas palavras de Afrânio Peixoto, em "lições e dicionário do português do século XVI", mostrando ao mesmo tempo uma cultura que abrange muitos outros domínios.

A vastidão desta cultura, que diríamos hoje interdisciplinar pela profundidade alcançada nos vários domínios convocados, está bem evidente nos muitos números da revista *Biblos* que, entre 1929 e 34, registam a acesa discussão que sustenta com o almirante Gago Coutinho a propósito da rota de Vasco da Gama. José Maria Rodrigues interpretava o início do Canto V (est. 4-13) da epopeia, vendo nele a confirmação do secretismo que envolve a notação do rumo que as naus portuguesas

tomavam a partir de Santiago, convicto de que o Brasil era já conhecido dos navegadores portugueses.

A busca de fontes, estudo que nos nossos dias se concebe tantas vezes mecanicamente aliado à atividade editorial, faz sentido no âmbito de uma poética clássica. Mais ainda do que "fazer sentido", é caminho indispensável ao leitor que queira avaliar a perícia do autor que elege um modelo para o imitar e superar, para o fazer lembrar e esquecer ao mesmo tempo. Num tratado de poética setecentista francês preceituava-se que o roubo só é legítimo quando é seguido pelo assassínio. E desta maneira prosaica explicava o processo que Sêneca e Petrarca explicavam através das imagens da abelha a fabricar o mel e da lagarta a segregar o seu próprio casulo. No entanto, é necessário reconhecer que a imagem do escritor como ladrão salienta com vigor um aspecto essencial: o texto novo, que tira parte do seu significado do apelo feito à memória e à enciclopédia do leitor, tem de integrar as palavras e as imagens roubadas de forma tão expressiva que faça esquecer a sua origem.

Por vezes, nestas como noutras páginas em que procede a exercícios similares ("De algumas inexatidões e enigmas de *Os Lusíadas* e sua proveniência"[2], por exemplo), José Maria Rodrigues não consegue evitar a dificuldade principal deste estudo e cai em ler o texto de Camões, ou em o corrigir, de acordo com a fonte descoberta. No seu espírito o rigor lógico impõe-se à língua, e não admite o mínimo descuido à perfeição linguística de Camões, não lhe dando qualquer ocasião de dormitar, como acontecia ao bom Homero de Horácio. Daí por vezes o exagero explicativo com que por várias vezes aborda "o verso mais discutido" de Camões (IX, 21, 6), e as soluções que propõe, sempre na ânsia de descobrir a verdade e de a ver aceite pelos seus contemporâneos.

A segurança da expressão e o dizer claro que caracterizam os escritos de José Maria Rodrigues não deixam margem para outra interpretação que não seja a pretendida. Aliadas a um espírito que diz de uma forma muito direta as suas convicções, estas características incentivam a polêmica. De passagem, lembremos que, desde muito novo, José Maria Rodrigues se envolveu em polêmicas: ficou célebre a polêmica que, ainda estudante de Teologia, travou com Camilo Castelo Branco, que batalhou convicto de estar a esgrimir argumentos com alguém muito mais velho. Aliás, comentando a "questão da sebenta" e caracterizando o seu adversário, Camilo foi muito claro na avaliação que fez: nas suas palavras, lembradas por Trindade Coelho, o jovem estudante de Coimbra fora o seu único adversário temível, o único que lhe "dera trabalho".

Entre quantos propugnavam pela consagração de Camões, José Maria Rodrigues era um dos mais respeitados camonistas no primeiro quartel do século XX. Não será,

2 A Língua Portuguesa, vol. II, Fasc. IV, Lisboa, 1931.

portanto, motivo de admiração que nas comemorações de 1924, lhe tenha cabido um papel central.

Ao celebrar-se o 4.º centenário do nascimento do épico, Portugal e Brasil uniam-se na afirmação do Poeta, símbolo da cultura portuguesa e da sua expansão. Camões, que fora o poeta da nacionalidade em época de crise, convertia-se no "poeta da raça". No Brasil, Afrânio Peixoto foi o grande impulsionador das comemorações. A sua ação, concertada com a de José Maria Rodrigues, não se circunscreveu, aliás, ao país irmão. Mas comecemos por lembrar que, no Brasil, a criação da Sociedade de Estudos Camonianos foi fonte de toda uma série de publicações e conferências, num movimento que se veio a alastrar e abranger outras instituições, entre as quais se salientou a Academia Brasileira[3].

Afrânio Peixoto, ele mesmo acadêmico e professor universitário, além de homem de ciência e político, foi um do "corações devotos" em quem um fervoroso culto camoniano não apagou a lucidez. E, sobretudo, foi um dos que compreenderam que o Poeta merecia um estudo sistemático e rigoroso que só a universidade poderia proporcionar. Nesta época em que, com métodos e num quadro conceptual bem diferentes, Fidelino de Figueiredo propugnava por uma *crítica literária científica* e os estudos literários ambicionavam o rigor e o prestígio da ciência[4], despontava no horizonte, um novo ramo, uma "sciencia nova": a camonologia.

O êmulo do acadêmico brasileiro era colhido em Itália, onde, em Florença, os estudos de Dante tinham sido criados logo no século XIV e confiados a Boccacio. Afrânio Peixoto invocava ainda, com força de autoridade, a criação, anunciada na universidade parisiense, da cátedra Victor Hugo, considerando que, se Camões ombreava com Dante, era "muito maior" do que Victor Hugo.

"¿Porque se não havia de criar, em Universidade portuguesa, um cadeira de 'Estudos Camonianos', para exegese e ensino de Camões, que é tôda uma literatura, um passado, um futuro, um idioma, duas pátrias?"[5]

E sugeria nomes de distintos "camonólogos" que poderiam ocupar dignamente a cátedra: Teófilo Braga, Carolina Michaëlis, José Maria Rodrigues. Na sugestão destes nomes, e em particular dos dois primeiros, creio encontrar-se, sobretudo, o sentido de homenagem. Só o terceiro constituía uma proposta exequível.

---

3 As iniciativas desse ano de comemoração no Brasil encontram-se registadas no *Livro Comemorativo da Fundação da Cadeira de Estudos Camonianos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.

4 Veja-se um quadro geral, muito claro e bem informado, no capítulo "Camonologia e métodos histórico-críticos" do livro de José Cândido de Oliveira Martins *Fidelino Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista*, Lisboa, Instituto Piaget, 2007.

5 Afrânio Peixoto, *Ensaios Camonianos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, p. 55.

Teófilo Braga andava na casa dos oitenta anos (nascera em S. Miguel em 1843, e viria a morrer em Lisboa, em fins de Janeiro de 1924). Lembrando o pioneiro da "crítica científica", que entre nós se desenvolve a partir do terceiro quartel do século XIX, Afrânio Peixoto prestava homenagem ao promotor das comemorações camonianas do Tricentenário, a um dos principais responsáveis pela imagem "republicana" do Poeta. Que era, além disso, um intelectual universitário, que, seguindo uma metodologia positivista concebera uma *História da Literatura Portuguesa*, em que Camões era iluminado pelo "clarão da Renascença". Assim, nos capítulos dessa História consagrados a Camões, a sua *História de Camões*, Teófilo pretende ajuizar "tudo quanto há de positivo sobre Camões", explicando a "fatalidade" da sua obra e do seu "gênio"através da compreensão histórica e sociológica da sociedade do seu tempo e da sua vida, que procura reconstituir a partir do respeito pelo facto positivo que apura. O biografismo em que Teófilo mergulha afasta-o da análise estética dos poemas, mas, ao mesmo tempo, o rigor positivo a que almeja obriga-o a aceitar métodos de crítica textual desconhecidos dos editores anteriores. E é justo salientar que o jovem Teófilo se empenhou criticamente na análise da atribuição de muitos poemas, mesmo se o seu ânimo veio a ser quebrado pela tentação do aumento de composições da lírica em que se saldou a edição dos três volumes do *Parnaso* em 1880.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que veio a morrer em 1925, era a mestra incontestada do camonismo a partir das últimas décadas do século XIX. Com ela, com o rigor da filologia alemã e uma distância crítica efetivamente conseguida, os poetas de Quinhentos conheceram novos horizontes, logo a partir dos primeiros ensaios sobre Camões, publicados ainda na Alemanha. Abriu a longa série estudos camonianos um artigo sobre a tradução de Camões por Storck, e logo se seguiram outros que a credibilizaram e lhe deram autoridade para criticar os camonistas portugueses, apontando-lhes, já em 1882[6] um vício fundamental: a "monomania camoniana": "Lêem [diz ela, referindo-se aos "modernos admiradores de Camões"] principalmente o poeta e não estudam bastante os seus predecessores, os mestres com os quaes aprendeu; não estudam bastante os contemporâneos e os seus sucessores, porque tudo isto é preciso. É por isso que eles imaginam que a poesia de Camões é um phenomeno á parte, que não se confunde com cousa alguma".

A escolha da Universidade portuguesa, traduzida pela Direção Geral do Ensino Superior recaiu sobre José Maria Rodrigues, que ao tempo era uma autoridade no campo da filologia e dos estudos clássicos (o último filólogo de uma geração trilin-

6 "O texto das *Rimas* de Camões e os apocryphos", in *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, 1882, pp. 105-24.

gue) e se afirmara já camonista insigne, com a publicação de *Camões e a Infanta D. Maria*, do comentário à edição da epopeia feita por Epifânio da Silva, e dos vários artigos que viriam a ser reunidos em *Fontes dos "Lusíadas"*. Além disso, não se encerrava num estudo gratuito de Camões, antes defendia que *Os Lusíadas* deviam ser o centro dos estudos de qualquer jovem no ensino português. E assim, a 4 de Novembro de 1924, em ambiente festivo e de grande solenidade, como regista um dos extensos artigos que no dia seguinte relatam o acontecimento no *Diário de Notícias*, perante um público composto na sua maior parte por homens de cultura, autoridades portuguesas e brasileiras, rendendo homenagem a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, então ainda viva, e lembrando Teófilo Braga e Augusto Epifânio da Silva Dias, José Maria Rodrigues proferia a lição inaugural da cadeira de Estudos Camonianos.

A possibilidade de criar a cadeira deveu-se à intervenção de Afrânio Peixoto e ao fervor patriótico de um bem-sucedido emigrante da colônia portuguesa em Terras de Santa Cruz, Zeferino Rebelo de Oliveira, a quem a Faculdade de Letras manifestava gratidão, atribuindo o seu nome à sala onde decorreriam as aulas.

O gesto magnânime do emigrante foi uma das muitas expressões que deram corpo a todo um sentimento nacionalista que vinha operando desde os românticos do século XIX e se intensificara nas comemorações do Tricentenário, elegendo Camões como modelo e figura emblemática da Pátria (por curiosidade que diz bem da emotividade do ato, refira-se que o notário que lavrou a escritura se lhe associou, prescindindo dos honorários que lhe seriam devidos). Ao mesmo tempo, marcou o reconhecimento da importância que se atribuía ao conhecimento rigoroso e sistemático do poeta e, não menos importante, a passagem de um Camões nacional a um Camões "poeta da raça"[7].

Nessa Lição, que vamos agora tomar como guia da nossa exposição, uma vez que nela se concentra o essencial do entendimento que da camonologia teve o universitário, José Maria Rodrigues justificava com ardor retórico a importância dos Estudos Camonianos perante a assembleia que se pode julgar convertida mesmo antes de transpor o umbral da porta. E, ao mesmo tempo que dava uma lição sobre Camões, explicitava os objectivos da cadeira e traçava metas a atingir, dividindo sistematicamente a sua exposição entre a consideração de *Os Lusíadas* e a da lírica, movendo-se entre os que considerava "os grandes propulsores psíquicos de Camões [...], o amor da pátria e o amor, sem outro qualificativo"[8]. Apaixonadamente, fazia sentir a necessida-

7 No Brasil, as comemorações de 1924, tendo em Afrânio Peixoto o principal promotor, foram longamente preparadas e estenderam-se pelo ano, iniciando-se em Fevereiro, mês que, de acordo com os cálculos de Teófilo Braga, vira nascer o Poeta.

8 José Maria Rodrigues, *Lição Inaugural da Cadeira de Estudos Camonianos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, p. 31.

de de um estudo que culminasse no estabelecimento de edições críticas e, ao mesmo tempo, de edições que se aproximassem do leitor comum, facilitando a interpretação das obras e dos seus passos mais densos. Ou seja, resumindo, apontava por um lado para a edição, por outro para a interpretação.

Quanto à edição d'*Os Lusíadas*, José Maria Rodrigues pensa-a possível, a partir do momento em que aceita a edição dita Ee como sendo a original. O professor perfilha a opinião, corrente na época, de terem existido duas edições de *Os Lusíadas* com a data de 1572, cujos exemplares se distinguiriam, como observara o Morgado de Mateus, por pormenores tipográficos que se podiam correlacionar com algumas diferenças a nível textual (uma das supostas edições apresenta, logo na estância inicial do poema, o verso "Entre gente remota edificaram", enquanto na outra se lê "E entre gente remota"). Para diferenciar essas duas edições, forja as siglas que se vieram depois a consagrar entre os camonistas (E e Ee, respectivamente), continuando a ser hoje empregues [restrições]. Nos seus trabalhos, Ee designa a edição que apresenta na portada o pelicano virado para a esquerda do observador (ou, nos termos mais rigorosos da descrição consagrada de Antônio Joaquim Anselmo[9], que apresenta o "rosto gravado em chapa de metal e enquadrado por uma portada que tem na parte superior, ao meio, um pelicano com o colo voltado para a esquerda do observador"). Por seu turno, E designa a edição que exibe na portada o pelicano com o colo virado à direita.

A existência destas supostas duas edições datadas de 1572 fora já notada por outros estudiosos. O próprio Faria e Sousa, por exemplo, possuía um exemplar de cada. Designava um (pode supor-se que a E), por "el original", e mostrava, através do estabelecimento do texto, conhecer e avaliar as variantes apresentadas por um "otra" (a Ee), considerando-a uma segunda edição. Nesta edição Ee, encontrava diferenças gráficas, a correcção de alguns erros detectados na primeira e mesmo a substituição de algumas palavras, o que vinha a melhorar estilística e formalmente o texto. E, acentuando a inverossimilhança do acontecimento, explicava o surgimento desta segunda edição, no mesmo ano de 1572, pelo bom acolhimento que a obra tivera e que levara a esgotar-se a primeira em pouco tempo.

Para tornar convicção sua que a edição autêntica seria a edição Ee, sendo a E uma sua contrafacção, José Maria Rodrigues aceita os argumentos e as explicações que lhe estavam temporalmente mais próximas e de certa forma resumiam com mais plausibilidade os estudos da época, ou seja, as conclusões de Tito Noronha, que haviam sido divulgadas quando das comemorações do Tricentenário e eram também aceites por Teófilo, e as de Epifânio da Silva Dias.

9 *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Os motivos que teriam determinado a contrafacção da edição da epopeia eram bem claros para José Maria Rodrigues como para os seus predecessores. Publicados em 1572, *Os Lusíadas* haviam-se tornado o símbolo da afirmação patriótica da nacionalidade numa época em que a crise dinástica se desenhava já, e logo a seguir, o símbolo da resistência ao domínio castelhano e da Restauração. A primeira edição esgotara-se rapidamente, e por isso houvera necessidade de apresentar mais uma tiragem.

Supunha o camonista que a data atribuída à edição E, a segunda, portanto, fosse falsa. Nisto seguia, aliás, a opinião de Tito Noronha, que aproximara esta edição da edição "dos Piscos", de 1584, por pormenores de composição tipográfica. No entanto, Tito Noronha supunha a edição E posterior à dos Piscos, que seria, essa sim, a 2.ª edição da epopeia. Por seu turno, José Maria Rodrigues tem a sua própria interpretação: a edição E seria uma fraude editorial. Com o tipo que serviu para a edição *princeps*, ter-se-ia simulado uma 2.ª ed. de 1572, fazendo pela antiga uma nova portada, que propositadamente ficasse às avessas, para não haver dúvidas de que se tinham emendado erros da 1.ª, e tocado no texto, para se fazer supor que se tratava de uma edição revista e melhorada pelo autor.

Hoje em dia, esta explicação, que na altura foi bem aceite, parece não ser conciliável com o estudo aturado de numerosos exemplares da epopeia, levado a cabo por David Jackson, que veio mostrar a assistematicidade das observações feitas em exemplares E e Ee e a colocar a hipótese, mais plausível, de ter havido uma única edição em 1572[10].

De certa maneira, pode dizer-se que a ambição de estabelecer um texto fiável é um sonho que acompanhou sempre os editores, os críticos e os leitores de Camões. José Maria Rodrigues dava o assunto por arrumado no que dizia respeito aos *Lusíadas*, mas, avançando no plano sua lição inaugural, reconhecia que a Lírica levantava problemas mais difíceis, quer ao nível da constituição e fixação do texto, quer ao nível da interpretação, que, na sua opinião, implicava o conhecimento da biografia do Poeta.

Tem de se admitir que, com pressupostos metodológicos e teóricos variados e mais ou menos conformes às diferentes épocas, a interpretação da obra lírica e a reconstituição da biografia camoniana foram consideradas inseparáveis até há relativamente pouco tempo, e assim se mantêm numa tradição que continua a manifestar-se ainda agora, se bem que esporadicamente, ou de uma forma menos direta. Com efeito, o fascínio do mistério mantém-se. E quando nos nossos dias se propõem, sob o

10 Veja-se o estudo de David Jackson que acompanha a reprodução de 29 exemplares de 1572, "Luís de Camões e a primeira edição d'*Os Lusíadas*, 1572. Uma introdução ao CD-ROM", *Portuguese Literary and Cultural Studies*, Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2003.

manto do literário e da ficção, matizado pela recriação da época e pela investigação histórica, biografias romanceadas ou dramatizadas de Camões, o espírito é apenas diferente daquele que animava o final do século XIX apenas por não se fazer a afirmação convicta de se ter reconstituído *a* vida de Camões. Ou, dito de outra forma, numa época em que a probabilidade substitui a firmeza da convicção, admite-se como inevitável que os poucos dados seguros que conhecemos da vida de Camões possam ser peças de uma construção, e por isso concatenadas de diferentes maneiras, formando outros desenhos que não o proposto. Ao mesmo tempo, a apresentação da biografia como ficção literária, internamente validada pela própria verossimilhança e motivação estéticas, afasta a discussão da obra para um plano técnico e apaga a pertinência da questionação da autoridade do escritor que lhe deu forma.

Severim de Faria escreveu a segunda biografia conhecida de Camões, publicando-a, em 1624, entre os seus *Discursos Vários Políticos*. Consegue corresponder à curiosidade do seu público, ampliando as escassas informações dadas em 1613 por Pedro de Mariz, e acrescentando outras. Nas escassas páginas de Pedro de Mariz, apenas uns poucos parágrafos dizem diretamente alguma coisa de Camões, traçando uma breve descrição física e acrescentando num eufemismo retórico que era muito "liberal". Agora, Severim de Faria, sem hesitar, indica a sua fonte de informação e legitima o método. As suas informações derivam principalmente "do que o mesmo Luís de Camões de si refere os seus versos, onde ordinariamente os Poetas deyxão escritas suas vidas". É que "he natural aos homens deleytarse de contar os trabalhos, que padeceram, depois de escaparem deles"[11].

E com mais ou menos alterações, este raciocínio perdurou e desenvolveu até implicações que o chantre de Évora não explorara. Os principais biógrafos de Camões socorreram-se da sua obra e, dando asas à imaginação de uma forma mais ou menos lógica e possível historicamente, preencheram as lacunas inevitáveis na reconstituição de uma biografia assente em tão poucos documentos coevos. Com isso, e mostrando as fraquezas das interpretações anteriores, procuravam validar as suas intuições.

José Maria Rodrigues vai herdar esta tradição que, assente numa interpretação biografista dos poemas, invocará o caráter excepcional, genial, de Camões e da sua vida, para valorizar a expressividade da lírica. E por isso, resumirá na sua Lição: "As poesias amorosas de Camões só poderão ser devidamente apreciadas, só revelarão todo o seu valor artístico, quando soubermos, até onde isso seja possível, em que circunstâncias foram escritas e a quem se endereçavam"[12]. No seu entender, nas edições

11 Transcrevemos a partir da reprodução desta "Vida" nas *Obras do Grande Luís de Camões*, Lisboa, Joseph Ferreira, 1720.

12 *Lição Inaugural da Cadeira de Estudos Camonianos*, ed. *cit.*, pp. 30-31.

então disponíveis os poemas surgiam como "jóias desengastadas de um precioso adereço, que não podem fulgir com todo o seu brilho, por não estarem colocadas no lugar que lhes compete"[13].

Aponta já a importância da edição crítica que o "brio nacional" exige, sublinhando ainda que "o ideal seria reconstituir com [essas jóias] a vida amorosa do Poeta", os "sucessivos estados de alma que elas traduzem"[14].

A edição surge em 1932, feita em colaboração com uma das mais interessantes e enigmáticas figuras da cultura da época, Afonso Lopes Vieira. Apresenta-se como edição crítica, numa designação que, aliás, não corresponde ao que se espera desta classificação.

Afonso Lopes Vieira partilha convictamente a tese do mestre, e, embora dizendo-se sempre discípulo, procura difundi-la com emoção[15]. Assim, aceitando a concepção biografista e positivista do século XIX, e iludidos pelo caráter intimista da poética petrarquista abraçada por Camões, procuram o sentido da obra no "reflexo" que ofereça da vida do seu autor empírico. E se é incontestável que essa vida poderá ter inspirado muitos dos seus mais dramáticos poemas líricos e transparece em muitos passos da epopeia, é também irrecusável que ela se possa ler com a simplicidade e imediatismo da interpretação proposta.

Na *Lição Inaugural*, José Maria Rodrigues tinha oposto duas motivações que podiam mover a composição poética, caracterizando os petrarquistas em termos que, hoje, nos parecem de um simplismo tremendo, e que já se começavam a estranhar na época:

> "Pertenceu [Camões], como autor [lírico], à chamada escola petrarquista, isto é, idealizou uma ou mais criaturas femininas, fazendo-lhes versos como se morresse de paixão por elas, cantando-as como se fôssem senhoras do seu coração, mas só com a mira em dar forma literária a impressões que não sentia ou foi um amoroso por temperamento, um amoroso, digamos assim, à antiga portuguesa?"[16]

---

13 *Op. cit.*, p. 31.

14 *Ibid.*

15 Vejam-se os textos da antologia, prefaciada por Vitorino Nemésio, *Camões na Obra de Afonso Lopes Vieira*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1974, ou a carta que escreve em 1933 a José Maria Rodrigues, lamentando a recepção desfavorável dispensada ao volume da *Lírica*.

16 *Op. cit.*, p. 28. Afonso Lopes Vieira corroborará esta perspectiva, que o fará assegurar na carta referida na nota anterior: "a tese da Infanta permanecerá inexpugnável emquanto as duas interpretações da Lírica de Camões forem estas e só estas: – ou Camões amou, celebrou e sofreu desterros por influência de uma mulher de qualidade social muito superior à dele próprio, ou os seus versos foram feitos no ar, e Camões passará a ser, entre todos os poetas de todas as idades, o único em cuja obra lírica se não pode entrever qualquer significado autobiográfico".

A resposta de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira foi inequívoca: Camões era um "poeta dos sentidos". Os poetas petrarquistas eram concebidos como simples fabricantes de versos, e era convicção muito presente que só a expressão direta do sentimento vivido pode ser poética.

A edição de 1932 culminava um longo articulado de escritos que José Maria Rodrigues vinha publicando n' *O Instituto* desde 1909, unidos pela exposição da "tese da Infanta", ou seja, pela convicção de que na lírica camoniana se podia reconstituir a desventurada vida de Camões. Os seus poemas formariam um cancioneiro cronologicamente ordenado, pelo que só se poderia compreender o seu significado tomando como chave a biografia do Poeta. Neste pressuposto, concebem como centro de interpretação da obra no seu conjunto e de cada poema particular uma suposta paixão que Camões alimentaria pela Infanta D. Maria e teria estado na origem dos seus sucessivos "desterros" e infortúnios.

O método delineado não era, contudo, tão simples ou ingênuo como por vezes se faz crer. Num primeiro momento de análise, a partir dos elementos biográficos e referenciais colhidos nos poemas que a isso se prestassem, os editores pretendiam determinar o local da sua escrita: Coimbra, Lisboa, Ribatejo, Ceuta, Oriente. Num segundo passo, relacionando e confundindo a narrativa poética com elementos biográficos empíricos, ser-lhes-ia possível datar a composição desses poemas, para finalmente, reconstituírem "em relances" a biografia do Poeta, repartida em seis "ciclos" de vida sentimental. Relembro esquematicamente esses ciclos, através da síntese oferecida no índice do livro: I. Isabel Tavares. Belisa / Natércia; II. A Infanta D. Maria; III em Ceuta, reacende-se o amor pela prima. Coimbra – desilusão. Regressa Lisboa. Índia (e notícia casamento da Infanta desfeito); IV: Esquecimento. Dinamene; V. Regresso. Morte da Infanta; VI. outras damas. Em cada um desses ciclos, os poemas caracterizar-se-iam não só pelos estados psicológicos manifestados, como também por apresentarem características técnicas e estilísticas comuns.

José Maria Rodrigues, com a honestidade intelectual que o caracterizava, tinha consciência de trabalhar uma hipótese, ainda que a considerasse verdade. Por isso, e pesando também a importância que teria a edição da Imprensa da Universidade de que haviam sido incumbidos, os dois editores resistem a dispor os poemas segundo a ordem que lhes dão no cancioneiro lírico de Camões. Respeitam a ordem tradicional, com a sua divisão por gêneros, e limitam-se a atenuar o "puro acaso" que rege a sequência dos poemas em cada um desses grupos. Só no fim, num apêndice, "Guia de leitura das poesias relativas aos amores de Camões", é apresentada a ordenação proposta, corroborando as ideias dos editores expressas na Introdução.

Pouco se fala, nos nossos dias, no trabalho que representa o primeiro grande esforço editorial de verificação e atribuição da autoria aos poemas apresentados, na senda da investigação e dos ensinamentos de Carolina Michaëlis, e do movimento de sístole do *corpus* camoniano por eles desencadeado.

José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira rejeitaram muitos poemas que estavam incorporados na Lírica: segundo as suas contas[17], 183 sonetos, 22 redondilhas, 10 canções, 18 elegias, 4 oitavas, 8 éclogas e 3 sextinas. Um total de 248, que comprovadamente não eram de autoria camoniana.

Mas se por um lado a razão filológica foi invocada, por outro ela foi contaminada por razões bem menos positivas e científicas, que tinham por base a subjetividade da reconstituição biográfica e o valor documental atribuído a alguns poemas. No julgamento dos anônimos e dos duvidosos, os editores de 1932 explicam ter aplicado um tríplice critério: qualidade linguística, significado psicológico e valor intrínseco. Afinal, haviam-se conservado os métodos e os paradigmas da hermenêutica e da história literária oitocentista. Mais ainda, havia-se permitido que eles tivessem força suficiente para contaminar uma área de atuação de estabelecimento do cânone em que, nessa sim, prometia inaugurar caminhos inovadores.

Apesar de ter marcado os estudos camonianos, a edição de 1932 é mais lembrada por ter despoletado a reação do tempo em que se publicava, e ter acendido em torno da poesia lírica camoniana a discussão com um vigor que até então só a epopeia despertara. E nesta época em que os meios intelectuais usavam expor com veemência as suas opiniões, essa reação foi violenta[18]. Um só exemplo: Domingos Maurício, nas páginas da *Brotéria*, atacava a fragilidade da interpretação que era afinal o fundamento da edição e do estabelecimento do corpus, e terminava a sua apreciação contundente lastimando que a oportunidade oferecida pela Imprensa da Universidade de Coimbra "ainda desta vez não fosse aproveitada para prestar ao poeta incomparável a homenagem que a cultura da sua pátria lhe deve e que, salvo o devido respeito, tem de ser feita em bases inteiramente novas"[19].

Mas a reação de fato importante surgiu através de um escrito polêmico de Antônio Sérgio, que sobre a Lírica tinha ideias muito definidas, e ironicamente se

17 São os cálculos apresentados no prefácio à *Lírica*, ed. cit.

18 "Em nenhum dos reparos, até aqui feitos, ou ainda por fazer, ao trabalho dos camonistas que nos precederam, pretendemos pôr azedume ou dureza. O evidente desmazelo, ausência de gosto e falta de espírito crítico do Visconde de Juromenha, não provieram apenas da sua própria mentalidade, mas também muito da sua época. E à perigosíssima imprudência de Teófilo Braga, absolvem-no, em grande parte, a fé no trabalho e o amor da Pátria" (*Lírica*, ed. cit., p. XXXIII)

19 *Brotéria*, vol 17 (1933), pp. 51-65. Citamos da página 65.

intitulava "ignorante": "Questão prévia dum ignorante aos prefaciadores da lírica de Camões"[20].

Neste ensaio, Antônio Sérgio mostra tanto a sua propensão polemista como a finura de um raciocínio filosoficamente orientado, para, depois de destruir a construção interpretativa criticada, impor a coerência sistematizadora da filosofia como elo de união entre poemas que dão à análise sentimental uma expressão problemática e intelectualizada ("abstrata", diz Antônio Sérgio, contrariando a interpretação dos editores de 1932). O "angustioso exame de consciência" e as queixas amorosas doridas e insanáveis justificam-se pela própria natureza do amor que se busca continuamente, e que se vai mística e platonicamente descobrindo "amor do amor".

É tempo de concluir.

José Maria Rodrigues foi, de certa maneira, o epígono de um ciclo importante nos estudos camonianos, fato que obscureceu de alguma forma os aspectos mais inovadores da sua atividade. Talvez também pelo que inegavelmente a sua concepção tem já de extemporâneo e certamente também pelo discurso convicto que dá vazão às suas conclusões, tornou-se o alvo vivo de novas concepções dos estudos literários e de uma nova maneira de entender Camões.

Nas reações adversas ao camonismo de José Maria Rodrigues estava explicitado um passo importantíssimo que fora dado na alteração do paradigma de leitura da Lírica camoniana, que, por esta época, sem adotar declaradamente uma atitude anti-biografista que só seria possível depois de proclamada a morte do autor, acolhia também os escritos de José Régio. A defesa que José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira ainda tentaram, apelando à inabalável autoridade de D. Carolina, que, nos últimos anos de vida, teria alterado o seu julgamento e aprovado de forma implícita a "tese da Infanta", nada podia fazer. Os tempos tinham mudado.

Costa Pimpão, ao prefaciar a sua edição das *Rimas,* dava por concluída a "época das fraudulentas ou imaginosas construções", considerando que, a não ser que surgisse alguma circunstância imprevisível, nos teríamos de resignar à impossibilidade de adivinhar "a musa de Camões". E, de fato, a crítica dos nossos dias resignou-se, apesar de um ou outro caso extemporâneo. As biografias bem informadas de Costa Pimpão, Aníbal Pinto de Castro ou Justino Mendes de Almeida, por exemplo, cingem-se aos fatos documentados, integrando Camões na sua época, esclarecendo-a e tornando-a presente à compreensão do leitor.

Na academia lisboeta, com Hernâni Cidade, que em 1933 sucedeu a José Maria Rodrigues na cátedra de Estudos camonianos, o centro dos estudos desviou-se da

20 Coligido mais tarde no vol. IV dos *Ensaios*, Lisboa, Sá da Costa, 1972.

biografia para "o *poeta* e o *artista*", sem que essa nova leitura representasse uma ruptura total com a tradição, que acaba por integrar, ainda que concedendo-lhe um plano de menor relevo. No prefácio das *Obras completas* de Camões levada a cabo em 1946, Hernâni Cidade justifica a ordem em que dispõe os poemas, e explica que a eleição do gênero literário representa a recusa de qualquer "ordenação baseada sobre dados da biografia que tão mal conhecemos ou [...] processo psicológico que tão obscuramente se deixa adivinhar".

A alteração do paradigma de interpretação que se vinha operando ficou também registada nos livros de sua autoria *Camões, o lírico* e *Camões, o épico*, surgidos ambos na década de 30, ainda hoje reeditado a partir dos textos revistos posteriormente. É já o alvor de uma época em que a filologia começa a perder terreno, e a estilística avulta no plano da crítica literária, que se vem apoiar na leitura imanente, valorizando o efeito estilístico. Ao mesmo tempo, no campo da epopeia, os estudos de Hernâni Cidade exemplificam a sua época: neles a história cultural ganha terreno na integração dos autores, e o crítico procura valorizar esteticamente os textos, encontrando na literatura a expressão da "alma histórico-cultural da Nação".

Os trabalhos camonianos de José Maria Rodrigues garantiram-lhe um lugar indelével na história dos estudos literários e da cultura universitária portuguesa. A História é feita de continuidade e ruptura; pode dizer-se que José Maria Rodrigues marcou os estudos camonianos sem, no entanto, os ter revolucionado.

Metodologicamente, os seus estudos, assinalados por uma convicta relação com o seu poeta e por um trabalho de fina erudição e sentido acadêmico e patriótico, marcam o termo de uma época iniciada pelos estudiosos da geração de Teófilo Braga. Assinalam-no com o brilho de uma erudição e de uma cultura notáveis, e uma vivência apaixonada do saber, que, como se compreende com facilidade, tendia a despertar reações também elas arrebatadas e violentas. É forçoso reconhecer que, na sua época, floriam já outras tendências dos estudos camonianos, acompanhando a natural transformação dos estudos literários em geral, e possíveis porque brotando a partir de um saber laboriosamente conquistado. Por vezes, é-nos difícil abstrair dessa circunstância, mas a verdade é que, de uma forma mais ou menos consciente ou involuntária, e mesmo quando pensamos estar longe, continuamos a fazer caminho em muitos trilhos aplanados por José Maria Rodrigues.

Sumário

Sobre esta 3.ª edição VII
Evanildo Bechara

José Maria Rodrigues e *Os Lusíadas* anotados por Epifânio Dias IX
Evanildo Bechara

José Maria Rodrigues, um sábio professor que pôs a erudição ao serviço da pedagogia XXXIII
Aníbal Pinto de Castro

José Maria Rodrigues: o Camonista XLIII
Maria do Céu Fraga

Estudos sobre *Os Lusíadas* I

Estudos sobre *Os Lusíadas*

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

I

ANNOTAÇÕES Á 2.ª EDIÇÃO DO PROF. EPIPHANIO DIAS

Em 1910 publicou o prof. E. Dias uma edição commentada dos *Lusiadas*, a que fiz alguns reparos na *Revista da Universidade de Coimbra* (vol. II — IV) (1). Com a data de 1916-1918 appareceu "segunda edição melhorada" do mesmo trabalho. Como o autor repete quasi todas as asserções que eu tinha impugnado (2) e porque ha ainda outras, em geral provenientes da primeira edição, que tambem me não parecem admissiveis, julgo necessario, dada a autoridade, aliás merecida, do fallecido professor, vir a lume com estas annotações, embora por vezes tenha de repetir o que já escrevi.

CANTO I

Est. I, v. 1. Commentario: "armas] latinismo por: feitos militares". Latinismo e, além disso, hendiadys com "barões". "As armas e os barões" por: "Os barões aguerridos, os barões bellicosos".

Cf. outras hendiadys, por ex. em III. 66, 3-4: "darmas", & de ouro| Guarnecidos", por: "darmas douradas" etc.; em VI. 58, 7: "Vestem se ellas de cores, & de sedas", por: "Vestem-se de sedas de [varias] cores" (3); em VIII, 14, 2: "nu de seda, & pano", por: "nu de panos de seda", como se vê pela respectiva fonte (4).

---

(1) Citarei pela separata: *Algumas observações a uma ediçdo commentada dos Lusiadas. Coimbra. Imprensa da Universidade 1915.*

(2) Modificou apenas as notas a I, 12, 7-8; III, 1, 5-6; 16, 6-8; 31, 6; 73, 1; IV, 25, 6; 36, 8; 49, 5-8; VI, 22, 5-6; VII, 4, 8; 75, 7-8; VIII, 11, 2; 35; X, 50.

(3) Cf. II, 94, 1-2:

> Hum batel grande, & largo, que toldado
> Vinha de sedas de diuersas cores.

(4) "Corregeosse dom egas de todo & partio com sua molher & filhos & chegarom a tolledo: foram decer ao paaço honde elRey estaua. E alli se despiram de todollos panos, senam os de linho." Duarte Galvão, *Cronica delRey dom affonso anriquez*, cap X.

Na hendiadys, como a propria palavra o indica (*um por meio de dois*), exprime-se um conceito e uma qualidade que lhe compete ou se lhe attribue, como se fossem dois conceitos differentes, ou, em linguagem grammatical, empregam-se dois substantivos coordenados, em vez de um substantivo, qualificado por um complemento ou por um adjectivo.

Por um arrojo mental, estes ultimos são collocados a par da palavra de que deviam depender, isto é, a qualidade é elevada á categoria de substancia, para me servir dos termos ontologicos.

E é pelo sentido, e não pela ordem grammatical, que sabemos qual é, na hendiadys, a palavra subordinante e qual a subordinada, como se vê comparando, nos exemplos citados, por um lado, "armas e ouro", e por outro, "cores e sedas" e "seda e pano".

Em I, 1, 1, a hendiadys pode, portanto, *a priori*, significar, quer "os barões bellicosos", quer "os feitos bellicos dos barões" (5), segundo quisermos fazer prevalecer "os barões" ou "as armas".

Como, porém, nos vv. 2-6 desta est. o Poeta summaria o assumpto fundamental dos *Lusiadas* — as navegações dos portugueses por mares desconhecidos até os confins do Oriente — (6), segue-se que é a palavra "barões" a que domina a hendiadys, recuando, por assim dizer, para um plano mais afastado, a idéa contida em "armas", que aliás reapparece em todo o seu vigor no v. 5°, embora acompanhada tambem da referencia aos "perigos" das navegações.

Continúa o commentario: "barões] = varões, segundo a pronuncia antiga". E no *Registo philologico* (t. II, pag. 329): BARÃO representa *baro, -onis*, que no baixo latim tambem corresponde a *vir*. Camões diz: "barão" (I, 1; VI, 4, 33; IX, 22, 65; X, 11, 19, 69, 73, 76, 108, 142); só em VI, 37, IX, 91, X, 7, occorre "varões", o que parece dever considerar-se erro typographico".

Relativamente á origem da palavra, transcrevo das *Fontes dos Lusiadas*, p. 608: "No c. VIII reproduzi a opinião de que foi o latim *baro*, com a variante *varo* (7), que deu origem ao português *barão* (e *varão*). Posteriormente li na *Zeitschrift* de Gröber, 1911, p. 749, a apreciação de uma obra de C. A. Westerblad, (8) na qual o critico da revista (E. Mackel) está de acôrdo com o autor em que a palavra *barão* não pode provir nem do latim *baro* (*varo*), que significa "estupido", nem do antigo

---

(5) Do mesmo modo, para os que não admittem a authenticidade do proemio da *Eneida*, as palavras *Arma virumque cano*, aqui imitadas por Camões, equivalem a *Arma viri* ou a *Virum armatum*. Cf. as minhas *Notas para uma edição critica e commentada dos Lusiadas*, § VII, no *Boletim da classe de letras da Academia das Sciencias de Lisboa*, v. XIII.

(6) O assumpto geral do poema, como o seu nome o indica e se vê pelas est. 1-2 do c. I, é a glorificação de todos os portugueses que contribuiram para a formação e engrandecimento da Patria. Mas, entre todos os feitos que elles praticaram, avulta uma série — os descobrimentos maritimos —, que lhes dá direito a um capitulo na historia geral da civilização. E com esses descobrimentos, que tiveram como ponto culminante a viagem do Gama — nucleo do poema — se prende intimamente a fundação do "novo reino", do nosso imperio oriental. Mas este estava naturalmente destinado a uma existencia transitoria, ao passo que os descobrimentos exerceram uma influencia efficaz e duradoura no evolver da civilização.

(7) No *Thesaurus linguæ latinæ*, v. *baro*, veem registados exemplos da graphia *varo*.

(8) *Baro et ses dérivés dans les langues romanes*. Upsala, 1910.

alemão *bëro*, "o que transporta cargas", mas procede do germanico *baro*, "homem", que expulsou o *vir* da sua propria patria e voltou depois á Alemanha como titulo de nobreza". (9)

Emquanto á graphia "varões", não ha motivo para a attribuir a erro typographico. O Poeta, segundo o seu costume, tantas vezes e por tantas formas manifestado, quís propositadamente escrever a palavra das duas maneiras, porque assim se usava no seu tempo. (10) No *Marco Paulo*, por ex., na mesma pagina se lê "barom" e "varões" (l. II, c. 42), o que se repete no c. 54: "varões" e "baroões". (11) E no *Palmeirim de Inglaterra*: "Nas cousas da honra antre os excelentes varões, a opiniam della pode mais e tẽ mais força que as amizades e grandes parentescos." (12)

Est. 1, v. 4. Continúa o commentario a affirmar que D. João de Castro, no *Roteiro de Lisboa a Goa*, identificou a Taprobana com Sumatra. (13) Nas *Observações* á 1.ª edição, p. 78, mostrei que a Taprobana a que se refere o prologo do *Roteiro*, no texto, é com certeza Ceilão, e que a nota que no manuscripto se lê — "Tapobrana é agora chamada Samatra" (14) — não pode pertencer ao autor do livro, mas saíu da penna de algum copista. Apesar da observação que Andrade Corvo, o editor da obra, faz a esta e a outras notas do prologo, dando-as como *do autor*, algumas dellas manifestamente o não são.

E. 1, v. 5. O commentario, seguindo a opinião de Barreto Feio (edição de Hamburgo, 1834), transpõe para o principio do v. 5 a conjunção *E*, por que na ed. *princeps* começa o v. 7. E argumenta: "em guerras" ha de referir-se, não ás viagens de descobrimento — "Passárão ainda alem da Taprobana" —, mas á fundação do imperio português na Asia —

---

(9) Mackel acha possivel que na Italia houvesse confusão entre os dois *baro*, por causa da significação pejorativa que neste país tomou a palavra "barone" (impostor, velhaco). Devo accrescentar que, no seu *Romanisches etymologishes Wörterbuch*, Meyer-Lübke separa tambem os dois *baro*, fazendo derivar do latino o "barone" italiano, e do germanico, a que dá a significação de "homem livre", os nossos "barão" e "varão".

(10) Abundam em todo o poema as provas deste proposito. V. a introducção á reimpressão facsimilada da edição *princeps*, feita pela Bibliotheca Nacional de Lisboa, p. XXIII-XXIV.

(11) *Marco Paulo*, ed. de F. M. Esteves Pereira. Lisboa, Bibliotheca Nacional, 1922. A 1ª ed. é de 1502.

(12) Francisco de Moraes, *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, t. I, p. 345. Lisboa, 1786. O conscienciosso editor serviu-se das duas primeiras edições (cf. a prefação), de uma das quaes, a de 1567, só são conhecidos dois exemplares, e de outra, manifestamente a primeira, desappareceu o que elle compulsou na livraria do convento de S. Francisco da Cidade (Lisboa).

(13) D. João de Castro lembra a D. João III, a quem o prologo é dirigido, "como Taprobana, que os antigos criam ser outro mundo nouo, reconhece seu alto nome e lhe paga pareas". Era Ceilão, e não Samatra que pagava páreas a D. João III (a ellas allude o Poeta em X, 51) e foi da primeira que Plinio disse o que D. João de Castro reproduz: "Taprobanam alterum orbem terrarum esse diu existimatum est" (*Naturalis Historia*, l. VI, § 81). Os portugueses pouco tempo se mantiveram em Samatra, sendo forçados a abandonar a fortaleza que tinham em Pacém nos primeiros annos do reinado de D. João III (1524). Cf. Barros, *Déc.* III, 3, 4; Castanheda, l. VI, c. 50-51; F. de Andrade, *Chronica de D. João III*, 1ª p., c. 51. Sobre o tributo que pagava Ceilão, v. Barros, *Déc.* III, 2, 2; Castanheda, l. IV, c. 43.

(14) Cousa muito differente, e com mais exacção diz o Poeta em X, 107:

> ..... Taprobana
> (Que ora he Ceilão) .....

"Entre gente remota edificárão| Novo Reino" —; conseguintemente o logar da conjunção copulativa é no rosto do 5° verso e não no do 7°". (15)

A interpretação que, como fica dito (est. 1, 1), se deve dar a "armas e barões" mostra a insubsistencia deste raciocinio. O Poeta vae cantar, primeiro que tudo, os barões aguerridos que *passaram* etc. e entre gente remota *edificaram* etc. A copulativa deve portanto ligar estes dois verbos. Os vv. 5-6 são apenas uma amplificação do que fica dito nos vv. 1-4: Os bellicosos barões, que passaram ainda além da Taprobana, barões em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana... (16)

Do commentario a 2, 3: (17) "D. Carol. M. de Vasconcellos, na *Bibliotheca Romanica*, escreve "A fé e o imperio". Embora não se possa fazer grande fundamento na pontuação das edições de 1572, estando nellas "A Fee, o Imperio" ("Fee" com *e* dobrado, como "pee" em I, 36, para indicar que a vogal é aberta), não me parece provavel que o compositor transpusesse a virgula para depois dos *ee*, tanto mais que nestas edições a conjunção "e" é sempre representada por "&".

Na 1.ª ed. dos *Lusiadas* a palavra *Fé* apparece escripta de quatro maneiras differentes: *Fee* (I, 2, 3; V, 13, 2), *Fè* (III, 24, 2), *Fé* (I, 63, 2; III, 45, 6; 111, 8) e *Fe* (IV, 15, 6; VI, 83, 4; VIII, 47, 4; 69, 7; X, 93, 4; 109, 6; 112, 1; 118, 4; 119, 4). E' plausivel, portanto, suppor que em 1, 2, 3, Camões tivesse escripto "A Fe e o Imperio" e que o compositor lesse "A Fee o Imperio", collocando por sua conta — elle ou o revisor — a virgula que esta lição exige entre as duas palavras. E daqui proviria o violento asyndeto do texto impresso, o qual se não justifica com dizer, como faz o commentario, que a "suppressão da conjunção antes de "o Imperio" faz sobresair a conjunção que liga a oração de "andárão devastando" á de "forão dilatando". Basta advertir que o primeiro "e" liga dois substantivos, e o segundo, dois verbos, e que, portanto, a suppressão daquelle não produziria o supposto effeito. O que desta resulta é o descabido asyndeto entre dois conceitos tão intimamente ligados.

Nada prova o ser sempre a conjunção "e" representada por "&" nas duas primeiras edições dos *Lusiadas*, sem a prévia demonstração de que

---

(15) Storck julga tambem que "aos factos historicos corresponde melhor *E em* no v. 5° e *Entre* no 7°". *Die Lusiaden*, p 387.

(16) Note-se a construcção chiástica: *a)* armas, *b)* barões que passaram..., *c)* perigos, *d)* guerras, — em que os termos *a)* e *c)* teem a significação attenuada, um, por causa da hendiadys, outro pela falta de precisão. Desta maneira se evita o inconveniente que proviria da repetição pura e simples dos mesmos conceitos, repetição que aliás tinha por fim o accrescentamento da idéa expressa no v. 6°: "Mais do que prometia a força humana".

Direi de passagem que o commentario a este verso continua a citar o Diccionario latino de Freund, em abono da opinião que o verbo *promitto* na idade argentea era empregado no sentido de "deixar esperar de si", tendo por sujeito nomes de cousas. Nas *Observações*, p. 80, citei as palavras do notavel diccionarista, que não dizem precisamente a mesma cousa: "PROMITTO... B) *promettre qqche à qqn., faire attendre, donner à esperer (c'est le sens dominant du mot à toutes les périodes et dans tous les styles)*". Nos nossos classicos do seculo XVI era vulgar a significação que dá aqui o Poeta a este verbo. "A aparencia da cidade prometia que ouuesse nela boa soma de gente." Castanheda, L. II, c. 2.)

(17) Nos versos 1-4 desta est. indica o Poeta a segunda parte do assumpto geral dos *Lusiadas:* a glorificação

o Poeta tambem escrevia "&" e não "e" (18), pois só neste caso é que não haveria razão para o compositor se equivocar.

E. 2, v. 7. Commentario a "toda parte": "Nos *Lusiadas* encontra-se ora "toda a parte" (III, 51; X, 78, duas vezes), ora "toda parte" (I, 2; IV, 15, 25, 84; VIII, 89; X, 67). Como se funde, na pronuncia, o *a* final de "toda" com o artigo "a", é provavel que "toda parte" seja graphia inexacta, ainda vulgar no seculo XVI (por exemplo no *Esmeraldo*) e que verdadeiramente se deva escrever "todà parte".

A esta nota, textualmente reproduzida da 1.ª ed., objectei nas *Observações*, p. 80, que no tempo do Poeta se dizia indistintamente "toda parte" e "toda a parte" e que a prova material de que o artigo se podia omittir nestes casos, não sendo por isso necessario recorrer á hypothese da sua fusão com a vogal anterior, estava no uso do plural "todas partes", "todas armas", etc., a par de "todas as partes", etc. Citei passos de Barros, de Ferreira de Vasconcellos, de Francisco de Moraes, e adduzi tambem o *Amadis de Gaula*, em que "toda la noche", "todas las gentes", etc., alternam com "toda cosa", "todas partes", "todas armas", etc. Cf. as notas a I, 35, 5, e 61, 2.

E. 3, v. 6: "A quem Neptuno e Marte obedecêrão". Commentario: "A cujos desejos (sc. dos portugueses) deram favor o deus do mar e o deus da guerra, o primeiro, Neptuno, para que as navegações delles deixassem na sombra as mais preclaras da antiguidade (versos 1º e 2º); o segundo, Marte, para que as suas victorias cobrissem maior campo do que as mais amplas victorias do mundo greco-romano (versos 3º e 4º)".

Não ha motivo para tirar á expressão do Poeta a energia que elle lhe quis dar e para a reduzir a um simples equivalente de "deram favor aos seus desejos", de que está muito afastada. O proprio Neptuno, o proprio Marte, estiveram ás ordens dos portugueses, que pela sua indomavel energia conseguiram o dominio do mar e alcançaram as mais estrondosas victorias (cf. II, 47, 3; 50, 5; etc.).

Continúa o commentario: "Justamente na accepção lata de "fazer a vontade a alguem" emprega Cam. o verbo "obedecer" em VII, 28, 4." (19)

Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastando.

Aos "Lusiadas" que não se acham incluidos nem na est. 1ª, nem nos versos 1 a 4 da 2ª, como é, por exemplo, Nunálvares, se referem os versos 5 e 6 desta, ultima (terceira parte do assumpto geral).

Fazendo da viagem de V. da Gama o nucleo do poema e aproveitando-a para cantar os tres grupos de personagens — narrativas de V. da Gama ao rei de Melinde (c. III-V), de Paulo da Gama ao catual (c. VII, 77 — VIII, 43), da nympha e de Tethys a V. da Gama (c. X, 6-143) — dá o Poeta á sua obra a indispensavel unidade, apesar da dispersão do assumpto proposto em I, 1-2.

(18) E' corrente o "e" nos mss. do sec. XVI. Basta citar os ns. 4.413 e 6.383 da Bibliotheca Nacional (o chamado *Cancioneiro* de Luiz Franco e parte das *Poesias* de Andrade Caminha).

(19) O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come, & bebe, & lhe obedeçe.

Isto já é mais alguma cousa do que o "dar favor aos desejos de alguem", mas ainda não chega ao conceito que o Poeta quis exprimir. Este aproxima-se mais, se não é identico, ao do passo de Cicero, citado pelo commentario, na parte em que se diz que á vontade de Pompeu *"etiam venti tempestatesque obsecundarint."*

Neptuno e Marte fizeram a vontade aos portugueses e não podiam deixar de a fazer, ainda que quisessem. E' nesta significação plena que o Poeta emprega o verbo "obedecer" em I, 3, 6.

E. 5, v. 6: "Gente vossa, que a Marte tanto ajuda." Commentario: "Se Camões não escreveu "que Marte tanto ajuda" (i. é, favorece), como entende M. Corrêa, e a lição "que a Marte tanto ajuda" é certa, ha de entender-se "ajudar" no sentido de "glorificar".

Não é necessario alterar o texto, nem, conservado este, afastarmo-nos da significação usual do verbo "ajudar".

Com a sua indole bellicosa (cf. VII, 69, 5, a 71), os portugueses são um poderoso auxiliar do deus Marte, prestam-lhe valiosos serviços na realização do seu ideal, que é trazer o mundo sempre envolvido em guerras.

A emenda "a que Marte tanto ajuda" attenuaria muito o valor militar dos portugueses, que o Poeta quer enaltecer. Não seria o esforço proprio, mas o auxilio daquella divindade que os tornaria tão famosos.

E. 6, vv. 7-8. Dirigindo-se a D. Sebastião, diz o Poeta:

> Vós, ó novo temor da Maura lança,
> Maravilha fatal da nossa idade,
> Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
> Pera do mundo a Deos dar parte grande:
>
> Vós, tenro e novo ramo florecente,
> .....

Commentario a 6, 7, 8: "que todo o mande] é oração relativa final e por isso tem o verbo no conjuntivo (*totus cui serviat orbis* na versão de Santo Agostinho de Macedo). O antecedente do relativo é "maravilha" (e não "Deos", como suppôs J. A. de Macedo, e com elle Gomes de Amorim). O pensamento contido nos dois versos é "que Deus quer que D. Sebastião impere em todas as partes do mundo, para assim dilatar o imperio da Fé christã, ainda tão resumido; cf. VII, 2, 14-15".

O Poeta chamaria assim a D. Sebastião "maravilha dada ao mundo por Deus, para que essa maravilha mande todo o mundo, para do mundo dar grande parte a Deus".

Manifestamente ha aqui "mundos" a mais.

Em primeiro logar, para que D. Sebastião désse a Deus grande parte do mundo, não era necessario que o mandasse todo, que fosse o rei de todo o mundo.

Além disso, não podemos attribuir a Camões o estranho conceito de que Deus mandou D. Sebastião ao mundo, para ser o rei de todo o mundo (não se trata de um simples desejo, mas de um facto positivo, ex-

presso pela supposta oração relativa final), para ser o rei do mundo christão, isto é, da Espanha, da França, da Italia, da Inglaterra, do Imperio, etc., do mundo muçulmano e do mundo gentio.

Já não era pouco que elle viesse a imperar sobre os dois ultimos — e esses é que eram os desejos do Poeta — e achar-se desta maneira em condições de "do mundo a Deos dar parte grande".

Mas nunca o bom senso de Camões lhe permittiria dizer o que o commentario lhe attribue, i. é, que D. Sebastião veio ao mundo, para ser o rei de todo o orbe terraqueo.

E é por isso que o proprio commentario substitue o sentido literal do "mande todo o mundo" por "impere em todas as partes do mundo", enunciado equivoco, que, no sentido em que é admissivel (que D. Sebastião tenha dominios em todas as partes do mundo), não pode considerar-se equivalente do "mande todo o mundo".

O antecedente do "que" do v. 7 não pode, portanto, ser "maravilha", como suppõe o commentario. Esse antecedente é "Deos".

E neste caso a quem se refere o "todo o"? Segundo os dois escriptores citados pelo commentario, trata-se ainda do "mundo" e a oração "que todo o mande" forma um parenthese.

Surge, porém, uma difficuldade insuperavel. E' que o "mande" devia estar no modo indicativo, pois se trata de um facto real, e não de um simples desejo. (20)

Garcez Ferreira, depois de dizer: "parece que a rima obrigou a dizer *o mande*, devendo ser *o manda*" (21), accrescenta: "mas pode passar como uma deprecação".

E' claro que, se o complemento de *mande* continua a ser "o mundo", não se arredam as difficuldades, pois o Poeta de modo nenhum diria: "oxalá que Deus mande todo o mundo, seja o senhor de todo o mundo".

Que pensamento quereria então elle exprimir? Sem duvida este: Oxalá que Deus mande D. Sebastião com o fim especial de converter á fé christã grande parte do mundo, isto é, os muçulmanos e os gentios, que elle, como esperamos, ha de subjugar (cf. I, 8, 5-8; 15, 16).

---

(20) "O — *que todo o mande*, do v. 7 fatalmente o errou o poeta, porque o verbo devia estar no indicativo". G. de Amorim, *Os Lusiadas... Edição critica e annotada*, 1889. J. A. de Macedo, na *Censura das (!) Lusiadas*, julga tambem que ha erro de grammatica. O atrabiliario e quasi sempre injusto censor da nossa epopéa nacional, suppondo ter apanhado o Poeta em flagrante, carrega duro, começando por esta *rabecada:* "Seja muito embora imperiosa a necessidade da rima, esta nunca deve obrigar a infringir as leis da boa grammatica, para se não authorizar e exemplificar o uso de vergonhosos solecismos, em que os semidoutos tantas vezes peccão." E depois de tão descabellada reprimenda, entra no assumpto, estropiando o texto do verso, como estropiou o titulo do poema:

"Dada ao Mundo por Deos, que tudo (!) o mande."

"Este verbo devia estar no indicativo, e não no conjuntivo, deve-se dar outro torneio ao verso quando tão crassamente se erra a grammatica" (t. I, p. 24-25). Como quem diz: quem não sabe grammatica, não se meta a fazer versos.

(21) *Os Lusiadas*, Napoles, 1731.

E', portanto, a D. Sebastião que tem de referir-se o "todo o".

Mas como é isto possivel, se a ultima palavra por que elle foi designado é do genero feminino ("maravilha"), e se esta se encontra em um verso que não pode formar parenthese, por causa da ligação que tem com as palavras seguintes, entre as quaes se acha incluido o "todo o"? (22)

Supponho que o texto do manuscripto foi alterado e que temos aqui um caso semelhante aos de I, 72, 6; III, 11, 4; 65, 5; 100, 5; 132, 3; IV, 18, 7; 54, 1; VI, 18, 8; 33, 5; 92, 6; VII, 77, 1; VIII, 3, 6; 18. 7; IX, 21, 6. (23).

Mas que teria, nesta hypothese, saído da penna de Camões? Nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 24, conjecturei que a lição original seria "toda a", com referencia a "maravilha". Ha, porém, uma difficuldade: a passagem repentina da 2ª pessoa do plural ("Vós", no 5º verso) para a 3ª do singular (v. 7º) e a volta á 2ª do plural nas estancias seguintes.

Hoje tudo me leva a crer que o Poeta escreveu "todo os", por "todo vos", afim de deixar exemplificada a forma pronominal castelhana "os", correspondente ao nosso "vos", que Francisco de Moraes pretendeu nacionalizar, fazendo uso della no *Palmeirim*, não uma ou outra vez, mas a cada passo, com uma insistencia manifestamente intencional. Assim, logo na p. 8, t. I, da ed. de 1786, se lê: "Bem sey que isto vos (24) ha de doer tanto, como a mĩ a paixã que de minha perda tereis; e se esta prisam, em que me vejo, estiuesse em parte que me deixara vervos, por ardua que fora, viuera contente; mas estou onde nam espero sayr, e com esto perco a esperança de podervos ver". E no periodo seguinte: "Nunca me vi em nenhum perigo, que soo trazervos a memoria me não saluasse delle;... agora que mais vos havia mister,... me acho desacompanhado de todo".

---

(22) Foi para evitar isto que Manuel Corrêa leu: "Dado ao mundo", formando assim o 6º verso um parenthese e referindo-se o "todo o" a "temor", i. é, a D. Sebastião.

(23) Presumo que as alterações foram feitas pelo revedor da Inquisição, Fr. Bartholomeu Ferreira, na melhor das intenções, para corrigir suppostos defeitos, mas com bem pouca felicidade, como é de presumir. O manuscripto passou das mãos delle para a imprensa e o Poeta não reviu as provas, pois estava a cargo da revisão technica o pôr o texto impresso em conformidade com o manuscripto, em que não podiam fazer-se alterações, depois da competente approvação. A revisão pelo autor seria um perigo, por causa da tentação de introduzir quaesquer emendas, pois a obra impressa não obteria licença para correr, se não estivesse conforme com o original approvado. Deste assumpto me occupo na *Introducção* ao texto facsimilado da edição *princeps*. Sobre a autoria das emendas, veja-se o que eu disse a p. 106, n. 2., das *Observações* e o que o commentario repete a p. XXV, t. I, da 2ª edição.

(24) O meticuloso editor previne na "prefação" que, "para facilitar mais (a leitura) se introduzirão algumas letras ou syllabas, onde pareceo conveniente: mas isto com muita moderação, e em caracteres diversos, para que logo á primeira vista se conhecesse o que era alheio a Palmeirim." Dahi o *v* italico que precede quasi sempre o *os* equivalente a *vos*. Um caso, dentre os varios em que o *v* esqueceu: "Tenho (desconfiança) de vos, que vos quero muyto grande bẽ e cada vez qu' *os* vejo se m'acrecenta de nouo" (t. III, p. 155). No português o *v* inicial caiu em "*oco*", de "vocuus", castelhano "hueco". Vid. J. Cornu, *Gram. der port. Sprache*, 2ª ed., § 176.

Fr. Bartholomeu Ferreira estranharia o *os* nos *Lusiadas*, cortaria o *s* e daqui o enigmatico passo, que tanto tem dado que cogitar aos commentadores e traductores do poema. (25)

Diogo Bernardes tambem empregou, pelo menos uma vez, o *os* por *vos*. No soneto "aos cabellos da barba que D. João de Castro, Viso Rey da India, empenhou à cidade de Goa", diz elle:

> Despojos do mais forte, & valeroso
> Capitão, que se vio em nossa idade,
> .....
> Assi como trofeo d'honra, & gloria
> *Os* deuem venerar os que procedem
> Do tronco donde vós fostes cortados. (26)

Note-se que o Poeta, pedindo a Deus que mande D. Sebastião com o fim principal, ou antes exclusivo ("todo" = totalmente) (27) de "do mundo a Deos dar parte grande", usa da formula deprecatória corrente no seu tempo. Assim, á procura de um épico, que se antecipasse a Camões, ao "pomposo" e odiado "Chérilo", (28) Antonio Ferreira, o mais remexido dos seus inimigos literarios, pergunta a D. Antonio de Vasconcellos:

> Quem ha que a seu cargo tome
> As victorias de fama & eterno espanto
> Dos Reis passados, quaes Deos sempre mande?
> (Ode 8ª do l. I).

De Sá de Miranda diz o mesmo Ferreira, na carta 8ª do l. I:

> O bom Sá Miranda (a quem os ceos mandem
> Cantar mil annos cá)...

---

(25) Eis algumas traducções:

> To govern worlds of men by God so given,
> That the world's best be given to God and Heaven
> (Burton)
>
> Dada al mundo por Dios, Rey sin segundo,
> Para que a Dios gran parte deis del mundo.
> (Conde de Cheste)
>
> ... Il Cielo a questi ti mandó soggiorni,
> Onde di lor gran parte el Cielo torni.
> (Nervi)

(26) *Varias Rimas*, ed. de 1594, fl. 103. *Rimas varias*, ed. de 1596, fl. 90.

(27) Cf., v. g.: "Estou todo occupado nisto"; "todo se esforça por conseguir isto"; etc.

(28) Cf. a carta 3ª do l. I. Chérilo foi um épico mediocre, a quem Alexandre Magno generosamente remunerou, para lhe celebrar as proesas. Ferreira conhecia-o bem pelo seu Horacio, que a elle se refere em mais de um logar. Cf. *Epist.* 1ª do l. II, vv 232-239, e *Arte poetica*, vv. 357-358. Do assumpto me occupo nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 236 e segg.

E no "Epitaphio do principe D. João":

Principe João, filho de João terceiro,
De Carlos genro, a que outro igual Deos mande...

Do mesmo modo se exprime Andrade Caminha (*Poesias*, ed. de 1791, p. 29):

Manoel, teu avô, que muitos mande
Deos á terra como elle...

Em conclusão: o "todo *os* mande" dos *Lusiadas* está em perfeita conformidade, no conceito e nas palavras, com o que se lê em alguns dos mais autorizados escriptores do tempo do Poeta.

Em 12, 1-4, promete Camões:

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Hum Egas, e hũ dom Fuas, que de Homero
A citara parelles só cobiço.

Commentario aos vv. 3-4: "que] é particula consecutiva correspondente á idéa de "taes", que se subentende."

A explicação é outra. O "que" do v. 3.° está em correlação com o "tal" do 2.° e "Hum Egas e hũ dom Fuas" formam uma intercalação, particularidade estilistica de que o Poeta encontrou muitos exemplos e de que fez uso aqui e em outros logares.

Camões ia a falar só de "Nuno" (vv. 1-2), mas no v. 3.° accrescenta mais dois *Lusiadas* e prosegue applicando mentalmente a estes o que no v. 2.° tinha dito só daquelle. Dahi a possibilidade do plural "parelles", que numa intercalação completa teria ficado no singular. (29)

Segundo a interpretação do commentario, o "tal" do 2.° v. ficaria sem correlativo, o pensamento não se completaria.

Nas *Observações*, p. 30, citei, para os comparar com I, 12, 1-4, estes dois passos do *Orlando Furioso*:

Ezellino, immanissimo tiranno,
Che fia creduto figlio del Demonio,
Farà, troncando i sudditi, tal danno,
E distruggendo il bel paese ausonio,
Che pietosi appo lui stati saranno
Mario, Silla, Neron, Cajo ed Antonio.
(III, 33, 1-6).

(29) E' o que faz o chamado *Cancioneiro de Luiz Franco*, em que audaciosamente se deturpa o texto do canto I da edição *princeps* dos *Lusiadas*, com a declaração de que se copia um manuscripto do poema, anterior ao que serviu para a impressão. Como se vê, era facil meter aqui uma variante. Cf. a ed. facsimilada da Bibliotheca Nacional, p. XXVII e segg.

I rilevati fianchi e le belle anche,
E netto più che specchio il ventre piano,
Pareano fatti, e quelle coscie bianche,
Da Fidia a torno, o da più dotta mano.
(XI, 69, 1-4).

Aqui temos, no primeiro caso, a intercalação de um verso completo, o 4.°, e no segundo, a de uma clausula: "e quelle" etc. (v. 4°): O verso deveria estar, como se vê, antes de "tal danno", pois estas duas palavras se ligam immediatamente ao "Che" do v. 5.° (cf. nos *Lusiadas*, "tal serviço... que"), e o logar proprio da clausula do segundo passo seria logo em seguida á palavra "piano".

Intercalações destas duas especies são frequentes em obras portuguesas que o Poeta leu ou podia ter lido. Alguns exemplos.

No *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*, t. III, p. 256 (30), Dido, expondo os motivos que *lhe davam confiança* de que Eneas a não abandonaria, diz:

O pay velho que trazia
a deosa may confiança,
o filho que o seguia,
me dauam que nom faria
daquy nenhũa mudança.

A p. 300-301, do mesmo tomo, no "Epitaphio de Tibulo" lê-se:

A morte muy dessygual,
oo Tibulo, te leuou,
.....
Porque mais hy nom ouesse
em elegias dissesse
quem amores desyguaes,
ou as batalhas campaes
dos rreys screuer podesse.

E a p. 234, na "Epistola de Laodamia a Protesilao":

Temo hũ Heitor, nõ sey qual
que Pares diz que dezia
de quem ho poder he tal
com mão de ferro mortal,
que crua guerra faria (31).

---

(30) Cito pela edição de Coimbra, 1910-1917. Indicarei esta obra abreviadamente por *C. Geral*.

(31) Menos complicado é este passo da p. 298:

Duas merçes me fareys,
hũa he que me gabeys,
& o que ey de perguntar,
a outra que menssyneya.

Cf. tambem a p. 105 os vv. 19-22.

Como se vê, a ordem natural dos versos destes tres passos seria respectivamente: 1.°, 3.°, 2.°, 4.°, 5.°; 1.°, 2.°, 3.°, 5.°, 4.°, 6.°, 7.°; 1.°, 3.°, 2.°, 5.°, 4.°

Na *Vingança de Agamenom* (32), que ha indícios de ter sido lida e aproveitada pelo Poeta (33), diz Electra, a p. 78:

> Meu pay, a quem eu amaua,
> foy ho que morreo primeiro:
> e meu yrmão, a quem esperaua,
> deste amor foy herdeiro,
> e de vello desejaua.

E' óbvio que o 5.° v. se liga immediatamente ao 3.°

Não é por isso de admirar que nos *Lusiadas* appareçam tambem intercalações analogas ás que ficam apontadas.

Assim, em VI, 96-97, onde o Poeta diz que a gloria se alcança,

> Não cos varios deleites & infinitos,
> Que afeminão os peitos generosos,
> Não cos nunca vencidos apetitos,
> Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
> Que não soffre a nenhum que o passo mude
> Pera algũa obra heroica de virtude,

Mas com buscar.....

o 1.° verso deve juntar-se ao 3.° e o 2.° ao 4.° (34).

Veja-se outro exemplo em X, 32, 5-8:

Que eu ouço retumbar á grão tormenta,
Que vem já dar a dura, & eterna pena,
De esperas, basiliscos, & trabucos,
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

A ordem natural dos versos, como se vê, é a mesma que em VI, 96: 1.°, 3.°, 2.°, 4.° (35) Cf. a nota a IV, 46, 5-8.

Um caso, não de um verso inteiro, mas de uma clausula intercalada, temo-lo em III, 66, 1-4:

O rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cauallos furiosos,
Innumeros piões, darmas & de ouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos.

---

(32) Edição de 1918, feita pela de 1555, que foi a 2ª. V. *Monumentos da literatura dramatica portugueza*, publicados pela Academia das Sciencias de Lisboa. A "Elecha" do texto impresso deve provir da má lição do ms.

(33) Cf. as notas a I, 82, 1-4 e a IV, 18, 7.

(34) O commentario nada diz a este respeito, fazendo suppor pelo seu silencio que considera a palavra "apetitos" do 3° v. como o antecedente do "Que" immediato, construcção que o sentido mostra não se poder admittir.

(35) O commentario tambem é omisso acêrca desta particularidade.

"Innumeros piões" forma como que um parenthese, pois eram os cavalleiros e não os piões que vinham guarnecidos de armas douradas (36). Cf. a nota a III, 132, 5.

Em nota a 12, 6 ("Os doze de Inglaterra e o seu Magriço") diz o commentario: "Em latim a uma indicação geral junta-se ás vezes, por meio de *et* e *atque*, uma indicação particular, para assim a fazer sobresair, v. g. *pro Italia atque urbe Romana vos pugnare* (T. Liv. XXIII, 29); *sed nec Romani, tametsi Poeni et Hannibal in cervicibus erant, soluti metu Macedonico videbantur* (Just. XXIX, 13). Esta pratica imita Cam. dizendo "Os doze" etc.

Muito mais se relaciona com a maneira de dizer de Camões o que este leu, por ex., em Fernão Lopes, *Chronica de D. Joâo I*, 2.ª p., cap. 108 (37). Depois de ter narrado como dezesete portugueses (38), no numero dos quaes se achava incluido o seu chefe, Martim Vasques da Cunha, se defenderam de quatrocentos castelhanos, o chronista prosegue: "Os Castellãos... começarom se de partir, & hiom dizendo: Doje mais nom cumpre que se leom as proezas de Tristão & de Lançarote: mas falemos no esforço de Martim Vazquez da Cunha, que com dezasete homẽs darmas se defendeo a quatrocentas lanças, que eramos, por tamanho espaço em tão fraco logar".

Aqui é que temos exactamente o mesmo modo de contar dos *Lusiadas*: Martim Vasques e os dezesete, os doze e o seu Magriço (39).

Em 18, 1-2, começa o Poeta:

> Mas em quanto este tempo passa lento,
> De regerdes os povos que o desejão...

Commentario: "passa lento] equivale a: vem lentamente, tarda a chegar".

"Este tempo" é aquelle em que D. Sebastião ainda não rege o seu povo e esse não "tarda a chegar", tarda a passar, "passa lento", como diz o Poeta. O que tarda a chegar é o que se ha de seguir a este, que agora "passa lento". Passa lento o presente, tarda a chegar o futuro. O sujeito não é o mesmo; não ha portanto a equivalencia supposta pelo commentario. O que temos nestes versos é a contaminação dos dois conceitos: *a*) emquanto passa lento este tempo, em que ainda não regeis os povos; *b*) emquanto não chega o tempo de regerdes os povos.

Para representar mais ao vivo a ansiedade com que é esperado o governo de D. Sebastião, o Poeta passa do primeiro elemento do conceito *a*)

---

(36) Na respectiva fonte leu Camões: "E chegando (dom affonso hãriquez) a palmella, em estando vendoa, assomou elRey de badalhouce com muita mourama das frontarias darredor, em que auia quatro mil de cauallo, e sassenta mil de peé". Duarte Galvão, *Cronica* cit., c. 43.

(37) Este capitulo foi a fonte de VIII, 35.

(38) Quando foram surpreendidos, eram dezoito; mas um "foy dar nouas ao arrayal. Os Castellãos cercarom entom os dezasete que ficauom".

(39) Ao lado do segundo texto latino, citado pelo commentario, pode collocar-se este passo do *Palmeirim*: "O emperador e todos ouuirã aquellas palauras" (T. II, p. 91).

para o segundo do conceito *b*): Emquanto passa lento este tempo... de regerdes os povos (40). Cf. VII, 27, 1-2.

A proposito do v. 5 desta mesma est. ("E vereis ir cortando o salso argento"), diz o commentario: "o salso argento] = o mar; esta perifrase foi suggerida a Cam. provavelmente pela expressão de Ovidio, *fons nitidis argenteus undis* (Met. III, 407)".

Do italiano conhecia o Poeta a palavra "argento" com a significação que aqui lhe dá. "Figuratamente, *argento* e *liquido argento*, dicese l'acqua molto limpida" (*Vocabolario... della Crusca*). E o primeiro exemplo citado é o de Alamani (séc. XV-XVI): "Rendete il puro argento alle vostre onde, Sacrati fiume". Outro encontra-se nestes versos do Tasso, que transcreverei, embora posteriores aos *Lusiadas*:

> S'alcun giammai tra frondeggianti rive,
> Puro vide stagnar liquido argento... (41)
> (*Gerus. Liberata*, XIII, 60).

E. 20, v. 7. O commentario aceita a emenda "do Tonante", da ed. de 1613, em vez da lição "de T." da edição *princeps* e das que se lhe seguiram até aquella data.

E isto, diz, porque "Tonante, como epitheto, deve regularmente ser precedido do artigo".

Tambem "Cyterea" e "Lieo" são originariamente epithetos e apesar disso o Poeta os emprega sem artigo, como se fossem simples substantivos. Cf. I, 34; IX, 53, 57, e I, 49; VI, 14.

"Tonans" já nos poetas latinos apparece como nome proprio e não como simples epitheto. "Tonans Capitulinus" = Iuppiter C.", diz, por

---

(40) Não faltam nos *Lusiadas* exemplos de contaminação de construcções, a começar logo por I, 3, 1-2, e 3-4. Em 1-2 estão entrelaçadas duas orações: "Cessem as navegações do sabio Grego e do Troiano" e "Cessem as navegações que fizeram o sabio Grego" etc. O mesmo acontece em 3-4. No *Palmeirim*, I, p. 294, ha uma transição semelhante á de I, 18: "Palmeirim, vendo que por nenhũa parte podia passar da outra, cousa que muito desejaua" etc. O pensamento completo seria: "passar de uma (parte) para a outra", mas exprimiram-se só os extremos "passar da... outra", sob uma forma apparentemente paradoxal, pois "de" indica o ponto de partida e não a direcção ou termo do movimento. Cf. t. II, p. 193: "Pera passar da outra banda, nam se podia se nam a nado". Curiosa contaminação a deste passo do *Rei Edipo* de Sophocles (v. 287: "Mas nem isso entre as obras por fazer eu *fiz*" em vez de "eu *deixei*" E' a fusão da forma negativa com a positiva. Cf. a nota a I, 20, 7; 104.

41) Cf. *Lusiadas*, VIII, 73, 5:

> Rompendo a força do liquido estanho.

Segundo uns, o "liquido estanho" deste verso é o mesmo que o "liquido argento", o "salso argento", significando, portanto, "estanho" o metal (*stannum*). Segundo outros, "estanho" é aqui o latim *stagnum*, como neste passo do *Orlando Furioso*, X, 15:

> I marinari .....
> Portavan lieti pei salati stagni
> Verso Selanda il Duca .....

O commentario acha "estranha" a idéa de que o Poeta se quer referir ao metal, como suppuseram F. e Sousa e W. Storck. Mas quem chama ao mar "salso argento" tambem pode designá-lo por "liquido estanho".

Como a palavra "estanho" não pode provir da forma "stannum". Diez propôs "*stagnum*, mas Meyer-Lübke opta por "*stannius*. V. o *Etym. Wörterbuch der rom. Sprachen*.

ex., Ovidio nos *Fastos*, II, 69 (42). Cf. Lucano, *Pharsalia*, I, 35, 196; II, 34; III, 320; etc.

Não admira, portanto, que o Poeta omittisse o artigo.

Com "Thyoneu", que é um dos epithetos de Baccho, procede Camões de duas maneiras: em II, 12, 7, e VI, 26, 4, usa do artigo, mas em VI, 6, 5, diz: "o mao de Tioneo", e não: "do T." (43).

Observarei de passagem que este emprego do "de", a respeito do qual o commentario é omisso, tem a sua origem nas construcções latinas do typo "scelus hominis", por "scelestus homo". "Scelus tu pueri's": lê-se em Plauto (44).

Para exprimir, com mais energia, um conceito composto, um dos elementos componentes — o adjectivo — passa a substantivo abstracto e o nome com que aquelle concordava fica sendo seu complemento: "Tu és uma malvadez de escravo". Depois o substantivo abstracto voltou á forma primitiva de adjectivo, mas o complemento ficou. "E's um scelerado de um escravo". Isto é: aos dois typos do latim [*a*) "homo scelestus"; *b*) *scelus hominis*] accresceu outro no português, francês, etc. (45) *a*) O ingenuo mancebo foi enganado; *b*) foi enganada a ingenuidade do mancebo; *c*) o ingenuo do mancebo etc.

Em *c*), como é facil de ver, não temos mais do que a contaminação de *a*) e *b*).

E. 25, v. 8. Falando da gente de Luso, diz Jupiter que ella

> ... sempre em fim com fama e gloria
> Teve os tropheos pendentes da victoria.

Commentario: O epitheto "pendentes" está dado poeticamente aos trophéus, donde pendem os despojos dos inimigos: "trofeos, que erão arvores, desgalhados os ramos, e penduradas delles as armas, e despojos dos inimigos" (Vieira, *Serm.* XI pag. 12)".

Trophéus, neste passo dos *Lusiadas*, são os despojos dos inimigos, como é óbvio. Com a mesma significação se encontra a palavra, por ex., em III, 53 (46):

> Já fica vencedor o Lusitano,
> Recolhendo os trofeos e presa rica.

---

(42) No texto as palavras estão em accusativo.

(43) "A boa de Philtra nossa comadre nunca se negou" etc. *(Eufrosina*, p. 23). "E o coitado de Andrade velar como grou" *(Ibid.*, p. 69).

> ... Foy por nõ ser tomado
> o conselho muy bem dado
> do triste de Laocom.
>
> *Canc. geral*, III, p. 245.

(44) *Persa*, I, 2, 10. E no *Truculentus*, II, 7, 60: "Etiam, scelus viri, minitare?"

(45) Vejam-se exemplos em Meyer-Lübke, *Gram. des langues romanes*, III, §§ 234 e 259.

(46) E com ella já vinha do latim. "Metonymice (tropaeum) est victoria et spolia, quæ vincendo parantur." Forcellini e De Vit, no *T. l. Lexicon*. Dos textos adduzidos transcreverei apenas este de Ovidio *(Heroides*, IX, 103): "Se quoque Nympha tuis ornavit Iardanis armis, | Et tulit e capto nota tropaea viro."

No proprio sermão de Vieira, citado pelo commentario, se lêem estas palavras: "Está adornada a imagem de S. Catharina com os tres instrumentos ou tropheos da sua victoria — uma palma, uma espada, uma roda".

Da significação primitiva — arvore desgalhada, em que se penduravam os despojos tomados ao inimigo — passou a palavra a designar os proprios despojos. Dahi o epitheto "pendentes", que suppõe já obliterada a accepção primordial.

E. 34, vv. 5-7: Relatando a discussão entre Baccho e Venus, observa o Poeta:

> ... Hum pela infamia que arrecea,
> E o outro polas honras que pretende,
> Debatem e na perfia permanecem.

Commentario: "hum" (Marte) (47) "o outro" (Venus) estão empregados substantivamente, por isso na coordenação com "hum" tem de dizer-se "o outro" e não "a outra".

Se fosse aceitavel o argumento, Camões não poderia escrever: "hum ... e a outra". Mas não ha duvida que seria esta até a construcção corrente. Por outro lado, deveria dizer-se: "este" (Baccho) e "aquelle" (Venus), visto que os dois pronomes, assim empregados, teem a mesma categoria grammatical de "hum... e o outro". Mas tal concordancia não só não é obrigatoria, mas nem mesmo é permittida.

Deve, portanto, ser differente da que adduz o commentario a razão justificativa da forma "outro", referida a Venus. E' que da construcção "Baccho e Venus debatem um com o outro", e não "um com a outra", resulta a legitimidade da que apparece nos *Lusiadas*.

No *Memorial das proezas da segunda Tavola redonda*, de J. Ferreira de Vasconcellos, lê-se, a proposito dos amores de Florismarte e Almena: "Ho prometerse hũ a outro eterno amor" etc. (c. 18). E ainda no mesmo cap., ao tratar-se dos de Florisbel e Belfloris: "Quanto mais se hiam entendendo, tanto mais punham ho seu gosto na comunicação hum do outro". (48)

E. 35, v. 3. A respeito da forma "impito", que na 1.ª ed. se encontra aqui e em IV, 72, 5, diz o commentario que ella "representa certamente a pronuncia popular do compositor".

O Poeta mui propositadamente escreve as palavras, tanto com a graphia erudita, que encontrava nos melhores escriptores do seu tempo, e que nem sempre se justifica pela etymologia, como de conformidade com a pronuncia popular, (49) o que tambem naquelles é frequente. Intencional-

---

(47) Aliás Baccho. O lapso já vem da 1ª edição.

(48) A ed. de 1867 (p. 95) traz erradamente no primeiro destes passos: "huma a outro." O segundo (p. 100) está conforme com a ed. de 1567. Cf. nesta a p. 100 e 105. Citarei esta obra simplesmente pela palavra *Memorial*.

(49) Em "impito" ha um caso de assimilação progressiva, assim como em "mininos" (III, 125, 5; etc.) ha outro da regressiva.

mente deixou assim exaradas as varias formas que a mesma palavra podia revestir. Veja-se a introducção á edição facsimilada da Imprensa Nacional, p. XXIII e seg.

Alguns exemplos apenas: *antam, antão, entam, então; sciencia cioncia; semear, samear; agradecer, agardecer; subito, supita; máu, maú; perguntar, pregunta; reposta, resposta; Henrique, Enrique, Anrique; Mafoma, Mahoma; Mafamede, Maphamed, Mahamed; Ptiolomeu, Ptholomeu* (Barros, *Déc.* I, 3, 8; *Occeano* (*Memorial*), *Oceano; Affrica* (*C. Geral*), *Africa;* etc. etc.

E. 35, v. 5. O commentario aceita a emenda "toda montanha" do texto da 1.ª ed., para "toda a montanha" e explica: "Todo" seguido de substantivo appellativo sem o artigo definido só pode empregar-se no sentido de "todos"; Cam. disse pois necessariamente "toda montanha"; a omissão do *a* é facil de explicar-se, attendendo a que "toda a" se pronuncia "todà".

Camões tanto podia dizer: "Brama toda montanha", como: "B. toda a montanha", no sentido de: B. a montanha inteira. E' assim que em I, 59, 5, usa do artigo,

Começa a embandeirarse toda a armada,

ao passo que em II, 3, 3-4, o omitte:

Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada.

Cf. *Palmeirim*, II, p. 128: "Florendos... acudia a vezes... cõ hũ tão tã piadoso e triste, qu'ẽ *toda sala* nenhũa outra cousa soaua se nã lagrimas". E no *Memorial*: "Com sua ajuda e valia esperamos fazer-nos universal senhor de *toda Christandade*" (fl. 52 *v.*, p. 82).

Hoje, em Portugal, o eschema "toda montanha" caiu em desuso e emprega-se o artigo, quer "toda a montanha" signifique "a montanha inteira", quer equivalha a "todas as montanhas" (50). E' que a forma attenuada, sem consoante, que no português tomou o artigo definido, não se presta a estabelecer a differença que na quasi totalidade das linguas romanicas existe entre, por ex., "todo el hombre" e "todo hombre" (51), "tutta la città e "tutta città"; etc. Isto é, um dos eschemas não assumiu funcção propria, e dahi o seu desapparecimento.

Eis o que sobre o assumpto escreve Meyer-Lübke: "Ici il y a une autre question à résoudre, celle de savoir quand on dit *totus ille homo* et quand *totus homo*. Tout d'abord on peut dire que le Roumain et le Portugais

---

(50) E o mesmo acontece com o "toda parte" de I, 2, 7, que hoje dizemos sempre: toda a parte.

(51) "Dizen los que discantan (el amor) que tiene poder sobre todo hombre, y aun sobre todo el hombre." *Florinea*, sc. IV. Comedia do meado do sec. XVI, reimpressa por Menéndez y Pelayo, nas *Orígines de la novela*, t. III, p. 175.

ne connaissent que la première tournure... Quant au portugais, on peut se demander si la minime différence phonétique qu'il y a entre *toda a casa* et *toda casa* ou bien entre *todo o povo* et *todo povo*, différence surtout peu sensible à l'époque où les voyelles finales avaient encore une résonnance plus pleine, n'a pas affaibli la conscience de cette distinction grammaticale. Du reste en vieux portugais (52) on trouve encore au moins des vestiges de l'usage commun aux autres langues romanes: Cf. *armado de todas armas* (Graal 58), *a todas partes* (74), *per todas partes* (Aleixo 3, 8)... Mais pour les autres langues, on peut formuler la règle suivante: l'article s'emploie et s'omet comme ailleurs, sans qu'on tienne compte de *totus*... Cela étant, l'ital. *tutta la città* signifie donc "la ville dans son integrité"... tandis que *tutta città* veut dire "tout ce qui répond au concept "ville" et de là "toute ville". Mais la différence de sens qui vient d'être indiquée entre *tutta la città* et *tutta città* ne s'est développée par degrés: Cf. en ital. *la gente venia di tutte parti* (Nov. 36); ...en a. franç... *de totes pars; ...toute nuit* se trouve encore chez Corneille et Molière". (53) Quer dizer: no italiano, no francês, etc., fez-se uma distinção de sentido entre as expressões correspondentes a "toda a montanha" e "toda montanha"; no português não se pôde estabelecer differenciação, por as duas locuções se aproximarem, a ponto de facilmente se confundirem. Uma dellas tornou-se, por isso, inutil e dahi o seu desuso, de certo tempo em deante.

Em 42, 3-6, narra o Poeta:

> Cortaua o mar a gente belicosa
> Ja la da banda do Austro, e do Oriente,
> Entre a costa Ethiopica e a famosa
> Ilha de sam Lourenço...

Commentario: "da banda do Austro] = no hemispherio austral. O Oriente] aqui, em particular, a Africa oriental".

"Da banda do Austro e do Oriente" é uma expressão semelhante ás que usavam os gregos e romanos para designarem os pontos collateraes. Assim, por ex., Estrabão, para dizer que a Turdetânia era limitada ao noroeste pelo Guadiana, serve-se de palavras cuja traducção literal em latim é como se segue: "Hanc versus occasum et septentrionem determinat Anas fluuius" (54). Isto é: aquelle ponto collateral é expresso pelos nomes dos cardiaes correspondentes: "para a banda do occaso e do septemtrião". E Cesar, logo no começo da *Guerra das Gallias* indica assim a situação dos belgas, a nordeste do país que está descrevendo: "Belgae spectant in septentrionem et orientem solem".

---

(52) E ainda em pleno seculo XVI, como se vê pelos *Lusiadas* e pelas citações feitas aqui e a proposito de I, 2, 7.
(53) *Grammaire des langues romanes*, Paris, 1900. T. III, § 165.
(54) *Strabonis Geographica*, Parisiis, 1853. T. I, p. 116.

Camões adopta aqui o mesmo processo. "Da banda do Austro e do Oriente" é o mesmo que "a sudeste". E os dois versos seguintes precisam a região a que se quer referir: trata-se do sudeste da costa africana (55).

O commentario a 51, 1-2, insiste em attribuir a Ovidio a opinião de que Arcade foi transformado na Ursa menor. "A nympha Callisto, que teve amores com o rei dos deuses, foi metamorphoseada em ursa (em grego: arctos) por Juno, e depois, juntamente com Arcade (*Arcas*), fruto daquelles amores, collocada no céu onde Callisto é a constellação da Ursa Maior, e Arcade a da Ursa Menor (v. Ov. *Fast.* II, 155-192; *Met.* II, 409-531)".

O que Ovidio diz terminantemente no primeiro destes logares é que Arcade foi transformado na constellação chamada "Arctophylax" (*guarda da Ursa*), a qual nada tem que ver com a Ursa menor (56).

Eis as palavras do poeta latino:

> Signa propinqua micant (57). Prior est quam dicimus Arcton,
> Arctophylax formam terga sequentis habet.

Sobre isto não ha nem pode haver duvidas.

Note-se ainda que Ovidio admitte só a existencia de uma Ursa (Arcton, no singular), seguindo nisto a tradição proveniente de Homero, que ainda não considerava a Ursa menor como constellação (58).

Segundo a lenda oriunda de Creta, as duas amas que naquella ilha criaram Jupiter, chamadas Hélice e Cynosura, é que foram transformadas nas Ursas, a primeira na maior e a segunda na menor.

Camões combina as duas lendas e faz de Callisto a Ursa maior (I, 51, 2; V, 13, 6; X, 139, 2) e de Cynosura a menor (X, 88, 3; 125, 3); mas ao mesmo tempo em V, 15, 7-8, aceita outra versão muito mais moderna, que leu nas *Genealogiae deorum* de Boccaccio. Cf. a nota a este passo.

Commentario a 52, 4 ("Que so dos feos focas se nauega"): "phoca" antigamente era dos dois generos; v. o *Dicc.* de Moraes".

Transcrevo das *Observações*, p. 74, n. 1: "Foi na *Historia de Leandro y Hero* (de Boscán) que Camões encontrou a palavra *focas*, usada no genero masculino. Dahi *os feos focas* de I, 52, 4... O *Diccionario* de Moraes não cita nenhum exemplo anterior á publicação dos *Lusiadas*. O unico que aponta, além do que nestes se lê, pertence ao *Naufragio de Sepulveda*, de Corte-Real, cuja primeira edição é de 1594".

---

(55) Alguns passos do *Marco Paulo*: "Lop he çidade muj grande aa entrada do gram deserto, que esta antre a parte do oriente e a do aguyam" (L. I, c. 44). "E dalli ao sueste s. amtre a parte do oriente e do meio dia vam" etc. (c. 63). "Nauegando ao susueste, esto he antre ho meio dia e ho sueste" etc. (L. III, c. 10).

(56) E' a constellação conhecida tambem pelos nomes de Arcturo e de Bootes ou Boieiro. Cf. *Lusiadas*, I. 21, 6, e III, 71, 7.

(57) Fala de Callisto e de Arcade, depois de transformados em constellações. No passo citado das *Met.* II, 409-531, as duas constellações são apenas chamadas *vicina sidera*, sem indicação de nomes.

(58) Veja-se Buchholz, *Die homerischen Realien*, t. I, 1ª parte, p. 38-39.

Na est. 57, 7-8, pondera o Poeta:

> Qualquer então consigo cuida, e nota
> Na gente, e na maneira desusada.
> E como os que na errada seita crêrão,
> Tanto por todo o mundo se estendêrão.

Commentario a 5-6: "Quando a duas partes da oração de regencia differente (v. g. cuidar em algo, notar algo) se liga, menos correctamente (59), uma determinação, pela segunda palavra é que se costuma regular a construcção; neste passo Cam. regulou-a pelo primeiro verbo".

O caso de I, 57, é differente, pois cada um dos verbos tem o seu complemento, com a respectiva construcção: "Cuida... na" e "nota... como". O que aqui temos é uma construcção do eschema *a*), *b*), *a'*), *b'*), em que *a*) se liga directamente com *a'*) e *b*) com *b'*) (60). Veja-se outro exemplo em V, 89, 1-2:

> Ventos soltos lhe finjam e imaginem
> Dos odres, e Calipsos namoradas.

Como se vê, "Dos odres" é complemento de "finjam soltos" e "Calipsos" de "imaginem". Cf. tambem a nota a VI, 18.

E. 61, v. 2. Commentario a "toda sua companhia": "Cam. costuma dizer "todo o", antes de nomes appellativos, quando "todo" equivale a "inteiro";... assim que parece-me que, pelo menos, deve ler-se "todà".

Camões podia empregar ou omittir o artigo, qualquer que fosse a significação de "todo". Cf. as notas a I, 2, 7, e 35, 5.

Commentario a 65, 3 ("Aquelle que criou todo o Emispherio"): "todo o Hemispherio] com o sentido de "todos os hemispherios"; refere-se á esphera celeste e á terrestre; o verso todo corresponde ao *factorem caeli et terrae* do symbolo dos Apostolos".

---

(59) Apesar do que diz o commentario, não faltam *incorrecções* destas nos nossos melhores escriptores. Bastará citar fr. Luiz de Sousa e o padre Vieira. Escreveu o primeiro: "Assi começou a fazer em publico e em particular tudo o que devia a quem era... sem *pretender* nem *tratar* mais que do bem publico" (*Hist. de S Domingos*, 1ª p. l. 2, c. 19). E. Vieira: "Eu (diz Christo) escolhi-vos para a mão direita, e vós por vosso juizo... *pedis* e *faseis instancias* pelo mão esquerda" (*Sermões*, t. I, p. 243, ed. de 1854). "Ouçamos o evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me *levou* e *trouxe de* tão longe" (*Ibid.*, p. 249). Na observação do commentario, confrontada com os textos que acabo de citar, acha-se exemplificada a divergencia que tantas vezes se manifesta, na vida da linguagem, entre o elemento logico e o psycologico.

(60) Uma construcção do typo chiástico [*a*), *b*), *b'*), *a'*)] encontra-se neste passo de Vieira: "Adão na terra, tendo o absoluto dominio de todas as criaturas, não coube nem se contentou com um imperio tão vasto, e em uma corte tão deliciosa como o paraiso" (*Sermões*, ed. cit., t. I, p. 337-338). "Não coube em" e "não se contentou com".

Camões emprega a palavra "hemispherio" com a significação de "mundo", a mesma que tem nestes passos:

> ...Vuestro poderío no es humanal,
> Mas una gran fuerza sobrenatural,
> Que fuerza las fuerzas de nuestro hemisferio.
> Gil Vicente, *Auto das Fadas*.

"(Acheronte) nam queria hospedar sombras a que se devia vingança, te neste nosso hemisferio lhe ser dada" (*Memorial*, p. 173).

E' um caso do emprego da parte pelo todo. A significação do primeiro elemento componente da palavra está desvanecida, por ser grega e pela adjunção de "todo". "Todo o hemispherio" é "todo o mundo", "todo o universo" e, se se quiser, "todos os mundos" (a parte pelo todo e o singular pelo plural).

Em 69, 5, nota-se um trocadilho:

> Nas mostras, & no gesto o não mostrou.

Commentario: "A repetição de palavras etymologicamente affins — "mostras" (= manifestações exteriores), "mostrou" — tem por fim assignalar bem a hypocrisia do xeque de Moçambique".

O que Camões quís foi fazer uso de uma particularidade estilistica muito em voga no seu tempo. "Ao qual (cabo) elle chamou Cabo Verde, por causa da mostra e parecer, com que então se mostrou" (Barros, *Déc.* I, 1, 9). "Todas suas mostras e vestidos mostrauã que sua pessoa"... (*Palmeirim*, t. III, p. 249). "Parece-me que esse vosso parecer nã está isento de servidores" (*Id.*, t. II, p. 123). "Criaua tamanho espanto como sempre cousas... pouco custumadas trazê por custume" (*Ibid.*, p. 143).

No cap. das *Fontes dos Lusiadas*, relativo a Francisco de Mornes, cito ainda mais exemplos deste escriptor, tão lido por Camões ("sua vida era não dar vida"; "em pago vos dá esta paga"; "de sorte que, de qualquer sorte"; "não tenho que elle tenha"; "da vinda que vier"; "peço-vos que peçais"; "desejava ter passado aquelle passo"; "do que passou, passada esta batalha") (61), e accrescento: "Como se explicam estas e outras construcções analogas, muitas das quaes a moderna estilistica abertamente rejeita?... Em uma publicação de Leo Spitzer (62), em que o assumpto é tratado de conformidade, ao menos em parte, com prelecções recentes (1908-1909) do eximio romanista Meyer-Lübke, apresenta-se como uma das causas da repetição de palavras da mesma raiz a impressão esthetica que essa repetição exerce sobre o ouvido. Outra causa é a chamada "lei do menor esforço" ou, como Meyer-Lübke se exprime, a inercia mental, que faz com que, no decurso do periodo, em vez de recorrermos a uma palavra

---

(61) Cf. *Lusiadas*, I, 61, 5-6; II, 50, 4; III, 55, 1-4; 82, 2-4; 91, 6; IV, 66, 3-4; V, 8, 7-8; VI, 56, 4; 89, 1; VII, 23, 5-6; VIII, 24, 8; 58, 6; 78, 1; IX, 81, 8; etc.

(62) *Die Wortbildung als stilistisches Mittel*, Halle a. S., 1910.

nova, para continuar ou completar o pensamento, nos limitamos a repetir um derivado da raiz já empregada. Ás vezes, observa Spitzer, é impossivel distinguir qual das duas causas actuou. E em prova disso cita varios exemplos do t. I do *Romanceiro Português* de Hardung, taes como: "ao doce remar dos remos"; "as rezas que eu lhe rezo"; "sete fadas me fadaram, sete bruxas me bruxaram" (63).

Como é facil de ver, as frases caracterizadas pela repetição de palavras da mesma raiz, emquanto teem a sua origem na inercia mental e na pobreza do vocabulario, embora conseguissem ser moda durante certo tempo e ter entrada, por esse facto, nas obras dos melhores escriptores, estavam por sua natureza condemnadas a ser postas de parte, perante os progressos da arte de escrever.

E foi o que aconteceu.

Na est. 72, o Poeta, depois de ter contado anteriormente (est. 61) como o xeque de Moçambique foi a bordo, elle "e toda sua companhia", para ver Vasco da Gama, e depois de dizer que, tendo notado tudo, se partiu "co a companhia", prosegue:

> Cortârão os bateis a curta via
> Das agoas de Neptuno, e recebido
> Na terra do obsequente ajuntamento,
> Se foi o Mouro ao cognito apousento.

Que "ajuntamento" é este? O commentario diz que a palavra "designa aqui os mouros que na praia aguardavam o xeque" e dá ao epitheto "obsequente" a significação de "cheio de acatamento".

Castanheda, a fonte do Poeta, só fala na comitiva que foi para o mar, isto é, na "companhia" das est. 61, 2, e 72, 1. "Chegou (o çoltão á frota) acõpanhado de muyta gente e toda bẽ atauiada de panos de seda" (L. I, c. 6). Ora "esta muita gente", esta "companhia", não pode tambem deixar de ser o "obsequente (64) ajuntamento" do v. 7. "Despedido (i. é, despedindo-se) das naos" (v. 2), o xeque devia agora fazer o mesmo da "sua comitiva", da "muita gente", que com elle tinha ido visitar os recêm-chegados.

Mas como explicar o "recebido" do v. 7°? A meu ver, no manuscripto do Poeta lia-se o participio "despedido", que já estava no v. 2.° Como era o primeiro caso que apparecia de rima de palavras identicas (65), a

---

(63) No primeiro destes exemplos nota Spitzer o effeito onomatopaico, casual ou intencional; no segundo, a commodidade da expressão; no terceiro e quarto, uma ingenua estilização da vida, pois pergunta, "que outra cousa hão de fazer as fadas senão fadar, e as bruxas, senão bruxar"

(64) "Obsequente", no sentido proprio e não no translato. Toda a gente de importancia teria ido para o mar, em companhia do xeque; na praia não teriam ficado pessoas de categoria, de quem elle se despedisse, antes de se retirar para o "cognito apousento". Dos que foram com elle é que era natural o fizesse.

(65) Cf. I, 81, 1 e 5; IV, 102, 3 e 5; VI, 56, 2 e 6; VII, 59, 2 e 4; VIII, 94, 4 e 6. Como se pode verificar, ha aqui rimas identicas apenas phoneticamente, umas, e phonetica e morphologicamente, outras. E nisto imitava o Poeta, não digo já os nossos antigos *Cancioneiros*, mas artistas do verso como Dante

mão caritativa que em I, 6, 7, mudou o *os* em *o*, com o resultado que se viu, teria tambem aqui alterado o texto original. E com a mesma felicidade.

Na est. 75 Baccho pergunta a si proprio:

> Mas asse (66) de soffrer que o Fado desse
> A tam poucos tamanho esforço, & arte,
> Queu co gram Macedonio, & Romano,
> Demos lugar ao nome Lusitano?

No penultimo verso o commentador lê: "e o Romano" e adverte que a ed. de 1613 escreveu "e co Rom." (67).

No tempo de Camões a cada passo se omittia no segundo membro de uma clausula o artigo ou pronome, a preposição e ás vezes, como aqui, a preposição e o artigo, expressos no primeiro membro. "Beroldo e Floramã se encontrarã cõ o principe Arjelao e rey de Bitinia, todos forã a terra" (*Palmeirim*, III, p. 368). E' exactamente o mesmo caso dos *Lusiadas*: "e rey" = "e co rey". "Hião espantados e tristes pelo muito tempo que auia que de Costantinopla sayrã, e pouco qu'ã sua viage arrecadauam" (*Id.*, I, p. 94). "O soldã de Babilonia e Persia juntauã grande exercito" (*Ibid.* p. 303). "E cõ sua yda e de Mayortes se aluoroçarã muito" (p. 341). "De que no imperador e os de sua corte auia tamanho sentimento" (III, p. 304). "Na corte do imperador e Espanha o seruira" (p. 307). Cf. a omissão do artigo em I, 55, 2, e VIII, 20, 4, a da preposição em I, 51, 2, e a nota a I, 90, 7.

Na est. 82, 1-4, diz o Poeta:

> Tanto que estas palavras acabou
> O Mouro, nos tais casos sabio e velho,
> Os braços pelo collo lhe lançou,
> Agradecendo muito o tal conselho.

Commentario: "O Mouro nos tais casos sabio e velho" parece não poder ser senão o "Mouro em Moçambique conhecido, velho, sabio, e co Xeque mui valido da est. 77".

O "parece" não tem aqui razão de ser, pois o "Mouro" do 2.º verso é, e não pode deixar de ser, o da referida est. 77. "Sendo assim (con-

---

e Ariosto. Sobre as rimas identicas nos Cancioneiros da Ajuda e de D. Dinis, cf. Lang, no *Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, p. CXXV, e na *Zeitschrift* de Gröber, vol. 32, p. 159 e v. 36, p. 607. No *Cancioneiro geral* tambem não é difficil colher exemplos. A respeito de Sá de Miranda, veja-se a ed. da sra. d. Carolina Michaëlis, p. CXXIV. Na *Divina Comedia*, cf. *Purgatorio*, XX, 65, 67, 69, *Paraiso*, XX, 94, 96, 98; etc. No extremo opposto temos as rimas incompletas, de que ha varios casos nos *Lusiadas*. Cf. IV, 32, 7-8; VII, 77, 2, 4, 6; X, 88, 2, 4, 6; 128, 2, 4, 6.

(66) Esta graphia, por "ha-se", não é rara no tempo do Poeta. Cf. em II, 32, "ahi" por "ha hi".

(67) A supposta correcção já se encontra na ed. de 1612.

tinua o commentario) "o Mouro" o sujeito de "acabou", tem de subentender-se (como diz F. e Sousa) "o xeque" para sujeito da oração principal que se segue".

Mas não ha duvida que é assim e seria escusado invocar a autoridade de F. e Sousa com relação ao sujeito de "lançou".

E conclue: "Semelhante mudança de sujeito, dura sem duvida, não occorre só neste passo dos *Lusiadas* e não deixa de ter casos parallelos nos escriptores latinos" (seguem-se dois passos de Tito Livio).

A mudança repentina de sujeito occorre effectivamente em outros passos dos *Lusiadas* (68) e é frequente nos nossos melhores escriptores que antecederam o predominio da chamada disciplina grammatical (69). Aos exemplos que citei nas *Observações*, p. 38, accrescentarei mais dois do *Palmeirim*: "(Dom Duardos) soltando a redea ao cavallo o guiou pera aquella parte aonde a fortuna tinha ordenado" (T. I, p. 5). O sujeito de "guiou", como se vê pelo contexto, é o subentendido "este", sc. "cavallo" (70). "Palmeirim se leuantou e chamando Seluiam, que na mesma casa dormia, lhe deu de vestir e o ajudou armar". (T. II, p. 182). E' manifesto que ha tambem aqui um salto na construcção, pois não foi Palmeirim que deu de vestir e ajudou a armar o escudeiro, mas sim este áquelle.

Estas construcções só se usavam, como é facil de suppor, quando o sentido não deixava duvida nenhuma sobre a necessidade de recorrer a outro sujeito differente do que a leitura desattenta levaria a admittir. E foram a principio meramente espontaneas, devidas a uma transição que se fazia mentalmente, mas deixava de ser expressa por meio de palavras. Veio depois a grammatica e não viu com bons olhos esta omissão do novo sujeito, que julgou attentatoria das suas regras (71).

---

(68) E' curioso que o commentario não cita especificadamente nenhum passo do poema. Quando chega a outro caso typico (I, 95, 5-8), appella para a grammatica, afim de o não reconhecer. E a proposito de VI, 14, 5, em que o sujeito de "recebe" não é "Lyeo", mas "Neptuno", representado pelo subentendido "este", não faz a menor observação. E' o raciocinio a não querer reconhecer os factos.

(69) Eram principalmente passos destes escriptores os que deviam ser adduzidos, para explicar e justificar a construcção usada pelo Poeta.

(70) Cf. *ibid*, p. 161: "E assi coestes pensamentos, ora triste, e outrora mais triste, caminhaua por onde o cauallo queria."

(71) Tem analoga origem psycologica a passagem das orações subordinadas para orações principaes coordenadas, de que temos um caso typico em II, 82, 1-4:

> Mas tu em quem mui certo confiamos
> Acharse mais verdade, ó Rei benigno,
> E aquella certa ajuda *em ti* esperamos
> Que teve o perdido Itaco em Alcino...

"E... em ti" por: "E... em quem".
Cf. este passo da *Vingança de Agamenom*, p. 102:

> O' poderoso senhor,
> que o justo demandar
> concedes ao pecador,
> e de ti desconfiar
> he muy iniquo error!

"E de ti" = "e de quem", como nos *Lusiadas*. Veja-se ainda nestes VI, 3, 2 ("o fresco", por: "que o fresco"), 80, 4 ("Ora com", por: "Ora que com"), IX, 75, 4 ("Mas sempre", por: "Mas que sempre").

Em 84, 3, lê-se:

Quando Gama cos seus determinava...

Commentario: "Quando Gama (= Quand'o Gama; por falta de espaço; a ed. de 1663 já tem "Quando o G.")".

Não foi a falta de espaço que fez omittir o artigo. Para disso nos convencermos, basta confrontar, na edição *princeps*, este verso com outros da mesma pag., especialmente com o 3° da est. 86. Camões quís deixar exemplificada a fusão dos dois "oo", que não raro se encontra nas obras portuguesas que elle compulsava. Alguns exemplos.

Nam a hy nenhũa cosa
em que se graça nam meta,
prouo pela chançeleta
que meteo Pero de sousa.

Canc. Geral, I, p. 39.

"Cuidaram desfazelo e *tomando* em meyo ho acometiam per todas partes". (*Memorial*, p. 37). "Dezia qu'ẽ seu nome queria auenturar sua pessoa, *segundo* estilo da postura" (*Palmeirim*, t. III, p. 71). "Já em seu *tempo* Satirico (72) se quexava que por falta de Mecenas nam auia Flacos e Marões" (*Eufrosina*, p. 260, ed. de 1918). Cf. nos *Lusiadas*, III, 120, 2; IV, 28, 5; V, 87, 7. A mesma fusão se dá com os *aa*. Cf. VIII, 32, 5-6.

Em 86, escreveu o Poeta:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embarçado (73), e de azagaya,
Outro de arco encuruado e seta eruada:
Esperão que a guerreira gente saya,
Outros muytos ja postos em cillada (74).

Commentario a este ultimo verso: "No português antigo não existia a regra de não se collocar o sujeito antes do participio nas construcções correspondentes aos ablativos absolutos latinos".

E' verdade, e não faltam disto exemplos nos *Lusiadas* (Cf. I, 95, 1-5; II, 106, 5; V, 37, 4; VII, 55, 1; IX, 9, 5; etc.); mas aqui trata-se antes de uma oração principal de participio perfeito. "Os Mouros, uns, andando pela praia, como que a desafiar os portugueses, esperam que elles saiam; outros já (estão) postos em cilada". São duas orações coordenadas (75).

---

(72) O "Satirico" é Marcial. Cf. L. I, 107:

Otia da nobis, sed qualia fecerat olim
Mæcenas Flacco Vergilioque suo.

(73) O commentario emenda: "embraçado", accrescentando que "a correcção é já antiga". Mas, cf. por ex.: "agardeça" em V, 99, 1; etc.

(74) E' frequente no sec. XVI a duplicação do *l* medial, não pedida pela etymologia. Cf. *vellas* (I, 10, 4); *elloquentes* (VII, 33, 6); etc.

(75) Cf. I, 103, 3, II, 94, 7-8 e VI, 39, 5. Do primeiro passo diz o commentario que se subentende o verbo "estava" do verso 1°. Acêrca de VI, 39, 5 veja-se a respectiva nota.

Este uso do participio perfeito é corrente nos nossos artigos classicos, que o herdaram dos latinos (76). "E *chegada* a mercadoria a terra e *entregue* ao Catual, e assi Diogo Diaz, que ficava por feitor: e Aluaro de Braga por seu escrivão: e foisse Vasco da gama aos navios e não quis mais mandar" (Castanheda, l. I, c. 22). "Mas depois que de sua doença foi convalecendo, *apartada* de todalas cousas, que por algũa via lhe podiã dar contentamento, e se desacupaua da outra gente, porque soo podesse milhor cuydar no seu dom Duardos" (*Palmeirim*, t. I, p. 23). "(O emperador) desejaua sayr ao campo e ver o que lhe a hidade negaua. *Metido* em hũas andas em companhia da emperatriz e das princesas, que entam auia em sua casa, e sayo fora com muyto aluoroço" (*Id.*, t. III, p. 213-214). "Tomando a ilha... perto de hum bosque em que Guirmenides tinha hum nobre assento de sua recreação, *passados* tres dias em que descansaram do trabalho do mar, e no quarto disse Guirmenides a Fidomflor que se leixasse estar ali" etc. (*Memorial*, p. 213).

Como o participio imperfeito pode exercer as mesmas funcções de verbo da oração principal, acontece ás vezes encontrarem-se os dois juntos, devendo um delles ficar subordinado ao outro. "Desta maneira cada um passaua outras rezões com quem lhe dezia o desejo, quẽ nam achaua com quem as passar, *ocupada* a fantesia em todas partes, não *sabendo* onde a afirmasse" (*Palmeirim*, t. II, p. 420). E' o que acontece tambem com a est. 16 do c. IX, que constitue por si só um todo, grammaticalmente independente da estancia seguinte (77), devendo, portanto, um dos quatro participios ("Apartadas", v. 1; "levando", v. 2; "levando", v. 5; "cometendo", v. 7) exprimir o pensamento dominante.

---

(76) E' um caso das chamadas orações nominaes, sem verbo no modo finito. "Em todas as epocas da historia das linguas indo-européas se formaram orações sem verbo finito." Brugmann, *Grundriss des vergleichenden Grammatik der indogermaniechen Sprachen*, 2ª v., 2ª p., § 461 (ed. de 1892). "Um dos erros que correm a respeito da natureza da proposição é que ella deve conter um verbo finito. Ligações de palavras como — *Omnia praeclara rara, summum jus summa injuria, edia forca!, Eu, um impostor! Eu agradecer-te!* —, são tão boas orações como *O homem vive, Elle está morto*. H. Paul, *Prinzipien der Sprachwissenschaft*, p. 110, ed. de 1898. (Substituí o alemão *Träume Schäume (sonhos espumas)* pela resposta sacudida que na *Eufrosina*, p. 45. dá Cariópilo a Philtra, quando esta se queixa delle: "com quanto o sirvo como todo o mundo sabe, nunca me veram hũa sáia melhorada." "Sáia, forca"! acode logo o cynico e pouco endinheirado requestador).

Barone *(La frase nominale pura in Plauto e in Terenzio*, Roma 1903) especifica dez typos de orações nominaes, sendo um delles, o primeiro, o "omnia praeclara rara", e outro, o dos adjectivos verbaes em *-no* e *-to* E' neste que entram os nossos participios perfeitos das frases que ficam transcriptas. Do penultimo typo — o das orações relativas — cito no texto um exemplo de Tacito. As orações nominaes, muito frequentes nos mais antigos monumentos literarios das linguas indo-européas, foram diminuindo com a preponderancia do elemento logico na linguagem, com a racionalização desta. E' possivel que numa phase primitiva tambem no indo-europeu se usassem as frases do typo "minhas lagrimas", "tuas lagrimas", "suas lagrimas", por "eu choro", "tu choras" etc. Cf. sobre a evolução das formas verbaes a *Völkerpsychologie* de Wundt, v. I, p. 2ª, p. 135 e segg. (2ª ed.).

Sirvo-me do resumo da monographia de Barone, publicado por Meltze na *Berliner philol. Wochenschrift* de 1910, p. 1632-3.

(77) O commentario suppõe que a est. 16 contêm apenas complementos circumstanciaes da est. 17, pois colloca uma virgula no fim daquella; mas os conceitos nella expressos são independentes: Os portugueses põem-se a caminho para Lisboa; metendo-se outra vez aos perigos do mar (est. 16); o prazer de chegar á patria e de receberem o premio de seus trabalhos enche-os de alegria.

E' vulgarissimo no latim o participio perfeito como verbo de orações finitas. E se nós perdemos a noção disto, pelo habito em que estamos de subentender uma forma finita do verbo *sum*, os nossos antigos escriptores é que ainda a conservavam viva, como se vê pelos exemplos que ficam citados. Sobre o assumpto transcrevo das *Notas para uma edição critica e commentada dos Lusiadas* (78): "A leitura de Tito Livio e de Tacito ministra-nos uma abundante colheita destas orações, o que não quer dizer que ellas não appareçam tambem em outros escriptores" (79). Assim, o passo de Tito Livio, VI, 15: — "Ubi inde quoque novus clamor ortus, et tendere obliquo monte ad castra visi sunt" — qualquer dos nossos melhores classicos do sec. XVI o poderia traduzir á letra: "*tendo-se levantado* um novo clamor, e foram vistos dirigir-se". Tacito começa desta maneira um cap. dos *Annaes* (I, 8): "Nihil primo senatus die agi passus (80) nisi de supremis Augusti". *Passus, tendo consentido*, é que representa o verbo da oração principal. E na mesma obra, II, 60, lê-se: "Condidere id (oppidum) Spartani... qua tempestate Menelaus... ad mare terramque Libyam deiectus". Aqui temos tambem o participio "deiectus" a servir de verbo de uma oração relativa: no tempo em que "arremessado".

Em 89, 2, o commentario emenda "artilheria", como se lê na 1.ª ed., para "artilharia", e pondera: "a pronuncia e graphia daquelle tempo era com "a".

Não faltam nos melhores escriptores contemporaneos do Poeta exemplos da graphia com "e" neste suffixo. E daqui podemos inferir que tambem se usava a respectiva pronuncia. "Esta he a cavaleria, esta he a honra" etc. (*Eufrosina*, p. 301). E no *Memorial*: "alcayderias", p. 5; "cavaleria", p. 7, etc. "Estauam tã contentes de ver as cauallerias de seus filhos, que todo o al esquecerã" (*Palmeirim*, t. I, p. 74). Na p. 79 outra vez "cauallería" e "chaperia"; etc.

Não ha, portanto, razão nenhuma para fazer a emenda. E' o caso de assimilação de que se occupa J. Cornu no § 82 da sua *Gram. der port. Sprache*: *e-i* (*i-i*) = *a-i*:... *paderia* = *padaria*,... *fantesia*, *fantisia* = *fantasia*".

Annotando a est. 90, 7-8:

> Já blasfema da guerra e maldizia
> O velho inerte e a mãi que o filho cria,

observa o commentario: "da guerra] pertence para ambos os verbos entre que está interposto".

---

(78) V. *Boletim da classe de letras da Academia das Sciencias de Lisboa*, v. XIII. Este trabalho será citado pela palavra *Notas*.

(79) Cf. por ex., Draeger, *Historische Syntax der lateinischen Sprache*, § 115 e seg.; Lindsay, *Syntax of Plautus*, p. 55-56; *Baehrens, Ueber den Nominativus absolutus*, na *Glotta*, IV, p. 266.

(80) Draeger, citando as palavras de Tacito até *passus*, accrescenta: (sc. *est*; o leitor espera que se siga uma oração principal, e só depois é que nota que *passus* é um verbo finito)"

E' uma construcção semelhante á de IV, 46, 6, em que se subentende *as* a seguir ao *E*, e á de V. 88, 2, em que não se acha expresso o pronome *os* antes de "encarêção". Está, portanto, "e maldizia" por "e a m." "Este caualleiro... assi se lhe cerrou o juyzo e desemparou a rezã que" etc. (*Palmeirim*, t. III, p. 265). "Como sua fermosura e d'Altea não fossem iguaes, muy prestes" etc. (*Id.*, t. I, p. 153). Cf. a nota a I, 75, 7.

A proposito de 91, 5 ("a ilha e todo o mais desemparando") diz o commentario: "O mais] está substantivamente, e assim liga-se-lhe o adjectivo "todo" (se não ha, o que me parece mais provavel, erro typographico em vez de "tudo"; Cf. I, 3, 7; 97, 6; II, 102, 2)".

No sec. XVI era corrente o uso de "todo", antes da forma substantivada dos pronomes (81). "*Todo* isto fazia a vitoria tão triste, que nam auia quem a desejasse" (*Palmeirim*, t. III, p. 410). "*Todo* o al esquecerã" (*Id.*, t. I, p. 74). "Queria favorecelo em *todo* o que podesse" (Castanheda, l. II, c. 53).

Do latim — *toto* — veio primeiro o "todo" adjectivo e forma substantivada, expressos pela mesma palavra, como no espanhol, francês, etc. (82). Depois appareceu o "tudo" para a funcção substantiva, mas no sec. XVI ainda não estava fixada a distinção que hoje fazemos, ainda se empregava "todo" por "tudo" e vice-versa (83). Assim, por ex., na *Eufrosina*, a par de "nam he ouro *todo* o que reluz" (p. 38-39), lê-se tambem: "Nem ha mais galanteria em *tudo* mundo que a sua?" (p. 142). "Se vem a mão, andalo ha dizendo a *tudo* o mundo" (p. 147). E no *Memorial*, p. 98: "gente... pera *tudo* constraste".

Na est. 95 conta o Poeta:

> O Capitão, que ja lhe entam conuinha
> Tornar a seu caminho acostumado,
> .....
> Recebendo o Piloto que lhe vinha,
> Foi delle alegremente agasalhado:
> E respondendo ao mensageiro, a tento
> Aas vellas (84) manda dar ao largo vento.

Commentario: "A grammatica exige que seja "O Capitão" sujeito da "foi agasalhado"; mas se for tomado no seu sentido usual (de: ser acolhido, ser recebido, como em VI, 25), tem este verbo de referir-se ao piloto e não ao capitão, e por isso o morgado de Mattheus pôs entre parentheses o 6º verso... Semelhante interpretação, porém, torna desajeitadissima a

---

(81) E' o que acontece com "o mais" deste passo. Hoje dizemos "tudo o mais", como "tudo o que", "tudo isto", etc. Mas "todo o mais povo" etc.

(82) Cf. J. Cornu, *Gram.* cit., § 24: "*tôdo* (neutro *tudo*, anteriormente *tôdo*, como o masculino)".

(83) Subsistem ainda vestigios desta phase na locução adverbial "de todo", a par de "em tudo".

(84) Cf. a nota a I, 86, 6.

construcção do periodo e ociosa a observação contida naquelle verso. Creio, pois, que ha de entender-se que o Poeta empregou o verbo "agasalhar" no sentido geral (de que todavia não conheço outro exemplo) de "encarar, de tal ou tal modo, a pessoa com quem nos avistamos". E cumpre notar que V. da Gama, tendo mandado pedir um piloto (I, 85), não havia de recebê-lo com má sombra; ao passo que não é superfluo memorar o Poeta, que o piloto, que vinha com muito más tenções, se mostrou contente, para assim justificar a confiança que nelle teve V. da Gama (I, 96, 5-8) e todas as mais pessoas que iam na armada (I, 97, 7-8)".

Apesar das "exigencias" attribuidas á grammatica, o sujeito de "foi agasalhado" não é o "Capitão", mas sim "o piloto" do verso anterior, representado pelo subentendido "este". E' mais um caso de mudança de sujeito (Cf. a nota a I, 82, 1-4), motivada aqui pela construcção passiva dada á frase. Não é o piloto que "agasalha" o capitão; é este que recebe com modo alegre quem tanta falta lhe fazia, para poder levar a bom termo a sua tão arriscada empresa. "Vasco da Gamma (diz Barros, *Déc.* I, 4, 3) vendo q̄ o tempo não era pera muitas replicas, & maes lhe conuinha o piloto q̄ outra algũa emenda delles, cõ palauras conformes ao caso (85) acceptou o piloto." O Poeta mudou para a passiva o "acceptou" e parafraseou-o como as circumstancias o autorizavam a fazê-lo.

Emquanto á construcção do participio "Recebendo" com o sujeito antes, cf. a nota a I, 86.

No ultimo verso desta est. o commentario lê "As velas", sem notar que isto é uma correcção do texto das primeiras edições: "Aas v." (86).

Mas tanto aqui, como em I, 99, 7 ("Aa Moçambique"), VIII, 73, 2 ("à Fortuna"), 98, 7 (ás ciencias") (87), quís Camões deixar exemplificado o uso do *a* aberto (artigo ou preposição), tão frequente em alguns dos nossos escriptores do sec. XVI. Transcrevo das *Notas*, c. IV: "Logo no c. 1.º do *Memorial* (ed. de 1567) se lê: "Alem da tal memoria á curiosos ser aprazivel... Quanto á toda pessoa diuido... Obrigados á manterdes lealdade... Castigar á quem de palavra... Ordenou á ordem dos da Távola redonda, em que igualmente comiam com elle"... etc. E nas *Décadas* de Barros, 1.ª ed.: I, 1, 1: "Em todas estas (terras) elle e seu filho... verterá seu sangue por ás ganhar... Martires á dilatam e estendem per todo o mundo... Offerecem suas vidas á Deus" etc. E no *Palmeirim*: "Pera entã quero o caualleiro por companheiro, antes que esperar aa cortezia que co'elle o grã turco querera usar" (t. II, p. 445)." (88)

---

(85) E' o "respondendo a tento" dos *Lusiadas*.

(86) A emenda apparece na ed. de 1591.

(87) E' duvidoso o caso de VII, 9, 3 ("se dão aa morte"), por causa de III, 137, 7, e do latim "leto dari".

(88) O *a* aberto brasileiro em "Vou hoje á Braga" etc. é de certo o legitimo representante deste á do seculo XVI. Sendo assim, não podia ter mais nobre ascendencia.

Como era de suppor, tambem o artigo masculino com pronuncia accentuada apparece em dois passos dos *Lusiadas*:

> Numca com Semirâmis gente tanta
> Veio ôs (89) campos Ydaspicos enchendo.
> (III, 100).
> Ali no bico traz ao caro ninho
> O mantimento ô (90) leve passarinho.
> (IX, 63).

Em Barros, logo na epigraphe do cap. I da *Déc.* I leu o Poeta: "Como os mouros vieram tomár Espanha: & depois que Portugal foi intitulâdo êm reyno, os reys delle ôs lançâram alem mâr, onde ôs foram conquistar". E no corpo do cap.: "Primeiro que per elles castigasse Espanha, ôs quis castigar na sua heresia... E porque quando ô aleuantaram per seu calyfa" etc. (91).

Para confronto, reproduzo algumas frases do prologo dos *Cantares gallegos* da illustre poetisa d. Rosalía de Castro (Madrid, 1909): "Si así ô podemos decir"... Nás máis ilustradissimas provincias... Máis he aqui qu'ô mais triste nesta cuestión é á falsedade con que... fora d'aquí pintan así ôs filhos de Galicia com'á Galicia, a quen xeneralmente xuzgan ô máis despreciable e feyo d'Espâna".

O commentario a 99, 7, diz: "Á Moçambique] expressão abreviada por: á ilha Moçambique, á ilha de M." (92) A proposito de VIII, 73, 2 (*á Fortuna*), considera "mais provavel que o accento do *a* seja erro typographico". E emquanto a VIII, 98, 7:

Este deprava as vezes ás ciencias,

affirma que "houve troca na collocação do accento".

A respeito de "as vezes" = "ás vezes", cf. a nota a VIII, 98.

Na est. 97, falando do piloto mouro que V. da Gama tinha tomado em Moçambique e com quem, sem lhe conhecer as pérfidas intenções, se ia informando

---

(89) O commentario emenda "os", sem fazer qualquer observação.

(90) O commentario não indica a lição "ô".

(91) Em Barros estes accentos circumflexos teem o vértice sobre a letra.

(92) Cf. estes passos da *Ulyssippo*, ed. de 1787: "E inda mal, porque não imos á Marrocos derrocar nesses perros como em naboe" (p. 272-273). "Esse rapaz prometouos que eu o contramine, & mande nestas companhias que vão de soldados à Mazagão' (p. 298). A p. 364 lê-se "Pareceuos á *vos* que conheço eu molheres?" e pouco antes "Bem dizem que o leão *as vezes* he manjar de pequenas aues". O "á" por "a" é tão frequente como o "a" por "á". O escudo que tomastes a donzella, deuies torna lho" (por: *deuieis tornarlho*). *Palmeirim*, I, p. 84. "A hũa parte estaua hum caualleiro... e encostadas *as* aruores algumas lanças" (*Ibid.*, p. 126). "Deu fim *as* palauras" (T. III, p. 109). "O caualleiro... se chegou *as* damas (*Ibid.*, p. 118.). "Erã leuados a cidade" (p. 301).

Da India toda e costas que passava,

diz o Poeta:

Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

Commentario a 7-8: "A razão contida nestes dois versos pertence logicamente não para o verbo "declara", mas para o verbo da oração subordinada "pede".

Se o texto offerecesse alguma difficuldade, não era com estas palavras que elle ficaria explanado.

A oração dos vv. 7-8 não é causal, é consecutiva. O que o Poeta diz é que o piloto dava todas as explicações que lhe pedia V. da Gama, "de modo que", confiando nelle, de nada a gente se temia. A conjunção é da mesma categoria da que vae sublinhada neste passo do *Palmeirim* (I, p. 15): "(Pridos) foy tã triste cõ este pensamento, que, desacordado de si cõ os olhos cheos dagoa e as redeas sobre o collo do cauallo, dizendo (93) mil magoas ao longo das concauidades, que o mar tinha feitas, *que* retumbando dentro o toõ com que as dezia, parecia que ellas o ajudauam a sentir sua paixam com as mesmas palauras com que se elle queixaua".

Na est. 104 observa o Poeta que o rei de Mombaça, quando os portugueses ali chegaram, já sabia quem elles eram,

Que Baco muito de antes o auisara
Na forma de outro Mouro que tomàra.

Commentario: "outro Mouro] "outro" com respeito áquelle de que se fala em I, 77, 5-8".

Mas neste caso bastaria dizer "um Mouro", pois a terra já não é a mesma e já se meteram de permeio muitos acontecimentos. Não haveria por isso necessidade de alludir ao supposto mouro de Moçambique.

A meu ver, trata-se de um emprego especial daquelle pronome, de que não faltam exemplos. "Trazia uestida... hũa marlota azul cõ barras d'ouro de martello... e em roda,... laurada de fio d'ouro,... hũa montaria de veados e caça *d'outras* aues" (*Palmeirim*). "*Outras* aues", como se os veados tambem pertencessem áquella especie de animaes. "Outro mouro", como se Baccho tambem o fosse. "Finge colher flores ou outras hervas" (*Memorial*, p. 261).

---

(93) Está o participio "dizendo" por "dizia". Cf. a nota a I, 86, e a II, 27-28. Com intervallo de poucas palavras apparecem as duas graphias "dizendo" e "dezia", que tambem se encontram nos *Lusiadas*. O commentario a I, 30, 1, observa que "é difficil decidir se Cam. escrevia de um ou de outro modo ou se a escripta com *e* provém do typographo". A este respeito cf. a nota a I, 35, 3.

No grego, a começar em Homero, encontra-se bastantes vezes o *állos* (=*alius*) assim usado. Dois exemplos da *Odysséa*: "Com Nausica (a filha do rei) iam as outras criadas" (VI, 85) (94); "Ulysses e outros Pheacios" (VIII, 367-368) (95). E outros dois de Platão: "E ás pedras e á terra e aos outros animaes e plantas" (*Phaedon*, 110 E.) (96) "Pelos cidadãos e pelos outros estranjeiros" (*Gorgias*, 473, C, 7). (97)

Como se vê pelos commentarios transcriptos nas notas, a difficuldade proveniente deste emprego do pronome *outro* tem sido antes cortada, do que resolvida. O que ha nestas construcções é uma passagem repentina do conceito generico que se ia enunciar — e a isso era destinado o pronome — para uma especie nelle contida e que era precisamente aquella que se tinha na mente. "Baccho tomou a figura de outra pessoa, que era um mouro". Daqui, por contaminação: "Baccho tomou a figura de outro mouro". Cf. a nota I, 18.

Saltos analogos temos na passagem da oração subordinada para oração principal (cf. a nota a I, 82), na mudança de sujeito (*ibid.*), na transição do estilo indirecto para o directo: (98) etc.

No latim, além das frases do typo "mus aliave quae bestia", em que o "alia" contrapõe o genero á especie, algumas ha em que a opposição se faz *Uberiore ratione*, como se exprime o *Thesaurus* (v. *Alius*, I, 1625): "*Uberiore ratione interdum* (alius) *iis substantivis additur quae neque ut synonymum neque ut notiones generales aliis opponuntur*". Ex.: "*equi aevom notabis* (*et*) *alias artes*. (99) Note-se que, em vez da forma negativa (*quae neque*), seria mais clara a positiva: o *alius* junta-se a substantivos que, em vez do genero, designam uma especie.

---

(94) O *Lexicon Homericum* de Ebeling traduz: *praterea anodlia*, e Faesi commenta: "*as outras*, aqui, é como que um adverbio, *além disso*".

O poeta ia a dizer: *outras mulheres*, mas como estas eram as criadas, passou do genero para a especie, que ficou assim a substituir aquelle, com o apparente absurdo de fazer da filha de Alcino uma criada.

(95) Isto é: Ulysses e os outros *ouvintes* do aedo, que eram os Pheacios.

(96) Commentario de Burnet (Oxford, 1911): "to animals and plants besides." E o de Ferrai, (Turim, 1888): "e agli animali d'ogni specie."

O philosopho tinha na mente: *e aos outros seres*, mas depois especificou-os, deixando ficar o pronome, que requeria a indicação do genero, em que se achavam incluidos os entes já enumerados.

(97) Commentario de Sommer (Paris, Hachette): "Les autres (savoir) les étrangers. L'adjectif *állon* a donc ici et dans les autres locutions analogues une valeur à peu près adverbiale: d'autre part, de plus." Da substituição da especie — *estranjeiros* — em vez do genero — *habitantes da cidade* —, e da conservação do pronome, resulta que o individuo ou especie primeiramente mencionada fica paradoxalmente fazendo parte da segunda especie, que assume, por causa do pronome, a categoria de genero, com relação a ella.

(98) "Preguntando (Palmeirim) ao caualleiro... se havia no castello mais que fazer, lhe disse que si, mas que parelle já lhe não parecia que nenhũa cousa podia ser muita, porque *vi em vos* o que doutro nã esperaua" *Palmeirim, I*, p. 392.

(99) Não é difficil ver um hellenismo em construcções destas. E' o que faz, por ex., Monro, no seu classico commentario ao poema de Lucrecio, ao interpretar o passo de I, 116, onde o famoso poeta-philosopho, depois de dizer que não sabemos se a alma morre com o corpo, ou se vae para o Orco, refere, por estas palavras, outra hypothese: *an pecudes alius divinitus insinuet se*. O exemplo não é tão typico como os que ficam citados dos escriptores gregos. Em todo o caso, o commentador inglês observa: "*pecudes alius* seemes clearly a *Grecism*" (p. 42)

Na est. 105, 6, exclama Camões:

O (100) caminho de vida nunca certo.

O commentario aceita a correcção *da vida*, proveniente da ed. de 1631. Mas não pode haver duvida que o Poeta escreveu: "de vida". Cf. X, 16, 5:

Fará que os seus de vida pouco escassos
Cometam o Pacheco...

E com a palavra *morte*, cf. X, 127:

A gente delle crê como indiscreta
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte. (101)

No *Palmeirim* leu Camões: "Dramusiando quasi desesperado de vida, começou a ter aquelle feito em mais" (t. III, p. 301). Cf. no prologo da *Ulysippo*: "Os Poetas... ordenarão a comedia noua, mais comedida,... huma imitação de vida" etc. (p. 10 da ed. de 1787).

O commentario faz a emenda em I, 105, e X, 16, mas não em X, 127. Todavia a razão seria a mesma. Emquanto a IV, 62, 4, v. a respectiva nota.

JOSÉ MARIA RODRIGUES.

---

(100) Sobre a accentuação rudimentar da 1ª ed. dos *Lusiadas*, cf. a introducção, p. XXV, á ed. facsimilada da Bibliotheca Nacional. A interjeição *ó*, umas vezes não tem accento, outras vezes apresenta um dos tres.

Do *Palmeirim*, I, p. 413: "Chamou Armello seu escudeiro... e começou dize lhe (por *dizer lhe*). O Armello, este he o galardã" etc. E a p 497: "O destruydor de meu sangue, trabalha por defenderte" etc. Outras vezes, como nos *Lusiadas*, a interjeição está accentuada.

(101) Veja-se no *Canc. geral* II, p. 217:

Farey vyda tal, que morte
me deseje cada dya.

E em V, p. 233:

Eu me faço logo prestes
pera morte.

V. tambem Castanheda: "tão valentes homens que tinhão ousadia para se defenderē ate morte" (t. II, c. 41).

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

II

ANNOTAÇÕES Á 2.ª EDIÇÃO DO PROF. EPIPHANIO DIAS

CANTO II

Referindo-se ao sol que chegava ao occaso, diz o Poeta na est. 1.ª:

E da casa maritima secreta
Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrindo.

Commentario: "Do deus Nocturno (a chamada "estrella da tarde") fala Plauto no *Amphitryão* (I, 1, 116), comedia imitada por Camões".

O "Nocturnus" de Plauto (1) e o "Deos Nocturno" de Camões não é a "estrella da tarde", o "véspero" de III, 115, 3. Era uma divindade especial, que presidia á noite e em honra de quem existe ainda mais de uma inscripção, com os dizeres: "Nocturno sacrum". (2) Tambem delle faz menção Ariosto, no *Orlando Furioso* (XLV, 102):

Ma poi che dentro alle Cimmerie grotte
Con l'ombre sue Notturno fu rimesso... (3)

E' verdade que no *Lexicon* de Forcellini e De-Vit se lê: "Hic Deus videtur esse Lucifer, qui vesperi oriens noctem fert... Quo pertinet illud Statii, 6, *Theb.*, 228:

---

(1) Como a noite se prolongava extraordinariamente, Sósia suspeita que a divindade que nella superintendia tivesse adormecido embriagada:

Credo ego hac nocte Nocturnum obdormuisse ebrium.

(2) Cf. Roscher, *Ausf. Lexikon der griech. u. röm. Mythologie*, v. Nocturnus: "eine über die Nacht waltende Gottheit." E cita-se o *C. I. L.*, 3, 1956; 5, 4287; *Sup.* 2, 9753. V. tambem o *Lexikon* de Forcellini e De-Vit.

(3) Commentario de Casella: "*Notturno*, era per i Latini il Dio della notte. ...I Cimmerj... si dicevano avvolti in una perpetua caligine; quindi i poeti posero tra loro la sede della Notte. *L'Orlando Furioso ...con note e discorso proemiale di G. Casella (Firenze 1905)*, p. 955.

Roscida iam novies cælo dimiserat astra
Lucifer et totidem Lunæ prævenerat ignes
Mutato nocturnus equo; nec conscia fallit
Sidera, et alterno deprehenditur unus in ortu."

Foi o "nocturnus" deste passo que deu origem, me parece, á identificação do "Deos da noite" com Lúcifer, a estrella da manhã, e, portanto, com o Véspero, a estrella da tarde (4). Mas "nocturnus" é aqui um simples adjectivo, equivalente a "noctu", como se vê pelo contexto e é corrente entre os commentadores. (5)

Na est. 2, 5, o commentario substitue por "alvoroçado" a forma "aluoraçado" da 1ª ed. e cita varios passos em que a palavra se lê daquella maneira (I, 45; V, 74; VI, 51; VII, 43). Mas o Poeta, segundo o seu costume, quis reproduzir a graphia que encontrava, por exemplo, nestes passos do *Cancioneiro geral*:

Mas vosso aluoraçar
he coraçam da pousada (I, p. 61).

Ande sempre aluoraçado,
quando se vir salteado (I, 181).

Sobre a mudança do *o* em *a*, por influencia do *r*, veja-se Cornu, *Gram.* cit., § 90.

Na est. 8ª, observa o Poeta que V. da Gama mandou presentes ao rei de Mombaça,

Porque a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.

Commentario: "O sujeito de "mostrava" é "o Rei", e o de "Tenha" é "V. da Gama"; v. o com. a I, 82, 1-3."

Não é necessario recorrer aqui á mudança de sujeito, como em I, 82, pois o contexto não a impõe. V. da Gama manda presentes ao rei de Mombaça, para que este "tenha" (i. é: mantenha, conserve) firme a boa vontade que mostrava, para que este não mude de disposições a seu respeito. O verbo "ter" está aqui empregado exactamente como em IX, 54, 6:

---

(4) A mesma identificação, mas sem nenhum argumento que a fundamente, se faz na *Römische Mythologie de Preller* — Jordan, Berlim, 1881, t. I, p. 326.

(5) "Iam Lucifer novies fugaverat a coelo humida astra, et toties sumpto alio equo noctu praecesserat jubar lunae" (Ed. de Paris, 1685. Cf. a ed. de Leide, 1671). Para indicar que tinham passado nove dias, diz Estacio (sem se importar que isso fosse impossivel) que Lúcifer apparecera nove vezes de manhã e outras tantas ao anoitecer, retrocedendo de noite para o oriente em outro cavallo.

Claras fontes e limpidas manauam
Do cume, que a verdura tem viçosa,

passo que o commentario explica, e bem, desta maneira: "O relativo "que" deve referir-se a "fontes", vindo "que a verdura tem viçosa" a equivaler a "que manteem viçosa a verdura da ilha.".

A est. 13 começa por estes versos:

Aqui forão denoite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso e sancto fingimento.

A ed. de 1613 foi a primeira que emendou "enganado" para "enganados", como a rima o parece exigir, e o commentario aceita a correcção, que todos os editores teem perfilhado, a partir daquella data.

Não ha, comtudo, motivo para rejeitar o "enganado" da edição *princeps*, seguida pelas immediatamente posteriores, a quem naturalmente não passou despercebida a intenção do Poeta.

Aproveitando uma construcção em que podia empregar tanto o singular, como o plural, quis elle deixar exemplificado o artificio metrico que consistia em completar a syllaba final de um verso com o principio do verso seguinte. Com effeito, "enganado Os" dá na leitura o som de "enganados", pedido pela rima, aproveitando-se ainda a desinencia "os" para o verso immediato.

Assim, no *Cancioneiro geral*, t. I, p. 221, entre queixumes que parecem de hoje (6) leu elle:

Leuantanse as moedas,
quanto mingũ nossos fruytos
temporaes,
estas praticas azedas
estes nossos males muyto
sam geeraes.

Como se vê, a "muyto", para rimar com "fruytos", é necessario juntar o "s" inicial do verso que se lhe segue (7). E' exactamente o mesmo caso dos *Lusiadas*.

Com "enganados" = "enganado os", cf. este passo do mesmo *Cancioneiro* (II, 101):

---

(6) *"Daluaro de brito pestana a Luys fogaça vereador na cidade de Lyxboa."*

(7) A correcção "muytos" da ed. de Stuttgart, adoptada pela de Coimbra, além de não ser necessaria, é inadmissivel, pois "muyto" é aqui um adverbio: "estes nossos males sam muyto geeraes". Emquanto á collocação do "muyto", cf. este passo do *Palmeirim*, III, p. 320: "Muyto foi olhado o caualleiro de todos."

Do duque folguay saber
que he bem sam, a deos louuores,
& tem deyxados amores,
que antes soya ter (8).

E este do *Palmeirim* (t. I, p. 187): "Seluiã tirou os freos aos cauallos, deixandos pacer da erua".

Vejam-se outros artificios metricos em II, 38, 6; 41, 5-6; III, 10, 2-3; 69, 2-3; IV, 29, 7-8; 63, 7-8; 98, 6-7; VII, 50, 1, IX, 74, 3.

Na est. 19, v. 6, perfilha o commentario a emenda "todas" da edição de 1626. Mas "todos" justifica-se pelo v. 2:

Com toda a mais cerulea companhia.

E nesta entrava pelo menos o "Tritão" da est. 21, 1.

Nas est. 27-28 compara o Poeta os mouros que fogem, atirando-se á agua, com as rãs, que, sentindo vir alguem, saltam de todos os lados para o charco, de que tinham saído:

Assi como em seluatica alagoa,
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa, (9)
Estando fóra da agoa incautamente,
Daqui e dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendose ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem:

Assi fogem os Mouros e o Piloto
.. ..
Tambem foge, saltando na agoa amara.

O commentario limita-se a dizer: "As rãs] é o sujeito do part. absoluto "saltando"; v. o com. I, 86, 6".

---

(8) No t. III, p. 9, referindo-se ao descobrimento da Guiné por D. João II, diz Diogo Brandão:

Com ela fez rrico os seus naturaes.

Como se vê, "rrico os", na pronuncia "ricos", está em vez de "ricos os". E na interessantissima satira de Alvaro de Brito, citada no texto (*Conciosneiro geral*, I, 232):

Por trajos demasiados,
em que todos sam jgoaes,
sam confusos
os tres estados; danados
alterados mesteyraaes
em seus usos.

No 5º v. "alterados" por "alterados os".

(9) Isto é: "alguem". E com a negativa, "ninguem". "O emperador ficou perguntando aos seus se auia alli quẽ o conhecesse e nam se achou peasoa, que disso podesse dar nouas" (*Palmeirim*, II, 326). Cf. o francês *personne*.

Por outras palavras: o Poeta compararia o "charco que soa" com "os mouros que fogem", o que não é licito attribuir-lhe. "O charco soa" é um parenthese, que exprime apenas uma circumstancia, equivalente a "soando o charco." As palavras "as rãs saltando" não formam um participio absoluto; são uma oração principal de participio imperfeito, em correlação immediata com as da est. seguinte: "assim como as rãs saltando (= saltam), assim fogem os mouros e o piloto".

Acêrca destas orações, de que já falei a proposito de I, 86, escrevi no cap V das *Notas*: "Na *Primeira parte da Cronica de D. João I*, cap. XI, começa Fernão Lopes um periodo por estas palavras: "E (o Mestre) *hindo* assi ataa a emtrada do Ressio, e o Conde viinha cõ todollos seus". Em vez do participio *hindo*, hoje, é claro, diriamos *foi indo*, ou simplesmente *foi*... Outro passo de Castanheda: "Hũs mouros questauão ẽ Arquico moradores de Maçua *pesando* lhe desta amizade que nosso senhor ordenaua antre o governador & ho Barnegais, porque sabião q̃ hauião de ser lẽçados da terra: & por isso persuadirão ao Barnegais que não fosse falar ao governador" (L. V, c. 27). *Pesando-lhe*, isto é, *pesava-lhes*. Das *Décadas* de J. de Barros citarei este exemplo: "E (Melique Az) era tão sagaz & artificioso em seu viuer, que á sua propria custa per terra se seguraua delRey (de Cambaia) & pelo mar *mostrando* temor de nós á custa delle, tendo pera isso prestes muitos navios de remo" (II, 2, 9). Vê-se qual a funcção exercida pelo participio *mostrando*. São do *Palmeirim* os seguintes logares: ..."Tantas palauras disse Albayzar aos seus, e por tais termos, que conheceo nelles perdelo medo e desejar batalha. *Saindo* ao campo com suas capitanias, *seguindo* a ordenança do primeiro dia, somente os capitães mudados. Foi tambem cousa para ver, etc. (III, 397). Repare-se no segundo periodo, em que só ha dois participios imperfeitos, um dos quaes tem de fazer as vezes de um verbo no modo indicativo. "E *começando* hũas com outras louuar suas obras; que... achauam que força damor lhas fazia fazer" (III, 162). J. F. de Vasconcellos tambem empregou assim os participios... "El-Rey *resistindolhe* animosamente e, como era já velho e as forças nam lhe ajudauam ho animo, ali foy morto" (*Memorial*, p. 109)... No latim barbaro apparece-nos com muita frequencia o participio do presente exercendo as mesmas funcções. (10) Assim, por exemplo, no *Itinerarium* de Antonino de Placencia, escripto no seculo VI, lêem-se estes passos: "Ingressi sumus in sanctam civitatem, in qua *adorantes* monumentum Domini" (c. 18). "Nobis autem uisum est per Ægyptum reuerti, et *venientes* in Fara civitatem" (c. 40). No indice lexicologico e grammatical, que vem no fim das obras de S. Gregorio Turonense, edição dos *Monumenta Germaniæ historica*, enumeram-se, sob a rubrica *participiuum loco verbi finiti*, seis casos deste emprego. E no indice das obras de Jordanes, publicadas por Th. Mommsen, estão apontados outros seis logares em que se verifica o mesmo. Não são tambem raras estas construcções nas obras, tanto em verso, como em prosa, de Venancio Fortunato, escriptor do

(10) Como nominativo absoluto, este participio já se encontra no seguinte logar de Quinto Curcio, citado por Baehrens, na *Glotta*, IV, 266: "Ille humi prostraverat corpus gemitu eiulatuque tota personans regia" (VIII, 2. 5,). *Personans* tem sido emendado sem razão para *personante*.

seculo VII. E não é preciso citar mais autores, para nos convencermos da frequencia desta construcção, nos tempos que se seguiram á quéda do imperio romano do Occidente. (11) ...Não faltam tambem exemplos nos classicos gregos. Limitar-me hei a um em prosa e outro em verso. No *Crátilo*, dialogo de Platão, Socrates diz ao seu interlocutor Hermógenes: "Tu parece que acreditas na inspiração de E'utifron. — *Herm.* Claro que sim. — *Socr.* Com muita razão tu *acreditando*, pois a mim", etc. E nos *Cavalleiros*, de Aristóphanes, v. 391-392, diz o *Vendedor de tripas*, a respeito de Cleon: "Mas comtudo este *sendo* assim toda a vida e depois mostrou-se homem corajoso, ceifando o que outros haviam semeado" (pagg. 31-40).

Não admira, portanto, que nos *Lusiadas*, II, 27, se encontre esta construcção, que hoje nos parece tão estranha (12). Cf. a nota a I, 97.

---

(11) A's vezes os editores corrigem os textos, para evitar que o participio do presente exerça as funcções de verbo finito. E' o que faz, por exemplo, Heydenrich, no *Incerti auctoris de Constantino Magno* etc. (Leipzig, 1879). Na pag. 2, a lição dos códices é: "Hospes vero... praefatam Helenam in custodia clam suscipiens et ne domo sua recederet sollicite custodivit." Todavia o editor omittiu o *et*, para evitar que *suscipiens* correspondesse a *custodivit*. E o insigne hellenista inglês R. Jebb, nas suas edições do *Oedipous Tyrannus*, aceita, no v. 227, a substituição, já anteriormente proposta, de um participio do presente por um infinitivo, contra o que se lê em todos os códices e se justifica pela maneira que fica dita. Cf. no v. 499 uma oração principal composta, formada por um adjectivo verbal em *-to* e por um participo do perfeito, com a significação de presente: "Zeus e Apollo *conhecedores* e *sabendo* o que se passa entre os mortaes", por "conhecem e sabem".

(12) Esta estranheza desapparece em presença dos estudos que modernamente se teem feito sobre as frases nominaes propriamente ditas (ou nominaes puras, de Barone). O typo "as rãs saltando" por "as rãs saltam", embora, que eu saiba, ainda não tenha sido classificado entre aquellas frases, tem comtudo o seu logar ao lado do "*toûto poietéon*" grego e do "hoc faciendum" (o 5º na enumeração citada em nota a I, 86), bem como do "hoc factum" por "hoc factum est".

Habituados como hoje estamos aos typos "Pedro é estudioso" (frase nominal verbal) e "Pedro estuda" (frase verbal), custa-nos a compreender as construcções citadas a proposito, quer de II, 27, quer de I, 86. Basta, porém, notar que as raizes indo-européas *es* e *bhen*, donde saiu o futuro verbo substantivo *(sum, fui)*, por muito tempo exprimiram a existencia, isto é, não exerciam a funcção que hoje geralmente desempenham; eram verbos adjectivos, como os das frases verbaes. Nesta phase é claro que haviam de usar-se muito as orações sem verbo, as frases nominaes. A oração principal "as rãs saltando" poderia a peregrina Aetheria traduzi-la no seu latim: *ranae saltantes*. E a Aristóphanes seria permittido dizer do mesmo modo: *bátrachoi hallómenoi*. Isto numa oração absoluta; mas nas comparativas, como é a dos *Lusiadas*, tambem apparecem as frases nominaes. E' o 10º e ultimo typo de Barone.

Do livro do illustre linguista Meillet, *Linguistique historique et linguistique générale* (Paris, 1921), transcreverei o seguinte passo (p. 179): "Le verbe n'est pas un élément constant de toute phrase. Il y a deux sortes de phrases: les phrases *nominales* où une chose est affirmée d'une autre chose, et les phrases *verbales* où est exprimé un procès. Dans les phrases nominales telles que: *l'homme est bon, la maison est neuve, il est chez toi*, il ne figure un verbe que pour la commodité de la phrase: les langues sémitiques n'y ont aucune forme verbale; l'indo-européen n'en avait pas le plus souvent; le ruase dit encore aujourd'hui *dom nov* "la maison est neuve"... C'est dire à quel point l'analyse de *j'aime* en *je suis aimant*, où s'est complue longtemps la grammaire dite logique, est artificielle, et loin de la réalité. La phrase nominale et la phrase verbale diffèrent de nature, et il est aussi vain de vouloir ramener l'une à l'autre, qu'il le serait de vouloir ramener le nom au verbe, et inversement."

O eminente professor francês reduz, como se vê, todas as frases ou orações a dois grupos — as nominaes e as verbaes — caracterizadas, as primeiras, pelo verbo *ser*, subentendido ou expresso, e as segundas, por qualquer dos outros verbos, pelos verbos propriamente ditos. Naquellas affirma-se (ou nega-se) uma cousa a respeito de outra; nestas exprime-se um "processo", isto é, uma acção, um estado, ou a passagem de um estado para outro (cf. p. 174).

Emquanto á distinção entre o nome e o verbo, cumpre notar que, embora ella tenha attingido o seu ponto culminante no semitico e no indo-europeu, não

Outro exemplo temo-lo no "rodeando" de V, 10, 1. O commentario liga esta oitava com a seguinte, mas não foi rodeando "a provincia Jalofo" e a "mui grande Mandinga" que V. da Gama "passou as Dórcadas" (est. 11), que ficavam ao sul daquellas regiões. E' que "rodeando" está por "fomos rodeando" ou "rodeamos" e a est. 10 forma por si um todo. Emquanto a IX, 16, cf. a nota a I, 86. Sobre as orações do participio perfeito, v. a mesma nota.

Na est. 29 começa o Poeta:

Vendo o Gama atentado a estranheza
Dos Mouros não cuidada...

Commentario: "atentado] deriva de "a tento" (como "apear" de "a pé"); equivale a "que está com tento, que repara em tudo". O desconhecimento desta significação foi o que levou alguns editores... a substituirem "Vendo" por "Tendo".

"Atentado" é o participio perfeito de *attentar*, verbo intensivo, derivado de *attento*, um dos participios perfeitos de *attender*. (13) E' verbo de que o Poeta usa varias vezes (III, 125, 5; VIII, 28, 1; X, 101, 3; 102, 5) e que encontrou, por exemplo, na fonte de II, 66. "Se não quando atentando bem virão", etc. (Castanheda, l. I, c. 9). Com a differença que o Poeta emprega o participio perfeito com a significação do imperfeito: "atentado" = "atentando". E não faltam exemplos desta especie, a começar pelos *Lusiadas*. Assim, em X, 76, 4, "os errados mortaes" são "os mortaes que erram"; em VIII, 76, 8, "os catuaes mal julgados" são "os catuaes que julgam mal" (14). E no *Auto do Filodemo*, acto IV, sc. 1.ª:

---

se pode comtudo considerar nem como primordial, nem como o caso mais vulgar. Na grande maioria das linguas que existem sobre a terra, diz Wundt, não existe ou, pelo menos, não tem formas determinadas a opposição entre o nome e o verbo "Numerisch die weit überwiegende Mehrheit der auf der Erde existierenden Sprachen... den Gegensatz von Nomen und Verbum nicht oder mindestens nicht in bestimmten Wortformen ausgeprägt hat" (v. a obra cit. em nota a I, 86, a p. 139).

Acha-se a confirmação deste facto em muitos capitulos da obra, ainda hoje fundamental, de F. Müller, *Grundriss der Sprachwissenschaft* (Vienna, 1877-1888), em que se expõem todos os systemas grammaticaes conhecidos. Logo no 1.º cap., relativo ao hottentote, se diz que o verbo desta lingua não contém nenhuma determinação do tempo, do modo, nem da pessoa, sendo tudo isto expresso por meios externos, e que o sujeito e o predicado se distinguem um do outro principalmente pela differença de logar dentro da proposição.

No inglês *love* (nome e verbo) diz Meillet (p. 176) que ainda subsiste a differença entre as duas categorias, expressa por outros meios linguisticos (pronomes, artigos, etc.). Mas nesta palavra, que pode significar *amor* e *eu amo, (tu amas), nós amamos, vós amaes, elles amam*, temos antes a regressão a phase primitiva da linguagem, em que não havia distinção formal entre o nome e o verbo. E' o chamado "movimento em espiral" de G. von der Gabelentz (*Die Sprachwissenschaft*, 2.ª ed., p. 255 e segg.): "A linha da evolução (das linguas) recurva-se para o lado da phase isolativa, seguindo não o antigo caminho, mas outro proximamente parallelo" (p. 256). Cf. Wundt, obra cit., p. 177.

(13) "Tento" deriva de *teneo* e "attentar" de *tendo*, verbos que aliás teem um elemento commum: *ten*.

(14) Cf. "os louvados" (i. é: os que louvam, avaliam); "os jurados"; "homem sabido"; "a olhos vistos" (i é: que vêem); "bem comido", "bem bebido"; etc. A affinidade com "attento" facilitava o emprego transitivo de "attentado".

Se eu tantas dobras tivesse,
Como quantas houve *erradas*,
Sem que o mundo o soubesse,
A' fé qu'eu me enriquecesse
E fosse das mais honradas.

"Ninguem se fie da sua prosperidade, pois sabemos que he tam perigosa e *enganada*, como a adversidade segura e discreta" (*Memorial*, pagina 310). "E assi pollos verê gentis homẽs e *bem falados*, como por ellas serem em conhecimento", etc. (*Palmeirim*, t. I, p. 375).

E' uma herança, que provém do indo-europeu, a possibilidade de usar do participio perfeito com a significação activa. Eis o que a este respeito se lê no *Handbuch der lateinischen Laut- und Formenlehre*, de F. Sommer, § 380: "Servindo de participio perfeito passivo apparece no latim o suffixo — *tŏ* — que assumiu a mesma funcção ainda noutras linguas (o árico, o germanico, etc.). ...Mas o seu emprego, a principio, era mais lato. O adjectivo verbal em — *tŏ* — significava apenas que o conceito expresso pelo respectivo verbo pertencia como qualidade ao nome com que esse adjectivo concordava. Assim, um *homo volneratus* é "um homem que apresenta signaes de ferimentos". Daqui, por um lado, a possibilidade da evolução no sentido do participio perfeito passivo, e, por outro lado, as demais funcções do suffixo, especialmente a activa: *homo potus* é um homem que apresenta indicios de ter bebido... Cf. ainda *cenatus*, *juratus*, e, sobretudo, as formas dos semidepoentes: *gavisus*, *ausus*, *fisus*, *solitus*".

Ainda na est. 29 nota o Poeta que Vasco da Gama viu um milagre no facto de a sua nau "tornar pera detras", não obedecendo á manobra para entrar no porto de Mombaça, pois não havia vento nem corrente que a impedissem de avançar.

E vendo sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das agoas sem corrente
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dezia.

O sentido claro deste logar é assim explicado pelo commentario: "Em "ou" ha anacoluthia, sendo que o Poeta pôs "ou" como se houvesse de dizer simplesmente "ou corrente das agoas"; mas depois repetiu a preposição "sem" e não substituiu "ou" por "e". (15)

Nem ha anacoluthia ou falta de sequencia em "ou", nem esta conjunção devia ser substituida por "e", por causa do "sem". Camões tanto

---

No *Diccionario da Academia* lê-se: ATTENTADO, A. p. p. de Attentar. Ordinariamente se usa como adjectivo e ás vezes se lhe determina o sentido pelos adverbios *bem, mal* ou *muito. Prudente, discreto, moderado.* Sousa Coutinho, *Cerco,* 2, 17: "Como fosse (o Capitão) muito preuenido e *attentado*"... Brito, *Mon.* 1, 3, c. 16: "Foi o mais prôvido e mais bem *attentado* capitão de seu tempo".

(15) O commentario suppõe, segundo parece, que o Poeta quis dizer que, para a nau passar avante, era necessario o contraste e braveza dos ventos ou a corrente das aguas. Mas estas causas, que poderiam explicar o facto do retrocesso, é que se não davam, e dahi o espanto de V. da Gama.

podia, sem anacolutho, escrever o verso tal qual se lê, como dizer: "sem contraste dos ventos ou corrente das agoas", deixando de repetir a preposição. O que não podia fazer era substituir o "ou" por "e", em qualquer dos casos, pois se trata de duas causas differentes, cada uma das quaes, só de per si, seria sufficiente para explicar naturalmente, sem recorrer ao milagre, o facto de o navio recuar. Nem havia vento, nem se notava corrente de agua que afastassem a nau do porto. E todavia esta, apesar das manobras, não entrava, recuava.

Na est. 32, V. da Gama pede a Deus os conduza

Nalgum porto seguro de verdade.

O commentario põe virgula depois de "seguro" e allega: "de verdade] = onde haja verdade; cf. "outra terra acharás de mais verdade (II, 63, 2)".

"De verdade" é uma locução adverbial que modifica o adjectivo "seguro", significando "verdadeiramente", "realmente", "a valer". (16) Neste sentido a encontrou o Poeta varias vezes.

E todolos seus amyguos
lhe queiram mal de verdade,
ajam della seus jmygos
pyadade.

Canc. Geral, II, p. 6.

"Os Castellnaons disserom que pois elles começaram de poer o fogo (á cidade), que elles lha ajudariam a queimar de verdade" (F. Lopes, *Cronica de D. Fernando*, c. 77). "Este combato que sse começou como descarnho, e se acabou de verdade"... (Id., *Cr. de D. João*, 1.ª p., c. 167.) "Outras (achauã) que de verdade seus amores nã pareciã fingidos". (*Palmeirim*, t. III, p. 140.) "Apertarão com os immigos tão de verdade que os fizerão retirar". (Castanheda, l. III, c. 42.) Em II, 63, 2 (17), o adjectivo "mais" conserva á palavra "verdade" a sua significação primordial de substantivo: "de mais verdade" = mais verdadeira. Cf. "homem de verdade" = h. verdadeiro, por analogia de h. de probidade, h. de honra, etc.

Na est. 35 observa Camões, a respeito de Venus:

Se a vira o caçador que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matárão,
Que primeiro desejos o acabaram.

---

(16) O que V. da Gama pede é um porto que seja verdadeiramente seguro, em que não corra o perigo de o atraiçoarem, como lhe tinha acontecido em Moçambique e acabava agora de verificar em Mombaça, dois portos de "pouca segurança" e onde "fora enganada a sua confiança" (est. 31).

(17) "E outra terra acharás de mais verdade."

Commentario: "O caçador é Acteon. Tendo visto casualmente Diana a tomar banho, a deusa, de irritada, converteu-o em veado, e assim a sua propria matilha o dilacerou. (Ov. *Met.*, III, 138-250.)".

Ha nos *Lusiadas* uma particularidade que não se encontra no poema de Ovidio. Segundo este, Diana está numa gruta, em que brota uma fonte, e as nymphas da comitiva da deusa despejam sobre ella agua que colhem em bojudos vasos:

> Excipiunt laticem Nepheleque Hyaleque Rhanisque
> ..... funduntque capacibus urnis.

Sobrevém Acteon, que não sabia o que se estava passando, e as nymphas rodeiam logo Diana, para a occultarem aos olhos do intruso. A deusa, cuja cabeça sobreleva as das circumstantes, olha para trás encolerizada e arremessa agua ao vulto do caçador, que foi transformado em cervo e morto pelos proprios cães. Nos *Lusiadas*, Diana está a tomar banho "na agoa clara" e é assim que Acteon a vê. (18)

Como explicar a discordancia? E' que neste ponto como em outros, Camões prefere a versão que leu nas *Genealogiæ*, de Boccaccio. (19) Segundo estas, o caso passou-se, não na gruta, mas no valle, em que esta ficava. (20) E foi em uma fonte que ali havia que Acteon viu Diana a tomar banho: "Vidit in eo (*fonte*) Dianam nudam se lavantem". (L. IV, c. 14.)

Na est. 38 compara o Poeta a Venus com a

> .... dama que foi do incauto amante
> Em brincos amorosos mal tratada,
> Que se aqueixa (21) e se ri, num mesmo instante,
> E se torna entre alegre magoada.

Commentario ao ultimo verso: "entre alegre magoada] = magoada no meio da alegria que mostra".

A meu ver, trata-se de um caso analogo ao de III, 69, 2-3, isto é, a copulativa está incluida no *e* final de "alegre". A dama, maltratada por falta de cautela, ri-se e queixa-se ao mesmo tempo e se torna "entre alegre

---

(18) O commentario emprega a expressão pouco precisa "tomar banho", para conciliar a narrativa de Ovidio com a de Camões. Mas uma cousa é a immersão na "agoa clara", outra a aspersão, a que expressamente se refere o poeta latino: *fundunt* etc.

(19) Cf. as notas a II, 44, V, 11, e 15.

(20) O valle de Gargaphia, aonde o caçador se dirigiu para matar a sede, pois nelle havia (palavras de Boccaccio) "fons recens et limpidus"

(21) A forma "aqueixar-se" encontra-se, por ex., no *Canc. geral*, III 243, e no *Palmeirim*, I, 14 e 113.

e magoada". E' um estado intermedio entre a alegria e a magoa. A preposição "entre" pede a ligação dos dois adjectivos pelo "e". (22)

Na est. 30, Venus, queixando-se a Jupiter, pondera resignadamente:

Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Façase como Baco determina.

Commentario: "errar" (alguem) por "offender" é corrente no portuguêz antigo; v. o *Dicc.* de Moraes".

O "te" é dativo e não accusativo. E é só tendo o complemento neste caso, e não no accusativo, que o verbo "errar" significa "offender". "Muito se avemtuirava quem poinha a sua vida e homrra em poder de quem lhe... começou de errar" (F. Lopes, *Cron. de D. Joáo I*, 1.ª p., c. 178). (23) "Nisso errariamos a quê nos o defende" (*Palmeirim*, t. I, p. 202). "Floramã inda entam nam queria errar ao amor d'Altea" (*Ibid.*, p. 375).

Com o accusativo, "errar alguem" significa "não o encontrar", "não dar com elle". (O catual) lhe disse que era ja muyto tarde, e como fizesse escuro que os poderia errar" (Castanheda, l. I, c. 21).

O *Diccionario* de Moraes (ed. de 1858) estabelece bem nitidamente e fundamenta com textos a distinção entre "errar alguem", isto é, não dar com elle, desencontrar-se delle e "errar a alguem", isto é, offendê-lo, faltar aos deveres para com elle. (24)

Na est. 41 termina a fala de Venus por esta fórma:

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui: e nisto de mimosa
O rosto banha...

---

(22) Dois exemplos do desdobramento do "e".

Regatar, & rreuender
fazem monturos muy altos,
fedorentos,
nam se podem desfazer
sem grandes tombos, & saltos
escarmentos.

Cancº geral, I, p. 220.

Está "escarmentos" por: "e escarmentos".

"Mal empregadas sejã em vos as armas, pois as trazeis pera co'ellas defender molheres, ellas sam ofendidas de vos" (*Palmeirim*, I, 205). No "e" de "ellas" está incluida a copulativa: "e ellas sam" etc.

(23) F. Lopes emprega no mesmo sentido a locução "fazer erro". "Vos me tendes feito huum erro tam gramde, per que "etc. (*Ibid.* c. 140). Em vez do dativo, tambem se usa da preposição *contra:*

E não ve a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor.
(III, 31, 6-7).

(24) Palavras textuaes: "*Errar alguem*, não dar com elle; ft. desencontrar-se delle: "emfim nem nós o podemos errar neste momento", *Lobo... Errar a alguem*, offender, faltar ao dever para com elle". E entre os exemplos citados vem o passo dos *Lusiadas*, que o commentario explicava na 1.ª ed. e continua a explicar na 2.ª, pela maneira que fica referida, attribuindo a Moraes o que elle não diz, nem podia dizer.

Commentario: "que pois] tem quasi o mesmo valor de "pois", no sentido de "pois que". A combinação, inteiramente antiquada, de "que" com a particula causal "pois" correspondia primitivamente, segundo me parece, ao *quod quia*, *quod quoniam* dos latinos (v. Madvig., *Gr. lat.*, § 449), e equivalia a "e, pois" ou "ora pois" (estando "pois" no sentido de "porque"), da mesma fórma que a locução "que se" corresponde a *quod si* e equivale a "ora se". ... Depois passou "que pois" a empregar-se como synonymo de "pois" (= pois que, já que) com a idéa accessoria de que o facto causa estranheza ou descontentamento."

E' sabida a affinidade que os nossos antigos escriptores estabeleceram entre o "que" e o "pois", que tantas vezes apparecem juntos, embora pertencendo cada um á sua oração: "Disselhe que pois assi era, elle seria seu companheiro" (*Memorial*, p. 105). E' conhecida tambem a frequencia do "que" pleonastico, de que não faltam exemplos nos *Lusiadas* (I, 55):

Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e *que* o Regente
Que esta terra gouerna, *que* vos veja. (25)

Daqui as construcções do typo: "Crera, *que* pois as sofre todas, *que* erã muito suas parentas" (*Palmeirim*, t. II, p. 452). "Lhe requeria... *que* pois sem elles ambos se podia em Cochim dar a sentença, ... *que* ficassem na costa sem a armada" (Castanheda, l. III, c. 47). E nos *Lusiadas*, I, 101:

Mas o maluado Mouro. .. ..
.. ..
Lhe diz *que* pois as agoas discorrendo
Os levàrão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
.. ..

E, neste caso, como é facil de verificar, o "que pois" pode reduzir-se ao simples "pois" (= "pois que"), pelo facto de se achar posteriormente repetido o "que", com a mesma funcção grammatical, do que precede o "pois".

Outra consequencia foi a possibilidade de se empregar o "que pois" como uma locução equivalente a "e pois", em que o primeiro elemento não só perde inteiramente a sua significação, como nos exemplos citados, mas a substitue por outra (26), como se vê em varios passos transcriptos no commentario:

---

(25) A repetição pleonastica, não só de particulas synonymas, mas até da mesma palavra, já se encontra no latim, desde tempos muito antigos. Vid. Löfstedt, *Philol. Kommentar z. Peregrinatio Aetheriae*, p. 61-64. Desta obra transcrevo os seguintes exemplos: "Non solum *ut* ipse,.... quid fieri oporteat, *ut* te moneam", etc. (Varro, *R. R.* I, 1, 2). Suamque *ut* culpam expetere in mortalem *ut* sinat" (Plautus, *Amph.* 496). Expressões synonymas: "itaque propterea", "itaque ideo", "sic hoc modo"; etc. Cf. nos *Lusiadas*, "mas porêm" (III, 99, 5). E em F. Lopes, *Cron. de D. João I*, 1ª p., c. 13: "E porem todavia perdoaalhe."

Sobre o reforço das conjuções e as causas que o motivam, v. Meillet, *Linguistique* etc. cit., p. 159 e segg.

(26) Isto é: "que pois" equivale a: "e pois".

Cesse vossa crueldade,
mudesse mynha ventura;
que poys tendes fermosura
tende tã bem piadade.

(*Cancioneiro geral*, II, 341.)

O' fugitivas ondas esperai;
Que pois me não levais em companhia
Ao menos estas lagrimas levai.

(Camões, Elegia *O Suimonense Ovidio*.)

Eis resumidamente, a meu ver, a historia do "que pois": primeiro, o "que" pertence a uma oração differente da do "pois"; em seguida, por causa do "que" repetido, o primeiro une-se ao "pois" e perde a sua significação. Este facto e a affinidade que se estabeleceu entre as duas particulas levou ao emprego do "que pois" como "e pois". (27)

E é esta, me parece, a significação que deve dar-se-lhe em II, 41, 2, e não a de "pois", no sentido de "pois que", como quer o commentario. Apesar da reticencia, em II, 41, o Poeta pensava em uma frase do typo da que se lê na elegia ha pouco citada. (28)

Ainda na est. 41 relata o Poeta que Venus

Calada um pouco fica, como se entre os dentes
Lhe impedira a falla piedosa.

Commentario: "como" pareceu-me estar em sentido causal, sendo "se" o pronome reflexo (separado do verbo da mesma maneira que em "A quem se o Rei mostrou sincero amigo" II, 14). Tem-se entendido — e agora tambem eu entendo — "como se" no sentido do latim *quasi*. (E a razão que me determinou a mudar de parecer foi que, se a particula "como" fosse causal, a oração de "como" havia de estar normalmente antes de "callada hum pouco".) Sendo assim, "lhe impedira" corresponde ao moderno "a impedira" (cf. adeante "Lhe atalha" = "a atalha") e o sen-

---

(27) O "Que pois" de II, 32, 7:

A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do interprete divino.
Que pois a ti nos manda, está mui claro
Que es de peito sincero, humano e raro,

pode e talvez deva tambem ter esta explicação, mais é susceptivel de outras, como adverte o commentario, pois pode o "Que" equivaler a "O qual" ou a "Porque". A pausa do 6º verso leva-me a preferir a primeira destas tres interpretações.

(28) "E pois eu fui a causa de ele estar em risco de perecer, nunca mais me abandonará o pesar de o ter protegido."

tido é "como se a falla piedosa atravessando-se entre os dentes não deixasse Venus continuar... A ed. de 1613, seguida pela maioria dos editores, escreveu: "Se lhe impedira".

Todas estas conjecturas se dispensam, se advertirmos que ha neste logar um artificio metrico, analogo ao de II, 13, 3-4. Com a differença que aqui é o *s* final do verso anterior, o *s* de "dentes", que se pronuncia como "se" e completa assim o verso seguinte, emquanto ao sentido e emquanto á metrica. O mesmo acontece no seguinte passo do *Cancioneiro geral* (I, p. 232), em que o "s" de "colares" tem de ministrar o pronome "se" ao "engrandecem" do verso immediato:

Ca muytos bayxos indinos
de nobrecydos lugares,
perualeçem,
& com rrycos trajos finos,
cadeas douro, colares,
engrandecem.

E no meio do verso (*Id.*, V, p. 186):

Aos vossos days fadigua
& quẽ mays por vos obriga
menos gualardam espera.

Aqui é o "s" de "vos" que tem de ligar-se a "obriga", lendo "ꝑor vos s'obriga". Cf. as notas a II, 13, e a III, 69.

Na est. 44, Jupiter trata Venus por "filha minha".

Commentario: "filha minha] é expressão de carinho; para Cam., Venus brotou da espuma do mar", vid. II, 19, 3.

Neste ultimo passo segue o Poeta a opinião de que "Venus no salgado mar nasceo", porque assim convinha á sua narrativa. Mas em II, 44, — e tambem pelo mesmo motivo — prefere a filiação que nas *Genealogiæ deorum*, de Boccaccio, achou expressa por estes termos: "De Venere Iovis filia, quæ peperit Amorem" (epigraphe do c. 3 do L. XI). "Venus Homero teste Iouis filia fuit et Dionis; et est hæc quam Tullius, ubi de Natura deorum, tertiam vocat et coniugem fuisse Vulcani... Amorem Iovis et Veneris fuisse filium omnes volunt". (29) (*Ibid.*, c. 4.) Do mesmo modo procede o Poeta, por exemplo, a respeito das relações entre Luso e Baccho. Cf. a nota a III, 21.

Na est. 48, alludindo a Moçambique, assegura Jupiter a Venus:

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia
Que inda ha de ser hum porto mui decente.

(29) Cf. *Lusiadas*, II, 42, 7-8. Com o fim de deslindar estes parentescos e genealogias, entende o celebre escriptor italiano que se trata dos planetas Jupiter e Venus.

Commentario: "Em "que inda ha de ser" ha uma oração relativa, que substitue um infinitivo (assim como se diz em francês: *je le vois qui chancelle*, vejo-a vacillar)... A mesma syntaxe occorre em II, 50, 1-2 (onde "Vereis... Dio forte, que dous cercos terá" corresponde a "E vereis o mar Roxo... tornar-se-lhe amarelo"), em VI, 47, 7-8, e em VIII, 28, 5-6."

Jupiter não diz a Venus que ha de ir ver Moçambique, mas sim que ha de ver que esta terra ainda ha de vir a ser um porto muito razoavel. E' uma construcção proléptica, corrente no grego e no latim, com a vantagem de nestas linguas se não poder affirmar que a segunda oração é relativa. "Te faciam ut scias", diz Plauto (*Asinaria*, 28), por "Faciam ut tu scias"; "Impurum vide quantum valet", lê-se no *Phormio* de Terencio, v. 986, por: "Vide quantum impurus valet"; "Et vidit Deus lucem quod esset bona" (*Genesis*, I, 2) por: "Et vidit Deus quod lux esset bona". Do mesmo modo escreveu Francisco de Moraes: "Cada hũ pode julgar o pranto que tal seria (*Palmeirim*, III, p. 392), isto é: "pode julgar que tal seria o pranto".

Por estes exemplos, a que seria facil juntar muitos outros, se torna patente que a particularidade desta construcção consiste no seguinte: o complemento directo, formado por uma oração integrante conjuncional (30), é, por assim dizer, fraccionado, passando o sujeito desta oração para complemento directo da subordinante, que fica assim com dois complementos da mesma especie. Antecipa-se o sujeito da integrante (e dahi o nome de "prolepse", que se diz haver neste caso), para o fazer sobresair,

(30) Quando o complemento é formado por uma oração infinitiva, cujo verbo peça complemento indirecto, pode este ser antecipado, com a forma do directo, havendo, portanto, anacoluthon nesta mudança de categoria.

Cf. II, 47, 1-3:

Vereis *este*, que agora presuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando
Tremer *delle* Neptuno de medroso.

A construcção corrente seria: "Vereis deste... tremer Neptuno".

Outro caso, em que o complemento com preposição se antecipa sem ella, como se fosse sujeito ou complemento directo:

Este povo que he meu ....
.....
Por elle a ti rogando choro e bramo.

(II, 40.)

E' uma prolepse anacoluthica, muito differente da anacoluthia do *Burico*, que o commentario cita em nota como semelhante. No passo do celebre romance ha uma oração que começa e não acaba. E' o anacoluthon no sentido rigoroso da palavra *(a falta de sequencia)*, como nestes passos do *Palmeirim:* "Cada hũ queria ser o que entrasse primeiro no campo contra os outros, tendo a victoria por certa. *Este debate*, porque Torsi nam quis determinar qual fosse, a raynha de consentimento del rey mandou que o que primeiro delles dissera ao outro a sua tençã, esse prouasse primeiro a fortuna da batalha. Justa pareceo esta determinação" etc. (III, p. 86-87). "Nam tardou muito que ao porto chegou a frota del rey Arnedos e Recindos de França e Espanha, que, *como* alẽ de parentesco tã junto, que antr'elles auia, e estreita amizade que sempre tiuerã, Recindos veo por terra te França, onde embarcou" etc. *(Ibid.*, p. 223). No primeiro exemplo, *este debate* (sobre quem seria o primeiro) não se liga a verbo nenhum, porque o pensamento toma novo rumo. No segundo, acontece o mesmo com o *como*, pois o *era* que devia estar antes de "estreita" *esqueceu*, por causa da connexão entre "parentesco" e "amizade". Em II, 40, ha apenas uma prolepse anacoluthica, do typo "Eu parece-me", corrente nos nossos classicos. "Porem como Blandidõ, alẽ de seu natural esforço, a manencoria de parecer

mas não tanto que a segunda oração tenha de passar de integrante a relativa. Por outras palavras: se Jupiter dissesse a Venus que esta havia de ir ver Moçambique e accrescentasse a circumstancia de que esta terra ainda havia de ser um porto *muy decente*, a oração do *que* seria relativa, e não integrante, pois o conceito principal que elle queria exprimir era a visita a Moçambique. E', portanto, pelo contexto que se conhece a natureza da oração subordinada. E em II, 48, não pode haver duvida que é integrante.

Já o mesmo não acontece, por exemplo, em X, 95, 7:

Ve Meroe, que ilha foi de antiga fama.

Aqui é Tethys, que aponta ao Gama no globo onde fica Méroe. A oração do *que* é, portanto, relativa. Mas em outro contexto poderia ser integrante. E' natural, portanto, que entre as duas construcções haja um terreno indeciso, em que se possa optar pela oração integrante ou pela relativa, e que em certas linguas nem sempre seja facil saber de qual dellas se trata. Pode-se exemplificar isto com a frase francesa citada pelo commentario — "*je la vois qui chancelle*" — em que se optou pela relativa, e com este verso da *Primavera*, de Castilho (I, 1).

Ei-la que chega, a amante primavera ! (31)

Tambem na est. 50:

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá...,

a oração do 2.º verso, apesar do que diz o commentario, é integrante e não relativa. Venus não irá ver Dio, a qual terá dois cercos; verá que Dio ha de ter dois cercos. A correspondencia com a oração infinitiva de II, 49, "Vereis o mar roxo tornar-se amarelo", nada prova, pois é natural que uma oração integrante de *que* possa equivaler a uma infinitiva.

Em VI, 47, falando do duque de Lencastre, sogro de D. João I, informa Camões:

---

que fazia pouco, crecerá lhe as forças dando mores golpes" (*Palmeirim*, III, p. 89). "Eu pareceme que he muito cedo pera vossa idade" (*Memorial*, p. 115). Cf. *Eufrosina*, p. 201: "Eu de hũa parte pareceme graça a sua openiam" etc. E *Lua.*, IV, 77: "Eu... me põe o Rei nas mãos a chave deste cometimento."

(31) Comparando a frase "Ei-la que chega" com a respectiva construcção francesa, "que chega" seria uma oração relativa. Considerada na sua origem ("Haveis que ella chega"), temos aqui uma oração integrante. Actualmente o "que" dá a impressão de ser expletivo. "Ei-la que chega" significa o mesmo que "Ei-la chega". Cf. nos *Lusiadas* "Emfim que" (V, 83 e X, 85) e "Em fim" (V, 97). Tambem o verbo "ver" se emprega como "eis" (por "haveis") "Mas pois vos parece que a pe tereys melhor partido, vedes nos decemos todos a pe" (*Palmeirim*, I, p. 221). "Vedes assomá por cima daquele outeiro" (*Ibid.*, p. 243). "E vos nunca hũ ora vos dira o coraçam que digais: veis ahi um vintem pera pão?" (*Eufrosina*, p. 47).

Acêrca da origem de *eis*, devo observar que Diez escreve "parecer provir de *ecce*" (*Etym. Wörterbuch der rom. Sprachen*, 1878, p. 126) e que Meyer-Lübke diz, sem qualquer restricção: "*eis* (ecce)" (*Gram. des langues romanes*. II. § 84).

Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma,
Do forte Rey, que por molher a toma.

Segundo o criterio estabelecido pelo commentarío, a proposito de II, 48, o Poeta diria que o duque viu a filha em Portugal, a qual filha, etc. Mas na nota correspondente explica que o passo equivale a "quando na terra de Portugal viu a filha domar o peito do forte Rei". Isto é: a supposta oração relativa, que dava um sentido inadmissivel, é substituida por um verbo no infinito, o que é muito differente.

Neste passo ha a mesma prolepse que nos outros dois: "A filha vio, que doma" por "Vio que a filha doma".

Em VIII, 28, pergunta Paulo da Gama, referindo-se a Nunálvares:

Não no ves, tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo? .. ..

O commentario tambem já aqui não appella para a oração relativa, mas limita-se a esta observação: "Não no vês ... que reprende] equivale a: Não no vês reprender; v. II, 48." E não é de estranhar esta correspondencia, pois é como se no texto estivesse: "Não vês que elle", etc.

Continuando a animar Venus com a predição dos feitos heroicos dos portugueses, diz-lhe Jupiter nas est. 53-54:

Nunca com Marte, instructo e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto,
.. ..

Como vereis o mar fervendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando. (32)
E sogeita a rica Aurea Chersoneso,
Até o longico (33) China nauegando.

---

32) Reproduzo a estancia com a pontuação da edição *princeps;* pausa maior, representada aqui por ponto final, no fim do quarto e do sexto verso; virgula no fim dos outros. E' a pontuação metrica, ás vezes em briga com a pontuação logica. Sob o aspecto metrico, cada oitava forma um todo, separado por ponto final da oitava seguinte. E cada verso tem metricamente a sua independencia, indicada por uma virgula ou pontuação maior. Esta é de regra no fim do 4º e do 6º verso. Para o effeito desta pontuação no 4º verso, estão quasi todas as est. redigidas de maneira que o sentido a permitte ou exige. Os dois ultimos versos formam um todo, por causa da nova rima. Mas, por varias causas, ha na edição "princeps" muitas est. em que falha mais ou menos a pontuação normal, que fica indicada. Cf. a introducção á ed. da Bibliotheca Nacional, p. XXVI.

(33) Nota do commentario: "longico" (longinco, VII, 30) é certamente devido á pronuncia do compositor, cf. o *Reg. Phil.* em "Costantino". E aqui:

E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Occeano (34) obediente.

Commentario á est. 54: "A estructura syntactica e a ligação das idéas desta oitava... não tem sido compreendida... J. G. Monteiro... chegou a mudar "dos vossos" para "os vossos". ...A maioria dos editores liga "Cos incendios" a "pelejando" e não põe pausa... antes de "pelejando"; alguns... põem ponto final depois de "triumphando", outros... ponto e virgula. Pondo-se pausa forte depois de "vossos" e virgula depois de "triumphando", desapparecem as difficuldades. Os quatro participios "pelejando, levando, triumphando, navegando" (este ultimo ligado regularmente aos tres primeiros pela conjunção que está no rosto do 5.º verso) designam circumstancias pertencentes para "Ser-lhe ha todo o Oceano obediente" e ligam-se appositivamente ao pronome "lhe" (= aos vossos, aos portugueses); de modo que "ser-lhe ha" equivale neste caso a "terão". Ao ultimo destes participios está subordinado o, como se diz na grammatica latina, ablativo absoluto "sugeita a rica Aurea Chersoneso"... Entre os dois membros coordenados "Até o longinco China" e "E as Ilhas mais remotas do Oriente" está o termo regente commum a ambos, "navegando".

A est. 54 divide-se em duas partes, separadas pela pausa do v. 4. A primeira completa o pensamento iniciado na est. anterior: a batalha naval de Áccio não tem comparação nenhuma (35) com as que os portugueses hão de alcançar no mar das Indias contra os mouros e gentios (v. 1-4). (36) E não contentes com o dominio deste mar, conquistarão Malaca, navegarão até a China e as ilhas mais remotas do Oriente (37) e desta maneira:

Serlhe a todo o Occeano obediente.

E' a thalassocracia portuguesa nos mares do Oriente que o Poeta quer accentuar bem nestas duas estancias.

Os versos 1-4 da est. 54 formam uma unidade, em que os tres participios desenvolvem o conceito de "incendios". (38) E estes são aqui

---

"C. forma popular em que se supprimiu a nasalação da primeira syllaba, da mesma maneira que em "Vicente" e em formas arcaicas, taes como "ifante".

Devo dizer que "longico", com a variante "longinco", se encontra nas *Obras do Marquês de Santillana*, p. 7 (Madrid, 1852).

(34) Graphia, por ex., do "Memorial", p. 282.

(35) O *Nunca* de 53, 1, é a negativa reforçada, como, por ex., neste passo do *Palmeirim*, II, p. 62: "E posto que a quisesse mandar acompanhada como sua filha, nunca pode acabar co'ella, dando por escusa" etc.

(36) Como é natural, uma grande parte dos feitos dos portugueses no Oriente, cantados pelo Poeta, são batalhas navaes. Vejam-se as respectivas estancias do canto X.

(37) Commentario: "as ilhas mais remotas do Oriente] são o archipelago do Japão". Não ha motivo para suppor que o Poeta se queria referir só a estas ilhas. Cf. a nota a X, 52, 7-8.

(38) Commentario: "os incendios] i. é, o fogo da artilharia. Plinio diz: *mons Aetna nocturnis mirus incendiis (N. H.* III. § 88)."

os combates navaes travados pelos portugueses. E' a mesma linguagem figurada, a mesma metaphora, de que o Poeta se serve, ao referir, em VIII, 17, uma supposta "maritima victoria" dos portugueses, alcançada pelo lendario D. Fuas Roupinho,

> ..... que na terra
> E no mar resplandece juntamente,
> Co fogo que acendeo junto da serra
> De Abila, nas gales da Maura gente.

O "fogo" que D. Fuas "acendeo" nas galés dos mouros é a victoria que sobre ellas alcançou, como se vê pela respectiva fonte: "(Os portugueses, com D. Fuas por almirante, foram) sobre o porto de cepta, honde acharam fustas darmada & outros nauios de mouros & tomaramnos. E despois destarem hi dous dias diante de cepta, se tornaram pera lixboa, trazendo os nauios tomados comsigo, vindo com grande prazer & contentamento de suas pessoas". (39) Não quis, portanto, o Poeta dizer que D. Fuas incendiou os navios dos mouros, mas simplesmente que os venceu. Cf. a nota a IV, 39, 5.

Em conclusão: para que não appareçam difficuldades na interpretação da est. 54, é preciso, ao contrario do que pretende o commentador, 1.°) não pôr pausa forte depois de "vossos"; 2.°) conservá-la no fim do 4.° verso; 3.°) dar á palavra "incêndios" uma significação mais lata do que a de "fogo da artilharia".

Além disso, cumpre advertir que neste passo se trata do predominio dos portugueses nos mares do Oriente, que pelo estreito de Malaca estão divididos em duas grandes partes. E dahi os dois grupos de versos.

Na est. 55 Jupiter fala do estreito de Magalhães como já conhecido, pois lhe chama o estreito

> Que mostrou o agravado Lusitano.

E no c. X, est. 141, Tethys refere-se tambem a elle como estando já descoberto, pois "se arrea agora" com o nome de Magalhães.

Commentario: "O descobrimento deste estreito foi posterior á expedição de V. da Gama; houve, pois, lapso de memoria em Cam., quando representou Jupiter empregando neste momento o verbo "mostrar" no preterito. Outro tanto aconteceu a T. Liv., que depois de dizer, com respeito ao anno de Roma de 544, que a tomada de Agrigento pelo consul Levino se deu *jam magna parte anni circumacta* (XXVI, 40), ao historiar os acontecimentos militares da Espanha no mesmo anno, representa Publio Scipião referindo-se, em uma allocução proferida no principio da primavera (*principio veris*), á tomada daquella cidade da Sicilia como facto já realizado: *in Sicilia Syracusæ, Agrigentum captum* (XXVI, 41)".

---

(39) Duarte Galvão, *Cronica cit.* c. 52.

E' impossivel admittir que o Poeta se esquecesse, e não uma vez, mas duas, de que o estrondoso feito de Magalhães foi posterior á viagem de Vasco da Gama. Trata-se de um acontecimento de tal magnitude, que tanto se repercutiu por varias formas na historia da Peninsula, em vida do Poeta, e tal logar assumiu na historia universal, que este, tão conhecedor de tudo o que se referia aos nossos descobrimentos maritimos, pois era precisamente isso que coustituia o assumpto primario dos *Lusiadas*, não podia ter sido victima de um lapso de memoria em materia tão importante e de data ainda tão recente.

A explicação é outra. O Poeta, que deixou archivadas na sua obra tantas particularidades de phonetica, de syntaxe, de orthographia, de metrica, etc., quis tambem que nella ficasse exemplificada uma caracteristica do estilo profetico, pois de profecias se trata em II, 55, e em X, 141.

Sobre este assumpto escrevi no cap. VIII das *Notas*: "O Poeta, que bem conhecia a Biblia, como *a priori* o podemos suppor, e como as suas producções literarias o mostram; o Poeta, que devia ter compulsado com especial attenção o maior de todos os profetas biblicos, Isaias, em que a elevação dos pensamentos, o brilho das imagens, a importancia dos assumptos se disputam a primazia; o Poeta, que nos *Lusiadas* deixou a prova de que tinha conhecimento de factos que se acham narrados no evangelista do Antigo Testamento; o Poeta, digo, não podia deixar de se impressionar com uma particularidade do estilo profetico, principalmente do estilo de Isaias, que consiste no seguinte: o vidente, se em geral fala do futuro, como ainda não effectuado, empregando portanto os verbos no respectivo tempo, tambem muitas vezes se transporta á epoca em que se hão de dar os acontecimentos, referindo-se-lhes, por isso, como se fossem presentes, ou chega mesmo a suppor-se para além delles, dando-os assim como já passados. Dahi o emprego do presente e do preterito, a par do futuro, ás vezes no mesmo passo e tratando-se do mesmo acontecimento. Alguns exemplos, que transcrevo em linguagem, aproveitando-me da versão do padre Antonio Pereira de Figueiredo. Em Isaias, VII, 14, prediz-se no futuro o nascimento do Messias (isto, é obvio, segundo a interpretação orthodoxa, que era esta a que seguia Camões): "Huma virgem concebeŕi, e ella parirá um filho que se chamará Emmanuel". Ora, pouco depois, no c. IX, do mesmo Messias se fala já no preterito, dando-o como nascido: "Porque nos nasceo hum pequenino e nos foi dado um filho: elle levará sobre seus hombros o Principado, e se chamará o Admiravel, o Conselheiro, Deos, o Forte, o Pai do seculo futuro, o Principe da paz". E agora alguns passos do cap. LIII, em que se descreve a vida e soffrimentos do Messias: "Elle subio como um arbusto deante do Senhor... Elle nos pareceo hum objecto de desprezo, o ultimo dos homens, hum varão de dores...O seu rosto era como encoberto, e elle parecia desprezivel; porisso nós nenhum caso fizemos delle. Elle verdadeiramente tomou sobre si as nossas fraquezas. Elle foi offerecido, porque elle mesmo quiz e não abriu a sua bocca; elle será levado á morte como uma ovelha que se leva ao matadouro; elle estará em silencio sem abrir a bocca; como hum cordeiro o está diante do que o

tosquia... Elle entregou a sua alma á morte e foi posto no número dos malfeitores; elle carregou com os peccados de muitos e rogou pelos transgressores da Lei". Ainda alguns trechos de profecias contra varios povos e cidades. Do cap. XV, cujo assumpto são as vinganças que o Senhor exercerá contra os Moabitas: "Ar, capital de Moab, foi saqueada de noite, foi reduzida ao silencio. A muralha de Moab foi destruida de noite; ella não tornou mais a fallar" (Seguem-se outras predições no futuro: "A casa real e os habitantes de Dibon subirão aos montes", etc.). Da profecia contra Babylonia: "Ouvi eu uma voz que me dizia, Cahio, cahio Babylonia: e todos os simulacros dos seus deuses se fizerão pedaços sobre a terra". E da profecia contra a Arábia: "O' vós que habitais na terra do meio dia: vinde encontrar-vos com os que tem sede e trazei-lhe agua... Porque elles fogem de diante da espada que os ia ferir". Do cap. XXII (profecia contra Jerusalem): "Donde vem subires tu assim em chusma aos telhados? Cidade cheia de tumultos: ...Os teus mortos não forão mortos á espada, nem foi a guerra que os matou. Os teus principes fugiram todos juntos e forão atados com duras cadeias..."

Vê-se, portanto, que nas profecias biblicas os acontecimentos futuros tanto se descrevem como tendo ainda de acontecer, ou como havendo-se já realizado, ou como presentes, como contemporaneos do profeta. Ora, foram estas duas particularidades que o Poeta quis deixar exemplificadas na extensa profecia de II, 44-55, e no longo discurso de Tethys (IX 76-143), em que tambem não faltam predições. Dahi o *preterito* de II, 55, 6, e o presente de X, 141, 5.

O Poeta escolheu de proposito um acontecimento historico, cuja relação chronologica com o descobrimento do caminho maritimo da India ninguem tinha o direito de suspeitar que elle ignorasse; aproveitou-se do mesmo facto historico, para fazer uso das duas particularidades do estilo dos profetas; deixou bem assente que Tethys considerava como futuro (*Irá buscando*, X, 140, 6; *Desque passar*, 141, 1; *verá*, 141, 4) aquillo que, por uma repentina mutação de scenario, dá em seguida como presente (*arreia-se agora*) — e todavia nada disto evitou que elle fosse accusado de ter caído em um imperdoavel anachronismo, de se ter esquecido que Fernão de Magalhães ainda não tinha descoberto o estreito a que deixou para sempre vinculado o seu nome, quando Vasco da Gama realizou a viagem que constitue o nucleo do poema!"

O lapso de memoria que o commentario attribue a T. Livio, ainda que realmente existisse, nada provaria, pois se trata de um facto insignificante, comparado com o da viagem de Magalhães, e succedido muito tempo antes que o historiador romano o exarasse na sua obra.

Mas o lapso nem sequer se deu, como provei nas *Observações*, p. 3-4. A tomada de Agrigento foi no anno de 544 da fundação de Roma e os acontecimentos militares de Espanha, narrados em seguida, deram-se, não no mesmo anno, como affirma o commentario, mas no de 545. E' ponto assente isto em historia romana. (40) O *principio veris* é o principio

(40) V., por ex., Th. Mommsen, *Römische Geschichte*, 10ª ed., t. I, p. 633. "De repente, na primavera de 545 (cf. o *principio veris* de Tito Livio), ainda

da primavera do anno seguinte áquelle em que foi tomada Agrigento; é o começo do novo anno militar. Se voltasse ao começo da primavera do anno cuja historia acabava de expor, T. Livio recorreria a alguma formula analoga a estas: "*Æstatis eius principio, qua hæc agebantur* (XXVII, 17), *Principio æstatis eius, qua hæc gesta sunt*" (XXVIII, 5); etc.

Est. 60, v. 6. Nota ao "antam" da ed. *princeps*: "ent. I, 57; "ant." é devido á pronuncia do compositor." O Poeta quis deixar archivada a forma popular, ao lado da literaria, ambas as quaes escreveu por duas maneiras. Cf. a nota a I, 35. (41)

Na est. 68 informa o Poeta que os portugueses viram

Ao longe dous navios brandamente
Cos ventos navegando que respirão.

O commentario liga "brandamente" a "navegando" e manda conferir VII, 58: "vem com passo brando".

O adverbio modifica antes o verbo "respirão". Cf. I, 43:

Tam brandamente os ventos os leuauão,
Como quem o ceo tinha por amigo.

Emquanto á transposição, leia-se, por ex., VIII, 36:

Sabe-se antigamente que trezentos
Ja contra mil Romanos pelejarão.

E este passo do *Cancioneiro geral* (I, p. 10):

Señora poys vedes craro
que cuydar tem por conforto
sospyros, & por emparo,
nam leyxeys de desemparo
morrer a quẽ vinha morto.

Veja-se tambem a nota a I, 12.

---

antes que as tropas inimigas se pusessem em movimento, Scipião foi atacar Carthagena".

(41) No *Cancioneiro geral*, t. III, p. 186, leu elle em castelhano:

Y por mas me lastimar,
penssando cobrar la vida,
antam la veo perdida.

Cf. Sá de Miranda (*Poesias*, ed. da sr.ª d. Carolina Michaëlis), n. 80, 12-13.:

Não tem Amor lugar certo onde aguarde:
Antão trata treições nesta agonia.

E no v. 489 do n. 103:

Antão para que prestamos?

Em II, 76, falando da maneira como o rei de Melinde acolheu V. da Gama, diz o Poeta:

> Mandalhe mais lanigeros carneiros
> E galinhas domesticas ceuadas,
> Com as fructas que antam na terra auia,
> E a vontade aa dadiua excedia.

Nada diz o commentario a respeito do ultimo verso, todavia a estructura grammatical mostra que falta nelle a conjunção "que" depois do "E". (42) *O rei manda carneiros*, etc., *e manda* (dizer) *que*, etc. Cf. II, 102, 1-4 ("oferece tudo... e [manda dizer] que, se o mantimento" etc.) e VI, 4, 1-5 ("Pedelhe... e [diz] que em quanto" etc).

E' construcção muito frequente. "Arrependida do que fizera, lhe mandou pedir perdam, e que se recolhessem ao apousento" (*Palmeirim*, III, p. 19). "Daqui vem descorrendo a tratarem da vida e estado real; ...e toda sua queixa he do confessor del Rei, porque lhe nam diz verdade, e que os pregadores tambem nam falam fouto" (*Eufrosina*, p. 239). "Grifando pos capitão no galeão e gente, e que os dous caualeyros fossem guardas da camara do capitão" (*Memorial*, p. 58).

A falta do "que" em II, 76, 8, tornaria a oração deste verso coordenada á de "Manda" e o conceito nella expresso transformar-se-ia assim em uma observação descabida do Poeta.

Com o "que" tudo se torna claro, corrente e conforme com a maneira de dizer em uso no tempo de Camões.

Na est. 79, o emissario de V. da Gama diz ao rei de Melinde (vv. 5-8):

> Como porto mui forte e mui seguro
> .. ..
>
> Te vimos a buscar...

Commentario: "porto" é grammaticalmente apposto a "Te"; conseguintemente parece que está no sentido translato; ...mas o verso "A teu porto seguros navegamos" (II, 82) leva antes a crer que ha abreviamento de expressão, equivalendo "como porto mui forte e mui seguro" a "como senhor de porto mui forte e mui seguro".

---

(42) Naturalmente o "que" estava escripto em breve (*q̃*), como em II, 39, 6, escapando ao compositor e depois ao revisor, que julgou corrente a construcção. Em II, 39, 6, Camões tinha escripto *q̃ to (que to)*, mas o compositor suppôs que se tratava da abreviatura de *quanto (q.to)*. Por isso no exemplar da edição *princeps*, pertencente á bibliotheca da Academia das Sciencias, se lê:

Sem quanto merecesse, nem te errasse.

Mas durante a tiragem, e naturalmente logo no principio, deu-se pelo erro e fez-se a correcção.

O mesmo aconteceu em outros passos. Cf. a edição facsimilada da Bibliotheca Nacional, p. VIII e XXXIV.

Na est. 79, emprega o Poeta a palavra "porto" da mesma maneira que ella se lê na *Medéa* de Euripedes, v. 764, em que a protagonista da tragedia diz a respeito de Egeu, filho de Pandion: (43)

Nam qua pericli supererat vel plurimum,
Portus repertus est natus Pandionis.

Cf. o *Cancioneiro geral*, III, p. 227:

Tu faze que venhas çedo,
por me tirares do medo
com que tanta pena sento,
seras porto & manso vento,
em q̃ meu mal este quedo.

E Garcilasso, na ode *Si de mi baxa lira*:

Por ti el mayor amigo
le es importuno, graue y enojoso;
yo puedo ser testigo
que ya del peligroso
naufragio, fuy su puerto y su reposo.

Na est. 81 pergunta o mensageiro enviado por V. da Gama:

Que ma tençam ? que peito em nos se sente ?
Que de tam pouca gente se arrecea. (44)

---

(43) MEDEA *Euripidis... Georgio Buchanan Scoto interprete.* Parisiis, 1544. Sirvo-me desta traducção, que o Poeta não deixaria de ter lido. Anteriormente (vv. 258 e segg.) tinha-se queixado Medéa de que não tinha ali em Corintho parentes a quem se pudesse acolher como a um porto seguro:

Ad quos malorum afflicta tempestatibus
Me velut portum in tutum recipere queam.

Cf. Eschylo, *Agamemnon*. v. 890, e Euripedes, *Andrómaca*, v. 893.

O poeta grego emprega a palavra "porto" no sentido metaphórico e como simile.

Em II, 79, 5, sem o conteúdo do v. 6º, teriamos apenas uma comparação ("Como se fosses..."); mas assim o "Como" é causal ("Porque és...") i. é, trata-se de uma metaphora: o rei de Melinde é um porto.

(44) Pontuação da ed. *princeps* (Cf. a nota a II, 53-54). Aqui, como se vê, devia estar um ponto de interrogação. O commentario põe virgula, e só usa da interrogação no fim dos versos 5º e 8º.

Na mesma ed. o 1º verso desta est. está assim escripto:

Que geração tam dura ahi de gente?

O commentario emenda o "ahi" para "ha hi", notando que a correcção é já antiga. Todavia tudo leva a crer que no ms. do Poeta estava: "ahi" = "ha hi". E' graphia muito vulgar, por ex., no *Palmeirim*. "Molher ahi no mundo tã acabada, que por todalas vias deixe de viuer cõ quẽ me esta vida dá?" (t. I, p. 115). "Famosa torre, naquelle tempo tã nomeada e temida pelo mundo, de que ja agora não ahi memoria" (*Ibid.*, p. 326). No "ha hi" temos o eschema "ibi habet", sendo o verbo usado impessoalmente com accusativo em "habet homines" e representando o "ibi" vagamente o sujeito, quando empregado: "ibi habet homines", *ha hi homens, hai h., ha h.* Exemplos citados por Löfstedt, no *Philolog. Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, p. 43: *"Habebat de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia. Inde ad sanctam Teclam habebat de civitate forsitan mille quingentos passus.* Exemplos anteriores á *Peregrinatio: Habet in bibliotheca Ulpia librum elephantinum. Ex quo hinc profectus est, habet annos XIV.*

Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruidos?

Commentario: "O "Que" do 6.º verso é pronome interrogativo (= que cousa?); o do 7.º verso é conjunção final (e no português moderno dir-se-ia "para que")".

O "Que" do 6.º verso não é pronome interrogativo, pois nesse caso teria de vir junto ao verbo: "Que se receia". Só como adjectivo interrogativo ("Que cousa") é que poderia ter de permeio as palavras "de tão pouca gente".

A pergunta é:

Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?

Isto é: "De modo que" de tão pouca gente se tem medo. (45) E o mesmo significa o "Que" do verso 7.º, igualmente dependente da interrogação formulada no 5.º, que se suppõe mentalmente repetida:

Que má tenção, que peito em nós se sente,

.. ..

Que com laços armados, etc.

Est. 87. Vasco da Gama mandou dizer ao rei de Melinde (est. 83) que não desembarcava, não porque delle tivesse qualquer suspeita, mas para cumprir

O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

Ao que o rei africano responde (est. 87):

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelencia,
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

---

(45) Em "se arrecea" ha a construcção semelhante a esta: "Oxala me enganasse, mas como não se hão de crer suspeitas, tambem, tambem não *se ha de fiar dellas*" (*Aulegraphia*, p. 16). Isto é: "não se ha *uma pessoa* de fiar dellas", como nos *Lusiadas:* "Que de tão pouca gente *haja quem* se arreceia". Nestas duas ultimas palavras temos a contaminação do eschema pronominal ("elle de alguma cousa se arreceia") com o passivo-indefinido "arreceia-se uma catastrophe"). Bastaria substituir "arreceia" por "tem receio", para a construcção ficar corrente: "Que ma tenção em nós se sente, que de tão pouca gente se tem receio?"

Commentario: "O 2.º verso tem sido interpretado diversamente. Segundo uns... "preminencia" neste logar quer dizer "respeito devido á suprema autoridade" (conseguintemente, ás ordens do rei português), e assim este verso liga-se a "não saír". Segundo outros,... este vocabulo tem aqui a significação de "honras devidas á autoridade" (conseguintemente as honras que deviam prestar-se ao rei a cujos Estados tinha aportado a frota portuguesa), e, neste caso, o 2.º verso pertence para "saír". A segunda interpretação, que attribue a "preminencia" um sentido em que a translação é menos violenta, e de mais justifica melhor o epitheto "usada", parece-me mais provavel".

Na est. 87 o rei de Melinde aceita a escusa de Vasco da Gama, para não saír em terra. Portanto a palavra "preminencia" allude ao regimento invocado na est. 83 e designa o preceito imposto pelo rei, preceito que tinha sido sempre observado.

Mas como pode a palavra ter esta significação? "Preminencia" quer dizer "superioridade". E daqui passou o Poeta para o conceito de "ordem superior". A transição não é mais violenta do que muitas outras que apparecem nos poetas gregos e latinos. Assim, Vergilio, por exemplo, diz "arremessar feridas" por "arremessar armas que fazem feridas" (46) e Sophocles faz empunhar a Orestes "o sangue recentemente aguçado", (47) por: o instrumento, recentemente aguçado, que vae derramar o sangue.

E' manifesto pelo contexto que o rei de Melinde se não refere a honras que Vasco da Gama lhe iria prestar a terra. Cf. II, 101.

Est. 94. Quando foi visitar Vasco da Gama, o rei de Melinde levava

> Na cabeça hũa fota guarnecida,
> De ouro, & de seda, & de algodão tecida, (48)

Commentario: "Para "guarnecida" pertence só "de ouro", como bem nota F. e Sousa; algumas edições ligam "de seda" a "de ouro", quando "de algodão" é que ha de ligar-se a "de seda".

---

(46) *Eneida*, X, 140:

> Te quoque magnanimae viderunt, Ismare, gentes
> Volnera dirigere et calamos ornare veneno.

"Volnera" por "tela vulnerantia", dizem os commentadores.

(47) *Electra*, v. 1395. "Duplice metonimia: uccisione, e quindi: ferro, brando", explica Bassi na sua edição.
Em Vergilio, Ismaro arremessa o effeito, em vez da causa que o ha de produzir; no tragediographo grego, Orestes empunha o effeito dos golpes que ha de vibrar. Nos *Lusiadas* transforma-se em substantivo um adjectivo, que pode ligar-se a variados nomes. E' um caso semelhante ao de III, 16: "segundo antiguidades contão". "Antiguidades" por "historias antigas", como "preminencia" por "ordem superior". E' o abstracto pelo concreto, de que ha tantos exemplos. Löfstedt (*Peregrinatio*, p. 110 e segg.) cita, entre outros, *mors* = *mortuus*, *sepulcrum* = *sepultus*, *triumpi* = *victi*, *coniugium* = *coniux*, *consortium* = *consors*, e explica tambem por esta forma o português "consola" (francês "console"), que, antes de designar um objecto, foi um nome abstracto, relacionado com o verbo latino *consolari*. (Meyer-Lübke contesta a etymologia proposta, e a nossa palavra deve ter vindo do francês.)

(48) Pontuação da edição *princeps*. Os dois versos formam no texto uma oração nominal.

A affirmação é verdadeira, mas não está devidamente provada. F. e Sousa apenas diz que a fonte do Poeta é o passo das *Déc.*, em que Barros fala da primeira apparição de Affonso de Albuquerque deante de Ormuz e da visita official que lhe foi fazer um mouro, "o qual vinha como quem se queria mostrar gentil homem, posta na cabeça huma fota de seda & ouro". (*D.*, II, 2, 3.)

Castanheda, que é a fonte do Poeta, diz apenas que o rei de Melinde "leuaua na cabeça hũa touca muita rica" (L. I, c. 10.) (49). Mas daqui já se pode inferir que ella não seria apenas "de algodão tecida", mas sim "de seda e de algodão".

E a razão do uso deste tecido dá-no-la Dames: "E' commum entre os mahometanos a seda tecida com outros fios, geralmente com a lã, devido á crença de que a seda lhes é prohibida pela sua religião. Actualmente é no estado mahometano de Bahãwalpur, na India, que se fazem estes tecidos". (50)

Est. 103. No resumo que o Poeta faz do que o rei de Melinde disse a Vasco da Gama, lê-se:

> E como por toda Affrica (51) se soa,
> Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
> Quando nella ganharão a coroa
> Do Reino, onde as Hesperidas viuerão.

Commentario: "Em "se soa... os grandes feitos" por "se soão (cf. V, 92, 2, ...) ha rigorosamente incorrecção de concordancia; mas Cam. pensou que poderia dizer assim, como se em vez de "os grandes feitos que fizerão", estivesse "o terem feito grandes feitos". Irregularidade semelhante ha em "Nom te abastava trinta mil mouros que me, per força de baptismo, tiraste"... (*Vida de Santa Pelagia*, na *Rev. Lusitana*, X, pag. 186), onde está "abastava" como se depois viesse "teres-me tirado... trinta mil mouros".

No que o Poeta pensou foi em deixar exemplificadas as construcções do typo "lê-se livros", ainda em pleno vigor no seu tempo. Alguns exemplos apenas:

> Se queres, façamos nynho
> sem mays arte,
> poys se acha em cada parte
> pedaços de mao caminho.
>
> *Cancioneiro geral*, t. I, p. 188.

---

(49) No mesmo cap. diz Castanheda que os mouros de Melinde usavam "fotas de panos de seda e ouro". E no c. 6 informa que o sultão de Moçambique, quando foi visitar V. da Gama, levava na cabeça "hũa fota de seda de veludo de muytas cores e de ouro". Isto confirma que não era só de "algodão tecida" a fota do rei de Melinde.

(50) *The Book of Duarte Barbosa*, Londres, 1918. T. I, p. 120. Traducção com valiosas notas, da notavel obra portuguesa.

(51) Graphia muito em uso no tempo do Poeta e que já se encontra em alguns códices das obras dos escriptores latinos. Cf. o *Thesaurus linguae latinae*, v. *Africa*.

"(Targiana), chegando á vista (52) dos muros da cidade e vendo os cercados,... chorou muitas lagrimas, mostrando gram sentimento, como quẽ com outro galardam quisera, que se satisfizera os grandes mimos, cortesia e amor, cõ que naquella corte fora tratada. (*Palmeirim*, t. III, pag. 350.) "E ẽ çuez se carrega estas mercadorias ẽ naujos pequenos q̃ se chamão gelbas". (Castanheda, L. II, c. 75.) "Os sinaes do qual (Oceano) se ve ao pé do Gate". (Barros, *Déc.* II, 1, 1.) "Se laue as nodoas". (Bernardes, *Varias rimas*, 1.ª ed., fl. 9.)

São estas construcções as legitimas herdeiras do uso que no latim popular, no da decadencia e no da idade média se fazia da voz passiva impessoal, acompanhada de complemento directo. Eis alguns exemplos, que se encontram no *Phil. Kommentar*, já citado, de Löfstedt (pag. 290-292): *Mihi aduenienti hac noctu agitandumst uigilias* (Plauto, *Trinummus*, 867). *Ita castra sine uolnere introitum* (Salustio, *Hist.*, IV, 10). *Faciatur, si tibi uidetur, et triclinia* (Petronio, *Saturæ*, c. 71, 10). *Primum aguntur gratiæ Deo, et sic fit orationem pro omnibus* (*Peregrinatio Ætheriæ*, 25, 3). E no *Doctrinale*, de Alexandre de Villa Dei (1264), encontra-se formulada a seguinte regra: "*Matthæum legitur, psalmos erat ante legendum*". (53)

Empregado impessoalmente, "legitur", em "legitur libros", significa que o acto de ler é praticado por alguem, cujo nome se não indica. E dahi provém a possibilidade de se lhe juntar um accusativo, quer no singular, quer no plural, para determinar o objecto sobre que recae a acção de ler, que fica indeterminada emquanto ao sujeito. "Pelo lado da psycologia da linguagem, observa Löfstedt, não são precisas longas explicações, para se ver que o complemento directo, incompativel com as formas passivas pessoaes, facilmente se podia juntar ás formas impessoaes, porque estas, para quem não possuia uma idéa clara das expressões empregadas, tinham conservado parte da sua força activa" (pag. 291). Ora, ao "legitur libros" corresponde á letra no portugês: "lê-se livros".

Depois é que, na nossa lingua, o plural do complemento directo fez passar o verbo para o mesmo numero e esta construcção supplantou a primeira, pela sua apparente regularidade e por causa da força apassivativa do "se" (54), que torna o "lê-se livros" equivalente a "são lidos livros".

---

(52) Sobre "a vista" = "á vista" cf. a nota a I, 99, 7.

(53) Com estas construcções se relacionam as do typo "*completo matutinas*" (Antonino de Placencia, *Itinerarium*, 11), "*quod comperto*" (Iordanes, *Getica*, 21, 132), "*excepto filiabus*" (S. Gregório Turonense, *Historia Francorum*, V, 14), em que o participio passivo, invariavel, no ablativo, tem como complemento, em accusativo ou ablativo, o nome que com elle havia de concordar, para formarem um ablativo absoluto. Cf. no português: "Curados os caualleiros d'Arnalta e aos mortos dado sepultura, tomou a Florendos pela mão" etc. (*Palmeirim*, II, p. 223). E ainda hoje: "excepto estes casos"; "visto as razões adduzidas"; etc. Schmalz, na *Berliner philologischer Wochenschrift*, 1910, 701-703, cita Plauto, *praesente nobis* (*Amphitruo*, 400), Terencio, *absente nobis* (*Eunuco*, 649) e o formulário *Praesente Antonio, Cassio* etc., para mostrar a antiguidade destes typos de construcção.

(54) Esta nova funcção do "se", originariamente pronome reflexo, provém-lhe da possibilidade de se passar de um sentido para o outro nas frases do

E se hoje ainda apparecem as frases do typo "lê-se livros", é antes por influencia de construcções analogas de outras linguas, em que não é possivel mudar o verbo para o plural, do que por causa da sua origem historica, que já não actua no espirito de quem fala ou escreve o portuguêz.

Como no "lê-se livros" o sujeito é indeterminado, é natural a tendencia para fazer corresponder estas construcções ás que, por exemplo, no francês e no alemão, teem por sujeito um nome no singular, transformado em pronome indefinido. (55) E dahi vem igualmente o considerar-se o "se" de natureza identica á destes pronomes. (56)

Ainda na est. 103 se lê que o rei de Melinde

...com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso merecerão
E o mais que pela fama o Rei sabia.

"Apregoar o mais" compreende-se; mas a que proposito vem o "apregoar o menos"?

---

typo "Pedro feriu-se": "feriu-se a si proprio"; feriu-se ao descer do carro"; "feriu-se pelo inimigo". Cf., por exemplo, nos *Lusiadas*, III, 9:

Aqui, em quanto as agoas não refrea
O congelado Inuerno, *se navega*
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio & frio Dano.

E em VII, 38:

Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum *se toca* por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

Em "Pedro feriu-se" e "Pedro foi ferido" a acção é recebida, soffrida, pelo sujeito. Basta, portanto, em "Pedro feriu-se" abstrairmos da idéa que foi o sujeito que praticou a acção sobre si mesmo, para estarmos em plena voz passiva.

Sobre as origens historicas do uso do pronome reflexo como particula apassivativa, escreve Brunot, na sua monumental *Histoire de la langue française* (t. I, p. 84-85): "Il est probable que ce n'est nullement une usure phonetique qui a determiné la disparition des suffixes très résistants du passif, *or, aris, atur*, etc., et qu'il s'agit de faits de syntaxe plus que de phénomènes morphologiques. On trouve d'abord l'actif intransitif tel qu'on le rencontre dans les commandements militaires, puis dans les écrivains de la décadence: *quorum cicatrices claudere cum coeperint (Mulomedicina Chironis*, 14, 17). On trouve en second lieu une forme réfléchie, mais dont on a assez peu d'exemples jusqu'au V.e siècle, sauf dans la *Mul. Chir.*, où elle est fréquente: *ut cutis se temperet* (211, 18). Plus tard dans la *Peregrinatio Silviae* (a *Per. Aetheriae* de Löfstedt e outros): *se facit hora quinta* (86) et dans *Itinerarium Antonini: regio se clausit ante Dominum* (189, 7).

(55) Cf. no francês, *on*, de "homo", e no alemão, *man*, de "Mann".

(56) E' claro que nas frases do typo "se navega pelo Brusio", hoje em desuso, o "se" não pode equiparar-se a um pronome indefinido, porque o sujeito é representado pelo agente da passiva. A correspondencia só se dá nas orações sem sujeito e com o verbo no singular: é só nestas que o "se" parece assumir a funcção de sujeito indeterminado.

O commentario é omisso a este respeito. Não será, portanto, inopportuno lembrar que temos aqui um exemplo da chamada *expressão polar*. (57) "O menos" e "o mais" são os dois extremos, os dois polos, que servem para designar "tudo" o que se acha compreendido entre elles. No caso presente, o rei de Melinde apregoa "*tudo* o que os de Luso merecerão e *tudo* o que pela fama sabia".

Temos outro exemplo na sextina 1.ª:

> Testemunhas serão a tinta e pena,
> Que escreverão de tão molesta vida
> O menos que passei e o mais que falo.

Na *Electra*, de Sophocles, a protagonista queixa-se de que o irmão, com as promessas nunca realizadas de que havia de vir vingar o pae, lhe aniquilara as esperanças "que tinha e as que não tinha" (v. 305-306), isto é, todas as suas esperanças. No *Trinummus*, de Plauto, uma das pessoas pergunta a respeito de outra: "Quin vendidit quod fuit, quod non fuit?" E na *Eufrosina*, Philtra diz a Carióphilo: "E vós isso que me dais, mal e por mal cabo, parece que o demo volo leva, devendo me quanto tendes e quanto não tendes" (pag. 49). E a pag. 79: "O seu amigo Galindo... lhes da o que tem e o que não tem, e ellas sempre zombam delle".

A proposito da est. 105, 5-8,

> Em quanto apacentar o largo Polo
> As estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,

adduz o commentario o passo imitado da *Eneida*, I, 608-610: "polus dum sidera pascet", etc., e annota: "Era crença da antiguidade que o céu se sustentava das exhalações subidas da terra e do mar".

Benoist, na sua edição das obras de Vergilio, transcreve com effeito este passo de Cicero, *De natura deorum*, II, 46, 118: "Sunt autem stellæ natura flammæ; quocirca terræ, maris, aquarum vaporibus aluntur iis, qui a sole ex agris tepefactis excitantur". Mas não é aqui que se encontra a explicação das palavras do poeta romano e portanto das de Camões. Esta dá-no-la Lucrecio, não só no texto citado tambem pelo editor e commentador francês — "Unde æther (58) sidera pascit" (L. I, v. 232), mas muito especialmente no do L. V, vv. 523-525.

Enumerando as differentes causas que podiam produzir o movimento dos astros, o autor do *De rerum natura* menciona esta: os astros andam pelo céu á procura de pasto:

---

(57) Encontrei esta designação no commentario de Bruhn á *Antigona* de Sophocles (Berlim, 1904), em nota ao v. 40, ao explicar as palavras *desligando ou ligando*, de que Ismênia se serve, para dizer á irmã que nada lhe pode fazer. Cf. o nosso *não ata nem desata*.

(58) O "ether", note-se, isto é, as regiões superiores do céo, o "polus" de Vergilio, o "polo" de Camões, e não "as exhalações subidas da terra e do mar", como diz o commentario, afastando-se do conceito expresso nos *Lusiadas*.

. . . . . sive ipsi serpere possunt
Quo cuiusque cibus vocat atque invitat euntes,
Flammea per cælum pascentes corpora passim.

Descrevendo a visita que o rei de Melinde faz á frota portuguesa, diz o Poeta na est. 106:

. . . . . os barcos vão remando
Pera a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos hũa e hũa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.

Commentario: "os barcos] deve considerar-se complemento objectivo de "remando", cf. "não tendo quem lhe remasse os nauios" (Barros, III, 10, 2)".

Não ha necessidade de se subentender aqui o sujeito, que demais a mais se não acha expresso nas estancias anteriores, porque nestas locuções o verbo "remar" é tambem usado intransitivamente, tendo por sujeito "os barcos" ou outra palavra correspondente. "Joham Foçim, quamdo vio que as gallees remavom pera terra... terreou tanto, etc.... As naaos e gallees... remaron pera a outra parte daalem" (Fernão Lopes, *Cronica de D. Fernando*, cap. 74). "Caminhando hũ dia ao longo do mar, ...virã vir pola borda delle, junto da terra, hũ batel, que remaua (59) oito remos" (*Palmeirim*, I, pag. 496).

Em 108, 1-5, observa o Poeta:

Em praticas o Mouro diferentes
Se deleitaua, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co pouo avidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
.. ..

O commentario limita-se a dizer: "Em "agora lhe pergunta" por "agora perguntando-lhe", ha anacoluthia".

A construcção é exactamente igual a esta do *ciclo do Cid*, citada por Leo Spitzer como exemplo de asymetria: (60)

Assiento les diera el Cid á la su mano derecha,
El tiemblando de atrevido Y ellos tiemblan de flaqueza.

E' um caso semelhante ao da mudança da oração subordinada para coordenada, facilitado pela possibilidade de se empregar o participio imperfeito pelo verbo no modo finito. Cf. as notas a I, 82, e II, 27-28.

---

(59) Ler "remavà" = remava a. Cf. a nota a VIII, 32.

(60) Na *Zeitschrift* de Gröber, 1911, p. 286.

Em II, 111, pergunta o rei de Melinde:

> ... quem ha que por fama não conhece
> As obras Portuguesas singulares?

"Conhece] em vez de "conheça" por causa da rima", pondera o commentario. Mas este indicativo era corrente nos prosadores do tempo de Camões. (61) "A fortuna... ordenou que naquele instante atrauessou por aquela parte Palmeirim de Inglaterra" (*Palmeirim*, t. II, p. 36-37). "Temo que as (vossas obras) passadas lhe esquecõ (*Ibid.*, pag. 287). "Na confiança disto me sustento e pode ser que não acerto" (*Ibid.*, pag. 420). "(Coge Atar) temendo tambẽ que a dor de todos lhe podia naquelle tempor ir á mão, tomou outro caminho" (Barros, *Déc.*, II, 2, 4). "Pode ser que sei eu quem folgou", etc. (*Eufrosina*, pag. 103). E Vieira: "Quanto tempo que se nos apparelha um tremendo açoute, e que havemos de sentir primeiro os rigores da justiça divina", etc. (*Cartas*, t. I, pag. 23).

Em III, 105, ha a mesma construcção:

> Acude e corre, pai, que se não corres
> Pode ser que não aches quem socorres.

O commentario, acudindo em nome da grammatica: "socorres] é indicativo, irregularmente, em logar do conjuntivo, por necessidade da rima, da mesma maneira que em II, 111, 3.

Lê-se na est. 112:

> Tentou Peritho e Theseu, de ignorantes,
> O reino de Plutão.....

Commentario: "Ligando um apposto do plural ("de ignorantes") a dois sujeitos do singular, que teem o verbo no singular, syntaxe tão estranha presentemente, Cam. teve exemplos nos escriptores latinos" (cita-se um logar de Cicero).

E tambem nos portugueses, podia accrescentar-se. "Foy dõ Duardos e Flerida apousentados no proprio apousento, que ainda tinha o seu nome" (*Palmeirim*, III, pag. 222). Cf. II, pag. 120: "Muito ledo foi o emperador e Primaliam de verẽ tal mostra". E foi de certo nos exemplos portugueses que o Poeta se baseou.

O canto II termina por estes dois versos:

> Mais razão ha que queira eterna gloria
> Quem faz obras tam dignas de memoria.

---

(61) E' a attracção do verbo, motivada pela preponderancia que toma a idéa expressa na oração subordinada.

O commentario aceita a correcção "he", em vez de "ha". Mas não existe motivo nenhum para modificar o texto da L.ª ed. No *Palmeirim* é frequente a omissão de certas preposições antes da conjunção "que", e disso deixou aqui o Poeta um exemplo. "Mais razão ha que" está por: "Mais razão ha *para* que", como neste passo: "Nestes casos musica he raynha dos outros remedios, ou ao menos peja e ocupa o tempo aa tristeza *que* mate mais ao longe" (I, pag. 119). E com outras preposições: "O perigo em que me dizeis que estais quero saber de vos, que de qualquer *que* vos visse, pouco contente seria" (*Ibid.*, pag. 109). "Quando sabia que caualleiros de muito preço... auiã de fazer (batalhas), ...hia estar presente a ellas pera ver magoas *que* não podia dar remedio" (*Ibid.*, pag. 90). "Ella, que soube que o caualleiro era Palmeirim, o recebeo com o amor *que* dantes o creara" (*Ibid.*, pag. 190). Como se vê, faltam nestes logares respectivamente as preposições "em", "a" e "com".

JOSE' MARIA RODRIGUES.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

III

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO III

Na est. 6, para determinar a situação geographica da Europa, diz V. da Gama ao rei de Melinde:

> Entre a Zona que o Cancro senhorea,
> Meta Septentrional do Sol luzente,
> E aquella, que por fria se arrecea...

Commentario: "Quer dizer: Entre a zona torrida, terminada da parte do norte pelo tropico de Cancer (como hoje se diz, com a forma latina), e a zona glacial do norte."

Mas porque o verbo "senhorea", isto é, domina, está superior? E' que o Poeta pensava na esphera parallela, em que o equador coincide com o horizonte racional e o polo do norte com o zenite, ficando assim a zona torrida por baixo do tropico de Cancer, podendo, portanto, dizer-se que este a "senhorea".

Nas outras posições da esphera (recta e obliqua) o tropico está ao lado e não por cima da zona torrida. E tanto mais ao lado, quanto o polo se vae aproximando do horizonte, até que na esphera recta metade daquelle parallelo fica no hemispherio inferior.

A posição em que o Poeta figura a esphera na est. 6.ª é a mesma que Pedro Nunes tem presente neste passo do seu *Tratado:* "Auemos de notar que estando o sol no primeiro ponto de cancro, que he ho solsticio do estio,... faz um circulo que he o derradeiro que ho sol faz da parte do norte & chamase tropico estiual: & veo este nome de tropos, que quer dizer volta: porque entam começa o sol a fazer volta pera o hemispherio debaixo e começase apartar de nos" (1).

---

(1) *Tratado da sphera, c. I, § Dos quatro circulos menores.*

"Para o hemispherio debaixo", tratando-se da esphera parallela, porque para nós, por exemplo, o sol volta para o hemispherio que nos fica ao lado e que tem por linha divisoria o equador, exactamente como o que fica por *debaixo*, para o caso considerado por Pedro Nunes.

Na est. 7 marcam-se os limites orientaes da Europa pela forma seguinte

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curvo e frio (2),
As diuide: e o Mar que, fero e horrendo,
Vio dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troia triumfante
Não vê mais que a memoria o nauegante.

Que mar é este? Na opinião do commentario, "é a parte do Mediterraneo chamada mar Egeu, o qual, segundo a geographia antiga, formando o estreito dos Dardanellos, o mar de Marmara, o mar Negro e o mar de Azof, separa a Europa da Asia." (3)

Nunca o mar Egeu teve tal extensão; nunca a geographia antiga incluiu nelle o mar Negro e o de Azof, pois o fazia terminar á entrada do Hellesponto (4). Basta citar o proprio autor adduzido pelo commentario: *"Inde (ab Hellesponto) ad Fretum* (5)... *tres maximos sinus efficit* (6)... *Mare, quod primo sinu accipit, Aegeum dicitur; quod sequenti in ore Ionium"*... (I, §§ 16, 17). *"Est Eleus, quae finit Hellespontum. Aegeum statim pelagus vaste longum litus impellit summotasque terras hinc ad promontorium quod Sunium vocatur... circumagit"* (II, §§ 26, 27). Isto é: o Egeu é um dos tres grandissimos golfos que o Mediterraneo forma entre o Hellesponto e as columnas de Hercules e estende-se desde a saída do Hellesponto até as costas da Atica, desde a cidade de Eleu até o cabo Sunio.

---

(2) A fonte dos vv. 3-4 é este passo do *De montibus* etc. de Boccaccio: *"(Tanais) ex Ripheis montibus... prorumpens,... tendit in Orientem et postquam diu oberravit, velocitate sua pugnans ne frigoribus cogatur in glaciem, in occiduum vertitur,... nec diu ante in meridiem mergitur quam a palude suscipiatur Meotide"*. O passo de Lucano, citado pelo commentario, explicaria apenas o epitheto "curvo". Sobre o *em* de "corre *no* lagoa" promete falar no *R. Ph.*, mas ahi nada diz. E' o representante do *in* latino com accusativo, frequente no sec. XVI. Um exemplo apenas. A respeito de Constantinopla lê-se no *Palmeirim*, II, 133: "(Os Turcos) estiverõ muitas vezes mouidos para vir nella cõ grandes frotas."

(3) E cita, em abono do que diz, as seguintes palavras de Pomponio Mela (De *Chorographia*, I, § 7): "*Nostrum mare* (o Mediterraneo), *ubi primum se artat Hellespontus vocatur, Propontis ubi expandit, ubi iterum presait Thracius Bosphorus, ubi iterum effudit Pontus Euxinus, qua paludi committitur Cimmerius Bosphorus, palus ipsa Maeotis.*"

E' escusado advertir que neste passo o geographo hispano especifica, não as partes do mar Egeu, mas as do Mediterraneo, do *Mare nostrum*. O texto é bem claro e não permitte substituir um mar por outro, como faz o commentario, lembrando os prestidigitadores.

(4) O Egeu era o mar do Archipelago da geographia moderna; era o mar que ficava entre a Grecia, a Thracia e a Asia menor. Só os seus limites para o sul e para o sudoeste é que não estavam bem determinados. Cf. o art. *Aigaion pélagos* na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa.

(5) E' o *Fretum Gaditanum*, o actual estreito de Gibraltar.

(6) O sujeito é *Nostrum mare*, i. é, o Mediterraneo.

A extensão inadmissivel que o commentario attribue a este mar, forçando para isso as palavras de Meia (7), provém, creio eu, da supposição que o Poeta devia referir-se ao Ponto Euxino e á lagoa Meotis, como limites da Europa pelo lado do oriente.

Mas a leitura attenta da estancia mostra que não foi essa a sua intenção.

O que elle apenas quis foi especificar o que geographicamente separa as duas partes do mundo, nos logares onde ellas se "avizinham" (cf. o v. 2.º). E ahi o que "as divide" é o rio Tanais e o mar que vae do Bosphoro até o extremo occidental do Hellesponto, ficando por isso excluidos o mar Negro e o de Azof, onde ellas se não "avizinham", mas se afastam (8).

"O mar que vio dos Gregos o yrado senhorio" (v. 5-6) é uma perifrase (cf. 1, 28, 4) para significar o que Barros chama o "mar de Grecia", o mar onde os antigos gregos dominaram durante seculos: "A terra de Asia apartasse da Europa per o rio Tanais... e per o mar negro onde se elle vem meter, continuado ao de Grecia pelo estreito de Constantinopla" (*Déc.* I, 9, 1).

Quer dizer: "o mar de Grecia" começa no Bosphoro e alarga-se passado o Hellesponto, coincidindo daqui por deante com o Egeu dos antigos geographos.

Mas onde é que "o mar de Grecia", "o mar que vio dos Gregos o yrado senhorio", divide a Europa da Asia? E', dizem-no os vv. 7 e 8, na região

Onde agora de Troia triumfante
Não vê mais que a memoria o nauegante (9).

E' aqui que as duas partes do mundo tornam a avizinhar-se, como nas margens do Tanais; é portanto nesta altura que deve mencionar-se o que geographicamente as "divide". E isso é a parte do "mar de Grecia" que vae do Bosphoro ao Hellesponto, que banha a região onde existiu Troia.

---

(7) E forçando tambem as do Poeta, pois a supposta perifrase por que este mar seria indicado (vv. 5-8), não permitte fazê-lo chegar até a foz do Tanais. O mar que viu as iras dos gregos contra Troia (admittida, como quer o commentario, a ligação dos vv. 5-6 com 7-8) foi apenas o Hellesponto e, quando muito, uma pequena parte do Egeu, na sua ligação com elle, mas nunca o Ponto Euxino, e muito menos a lagoa Meotis.

(8) Não é talvez uma simples coincidencia o facto de P. Mela, ao occupar-se do Hellesponto (I, 96), fazer uso do verbo "dividir", no mesmo sentido que lhe dá aqui o Poeta. Para o geographo latino, como se vê do logar que vae ser citado, o mar só *divide* terras, quando forma um estreito, quando aquellas são, por assim dizer, margens *(latera)*. Se é largo, não as divide, banha-as *(alluit)*. "*Ab his* (i. é, a partir da praia Reteia, onde ficava a cidade de Dardania) *arctius fit mare, nec iam alluit terras, sed rursus* (a primeira vez é no *Fretum*, nas columnas de Hercules) *dividens, angusto Hellesponti freto litus obvium findit: facitque ut iterum terrae, qua fluit, latera sint.*"

(9) Abrangendo quasi dois versos, a perifrase deixa a impressão de que "Onde" é complemento de "Vio". Mas o estudo do texto fá-la desapparecer. Sobre uma construcção analoga, veja-se III, 15, onde o antecedente de "Que" (v. 4) não é "o Apinino" (v. 3), mas "o" (sc. "braço"). Não foi o Apennino, foi toda a Italia *(o braço que vem ao mar*, est. 14) que o *pátrio Marte fez tão illustre.*

O "Onde" do v. 7.º liga-se, portanto, a "divide" (v. 5) e não a "Vio" (v. 6), como suppõe o commentario: "dos Gregos] que foram vingar o rapto de Helena".

A referencia aos gregos é motivada pela necessidade de fazer menção do "mar de Grecia" e não pelo conteúdo dos vv. 7-8, em que o Poeta perfilha a opinião de que Troia ficou "triumfante" daquelles.

E isto de conformidade com o que leu, por ex., nas *Enneadas* de Sabellico e no *Orlando Furioso*.

A respeito do que diz o autor da primeira obra, transcrevo das *Fontes dos Lusiadas* (p. 254): "O escriptor italiano, ao referir-se ás differentes opiniões acêrca da guerra de Troia, especifica a de Dião Chrysostomo, que se resume no seguinte: A guerra foi motivada pelo facto de os pretendentes gregos á mão de Helena levarem a mal que esta preferisse o estranjeiro Páris, com quem casou. Depois de uma luta porfiada, em que os gregos soffreram maiores perdas que os troianos, celebrou-se um tratado de paz, pelo qual aquelles se obrigaram a não ter guerra com a Asia, "em quanto a geração de Priamo possuisse Phrigia... E feito cõcerto cõ estas cõdições, os gregos, por quam mal lhe socedera essa guerra, leuãtarã logo discordias ãtrelles & cada hũ per desuiados caminhos tornarã a suas patrias" (10).

E no *Furioso* a est. 27 do c. XXXV é do teor seguinte:

Omero Agamennõn vittorioso,
E fé i Troian parer vili et inerti;
E che Penelopea fida al suo sposo
Dai Prochi mille oltraggi avea sofferti.
E se tu vuoi che'l ver non ti sia ascoso,
Tutta al contrario l'istoria converti:
Che i Greci rotti, e che Troia vittrice (11),
E che Penelopea fu meretrice.

---

(10) E em nota: "Vid. *Dionis Chrysostomi Orationes LXXX*. Paris, 1606. A *oratio* XI (p. 151-193) intitula-se *Troiana, aut de eo quod Ilium non sit captum*." As palavras que na citação do texto vão entre aspas pertencem á traducção publicada em Coimbra por d. Leonor de Noronha, sob o titulo de *Coronica geral de Marco Antonio Cocio Sabelico des ho começo do mundo ate nosso tempo*. Só vieram a lume as duas primeiras *Enneadas*, a 1.ª em 1550 e a 2.ª em 1553.

As divergencias a respeito das causas e resultado da guerra de Troia provoem das aulas de rhetorica, em que o assumpto era dado para exercicio. E daqui passaram para obras que se apresentavam como historicas. Cf. a nota a III, 9.

(11) "Troia vittrice" é precisamente a "Troia triumfante" de Camões. Segundo o commentario, "Troia triumphante] lembra o *superbum Ilium* da *Eneida* (III, 2-3)." Lembraria (embora a explicação, em vista do contexto do poema latino, não fosse muito satisfatoria), se não existisse a opinião que fica exposta e de que o Poeta tinha pleno conhecimento. E foi de conformidade com o seu costume, tantas veses manifestado, que elle a exarou nos *Lusiadas*, a par da que provinha de Homero (III, 57, 3-5; VI, 19, 8, VIII, 5, 3). E tambem se não esqueceu da que attribuia o rapto de Helena, não á paixão amorosa de Páris, mas a um plano de vingança, ordenado por Priamo. Cf. a nota a III, 140, 3.

Já no *Memorial* tinha Camões encontrado expendidas as duas opiniões contraditorias a respeito da guerra de Troia, pois, se nos cc. VIII e XX esta cidade é tomada á traição e destruida pelos gregos (pp. 30 e 115 da ed. de 1867), no c. XXIV (p. 147) Guaristenes diz a Florisbel: "Amado filho, vos tereys tal aviso em acometer os immigos, que trabalheys tomar a parte mais alta do campo... Ca os Gregos foram vencidos porque os Troyanos tinham ho lugar mais alto."

Segue-se, pois, que a "Troia triumfante" do v. 7.º não permitte unir este v. e o 8.º ao "Vio" do 6.º O "senhorio" dos gregos não se coaduna com o "triumpho" dos troianos.

A proposito do epitheto que acompanha aquella palavra, observa o commentario: "para "Gregos" pertence propriamente o conceito de "irado"; cf. com. a I, 67, 6."

Isto é: teriamos aqui uma transferencia de epitheto: "o irado senhorio dos Gregos", por: "o senhorio dos Gregos irados" (por causa do rapto de Helena).

Mas o que fica dito mostra que o v. 6.º não pode juntar-se aos dois seguintes, pois nada tem com a guerra de Troia.

O qualificativo de "senhorio" explica-se pelos do mar: "fero e horrendo". Por outras palavras: "irado" tem aqui a mesma significação que na conhecida formula pela qual os nossos antigos reis, nas doações que faziam de terras, costumavam com frequencia reservar para si o direito de entrar por ellas *pagados ou irados*, i. é: pacificamente ou em som de guerra (12).

Ora o dominio, o senhorio sobre um mar "fero e horrendo" não podia ser "pagado", mas tinha necessariamente de se apresentar "irado", sob pena de se não manter.

Note-se finalmente que a palavra "senhorio" seria inadequada, se Camões quisesse com ella significar a victoria que os gregos alcançaram sobre Troia.

Recapitulando: em III, 7, diz-se quaes os limites que dividem a Europa da Asia, nos sitios onde ellas se avizinham. Esses limites são o Tanais, até a foz, e o mar da Grecia, desde o Bosphoro, onde, segundo Barros, elle começa, até a saída do Hellesponto para o Egeu, portanto na parte que banha a região em que existiu Troia (13).

Na est. 8, 4, diz-se, para designar os fabulosos montes Ripheios, que estes

... co nome do sopros se ennobrecem.

E' assim — "do sopros" — que se lê nas duas primeiras edições. A 3.ª emendou para "dos sopros"; a 4.ª preferiu "do sopro"; a de Coimbra (1919) opta por "de sopros".

O commentario perfilha a primeira destas emendas e observa: "o erro é devido a fundirem-se naquelle tempo, na pronuncia de todo o país, o *s* final de "dos" e o incial de "sopros".

---

(12) Cf. o *Elucidario* de Viterbo, v. *Pagado*:... "*Irado ou pagado* se acha com frequencia no seculo XIII e XIV. Do latim *placatus* (!) se disse *pagado* o que vinha ou estava em paz e bom dia e sem a mais leve sombra de indignação, ira ou furor." No *Diccionario* de fr. Domingos Vieira lê-se (v. *Irado*): "Formula que se encontra *nas* doações antigas dos reis, no acto de declarar o que para si reservavam nos logares doados. Entre outras reservações, uma era que o rei havia de poder entrar nos ditos logares sempre que quisesse, *irado ou pagado*, isto é, em guerra ou em paz." Encontra-se isto mesmo no *Diccionario* da Academia espanhola, que é comtudo mais exacto na expressão *en donaciones*, e mais explicito no final: "irado y pagado, esto es, airado ó apaciguado; de guerra ó de paz."

Não é necessario observar que *pagado* vem de *pacatus* e não de *placatus*.

(13) Hoje, como todos sabem, já o Poeta não diria que desta cidade não ha mais que a memoria.

Não diz a quem deve ser attribuida a responsabilidade do "erro", se ao Poeta, se ao compositor, mas naturalmente é a este ultimo, segundo o costume.

Não pode, porém, haver duvida que foi o proprio Poeta que neste logar escreveu "do sopros", como em X, 127, 3, "doutro so", por "doutros so", em III, 84, 2, "do rios", em VII, 86, 2, "Guardase" por "Guardarse" e em IX, 26, 6, "Mostra lhe" por "Mostrar lhe".

E é facil de ver a razão disso. Camões quis deixar exemplificado o phenomeno de phonetica syntactica (14), resultante do encontro do *s* ou *r* final de uma palavra com o *s* ou *r* inicial da palavra seguinte e do *r* com o *lh* nas mesmas condições (15).

Era neste sentido que devia fazer-se a evolução da phonetica portuguesa, se a não viesse contrariar a pronuncia erudita, que aliás não evitou que appareçam alguns casos nos melhores escriptores do seculo XVI, nem evita ainda hoje que toda a gente diga, por ex., "dé réis", por "dez réis".

No *Palmeirim*, por ex., leu o Poeta: "E tomando as armas na mão pera ver os golpes, as achou tã espedaçadas que nam tam soomente teue em muito a grandeza delles; mas teue em muito mais auer homẽ em todo o mundo que com tamanhas feridas podesse sosterse algũ espaço. E antes que a soltasse das mãos, esteue louuando o esforço do caualleiro, dizendo", etc., (t. I, p. 266-267). "Vimos aqui... presentar nos aas damas da raynha, a que tomamos por valedoras ante vossa A., pera que nam sejamos *julgado* (16) segundo o merecimento das obras, que aqui nos trazẽ" (t. II, p. 520). "Depois nã podendo sofrer cada hum tamanho trabalho, se afastarã por descansar. O caualleiro estranho se assentou em hũ dos poyaes da ponte, e o do touro encostado a huma borda della, disse. Senhor caualleiro, já agora *yrey* (17) sentindo se alguns ofrecimentos fiz, que os poderei comprir" (t. III, p. 14).

Na est. 9 informa V. da Gama, falando da região mais septemtrional da Europa:

Aqui dos Cytas grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiuerão sobre a humana antiguidade
Cos que tinhão antão a Egipcia terra:
Mas quem tão fora estaua da verdade.
(Ja que o juizo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo se informàra,
Ao campo Damasceno o perguntára.

---

(14) "Sandhi" (ligação) lhe chamaram os antigos grammaticos da India, termo que passou do sanscrito para as grammaticas scientificas das outras linguas indo-européas.

(15) Cf. a assimilação e depois suppressão do *r* do infinitivo antes do *l* do pronome ou artigo: *mostrar lo, mostrallo, mostrá-lo.*

(16) O editor de 1786 accrescenta, nos dois passos, um "*s*" em italico. para indicar que falta no texto primitivo.

(17) Não foi accrescentado o "*s*", como nos dois casos precedentes, mas o contexto mostra que está "*yrey*" por "*yreys*". O "cavalleiro estranho" tinha

Commentario: "2-4. *"Trogus Pompeius* (Justino II, 1) *Scythas cum Aegyptiis de generis vetustate contendisse dixit"* (En. Silv. *Histor. rerum*, p. 306). Desta contenda ("guerra") tambem fala Am. Marcellino (XXII, 15). 5-6. Os scythas e os egypcios estavam fora da verdade, como desconhecedores da Biblia, que diz que todos os homens descendem de Adão e por isso veem por fim a ter todos a mesma antiguidade. 7-8. A noticia de Adão ter sido criado no campo onde posteriormente se fundou a cidade de Damasco... podia Cam. achá-la no *De cl. mulieribus* de Boccaccio (c. 1.°), na *Marg. philos.* (p. 608), na *Christiada* de J. Vida (-|- 1566) 348-350, etc."

A fonte da est. 6 o seguinte passo de Sabellico, que transcrevo da traducção portuguesa de d. Leonor de Noronha (18): "E pois venho a tratar destes reis (do Egypto e da Scythia), nã sera sem rezam falar da antiguidade delles e breuemente direy o que disso achey. Vulgarmente hay fama d'antiga contenda (19) que estes dous reys & pouos tinhã qual era o mais antigo. Os Egiptios queriam leuar esta palma, dizẽdo que a terra do Egipto era muyto temperada. As outras ou feruiã de quentura ou geauã de frio... Os scithas respondiam a isto que o temperamento do ceo nam era proua de mayor antiguidade... Com estas rezões defendiã cada hũ destes pouos sua antiguidade... Muyto mais verdadeiramente parece que se pode afirmar que a terra que primeiro se pouoou (20) estaa antre estas ambas: a qual he ho campo Damasceno e os lugares circũjeitos a elle. Esta foi a primeira terra que foy pouoada: e assi o mostra a sagrada scriptura (21), porque ho trato desta terra... he liure dos dãnos que tẽ a do Egipto & a dos Scythas".

Scythas e egypcios estavam fora da verdade, porque a terra que primeiro se povoou, depois do diluvio, não foi a que era habitada por qualquer delles, mas sim o campo de Damasco e os logares proximos.

As palavras do Poeta: "humana antiguidade" não se referem á criação do homem, como suppõe o commentario, mas devem entender-se de harmonia com a respectiva fonte.

A discussão entre scythas e egypcios versava sobre qual delles se constituiu primeiro como unidade ethnica, sobre qual delles remontava

---

dito ao do touro: "Parece-me... que quereys que todo se passe em cerimonias, pois auendo bom espaço que me fazeys esperar, no fim detendes vos em falar amores, ou ofrecimentos a custa alhea. Se eu os fiz, disse o do touro, eu os comprirey, que assi o costumo ha dias" (p. 13).

(18) Citada *Coronica geral*, I, 13-15. Reproduzi o que diz Sabellico nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 258-259.

(19) A "antiga contenda" existiu apenas nas escolas de rhetorica do periodo hellenistico. Cf. a nota a III, 7.

(20) O texto do autor italiano diz: onde appareceram os primeiros nucleos de civilização: *primos hominum cultus*. E' escusado advertir que Sabellico está a expor a historia das nações e povos posteriores ao diluvio. Scythas e egypcios eram descendentes de Noé e as suas discussões não podiam por isso referir-se aos tempos ante-diluvianos.

(21) Sabellico emprega o verbo *innuunt (quod sacras etiam litteras innuunt)*, que não é tão preciso como o "diz", e com elle quer referir-se ao *Génesis*, X, em que se explana a descendencia dos filhos de Noé. Effectivamente alguns dos nomes que ahi figuram se relacionam bem de perto com Damasco e com os "lugares circunjeitos a elle". A tradição que collocava o paraiso terreal no campo onde depois se fundou Damasco é inteiramente distinta da que faz partir dahi a humanidade post-diluviana, embora uma pudesse influir sobre a outra.

a tempos mais antigos. E como todos os outros povos tinham, por hypothese, apparecido posteriormente, bem podia o Poeta dizer que os dois tiveram guerra sobre a *humana antiguidade*, sobre os primordios da historia da humanidade, mas, é claro, da humanidade post-diluviana, pois nem Sabellico nem Camões podiam ter na mente a que precedeu o diluvio biblico.

Se uns e outros, nesta questão, se achavam fora da verdade e se desta poderiam ser informados pelo campo Damasceno, não é, como pretende o commentario, porque Adão fosse criado no campo que depois recebeu este nome, mas sim porque delle é que partiu a descendencia de Noé, para repovoar o mundo, porque foi, portanto, ahi e nas immediações que começaram a constituir-se os agrupamentos donde proveem todos os póvos. De Sem, por ex., como se lê no *Génesis*. X, nasceu Aram, o epónymo dos arameus, e de Cam é filho Canaan, que deu o nome aos cananeus, povos que ambos se acham em estreita ligação com o campo de Damasco.

Est. 10. Um caso de phonetica syntactica, complicado com a passagem do som final de um verso para o verso seguinte, temo-lo no principio da est. 10:

> Agora nestas partes se nomea,
> A Lapia fria, a inculta Noruega,
> Escandinauia ilha (22), que se arrea etc.

"Escandinauia ilha" não é um continuado de "Noruega", visto que estas palavras designam outra região e devem por isso ser precedidas do artigo "a".

Ora este encontra-se fundido com o *a* final de "Noruega", como com o pronome "a" acontece em IV, 29, 7-8, e com o artigo em IV, 63, 7-8, e 96, 6-7.

No *Cancioneiro geral* (IV, 350), allusivos a "hũ fidalguo q̃ no sserão del rrey se meteo em hũa chimine, & fez seus feytos nũ braseyro", vem estes versos de "Affonso dalboquerque":

> Polo cheyro
> que na camara sse sentyo,
> se foy eele o rreposteiro,
> & diz quachou no braseyro
> cousa que nunca se vyo.
> E ficou esmoreçydo
> quando vyo comem sahya
> causa cassy rreçendia.

Como é obvio, "sahya causa" por "sahya a causa".

E no *Auto do Fisico*, de J. Ribeiro, diz a quintilha 114 (ed. da Academia das Sciencias):

---

(22) A respeito da Escandinavia leu o Poeta em Sabellico: "Est insula haec Germanici Oceani, in sinu Codano." T. I, p. 510, ed. de 1560. E a p. 924: "Gothi ex Scandauia insula egressi sunt."

INÊS Fale o mundo, chocalheira;
eis aqui, lingoa de trapos!

GRIMANESA Fala daquela maneira
que veyo ontem da Beyra,
sengida com dous farrapos.

Note-se "maneira que" = "maneira a que".

Exemplo analogo apparece na quintilha 21:

ESCUDEYRO (23) Irmey.
MOÇO Pois vase.
ESCUDEYRO Vou:
perdoeme.
INÊS *(para o escudeiro)*. He mao ensino.
MOÇO Deixao hir, hum pequenino (24),
salsa verde, que já vou:
ora venha.

Aqui é a vogal por que termina "pequenino" que deve repetir-se como artigo antes da depreciativa alcunha: Deixa sair um poucachinho *o* salsa verde, que vou já chamá-lo. Cf. as notas a, III, 15, 7; IV, 41, 8; VI, 33, 6.

Explicando a allusão contida nos versos 3-4, da est. 10,

Escandinauia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega,

diz o commentario: "Foram os godos os que repelliram do sul da Suecia os habitantes primitivos. Os godos orientaes ou ostrogodos, debaixo do mando de Theodorico (+ 526) fundaram o imperio ostrogotico,

---

(23) O escudeiro, apaixonado pela filha do physico, vae, sob pretexto de consulta, a casa deste, onde não é conhecido: encontra o criado *(moço)* em colloquio amoroso com *Inés* (criada) e como que pede desculpa:

Sisto he tratar amor,
não sou destoruar amores.

Ao que o *moço* obtempera, mal humorado:

Amor! e que fará se o for?

E o dialogo prosegue: "Irmey" etc.

(24) I. é: um poucachinho. Intrometendo-se na consulta, diz o moço, quando o supposto doente pergunta se pode comer carne de porco:

Com licença de Galeno,
pode tocar hum pequeno
do magro (q. 67).

E na q. 101: "tomara disso um pequeno."

imperio que abrangia a Italia com a Sicilia, a Dalmacia, parte da Recia, e posteriormente tambem a Provença".

O imperio ostrogotico pouco tempo sobreviveu ao seu fundador (33 annos). Mas houve outro povo, como o Poeta leu em Sabellico, vindo tambem da Escandinavia, que se estabeleceu depois na Italia e ahi dominou por mais de dois seculos. Foram os lombardos, "qui Alboini ductu terram omnium nobilissimam occuparunt, occupatam ducentos et amplius annos tenuerunt" (T. II, p. 510). E o escriptor italiano prosegue: "Fuit gens ipsa ex Scandinauia oriunda; est insula", etc.

Era, portanto, nos lombardos que o Poeta principalmente pensava, ao escrever aquelles versos (25).

Na est. 11 lê-se que

.....na montanha
Hircinia os Marcomanos sam Polonios.

"Quer dizer (explica o commentario) que aos marcomanos antigos correspondem os modernos polonios, no que ha inexactidão... Os marcomanos... não occuparam nunca o territorio do antigo reino da Polonia".

Tem razão o commentario, mas estou convencido que o erro não é do Poeta e que este tinha escripto outra palavra.

Com effeito, se quisesse mencionar os marcomanos, sabia pela fonte principal destas oitavas, Sabellico, que elles eram "gens Germanica"; igualmente sabia por ella que os polacos correspondiam aos antigos sármatas: "Sarmatas, qui Poloni sunt hodie,... coercuit".

Que teria então escripto o Poeta? Que povo quereria elle mencionar como sendo "Polonio"?

Pouco depois das palavras que ficam transcriptas, Sabellico fala nos moscos (26), nos ruthenos (27), e prosegue: "Masouitae... Poloniae regi parent... Inter Liuoniam accolunt et Pruteniam, siue Prusiam. Itinere unius diei Hercinia sylua tota percurrit Poloniam... Post Masouitas qui in rerum Polonicarum relatione nuper dicti sunt, Prusia... est terra Germaniae".

Creio que foi "Masovitas" o que elle escreveu e que a emenda para "Marcomanos" resultou do facto de ser este povo mais conhecido do que aquelle, por causa das referencias que lhe fazem os escriptores latinos.

---

(25) Nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 260, cito ainda estes passos de Sabellico: "*Satis constat quidquid terrae intra Alpes iacet & Apenninum Umbrorum olim fuisse, qui inde a Tyrrhenis sint eiecti; Tyrrheni a Gallis; Galli a Romanis, Romani a Longobardis, qui postremo nomen ipsi terrae indiderunt.*" *En* 7.ª, l. 1.º, p. 340.

E nas *Rerum Venetarum ...Decades*: "*(Longobardi) ex Scandinauia, Germanici Oceani insula, gens ipsa oriunda dicitur... Procedente tempore... in Pannoniam uenere; hinc... in Italiam irrupere, ubi eorum opes eo usque creuerunt, ut annos ducentos et amplius in ipsa terra rerum sint potiti*" (*Dec.* 1.ª, l. 1.º). Pela boca de Sabellico, por exemplo, a Italia não nega as victorias que sobre ella alcançou a "Escandinavia ilha".

(26) "Ad ortum (Polonia) Moschos habet, Scythicum genus hominum." (Cf. a est. 11, v. 2.)

(27) "Omnis Ruthenorum terra tripertito nominatur" etc. Dos livonios occupa-se na p. seguinte. Cf. a est. 11.

Note-se tambem a informação inexacta, que se lê em Sabellico e no Poeta, a respeito da extensão da "Hercinia silva", que não se estendia até a Polonia.

A est. 12, depois de dizer que o Turco tem Byzancio submetida ao seu serviço indigno, termina por este epiphonema:

Boa injuria do grande Costantino.

O commentario interpreta: "Boa" por "grave".

O sentido tem de ser effectivamente esse, mas o epitheto é que me não parece condizer com o assumpto. Permitta-se-me por isso suppor que escapou aqui um erro de imprensa, a que não seria estranho o "B" inicial do verso precedente, e que o Poeta escreveu "Coa", monosyllabo, como tantas vezes se encontra nos *Lusiadas*. Cf. a n. a VI, 18, 8.

Na est. 15, v. 7, observa-se que a Italia

Pobre está de antiga potestade.

O commentario corrige: "Dir-se ha "pobre de potestade"; mas ha de dizer-se "pobre da antiga potestade".

Mas é isto o que está no verso citado, pois "de antiga" = "de a antiga" (28). Cf., por ex.: "(A donzela) disse Arnalta o que passava" *(Palmeirim*, t. I, p. 448). "Nam valendo Albarroco sua valentia" (*Id.*, t. II, p. 141). "Acertou o outro que lançou na carreira as maçãs douro Atalanta" *(Eufrosina*, p. 35).

Emquanto ao "de a", cf. IX, 67, 5:

Outros nas sombras que *de as* (29) altas sestas
Defendem a verdura passeauão.

E no *Palmeirim:* "Polinarda lhe teue ẽ merce aquellas palauras, assi pollo contentamento *de o* caualleiro do Saluage,... como" etc. (t. II, p. 313). "Alli... determinou passar a noute pera se informar *de as* cousas daquella terra" *(Ibid.*, p. 372) (30).

Mais dois casos iguaes ao de III, 15, 7:

Que de Arabica Meca vem cadano.

(IX, 7, 2).

Da fea tyrania e de aspereza
Fazem direito...

(IX, 28, 5).

---

(28) Sobre a fusão do *a* final de um verso com a inicial do verso immediato, v. a nota a III, 10, 2-3.

(29) O commentario junta as duas palavras: "das".

(30) Mas ao mesmo tempo: "Não se contentou *do* ver morto" (t. III, p. 68). "Mouido de piedade *do* ver tal" *(Ibid.*, p. 26). Relativamente ao *de o*, cf. Cornu, *Grammatik*, § 297, que cita estas palavras de Paranhos da Silva

O commentario acceita a escusada emenda "da Arabica" em IX, 7, 2, e nada diz a respeito de IX, 28, 5, embora o "de" esteja nas mesmas condições dos outros dois, como se vê pelo "Da" inicial (31).

Na est. 19 inclue-se o Aragão entre as nações da Espanha, por estes termos:

Tem o Tarragones, que se fez claro
Sujeitando Partênope inquieta.

Commentario: "Cam., dizendo "Tarragonês" no sentido de "Aragonês", seguiu a opinião de Ant. de Nebrixa, que entendia ser o vocabulo "Aragonês" corrupção de "Tarragones".

Sem identificar etymologicamente os nomes, escreveu Sabellico estas palavras, que o Poeta leu: "Magna et in Hispania rerum et nominum variatio facta est. Quae enim Bethica fuit in Granatae nomen abiit... Lusitania Portugalliae nomen adepta est... Tarraconensis in Catalauniam et Aragoniam (32) abiit". (T. II, p. 1012).

Continuando a enumerar as regiões da Espanha, menciona a mesma est. "o grande e raro Castelhano" e accrescenta:

Bethis (33), Lião, Granada, com Castella.

Commentario: "Tendo Cam. mencionado já os Castelhanos, se fala agora novamente de Castella; é que sem duvida se refere numa parte á Castella a Velha e na outra á Castella a Nova (F. e Sousa).

A conclusão é forçada. O Poeta podia dizer: Tem os Castelhanos, i. é, Castella, e com Castella, Betis, etc. Se quisesse especificar as duas provincias — o que aliás não era preciso para o seu intuito — fá-lo-ia por outra forma, com mais precisão (34). Cf. em um dos romances do cyclo do Cid (M. y Pelayo, *Antologia*, t. VIII, p. 72-73):

Que no me pidais a Burgos, á Burgos ni á Leon.
.....
Que no os pido yo a Burgos, á Burgos ni á Leon.

Est. 21. Nas notas ao *Vincentius Levita et Martyr*, poema épico de André de Resende, publicado em 1545, leu Camões a seguinte nota, expli-

---

(*Sistema de Ortografia Brazileira*, Rio de Janeiro, 1880): "Os nossos primos de Portugal... suprimem vogaes dizendo *d'oiro, d'osso, d'ar*; nós os brazileiros dizemos *de ouro, de osso, de ar*."

(31) E' assim que se deve explicar tambem o "Veo a fazer" de III, 22, 7:

Esta, o velho que os filhos proprios come,
.....
Veo a fazer no mundo tanta parte.

Commentario:... "E"... possivel que o Poeta escrevesse "Veio-a a fazer", com o pleonasmo usual."
Mas para ler os dois ao não era preciso escrevê-los ambos.

(32) Esta palavra provém do rio Aragón, confluente do Ebro, na margem esquerda.

(33) Cf. a graphia usada por Sabellico no passo que acaba de ser transcripto.

(34) Veja-se a nota a IV, 8. Para Camões, Castella era a Castella Velha. A Nova era o *reino de Toledo* do c. IV, est. 10.

cativa das palavras "Lusi inclyta regna": "Lusitaniam intelligimus. Plinius, lib. 3, cap. I, ex Varrone: *Lusum enim Liberi patris, ac Lysam* (35) *cum eo bacchantem, nomen dedisse Lusitaniae.* Quorum verborum hic est sensus: Lusum Liberi patris filium, non autem socium, ut quidam interpretantur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse... Igitur tam a Luso, quam a Lysa, regio nomen adcepit. Et a Luso quidem Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania. Utroque enim modo adpellatur, teste Stephano", etc.

Baseado neste passo, escreveu o Poeta em III, 21:

> Esta foi Lusitania, diriuada (36)
> De Luso ou Lysa, que de Bacho antigo
> Filhos forão, parece, ou companheiros.

Commentario: "Plinio... communicando-nos uma noticia de Varrão, tem um periodo obscuro, em que ha variedade de lições e é interpretado diversamente. A edição de Paris de 1532, entre outras (v. g. a de Basilea de 1545), traz *Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae*, e no Indice põe: *Lysa* (devera ser *Lysas*) *Bacchi comes... Lusus Bacchi comes.* Cam. neste logar dizendo "filhos ou companheiros", junta a interpretação, que mais promptamente occorre, daquelle passo de Plinio, a de "filhos", com a que vem naquelle Indice, a de "companheiros", mostrando com o "parece" reconhecer a obscuridade do texto, e diz "Luso ou Lysa", porque a "Luso" é que propriamente corresponde a forma "Lusitania", ao passo que a "Lysa" havia de corresponder "Lysitania". Em VIII, 3, falando novamente de Luso, diz "filho e companheiro". E' que, segundo me parece, no intervallo da composição destes dois Cantos lêra o *Vincentius* de Resende *(segue-se o trecho já transcripto)*... Conformando-se com o parecer de Resende, o Poeta chamou então a Luso decididamente filho de Baccho".

O commentario principia por attribuir a Camões, como sendo a "que mais promptamente occorre", uma interpretação que nunca occorreu, nem pode occorrer a ninguem que saiba latim. Se com "Lusum" houve quem subentendesse "filium" ou "comitem" (37), já o mesmo não acontece com "Lysam". Este é só "companheiro" de Baccho, e isso por causa do "cum eo bacchantem".

Foi para não traduzir "De Luso, filho ou companheiro", e "ou de Lysa, companheiro", que o Poeta deu tambem ao segundo a possivel categoria de filho, collocando os dois na mesma plana.

---

(35) Na sua edição de Plinio Detlefsen prefere a este nome proprio o appellativo *lyssam*, palavra grega que significa *raiva, furor*, etc. Para *Lusum*, que adopta, refere as variantes *lusum* e *lysum*; e, em vez do singular *bacchantem*, opta pelo genitivo do plural, complemento de *lyssam*.

(36) A respeito desta graphia, cf. a nota a III, 65.

(37) Contra o "comes", que se lê na edição de Paris, reclama Resende: "*filium, non autem socium, ut quidam contra usum loquendi interpretantur.*

E' a *denominatio a potiori;* é o mesmo processo mental que o levou a falar nos "sete caçadores" de Tavira (VIII, 25, 8) e nos "quatro mil Lacedemonios", de Leonidas (X, 21). Cf. as respectivas notas.

Para explicar a divergencia entre III, 21, e VIII, 3, suppõe o commentario que o Poeta leu o *Vincentius* no intervallo entre a composição dos dois cantos.

Mas basta notar: 1.°) que o poema épico de Resende foi publicado em 1545, i. é, na mocidade de Camões; 2.°) que pela justa celebridade de que gozava o autor e pelo assumpto tratado, que se prendia em parte com a fundação da nacionalidade portuguesa (cf. III, 74, 5-8), o Poeta, mesmo antes de pensar na redacção definitiva dos *Lusiadas*, não deixaria de ler avidamente tambem aquella producção do insigne humanista, inventor da palavra que elle ia immortalizar, tomando-a para titulo da sua epopéa (38).

A razão da discordancia é outra.

Segundo o seu costume (39), o Poeta aproveitou-se das duvidas que havia a respeito das relações que prendiam Luso a Baccho, para recorrer a uma ou outra opinião, segundo as circumstancias o exigiam. Assim, no c. I, 39, falando no "consilio" dos deuses a favor dos portugueses, hostilizados por Baccho, Marte observa:

Bem fora que aqui Baco os sostentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam priuado.

Como o procedimento de Baccho para com os lusos não seria comprehensivel, se se tratasse de um povo que proviesse de um filho seu, Camões, pela boca de Marte, prefere aqui a versão de que Luso era companheiro de Baccho *(socium, ut quidam interpretantur* diz Resende).

E para tornar antipathica e só explicavel por sentimentos menos nobres a attitude de Baccho, Marte lembra que Luso foi, não simples companheiro, mas grande "privado", intimo, daquelle. A referencia á filiação seria aqui completamente descabida.

O mesmo acontece em VI, 30, em que Baccho, em guerra aberta com

---

(38) Se o Poeta conheceu as palavras "Lusiadas" e ""Tágides" pelas publicações de Resende, anteriores ao *Vincentius*, mais uma razão que nos convence de que elle não deixaria de ler esta obra, logo que ella appareceu. E entre as notas á nova composição encontrou estas: *"A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellauimus Lusitanos, et a Lyseo Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius. Nec male subcessit. Nam video id multis adlibuisse." "(A Tago) nos auei sumus... derivare... patronymicum femininum Tagis, idis."*

O insigne humanista eborense empregou pela primeira vez a palavra *Lusiadae* na *Oratio pro rostris*, proferida na abertura da universidade de Lisboa em 1534 e nesse mesmo anno publicada. O estar errada esta data em Barbosa Machado (1554, em vez de 1534) fez com que eu, nas *Fontes dos Lusiadas*, n. 6-10, suppusesse ter sido Jorge Coelho o primeiro que, em um poemeto latino, impresso em Coimbra, em 1536, usou da palavra anteriormente inventada por André de Resende. Foi a sra. d. Carolina Michaëlis que me advertiu do meu equivoco *(Instituto*, vol. LII, p. 241-250). Ainda não vi exemplar nenhum da *Oratio* cit.

J. Coelho preferiu a forma *Lysiadae*. Sempre era uma variante.

(39) Cf. as notas a II, 44, 1; III, 7. Compare-se I, 7, 7-8, com III, 53, 7-8; X, 93, 7-8, com X, 95, 1-2.

os lusitanos, não chama a Luso nem sequer companheiro, mas apenas um "vassallo" seu:

> Vedes agora a fraca geração
> Que dhum vassallo meu o nome toma,
> Com soberbo e altiuo coração
> A vós e a mi e o mundo todo doma.

Na oitava de que me estou occupando, o Poeta não se decide sobre a natureza das relações entre Baccho e os dois epónymos da Lusitania. E' porque era esta a occasião de deixar expressa a divergencia de opiniões sobre o assumpto, visto que, em outros logares, precisava de recorrer a ella (40).

Em I, 39, e VI, 30, foi uma a opinião seguida; em VIII, 3 e 4, é outra. Agora Luso é

> ... filho e companheiro do Thebano,
> Que tam diuersas partes conquistou.

Agora é "seu companheiro e filho amado".

E' que Paulo da Gama quer mostrar ao catual que está tratando com gente cujo nome provém duma personagem que naturalmente tinha tomado parte na expedição de Baccho á India, visto que era seu companheiro e filho amado.

E esta expedição conhecia-a o catual muito bem (ficção poetica, é claro), ainda que não fosse senão pola ver figurada na residencia do Samorim, em cujos portaes

> Estaua hum grande exercito que pisa
> A terra Orientai, que o Idaspe laua;
> Rege o hum capitam de fronte lisa,
> Que com frondentes tirsos pelejava.
>
> (VII, 52).

E para signal de parentesco, a figura que Paulo da Gama mostrava ao magnate indio tinha na mão, "pera diuisa, o verdo tyrso que foi de Baco usado". (VIII, 4).

Vê-se, pois, que o Poeta se serviu do texto de Resende, de conformidade com as situações que tinha de descrever, e que nem é admissivel, nem necessaria a hypothese do commentario, relativa á epoca em que elle conheceu o referido texto (41).

Segundo o commentario, o Poeta, em III, 21, "diz "Luso ou Lysa", porque a "Luso" é que propriamente corresponde a forma "Lusitania", ao passo que a "Lysa" havia de corresponder "Lysitania".

---

(40) Para o rei de Melinde, a quem V. da Gama se dirige, não tinha importancia a duvida suscitada a respeito da filiação de Luso.

(41) Se Camões quisesse fazer desapparecer as divergencias, teria muito tempo para isso.

Isto não explica o emprego do "ou". E até, se a razão fosse a allegada, o Poeta não devia falar em Lysa. Mas as duas formas differem tão pouco, que não julgou necessario fazer a destrinça que leu em Resende. Para elle, a palavra "Lusitania" deriva de Luso ou Lysa (42).

Em compensação, no c. VIII, 3, diz que o campo que vae do Douro ao Guadiana tanto contentou Luso, que este ali se deixou ficar, dando o nome aos nossos e ficando aquelle a ser conhecido pelo de "campo Lísio". Cf. a nota a este logar.

Na est. 44, 5-8, refere-se por esta forma a circumstancia de na batalha de Ourique terem tomado parte mulheres mouras:

> Seguem guerreiras Damas seus amigos,
> Imitando a fermosa e forte Dama,
> De quem tanto os Troyanos se ajudārão,
> E as que o Termodonte já gostārão.

Distinguem-se aqui com toda a clareza as amazonas da Thracia, que vieram em auxilio dos troianos, das que habitavam no Ponto e que, pela maneira como o Poeta se exprime, tal auxilio não prestaram.

E isto é talvez propositado, por causa da confusão existente nos seguintes versos da *Eneida*, que muito tem dado que pensar aos commentadores:

> Quales Threiciae cum flumina Thermodontis
> Pulsant et pictis bellantur Amazones (43) armis,
> Seu circum Hippolyten, seu cum se Martia curru
> Penthesilea refert,.....
>
> (XI, 659-662).

Sendo o Thermodonte um rio do Ponto, como é que as amazonas vivem na Thracia ? (44)

---

(42) Isto é: tanto se poderia dizer "Lusitania", como "Lysitania". E das duas maneiras se dizia. O que era preciso era escolher uma e estava manifestamente indicada a primeira, ainda que não fosse senão pelo uso que della fizeram os romanos. Accrescia ainda a filiação de Luso, que dava ao epónymo uma origem mais elevada que a de Lysa, simples companheiro de Baccho.

(43) Apesar de ser breve o *o* desta palavra, em português lemos *amazónas*, accentuando a palavra á grega. O mesmo fazemos, por ex., em *ídolo* (idōlum), *êrmo* (erēmus), *polygono* (polygōnum), no arcaico *metauro* (de metéoro), hoje *meteóro* (meteōrum), nos nomes proprios *Helêna* (Helena), *Iphigenia* (Iphigenia), *Isidro* (= Isidoro), a par de *Isidoro* (Isidōrus); etc. Cf. tambem *theologia*, *philosophia*, *geometria*, *Sophia*, etc., em que o *i* do suffixo é accentuado no grego, mas não no latim.

(44) Servio fez erradamente do Thermodonte um rio da Thracia. Do commentario do padre Lacerda resulta que as amazonas da Thracia viviam nas margens do Thermodonte, rio da Asia. Heyne suppõe que "Threiciae" está por "Scythicae" ou "Sarmaticae", "quod, tanquam poeta, suo jure fecit", accrescenta. Segundo Benoist, "les poètes, sous le nom de Thrace et de Scythie, comprennent les régions septentrionales en général". No commentario de Ladwig-Schaper-Deutike (Berlim, 1904) adduz-se a explicação de que os poetas romanos confundiam muitas vezes os povos do extremo nordeste. Foi assim que tambem Propercio collocou o Thermodonte perto do Strymon (IV, 4, 71).

ESTUDOS SOBRE OS «LUSIADAS» 31

O commentario mantém a confusão, pois a respeito dos versos 6-7 diz: "Fala-se de Penthesiléa, rainha das Amazonas,... que... veio em auxilio dos troianos"... E o 8.º explica-o assim... "E' perifrase por: Amazonas. O Thermodonte é um rio do Ponto, na Asia menor, na região onde habitaram as amazonas (Verg. *En.* XI, 659-610; F. e Sousa)."

Est. 48. Com relação ao "tocam a arma" do v. 6 desta est., o commentario adverte por duas vezes que é frase antiga, mas cita só Rodrigues Lobo e o padre Vieira, que naturalmente imitaram o que viram nos *Lusiadas*.

Ora no *Memorial* leu o Poeta: "Em amanhecendo (Sagramor) mandou tocar a Arma e fazer prestes pera ir em alcanço dos immigos" (p. 14). F. de Moraes preferiu o "al arma". "Dõ Duardos, saindo o sol, mando (= *mandou*) tocar al arma a muy grã pressa" (*Palmeirim*, t. III, p. 296). E' numa forma e noutra (45), o *ad arma* dos romanos, o actual *às armas!*

Est. 49. Comparando os mouros, que em Ourique, "atonitos e torvados, tomam sem tento as armas, mui depressa" (est. 50), com os pastores, que de noite fogem deante do fogo que se ateia, diz o Poeta:

Bem como quando a flama que ateada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando(46):
A pastoral companha (47), que deitada,
Co doçe sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe (48) o fato, & foge pera a aldea.

Desta arte o Mouro.....

O commentario ao v. 8 diz, e bem, que "o fato está na accepção, mais ampla do que a que tem no portuguès moderno, de "as cousas do uso pessoal de alguem" (49), e, depois de citar exemplos deste emprego, accrescenta: "Que não pode querer dizer "manada" ou "rebanho", como alguns pensam, reconhece-se facilmente, attentando nas circumstancias que se descrevem".

---

(45) O que as distingue é apenas a presença ou a ausencia do artigo, representado pelo *l*. No "arma" por "armas" temos a reminiscencia do plural neutro latino *arma*. Naturalmente trata-se de uma forma literaria. Cf. Silio Italico: *Arma, arma... volunt* (XI, 133).

(46) São bem conhecidas as *queimadas* do Alentejo, que suggeriram o simile ao Poeta.

(47) Do latim popular *compania*, com o *i* breve. Cf. *companhia* (III, 78, etc.), derivada de *companio* (de *cum pane*, que come do mesmo pão), donde o arcaico *companhão, companheiro, companhia*, etc.

(48) Basta reparar neste verbo, para se ver que "fato" não pode aqui significar o gado.

(49) Com esta significação e com a de manada de gado, encontra-se neste passo de F. Lopes. *Chron. de D. Joào I*, 1.ª p., c. 97: "Fezerom presa em dous fatos de vacas... e arramcaram as temdas e carregarõ os fatos."

Parece inferir-se destas palavras que, segundo o commentario, os pastores fogem, deixando o gado. Mas este achava-se recolhido na malhada ou redil, pois era de noite, e os pastores, ao fugir, tangem-no deante de si. E' uma circumstancia que por si mesma se subentende e que por tal motivo o Poeta omitte.

Est. 60. Escrevi nas *Fontes dos Lusiadas:* Em III, 60, 3-4, diz-se que Lisboa

> Aa grande força nunca obedeceo
> Dos frios pouos Sciticos ousados.

Foi tambem nas *Enneadas* (de Sabellico) que o Poeta encontrou a seguinte noticia, a proposito da invasão da Espanha pelos alanos, vandalos e suevos: "Tum vero multiplex clades est omne Hispanum nomen adorta, foedaque hominum et rerum strages secuta, quicquid a Pyrenaeo ad Oceanum patet soli in praedam et populationem abiit... Olisiponenses Oceani accolae sibi auro pacem redemerunt, ne urbs ab ea gente circumsessa maiorem aliquam adiret cladem *(En.* 7.ª, l. 9.º, p. 418). (50)

O commentario, sem fazer qualquer referencia ás *Fontes*, diz: "Segundo uma tradição registada em Sabellico (VII, 9, fim), quando os vandalos, suevos e alanos invadiram a Peninsula, Lisboa obteve — a preço de ouro — não se ver submetida aos invasores".

E prosegue: "A expressão "povos Scythicos" designa aqui em geral os povos barbaros que invadiram e destruiram o imperio romano. Osorio (51) chama *Scythicas gentes* aos alanos, hunnos e godos *(Hist.* VII, 34) e do cabo de guerra germanico *Radagaisus* (Radegast) diz que... *paganus et Scytha erat (ibd.* VII, 37)".

Os povos scythicos a que o Poeta se refere nesta oitava são apenas os alanos, vandalos e suevos; são os invasores de 409. Foram estes os que vieram pôr cerco a Lisboa e a não puderam tomar.

Verdade é que, segundo Sabellico, só os primeiros pertenciam áquella raça (52), ao passo que os outros dois eram germanicos. "Sunt Vandali Germaniae populi... Horum pars sunt Suevi... Halani qui cum his commilitium fecere Scythae sunt origine" (l. cit.).

---

(50) A fonte de Sabellico é Blondo (Flavius Blondus), na obra *Historiarum ab inclinatione Romanorum libri XXXI.* No l. I, déc. 1.ª (p. 13 da ed. de 1569) diz elle que os barbaros, não tendo podido entrar em Toledo, seguiram o curso do Tejo, na direcção do mar, e só pararam junto dos muros de Lisboa, a qual não tomaram, por terem recebido dinheiro dos moradores: *non tamen sunt potiti, sed pecunia per pactionem accepta abscessere.* Ao dinheiro dos dois italianos accrescenta fr. Bernardo de Brito a intercessão dos santos martyres lisbonenses. Verissimo, Maxima e Julia. Foram estes que fizeram com que "os barbaros, assaltados de hua doença repentina, e de certo medo e temor espantoso, levantassem o cerco e se contentassem com pouca quantidade de moeda, que lhes deram, para pagar parte dos gastos feitos na jornada" *(Mon. Lusitana,* l. v., c. 29). E continúa: "Este he o dinheiro com que Blondo e Sabelico dizem que Lisboa remiu sua liberdade, sem fazerem mençáo do poder dos Santos."

(51) Por manifesto lapso de revisão escapou em ambas as edições "Osorio" por "Orósio".

(52) E assim é. Cf. o artigo *Alani* da *R. Encyclopädie* de Pauly-Wissowa.

Mas, ou pela *denominatio a potiori* (cf. a nota a VIII, 25, 8), ou pela preferencia dada neste ponto a Vaseu (53), os tres povos são considerados como ethnicamente affins.

Nada diz o commentario a respeito do adverbio "nunca" do 3.º verso, do qual parece inferir-se que, segundo Camões, nenhum dos tres povos se apoderou posteriormente de Lisboa.

Ora em Sabellico viu elle o contrario disto. "Lusitaniam duae illae gentes (fala dos alanos e dos suevos) inter se ex aequo diuisere, ut Sueui Olisiponem haberent, Emeritam Halani cum omni Galatia" (l. c., p. 427) (54).

Deve, portanto, aquella palavra considerar-se como uma simples negativa reforçada (cf. II, 53, 1), referente apenas ao primeiro embate dos invasores.

Verdade é que deixa outra impressão a leitura desprevenida da estancia e teriamos então de explicar pelo patriotismo do Poeta o sentido obvio das suas palavras (55).

Nos quatro versos finaes:

> Cujo poder a tanto se estendeo,
> Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados,
> E em fim co Betis tanto alguns podêrão
> Que aa terra de Vandalia nome dêrão

acha-se confirmado o que acima disse acêrca da latitude que deve dar-se á expressão "povos scíticos" (56).

Emquanto á etymologia da "terra de Vandalia", Camões leu no *Vincentius* de Resende estas palavras, que transcrevi nas *Fontes dos Lusiadas:* "A Vandalis Baetica Vandalia facta est; inde Vandalicia, postremo corrupta voce Andalucia" (57), (nota a II, 91-92).

---

(53) "Vandali, Suevi, Alani, Scythicae originis populi". *Rerum Hispaniae memorabilium annales (Salmanticae,* 1552). Obra reimpressa na *Hispania illustrata,* Francfort, 1603. Cf. a p. 613 do t. I.

(54) Na sua *Chronica,* Idacio, presumivel bispo de Aquae Flaviae (Chaves) e contemporaneo dos acontecimentos, diz que foram os alanos os que ficaram senhores da Lusitania: "Alani Lusitaniam et Chartaginiensem provincias sortiuntur" (§ 49). "Alani Lusitaniam et Celtiberiam possederunt (§ 60). (V. a ed. de Mommsen nos *Mon. Germaniae Historica, Chronica minora,* v. 2º). E é nisto seguido por Vaseu, l. c., o que explicaria a *denominatio a potiori,* no caso de ser preciso recorrer a ella. Cumpre observar que o patriarca dos nossos chronistas, se assim lhe podemos chamar (Idacio era natural de Ginzo de Lima, na Galliza), é omisso a respeito quer do frustrado cerco de Lisboa, quer da sua conquista posterior. Nem sei a origem da informação de Biondo, aproveitada por Sabellico e depois por Camões.

(55) Foi tambem um sentimento estranho aos textos o que levou fr. Bernardo de Brito a appellar para a intervenção dos tres santos. Nem dos hagiographos, nem de outras fontes consta qualquer allusão ao caso. Cf. os *Acta Sanctorum* dos bolandistas, no t. I de ouutbro, p. 26-29.

(56) A leste do *Ibero* fica situada a Catalunha, palavra que os velhos etymologistas diziam vir de *Gothi* e *Alani.* E ainda hoje ha quem siga esta opinião.

(57) Em nota reproduzo o parecer dos que derivam esta palavra do nome Andalos, dado pelos berberes a Tarifa, onde os vandalos embarcaram para a Africa. No livro de Iungfer y Martinez Pajares, *Apellidos y nombres de lugar Hispano-Marroquies,* Madrid, 1918, lê-se tambem a p. 90: "La antigua Bética, ahora *Andalucia,* se llamó entre los moros *Andalos* = tierra de Vándalos, un nombre, que por ellos, lo mismo que por Edrisi, fue aplicado finalmente para toda la Península."

Na est. 61, 5-8, diz o Poeta:

> Ja lhe obedece toda Estremadura,
> Obidos, Alanquer (58), por onde soa
> O tom das frescas agoas, entre as pedras,
> Que murmurando laua, e Torres Vedras.

Commentario: No ultimo verso esperava-se achar "lavão" tendo por sujeito "agoas"; mas attendendo a que o "tom das frescas agoas" equivale a "as frescas agoas resonantes" (cf. VII, 20), Cam. tomou a liberdade de dar ao verbo por sujeito "o tom" e dizer "lava". Se Cam. tivesse dito "lavão" fazendo de "vão e" uma só syllaba metrica, a synerese não seria mais violenta do que em *"Sendo o* de seus passados até morte" (VII, 38) e em "Que em tanta antiguidade *não ha* certeza" (III, 29)".

A liberdade que Camões tomou foi a de fazer uso de um verbo na terceira pessoa do singular, com o sujeito no plural, liberdade de que encontrava frequentes exemplos nos mais autorizados escriptores portugueses que compulsava (59).

Sobre o assumpto escrevi nas *Notas*, c. VI: "Quem ler com a devida attenção os nossos melhores escriptores dos seculos XV e XVI não raro encontrará orações em que ao sujeito na terceira pessoa do plural corresponde um verbo na terceira do singular. Citarei alguns exemplos, começando por Fernão Lopes: "Duas grandes pressas os movia fazer isto" *(Chron. de D. Fernando*, c. 106, p. 359, na ed. dos *Ineditos da Academia)*. "Em fim da mesa foi apresentado ao conde e aos outros senhores muytos panos de sirgo" *(Ibid.*, p. 408). "Suas doces pallauras mesturadas com asperos braados nom os podia a esto demouer" *(Ibid.*, p. 425): "Alli nom avia outras temdas que os emparasse de tempo contrairo" *(Ibid.*, p. 449). "E estes tam forçosos cuidados os fez logo leuantar todos" *(Chron. de D. João I*, 1.ª p., c. 109, p. 184 da ed. de *Archivo Hist. Port.)*. *Do Memorial* de J. F. de Vasconcellos: "Tal he a simpreza humana, que nem as penas de cada dia a faz provida, antes incita à (60) maiores erros" (c. 5, p. 10 *v.*, da ed. de 1567). Á todo tempo que vier lhe entregarei seus reynos e senhorios e com esta condição

---

(58) O Poeta parece seguir a opinião de Goes, que via no nome da sua terra natal um composto de duas palavras que significam — *Igreja dos Alanos*. E é ainda hoje a da cit. *Real-Encyclopädie*. Iungfer y Pajares, obra cit., p. 90, explicam-no por *cherus*, penha, no baixo latim, e o adverbio *além*, e citam *Cisquer, Dosquers, Queros Albos, Queralps* e outros nomes de logar na Peninsula hispanica.

(59) O inverso — sujeito no singular e verbo no plural — pode dar-se com os collectivos, como é facil de ver, embora hoje esta construcção se restrinja quasi exclusivamente aos partitivos, acompanhados de um complemento no plural: *Parte dos inimigos fugiram*. Neste caso já não é só o partitivo, é tambem o plural do todo que influe no numero do verbo.

Outras vezes o plural do verbo é devido unicamente á attracção de um complemento do sujeito, que se sobrepõe, por assim dizer, a este e lhe toma o logar na mente de quem fala ou escreve: "Inda vos eu nã tenho por tam amigo da minha honra,... que crea de vos essas palavras, pera que *o medo dellas me façã* fazer o que não deuo." *Palmeirim*, I, p. 97. Mentalmente, "o medo dellas" foi substituido pelo conceito equivalente: "ellas, pelo medo que lhes tenha."

(60) Cf. o *a* aberto em "Aa Moçambique" (I, 99, 7), etc.

ficará á meus socessores" *(Ibid.*, p. 8 *v.*). "Vos ponho em caminho de nam fazerdes cousas que vá fora do primor dos tais canaleyros" *(Ibid.*, p. 143). Do *Palmeirim de Inglaterra:* "Seus corações... não deixava descansar" (I, 279). "As letras (do padram) lhes fazia temer o passar por diante" *(Ibid.*, p. 401). "Gritos e palavras tã piadosas, que... criava dor e lastima" (II, 395). De João de Barros: "E pois desejos de estados não sabidos movia ja esta repartição (do mundo)", etc. *(Déc.* I, 1, 4). "Como do uso do astrolabio pera aquelle mister da nauegação avia pouco tempo que os mareantes deste reyno se aproveitava", etc. *(Déc.* I, 3, 2). "As escrituras que elles querem que dure pera muitos seculos", etc. *(Déc.* I, 9, 3). — De Ruy de Pina: "Antre os muytos inconvenientes que nysso auya lhe mordeu muyto a consciencia os pedidos que pera isso lançara" *(Chron. de D. Duarte*, c. 20, p. 134, nos *Ined. da Academia)*. De Gil Vicente, no *Romance á morte de el-rei D. Manuel:*

Seus olhos maravilhosos
Fontes de agua parecia.
.....
Disse que os vãos thesouros
A' morte não (?) (61) pertencia.

Em presença dos passos que ficam citados devemos esperar nos appareça tambem nos *Lusiadas* esta anomalia grammatical. E' o que acontece em III, 61, 7-8... (62). E' assim tambem, me parece, que se deve explicar o *atreve* de I, 27, 4, pois seria violento voltar ao sujeito *gente de Luso* da est. 25, depois de na est. 26 ter começado a figurar o plural masculino, que aquella expressão envolve *(os lusitanos)*, e de se seguir na est. 37 o plural *Inclindo* (63). O mesmo direi a respeito do verbo *descobre* de X, 75, 4:

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na armonia e doce suavidade
Virão os altos feitos, que descobre,
Thetis (64) de graça ornada e grauidade
.....
Pera o felice Gama assi dizia...

---

(61) O contexto pede: *só.*

(62) O mesmo fez o Ariosto no seguinte passo do *Orlando Furioso:*

L'accese in tal furor, che non *difese*
Vostri inimici argini o mura o fosse. (XLII, 3, 5-6)

E Boiardo no *Orlando Innamorato:*

Quattro giganti sempre la guardava. (L. I, c. 1, est. 42.)

(63) O commentario é omisso a este respeito.

(64) Aliás: *Tethys.* Nos *Lusiadas* apparece-nos a tendencia para a confusão entre *Tethys*, a mulher do velho deus Oceano, e *Thetis*, a formosa esposa de Peleu. A graphia é sempre a mesma: *Thetis* (I, 16; III, 115; V, 52, 91; VI, 36; VIII, 74; IX, 49, 8; X, 75; mas *Tetis*, em IV, 49), quer se trate

Quem é o sujeito de *descobre*? *A nympha* de 74, 1, já fica grammaticalmente muito afastada. *Tethys* não pode ser, pois é agora que ella vae entrar em scena. Será um subentendido *ella*, referindo-se á *armonia e suavidade* do verso anterior? (65)

A construcção seria forçada e só admissivel á falta de outro recurso.

Ora este temo-lo em considerar o verbo *descobre* no plural e com significação intransitiva, como em I, 43, 7, e 103, 6. "Que descobre", isto é, "que apparecem, que se mostram".

E ao contrario do que se poderia presumir, é vastissima a area em que nos apparecem as construcções deste typo. Assim, na sua *Vergleichende Syntax der indogermanischen Sprachen* (3.ª p., § 102), Delbrück cita exemplos de varias linguas deste grupo, entre ellas, do grego..

Esta construcção encontra-se tambem em outras linguas romanicas, além do português. Meyer-Lübke (66) adduz exemplos do francês arcaico, do italiano, do castelhano.

Pelo que toca, porém, á nossa lingua, o illustre romanista limita-se a dizer o seguinte: "No português devemos apontar a expressão consagrada *é que*". E transcreve tres passos de Gomes de Amorim: *Os portuguezes é que pagam; eu é que não me esqueço*, etc.

Cumpre, porém, advertir que estas frases pertencem a um eschema differente. *E' que, foi que*, etc., são formulas de realce, que não constituem oração á parte; não são construcções do typo *as aguas lava*, aliás tão frequentes nos nossos melhores escriptores do seculo XVI, como fica dito.

Vejamos agora como justificar esta anomalia grammatical... As explicações que teem sido dadas resumem-se no seguinte: Quem usa destas construcções pensa primeiro na idéa expressa pelo verbo; esta idéa absorve, por assim dizer, toda a actividade mental. Depois é que o pensamento passa a occupar-se do sujeito, que, embora seja um plural, já não vem modificar a forma tomada pelo verbo (67). Assim, por exemplo, neste passo de Fernão Lopes — *No fim da mesa foi apresentado muitos panos de sirgo* — a idéa que primeiro domina o espirito é a de que no fim do banquete se apresentou alguma cousa aos convivas. Daqui o verbo no singular. Depois é que se pensa no que foi apresentado: *muitos panos de sirgo*. E esta construcção torna-se tanto menos de estranhar,

---

da primeira, quer da segunda. E se ás vezes sabemos bem de qual se fala, como em V, 52, por um lado, e em VI, 36 (cf. VI, 20), IX, 48, 89, e X, 75, por outro, alguns logares ha em que é permittida a hesitação. Sobre isto escrevi nas *Observações*, p. 65: "Fazendo de Thetis... a *princesa das agoas* (V, 52), dando-lhe, portanto, uma categoria que devia pertencer a *Tethys*,... Camões imita Vergilio e outros poetas latinos. "Quant aux Titanides, Téthys n'est nommée (par Virgile) qu'une fois *(Géorg*, I, 31) — D'ailleurs Virgile confond *Téthys* avec la Néréide *Thétis (Egl.* IV, 32)... Cette confusion est fréquente dans la poésie latine." Mirmont, *Apollonios de Rhodes et Virgile*, p. 85.

(65) E' a opinião do commentario.

(66) *Grammaire des langues romaniques. Syntaxe*, § 344. Paris, 1906.

(67) Cf. por ex., Gildersteeve-Millner, *Syntax of classical Greek*, I, § 117, sob a epigraphe *Plural subject and singular verb:* "As the singular is the generic, and the plural the specific, a plural subject following a singular verb may be regarded as an afterthougt."

quanto maior fôr o numero de expressões incidentaes que se interpuserem entre o verbo e o sujeito. Suppõe ainda a explicação que nas orações deste typo o verbo deve estar antes do sujeito. Resumidamente, diz a *Grammatica* de Brugmann-Thumb, referindo-se aos exemplos gregos (§ 435, 2): A anteposição do verbo, nestes casos, mostra que no espirito de quem fala surge primeiro um conceito individual, no numero singular...

Mas os exemplos que referi dos autores portugueses nem sempre se conformam com esta theoria.

Se umas vezes o verbo precede effectivamente o sujeito, outras é este que vem primeiro. Se ha casos em que entre os dois elementos fundamentaes da oração se interpõem mais ou menos palavras, outros se encontram em que elles estão ou em contacto directo ou tão proximos um do outro, que não seria possivel perder-se ou attenuar-se a noção do numero.

Basta reproduzir o primeiro passo de Fernão Lopes: *Duas grandes pressas os movia fazer isto*...

A meu ver, tanto no emprego do participio pelo verbo finito, como no do verbo no singular com o sujeito no plural, operou a mesma causa que deu origem ao infinito historico,... ao infinito imperativo,... á repetição proxima das mesmas palavras ou construcções, ás orações nominaes ou sem verbo, etc.

Essa causa é a chamada *lei do menor esforço;* é a tendencia innata para diminuir a intensidade do trabalho mental, como a de qualquer outro trabalho (63)... E' escusado observar que os factos linguisticos desta natureza nos reportam a epocas em que as categorias logicas, fixadas pelos philosophos e consagradas pelos grammaticos, não dominavam ainda o uso da linguagem; a epocas em que esta se achava mais directamente sob a acção de causas psycologicas, que nem sempre operam de conformidade com as leis da logica.

Veio depois a disciplina grammatical, ditada por estas lei, restringir o campo da acção psycologica. Mas ha construcções, formadas sob a influencia desta acção, que resistiram, que foram consagradas por escriptores que tinham o sentimento profundo da sua lingua... e as consideravam legitimas, embora a grammatica, ou as condemnasse abertamente, ou as visse com maus olhos"...

Est. 63. Referindo-se a Evora, dizem os vv. 3-6:

> Onde ora as agoas nitidas de argento,
> Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
> Pelos arcos reaes, que cento e cento,
> Nos ares se alevantam nobremente.

---

(63) Nas orações do typo "as aguas lava" o que tem importancia capital é o numero do sujeito. E' certo que o verbo no singular contraria as regras que foram fixadas pela grammatica, mas em nada prejudica o sentido da frase. E dahi a possibilidade, que se admittia, uma vez por outra, de dispensar o esforço necessario para fazer uma concordancia plena. Como "o singular é o generico

O commentario aceita a correcção "de longe", proveniente da ed. de 1591. Mas do adjectivo "longo", quer com a significação de "longinquo", "afastado" (69), quer com a de "extenso", "demorado" (70), formaram-se varias locuções adverbiaes e prepositivas, entre as quaes se conta a de III, 63.

Eis alguns exemplos:

Chegãndo muyto canssado,
achey hũ vosso criado
na vossa quintaã Dosela,
que me fez tal gasalhado,
coutrora sera forçado
passar bem de longo della.

(Cancion. geral, III, 169).

"De longo a largo" (Barros, *Déc.* II, 7, 5). "De longo a longo" *(Ibid.*, 8, 8). "He neçessario... que passem por huũ caminho estreito que ha em longuo quatro legoas". *Livro de M. Polo*, l. I, c. XIV. "E asy segujmos nosso caminho por este mar de longo ataa terça feira". *Carta de Pero Vaz de*

---

e o plural o especifico" (Gildersleeve-Milliner), a inercia mental contentava-se com o primeiro. Isto na origem, porque depois veio a imitação.

Assim se explica tambem como o infinito, que é uma forma generica, pode, em algumas linguas, substituir certos tempos do indicativo ou o imperativo. E forma generica é igualmente o participio, que por isso exerce ás vezes a funcção de verbo no modo finito. Cf. a nota a II, 27.

(69) "De muy longas terras vim a esta pera vos dar algũas nouas de vosso gosto e contentamento." *Palmeirim*, I, p. 347-348. Cf. V, 41:

Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas

Em V, 59, 4:

Estes membros que ves, & esta figura
Por estas longas agoas se estenderão,

"longas" tanto pode significar "longinquas", como "extensas".

A par de "longo", e só com o substantivo "terra", encontra-se a forma "longe", no plural e no singular.

"Longes terras" se lê no principio da *Menina e moça* e no *Crisfal*, decima 8.ª; "terra longe" neste passo de Castanheda, I, c. 58: "Quantas graças deuiam de dar a nosso Senhor por permittir que... da fim do Ocidente fossem Portuguezes a terra tão longe como era a India." Provavelmente o adjectivo "longe" veio do adverbio, por meio de frases como estas: F. é de uma terra de longe, de uma terra longe.

(70) Cf. VIII, 4, e I, 28:

Ves outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado?

Prometido lhe está do fado eterno
.....
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar .....

Na energica expressão de IV, 69:

Despois que os longos olhos estendera,

"longos" quer dizer: para longe, que procuravam ver ao longe. Cf. V, 3, 4.

Caminha, em *Alguns documentos do Archivo Nacional*, etc., p. 108. "E quando vi ir a pratica ao longo, desesperei de me entrar talho". *Eufrosina*, p. 123.

A locução adverbial *de longe* referir-se-ia ao sitio donde vem a *agua da prata; de longo* (71) quer dizer que é extenso o caminho que ella percorre para chegar á cidade. O resultado é o mesmo, mas os conceitos é que não coincidem.

Emquanto ao epitheto "reaes", applicado aos arcos da "agoa da Prata", diz o commentario: "reaes] grandiosos, como *regalis* e *regius*".

Mas antes: "reaes", porque foram mandados construir por D. João III.

Em dois epigrammas publicados em Coimbra, em 1540, pelo afamado latinista e poeta Jorge Coelho, epigrammas que com certeza Camões conhecia, exaltava-se por estas palavras o *insigne monumento, a obra de D. João III:*

Quis populo tandem ductum instauravit aquarum?
Fluminis et celsum continuavit iter?
Sunt haec Ioannis monumenta insignia regis.
.....
Quod nomen lymphae? Dicta est Argentea vulgo.

Miraris nitido sublimes aggere ductus,
Et medio illabi flumina viva foro.
Divus Ioannes regnator nominis huius
Tertius invicto pectore fecit opus (72).

Est. 65. Proseguindo na enumeração das conquistas effectuadas por D. A. Henriques, diz o Poeta:

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra (73), e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, e vio o a serra della,
Que a socorrella vinha deligente
Pela fralda da serra descuydado (74)
Do temeroso encontro inopinado.

Commentario: "A villa é Cezimbra; o senhor della é, como se diz na est. immediata, o rei de Badajoz".

---

(71) Cf. *de longada;* em "vou-me por hi fora de longada".

(72) Reimpressos no *Corpus poetarum lusitanorum* do padre Reis, t. VII, p. 327-328. Lisboa, 1748. Cf. *Argentea* e *nitido* com as "agoas nitidas de argento", do Poeta.

(73) Commentario: "Cizimbra" creio que representa a pronuncia do compositor; cf. "Sivilha" em IV, 46". A graphia e pronuncia *Cizimbra* (a *Sisimbria* dos documentos medievos) corresponde á de *minino* (III, 125, 134; IX, 39). *Apinino* (III, 15), etc.

(74) Na 1.ª ed.: "descuydodo"; na 2.ª: "descnydado".

Na primeira edição lia-se: "A villa é Palmella; o senhor della, etc.

No opusculo *Dois versos dos Lusiadas (III, 65, 5 e IX, 21, 6)*, creio ter demonstrado que o 5º verso de III, 65, foi assim escripto pelo Poeta;

Sentio o Palmellr e vio o a serra della (75).

Segundo o texto das 1.as edd., "a Villa" do v. 5.º seria effectivamente Cezimbra, pois é o nome desta povoação que se encontra mais proximo; mas a fonte da estancia mostra que deve ser Palmella. Era preciso, portanto, que esta palavra ali tivesse sido escripta pelo Poeta.

Eis, com effeito, o que este leu na *Chronica de D. Affonso Henriques*, de Duarte Galvão, no capitulo que tem por epigraphe: "Como elRey dom affonso hãriquez tomou cezimbra & palmella e pelleiou & venceo elRey mouro de badalhouce com muita mourama": "Estando assi (dom affonso) en alcacer,... veo recado como cezimbra estaua minguada de gente, & que a tomaria, se fosse sobre ella. A esta noua partio logo elRey dalcacer com toda sua gente, & foya combater com tanta afronta, que ainda que a villa e castello eram muy fortes, filhouos per força. E desque teue a villa assessegada & posto em ella quem a guardasse, detriminou de hir ver palmella, & o assento e fortelleza della, leuando comsigo sassenta bõs caualleiros (76) & algũa gente de pee, e beesteiros. E chegando a palmella, em estando vendoa, assomou elRey de badalhouce (77), com muita mourama das frontarias darredor, em que auia quatro mil de cauallo, e sassenta mil de pee (78). Vinham aa longa sem ordem a gram pressa pera socorrer cezimbra (79), descuidados de uerem nem acharem alli christaãos. Teuesse elRey tras huũ cabeço. E vendo os que eram com elle tãta gente, começaram aver grande receo. E todos aconse-

---

(75) O commentario aceita como indubitavel a emenda "senhor", em vez de "serra", e explica: "a serra"... é certamente devido a estar "senhor" escripto em breve "sñr"; a corr. é já antiga."

Na ed. de 1612 lê-se "a senhor", substituindo "serra", mas esqueceu mudar o "a". Na de 1613: "o senhor." Emquanto á expressão "vio o a serra", cf. III, 84, 1; IV, 28, 3 e 5; X, 118; etc.

(76) Veja-se o final da est. 67.

(77) O commentario liga a emenda "senhor" de 65, 5, com o começo da est. 66: "o senhor della é, como se diz na est. immediata, o rei de Badajoz". Mas os primeiros quatro versos desta est.:

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil caualios furiosos,
Innumeros piões, darmas & de ouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos

são o desenvolvimeto dos versos 4 e 6-8 da est. precedente.

O rei mouro, que aliás já não era o senhor de "Cizimbra", nem sequer "viu" o desbarato da sua gente, porque, acommetido de subito pelos portugueses,

Foge.... e so da vida cura,

abandonando o exercito, que,

Dum Panico terror todo asombrado,
So de seguillo.... procura
(Est. 67.)

(78) Cf. a est. 66, vv. 2-3.

(79) E' o v. 6 da est. 65, que se liga immediatamente ao v. 4.º

lhauam elRey, que se acolhesse asseu arrayal, ho milhor que podesse. Delles deziam que sse posesse em hũa alta serra que per hi vay, que sse chama asserra dazeitam (80), & tomassem nella alguũ lugar forte pera se defenderem, atee hir recado aos do arrayal. ElRey, conquanto vio o medo e receo dos seos pella grande multidam dos mouros, porem esforçandosse no poderio de deos ser mayor que dos homeẽs, ... fallou aos seus... Dizendo que dessem logo nelles que vinham ia pelo enfesto acima... Abalou entam elRey apressa com grande coraçam e esforço, e todos com elle. E em se mostrando, fez dar aas trombetas, e foram ferir nos primeiros tam rijamente, que logo muitos delles foram derribados, antre mortos e feridos. Os mouros achandosse salteados e conhecendo que aquelle era elRey dom affonso, que tanto temiam, afegurando que seria muita mais gente, ffoy ho medo neiles tam grande, que começaaram logo a fogir, parecendo aos traseiros que os seus mesmos que voltauam fogindo eram imigos, como soe fazer gente de medo cortada. E assi correndo o desmayo per elles, se poseram todos em desbarato... Seguio elRey apos os mouros, matando, ferindo e catiuando muitos... Tanto que o desbarato foi acabado, mandou elRey dous caualleiros a gram pressa a cezimbra aas suas gentes, que laa ficaaram, que logo fossem todos cõ elle; foram ao outro dia todos hi iuntos muy ledos, pella boa andança que deos dera a elRey, e nam menos tristes, por nam se acertarem com elle na batalha. Tanto que os de palmella viram o desbarato dos seos, & os christaãos iuntos contrassi, tendo perdida ia a esperança de socorro, preiteiaramsse com elRey, que os leixasse sahir em saluo & lhe dariam a villa. E a elRey aprouue deilo, e assi ouue a uilla de palmella."

Por aqui se vê que o exercito mouro que vinha soccorrer Cezimbra, a qual aliás já tinha caído em poder dos christãos, foi surpreendido e desbaratado junto de Palmella (que ainda era dos infieis) e á vista da serra desta.

Quem sentiu, portanto, o desbarato do exercito do rei de Badajoz foi Palmella e não Cezimbra. Foi por isso o primeiro destes nomes e não "a Villa", que seria Cezimbra, o que o Poeta escreveu em III, 65, 5. E este verso forma um parenthese, pois o 4.º se liga directamente com o 6.º

O desconhecimento do que dizia a fonte de que o Poeta se tinha servido fez suppor que este se havia equivocado, pois, collocando em primeiro logar a acquisição de Palmella, diria depois que esta sentiu o desbarato do exercito que ia soccorrer Cezimbra. E com a felicidade do costume, seria o texto alterado, substituindo-se o nome proprio de uma das villas, pelo nome commum, que se refere a outra.

---

(80) Naturalmente é esta a "serra" do v. 5.º ou, pelo menos, a que levou o Poeta a servir-se aqui da palavra. A do v. 7.º deve ser "o cabeço tras o qual se teve el-rei" e de que o chronista fala pouco antes. Verdade é que o leitor identifica, e com razão, as duas serras, que só a fonte autorizaria a distinguir. Identificá-las-ia tambem Camões, fazendo do "cabeço" a *serra* de Palmella do v. 5.º e a *serra* por cuja fralda vinham os mouros (v. 7)? Ou temos, num caso e noutro, "a alta serra que per hi vai, que se chama a serra de Azeitão?" Para a fixação do texto, não deriva daqui a menor difficuldade.

Est. 69. O desastre de que em Badajoz foi victima D. Affonso Henriques é assim explicado pelo Poeta:

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o mereçe,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece:
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãy que estaua presa (81).

Commentario a 3-4: "O primeiro "Ou" liga á oração de "pera longe guarda" a de "ás vezes tarda"; o segundo liga "pera que se emende" a "por segredos".

A explicação é mais simples. O *e* final de "merece" serve de copulativa no principio do 3.º verso, como neste logar do *Cancioneiro geral* (V, 84) o *e* de "defende":

Tam bẽ mãda que nã goarde
as cousas que me defende,
aquelas em que mofende,
que as nam fale nem brade.

Outro passo do t. I, 30:

Vy mays dama falsamente
sospyrar, mas sospyraua
porque se nam despejaua
a casa de todaa jente,
por se jr quem lhe falaua.

Aqui, a copulativa que falta antes do ultimo verso, vae-se buscar do mesmo modo ao *e* final de "jente".

O que o Poeta diz é, portanto, o seguinte: Deus, se guarda para longe o castigo da culpa *e* ás vezes tarda com elle, faz isto *ou* para que o culpado se emende, *ou* por motivos que o homem ignora.

Segundo o commentario, Deus guarda para longe *ou* tarda com o castigo, para que o culpado se emende *ou* por motivos etc.

Manifestamente o *ou* deve ser da mesma especie — o disjuntivo *aut*—, tanto no v. 3.º, como no 4.º, e não o correspondente ao explicativo *vel* no primeiro destes versos e ao *aut* no segundo.

---

(81) Escrevi nas *Fontes dos Lusiadas:* "Para (Galvão), aquelle desastre (de Badajoz) é antes um effeito da maldição que D. Teresa lançou contra o filho, *quando* este a tinha presa". Commentario ao v. 8: "Equivale a: da maldição lançada pela mãe quando estava presa."

E isto facilmente se consegue, admittindo que o Poeta recorreu a um processo usado no seu tempo e que elle outras vezes empregou. Cf. as notas a II, 38, 6; III, 10, 2-3; IV, 29, 7-8, etc.

Emquanto á intercalação da frase "aas vezes tarda" entre duas disjuntivas, cf. VIII, 33, 5-7:

> Ou como banhar possa o ferro bruto
> No sangue auorrecido, estaua vendo,
> Ou como as naos em fogo lhe abrasasse.

Na est. 77, 4, diz o Poeta que, para invadir Portugal, veem mouros do Atlas, do promontorio de Ampelusa,

> E do Tinge, que assento foi de Anteo.

Commentario: "*Tingis (Tingi, Tinge)* é o nome latino da moderna Tanger. Sendo "Tinge" nome de cidade, Cam. certamente não disse "do Tinge". Esta cidade dizia-se haver sido fundada por Anteu (Pomponio Mela, I, § 26)."

Pelo contexto se vê que "Tinge" deve ser aqui um monte (82), pois está em parallelo com o Atlas (83), com o promontorio de Ampelusa e com o Ábila (84) (v. 5).

Com effeito, em mais de um logar de Sabellico encontrou o Poeta a lenda de que a cidade de Tingis foi fundada, não por Anteu, mas por Syphax, filho de Hercules e de Tingena, viuva de Anteu. "Apud Tingenitas uetus fama fuit, post Anthaei interitum, Tingenam eius coniugem ab Hercule compressam, atque ex eo congressu Syphacem genitum; qui ipsis deinde locis late regnum adeptus, urbem de matris nomine Tingenam condidit (*En.*, I, l. 6.°, col. 108. Cf. *En.*, VI, l. 3). E esta noticia encontrou-a o escriptor italiano em Plutarco, na *Vida de Sertório* (85).

Não é preciso, portanto, fazer correcção nenhuma.

---

(82) Descrevendo os arredores de Tanger, diz o autor do volume *L'Africa*, da obra *La Terra*, publicada por Marinelli: "Un po' più ad occidente la villegiatura principale di Tangeri è il gebel Kebir, detto per antonomasia il Gebel o il Monte, alto circa 1:000 m., tutto coperto di casini di campagna" etc. (v. VI, p. 350).

(83) E' o Atlas de Homero e de Herodoto, o elevado pico sobranceiro ao estreito de Gibraltar, e não a cordilheira dos Montes Claros (o Atlas da moderna geographia). Cf. o passo de Lucano (IV, 670), logo transcripto. V. *Observações*, p. 61.

(84) Commentario: "Abyla é o nome antigo do promontorio de Africa fronteiro ao Calpe."
O Ábila dos *Lusiadas* não é um promontorio; é o monte do Facho (o *Hacho* das cartas modernas), na parte central da peninsula de Almina, em cujo isthmo fica Ceuta. Cf. a nota a IV, 49, 5.

(85) Reproduzo o passo da traducção de Ricard, *Les vies des hommes illustres par Plutarque, Paris*, 1854: "Les habitants de Tingis prétendent qu'après la mort d'Antée, sa femme Tingès, ayant eu commerce avec Hercule, en eut un fils, nommé Sophax, qui regna dans le pays, et bâtit un ville qu'il appela Tingis, du nom de sa mère" (T. II, p. 48).

Especificando os povos africanos que o Miralmomini trouxe comsigo, diz-nos o Poeta, nesta mesma est., que

> ... tambem com as suas armas se moueo,
> Ao som da Mauritana & ronca tuba
> Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Commentario: Juba] Houve dois principes com este nome: o primeiro, rei da Numidia, auxiliou o partido de Pompeu contra Cesar, e depois da batalha de Thapso pôs termo a seus dias; o segundo, filho do precedente, e autor de varias obras de geographia e historia, foi restabelecido por Augusto no throno da Numidia, mas posteriormente recebeu a Mauritania em troco da Numidia, que foi reduzida a provincia romana. Naturalmente é ao segundo que o Poeta se refere, e o epitheto "nobre" allude, como é provavel, á fama de que Juba gozava como escriptor."

Não pode haver duvida que é do primeiro Juba que se trata.

Bastava a palavra "foy" do ultimo verso, para o fazer presumir. Rei, e verdadeiramente rei, foi o pae; o filho estava na dependencia e ao dispor de Roma.

Mas na melhor: ao ler o poema de Lucano, ahi encontrou Camões os seguintes versos, que são o mais adequado commentario de 77, 8:

> ..... Non fusior ulli (86)
> Terra fuit domino: qua longissima regni,
> Cardine ab occiduo vicinus Gadibus Atlas
> Terminat, a medio confinis Syrtibus Hammon;
> At qua lata iacet, vasti plaga fervida regni
> Distinet oceanum zonaeque exustae calentis (87).
>
> (De bello civili, IV, 670-75).

E depois de dizer que ninguem dominava em mais vasto territorio do que Juba I, Lucano enumera e caracteriza os povos que lhe estavam sujeitos: eram os númidas, os getulos, os mouros, os massilios, os afros, etc.

Releia-se agora o que diz Camões: os moradores do Ábila, isto é, os mouros de Ceuta não se escusam a tomar as armas, porque, ás ordens do imperador de Marrocos, *tambem* se aprestou para a guerra

> Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Nenhum habitante de Marrocos podia eximir-se a tomar parte em uma campanha, em que, ao chamamento do seu imperador, entravam

---

(86) Fala-se de Juba I e da sua intervenção a favor de Pompeu, na luta em que este andava com Cesar.

(87) Isto é: os estados de Juba iam desde o Atlas, sobranceiro ao estreito de Gades, até o oasis de Hamon, e desde o Mediterraneo até a zona torrida. Relativamente á interpretação literal do texto, veja-se, por ex., a edição de Burmann, Leide, 1740.

muitos outros povos, entravam todos os que residiam no antigo reino de Juba.

E' por isso que o Poeta continúa na est. 78:

> Entraua com toda esta companhia
> O Miralmomini em Portugal,
> Treze Reis mouros leua de valia,
> Entre os quais tem o ceptro imperial.

Emquanto ao epitheto "nobre", bem o merece o alliado de Pompeu, que se manteve fiel aos vencidos de Pharsalo (88) e não quis sobreviver ao desbarato definitivo que estes soffreram em Thapso (89).

Em conclusão: se o Poeta se quisesse referir a Juba II, seria inexplicavel o "tambem" do v. 6. Esta particula exige se faça allusão a gente não incluida nos confins da Mauritania.

Na est. 73, vv. 5-6, observa o Poeta, a respeito do Miralmomini:

> E assi fazendo quanto mal podia,
> O que em partes podia fazer mal,
> Dom Sancho vai cercar.....

Commentario: "O sentido é obscuro. Segundo me parece, Cam. quer dizer que o invasor sarraceno, fazendo quanto mal podia, só causava damnos parciaes, por ex., devastando esta ou aquella região, cercando esta ou aquella praça, sem poder pôr em risco a independencia da nação portuguesa."

O sentido obvio do trocadilho é que o imperador de Marrocos fazia quanto mal podia, mas nem sempre podia fazer quanto mal queria.

Este conceito foi suggerido a Camões pelo seguinte passo de Galvão, referente á retirada dos invasores: "Esses mouros que assi hiam fogindo, com quanto hiam desbaratados, porem por ainda ficarem muy muitos, foram poer arrayal acerca dalenquer & teueramno cercado alguũs dias, combatendo o rijamente, sem lhe poderem empecer. E depois se alçaram dhi & foramse aaruda & destroiramna toda per terra. E deshi foram cercar torres vedras & esteueram sobre ella honze dias. E vendo que a nam podiam tomar ouueram conselho de hirem uolta de suas terras."

---

(88) Quasi que só o fez Juba e a cidade de Mégara, que por isso foi cercada e destruida. Cf. Mommsen, *Röm. Geschichte*, III, p. 429, 9ª ed.

(89) Figura de epopéa, o rei da Numidia qui-lo ser tambem de tragedia, pela maneira como deliberou pôr termo á existencia. Se não morreu na praça de Zama, queimado em uma pyra immensa, juntamente com os seus thesouros e com os cadaveres dos moradores da cidade, foi porque lhe não consentiram a entrada nesta, fechando-lhe as portas. Resolveu, em vista disso, com um dos chefes romanos vencidos, que vinha em sua companhia, combaterem-se em duelo de morte, depois de um lauto banquete. Caiu primeiro o romano e o que este não tinha conseguido, mandou-o o terrivel africano fazer a um escravo. Cf. Mommsen, l. c., p. 457.

Vê-se assim como os mouros "iam fazendo quanto mal podiam, o que em partes podiam fazer mal".

Nas palavras finaes do commentario aos vv. 5-6: "O que"=quem (?)" deve haver qualquer lapso. "O que" do v. 6 não pode significar senão: "Cousa que".

Est. 84. No 2.º v. a edição *princeps* lê: "do rios as agoas saudosas", que a 2.ª ed. emendou: "dos rios" (90), etc.

O commentario faz sua a supposta correcção, sem nada dizer.

Mas o que se pode ter como certo é que no texto de Ee está o que o Poeta escreveu, de conformidade com o que encontrava nos melhores autores. "E arrendas (i. é.: *as rendas*) de borba deu a johã", etc. (*Chronica do Condestabre*, f. 59). "Nã esta em rezã que quẽ pera cõ seus imigos tẽ palauras e obras virtuosas se lhe paguem cõ ingratidões, se nam quando os que *a* recebem tẽ as condições desuiadas da virtude" (*Palmeirim*, I, p. 264). "*Do* ruge ruge se fazem os cascaveis" (*Eufrosina*, p. 100, e *Ulysippo*, p. 20, ed. de 1787). Cf. a nota a III, 8, 4.

Na est. 91, pondera o Poeta que D. Sancho II

> De governar o Reino que outro pede
> Por causa dos privados foi privado.

Commentario: "que outro pede] parece-me querer dizer "que outrem pretende" (cf. IV, 7, 2). F. e Sousa interpreta "*que pede otro Rey mas capaz*".

Tem razão F. e Sousa, como se vê por III, 93, 5-8, e pela respectiva fonte (Ruy de Pina, *Chronica de S. Sancho II*): "El Rey dom sancho... nunca por sua natural fraqueza se quis ou nam se pode emendar,... per ho qual hos prelados & alguũs principaaes do Regno cõ todo o pouo, por remediarem sua total perdiçam em que se viam, acordaram de enviar *pidir*... ao sobredito papa Innocencio quarto, que lhes desse auto e pertencente Regedor pera o Regno. ...E ho papa... lhes respondeo que elles escolhessem... (E elles) lhe disseram que a pessoa natural que pera tal carrego achauam... era ho iffante dom affonso... & que este lhe *pediam* por mercee que desse por Regedor" (c. IV, p. 27-28 da ed. de 1906).

Na est. 97, a palavra "Mondego" é precedida da preposição "de", sem o artigo. O commentario substitue o "de" por "do", notando que "a correcção é já antiga".

Antiga, mas escusada. Os nomes de montes e de rios usavam-se, no tempo do Poeta, com ou sem artigo e foi o que elle tambem fez. Assim,

(90) Esta e outras emendas analogas ministram, como é facil de ver, um argumento para se provar a prioridade de *Ee*. V. a ed. *facsimile* da Bibliotheca Nacional, *Introd.*, § 1.º

"do Tinge" (III, 77), "do Mondego" (III, 80, 120, 135), "do Tejo" (VII, 78); mas tambem, "de Pindo" (III, 2), "de Abila" (III, 77): "de Timavo" (II, 45), "de Mondego", de Cocito (III, 11, 7); "de Acheronte" (I, 51). Cf. *Cancioneiro geral:* "de Pernaso" (I, 338, 2); "em Pernaso" (II, 248, 1); "de Meandro" (III, 246, 2); Castanheda: "de monte Sinay" (I, p. 3). *Eufrosina:* "Senhora de Monte" (p. 75); "de Mondego" (p. 8, 75, 113, 243). *Palmeirim:* "de Tejo" (I, p. 359); Gil Vicente: "de Mondego" *(Farsa dos almocreves).*

Est. 100. No c. VII das *Fontes dos Lusiadas*, relativo a Sabellico, escrevi: "Em III, 100, 3-5, lê-se:

> Nem Atila, que Italia toda espanta,
> .....
> Gottica gente trouxe tanta.....

Ora Sabellico é muito expresso a respeito do povo que tinha Atila por chefe: eram os hunnos. E se a proposito da invasão da Italia, fala nos ostrogodos, é apenas para os enumerar entre os muitos auxiliares do terrivel chefe barbaro. "Iussi itaque in certum diem adesse concilio dimittuntur, nec longior inde mora fuit; pleraeque ferocissimae gentes cum suis regibus affuere, Ostrogothi, Heruli, Turcilingi, Quadi, Rugi, quibus Hunnus auxiliis fretus", etc. *(En.* 8.ª, l. 1, col. 436).

Que escreveu então o Poeta? Naturalmente, ou o adjectivo *Hunnica*, que Sabellico emprega: — *Hunnicam virtutem, Hunnico tumultu* — ou talvez *Scythica*, por causa de logares como estes: "Hunni *gens scythica (En.* 9, l. 1, col. 630); "Hunni, quos *Scythicam* esse *gentem* docuimus" etc. *(Déc.* 1.ª, l. 3ª)."

Commentario: "Os hunnos pertenciam á raça mongolica; mas em Cam. "gotico" serve de designar em geral os povos barbaros que invadiram o imperio romano, qualquer que fosse a sua raça; cf. com. a III, 60, 2-4."

E' este o argumento do commentario: assim como em III, 60, "scythicos" designa em geral os povos barbaros que invadiram e destruiram o imperio romano, assim tambem "gotico" se toma aqui na mesma significação lata.

Em nota a III, 60, fica explicado o sentido da palavra "scythicos", que não se rêfere de modo nenhum a todos os povos que invadiram o imperio, mas só a tres delles, e isto pela "denominatio a potiori"; mas em III, 100, não ha razão nenhuma que justifique o qualificativo de "gotico".

Para Sabellico e para uma das suas fontes nesta materia — Paulo Orósio — hunnos e godos são scythas (91), mas formam dois ramos differentes, a cada passo em guerra um com o outro, com destinos comple-

(91) "Hunnorum Scythica gens inaccessis inclusa montibus subita vi Gothos adorta suis expulit sedibus. Gothi vindentur mihi ii esse quos veteres nunc Gethas, nunc Dacos dixere, Scythicum genus hominum." *En.* VII, l. 9, col. 403.

tamente diversos. Na propria invasão das Gallias, que pouco antecedeu a da Italia, Attila teve contra si os visigodos, cujo rei Theodorico ficou morto nos Campos Catalaunicos.

Eis o que o Poeta leu a este respeito em Sabellico: "Etius.. pro non parvo habuit negotio Gothorum opes suis adiungere, cum Theodorico eius gentis rege", etc. *(En.* 8, l. 1, c. 433)."

Numa palavra: Camões não podia chamar "Gótica" á gente de Attila. Ou havia de servir-se do qualificativo generico "Scitica" ou do termo mais preciso "Húnico", que com tanta frequencia apparece em Sabellico ("Hunnicis temporibus"; "Hunnicis armis"; "tumultu Hunnico"; Hunnicam virtutem"; "Hunnicas res"; "crudelitate plusquam Hunnica"; "Hunnicum ferrum", etc.). O primeiro não vejo razão por que lhe fosse alterado; supponho por isso que escreveu o segundo, que, naquella forma, não seria do conhecimento de quem o substituiu (92).

Em III, 105, insta a filha de D. Affonso IV:

> Acude e corre, pay, que, se não corres,
> Pode ser que não aches quem socorres.

Commentario: soccorres] é indicativo, irregularmente, em logar do conjuntivo, por necessidade da rima, da mesma maneira que em II, 111, 3.

No tempo do Poeta e anteriormente encontra-se tambem o indicativo nestas construcções, sem que isso provenha da necessidade da rima. Cf. o que fica dito a proposito de II, 111, 3.

E no caso presente ainda hoje poderiamos fazer uso daquelle modo. Tudo depende da chamada diathese psychica, da disposição mental de quem fala, relativamente ao conteudo da acção. "Quem socorres", i. é, aquelle que vaes soccorrer; "a quem soccorras", i. é, ninguem a que o teu auxilio ainda possa aproveitar.

Est. 109. A respeito dos vv. 1-4 desta est. escrevi no c. V das *Fontes dos Lusiadas (Camões e Ruy de Pina):* "Onde se reuniram os dois reis christãos, quando marchavam contra os mouros? Foi só nos campos de Tarifa, já em frente do inimigo? Foi antes de lá chegarem? De uma ou doutra maneira podem entender-se os seguintes versos, conforme forem pontuados:

> Juntos os dous Affonsos finalmente,
> Nos campos de Tarifa (93), estão defronte

Furia e Sousa traduz: "Juntos finalmente los dos Alonsos en los campos de Tarifa, está en frente", etc. A edição de Hamburgo e muitas

(92) Se não houvesse outras emendas feitas no manuscripto dos *Lusiadas*, ainda se poderia hesitar em admittir esta. Mas quem se abalançou a tantas, é natural que tambem não recuasse perante a mudança de "Hunica" para "Gotica".

(93) A 1.ª edição tem virgula em *finalmente* e em *Tarifa*.

outras, pondo virgula só depois da palavra *Tarifa*, adoptam a mesma interpretação.

A chronica, porém, diz-nos expressamente que a junção se effectuou em Sevilha e que dali os dois reis se dirigiram em pequenas marchas para as proximidades de Tarifa. "Partiram logo os Reys de Seuilha & se foram aloiar", etc. (fl. 106). Por isso o que diz o Poeta é que:

> Juntos os dois Affonsos, finalmente
> Nos campos de Tarifa estão defronte
> Da grande multidão da cega gente.

O verso que está a seguir:

> Para quem sam pequenos campo e monte,

tem o seu commentario nos passos da chronica onde se diz que, no dia da batalha, "ElRey de Marrocos... estaua ao lõgo do mar... e ElRey de Graada da banda da Serra"; que "antre a *montanha é ho campo*... nom ouue tamanha contradiçam"; que, ao chegarem a Pena do Cervo, os christãos viram "todollos montes & serras & valles cubertos (de mouros)" (fl. 107, 109)".

O commentario aceita, sem qualquer referencia, a interpretação que dei aos vv. 1-2: "Nos campos de Tarifa] pertence para "estão defronte" e não para "Juntos"; mas emquanto ao v. 4, suppõe que "campo e monte] é expressão proverbial."

Comtudo a fonte do Poeta mostra-nos que as duas palavras se devem tomar no sentido proprio, pois della provieram, apenas com uma ligeira alteração.

Na est. 110 encontra-se a rima: *fructo, muito, enxuto*. O commentario emenda, com outros, "fruito", "enxuito", e observa: "A reducção de *ui* a *u* em "fruito" já existia na linguagem popular do tempo de Cam.: mas neste logar, a rima com "muito" mostra que só por distracção o Poeta podia ter escripto "fructo".

Não foi por distracção, mas muito de proposito que elle deixou aqui exemplificada esta especie de rima imperfeita. Cf., por ex., os seguintes passos do *Cancioneiro geral:*

> Nem vy omẽ muyto leue,
> que se nam queira vender,
> nem omẽs menos saber
> que os q̃ presumẽ *muyto*,
> nem mor doudiçe que *huto*
> mais de tres meses trazer.
>
> (II, p. 25-26).

E muy cobertas de *luto*
mostrareys senhoras todas
gram sentido,
chorareys por my muy *mujto*,
oulhay bem pera que vodas
vos convido.

(Ibid., p. 161).

Como se vê, temos aqui precisamente a mesma rima dos *Lusiadas* em III, 120 (94).

Ainda na mesma est. a palavra "enxuto" a concordar com "Mondego" é assim explicada: "enxuito] refere-se perfeitamente a "Mondego"; este adjectivo tem sentido amplo, assim Ant. Prestes disse "bolsa enxuta" da que não tem dinheiro *(Auto do Proc.)*."

Isto é: "nunca enxuto" = nunca vazio, sempre cheio.

Mas a expressão de Camões é muito mais energica: o que elle diz é que a corrente do Mondego vae sempre humedecida com as lagrimas que continuamente correm dos "fermosos olhos" da enamorada Inês.

E' a mesma concepção que se encontra em V, 22, 3-4, em que a tromba maritima

... pello ceo chovendo em fim voou,
Porque coa agoa a jacente agoa molhe.

Na est. 124, v. 1, o commentario substitue o "Trazião a" da 1.ª ed. por "Trazião na", observando que a correcção é já antiga (provém da ed. de 1613).

Mas não ha motivo nenhum para a emenda. O Poeta usou das duas formas (cf. IX, 41, 1; IV, 70, 8, e IV, 34, 7; 43, 3; II, 43, 4, etc.), que eram correntes no sec. XVI. "Chamavã os, nomeando os por seus nomes" *(Palmeirim*, III, p. 385). "Acometiam ho com magoa" *(Memorial*, p. 201). "Despois desto cozem as carnes do carneiro e offereçem as ao ydolo e leixamnas per tanto espaço diante elles, atee que", etc. *(Livro de Marco Paulo*, l. I, c. 45).

Na est. 132, segundo termo da comparação iniciada na est. anterior, diz Camões:

Tais contra Inês os brutos matadores
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha:
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão, fervidos e yrosos,
No foturo castigo não cuidosos.

(94) Cf. outros casos em IV, 32, 7-8; VII, 77, 2-4-6; IX, 92, 2, 4, 6; X, 88, 2, 4, 6; 128, 2, 4, 6.

Commentario aos vv. 2-4: "Não é obvio o que ha de entender-se por "as obras com que Amor matou de amores aquelle..." F. e Sousa entende que "as obras" são "*la cabeça hermosa de Ines*" e cita: São estes por ventura os olhos bellos, | Que tem de meus sentidos a victoria? | São estas, Nympha, as tranças, | Que fazem de seu preço o ouro alheio, | Como a mi de mi mesmo só com vê-los? | He está a alva columna, o lindo esteio, | Que eu nestes braços tenho e não o creio? (Cam. ecl. "Ao longo do sereno..."). Parece-me ser esta a verdadeira interpretação. O dr. J. M. Rodrigues diz estar convencido de que o Poeta escreveu "olhos" e não "obras" (*O Instituto*, 1907, pag. 564). Como se o collo alabastrino da gentil princesa fosse a salva com um par de olhos, com que se representa Santa Luzia!"

Para ter graça, o commentario não hesitou em truncar o que eu tinha escripto.

Eis as minhas palavras: "A expressão *brancas flores* do v. 5 designa as faces (95) e não pode considerar-se como complemento grammatical de *banhando*, pois o P. não podia dizer que os assassinos de D. Inês banharam as faces desta *no colo*, que lhe trespassavam com as espadas...

Como explicar então as palavras do P.? A meu ver, estamos em presença de uma transposição... A expressão *brancas flores* é complemento grammatical, não de *banhando*, mas de *sostinha* (v. 2.º).

Surge, porém, uma difficuldade. As *obras* do v. 3.º (96) abrangem evidentemente as *brancas flores*, as faces, do v. 5.º Como é que o P. podia, pois, dizer que o *colo de alabastro sostinha* o todo e a parte?

Estou convencido que elle escreveu *olhos* e não *obras*, sendo a *emenda* feita por se suppor que as *brancas flores* dependiam grammaticalmente de *banhando* e por se julgar que era muito pouco dizer que o *colo de alabastro* sustinha apenas os olhos, sem se fazer nenhuma referencia a qualquer outra parte da cabeça" (*Fontes dos Lusiadas*, p. 195-196).

---

(95) Pouco antes tinha eu dito: "Não pode haver duvida que o P., com as *brancas flores*, quis significar as faces da bella Inês. Basta transcrever o seguinte passo da est. 134:

> Tal está morta a palida donzella,
> Secas do rosto as rosas, e perdida
> A branca e viva cor, coa doce vida.

E são innumeros os logares parallelos, dispersos pelas differentes producções do P. Alguns exemplos:

> A multidão da gente que perece
> Tem as flores da propria cor mudadas.
>
> (*Lus.*, IV, 42.)
>
> ..... A fresca rosa bella
> Qual reluze nas faces da donzella.
>
> (*Ibid.*, IX, 61.)"

E cito ainda *Lus.*, III, 142, sonetos 45, 58, 60, 78, 84, 131, 138, 186 (ed. da *Bibliotheca portugueza*, Lisboa, 1852) e a egloga 2.ª

(96) Em nota: "Para uns trata-se da cabeça: "La cabeza hermosa de Ines (essas son las obras mas que humanas... que mataron de amores a Pedro); porque a la verdad la cabeça entendida por todo lo que vâ desde el cuello arriba, contiene los miembros màs soberanos de la hermosura humana" (Faria e Sousa). Para outros allude-se ao rosto: *le visage* (A. de Cool), *the face* (Mickle). Eitner traduz por *encantos* (Reize).

E' para mim ponto assente que ha nesta est. uma intercalação, semelhante a outras de que já me occupei em a nota a I, 12, 3, devendo as palavras *As espadas banhando*, em uma construcção normal, preceder o v. 2.º ou seguir-se ao 6.º

O commentario elimina a virgula que no v. 5.º está depois de *banhando* e nada diz a respeito das *flores*. Parece, portanto, tomar esta palavra na accepção propria e considerá-la como complemento do participio que a precede.

"Banhar no colo as espadas" está muito bem; mas "banhar nelle as espadas e flores" é que não faz sentido. Nem se sabe que flores são estas (se o termo, é claro, está na sua significação primaria), ou a que proposito aqui vem. Mas tudo se compreende admittindo que a palavra se toma no sentido translato e fazendo-a depender de *sostinha* (97).

Em abono da lição *olhos*, que proponho para o v. 3.º, não faltam logares parallelos nas obras do Poeta. Cf. II, 34, 5-8, e os sonetos 20, 30, 36, 56, 84, etc. Basta este passo do soneto 20:

As setas traz nos olhos, com que tira,
O' pastoras, fugi, que a todos mata.

Em summa: segundo a minha interpretação, o collo da malaventurada Inês sustinha *os olhos* e as *brancas flores*. *os olhos*, "com que Amor matou de amores" o seu real apaixonado, e as *brancas flores* da face, "que ella dos olhos seus regadas tinha".

O commentario suppõe que isto é fazer do collo da gentil princesa a salva com um par de olhos, com que se representa Santa Luzia, e prefere dizer que o collo sustinha a cabeça, "com que Amor", etc.

E nada esclarece a respeito das *brancas flores:* nem o que estas palavras significam, nem tampouco de quem grammaticalmente dependem.

Note-se ainda que attribue á cabeça o que na lyrica amorosa é funcção principalmente dos olhos. Cf. os passos que ficam citados.

Est. 139. Depois de ter dito que no tempo de D. Fernando o reino esteve perto de destruir-se totalmente, prosegue o Poeta:

Ou foy castigo claro do peccado
De tirar Lianor a seu marido,
E casar se co ella de enlevado,
Num falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coração sogeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco, e bem parece
Que um baxo amor os fortes enfraquece.

---

(97) São curiosas as divergencias entre os commentadores e traductores do poema. F. e Sousa duvida "si las flores son de la tierra si las del rostro, blâcas agora todas, por aver acudido la sangre al corazon con el miedo de la muerte. Todo puede ser." Mas "las espadas i flores bañadas en sangre, de suyo se viene en tal accion". Arauda y Sanjuan traduz: "Tiñendo (los asesinos)

Commentario aos vv. 3-4: "parecer] está sem duvida no sentido de "gôsto fantastico, caprichoso" (cf. IV, 99, 1-2). ... Faria e Sousa, porém, julga que "parecer" se ha de tomar no sentido de "bem parecer", allegando "vontades enlevadas | no falso parecer de hum gesto lindo" (Cam., ecl. "Ao longo do sereno"...), ou que se refere aos pareceres dos letrados para mostrarem que D. Leonor estava illegitimamente casada com J. E. da Cunha. Mas á primeira destas interpretações... repugna o epitheto "mal entendido"; á segunda a expressão "enlevado em".

A fonte do Poeta (F. Lopes, *Chronica de D. Fernando*) mostra-nos que não se trata do "gosto caprichoso e desarrazoado" do rei, mas do "parecer", do aspecto exterior da formosa, mas cynica, dissimulada e perversa Leonor Telles; da "maa molher que o tijnha emfeitiçado", no dizer franco e leal do alfaiate Fernão Vasques; da "lavrador de Venus e criada em sua corte", que deshonrou quem se tinha deixado dominar por ella, a ponto de romper com toda a ordem de considerações e de assentar no throno, ao seu lado (98).

O fraco monarca deixou-se enlevar por umas apparencias refalsadas, que elle não entendia: é o que diz Camões.

Com relação aos vv. 7-8 desta mesma est., annota o commentario: "bem parece] = parece que assim é: "Que" é particula causal".

O que o Poeta quer dizer é: e bem se mostra, bem claro se torna com o que aconteceu a D. Fernando, que um baixo amor, etc. Isto é: "parecer" tem aqui a significação de "apparecer" e o "que" é conjunção integrante.

O Poeta não quer apenas exprimir uma opinião; quer indicar uma verdade indiscutivel.

E não é preciso saír dos *Lusiadas*, para encontrar o verbo "parecer" usado nesta accepção.

> Não ouças mais, pois es juiz direito,
> Razões de quem parece que he sospeito:

diz Venus a Jupiter no "consilio" dos deuses, com referencia a Baccho (I, 38). E o commentario explica, e bem: "parece] não está no sentido de *videri*, senão no de *apparece*. Cf. tambem IV, 82:

> ..... e assi parece
> Quem a tamanhas cousas se offerece.

Cf. "parecer-se" = "mostrar-se", em III, 141, 3, e VII, 69, 8.

O v. 3 da est. 140:

> Os que forão roubar a bella Helena,

---

sus espadas en la sangre de aquel cuello de alabastro..., y salpicando tambien con ella las blancas flores del campo." Viale interpreta "as brancas flores" por "niveum pectus", com o verbo "rubescit". O mesmo faz A. de Cool: "Sur la poitrine blanche]... un flot de sang rouge s'épanche." O conde de Cheste colloca "as brancas flores" no collo da victima. Para Donner "a branca flor" é Inês.

(98) Cf. cap. 50, 57, 65, etc.

é assim commentado: "Refere-se aos troianos. Páris, filho de Priamo, rei de Troia, raptou Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta, o que deu origem á guerra de Troia, cidade que foi a final tomada e destruida pelos gregos."

Não se allude aqui á opinião tradicional a respeito da causa da guerra de Troia, mas a outra, mencionada pelo supposto Dares Phrigio, e que Sabellico expõe por estes termos: "Elrey priamo tinha mandado (Paris) a Grecia, dizendolhe que, se Telamon lhe nã quisesse entregar sua hirmãa Hesiona, mandandolha pedir por embaixadores, que fizesse algũa injuria aos Gregos" (99).

E' por isso que o Poeta fala no plural; e, se indica o proposito com que a embaixada partiu de Troia, é porque se reporta ao que depois aconteceu.

A injuria poderia ter sido outra, conforme a occasião se offerecesse, mas o filho de Priamo aproveitou-se da ausencia de Menelau e levou-lhe a mulher á força para Troia. E foi daqui que, segundo a obra apocryphica que corre sob o nome de Dares, proveio a guerra e a destruição da famosa cidade. Cf. a nota a III, 7.

O canto III termina por estes versos:

Desculpado por certo está Fernando
Pera quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muyto mais culpado o julgaria.

Quer dizer: D. Fernando está desculpado para aquelles que sabem por experiencia o que é o amor. Mas esses mesmos, quando podiam ainda julgar em plena liberdade, quando não estavam ainda presos pelos laços do amor, por muito mais culpado o julgariam do que o julgam depois.

Commentario ao v. 7: "tendo] = se elle tivesse"; ao v. 8: "julgaria] sc. eu".

Isto é: se D. Fernando tivesse livre a fantasia, eu julgá-lo-ia muito mais culpado.

Mas o contexto mostra que os vv. 7-8 se não devem interpretar assim, pois dependem, emquanto ao sentido, dos dois vv. precedentes.

Quem tem de amor experiencia é que, se tivesse livre a fantasia, etc. São asserções genericas, e não casos particulares. Note-se ainda que, se o sujeito de "julgaria" é o subentendido "eu", não ha motivo para o não ser tambem de "tendo".

JOSE' MARIA RODRIGUES.

---

(99) T. I. p. 245 da versão de d. Leonor de Noronha. Quando Hercules tomou Troia e matou Laomedonte, pae de Priamo, Hesiona, irmã deste, foi dada a Telamon, como recompensa por ser o primeiro a entrar na cidade conquistada.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

IV

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO IV

Na est. 2.ª refere-se Camões áquelles

.....que tãbem se aproveitárão
Do descuido remisso (1) de Fernando.

Commentario: "tão bem] = tanto (F. e Sousa); mas "tambem" não é inaceitavel, considerando-se esta palavra, junto de "se aproveitárão", propriamente pleonasmo".

Tem razão F. e Sousa. O "tambem" é inadmissivel neste logar. O que o Poeta quer dizer é que houve gente que se aproveitou *muito bem* da fraqueza de D. Fernando. E é isto o que a respectiva chronica de Fernão Lopes mostra a cada passo.

Sobre o assumpto escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 288-289: "Quem mais se aproveitou do *descuido remisso* do leviano monarca foi, como é de suppor, D. Leonor Telles, para si e para os seus parentes e adherentes. Basta sobre o assumpto ler estes passos de F. Lopes: "(D. Lianor) trabalhousse de aver da sua parte todollos moores do reino per casamentos, e grandes officios, e fortellezas de logares que lhes fez dar... Fez poer todollos castellos e melhores fortellezas... nos que erom de seu linhagem... Fez muitos outros casamentos e acreçentamentos em mujtos fidallgos e gramdes do reino, por lhe averem todos boom desejo, e nom cahir em sua mal queremça; de guisa que nom era nenhum que de sua bemfeituria e acreçentamento nom ouvesse parte" (*Chr. del Rei D. Fernando*, c. 65)." E no c. 173 "os boons da çidade (de Lisboa)" queixam-se á rainha

(1) Cf. *Palmeirim*, III, p. 239: "Nam quis o emperador que a tardança podesse fazer algũ inconveniente, como muitas vezes acontece aos remissos e descuydados no que lhe muito vay."

viuva, que ficara *governador e regedor* do reino, dizendo, entre outras cousas, que D. Fernando fazia "seus feitos... per comsselho dos estrangeiros (2), que mais o comsselhavam em todallas cousas por seu gaanho e *proveito*". Quer dizer: nacionaes e estranjeiros, tudo se aproveitou — e aproveitou bem — do descuido remisso do infeliz monarca.

Não pode, pois, haver duvidas sobre a interpretação do "tãbem", que, muito longe de ser pleonastico, está antes tomado na sua accepção plena, no seu sentido primordial.

Nem obsta a maneira como a palavra se acha escripta, pois ainda no tempo do Poeta era frequente a confusão graphica das duas expressões, proveniente, em parte, dos laços que as prendem (3). Um ou dois exemplos apenas. "E co'esta vontade (Floriano) o acertou tambẽ, que deu com o mouro por cima das ancas do cauallo" (*Palmeirim*, II, p. 29) (4). "Inda nam vira donzela que lhe tambem parecesse" (*Memoriol*, p. 134) (5).

Pelo contrario, no *Cancioneiro geral* (V, 24): "tam bem", por "tambem".

E meus contynos gemidos,
que sahem do coraçam,
entam sseram fenecidos.
E tam bem a maa ventura,
que contra mim tanto dura,
acabando acabaraa.

Fiel ao seu proposito, Camões serviu-se das duas maneiras de escrever o "tão bem".

Na est. 5.ª, depois de ter dito (v. 2-4) que o "conde adultero"

---

(2) D. Leonor percebeu muito bem qual a pessoa a que os "boons" se queriam referir. E se estes não foram mais explicitos, é porque estavam a falar á *regedor* do reino, a quem iam notificar pusesse remedio aos males e damnos até então recebidos.

(3) Do adverbio "bem", junto ao correlativo "tam", formou-se o adverbio e conjunção "tambem", por se ter obliterado o sentido proprio daquellas palavras. Por exemplo: *A* sabe isto tão bem como *B*. *A* sabe isto tão bem como qualquer outro. *A* sabe isto tambem. Tambem *A* sabe isto.

No *tão bem* de IV, 2, já se vae perdendo a força correlativa; "tão bem", sc. como é sabido. Por outro lado, em "tambem se aproveitaram", pode o contexto, em outros casos, permittir a correlação: "tão bem" como outros. Mas aqui faltam esses "outros", pois o Poeta fala de *todos aquelles* etc. Cf. o "tanto" sem um conceito correlativo, em III, 22, 7, e IV, 50, 1: "tanta parte", sc., como se sabe; "tantos annos", sc., como era para desejar. Mas isto só mentalmente, se assim o quisermos, pois nem sempre se torna preciso (cf. III, 22, 7). O "tanto", nestes casos, tende a aproximar-se de "muito", até a identificação. Cf. a nota a IV, 71, 8.

(4) Mas em 1, 57: "Dom caualleiro, aora quero ver se na batalha das espadas vos yra tã bẽ como na justa das lançaa."

(5) Com a graphia "tãbem" de IV, 2, 3, cf. a de "então" de VIII, 17, 5: "então justa & sancta guerra".

..... a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima & corre:

prosegue Camões (v. 5-8):

Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordẽs) de alta torre:
A quem ordẽs, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas & em pedaços feito.

Commentario: "A syntaxe dos versos 5-8 é irregular a mais de um respeito. Sendo "Quem... precipitado de alta torre" apposto a "outros muitos", era de esperar que viessem novos appostos com o pronome "quem"; mas em logar de tal, o segundo e terceiro "quem" iniciam duas orações sobre si, na primeira das quaes se subentende "não valem" do verso precedente, e na segunda tem de subentender-se um verbo adequado, como "é arrastado" (cf. com. a III, 52, 3-4)."

Depois da pausa do 4.º verso, Camões desenvolve nos vv. 5-8 o conteúdo do 3.º, por meio de tres orações, introduzidas pelo pronome indefinido "quem" (= *alguem*). A primeira (vv. 5-6) é uma oração de participio perfeito, do typo *novus clamor ortus* (cf. a nota a II, 27), e não um apposto ao "outros muitos", do v. 3, como pretende o commentario (6). As outras duas são coordenadas a esta, havendo na segunda a ellipse apontada do "não valem" e decompondo-se a terceira em duas, ambas de participio, como a primeira, um (*arrastado*, por ex.) deduzido do contexto e outro expresso (7).

Nas *Fontes dos Lusiadas* transcrevi as palavras de F. Lopes que ministraram ao Poeta o assumpto da est. 5 e escrevi a respeito dos vv. 5-7: "O commentario do v. 3.º encontra-se nos que se lhe seguem, dois dos quaes, o 5.º e o 6.º, se referem especialmente ao assassinio do bispo de Lisboa, o castelhano D. Martinho, que... se havia refugiado na "mais alta torre da See", donde foi lançado "afundo" (c. 12). O v. 7.º, em que

---

(6) Ainda mesmo que se não quisesse considerar como pertencendo ao referido typo, não seria um apposto, mas uma oração elliptica, em que se subentenderia o verbo "morre" do 2º verso.

(7) Cita o commentario os vv. 3-4 de III, 52. Eis o que ahi se lê (1-4):

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pallida a cor, o gesto amortecido.

"Para o 3º verso, diz o commentario, tem de subentender-se um verbo apropriado, como "estão"; é zeugma frequente nos escriptores latinos." O que ha nos dois versos são tres orações nominaes.

se subentende o verbo *valem* (8), expresso sob a forma infinitiva no verso precedente, allude, me parece, á cruel morte da abadessa de S. Bento, nas cercanias de Evora, praticada na sé daquella cidade. Não lhe valeram as *ordens* dos conegos que intercederam por ella, nem as *aras* do templo em que se achava, nem o *respeito* devido ás particulas consagradas que tinha nas mãos"...

Sobre este ponto o commentario limita-se a dizer que "ordens = ordens sacras".

A est. 6 termina por estes versos, relativos a D. Leonor:

Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Commentario: "della] O pronome parece-me que representa "Lusitania" — equivalendo "herdeira de Lusitania", a "herdeira do throno de Lusitania" — e não "Lianor".

Não pode haver duvida sobre a interpretação deste passo: *herdeira della* é herdeira da *Lusitania* e não de *Lianor*. E' bem terminante a fonte do Poeta e bem explicito este mesmo, logo na est. seguinte.

Com effeito, no contrato de casamento de D. Beatriz com o rei de Castella ficou assente que, "morremdo elRei D. Fernando sem leixando (9) filho,... ou se o leixasse, falleçesse (10) sem lidemos filhos ou netos descendentes... que estonçe o Regno ficasse desembargado aa Iffamte Dona Beatriz, e que os naturaes do Regno fezessem todos menagem, que em tal caso houvessem ella (11) por sua Rainha e senhora". Isto leu o Poeta no cap. 158 da cit. *Chronica del Rei D. Fernando* e foi em tal conformidade que escreveu na est. 7:

Beatriz era a filha que casada
Co Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
.....
Com esta voz Castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao pay sucede:
Suas forças ajunta.....

---

(8) No cap. em que F. Lopes relata o que fizeram á probre abadessa, leu Camões, a respeito da quadrilha de facinoras que se assenhoreara de Evora: "Como alguũs delles deziam: *Vaamos o ioão, matallo, e troubemollo;* logo assi era feito, *sem lhe valer* nenhuũ dos grandes da çidade, posto que sse por el quisesse poer."

(9) Repare-se na construcção usada por F. Lopes. Está o gerundio pelo infinito do presente, de conformidade com a theoria que faz deste o nominativo daquelle: *laudare, laudandi, laudando* etc. Isto emquanto á syntaxe, pois morphologicamente não existe, como se sabe, tal affinidade.

(10) Um exemplo da mudança de sujeito: este (o filho) fallecesse.

(11) Repare-se na construcção do "ella", que hoje não usamos sem lhe juntar a preposição e repetir antes do verbo o pronome, reduzido a *o, a, os, as*. Aqui: *a houvessem a ella*. As palavras de F. Lopes reproduzem, como se vê, a maneira de dizer do latim: *haberent illam*.

Em vista disto, não é permittida a hesitação a respeito da maneira como devem ser interpretadas as palavras "herdeira della" da est. 6.

Na est. 7, 3-4, diz o Poeta que a rainha de Castella, D. Beatriz, era

Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.

Commentario: Bluteau interpreta "corrompida" por "divulgada apesar de recatos"; Macedo traduz: *Fernandum fama parentem | illius esse refert, sed nollunt credere famae | Lusiades;* Storck: *obwohl der Ruf dem widersprach mit Hohn.* Para mim, "corrompida fama" equivale a "fama infundada", e a conjunção "Se" está em sentido causal, como *si quidem* em latim".

Por outros termos: na opinião do commentario, era infundada a fama que fazia de D. Leonor a filha de D. Fernando; se esta era havida como tal, é porque uma fama "corrompida" lho concedia.

Pelo contrario, Macedo diz que a fama attribuia a paternidade a D. Fernando, mas que os portugueses não davam credito a tal fama.

Por sua vez, Storck entende que a fama se oppunha a que D. Fernando fosse considerado como pae da rainha de Castella.

Finalmente parece que, segundo Bluteau, D. Beatriz passava por filha de D. Fernando, mas tinha-se divulgado a fama de que podia não o ser.

Vejamos o que nos diz a respectiva fonte, isto é, F. Lopes.

Por um lado, a rainha de Castella nasceu antes das relações adulterinas de D. Leonor com João Fernandes Andeiro e ninguem punha em duvida que ella fosse filha de D. Fernando.

Se houve duvidas, ou melhor, se não as houve, foi a respeito dos filhos que a adultera deu á luz posteriormente (12).

Podia, portanto, o Poeta dizer que D. Beatriz era

Por filha de Fernando reputada.

Por outro lado nas côrtes de Coimbra João das Regras impugnou o direito da filha de D. Fernando á successão do throno português, baseando-se na *má fama* da mãe.

"Digo que toda molher que he emfamada que faz maldade a seu marido, e desto he pubrica voz e fama, que os filhos que della naçem, o dereito presume e ha por sospeitos, que podem seer nom de seu marido... Sse nos herdeiro ouvessemos descolher destes que nomeei, nom tomariamos nos sua filha desta (D. Lianor), pois que o dereito a tem por sospeita, por seer filha de madre nom casta" (13).

---

(12) Cf. *Chronica del Rei D. Fernando*, cap. 172. "A Rainha a poucos dias depois desto pario huuma filha, que morreo logo, e as gemtes sospeitavom que nom era delRei, e nom sem razom, ca el tempo avia que nom dormia com ella, segundo fama, e ella paria e emprenhava, e diziam todos que taaes filhos nom eram delRei."

Isto é: levantou-se contra a filiação de D. Leonor a suspeita juridica, baseada na "corrompida fama" da mãe.

Podia por isso o Poeta dizer que D. Beatriz era filha de D. Fernando, se a "maa fama", se a "nom onesta fama" (14) de D. Leonor Telles lho concedia.

Est. 8. Particularizando as differentes regiões da Espanha donde veio gente para defender as pretensões de D. Beatriz, diz o Poeta:

> Vem de toda a prouincia que de hum Brigo
> (Se foy) já teue o nome diriuado. (15)

Commentario: Fala-se de Castella-a-Velha: *"Ay algunos auctores, como son Fray Alonso Venéro en su Enchiridion* (16) ... *y otros que sienten que Castilla, la que llamamos Biega, vuiesse tomado su denominacion, o cognomento, deste Rey Brigo* [o fabuloso 4.º rei de Espanha] *y que de Brigia se dixo despues Bieja".* (Garibay, *Compendio hist. d'España* [publicado em 1571] IV, 8, cit. por F. e Sousa".

Refere-se, com effeito, Camões á Castella Velha, pois a Nova é mencionada na est. 10 sob o nome de "Reino de Toledo".

Mas no que elle por certo nunca pensou foi em derivar "Bieja" de "Brigia", como faz ou parece fazer Garibay, afastando-se aliás das proprias autoridades que cita.

O que o autor do *Enchiridion* diz é que de Brigo se chamou Brigia a terra de que elle foi rei e que Brigia quer dizer castello, donde a posterior denominação da provincia espanhola (17). "Este Brigo fundò en España muchos y muy grandes lugares, y a mi parecer, segun yo dire adelante, deste Rey Castilla, o la que agora es Castilla, se digo Brigia". (*Enchiridion*, ed. de Toledo, 1569, fl. 38). E mais adeante, fl. 74, v.: "Llamose esta tierra Brigia del nombre de Brigio. Y es de creer que si despues del no reinaron otros, sino los que del descendian, le durara siempre este nombre; pero las condiciones de las gentes y mudança de los tiempos mudan los nombres a las cosas. & porque llamandose Castilla por nõbre Brigia, sin mas aclarar el caso no auriamos concluydo nuestro intento, es de notar que Brigo en lingua de Armenia, segun dize An-

---

(13) *Chron. de D. João I*, 1ª p. c. 184.

(14) Palavras de F. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, c. 139; *Chron. de Dom João I*, 1ª p. c. 5. "Segundo a maa fama que a Rainha avia." "Sohou nom onesta fama amtrelle (Joham Fernandez Damdeiro) e a Rainha."

(15) Cf., por ex., *mimo* (III, 125, 5, etc.), *Apimo* (III, 15, 2). Vid. Cornu, *Port. Gram.*, § 84.

(16) A's reticencias do commentario correspondem estas palavras do texto castelhano: "y Alexo de Vanegas en el libro segundo natural." O que se diz na obra de Venegas (*De las differencias de libros que ay en el Universo*, Salamanca, 1572) é que a Castella Velha se chamou antigamente Brigia (fl. 87, v.), mas não "que de Brigia se dixo despues Bieja".

(17) O nome vem-lhe do plural da palavra latina *castellum:* a região onde ha muitos castellos.

nio (18), significa Castellano o Alcayde, e Brigola significa fotaleza o castillo... Bien se puede decir que el vocabulo Brigia significa lo mismo que Castilla".

Reportando-se a estes logares, não ha duvida nenhuma que o autor do *Compendio hist. de España* só por uma grande distracção podia ter escripto que "de Brigia se dixo despues Bieja". Nem era o qualificativo que precisava de explicação, mas sim o nome proprio.

E agora é bem facil de compreender o que diz o Poeta: Vem gente de toda a provincia que outrora se chamou Brigia, nome derivado dum rei Brigo, se é que tal rei existiu, se é que houve algum rei que assim se chamasse (19).

Continúa o Poeta (v. 2-3):

> Das terras que Fernando e que Rodrigo
> Ganharão do tirano e Mauro estado.

Commentario: "Das terras] é apposto a "de toda provincia". Fernando] é ou Fernando o Magno... ou o conde Fernan Gonçález. O mais provavel é que o Poeta se refira ao segundo, por isso que as mesmas personagens se encontram juntas neste passo de M. F. de Enciso: *"desta tierra fueron el Cid ruy diaz y el cõde fernã Gõçales...* Rodrigo] é o heroe castelhano Rodrigo (ou Ruy Dias de Bivar, o Campeador (-|- 1099)."

"Das terras" não é um apposto; é o começo de uma nova oração, para que se subentende o verbo "vem", do v. 1.º

Trata-se de outras provincias da Espanha, que os nomes proprios "Fernando" e "Rodrigo" nos indicam.

O primeiro destes é Fernando III (S. Fernando), o conquistador de Cordova (1236), de Múrcia (1241), de Jaen (1246) e de Sevilha (1248). "Rodrigo" é com effeito o Cid, que neste logar figura como conquistador de Valencia (1094), embora esta fosse abandonada aos mouros, pouco depois da sua morte, e reconquistada mais tarde pelos aragoneses (1238).

---

(18) E' o afamado falsificador da historia antiga, cujo discipulo mais notavel entre nós foi Fr. Bernardo de Brito. Realmente a p. 295 dos *"Berosi sacerdotis Chaldaici Antiquitatum Italiae ac totius orbis libri quinque. Commentarii Joannis Annij Viterbensis (Antuerpiae, 1552)*, lê-se o seguinte: "Brygus Hispanis imperat anno decimo nono Arij, id est, a diluuio quadringentesimo... Brygum appellant Aramei Castellanum, Brigolam vero Castellum... A duobus vero hunc arbitror hoc cognomento fuisse appellatum, et quod insigne sibi in vexillo castellum statuerit, et quod teste Beroso, plura in tota Hispania castella fundaverit et Brygum nomen indiderit, ut in Lusitania Laccobriga, Mirobriga et alia plura."

A respeito do celtico *briga* diz uma autoridade competente: "La péninsule ibérique nous offre de nombreux exemples du second terme — *brīga* (tinha-se occupado do synonymo *dūnum*), dans les textes du temps de l'empire romain: exemple, *Laco — Briga*, aujourd'hui Lagos etc." D'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe, II, 263-266. Paris*, 1894.

(19) Em "Se foi" o verbo exprime apenas a existencia. Cf. III, 23, 1. "Esta e Urganda foram ambas em um tempo, como se escreve nas Sergas de Esplandião." *Palmeirim*, I. p. 328.

Nos dois versos allude, portanto, Camões ás cinco provincias cujos nomes ficam especificados e não a Castella-a-Velha, como suppõe o commentario.

Um ponto e virgula no fim do v. 2 desta est. facilitaria a sua interpretação.

Na est. 11 caracteriza o Poeta por estas palavras os habitantes das Vascongadas (20):

A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.

Commentario: "de polidas razões] = de linguagem polida; cf. IV, 81, 2; "vasconço" emprega-se translatamente como synonymo de "aravia", v. o *Dicc.* de Moraes".

"Carecem de polidas razões" quer dizer que exprimem com rude franqueza aquillo que pensam; que são repentinos e pouco delicados nas suas falas. Cf. este passo da *Aulegrafia*, A. 4.º, sc. 1.ª: Arthur. Eu nenhũa cousa receio tanto como palavras que vos tornam descuidado, por quão ma he de hauer satisfação dellas. Darse hum homem com outro, o que menos pode, se se defende com animo, não fica couardo. Ficar mal de palavras acanha a opinião; obriga muito, e quem se guarda he mao de acolher em parte que vos satisfaça... A minha voz he: ser Biscainho nas razões, e Portugues nas obras, saindo ao primeiro arrepique". E na *Eufrosina*, Acto 2.º, sc. 3.ª (p. 90): "Biscainho he o estudante, polo si, si, polo nam, nam".

E a respeito do caracter dos habitantes da Biscáia e de Guipúscoa informa a *Suma de geographia* de F. Enciso (ed. de 1530, fl. 26 *v.*): "Las gẽtes destas provincias son colericas y prestes; apassionados".

Não admira, portanto, que saiam ao primeiro arrepique, que careçam de "polidas razões" e não soffram "as injurias dos estranhos".

Na est. 12, lê-se:

Ioane, a quem do peito o esforço creçe,
Como a Sansam Hebreo (21) da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe pareçe,
Cos poucos de seu Reino se aparelha.

---

(20) Commentario: "As tres provincias de Biscaia, Guipúscoa e Alava constituem as provincias vascongadas, que ficam divididas das Asturias pela Castella-a-Nova septentrional." "Pela Castella-a-Velha" é que devia dizer, pois a esta pertence a provincia de Santander, que faz aquella divisão.

(21) Cf. este verso do *Canc. geral*, V, 178, em que "Pompeo" tem 3 syllabas:

Membrot, Pompeo guereyro.

A ed. de Coimbra antepõe um [&] a "Pompeo".

Nada diz o commentario acêrca do 3.º verso, que só pela respectiva fonte se pode interpretar.

Impugnando, em Abrantes, a opinião dos que entendiam se não devia dar batalha ao rei de Castella, diz D. João I: "Quoanto é ao que duvidamos, por seerem elles muytos & nos muyto poucos, a esto vejamos o que dizem que dise Judas macabeu as suas jemtes, quoando o principe das hoostes da syrea ajuntou grão batalha (22) comtra elle, e os de Judas, porque eram pouquos, rreçeauão a multidaão dos emygos. E duvydamdo disseram a Judas: Como poderemos noos, taão pouquos como somos, lydar com tanta jente e tão fforte? E ell dizem que rrespondeo e disse: Ligeyra cousa he ao Senhor dar os muytos nas maãos dos pouquos como somos, porque a vitoria da batalha não he na multidão da ooste, mas do çeo he o vençimento. Entaão os foi commetter primeiro. E ffoi aquell principe desbaratado & toda sua ooste per Judas & per aquelles poucos que conssiguo tinha. E eu assi diguo a vos outros, disse ElRey, que, por noos sermos pouqua jente & elles muytos mais, que nam avemos por isso porque nos espantar, ca jaa muytas vezes aconteceo e cada dia vemos acaecer os pouquos de vencerem os muytos" (F. Lopes, *Chron. de D. Joõo I*, 2.ª p., c. 31).

Quer dizer: O rei português, *visto que* tudo pouco lhe parece, *visto que* todas as forças dos castelhanos pouco valem para elle, — e pouco valem, porque já se viu muitas vezes os poucos vencerem os muitos — prepara-se para saír ao encontro do invasor.

Embora os diccionarios que consultei não registem o "posto que" com a significação causal, que mantém no castelhano (23), não resta duvida que elle tambem já a teve na nossa lingua e que o Poeta aqui a deixou exemplificada. "Lhe pareceo muy graciosa terra, posto que toda era chea de aquelles altos aruoredos, de que inda Irlanda agora he poucada". *(Palmeirim*, I, p. 163). "Os caualleiros,... como a virã,... determinarã tomala per força darmas, posto que pera o fazer pouca força lhe parecia necessaria" *(Id.*, II, p. 68). "Posto que este anno me não

---

(22) Cf. VIII, 5, 7:

Grandes batalhas tem desbaratadas.

Do latim *battuere* formou-se *battualia*, donde *batalha*, com a significação de *combate* e depois tambem com a de *tropas formadas para o combate*. Desappareceu este, mas ficou *batalhão*. As duas palavras são de procedencia italiana.

(23) Cf. no *Diccionario de la lengua castellana... compuesto por la Real Academia Española* (Madrid, 1737): "Puesto. Se usa algunas veces como adverbio, y equivale à lo mismo que supuesto, como: Puesto que me debes tanta cantidade, pagamela. Lat. *Hoc posito*".

Commentando este passo do *Rinconete e Cortadillo* — "el otro venia escueto y sin alforjas, puesto que en el seno se le parecia un gran bulto" — observa o Sr. Rodrigues Marín, na sua interessantissima edição critica da novela de Cervantes: "No holgará advertir... que en el tiempo de Cervantes *puesto que* no significaba, como ahora, *pues que* o *supuesto que*, sino *aunque*" (p. 344, 2ª ed.).

vou já pera o reino e inuerna cá a nao, folgarei muito de ver esses pomos" (G. da Orta, *Colloquios*, etc., II, p. 377, ed. de 1895).

Se o "posto que" da est. 12 fosse concessivo, se na sua significação correspondesse a "ainda que", em vez de "pouco", era preciso que o Poeta tivesse escripto "muito": embora tudo, todas as tropas que traz o rei de Castella, muito lhe pareçam, ainda assim resolve offerecer-lhes resistencia. "Ainda que tudo pouco lhe parece" quereria dizer que D. João I ainda achava pouca a gente do inimigo, ainda desejava que viesse mais!

Com o "posto que" = "visto que" o Poeta foi até onde podia ir, autorizado pela respectiva fonte, cujo pensamento traduz neste passo; mas attribuir-lhe o conceito de que o rei de Portugal, *apesar de* achar poucos os numerosos inimigos, se foi apparelhando com a pouca gente que tinha, é formular uma hypothese inaceitavel (24).

Na est. 15, Nunálvares pergunta indignado:

> Como? da gente illustre Portuguesa
> Ha de auer quem refuse o patrio Marte? (25)

Commentario: "refusar o patrio Marte = fugir de afrontar os perigos da guerra, quando o caracter nacional é bellicoso".

Supponho que "patrio Marte" aqui quer dizer simplesmente "a guerra patria", i. é, em defesa da patria. Em III, 15, 4, "Marte" está no sentido proprio, portanto o epitheto tem outra significação (26).

Est. 18. Ainda do discurso de Nunálvares:

> E se com isto em fim vos não mouerdes
> Do penetrante medo que tomastes,
> Atai as mãos a vosso vão receio,
> Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Que quer dizer: "atai as mãos a vosso vão receio"? O sentido obvio é: prendei-o, segurae-o, não vos deixeis dominar por elle. Mas o contexto reclama precisamente o contrario disto; exige a expressão do conceito: deixae-vos dominar por elle.

---

(24) Inicialmente, a locução conjuntiva *posto que* exprimia apenas a idéa de anterioridade: posto que, visto, assente, averiguado que isto é assim, segue-se etc. (Cf.: posto isto, passemos a outro ponto.) Mas áquelle conceito facilmente se liga o de causalidade: *post hoc, propter hoc*. E dahi o *posto que* causal.

Mas o que é anterior, ás vezes, longe de ser causa, é antes um obstaculo, real ou possivel, ao que vem depois. Neste caso, o *posto que* é concessivo e quer dizer que o obstaculo não impedirá a realização do acto.

(25) Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte.

Commentario: "patrio] por ser o fundador de Roma, Romulo, filho de Marte."

(26) Em III, 15, 4, "patrio" deriva de *pater;* em IV, 15, de *patria*.

E daqui provém a explicação do commentario: "(O v. 7) equivale a: ficae inactivos deixando-vos vencer do receio".

E' isto o que as palavras deviam significar, mas não o que realmente dizem.

Como resolver a difficuldade? Creio que o Poeta se inspirou neste passo da *Vingança de Agamenom* (27):

> E pois tu soes, piadade,
> atar as mãos á vingança,
> soltarmas á crueldade,
> como eu tenho esperança,
> pera vingar tal maldade (28)

e que por esse motivo escreveu:

> Soltai as mãos a vosso vão receio,

isto é, deixae-o á vontade, permitti que elle se apodere de vós e vos não deixe fazer nada.

A substituição proviria de não se ter compreendido bem o que elle queria dizer; mas o effeito seria o mesmo que nos outros casos em que isto aconteceu: as palavras do Poeta transformaram-se num obscuro enigma. Cf. a nota a I, 6, 7.

Na est. 20 o commentario accentua o "A" que no v. 4 precede a palavra fortuna":

> Ja pera se entregar quasi mouidos
> A fortuna das forças Affricanas (29).

"Fortuna" pode não ter artigo, sobretudo quando personificada. Assim, em II, 98:

> Do metal que Fortuna a tantos nega.

Cf. "Natura" (III, 126; VII, 37; IX, 58); "Vitoria" (X, 42). Mas "a Fortuna" (VIII, 68); "a Natura" (VII, 30).

No seculo XVI não são raros os casos da falta do artigo, até com os nomes concretos. "Floramá esteue presente vendo fauores de muitos, que lhe trouerá a memoria a perda dos seus e saudade das cousas passadas" (*Palmeirim*, I, p. 136). "E andando por suas jornadas, foi ter a cidade de Lambre; ...em poucos dias foram a vista do cabo de longas

---

(27) Pag. 73 da ed. da Academia, feita pela de 1555.

(28) Resolvido a matar a mãe, para vingar o traiçoeiro assassinio do pae, Orestes observa que a piedade costuma atar as mãos á vingança, não a deixando realizar os seus designios; mas assegura que a crueldade lhas ha de soltar.

(29) *Affrico* e *Affricano* foi graphia muito usada.

naos". (*Ibid.*, p. 162). "Perdida de tudo esperança (30) de poder seruir Miraguarda". (*Id.*, II, 82). Cf. a nota a I, 105, 6.

Est. 22. Nada diz o commentario a respeito da alternancia "huns... huns... outros", que se encontra nesta est.:

> Das gentes populares, hũs aprouão
> A guerra com que a patria se sostinha;
> Hũs as armas alimpão.....
> .....
> Outros fazem vestidos.....

Na repetição do "um" temos a imitação do "alius... alius...", que tambem se encontra, por ex., nestes passos de A. Ferreira:

> Hũs de dia, hũs de noite se perderam
> *Carta* 5.ª, l. II.
>
> Hũs s'ouvem, hũs nos troncos ficam escritos (31).
> *Elegia* 3.ª

Est. 26. No v. 3.º:

> Rezando as mais, irmãs, damas & esposas,

corrige o commentario, de conformidade com a 2.ª ed. do poema, a graphia "mais", escrevendo "mãis". E' emendar o que saiu, com toda a certeza, da penna do Poeta, que, encontrando por vezes a palavra sem o til, assim a exarou neste passo como um *hápax graphómenon*. Transcrevere1 só dois exemplos, dentre os que poderia adduzir:

> Outros sey q̃ vão chamar
> suas mays minha senhora.
> *Can. geral*, III, 371.

"Flerida os tomou nos braços com o amor de may". *Palmeirim*, I, p. 17. Cf. "mão" por "mao" em V, 71, 2.

Parecendo isto uma questão de *lana caprina*, o que é certo é que o pequenino signal graphico, que apparece em *Ec* e foi expungido em *E*, constitue um argumento em favor da prioridade daquella edição.

Diz a 2.ª parte da est.:

> Ja chegão as esquadras (32) bellicosas

---

(30) O editor de 1786 antepõe um *a* por sua conta.

(31) Na alternancia "Hũs... Hum" (I, 92), "Hũas... Outra" (IX, 72-73), a discordancia dos numeros, que não é exigida pelo assumpto, tem a sua origem na azymetria, considerada como fonte de belleza.

(32) E' o "agmen quadratum" dos romanos, o nosso "quadrado" e a "squadra" italiana (de *exquadrare*). Cf. "esquadrão" em VIII, 10, 3.

Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duuida concebem.

Commentario: "Vejo, com G. de Amorim, em "os" erro typographico. Quem julga desnecessaria a correcção, entende que o Poeta, por uma synese que na verdade não é absolutamente estranha, dizendo "os", tinha na mente "inimigos".

O erro de imprensa mais depressa estará no "todas", em vez de "todos" (33), do que no masculino "os", referido a collectivos, que, embora grammaticalmente sejam do genero feminino, designam comtudo um conjunto de individuos do sexo masculino.

E' precisamente o mesmo caso que o Poeta encontrou no *Cam. geral*, III, 225.

Escrevendo a Ulysses, diz-lhe Penélope, a respeito dos pretendentes que a importunavam:

Luxuriosas companhas
daquestas terras estranhas,
Dulichia, Iaçinto, & Samo,
os quaes eu muito desamo,
de me auer buscam mil manhas (34).

Com uma pequenissima differença morphologica, são até as mesmas palavras: "companhias... os" e "companhas... os".

E. 28. Começo da batalha de Aljubarrota:

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuio o o monte Artabro, e Guadiana (35)
Atras tornou as aguas de medroso:
Ouvio o Douro, e a terra Transtagana.

---

(33) Não é natural que o Poeta, tendo escripto "os" no v. 7.º, voltasse logo ao feminino "todas".

(34) *Epistola de Penelope a Olyxes em lyngoagẽ treladado de latim per Ioam rroiz de sa*ᵃ.
No texto de Ovidio (*Heroides*, I, 37-38) lê-se:

Dulichii Samiique et quos tulit alta Zacynthos,
Turba ruunt in me luxuriosa proci.

(35) "Guadiana" sem o artigo (cf. VIII, 3 e 29), por influencia da antiga forma "Odiana" (cf. "Entre Tejo e Odiana"), em que a primeira letra da palavra dá a impressão de ser o artigo. Cf. Odeleite, Odesseixe, Odemira, Odiáxere, a par de: Guadiana, Guadalquibir, Guadalete etc., Como se sabe, são palavras compostas, em que a primeira parte provém do arabe e significa: *rio*. Emquanto aos nomes de rios sem artigo, cf. a nota III, 97. A respeito da "fresca Guadiana" de VII, 70, v. a respectiva nota.

Observação do commentario ao v. 3.º: "A comparação com o texto da *En.* abaixo transcripto (36) faz-me suppor que o pronome "o" depois de "Ouvio" é devido ao compositor".

Em "Ouvio-o o monte Artabro" está o pronome expresso, havendo tres *oo* consecutivos, como, por ex., neste passo da *Aulegrafia* de J. F. de Vasconcellos: "Só eu soube (37) emendar natureza na composição do homem, em que se ella esmerou, produzindo hum animal perfeito sobre todos, & tendoo o grave consilio dos Deoses por acabado, aparado", etc., (p. 2). E, para variar a construcção, em "Ouvio o Douro", foi o pronome encorporado no o final de "Ouvio", como em V, 87, 7, o está no de "Ouvindo". Cf. a nota a I, 84, 3.

No passo de Vergilio, imitado por Camões, se o "audiit" apparece empregado intransitivamente, é porque o complemento directo é facil de subentender. Mas daqui não se segue que deva ser identica a construcção portuguesa correspondente. Em 28, 3 e 5, é necessario o complemento para dar energia á frase.

E. 29. Descrevendo os effeitos do signal dado pela trombeta castelhana, observa o Poeta:

> Quantos rostos ali se vem sem cor,
> Que ao coração acode o sangue amigo,
> Que nos perigos grandes, o temor
> He mayor muitas vezes que o perigo,
> E se o não é, pareçeo, que o furor
> De offender, ou vencer o duro immigo,
> Faz não sentir, que he perda grande & rara
> Dos membros corporais, da vida cara.

Commentario aos vv. 5-8: "O texto das ed. de 1572, tomado o verbo "parecer" no sentido usual, não pode significar senão que: se o temor não é maior que o perigo, parece que o é, porque a furia de vencer o inimigo não deixa sentir que é irreparavel a perda da vida ou ainda a de algum dos membros. Ora em tal ligação de idéas ha evidente contradição e Camões não podia querer dizer tal cousa".

Tem toda a razão o commentario. O raciocinio do Poeta reduzir-se-ia com effeito a este contra-senso: o medo, muitas vezes, é ou parece maior que o perigo, porque o perigo não deixa sentir o medo!

Como escapar a este absurdo, que não pode ser attribuido a Camões?

O commentario propõe um expediente e lembra outro que já foi apresentado.

a) "E' necessario admittir que o verbo "parecer" tem neste logar outra significação, querendo o Poeta dizer que, se o temor não é maior

---

(36) "Dea | ...pastorale canit signum cornuque recurvo | Tartaream intendit vocem | ...audiit et Triviae longe lacus, audiit amnis | ...Nar" (VII 511-517).

(37) E' o deus Momo que fala no prologo.

que o perigo, tal facto não é senão apparente, sendo que a furia de vencer o inimigo obscurece aquelle temor, que na realidade existe nas profundidades da consciencia".

Esta interpretação nem se coaduna com o texto, nem, considerada no seu conteúdo, se pode admittir, pois presuppõe um conceito psycologico inexacto.

E' manifesto que "parece-o" não pode aqui significar senão "parece que o é", "parece que é maior que o perigo, embora realmente o não seja". Apesar disso, para o commentario aquelle verbo quer dizer: "é só na apparencia" que o não é.

Ora o verbo "parecer", só por si, não exclue a realidade, antes a admitte como possivel. Para se dar tal exclusão, é preciso que venha acompanhado de palavra ou palavras que faltam nos *Lusiadas* (38) e que o commentario introduz por sua conta: "não é senão apparente".

Com as palavras do texto, interpretadas segundo o commentario, chegariamos a este resultado: Nos perigos grandes o temor é, muitas vezes, maior que o perigo, e, se o não é, ainda o é, porque só apparentemente é que o não é! E se tomarmos o "se" do 5.º verso como equivalente de "quando", ficar-nos ha isto: Nos perigos grandes o temor é muitas vezes maior que o perigo e *quando* o não é, isso é só na apparencia; portanto nos perigos grandes o temor é sempre maior que o perigo. Assim discorreria um medroso.

Mas não é só isto. Para o commentario, se o temor muitas vezes não é maior do que o perigo, trata-se apenas de uma apparencia e não da realidade. O temor, suppõe elle, embora obscurecido, lá existe nas profundidades da consciencia.

Ora isto oppõe-se ao proprio conceito do medo ou temor, que se define á perturbação do espirito, produzida por um mal que nos pode acontecer.

O temor é, portanto, essencialmente um phenomeno acompanhado de consciencia: ou se sente e existe, ou se não sente e não existe (39). No temor, para quem o sente, não ha a distinção entre *ser* e *parecer*. O temor que só existe nas profundidades da consciencia, sem aflorar a esta, não é temor.

Em summa, o Poeta não disse, nem podia dizer o que o commentario lhe attribue. E é talvez por isso que este indica outra solução.

b) "A ed. de 1651 suppôs haver erro typographico e que o texto originariamente era: E se o não é, parece que o furor, etc. Deste modo a difficuldade realmente desapparece".

Desapparece uma, mas surge logo outra.

---

(38) Na linguagem falada pode bastar a intoação ou um gesto, para produzir este resultado. Se á pergunta: F. é homem de bem? se responder simples e naturalmente: Parece-o, admitte-se a probabilidade de que elle realmente o é. Mas o "Parece" pode ser pronunciado por forma que equivalha a uma negação.

(39) O perigo é objectivo; existe independentemente do conhecimento que delle possamos ter. O medo, por definição, suppõe sempre o conhecimento de um mal, de um perigo, quer este seja real, quer exista só na imaginação.

Se o temor, muitas vezes, não é maior que o perigo, é porque o furor de atacar e de vencer não deixa ter a consciencia deste. E' uma razão real, e não apenas uma conjectura; não pode, portanto, ser introduzida por um simples "parece". E' assim; não parece que é assim.

Que escreveria então Camões no discutido verso?

Para facilitar a solução, se ella é possivel, cumpre transformar esta pergunta noutra: Que deveria elle ter escripto? Que é o que pede o contexto?

Por certo que este ficará corrente, se lermos:

... Nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes que o perigo;
E se não he *maior*, he que o furor
De offender ou vencer o duro immigo
Faz não sentir que ne perda grande & rara
Dos membros corporais, da vida cara.

Depois o segundo "maior" seria eliminado, subsistindo comtudo o conceito que elle exprimia (*E se o não é*), e accrescentar-se-ia o *"parece-o"* (40), que dá a impressão de uma emenda typographica, apparentemente satisfatoria, mas na realidade em briga com a vizinhança, em que se não reparou.

Lido como proponho, o texto ficaria bem claro. Nos perigos grandes, o temor muitas vezes é ainda maior que o proprio perigo. E se isto se não dá, se o medo é menor que o perigo que se corre, se pode até não haver medo, é porque o furor do ataque, o ardor da luta não deixa sentir o perigo em que se está de ser morto ou de ficar mutilado.

Diz ainda o commentario á est. 29: "No ultimo verso ha a suppressão, um tanto dura, de "a" (perda) antes de "Dos membros corporais, da vida cara".

O que ha é uma particularidade metrica, semelhante á de III, 69, 2-3, i. é, o *a* final de "rara" figura tambem no começo do v. 8.º, devendo por isso aquella palavra ler-se: *rar'a*. Cf. VIII, 32, 5.

Em 32, 7-8, "estranho" rima com "Magno". O commentario observa: "De certo Camões pronunciava "Magno" á italiana, como se fosse escripto "Manho". Heitor Pinto diz "o manho Alexandre" (II, 97 da 1.ª ed.)."

E' dispensavel esta explicação, pois se trata naturalmente de um caso de rima incompleta, vulgar, por ex., no *Canc. geral*. Assim, no t. IV, "palauras" rima com "desejauas" (p. 17); "detinhão" com "rrecebião" (p. 26); "yda" com "dia"; "folguo" com "loguo" (p. 69); "mata" com "quarta"; "carapuça" com "murça" (p. 177 e 211); "dado" com "guabynardo" (p. 189); "rrodriguo" com "vyuo" (p. 291); etc.

---

(40) Com o intuito de salvar este verbo, tinham-me occorrido as emendas: *a) E se não se parece, é que* etc.; *b) E se não o parece, é que* etc. Hoje creio se trata de um intruso.

Não é, portanto, de estranhar que o Poeta, dado o seu intuito de deixar exemplificadas nos *Lusiadas* varias particularidades de metrica, de phonetica, de syntaxe, etc., rimasse "estranho" com "Magno". Cf. a mesma rima em IX, 92 (41).

Na est. 33 dirige-se ou allude o Poeta a varios personagens da antiguidade que se fizeram inimigos das suas patrias:

> O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
> Catilina, & vos outros.....

Suppõe o commentario que o epitheto "nobre" quer dizer neste logar "que tem nomeada, famoso". Mas, sendo assim, não havia motivo para delle excluir os outros dois romanos. E' que o Poeta queria referir-se, por certo, á circumstancia de Coriolano pertencer á nobreza e se collocar á frente desta contra a plebe. Basta citar este passo de T. Livio (II, 34): "Multi venisse tempus premendae plebis putabant recuperandique jura quae extorta secessione ac vi patribus essent, in primis Marcius Coriolanus, hostis tribuniciae potestatis".

Na est. 36 o Poeta, como se vê pela est. seg., situa a Massylia a noroeste da Africa, pois nella ficam os montes *Sete Irmãos*. O mesmo faz em V, 6, onde diz que aquella região é banhada pelo Atlantico.

Como explicar isto, se os massylos habitavam na Numidia, portanto a leste da Mauritania?

Eis o que responde o commentario: "Os poetas latinos empregavam o adjectivo *Massylus* como equivalente de "Africano" (42).

A's vezes assim era. Mas Silio Italico, no seu poema heroico sobre a segunda guerra punica, colloca este povo nos confins occidentaes da

---

(41) No *Canc. geral* (I, 30) encontrou o Poeta a palavra "manho" em uma significação inteiramente diversa:

> E meus cuydados estranhos
> alegar por ssy emvyam
> por todos ficardes manhos
> que sospyros dam tamanhos etc.

Cf. no t. III, p. 66:

> O mauno Alexandre do mundo senhor.

(42) Na 1ª ed. o commentario accrescentava: "No mesmo sentido geral diz Sannazzaro *Massyla... rura* no *De partu Virg.* III." Nas *Observações* mostrei que não era exacta esta asserção, pois os *rura M.* se contrapõem a outras regiões proximas (p. 11-12.)

terra, nas proximidades do jardim das Hespérides (43). E Camões não fez mais do que imitar o poeta romano.

Na est. 39, 5, em "tinge o ferro o fogo ardente", o commentario perfilha a substituição de "fogo" por "sangue": "O epitheto "ardente", a locução usual "a ferro e fogo", o haver no verso precedente a dicção quasi homonyma "jogo" e a semelhança das letras iniciaes das duas palavras (j, f) podiam muito facilmente levar o compositor a trocar "sangue" por "fogo". O epitheto "ardente" refere-se á côr (cf. II, 77, 5)"

O "fogo" é o ardor (44) dos combatentes; é o mesmo "fogo" do 2.º v.

> Porque eis os seus acesos novamente
> Dhũa nobre vergonha & honroso fogo...

Cf. "os incendios" de II, 54, 2, e o "fogo" de VIII, 17, 2-4 (45).

O que o Poeta diz é que o "fogo" dos combatentes tinge de sangue o "ferro" de que elles estão armados.

A est. 41 termina por estes versos:

> A sublime bandeira Castelhana
> Foy derribada os pês da Lusitania.

O commentario lê "aos p.", observando que a correcção é já antiga. Mas foi de certo "os" (= ós) que o Poeta escreveu, pois esta contracção

---

(43) Quin et Massyli fulgentia signa tulere,
Hesperidum veniens lucis domus ultima terrae.
Praefuit .....
Bocchus atrox, qui sacratas in litore silvas,
Atque inter frondes revirescere viderat aurum.

(*Punicorum*, III, 282-6.)

Cf. XVI, 171-174.

Não quer isto dizer que no autor dos *Punicorum Libri* não appareça tambem a palavra *Massylus* em sentido generico. Assim ao exercito carthaginês chama ás vezes *Massyla gens*, pelo mesmo motivo que o denomina *Garamantica pubes*, *Maurusia pubes*, *Marmaricae vires*, *Nomades*. Cf. I, 42; II, 108; VIII, 216; XI, 31, 414; etc.

(44) Note-se a semelhança da translação nos conceitos expressos por "arder" e por "fogo".

(45) A fonte deste logar, *Chron. de D. Af. Henriques*, de Duarte Galvão, diz que D. Fuas tomou os navios dos mouros no porto de Ceuta e os trouxe para Lisboa. "(Os Portugueses foram) sobre o porto de cepta, honde acharam fustas darmada & outros navios de mouros & tomaramnos. E despois destarem hi dous dias diante de cepta, se tornaram pera lixboa, trasendo os naujos tomados comsaigo, vindo com grande prazer & contentamento de suas pessoas" (cap. 56).

Cf. agora o que diz o Poeta:

E' dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas galés da Maura gente.

era corrente nos melhores escriptores do seu tempo. "Vergonha faz mal *os* mal afortunados, como ousadia *os* bem afortunados" (*Eufrosina*, p. 31). "Assi sabem estas senhoras embair ho claro juizo *ho* homem quando querem" (*Memorial*, p. 266).

Como é de suppor, tambem não faltam exemplos no *Canc. geral*. Basta um:

> Somos (46) liures de pecado,
> quando queres dar fauores
> *os* q̃ ssam teus seruidores.

Cf. a nota a VI, 33, 6.

Est. 42. Na batalha de Aljubarrota, diz o Poeta,

> A multidão da gente que perece
> Tem as flores da propria cor mudadas.

Commentario: "Como evidentemente Cam. quer dar idéa da grande carnificina que houve, ha de entender-se que o sentido é, que o sangue tornou vermelhas as ervas do campo da batalha, cf. III, 52, 6-8. Assim interpretam F. e Sousa, Macedo e Storck. Alguns... menos ajuizadamente referem "flores" á côr do rosto".

Foi por certo por causa das flores vermelhas que o commentario mudou em "ervas" as "flores" do texto. E o Poeta, para lhe não perguntarem de que côr ficaram estas flores, teria escripto "ervas", como em III, 52 (47), se quisesse realmente dizer que o chão estava encharcado de sangue. Mas da carnificina já falam os vv. 1-2:

> Aqui a fera batalha se encruece
> Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas.

A circumstancia que refere agora é que a palidez da morte mudou a côr do rosto aos que pereceram. Basta confrontar III, 134:

> Tal está morta a palida donzella,
> Secas do rosto as rosas, & perdida
> A branca & viua cor co a doçe vida.

Na est. 46 refere o Poeta por esta forma o lance decisivo da batalha de Valverde, ganha por Nunálvares na "terra dos Vándalos":

---

(46) No texto: *Fomos*. E' um vilancete a Nossa Senhora.

(47)
> Correm rios do sangue desparzido
> Com que tambem do campo a cor se perde,
> Tornado carmesi de branco, & verde.

30 REVISTA DE LINGUA PORTUGUESA

Já de Siuilha a Betica bandeira
E de varios senhores nũ momento
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

Commentario: "sem ter defesa] refere-se a "senhores". E porque não a "Betica bandeira"?

Temos neste passo um misto de intercalação e de cruzamento ou apenas este ultimo, segundo a arrumação que dermos ás palavras "num momento":

a) Ia de Siuilha a Betica bandeira
..... num momento
Se lhe derriba aos pés sem ter defesa

b) E de varios senhores (48), ...
Obrigados da força Portuguesa.

c) Mas tambem podemos separar "num momento" do 1.º verso e ligá-lo ao 2.º, alternando assim o 1.º com o 3.º e o 2.º com o 4.º (49) Cf. a nota a I, 12. Um exemplo do *Canc. geral*, III, 105:

Ouuyndo palauras tam bem rrezoadas,
ficou de contente atam satisfeyto,
de ssa senhoria atam estimadas,
que o por fazer estimou por feyto.

A disposição, como se vê, é a mesma que nos *Lusiadas:* 1.°, 3.°, 2.°, 4.° Emquanto á omissão do *as* em "E de varios", por "E *as* de", cf. I, 90, 7.

Ia blasfema da guerra, & maldizia (50)

---

(48) Subentende-se, é claro: *se lhe derribam.*

(49) I. é: "um momento" pertence ás duas orações; é um complemento dilogico. E' o que se infere da fonte da est. "Entonce (os Portugueses) endereçaram todos em batalha para aquella bandeira (a do mestre de Santiago, hasteada com outras em um cômoro), com desejo de chegarem onde aquelles senhores estauam , ...e, em sobindo daquella guisa, desceram a elle (Nunálvares) muitos castellãos, entre os quaes... o mestre de Santiago com muita gente de pé e de cauallo" ...(Morto este e postos em fuga os que a seu lado combatiam), "os mestres e senhores que não pelejaram... quando viram aquelle fugir que os outros faziam, e a bandeira do mestre com as outras derribadas e abatidas, ficaram espantados e não sabiam que dizer"... "(O conde de Niebla) começou de se ir quanto pôde e todos os senhores e homens de conta que ali eram, e o pendão de Sevilha e os Vinte e quatro com as gentes da cidade, de guisa que a pouco espaço não pareceu nenhum castellão." F. Lopes, *Chron. de D. João I,* 2ª p., c. 58.

(50) I. é: e a maldizia. Commentario: "da guerra] pertence para ambos os verbos entre que está interposto."

O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

E V, 88, 2:

Cantem, louuem, &.escreuão sempre estremos
Desses seus semideoses, & encareção (51),
Fingindo Magas, Circes, ...

E um dos muitos passos do *Palmeirim*, em que se dá esta omissão: "Mandou algũas donzellas... ordenar batalhas antre os caualleiros... A hũa (52) destas foy a que ordenou do (53) caualleiro do Salvage com Polinardo" (t. I, p. 235).

Est. 49. A conquista de Ceuta por D. João I menciona-a o Poeta por estes termos:

O monte Abila, & o nobre fundamento
De Ceita toma.....

Que monte é este? Na primeira edição do commentario era "a cordilheira que orla o lado meridional do estreito de Gibraltar".

Mostrei nas *Observações* que, para o Poeta, o monte Abila era o Facho, na peninsula de Almina, em cujo isthmo fica a moderna Ceuta, e que o Atlas o identificava elle com o ponto culminante da Ximeira, o primitivo Abila-Atlas (54), pois por estes dois nomes foi conhecido na antiguidade.

A 2.ª ed. substitue aquellas palavras por estas: "Os geographos não são unanimes na identificação do monte Abyla da antiguidade, sendo que uns entendem que é o moderno monte dos *Monos*, outros que é o monte do Facho, em espanhol *hacho*".

---

(51) Por: *os* encareçam.

(52) Cf. o francês *Pune*. No *Palmeirim* encontram-se as combinações: *de huma... de outra; de uma... da outra; da uma... de outra; da uma... da outra; de uma e outra*. Cf. por ex., III, p. 416: "Com a vinda do hũs e dos outros,... d'hũa parte e da outra se começou a renouar a batalha."

(53) Como se vê: *a* do.

(54) O segundo nome é grego e significa *o que supporta* (sc. o céu). Do primeiro lê-se na *Ora maritima* de F. Avienus, v. 345-7: "Abilam vocant | Gens Punicorum, mons quod altus barbaro est, | Id est latino." Mais tarde, quando se apurou que o Atlas não supportava o céu, deu-se o nome á cordilheira que ainda o conserva e a respeito da qual diz P. Mela: "In harenis mons est Atlas:... caelum et sidera non tangere modo vertice sed sustinere quoque dictus est" (III, 100-101). Camões separou os dois montes, deixando ficar o Atlas no primitivo logar, com Lucano (I, 554-555; IV, 670-673), e fazendo do Abila uma das columnas de Hercules, na Almina.

Até aqui bem está; mas depois de reproduzir a citação de Reclus, accrescenta de novo: "Para Camões o Abyla é certamente o monte mais alto dos sete que formam a peninsula de que fala Reclus".

Ora a peninsula a que se refere o conhecido geographo não é a de Almina, em cujo isthmo fica Ceuta: é outra, ligada a ella e formada pelos contrafortes orientaes da serra de Bulhões, cujo ponto mais elevado é o monte dos *Monos* (55) — o primitivo Acila-Atlas (para elle só o Abila, pois o Atlas é a cordilheira que fica ao sul de Marrocos). *"En se prolongeant au nord, la chaine bordière... se termine à la pointe d'Afrique par le djebel Belliounech... D'un côté ce massif projette à l'est l'étroite peninsule qui s'unit par un isthme fortifié au massif insulaire de Ceuta; de l'autre il s'avance au nord pour former le promontoire du Djebel-Mouça, le pilier méridional de la porte d'Hercule. Ce pilier, l'antique Abyla"* (*Nouv. Géogr. Univ.*, XI, 668).

Como se vê, Reclus distingue bem nitidamente o maciço insular de Ceuta, a peninsula de Almina, da outra peninsula que lhe está ligada. E' nesta segunda que ficava Ceuta-a-Velha (56); é ahi que sobresaem os montes *Sete Irmãos* (cf. IV, 37), que deram o nome á povoação *Ad septem fratres* dos romanos e a Ceuta, se a palavra se relaciona com *septem* (57).

E' verdade que ha quem colloque ou pareça collocar os *Sete Irmãos* na Almina. Assim, o roteiro da marinha ingleza, *The Mediterranean Pilot*, descrevendo a mesma região de que fala Reclus, no passo cit., diz: *"The eastern slope of the Marabut mountain (o contraforte oriental do Djebel Muça) descends in proportion as it extends eastward, and continues narrowing until it becomes a mere tongue of low land, little more than a cable across, forming the isthmus of Ceuta... The peninsula (Almina) being a series of seven small hills, which ascend gradually to the largest and*

---

(55) Transcrevo das *Observações*, p. 51: "Sobranceiro ao estreito de Gibraltar e quasi a meio da respectiva costa africana, ergue-se um pico de 856 metros de altitude, bifurcado no vertice e coberto de nevoa durante os mezes que ali sopram os levantes (Vid. V. Bérard, *Les Phéniciens et l'Odyssée*, I, 240 e segg.). E' o Atlas de Homero e de Herôdoto, o *djebel Muça* dos arabes, o ponto culminante da serra da Ximeira dos espanhoes, da serra de S. Gens dos portugueses contemporaneos de Azurara, da serra dos Monos de Manuel Pimentel, e o *Mont aux singes* ou *Apes Hill* das *Instrucções nauticas* francezas e norte-americanas." Cf. o *Mediterranean Pilot* da marinha ingleza: "*Sierra Bullones (Apes Hill)*. This celebrated mountain, called by... the ancient Romans *Abyla*, is very remarkable, and with the Rock of Gibraltar, well marks the eastern entrance to the strait... This mountain and Gibraltar under the name of Mons Calpe, were called by the ancients the Pillars of Hercules... In clear weather when the strait is approached from the eastward the Rock is seen at a distance of 40 miles, and has a isolated appearance... The sierra Bullones (Apes hill) is seen at the same time also appearing isolated... Almina de Ceuta is also seen, but less elevated" (p. 54).

(56) A respeito della informa o *Mediterranean Pilot* americano (I, p. 107, Washington, 1920): "The old town of Ceuta, surrounded by the walls of old fortifications, all in ruins, is situated about ½ mile westward from the western end of the isthmus, and on the slope of the hill (the Marabut Mountain)."

(57) Outros derivam-na do latim *septum* (ou *saeptum*) cerrado. Cf. o texto de Edrisi, abaixo citado.

highest monte del Hacho". E no *Diccionario encyclopedico hispano-americano*, IV, 1290 (Barcelona, 1888) lê-se: "(*Ceuta*) *está situada.. en la falda O. del monte Hacho, en el corto y angosto istmo que une el Continente africano aquel elevado promontorio, teniendo al frente y á 20 kms. de distancia la plaza de Gibraltar... En la falda setentrional y occidental de la peninsula que, compuesta de siete sucessivos cerrillos, asciende gradualmente desde el istmo hasta el citado monte del Hacho, que es el ultimo y mayor de todos, aparece tendida en anfiteatro... la Ceuta moderna ó sea la de la Almina*".

Mas sejam ou não os "seven small hills" (58) e os "siete cerrillos", na mente de quem estas palavras escreveu, os montes *Sete Irmãos*, o que é certo é que estes ficam fora da Almina, junto das ruinas de Ceuta-a-Velha (59). Basta o testemunho do geographo arabe Edrisi, que parece ter sido natural desta povoação. "La ville de Ceuta est bâtie sur sept collines qui se touchent... On voit à 2 milles de distance de Djabal Mousa... Il existe à l'orient de cette ville une montagne ditte Djabalo 'l-Mina... Quant au nom de Sebta, il lui fut donné parce qu'en effet elle est bâtie sur une presqu'île close par la mer de toutes parts, excepté du côté du couchant (60).

Em conclusão: na peninsula de que fala Reclus ha sete collinas; mas nenhuma dellas é o Abila de Camões. Este é o monte do Facho, fronteiro ao morro de Gibraltar, e considerado por alguns, entre elles de certo o Poeta, como a columna de Hercules africana (61).

Tendo eu transcripto nas *Observações* os dois passos do *Med. Pilot* e do *Dic. enc. hisp.-am.*, talvez désse com isto origem á asserção tão terminante como erronea do commentario de que "para Camões o Abyla

(58) O roteiro americano repete o que diz o inglês: "Almina Peninsula... is composed of seven small hills" etc. (p. 107).

(59) Segundo o *Itinerario de Antonino* (3 e 9), a povoção *Ad septem Fratres* ficava entre *Tingis* e *Ad Abilem*. "Abile" deve, portanto, ser aqui o Facho, como nos *Lusiadas*. P. Mela, que era de Tingentera, na costa hispanica do Estreito, e que portanto conhecia *de visu* a costa africana, colloca os *Septem Fratres* a leste do Abila, que para elle é o actual monte dos *Monos* e a columna de Hercules africana. "Deindo (i. é: depois de Tingis) est mons praealtus, ei quem ex adverso Hispania adtollit obiectus: hunc Abilam illum Calpen vocant, Columnas Herculis utrumque... Hic iam mare latius funditur, submotasque vastius terras magno impetu inflectit... Ex his tamen quae commemorare non piget montes sunt alti qui continenter et quasi de industria in ordinem expositi ob numerum Septem, ob similitudinem Fratres nuncupantur" (III, 29).

(60) Devo este passo á obsequiosidade do illustre professor de arabe, o sr. dr. David Lopes, que o extraiu da traducção de Dozy-De Goeje, *Description de l'Afrique et de l'Espagne par Edrisi*. Infere-se das ultimas palavras que o geographo arabe relaciona Ceuta com *septum*.

(61) Para quem navega do Mediterraneo para o Estreito surgem a distancia o morro de Gibraltar e o monte dos *Monos*. O Facho, com os seus 194 m. apenas, projecta-se, por assim dizer, neste. São portanto aquelles as columnas de Hercules. Em terra ou numa carta geographica quem fica fronteiro ao Calpe, quem emparelha com elle, é o monte do Facho. Dahi o ser este considerado por alguns como a columna africana. Cf. Berard, *Les Phéniciens et l'Odyssée*, I, 240 e segg.

é certamente o monte mais alto dos sete que formam a peninsula de que fala E. Reclus".

Seria, se a peninsula deste autor fosse a Almina; mas basta reler o que elle diz, para vermos que o não é.

E escuso accrescentar que o Abila que D. João I tomou foi a Almina.

Resumindo: dos dois nomes dados primitivamente ao mesmo pico, um foi transferido por muitos para uma cordilheira distante, ao sul, e para esses o pico continuou com o nome de Abila. Houve comtudo quem não deslocasse o nome do Atlas, ficando-lhe por isso disponivel o do Abila. E quando se quis fazer a identificação das columnas de Hercules, uns viram-nas, da parte da Africa, no Abila, que continuava onde sempre estivera, não lhe acontecendo o mesmo que ao Atlas; outros, para quem o Atlas era ainda o antigo monte deste nome e que julgavam ser o Facho a columna africana, mudaram para este o nome de Abila (62). E neste numero entra Camões.

Continúa o commentario: "o nobre fundamento de Ceita] equivale a: a nobre Ceita, base das conquistas portuguesas na Africa *(Libicy fundamenta regni | Septam urbem*. Macedo). Com sentido analogo diz Du. Pacheco: "mandou descobrir as Ilhas de Sam Thomé e Sant'Antonio e as pouorou com fundamento da nauegaçam da India" (*Esmeraldo*. p. 2)".

"Fundamento" neste passo do poema tem apenas a significação de "assento", "sitio". Cf. *Palmeirim*. III, p. 268: "A velha... recebeo (o caualleiro do Salvage), acompanhada de quatro caualleiros armados de lustrosas armas, queixando se delle a elles que queria destruir o seu fundamento de tanto tempo". E pouco antes, p. 260, falando-se do mesmo "apousentamento", dá-se-lhe o nome de "assento' (63).

O passo do *Esmeraldo* não vem a proposito, pois nelle se restringe a significação da palavra "fundamento". Foi para o effeito da navegação

---

(62) De tudo isto resulta a divergencia e a confusão dominante nos livros que versam o assumpto. Até ha quem identifique o monte dos *Monos* com o do Facho e quem considere o primeiro destes como um dos *Septem Fratres*. Assim, a respeito da Almina lê-se no volume *L'Africa*, cit, em nota a III. 77: "Una fortezza è sul monte que termina la peninsoletta, monte che è il gebel Musa degli Arabi, l'antico Abila, di fronte a Calpe" (p. 362). E no *Diccionario* de Pauly (1ª ed.), v. *Septem Fratres:* Um destes montes é o actual *Affenberg*" (monte dos *Monos)*.

O primitivo Atlas, que é ainda o de Camões, fica a duas leguas de Ceuta, a noroeste.

Eis como este se expressa na ode I, escripta naquella cidade:

Olha como suspiram estas ondas
E como o velho Atlante
O seu colo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz, fraca e doente!

O elevado pico do Atlas ouve a fraca e doente voz do Poeta e com ella se commove. Cf. *Lusiadas*, III, 77.

(63) "Ao caualleiro do Saluage lhe pareceo este assento a cousa mais notauel, que a natureza nem o tempo lhe podera descobrir." Cf. 73, 1; 98, 3; II. 65, 3; etc.

da India que D. João II mandou descobrir as duas ilhas. Em IV, 49, falta uma determinação analoga.

Na est. 51, 8, o commentario conserva o ponto final das duas primeiras edições. Todavia o contexto mostra que deve estar ali uma interrogação (64). Lê-se, com effeito, na edição *princeps:*

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo (65) iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, & neste Rey
Não vsou ella tanto desta ley.

Manifestamente nos dois ultimos versos o Poeta pergunta: E não se verificou isto em D. Duarte por uma forma tão clara? Não foi este reinado uma prova evidente do que acabo de dizer?

O ponto final em "ley" attribuiria a Camões o contrario do que elle pretende dizer; far-lhe-ia affirmar que a fortuna não foi muito adversa a D. Duarte.

Na est. 57, 7, parece-me aceitavel a emenda "ouvidos", já proposta por mais de um editor do poema. Na 1.ª ed. lê-se, é verdade:

Codro nem Curcio, ouuido por espanto,
Nem os Decios leais fizerão tanto.

Não ha, porém, motivo para não applicar a Codro o que se diz de Cúrcio (66). O commentario limita-se a reproduzir o texto primitivo, sem qualquer observação.

A proposito de IV, 54, escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, c. V: "Logo no 1.º v. da est. 54 se encontra uma inexactidão que a *Chronica de D.*

(64) E' uma das poucas correcções aceitaveis da ed. dos *piscos*.

(65) No *Instituto* de 1907 (cf. *Fontes dos Lusiadas*, p. 150-151) pareceu-me aceitavel a correcção "fado", apresentada por Gomes de Amorim. A leitura de F. de Moraes fez-me mudar de opinião e por isso escrevi no *Instituto* de 1911 (*Fontes*, p. 531): "Para a interpretação da palavra *tempo* em IV, 51, 2, contribuem estas passagens do *Palmeirim:* "Alli repousou muitos dias,... porque o tempo e a fortuna lhe deu algum repouso... Esta he a mayor vergonha e maa ventura que o tempo nos podia dar."

Segundo o seu costume, o commentario dá como não escriptas estas palavras e continua a attribuir-me a opinião que expressamente abandonei, como se vê pelo que fica transcripto e pelo que accrescentei em nota.

(66) No *Orlando Furioso*, XLIII, 1744, leu Camões:

Quei Decii, e quel nel Roman foro absorto,
Quel *si lodato Codro* da gli Argivi,
Non con più altrui profitto e più suo onore
A morte si donâr del tuo signore.

Affonso V mostra se deve attribuir, não a Camões, mas a quem pretendeu melhorar o poema.

Diz-se naquelle verso que D. Affonso V era

..... do Reino unico herdeiro.

Ora na *Chronica* leu o Poeta não só que D. Duarte deixara, legitimos, dois filhos e quatro filhas, mas tambem que o filho segundo, D. Fernando, foi jurado por herdeiro, se D. Affonso não tivesse filho legitimo. "E por fallecimento (de D. Duarte) ficaram legytimos dous Fylhos e quatro Fylhas: I. o Pryncepe Dom Affonso Fylho seu mayor, prymogenito Erdeiro, que logo foi allevantado por Rey,... e ho Yfante Dom Fernando, Padre d'ElRey Dom Manuel nosso Senhor; e a Yfante Dona Fellipa... e a Yfante Dona Lejanor... e a Yfante Dona Catherina... e a Yfante Dona Joana" (67). Não podia, portanto, Camões chamar a D. Affonso V "do Reino unico herdeiro".

Mas que teria elle escripto? ... Creio que, aproveitando o primeiro elemento da palavra *primogenito* (68), redigiu assim o verso:

Mas Affonso do Reino primo herdeiro (69).

Posteriormente, supponho eu, o *corrector*, que não tinha presente a narrativa que serviu de fonte ao Poeta, não compreendeu a significação especial do epitheto *primo* e fez a descabida substituição, que envolve um erro de historia".

E no *Palmeirim* já Camões encontrou reunidas as duas palavras, no mesmo sentido em que elle as emprega: "Senhora, aquelles tres cavalleiros estranhos... determinarã nam casar se nã com damas, que, enfas-

---

(67) *Chronica do senhor Rey D. Affonso V. Escripta por Ruy de Pina.* Nos *Ineditos de historia portugueza* da Academia das Sciencias, t. I, p. 204. Na *Chronica de D. Duarte*, do mesmo autor, leu tambem o Poeta: "Per fallecimento d'ElRey ficárom legitimos dous filhos e quatro filhas, a saber, o Principe Dom Affonso, primogenito herdeyro, que logo foy por Rei alevantado e obedecido em hidade de seis annos, e hia para sete; e o Ifante Dom Fernando, que logo foy jurado por Principe herdeiro, quando d'ElRey seu Irmaaom ao tempo de seu fallecimento nom ficasse filho legitimo socessor" (*Ibid.*, p. 189). E nesta mesma *Chronica*, p. 204: "O Ifante Dom Affonso filho primogenito, legitimo herdeiro d'ElRey... foy ho primeiro ...que se chamou Principe, porque atee elle todoloos outros se chamaram Ifantes primogenitos herdeiros" (c. 5).

(68) Como se vê pelos passos que ficam citados, "primogenito herdeiro" pertencia, no tempo de D. Duarte e de D. Affonso V, á linguagem que hoje chamariamos official. E' de presumir, por isso, que o Poeta a empregasse, ao referir-se ao segundo destes monarcas, fazendo apenas na primeira palavra uma modificação que lhe não altera a essencia.

(69) O adjectivo reapparece algumas estancias depois, em IV, 69:

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocaua aa *prima* Esphera.

E' bem conhecida e de facil explicação a tendencia para repetir, pouco depois, uma palavra rara que se empregou a falar ou a escrever.

tiadas de seus seruidores, se queiram contentar delles... Todos tres sam *primos erdeiros* de estados nobres", etc. (II, p. 524-525).

Commentario: unico] i. é, que tem a primazia (como filho primogenito; D. Duarte deixou, legitimos, dois filhos e duas filhas); cf. "unico herdeiro" (IV, 2, 7), applicado a D. João I, e com. a V, 55, 4".

Mas *unico* não é o que tem a primazia; é o que é só. A primazia suppõe a pluralidade; a unidade exclue-a.

Em IV, 2, 7, o Poeta não chama ao Mestre de Aviz "unico herdeiro", o que não seria exacto, mas "unico herdeiro verdadeiro", que é cousa muito diversa.

Em V, 55, 4, o gigante Adamastor diz a V. da Gama que uma noite lhe appareceu de longe o gesto lindo

Da branca Thetis, unica, despida.

O commentario é de opinião que "unica" quer dizer "sem par". Aceitando que assim seja (70), esta significação não se poderia applicar a IV, 54, 1. Camões não tinha motivo nenhum para chamar a D. Affonso V um "herdeiro unico", "um herdeiro sem par", um herdeiro como não havia outro.

Concluindo: só seria admissivel o qualificativo "unico", se D. Duarte não tivesse deixado mais herdeiro nenhum, além do que lhe succedeu no throno.

Est. 62. Na 1.ª ed. o 4.º v. desta est. diz:

Que com morte de Magno sam famosas.

O commentario lê "co a morte" e observa que "a correcção é já antiga". E a mesma emenda e advertencia faz em V, 2, 3:

E o mundo que com tempo se consume,

substituindo "com tempo" por "co tempo".

Mas era corrente a omissão do artigo depois de "com" (71). Alguns exemplos. "(O caualleiro do Saluage) tinha por condição, se compria cõ desejo, desejar logo outra" (*Palmeirim*, II, p. 269). "Deviamos de satisfazermos cõ passado" (*Ibid.*, p. 494). "O amor e afeição cõ que as olhaua, misturado cõ pouco que lhe parecia que era olhado por ellas, o trazia desesperado" (*Ibid.*, III, p. 122). "Leixemos essas merencorias pera os africanos; andemos *com* tempo (72) agora que nos cumpre, ca

(70) Melhor se harmoniza com o contexto o sentido de: "só, desacompanhada". Estaria aqui a palavra nesta accepção, por causa da scena que se segue.

(71) Esta omissão explica-se, a meu ver, pela sua facil absorpção na vogal nasal precedente. Cf. a nota a VII, 50, 1.

(72) Como o contexto mostra, "com tempo" corresponde a "com o tempo".

por isso dizem:... querer ser bom antre os roins, he trabalho vão, e os homens podem reprender o mundo, mas emendalo soo Deos he poderoso" (*Eufrosina*, p. 29). Dois passos do *Cancioneiro geral:*

Dos que am mundano bẽ
poucos a deos aguardecem,
nem conhecem
donde nem como lhe vem.
Nem que o ham de leyxar
que (73) seja seu patrimonio,
com demonio
que nam cessa de tentar (I, 275).

Se *com* morte soes seruida,
meus males aueram fym
& fym de tam triste vyda
sera grorea pera mym (III, 88).

No *Palmeirim* occorre varias vezes esta construcção com a palavra *morte*. "Franqueou a ponte com morte dos guardadores della" (I, p. 500). "Os desbaratou com morte de seus imigos" (II, 166). "Depois sayrã a mi dez, a que tambẽ venci e desbaratey cõ morte de muitos dellos" (*Ibid.*, p. 173) (74).

A absorpção do artigo *o*, só ou junto á preposição *a*, dá-se tambem, como é de suppor, com outras vogaes nasaes. Assim, no *Canc. geral*, I, p. 164, o coudel mór, informando um amigo do que se passava nas côrtes de Montemór-o-Novo, diz-lhe que

Tam bem tauerneyro
daa quatro (75) vynagre.

Isto é: Tambem o taverneiro.

"(Amor) dali ficou tam encarniçado que os altos e generosos spritos afronta muito mais, como fez ao forçoso Sansam, divino musico David, ao sabedor Salamão" (*Eufrosina*, p. 127). "Sansam", em vez de: "Sansam, o (= ao)".

Na est. 63 diz o Poeta que os mensageiros de D. João II

As costas odoriferas Sabeas
.....
Cercam, com toda a Arabia descuberta (76)
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

---

(73) I. é: ainda que.

(74) Cumpre advertir que "vida" e "morte" apparecam sem artigo mesmo em outros casos. Cf. a nota a I, 105, 6.

(75) Está "quatro" por "quatro o". Cf. a nota a I, 84, 3.

(76) O *a* desta palavra serve tambem de artigo antes de "Feliz", continuado de "Arabia descuberta" e em parallelo com "a Petrea e a Deserta".

Commentario: A Geographia antiga dividia a Arabia em: A. Petrêa, Deserta e Feliz. "Petrea" *(Petraea)* "é adjectivo derivado de *Petra*, nome da capital dos nabateus. Só tarde foi que se confundiu *Petraeus* com *petreus*. Nesta confusão associa-se a forma "Pétrea".

Não ha motivo nenhum que nos obrigue a suppor que o Poeta confundiu as duas palavras, pois podemos e devemos ler "Petrêa" (77), ficando o verso com accentos na 2.ª, 4.ª, 7.ª e 10.ª, como em VIII, 73, 5:

Rompendo a força do liquido estanho

E em IX, 46, 1:

O louvor grande, o rumor excellente.

E em IV, 59, 7, com um nome proprio muito conhecido e cuja accentuação não deve, por isso, alterar-se (78):

Quando daquelles que Cesar mataram (79).

Outras especialidades metricas deixou ainda o Poeta archivadas nos *Lusiadas*. Taes são os versos com accento na 3.ª, 8.ª e 10.ª:

Sacras aras, & sacerdote sancto (II, 15).

Cum saber so dexperiencias feito (IV, 94).

Que corrompe este encantador, & illude (VIII, 99).

Se serue inda dos animosos braços (X, 31) (80).

E na 5.ª, 8.ª e 10.ª (V, 77):

Das tres Arabias uma está aberta ao commercio, é conhecida; das outras, uma está por explorar, a outra é um deserto. Cf. a nota a IV, 29, 7-8.

(77) Emquanto á graphia, cf., por ex., em III, 32, 3, "fea", a rimar com "Medea" e "alheia", e "feo" em IV, 32, 2.

(78) Com nomes proprios ou communs, menos usados, é frequente a deslocação do accento, de harmonia com as necessidades da metrica. Cf. por ex., Glafira (V, 95, 3), Semèle (VII, 52, 7); Leucothóe (III, 1, 7); Taprobána (I, 1, 4); Cappadóces (III, 72, 3); Eólo (II, 105, 3; etc.); Archetipo (X, 79, 2); epithéto (X, 124, 7); etc. Anibál (VII, 71, 3; X, 153, 2) tinha entrado, por assim dizer, na linguagem poetica. Petrarca (canção 7ª e *Trionfo della castità*), *Canc. geral* (III, 106, 273), Sá de Miranda (*Carta* a J. R. de Sá), etc. accentuam assim a palavra.

(79) Cf. este verso de arte maior (*Canc. geral*, III, p. 4):

Nunca poderam liuralo da morte.

(80) Cf. este verso de D. Juan Manuel (cit. por M. y Pelayo, *J. Boscan*, p. 198):

A gran daño se vos podrie tornar.

Dizem que por naos, que em grãdeza igoalão (81).

Voltando á est. 63, não deve esquecer-se que no latim o adjectivo correspondente a *petra* é tambem *petraeus*, do grego *petraios*. O *Petreus* derivado de *Petrus* e *petra* encontra-se apenas neste passo de Santo Agostinho, citado pelos diccionarios: "Aspera via mortis, spinis plena, sed stae spinae, Petra et Petro transeunte, pedibus petreis tritae sunt" (82).

Na est. 66, 1, o commentario prefere a forma "Parece" da 2.ª ed. ao "Paresce" da 1.ª Não ha, porém, motivo para a substituição, pois no plano do Poeta entrava o emprego da palavra escripta das duas maneiras: a primitiva, ainda em uso no seu tempo, e a que depois prevaleceu (cf., por ex., III, 141, 3; IV, 29, 5).

No *Memorial* é ainda muito usado nos verbos o *sc*, correspondente ás mesmas letras dos chamados verbos incoativos do latim: "parescer" (p. 240) (83); "agradescer" (p. 27); "merescer" (p. 29); etc.

Pelo mesmo motivo não devia o commentario emendar o "esclarescido" de IV, 79, 3.

Diz-se no *Registo philologico* (p. 339) que "a graphia — sc — (v. g. cresco) não representa a pronuncia real". Mas ainda que assim seja, o Poeta não quis tomar como norma a orthographia sonica, com exclusão da etymologica; quis, pelo contrario, deixar representadas as differentes maneiras por que a mesma palavra era escripta no seu tempo. E' o que mostram innumeros factos, revelados pelo texto da edição *princeps*.

Nas est. 67-75 refere o Poeta o sonho de D. Manuel. E para indicar a occasião em que elle se realizou, começa a dizer na est. 67:

..... No tempo que a luz clara
Foge e as estrellas nitidas que saem
A repouso convidão, quando caem...

Suppõe-se geralmente que nestes versos está indicada a parte da noite em que D. Manuel teve o sonho. Mas qual foi ella, nesta hypothese? Foi quando "a luz foje" e "as estrellas saem", ou quando estas "caem" e "convidam a repouso"? Foi á noite ou da parte da manhã?

Eis o que sobre o assumpto diz o commentario: "E' este um dos passos sobre que tem havido mais discussões. Parece-me, porém, absolutamente fora de duvida que, dizendo "as estrellas nitidas que saem, | A repouso

(81) E' um verso de arte maior, formado por dois de cinco syllabas, como este (*Cas. geral*, III, p. 10):

No decymo mes aa fim ja propinquo.

(82) Allusão, como se vê ao conhecido texto evangelico *Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.*

(83) Löfstedt (*Kom. z. Peregr. Aetheriae*, p. 58) cita um texto em que se encontra o *parescere*, postulado pelo francês *paraître* e pelo nosso *parecer* e *parecer: tamdiu ibi decoquantur, ut putriant et iam non paruscant.*

convidão quando caem", o Poeta quer designar a segunda parte da noite. Com effeito Camões estava-se lembrando de: *jam nox umida caelo praecipitat suadentque cadentia sidera somnos* (Verg. *En.*, II, 8-9). Demais nas crenças dos antigos os sonhos verdadeiros são os que veem passada já a meia noite... A esta idéa, pois, tem de accommodar-se a explicação do passo.

Verdade é que as palavras "no tempo que a luz clara foge" parecem indicar o começo da noite; mas, responde o commentario: "O verbo "fugir" pode tomar-se na qualidade de verbo de estado, equivalendo, por assim dizer, a "estar desterrado"... Assim "no tempo que (= em que) a luz foge" designa de modo geral a noite; depois "as estrellas a repouso convidão quando caem" individúa de que parte da noite se pretende falar".

E para fugir á difficuldade de as duas clausulas não indicarem a mesma parte da noite, como o pede a sua coordenação, o commentario prosegue: "Mas sendo a intenção do Poeta confirmar que a idéa dos descobrimentos não largava D. Manoel um só momento, mencionar a noite em geral não é encarecer muito. Parece-me portanto quasi certo que em "a luz" ha erro typographico de "a" em vez de "aa" ou "á", ... como pensou Franco Barreto. Nesta hypothese "o tempo que á luz clara foge" é a noite que se vae retirando deante do alvorecer da manhã, que lhe vae cedendo o logar".

Em resumo: segundo o commentario, Camões em IV, 67, 6-8, diz qual a parte da noite em que D. Manuel teve o sonho e essa parte foi a que precede immediatamente o romper da manhã.

Emquanto ás "estrellas nitidas que saem" e que parecem significar o anoitecer, o commentario explica assim o texto: "[que saem] = que vão desapparecendo da vista".

Quaesquer que sejam as difficuldades que offereça a interpretação das palavras de IV, 67, 6-8, o que o contexto mostra claramente é que ellas significam, não uma parte da noite, mas a noite em geral: é que ellas são uma perifrase equivalente a: de noite.

Leia-se, com effeito, a est. seguinte:

> Estando ja deitado no aureo leito,
> Onde imaginações mais certas sam,
> Revolvendo contino no conceito
> De seu officio e sangue a obrigação,
> Os olhos lhe occupou o sonno acceito,
> Sem lhe desoccupar o coração,
> Porque tanto que lasso se adormece,
> Morfeo em varias formas lhe apparece.

E' claro que o "já" do primeiro verso se não concilia nem com o anoitecer ("a luz foge" e "as estrellas saem"), nem com as proximidades do alvorecer ("á luz foge", "as estrellas caem"). O Poeta não diria: ao anoitecer, estando *já* no leito, nem tampouco: perto da manhã, estando *já* no leito. O que devia dizer e diz, é: de noite, estando *já* no leito, etc.

A que horas se deitou o rei? Que tempo esteve cogitando nas graves obrigações do seu cargo? A que horas adormeceu? Tudo isto fica no vago. Apenas se sabe que, tanto que adormeceu, começou a sonhar, e que, ao findar o sonho, veio a manhã.

Teve D. Manuel só o sonho que ao Poeta convinha especificar, ou teve ainda outros, visto que Morfeu se lhe mostrou "em varias formas"? E se teve só aquelle, que tempo durou? (84) O que apenas se averigua é que o sonho de que o Poeta nos dá noticia, acabou ao findar a segunda parte da noite.

E para disto ficarmos scientes, não precisamos de recorrer á est. 67; di-lo expressamente o Poeta em 75, 5-8:

> Estendeo nisto Febo o claro manto
> Pelo escuro Hemisperio somnolento:
> Veio a menham no ceo pintando as cores
> De pudibunda rosa e roxas flores.

Mas voltemos á perifrase da est. 67. A noite é aqui indicada por uma caracteristica negativa — a ausencia da luz solar ("no tempo que a luz clara foge", i. é, anda fugida, está occulta), e por outra positiva — o brilho e movimento visivel das estrellas, que "saem" (85), i. é, sobem para o meridiano, e "caem", i. é, descem para o occaso, convidando então ao somno.

(84) E' preciso não esquecer o seguinte principio, estabelecido e demonstrado por Fraccaroli, na sua obra *L'irrazionale nella letteratura*, p. 66: "Il tempo e lo spazio in arte non hanno la stessa estensione che in natura, e neppure hanno una misura costante, ma invece di dar legge al proprio contenuto, la ricevono da esso, e si addatano alle sue esigenze."

E a demonstração começa por estas palavras: "Dante percorre a piedi il diametro terrestre in due soli giorni, dei quali il primo lo impiega a discendere. — non direttamente per il raggio, ma per una linea a forma di spirale fino al centro della terra, — e l'altro a risalire, e poniamo sia pure per la più corta, cioè diritto per il raggio, dal centro all' emisfero australe. Uno spazio enorme è percorso dunque in uno tempo brevissimo, e la prima parte di esso, tanto più lunga, e comprese le soste, in un tempo di poco maggiore della seconda. Eppure nè Dante credette dover giustificarsi di ciò, nè ad alcuno, che sia sano di mente, può venir in capo di fargliene carico."

(85) E' precisamente a significação contraria á de "desapparecer da vista", que lhe dá o commentario. E' o "salire" italiano deste passo de Petrarca (soneto XC):

La bella donna che cotanto amavi,
Subitamente s'è da noi partita,
E, per quel ch'io ne speri, al ciel salita.

E destes do *Orlando Furioso*:

Si ad alto il Negromante batte l'ale,
Ch'a tanta altezza a pena aquila sale.
(II, 49, 7-8.)

E quando si voltò per lui ferire,
Da sè lontano il vide al ciel salire.
(II, 52, 7-8.)

Cf. a nota seguinte. O nosso Vieira disse tambem: "Não hei de prégar hoje ao povo:... mais alto hão de sair as minhas palavras" (*Sermões*, I, 8, ed. de 1854).

E trata-se, é claro, das mesmas estrellas, que á noite surgem no oriente e de manhã se escondem no occaso, brilhando durante todo o decurso da noite (86). Este indica-o Camões dizendo: no tempo em que as estrellas nitidas, que na *primeira* parte da noite, saem, depois a repouso convidam, quando caem.

Ha estrellas que vão saindo e caindo a todas as horas da noite; mas aqui tomam-se em consideração só as que executam os dois movimentos emquanto dura a noite, só as que primeiro saem e depois caem neste espaço de tempo.

É como, com o cair das estrellas que nasceram no começo da noite, coincide, segundo a reminiscencia classica (*suadent cadentia signa somnos*) a hora mais propicia para o somno, o Poeta substitue um conceito pelo outro, e em vez de dizer: caem, convidando ao repouso, dá a primazia á frase subordinada: convidam ao repouso, quando caem. Ha exemplos desta troca desde os poemas homericos (87).

Concluindo: os dois ultimos versos da est. 67 devem ser considerados no seu conjunto, sem dar preponderancia nem ao "saem", nem ao "caem". O primeiro, só por si, far-nos-ia collocar o sonho antes da meia noite; o segundo mudá-lo-ia para a ante-manhã. Ambos elles teem apenas por fim indicar a noite na sua totalidade: no tempo que as estrellas, tornadas brilhantes pela escuridão, gastam em subir para o meridiano e descer para o poente, isto é: de noite.

Na est. 70 diz o Poeta, particularizando o sonho de D. Manuel:

> Aves agrestes, feras e alimarias
> Pello monte selvatico habitavão;
> Mil arvores silvestres e ervas varias
> O passo e o trato aas gentes atalhavão.

Commentario ao 1.º verso: "e alimarias]=e outras alimarias; cf. *Eratostheni et quibusdam Graecis* (Ces. *B. G.* VI, 24)".

Creio que se trata de um caso do *e* transposto, semelhante ao de Σ, 60, 4, e a este do *Livro de Marco Paulo* (l. I, c. 67): "Som *e* em outra parte daquella terra muytos outros monjes", etc.

Teriamos assim em IV, 70, 1, um chiasma, correspondendo *agrestes* a *feras* e *aves* a *alimarias*, e desempenhando a copulativa a mesma funcção que exerce o *atque* neste passo de Horacio: *auus pater atque meus* (*Sat.*, I, 6, 131).

E' frequente no latim da decadencia o *et* transposto, de que se podem

---

(86) Cf. Dante, *Inferno*, VII, 98-99:

> Gia ogni stella cade, que saliva
> Quando mi mosse etc.

(87) Acêrca de algumas construcções que nestes se encontram, observa Fraccaroli (obr. cit., p. 177): "Ciò che nella logica nostra è accessorio, in quella d'Omero è principale: ciò che nella prospettiva nostra starebbe nel fondo del quadro, nell'arte d'Omero s'avanza sul primo piano."

ver numerosos exemplos em Löfstedt (obr. cit., p. 313-315).

Transcreverei apenas um, para confrontar com o passo do *Livro de Marco Paulo: "Similiter fit oratio, dicitur et tertius psalmus a quocumque clerico, fit et tertio oratio"*, etc. Cf. a nota a X, 60, 4.

Considerando-se "feras" o qualificativo de "alimarias", observa-se o rythmo da construcção e exprime-se um pensamento mais em harmonia com o contexto, pois não veem aqui a proposito os animaes mansos ou ineffensivos.

Na est. 71, descrevendo o Ganges e o Indo, na figura de homens que tinham tomado, diz o Poeta que

> Das pontas dos cabellos lhe saião
> Gotas que o corpo todo vão banhando.

O commentario lê "caião", em vez de "saião" e nota que "a correcção, nem por todos aceita, é já antiga".

O contexto mostra que se deve manter o verbo primitivo. As gotas não "caião" directamente no chão; "saião" dos cabellos e escorriam pelo corpo abaixo.

Relativamente ao ultimo verso desta oitava:

> A barba hirsuta, intonsa, mas comprida,

nenhuma observação faz o commentario, por onde se vê que considera o "mas" como adversativo. Sendo assim, o Poeta teria enunciado um pensamento que estaria a par do conhecido disparate: era noite, mas chovia.

Como resolver a difficuldade? Em primeiro logar, o "mas" aqui não é conjunção; é o adverbio comparativo (= *mais*). Ambas as palavras teem, como se sabe, a mesma origem etymologica — o adverbio *magis* —, e "mas" como adverbio o encontrou o Poeta varias vezes. "Nam falemos *mas* nessas pequices" (*Eufrosina*, p. 149). "Pessoa de *mas* credito na corte do que de gigante se esperava" (*Palmeirim*, I, p. 364).

Em segundo logar, "mas" (="mais") está aqui usado no sentido absoluto (= muito). A significação comparativa (por ex., "mais que o usual") foi-se attenuando a ponto de por vezes se perder (88).

No c. VII, e. 68, por ex., o catual pede a Monçaide lhe dê "informaçam muy larga" a respeito dos portugueses, pois nisso fazia serviço ao Çamorim; ao que

> Monçaide torna: Posto que eu quisesse
> Dizerte disto mais, nam saberia,
> Somente sei que he gente la de Hespanha,
> ....

(88) No latim encontra-se o *magis* a cada passo sem o segundo termo de comparação, preparando-se assim a transição para o emprego absoluto da palavra.

O *não sei "mais" do que o pouco que vou dizer-te* transforma-se em: *dizer-te disto "mais" não saberia; apenas sei*, etc. E pouco depois o mesmo informador accrescenta (est. 72):

> ..... he gente verdadeira
> A quem mais falsidade enoja e offende.

"Mais" do que qualquer outra cousa; mas a falta do segundo termo faz com que ao adverbio comparativo se dê a significação de "muito", tomando-o no sentido absoluto (89). E no soneto *Não passes caminhante* diz Camões que o jesuita D. Gonçalo da Silveira, martyrizado em Africa,

> .....derramar seu sangue não duvida
> Por seguir a bandeira esclarecida
> De um capitão de Christo, que mais ama.

"Que mais ama do que outro qualquer", e dahi: "que mais ama"=que muito ama. Cf. *Palmeirim*, II, p. 346: "Rogote que, se aqui está certa minha fim, que cõ aquella fe e amor, que me sempre serviste, sirvas minha senhora e della esperes o galardam que te eu nam posso dar, de que levo *mais* pena; que vontade tam leal", etc.

Acontece aqui com o "mais" o mesmo que se dá por vezes com o "tanto" e "tão", em que desapparece igualmente a idéa de correlação. Cf. IV, 50:

> Não consentio a morte tantos (90) annos
> Que de Heroe tão ditoso se lograsse
> Portugal, mas os coros .....

---

(89) Cf. ainda nos *Lusiadas*, VI, 24:

> E o Deos que foy num tempo corpo humano
> .....
> Inda vinha chorando o feio engano,
> Que Circes tinha usado coa formosa
> Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
> Que a mais obriga amor mal empregado.

Aqui, o segundo termo de comparação: "a mais" sc. *do que o que vinha fazendo*, está mais attenuado do que, por ex., em II, 5:

> Comprirá sem receio seu mandado,
> Que a mais por tal senhor está obrigado.

Em IV, 78, 2:

> E com rogo e palavras amorosas
> Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,

dá-se a contaminação de dois conceitos: *Que é o mando que a mais obriga* e: *Que é um mando que a muito obriga*.

(90) Para correlativo seria necessario subentender, por ex.: *como seria para desejar*. Em III, 22:

> Esta, o velho que os filhos proprios come
> .....
> Veo a fazer no mundo tanta parte,

"Todos juntamente vinhã cantando a tres vozes cos elmos tirados hũ vilancete *tã* entoado e d'hũa soada muy galante e bem composta. Como Floramam do seu natural fosse musico", etc. *Palmeirim*. II, p. 281.

Est. 74. Apresentando-se a si e ao Indo a D. Manuel, diz o Ganges:

> Eu sou o illustre Ganges, que na terra
> Celeste tenho o berço verdadeiro;
> Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
> Que vês, seu nascimento tem primeiro.

O commentario lê no v. 3: "Indo, Rei que" e explica: "Cam. chama "Rei" ao Indo, por ser o rio da India de mais longo curso, assim como Vergilio disse: *fluviorum rex Eridanus* (*Georg*. I, 482), por ser o Pó o maior rio da Italia. Alguns consideram "Rei" vocativo".

E o contexto mostra que são estes que teem razão. O "Rei" da est. 74, 3, é o mesmo de 73, 2.

O Poeta quis dar ao Ganges o papel preponderante na sua narrativa:

> Este que era o mais grave na pessoa,
> Destarte pera o Rey de longe brada.

E depois apresenta-se a si proprio, dizendo:

> Eu sou o illustre Ganges, que na terra
> Celeste tenho o berço verdadeiro.

Não era portanto natural que este rio indicasse o Indo com a denominação de *Rei*, que a si mesmo se não dera, embora se considerasse superior a elle, pelo menos emquanto á origem.

O *Rei* é D. Manuel, é aquelle que os dois vinham avisar de que era tempo que delles mandasse receber tributos grandes (est. 73, 7-8).

Grammaticalmente, a interjeição *ó* pode estar encorporada no *o* de "Indo" (cf. I, 84, 3; IV, 28, 5; V, 87, 7; VIII, 3, 5; IX, 74, 3) ou ter sido omittida, como em V, 86, 1; e VIII, 74, 1.

Cumpre ainda advertir que o curso do Indo não é mais longo do que o do Ganges e que não subsiste, portanto, o motivo allegado pelo commentario para aquelle receber o titulo de "Rei". Segundo o *Annuaire* do *Bureau des Longitudes* de 1919, o curso do Ganges é de 3.000 kilometros e o do Indo de 2.900 (p. 369).

---

torna-se menos estranho o emprego de "tanta", porque é facil de supprir, por ex.: *como se sabe*.

Cf. no *Palmeirim*: "A rainha estava cõ seus netos *tam* contente e sofrega, *que* nam queria que outrem os lograsse senã ella. E o Saluage e sua molher com seu filho Selviã *tã* alegres de o ver *tam* gentil homem e fora do seu trajo como cousa nã esperada. Palmeirim" etc. (I, p. 321)

Est. 75. Conforme o seu costume, Camões, a par da forma popular e corrente "Manoel" (IV, 66, 2 e 5, VIII, 57, 4), usa tambem de outra que mais se aproxima da origem etymologica (91): Emanuel" (IV, 75, 3; 83, 1).

Diz o commentario ao primeiro destes passos: "Emanuel] representa o latim *Emmanuel*". Mas, como se sabe, esta palavra não é latina, é hebraica, e portanto *barbara*, segundo a terminologia technica, e como tal vem mencionada na *Formenlehre der lateinischen Sprache* de Neue-Wagner, I, § 132 (ed. de 1901).

Emquanto á graphia, o poeta leu "Emanuel", por ex., em Gil Vicente (I, p. 352, ed. de 1852) e no titulo e texto da respectiva *Chronica* de Damião de Goes, e sabia que era assim que escreviam a palavra eruditos famosos como Erasmo (92) e Clenardo (93), para não falar nos latinistas nacionaes, como Diogo de Teive (94), Damião de Goes (95), André de Resende, ás vezes (96), etc.

A divergencia na escripta, diga-se de passagem, provém de que a palavra no texto hebraico primitivo, anterior á pontuação dos massoretas, tem só um *m*, que no texto pontuado recebeu o signal da duplicação (um ponto no meio da letra). Se, para a pronuncia, um *m* só é de menos, dois são de mais (97). E daqui as hesitações e as discordancias, que se notam até nas legendas das moedas do Rei Venturoso.

Em IV, 31, 1, usa o Poeta da forma *agardecer*:

Com mercês sumptuosas me agardece,

O commentario emenda para "agradecer" e affirma que "agardecer" representa certamente a pronuncia do compositor (98).

---

(91) E' typica a variedade dos nomes dados ao fundador do mahometismo: Mafoma (II, 108, 4), Mahoma (VII, 17, 7), Mafamede (III, 113, 4) e Maphamede (VIII, 19, 4), Mahamede (I, 19, 4).

(92) *Opera omnia*, ed. de 1705, t. VI, p. 10; VII, p. 7; VIII, p. 2; Nos dois primeiros passos dá o celebre humanista o etymo da palavra: "Emanuel Hebraeis sonat *nobiscum Deus*. No t. VIII encontra-se uma epistola ao nosso D. João III: "Serenissimo Lusitaniae Regi... Emanuelis filio."

(93) *Epistolae*, l. I, p. 31. *Hanoviae*, 1606.

(94) *Opuscula aliquot*, *Salmanticae*, 1558, a fl. 102 da *Tragoedia quae inscribitur Joannes*.

(95) *Fides, religio, moresque Aethiopum. Lovanii*, 1540; *Hispania*, *ibid.*, 1541. *Legatio... Presbyteri Joannis ad Emanuelem Lusitaniae Regem*, 1532.

(96) Por exemplo, no *Genethliacon Principis Lusitani. Bononiae*, 1553. Outras vezes escreve *Emmanuel*. Vejam-se os titulos de algumas obras no *Lucius Andreas Resendius Lusitanus* da sra. d. C. Michaëlis (*Archivo Historico Português*, vol. III) e as notas do grande investigador que foi Braamcamp Freire ás *Noticias da vida de André de Resende*, de Leitão Ferreira, no *Archivo* cit. vol. VII-VIII.

(97) Não se pronuncia *Emmanuel*, mas comprimem-se os labios ao proferrir o *m*.

(98) V. a mesma graphia em IV, 31, 1; V, 99, 1; VI, 93, 3; X, 22, 4, a par de "agradecer" em I, 34, 2; II, 5, 2; etc. Cf. J. Cornu, *Port. Gram.* § 149.

As formas "agardecer" e até "aguardecer", hoje exclusivamente populares, encontram-se nas melhores obras literarias dos seculos XV e XVI. "Ella lhe agardeceo sua vontade" (*Palmeirim*, I, p. 219). "Açacadão agardeceo ao Governador" (Castanheda, VIII, p. 451).

Dos que am mundano bẽ
poucos a deos aguardecem,
nem conhecem
donde nem como lhe vem.
Canc. geral, I, 275 (99).

Na est. 98 o velho do Rastello diz que o peccado de Adão não só fez desterrar do paraiso a descendencia deste, mas ainda a privou do estado de innocencia, da idade de ouro:

Da quieta e da simpres innocencia,
Idade douro, tanto te privou,
Que na de ferro e darmas te deitou.

No penultimo verso o commentario faz sua a correcção "Da idade", que julga "absolutamente certa", embora nem todos a aceitem, e attribue a omissão do "Da" ao estar este monosyllabo no principio do verso anterior.

A meu ver, temos aqui um caso semelhante aos de III, 10, 2-3; 69, 2-3; IV, 29, 7-8; 63, 7-8; isto é, o *a* de "innocencia" lê-se tambem antes de "Idade", que, com o seu complemento, é um continuado do conceito expresso nos dois versos antecedentes.

José Maria Rodrigues.

(99) Cf. outro passo em nota a IV, 62.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

V

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO V

E. 2, v. 3. Emquanto á substituição, que o commentario faz, de "com tempo" (1.ª ed.) por "co tempo":

E o mundo que com tempo se consume,

veja-se a nota a IV, 62, 4.

Na est. 4, V. da Gama, contando ao rei de Melinde o começo da sua viagem, diz que deixaram á esquerda a Mauritania, a terra que outrora foi de Anteu, e accrescenta

..... que na dereita
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Commentario: "Cam. tinha na mente o descobrimento da América meridional; mas já antes da expedição de Vasco da Gama tinha sido descoberto o continente da America septemtrional."

V. da Gama partiu de Lisboa em 1497 e o continente da America septemtrional só no anno seguinte é que foi descoberto pelos irmãos Cabotos, que, diga-se de passagem, levavam em sua companhia o açoriano João Fernandes Lavrador (1).

(1) João Caboto veio buscá-lo a Lisboa, para lhe servir de guia, na viagem que elle suppunha o havia de levar á costa oriental da Asia, isto é, ás ilhas de Cipango e ao Catáio, e dahi á India, a ansiada meta das viagens para o sul da Africa e na direcção do que ia ser o Novo Mundo. Com o mesmo intuito já Pedro de Barcellos e o referido João Fernandes tinham andado tres annos, desde o principio de 1492 até 1495, á procura da passagem de noroeste. Na mesma direcção e com o mesmo fim partiram depois os mallogrados Corte-Reaes. E' commovente a leitura dos nomes portugueses que figuram nas primitivas cartas

V. da Gama não tem a certeza se para oeste, para a direita, haverá terra firme ou apenas ilhas. E' o Poeta a escrever um pouco *post eventum*, pois quando Colombo voltou da segunda viagem, em junho de 1496, o continente americano não ficava ainda descoberto. O famoso navegador genovês não tinha visto senão ilhas, que suppunha pertencerem á costa oriental da Asia. Foi só na terceira viagem, em 1498, quando V. da Gama já estava ha muito no Oriente, que elle chegou á costa da America meridional, perto do delta do Orenoco, sem presumir, parece, que se tratava de terra firme e muito menos de um novo mundo. E ainda na quarta e ultima viagem (1502), navegando ao longo da costa da America central, julgava ter deante de si o Catáio de Marco Paulo, a China.

V. da Gama lançar-se-ia, portanto, um pouco a adivinhar, se dissesse o que o Poeta lhe attribue.

Na est. 5 continua V. da Gama:

Passamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama (2),
Das que nós povoamos, a primeira (3),
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paſos & Cythêra.

A respeito do v. 4 escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 96: "Evidentemente este verso deixa muito a desejar quanto ao sentido, e é com razão que Faria e Sousa o inclue entre os que estão á espera de quem os explique *(Lusiadas*, etc., prologo, 9). Ora J. de Barros..., subministra-nos dados sufficientes para podermos conjecturar que elle deve ler-se:

---

da parte oriental da America do Norte, desde o sul da Groenlandia até a Terra Nova, desde o cabo *Guarda-e-passa*, de nome dantesco (o actual C. Farewel), até o cabo *Raso*, transformado agora em C. Race. Em letras bem visiveis e com uma forma bem portugueza quasi que só escapou o nome do arrojado açoriano que os Cabotos levaram comsigo. E ainda assim o nome passou do sul da Groenlandia para outra região. Cf. *Archivo dos Açores*, v. X *(Quem deu o nome ao Lavrador)* e Biggar, *The voyages of the Cabots and of the Corte-Reals to North America and Greenland* 1497-1503, na *Revue Hispanique*, v. X (1903). Este segundo trabalho é acompanhado de interessantissimas cartas geographicas. V. tambem S. E. Dawson, *North America*, I, 107, 110, 652, etc. Londres, 1897.

(2) "A qual (ilha) chamaram da Madeira por causa do grande e espesso arvoredo de que era coberta." Barros, *Dec.* I, 1, 3.

(3) A primeira ilha que os portuguezes tentaram povoar foi a de Porto Santo; não o conseguiram, porém, por causa dos coelhos. Foi por isso que a prioridade ficou pertencendo á Madeira. "E começaram esta obra da povoação no anno... de 1420." V. Barros, I, 1, 2 e 3.

Tão celebre por nome e pola fama."

Commentario: "Os dois ultimos versos da est. mostram que o sentido é, que a ilha da Madeira era, sim, já conhecida de nome em grande parte da terra ("Nome já muy celebrado e sabido per toda a Europa, e assi em muitas partes de Africa e Asia" [Barros, I, I, 3]); porém não gozava, na literatura, da celebridade que tinha, por ex., a ilha de Chypre: *nicht hoch berühmt zwar, aber weit-bekannt* (Storck). O dr. J. M. Rodrigues *(O Instituto*, 1906) imagina desapropositadamente que a redacção de Camões fôra: Tão celebre", etc.

Quando propús esta correcção, ainda não tinha apurado que o Poeta mais de uma vez liga o final de um verso com o principio do seguinte, completando-se assim um pelo outro (Cf. II, 13, 3-4; 41, 5-6; III, 10, 2-3; 69, 2-3; IV, 29, 7-8; IV, 63, 7-8; 98, 6-7). O que agora me parece certo é que o *a* de "primeira" se deve pronunciar tambem antes de "Mais" (4). Por outras palavras, o Poeta chama á Madeira: *a)* Das ilhas que nós povoamos a primeira, na ordem chronologica; *b)* Dessas mesmas ilhas, "a mais celebre por nome e pola fama" (5); *c)* a derradeira, i. é, situada nos

---

(4) Cf. *Palmeirim*, I, p. 62: "Dom Duardos se espantaua do que via, que a seu parecer *era mais* notavel cousa do mundo." Cumpre notar que "mais", se ás vezes equivale a "muito" (cf. a nota a IV, 71, 8), tambem nalguns casos, só por si, tem a força de superlativo relativo: *o mais*. Assim, no soneto *A violeta mais bello* exclama Camões:

Oh luminosa flor! Oh sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido...

E em Gil Vicente lê-se:

Y aun es de buen natio
Mas honrada del lugar.

(I, p. 13.)

He noite... ...
.....
No meio mais luminosa
Que no mundo nunca viste.

(I, p. 69.)

"Eu irei de ca mais cedo que puder." (*Eufrosina*, p. 109.)

(5) Cf., por ex., I, 99, 8, e X, 14, 8:

Quiloa, muy conhecida pola fama.
Mouros por mar, Gentios pola terra.

Emquanto á asysmetria: "nome e a fama", cf. este passo de Gil Vicente (I, p. 56, ed. de 1852):

Cuando fuere lealtad
Y la verdad
Despreciada y no valida...

E tambem os numerosos casos dos typos "o Indo Idaspe e terra ardente" (I, 55) e "eu co Macedonio e Romano" (I, 75).

confins do velho mundo, mas nem por isso inferior a quantas Venus ama, entre as do Mediterraneo.

Para se compreender a razão do que digo sob a letra *b)*, é preciso conhecer todo o passo de Barros, de que o commentario transcreve só o principio (6).

Falando da Madeira, escreve o autor das *Décadas:* "Nome já mui celebrado e sabido per toda a nossa Europa, e assi em muitas partes de Africa e Asia, por os frutos da terra, de que todas participam; e ella tão nobre, fertil e generosa em seus moradores, que tirando Inglaterra, mui antiquissima em povoação e illustre com a majestade dos seus Reis, em todo o mar Oceano Occidental a esta nossa Europa ella se pode chamar princeza de todas."

Por outros termos: A Madeira é, das nossas ilhas, a

Mais celebre por nome e pola fama.

Mas não é só o texto de Barros que justifica a emenda; é tambem, e principalmente, o absurdo que resultaria do confronto entre os conceitos expressos pelas palavras "nome" e "fama". Como se poderia dizer "mais celebre por nome que por fama", se "nome" e "fama" são synonymos? (7) Ser celebre por nome não é precisamente o mesmo que ser celebre por fama e vice-versa? Quem se atreveria, por ex., a attribuir ao Poeta este desproposito: F. é mais celebre pela riqueza do que pelos haveres? Pois o caso é identico.

Para ser possivel o confronto em V, 5, 4, era absolutamente necessario que os dois termos equivalentes fossem acompanhados de alguma restricção, v. g.: Mais celebre pelo nome *que agóra tem*, do que pela fama *que lhe viesse da antiguidade;* mas tal restricção nem está expressa, nem se infere do contexto (8).

---

(6) E faz isto para deixar a impressão de que, segundo Barros, a Madeira era conhecida só de nome.

(7) Cf. VI, 63:

A dama como ouuio que este era aquelle,
Que vinha a defender seu nome e fama...

V. tambem IX, 88, 8.

No *Palmeirim* são muito frequentes estas parelhas de synonymos: "lugar e assento" (I, 2); "prazer" e desenfadamento" (I, 2); "dor e lastima" (I, 8); "choro e tristeza" (I, 21); "temor e medo" (I, 145); "festas e alegrias" (II, 23; III, 228); etc. E com paronomásia: "força e esforço" (I, 60; 275). E nos *Lusiadas:* "festas e alegria" (I, 59; VI, 67); "manha e ardil" (I, 81); "gesto e modo" (II, 101); "reino e estado" (VI, 4); "força, esforço, animo" (VI, 60); "esforço, força, ardil e coração" (X, 20); "prazo e dia" (VI, 58); "obras e feitos" (VIII, 2); "fama e rumor" (VIII, 40); "juigo e lei" (VIII, 57) "proposito e vontade" (IX, 1); etc. Com respeito aos verbos, vid a nota a VIII, 92.

(8) Neste caso o confronto recairia, não sobre os synonymos, mas sobre a restricção. O typo corrente é este de Barros *(Dec.,* I, 3, 3): "(O rio) Zaire, mais notavel e illustre per aguas que per nome."

E' facil de ver o que se passou com o manuscripto dos *Lusiadas*. Não se lembrando ou não sabendo do processo aqui empregado por Camões, o corrector julgou haver um erro no 4.º verso, pois faltava o termo de comparação a "Maia"; e querendo fugir de uma supposta Scylla, caiu numa verdadeira Carybdis, que tanto tem dado que pensar aos interpretes do poema.

Para encarecer a importancia da Madeira, diz Camões que,

... nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe auentajão quantas Venus ama.

Commentario: "a derradeira] sc. em celebridade".

E' "a derradeira" no mesmo sentido que a palavra tem no c. VIII, est. 71:

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro (9).

E' "a derradeira", por estar nos confins occidentaes do mundo conhecido dos antigos. E'-o no mesmo sentido em que o epitheto se applica ao Abila, isto é, a Ceuta. Cf. III, 20:

Eis aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o Mar começa.

O "Mas" por que principia o 5.º verso não estabelece qualquer relação adversativa entre o que fica dito e o que vae seguir-se. Essa relação dá-se com o conceito de "derradeira", que devia ser enunciado em uma oração coordenada ás dos versos anteriores, mas passou para uma subordinada, de conformidade com o que fica dito a proposito de IV, 67, 6-8. A Madeira é a primeira das ilhas por nós povoadas; é destas a mais celebre; é do mundo a derradeira, mas nem por este facto é inferior ás do Mediterraneo, amadas por Venus.

Est. 9. Na sua derrota V. da Gama aportou á ilha de Santiago de Cabo Verde,

A aquella ilha... que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Santo que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo estrago.

---

(9) São os ultimos ecos da tradição classica, prestes a desapparecer com o descobrimento do Novo Mundo. O que o Poeta diz aqui do monte ao pé do qual está assente Ceuta leu-o, applicado a Cadis, em Silio Italico (I, 41): *"hominum finem Gades*. Cf. III, 283, em que se chama aos massilos, vindos da região onde ficava o jardim das Hespéridas, *domus ultima terrae*. Cf. Ovidio, *Metam.*, IV, 632-634. Falando de Atlas, filho de Jápeto, diz:

Commentario: "A Ilha de Santiago deveu o seu nome a ter sido descoberta no primeiro de maio, dia de Santiago, chamado "o menor"; o Santiago protector da Espanha é "o maior", cuja festa se celebra aos 25 de julho. Cam., segundo já tem sido notado, confundiu os dois santos."

Camões sabia muito bem que o nome da ilha do archipelago de Cabo Verde a que abordou Vasco da Gama recebeu o nome do Santiago menor, pois em Barros, por ex., leu elle: "Do dia que partiram da cidade de Lisboa a dezeseis dias foram ter á Ilha de Maio, á qual puzeram este nome, porque a viram em tal dia (10); e no seguinte, que era de Sant-Iago e S. Filippe (11), descubriram duas, que tem ora o nome destes Sanctos" (*Déc.*, I, 2, 1).

Como apparece então nos *Lusiadas* o outro Santiago? E' em virtude do mesmo processo psychico que levou o Poeta, sempre que se refere ao pôr do sol, na costa oriental da Africa, a dizer que este tem o seu occaso no mar. Camões sabia muito bem que assim não era; muitas vezes viu ali o sol descer para a terra e por esta ser occultado, no fim do seu curso diurno. E todavia eis o que elle nos diz ter acontecido em Moçambique, em Mombaça e em Melinde:

Nisto Febo nas agoas encerrou
Co carro de christal o claro dia.

(I, 56).

E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo.

(II, 5).

Isto disse, e nas agoas se escondia
O filho de Latona .....

(II, 89).

Baseada na realidade para o mundo occidental e sanccionada pela literatura classica, a ligação do occaso do sol com o mar era para Camões

---

..... Ultima tellus
Rege sub hoc pontus erat; qui Solis anhelis
Aequora subdit equis et fessos excipit axes.

(10) Em um documento official da chancellaria de D. Affonso V: "de Maias", o que torna para nós mais compreensivel o que diz Barros. V. Senna Barcellos, *Subsidios para a historia de Cabo Verde e Guiné*, I, p. 7. Barros attribue o descobrimento aos Nolla, genovezes que tinham vindo para Portugal; mas sobre o assumpto, v. os *Subsidios* cit. e as *Chronicas de Valentim Fernandes*, publicadas na *Revista portugueza colonial e maritima*, v. VI (1900), p. 284. Ahi se diz que a ilha de Santiago foi descoberta por Diogo Gomes, "e porque Antonio de Noly vinha em outra caravella com elle e veio primeiro a Portugal, houve a capitania della". E não faltou depois outro italiano, Cadamosto, que a si se arrogasse o feito e figurasse por muito tempo como descobridor do archipelago.

(11) Equivoco de Barros, pois o dia dos dois santos, na Igreja latina, era e é no dia 1. Na Madeira é que, para maior solennidade, Santiago se festejava no dia 2, a partir, ao que parece, de 1538. Em Cabo Verde a festa era no dia 1. Cf. G. Cardoso, *Agiologio Lusitano*, t. I, p. 281; t. III, p. 16; *Acta Sanctorum* dos Bolandistas, vol. de 1 de maio.

uma velha e enraizada associação mental, de que elle não quis libertar-se, embora com isso prejudicasse a exactidão. E era tambem um conceito com que tinha de contar nos leitores para quem principalmente destinava o seu poema. E dahi deriva a maneira *irracional* (12) como fala do pôr do sol naquellas paragens.

O mesmo acontece com o Santiago de V, 9 (13). Precisando de referir-se a este santo, por causa da ilha assim chamada, o Poeta viu logo na sua fantasia, não a figura modesta e esquecida do primeiro bispo de Jerusalem, mas o "guerreiro santo", tantas vezes invocado pelos christãos da Peninsula na prolongada e ardente luta contra a mourisma. Para elles, falando-se em Santiago, occorre logo á imaginação "o guerreiro"

Santo que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo estrago.

Representado mais ou menos, sob as suas variadissimas formas, nas obras primas de todas as literaturas (14), era de presumir *a priori* que o *elemento irracional* apparecesse tambem nos *Lusiadas* (15). E não são os unicos os dois casos citados. Assim em VIII, 5 (cf. VIII, 1), para caracterizar as "batalhas" romanas, diz Camões que ellas

... as aguias nas bandeiras tem pintadas.

Ao que o commentario acode: "Uma aguia de metal foi — de Mario em deante — a insignia principal da legião romana. ... Camões suppõe que eram pintadas nos estandartes."

Mas não é licito affirmar que o faça por ignorancia. O que elle quis foi conformar-se com as representações mentaes do commum dos seus leitores, que sabiam muito bem o que era uma bandeira militar, com insignias nella pintadas, mas nenhuma idéa formavam da maneira como eram transportadas as aguias das legiões romanas. Para isso seria necessario um circumloquio, que se arriscava a não despertar a devida imagem. Cf. outro caso em X, 7.

---

(12) Cf. a obra de Fracearoli cit. a proposito de IV, 67.

(13) Entre as liberdades reconhecidas por J. del Encina aos poetas figura a da substituição do nome de uma pessoa pelo doutra (cf. a nota a VI, 24). É claro, porém, que tal substituição se não poderá tolerar senão em casos muito especiaes.

(14) São bem conhecidas as palavras de Horacio (*Arte poetica*, 359):

Indignor, quandoque bonus dormitat Homerus.

(15) Muitas são as causas deste elemento, a começar nos lapsos de memoria e a terminar no desejo de racionalizar, contra a verdade, aquillo que poderia parecer irracional, embora o não seja. Numa obra de arte, em que á imaginação pertence um papel preponderante, não é de estranhar que muitas vezes o elemento racional fique supplantado, consciente ou inconscientemente.

Na est. 11 prosegue V. da Gama:

As Dorcadas passamos, poucoadas
Das Irmaãs, que outro tempo ali viuião,
Que de vista total sendo priuadas,
Todas tres dhum so olho se seruião.

Commentario: "A lenda das Górgonas, filhas de Phorcys, que se serviam, cada uma por sua vez, de um só olho que tinham em commum, é contada por Ovidio nas *Met.* IV, 771-802."

Para o poeta latino, só duas das Górgonas é que eram privadas de vista: *geminas sorores... unius partitas luminis usum"* (vv. 774-775). Estas, que estavam de guarda á perigosa irmã — a Medusa —, é que "de hum só olho se servião", passando-o de uma para a outra. E foi numa destas occasiões que Perseu lho roubou, conseguindo entrar assim no antro em que vivia a terceira das irmãs, a qual, segundo a tradição classica, que datava de Homero (cf. *Iliada*, XI, 36-37), era caracterizada pelo seu olhar terrivel (16).

Porque se afastou Camões desta tradição? Foi porque nas *Genealogiae deorum* de Boccaccio (p. 413, da ed. de 1532) leu o seguinte: "Gorgones,... vetere testante fama, inter *omnes tres* unum tantum oculum habuere, quo utebantur vicissim." E á mesma autoridade se havia já tambem acostado um dos poetas do *Canc. Geral*, "Luys Anrryquez" (III, p. 92):

... las Gorguanas hun ojo tenian,
y con aquel todas vsauan del ver.

Com relação a esta oitava escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 59-61: "Onde foi o Poeta buscar a designação de Dórcadas, para a dar a um grupo de ilhas, situadas entre a foz do Gambia e a Serra Leoa (17)? Depois de ter debalde procurado esta palavra, como termo geographico, ... dei com a seguinte passagem em uma das obras do visconde de Santarem (18): ... "Le promontoire le plus eloigné qu'il *(Boccace)* connaisse dans l'Afrique occidentale, c'est le *Hesperionceras* des anciens, qui selon lui est situé en face des *Orcades*". Era evidente a relação entre as Dorcadas do Poeta e as Orcadas, fronteiras ao Hesperion-Ceras, geralmente identificado com o Cabo Verde. A divergencia derivaria talvez ou de um lapso de copia, ou de um erro typographico. E consultando logo o

(16) Nas numerosas representações artisticas que nos restam da Medusa, esta é sempre figurada com olhos. V. o *Lexikon* de Roscher, v. *Gorgones und Gorgo*.

(17) Em nota: "Confrontando a est. 11.ª com a 10.ª e com a 12.ª 1-2, não é difficil identificar as Dórcadas com o archipelalgo de Bijagós."

(18) Posteriormente encontrei a palavra em obras de varios autores: Antonio Galvão, Ortelius, Pontano, Floriano do Campo, etc.

livro citado de Boccaccio *(De montibus et diversis nominibus maris)*, ahi encontrei, com effeito, estes dois logares: "Hesperion-ceras promontorium extremum Africae est adversus *Dorchadas* insulas olim Gorgonum domus, Aethiopum Hesperorum confine... Hos contra dicunt insulas esse *Orcadas*, olim Gorgonum seu Hesperidum domos." Qual era, porém, a forma correcta e onde a encontraria o celebre autor do *Decamerone?* A resposta ministrou-ma o extenso tratado de mythologia que precede o diccionario geographico citado pelo erudito visconde de Santarem: "Gorgones, ... ut scribit Pomponius Mela in Cosmographia, insulas Dorcadas tenuere, quas constat esse in Oceano Aethiopico, ex opposito Aethiopum Hesperidum". Mas, se a fonte de Boccaccio foi P. Mela, como é que as ilhas Dorcadas não apparecem mencionadas, pelo menos nos diccionarios latinos que consultei? E' que houve quem emendasse o texto do geographo hispano, continuando a emenda mesmo nas melhores edições, apesar de no codice mais antigo e donde os outros derivam — o *Vaticanus* 4929 — se ler *Dorcades* e não *Gorgades* ou *Gorgones.*" (19)

O commentario aproveitou, como de outras vezes, o resultado das minhas investigações, sem indicar a proveniencia. "O Poeta (diz elle) escreveu conformemente ao texto de Pomp. Mela, onde se lê, segundo o codice Vaticano: *Contra eosdem*, etc. (v. a nota)... *"Gorgades"* é correcção de Mariangelus".

Nas est. 3-12 conta-nos o Poeta a derrota de V. da Gama desde a saída do Tejo até que se engolfou no mar largo. O commentario é omisso a respeito das difficuldades que offerece a combinação de algumas destas estancias. Cumpre, por isso, examinar o assumpto.

Em Castanheda (l. I, c. 2) leu o Poeta o seguinte resumo do *Roteiro*, hoje impresso, da primeira viagem de V. da Gama: "Embarcados todos (em Restelo)... se partirão de foz em fora... E Vasco da Gama mandou a todos que, sendo caso que se perdessem hũs dos outros que fizessem seu caminho pera as ilhas de Cabo Verde, e ali se ajuntarião. E seguindo sua viagem dali a oito dias ouve vista das Canarias (20). E indo hũa noite atraves do Rio do Ouro (21) foi de noite a çarração tamanha e a tormenta, que se perderão os navios hũs dos outros, e assi

---

(19) E em nota: "Eis o texto de P. Mela na edição de C. Frick (Lipsiae 1880): "Contra eosdem (Aethiopes) sunt insulae Gorgades, domus ut aiunt aliquando Gorgonum." Em nota: "dorcades *A (é o codex Vaticanus* 4929), Gorgades *Mariangelus.*"

(20) Passando entre estas e a costa do continente africano: "a julavento de Lançerote", diz o *Roteiro*.

(21) Ao sul da costa marroquina; na costa do Çáhara, a que o Poeta chama "de Massilia a esteril costa". Não dispondo de um nome especial, sufficientemente conhecido, para designar a parte da costa compreendida entre Marrocos e a Senegambia, Camões recorre á palavra *Massilia*, que, uma vez deslocada, pelos poetas, do sitio que lhe marca a geographia, estava nas condições de poder ser aqui usada. Cf. IV, 36-37.

apartados seguirão a rota das ilhas do Cabo Verde per espaço de oito dias. E sendo ja juntos Paulo da Gama, Nicolau Coelho,... a hũa quarta feira a tarde toparão com Vasco da Gama. E ao outro dia... chegarão todos á ilha de Santiago... E hũa quinta feira se partiu Vasco da Gama... e seguio por sua navegação, indo caminho do cabo de Boa Esperança e com todas as naos de sua conserva se engolfou no mar, per onde navegou Agosto, Setembro e Outubro." (22) Isto é: V. da Gama dirigiu-se ás Canarias, daqui á ilha de Santiago e depois entrou no mar largo. São estes versos dos *Lusiadas:*

Ja a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficauão,
Ficaua o charo Tejo e a fresca serra
de Sintra e nella os olhos se alongauão.
.....
E ja depois que toda se escondeo
Não vimos mais em fim que mar e ceo.
(Est. 3).

Passadas tendo ja as Canarias ilhas
.....
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas.
(Est. 8).

A aquella ilha aportamos que tomou
O nome do guerreiro Santiago;
.....
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Occeano (23).
(Est. 9).

Mas entrelaçada (24) com esta derrota que é realmente a de V. da Gama e que o Poeta encontrou principalmente em Castanheda, ha ainda

---

(22) Muito mais resumidamente diz Barros *(Dec.* I, 4; 2): "Partidas estas quatro velas,... com bom tempo que tiveram em treze dias foram ter á ilha de Santiago, que he a principal das de Cabo Verde, onde tomaram algum refresco. Depois da partida da qual ilha... Vasco da Gama (se pos) na sua (derrota). E a primeira terra que tomou... foi a baia, a que ora chamam de Sancta Helena."

(23) Graphia do *Memorial*, p. 282.

(24) E tão entrelaçada que, depois de ter passado o tropico, a foz do Senegal e o Cabo Verde (est. 7), Vasco da Gama volta ás Canarias e aporta á ilha de Santiago (est. 8 e 9). E depois de sair desta, vae rodeando a parte

De Africa, que ficaua ao Oriente (e. 10).

e não se interna no *immenso lago* da est. 9 senão depois de passadas as Dórcadas (e. 12). Só dahi por deante é que se meteu no "grandissimo golfão". Destinam-se

outra pela Madeira (est. 5), foz do Senegal, Cabo Verde (est. 7) e a consecutiva costa africana, até o archipelago de Bijagós (est. 10-11). E depois, prosegue V. da Gama:

> Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
> No grandissimo golfão nos metemos
> Deixando a serra asperrima Lyoa,
> Co Cabo a quem das Palmas nome demos.

Foi naturalmente esta a viagem que o Poeta fez, quando foi para a India (25). Eis, por ex., o que se lê nos *Roteiros portugueses de Lisboa á India nos seculos XVI e XVII*, publicados por Gabriel Pereira: "Partindo de Lisboa para a India é bom seguir a derrota da Madeira ou de Porto Santo" (p. 15). E em outro (p. 40): "Em desembarcando as naos pela barra de Lisboa fora,... se o vento for prospero... endireitar logo com a ilha da Madeira... Navegarão de maneira que passem ao mar do cabo Bojador 45 leguas,... do cabo Verde 45... E em altura de 7 e 2/3 passarão da primeira terra que é o cabo Roxo 35 leguas. E da Serra Leoa, que é a terra quasi da propria altura, 112... Dando o vento lugar em altura de 4 e 1/4, passarão da primeira terra firme, que é a Serra Leoa, 95 leguas; em altura de 4 gráos, em que está o cabo das Palmas, passarão delle na propria altura 180 leguas."

Como se vê, Madeira, Cabo Verde, Serra Leoa, Cabo das Palmas, figuram no poema e são mencionados pelo roteiro.

Para separar as estancias em que se contêm cada uma das derrotas, é necessario advertir que os verbos *passar* e *rodear* denotam as terras á vista ou perto das quaes seguiram os navios e, por outro lado, que os verbos *deixar* e *ficar* querem dizer que as terras se achavam a distancia.

Assim, na segunda derrota, deixam á esquerda a Mauritania (e. 4, v. 6-7), passam a Madeira (e. 5), deixam a costa de Massilia (e. 6), passam onde começam os povos negros (26), isto é, em frente da foz do "Sanagá" (e. 7), rodeiam o Jalofo, a Mandinga, a foz do Gambia (e. 10), passam as Dórcadas (e. 11) e metem-se no "grandissimo golfão", deixando a Serra Leoa e o cabo das Palmas (e. 12) e ficando tambem as *praias notas* da costa da Mina, o *grande rio* Niger (27), a ilha de S. Thomé, o reino do Congo e o rio Zaire (e. 12 e 13).

---

a escurecer estas divergencias o participio por que começa a est. 8, v. 1, e o verbo "Tornamos" da est. 9, v. 6.

(25) E' desconhecida a via que até o Cabo seguiu a *S. Bento*, em que o Poeta partiu em 1553. V. a *Historia tragico-maritima*, I, p. 45 e segg. (ed. da *Bibliotheca de classicos portugueses*). Mas o que é natural é que ella tomasse o rumo indicado nos roteiros do tempo. Cf. o texto, a seguir. V. tambem o *Roteiro de Lisboa a Goa* de D. João de Castro e a carta geographica que o antecede.

(26) "Este rio Çanagá... he o que aparta a terra dos Mouros dos Negros" (Barros, *Déc.* I, 3, 8).

(27) Escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 270: "O *grande rio* mencionado no 5.º verso (da est. 12) não é nem o *Rio Grande*, como suppõe W. Storck

A segunda derrota é mais resumida. Não se allude á costa de Marrocos, nem á de Massilia, por onde passaram, para evitar a contradição com o *deixando* e *deixamos* das est. 4 e 6, mas passaram as Canarias (8), entraram pelo archipelago de Cabo Verde (9) e tornaram "a cortar o immenso lago" (9).

Os dois caminhos formam, por assim dizer, um oito, cuja parte superior está na foz do Tejo, o cruzamento das curvas entre as Canarias e as ilhas de Cabo Verde, e a parte inferior nas regiões equatoriaes:

> Por este largo mar (28) em fim me alongo
> Do conhecido pollo (29) de Calisto,
> Tendo o termino ardente já passado
> Onde o meyo do mundo é limitado.
>
> (Est. 13).

Deixará de parecer estranha esta duplicação, se nos lembrarmos do processo varias vezes usado pelo Poeta, quando sobre o mesmo assumpto ha opiniões divergentes. Cf. as notas a III, 7 e 21.

Compreende-se bem que elle quisesse incorporar a sua viagem na do Gama. Era-lhe assim mais facil referir-se ás terras descobertas e povoadas pelos portugueses no Atlantico e na costa occidental da Africa:

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguã não abrio (30),
As novas ilhas vendo e os novos ares (31)
Que o generoso Enrique descobrio.

E era esta tambem a melhor maneira de nos transmittir as suas observações e impressões pessoaes e de adquirir, como adquiriu, os foros

---

(*Die Lusiaden*, p. 411), nem o Zaire, como affirmam outros, mas sim o Niger." O commentario aproveita a identificação, com uns faceis additamentos, mas não diz onde á leu.

(28) E' o "immenso lago" da est. 9, v. 6, e o "grandissimo golfão" da est. 12, v. 2, mencionados cada um em sua derrota.

(29) Sobre esta graphia, cf. a introducção á edição fac-simile da Bibliotheca Nacional, p. XXIV.

(30) Muito haveria que dizer sobre estes dois versos, mas não é aqui o logar proprio. E' certo que o carthaginês Hanno, no seculo V antes de Christo, percorreu a costa occidental da Africa, talvez até proximo do equador. E' tambem provavel — e para alguns certo — que o cabo da Boa Esperança já tivesse sido dobrado na antiguidade. Mas praticamente é como se taes factos se não tivessem realisado. Cf. Pauly-Wissowa-Kroll, *Real-Encyclopädie*, v. *Hanno*, e Abicht, *Herodotos*, nota ao l. 4, c. 42. V. tambem Goes, *Chronica do Principe D. João*, c. VII: "Ho Infante (D. Henrique)... determinou mandar descobrir de nouo estas nauegações, de que ha memoria era já entre hos homens perdida."

(31) Relatando o descobrimento da ilha de Porto Santo, informa Barros que João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz "vinham tão contentes dos *ares*, sitio e fresquidão da terra, que se queriam lá tornar a povoalla". (*Déc.* I, 1, 2.)

de inimitavel pintor maritimo. "Je puis'affirmer d'e moins, comme observateur de la nature", diz A. de Humboldt, "que, dans les parties descriptives des *Lusiades*; jamais l'enthousiasme du poëte, le charme de ses vers et les doux accents de sa mélancolie n'ont alteré en rien la vérité des phénomanes. L'art en rendant les impressions plus vives, a pintôt ajouté à la grandeur et à la fidélité des images, comme cela arrive toutes les fois qu'il est puisé à une source pure. Camoens est inimitable, quand il dépeint l'échange perpétuel qui s'opère entre l'air et la mer, les harmonies qui regnent entre la forme des nuages, leurs transformations successives et les divers états par lesquels passe la surface de l'Océan... Camoens est, dans le sens propre du mot, un grand peintre maritime" (32).

O Poeta vae acompanhando e aproveitando os roteiros da viagem de Gama, contidos em Barros e em Castanheda, mas ao mesmo tempo identifica-se, na viagem, com o seu heroe e attribue-lhe observações de phenomenos e reflexões que elle proprio ia fazendo. Era o meio de dar vida á sua narrativa, sem quebra da unidade do poema.

Est. 15. Navegando para o sul, V. da Gama viu

> ... as Ursas, a pesar de Juno,
> Banharem-se nas agoas de Neptuno.

o que o commentario explica desta maneira: "Quando Jupiter collocou no céu Callisto e Arcade, Juno pediu ás divindades maritimas, Tethys e Oceano, que não consentissem que as aguas do mar fossem polluidas pela sua rival; v. a parte final dos logares de Ovidio cit. no com. a I, 51, 2."

Os logares citados são os *Fastos*, II, 155-192, e as *Metamorphoses*, II, 409-531. Ora nelles só se fala da Ursa maior; é unicamente a esta que se refere o pedido de Juno.

> Saevit adhuc, canamque rogat Saturnia Tethyn,
> Maenaliam tactis ne lavet Arcton aquis.
>
> (*Fastos*, II, 191-192).

> Gurgite caeruleo septem prohibete Triones,
> .....
> ... ne puro tinguatur in aequore pelex (33).
>
> (*Met.*, II, 528-530).

---

(32) *Cosmos, ...traduction de Faye et Galuski*, II, p. 64-65. O celebre sabio alemão especializa em seguida a descripção do santelmo (V, 18) e da tromba maritima (V, 19-23). Do *Roteiro* nada consta a respeito destes phenomenos; todavia os dois passos começam respectivamente: "Vi claramente visto"; "Eu o vi certamente." E' o Poeta a falar. E a maneira como elle descreve o que viu soffre bem o confronto com os passos correspondentes que nos deixou o grande marinheiro e observador D. João de Castro, no *Roteiro de Lisboa a Goa*, p. 281-282 e 284-285, e que nos commentarios do poema deviam acompanhar aquellas estancias.

(33) Relativamente ao Arctophylax, i. é, á constellação em que, segundo

O commentario deixa, portanto, sem explicação o plural *Ursas*. E' que neste passo, como em outros, Camões se afastou da tradição classica, preferindo-lhe o que leu nas *Genealogiae* de Boccaccio.

Nestas se diz, com effeito, que Juno transformou Callisto em ursa e que Jupiter fez o mesmo a Arcade, o filho que desta havia tido, e os collocou a ambos nas proximidades do polo, sendo Callisto a Ursa menor e Arcade a maior (34). E a obra citada accrescenta que Juno pediu a Tethys magna não consentisse que estas ursas se banhassem nas suas aguas, como os outros astros, ao que a deusa do mar annuiu, conservando-se até hoje fiel á sua palavra: "quod Tethys ultro se facturam promisit et servat usque in hodiernum diem" (!).

No commentario a este passo, F. e Sousa, sem informar onde colheu a noticia (35), escreve: "Jupiter convertióles (a Calisto e Arcas) en estrellas, i son las que los astrologos llaman Ursas". Foram talvez estas palavras que levaram o commentario, em a nota a I, 51, 1-2, a attribuir a Ovidio o que este não diz.

Nas est. 19-22 descreve Camões a tromba maritima e fá-lo por forma que lhe não teem regateado louvores os especialistas no assumpto.

Começa essa descripção:

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganaua) leuantarse
No ar hum vaporzinho e sutil fumo
E do vento trazido rodearse.

Commentario a esta ultima palavra: "rodear-se] = arredondar-se". Não é nesta significação que o verbo deve tomar-se, mas sim na de "an-

---

a tradição classica, foi transformado Arcade, Ovidio sabia muito bem que elle se mergulha no mar:

Sive est Arctophylax, sive est piger Bootes,
Mergetur visusque effugiet tuos.

Fastos, III, 405-406.

(34) "Callisto autem ursa minor dicta est, ubi maior vocatur etiam Archas." A Ursa menor só mais tarde foi reconhecida como constellação e nem sempre teve este nome. Por isso, na lenda primitiva, o filho da Ursa, Arcade, é a constellação conhecida pelos nomes de Arcturo (cauda da ursa), Arctophylax (guarda da ursa) ou Bootes, o boleiro que vae deante do Carro (outra designação da Ursa). Dado tambem o nome de Ursa á constellação que primeiro se chamou Cynosura, era natural que uma dellas fosse identificada com Callisto e outra com o filho. Não sei porquê, Boccaccio faz deste a maior. Em todo o caso, o pedido de Juno só agora podia ser extensivo ao filho da amada de Jupiter.

(35) E' possivel que em parte nenhuma e que se metesse a adivinhar, para dar a explicação do plural "Ursas", pois não consta que conhecesse a obra de Boccaccio. Se tivesse lido a novidade em algum autor, não deixaria de o citar, segundo o seu louvavel costume. Do mesmo modo raciocina F. R. Multon: "According to the Greek legend, Zeus changed the nymph Callisto into a bear

dar á roda de si mesmo", pois esse vaporzinho move-se em espiral. E' assim que as proprias palavras do Poeta foram traduzidas por A. de Humboldt no já citado *Cosmos* (t. II, p. 65): "Camoens... dépeint la formation successive des trombes menaçantes, et montre comment les nuages se condensent en une vapeur épaisse qui se roule en spirale", etc. Cf. o artigo *Trombe* da *Grande Encyclopédie*, onde se lê: "Un ingénieur, Weyher, par l'aspiration que produit une hélice à axe vertical tournant rapidement au-dessus d'un bassin plein d'eau, a reproduit tous les phénomènes de la trombe marine: son mouvement tourbillonant en hélice", etc. E' exactamente o "rodear-se" do Poeta.

Na est. 33, 6:

A reposta (36) lhe demos tão tecida,

o commentario prefere a antiga correcção "crecida" e attribue o erro á "influencia do som inicial da palavra anterior". E "reposta crecida", explica, é o mesmo que "retorno avantajado".

A substituição nada melhora, pois as respostas não são crianças, nem adultas.

V. da Gama tinha dito (v. 1-2) que da espessa nuvem dos indígenas choviam sobre elle e seus companheiros setas e pedradas sem numero. Mas "alguns bésteiros dos nossos (accrescenta a respectiva fonte) empregaram nelles seu almazem" (Barros, *Déc.* I, 4, 3). Isto é: á chuva de setas e pedradas respondeu a bem ligada trama, a densa teia dos virotões arremessados. Cf. o epitheto "travada" neste passo do *Palmeirim* (II, p. 29): "(Floriano) começou cõ Auderramete hũa batalha tã ferida e trauada, que naquella corte se não vira outra tal."

Na est. 43, 5-8, ameaça o Adamastor:

E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas (37),
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja môr o dano que o perigo.

---

in order to protect her from the jealousy of his wife Hera. While the transformed Callisto was wandering in the forest, she met her son Arcas, who was about to slay her when Zeus intervened and saved her by placing them both among the strts, where they became the Greater and the Smaller Bears"... *An Introduction to astronomy*, p. 151. New York, 1916. Cf. a nota a VIII, 72, 6.

(36) Mas "resposta," em VI, 54, 4. Como se sabe, *reposta* liga-se com *repor* e o *s* de *resposta* é devido á influencia do verbo *responder*. Meyer-Lübke, no *Roman. ety. Wörterbuch*, deriva *resposta* deste segundo e explica a falta do *s* em *reposta* pela dissimilação a distancia. *(Fernndissimilation.)* V. s. v. *respondere*.

(37) Repare-se na significação activa do participo: que não soffrem. Cf. a nota a VIII, 76, 8.

O commentario admitte no 1.º destes versos a correcção "na", proposta por G. de Amorim, e cita IV, 95, 5-6:

Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama.

Creio, porém, que não é necessario recorrer á substituição do "da" e que temos antes aqui a contaminação das duas construcções: "tomar castigo de alguem" (38) e "fazer castigo em alguem". Cf. a nota a V, 86, 1-2.

Relativamente ao ultimo verso da est. 43, escrevi a p. 74 das *Fontes dos Lusiadas:* "Que quer dizer este verso, que por Gomes de Amorim é accusado de pouco claro? *Ser maior o dano que o perigo!!* Quatro naus, segundo J. de Barros, ou seis, como outros pretendem, e tantos infelizes que nesses crueis naufragios pereceram, mereciam que ficasse mais explicito aquelle caso triste e digno de memoria." Todavia é no proprio Barros, assim como em Castanheda, que se encontra a explicação do que diz o Poeta. Um tufão violento, que inesperadamente sobreveio, submergiu num momento quatro navios, de maneira que os que pereceram, os que soffreram o *dano*, não chegaram a ter plena consciencia do *perigo*. E assim foi

..... mor o dano que o perigo."

Seguem-se os passos de Barros *(Déc.* I, 5, 2), de Castanheda (l. 1, c. 31) e do roteiro da viagem *(Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, II, 110).

Eis, por ex., o que diz Castanheda: "Antre as xj. e doze oras do dia começouse darmar hum bulcã da parte do noroeste, com que acalmou ho vento que cairão as velas sobre os mastos. E como ainda os pilotos não sabião os segredos daquelles bulcões, cuydarão que era calmaria verdadeira e deixavãose estar, senão quando sobreuem hum peganho de vento tão furioso, que não deu tempo pera amainarem, e çoçobrou quatro naos sem escapar delas pessoa algũa, de que erão capitães Bertolameu diaz" (39), etc.

O commentario, que não cita um passo de Vergilio que seja, imitado por Camões e como tal referido já por F. e Sousa, sem se reportar a este, reproduz a explicação que fica transcripta, sem nada indicar acêrca da sua procedencia. "Allude-se (em 43, 5-8) ao medonho temporal que cor-

---

(38) Cf. o latim *sumere poenas ab aliquo.*

(39) Mais expressivo do que Barros e Castanheda, que o Poeta leu, é a relação da viagem, escripta por uma testemunha ocular e de que elle talvez não tivesse conhecimento: "Navegando a Armada toda junta, com bom vento, as vêlas em meia arvore e sem traquetes, por causa de uma borrasca que tinhamos tido em o dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão subito por deante, que o não percebemos senão quando as vêlas ficârão cruzadas nos mastros; neste mesmo instante se perdêrão quatro naos com toda sua matalotagem, sem se lhe poder dar socorro algum."

reu a armada que, levando por capitão mór P. Alv. Cabral, largou de Lisboa com destino á India em 1500. Em seguida a uma calmaria, que pela pouca pratica daquelles mares se julgou erradamente que duraria algum tempo, de repente sobreveio "hum peganho", etc... Cam. diz que o damno foi maior que o perigo, por isso que as pessoas embarcadas nas naus que foram a pique, mal tiveram tempo de sentir que iam morrer: *sensum mortis celeritas praevenit*, para me servir da expressão de Seneca (*Nat. quaest.* II, 59)."

Na est. 45 o gigante Adamastor ameaça que ha de ser sepultura

> ... do primeiro Illustre (40) que a ventura
> Com fama alta fizer tocar os Ceos.

O commentario limita-se a observar que "a est. se refere ao primeiro vice-rei da India, D. Francisco de Almeida", nada dizendo a respeito do conjuntivo "fizer", que parece dar á frase um sentido indeterminado: o primeiro Illustre, qualquer que elle seja, cuja fama chegue aos céus, aqui ficará sepultado. Mas o futuro do conjuntivo pelo do indicativo encontrou-o Camões, por ex., nestes passos:

Se que veele vos disser,
dizey que veelo cuydando
na mays fermosa molher
das que deos fez nem fezer,
pola qual viuo penando.

(Canc. geral, II, 197).

Hoje diriamos: *nem fará* ou, no tempo composto, *nem ha de fazer.*

Dizem que por fado estaa,
nom sey quẽ este ha de ser,
que primeyro sairaa
na praya, e este seraa
o que primeiro morrer (41).

(Ibid., III, 237).

---

(40) Cf. X, 26, 2. "Illustre" está tomado substantivamente. Vid. V, 83, 8; VIII, 89, 2; IX, 90, 2. No mesmo caso se encontram "subido" (VII, 83, 7), "zeloso" (VIII, 11, 5), "excellente" (VIII, 12 4), "humanos" (X, 54, 2), "injustos" (X, 56, 3). "O primeiro Illustre" é o primeiro português que ha de vir investido na dignidade real, o primeiro vice-rei.

(41) Pertencem estes versos á carta de Laodamia a Protesilau (Ovidio, *Heroides*, XIII). A apaixonada esposa pede ao marido não seja o primeiro a desembarcar para combater Troia, pois esse está pelo destino condemnado a morrer. Eis as palavras do poeta romano (v. 90-91):

Sors quoque nescio quem fato designat iniquo
Qui primus Danaum Troada tangat humum.

Como se vê, o "Qui primus" é traduzido por "que primeiro", sendo, portanto, "que" = "quem", como em VIII, 25, 4. O 2º verso da traducção é um parenthese e o "e" do 4.º é da mesma especie dos de VII, 70, 5 ("e na A.") e VIII, 56, 6.

Aqui temos a troca dos dois futuros: "sairaa" por "sair" e "morrer" por "morrerá".

Cf. em X, 12, 7, "gemerem", equivalente a: "hão de gemer".

Um passo do *Livro de Marco Paulo*, em que o futuro do indicativo está pelo do conjuntivo: "Nos em leendo e chamando os deoses, por mandado delles estas canas pelejaram hũa com a outra, e aquelle rey auera victoria em a batalha, cuja parte *subira* sobre a parte de outro" (L I, c. 53).

Est. 51. Com relação ao gigante Adamastor, escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 66 e segg.: "Esperava eu tambem encontrar o nome do Adamastor entre os gigantes ou titãs das *Genealogiae*. A palavra, porém, está lá sob uma forma bastante differente e não pertence ao texto de Boccaccio. E' o editor Micyllus (Moltzer) que, em uma nota da pag. 117, diz o seguinte: "Recensentur in Gigantomachia a Claudiano Pelorus, *Damasor*, Echion et Palleneus". E no indice regista-se *Damasor gigas*. Damasor, tudo me leva a crê-lo, é um erro de imprensa por *Damastor*, que o Poeta poderia ler, por exemplo, na edição de Claudiano, publicada em Lyon no anno de 1584, e que é a forma adoptada no texto das edições criticas (42). E' em Sidonio Apollinario (ou melhor, Apollinar Sidonio), escriptor do seculo V da nossa era, que a palavra Adamastor nos apparece indubitavelmente nos seguintes versos de um epithalamio:

Hic rotat excussum vibrans in sidera Pindum
Enceladus, rabido fit missilis Ossa Typhoeo,
Porfyrion Pangaea rapit, Rhodopenque Adamastor
Strymonio cum fonte levat, veniensque superne
Intorto calidum restinguit flumine fulmen (43).

De Sidonio passou o nome do gigante para o *Officina* de Ravisio Textor, especie de encyclopedia, muito lida no seculo XVI: "Gigantum quorundam nomina... De Porphyrione et Adamastore Sidonius". (Segue-se o passo que fica transcripto) (44). E foi aqui, creio eu, que Rabelais e

---

(42) "Vid. a edição de N. Heinsius (Amsterdam, 1760) e a de Th. Birt (Berlim, 1892). A pag. 644 da primeira, em nota ao *saevus Damastor* do v. 101 da *Gigantomachia*, lê-se: "*Adamastor* est Sidonio Apollinari, qui multa imitatur hujus Gigantomachiae, carmine XV. In scriptis nonnullis *Jamastor* vel *Jemaster* ...*Damastor* etiam Naupli filius memoratur a Scholiaste Apoll. Rhod. IV, 1091. Sic apud Virgil III Aen. 614 *Adamastus*, ubi alii codices *Damastus*. Barthius etiam Sidonii codicibus *Damastor* esse notat. *Gemastor* Wolff." Na edição de Birt (*Monumenta Germaniae Historica*) menciona-se, nas variantes, tambem o *Adamastor* de Sidonio."

(43) "*Gai Solii Apollinaris Sidonii Epistulae et Carmina*. Recensuit et emendauit Ch. Luetjohann. Berolini, 1887. (*Mon. Germ. Historica*), pag. 224. Carmen XV. Como variante: *Damastor*."

(44) "*I. Ravisii Textoris*... *Officina* — Basileae, 1552, col. 439-440. Parece que a 1.ª edição é de 1522."

Camões leram este nome, aproveitando-o com intuitos muito diversos. Para o grande trocista francês, Adamastor figura no extenso *autem genuit* de Pantagruel; para o nosso épico é a personificação genial do Cabo das Tormentas. "Chalbroth... Qui engendra Encelade,... Qui engendra Aegéon,... Qui engendra Briare, qui avait cent mains, Qui engendra Porphyrio, Qui engendra Adamastor, Qui engendra Antée,... Qui engendra le noble Pantagruel, mon maistre"... (45).

O commentario, sem fazer a menor allusão ao que eu tinha escripto, diz: "Um epithalamio de Sidonio Apollinaris tem o verso: *Porphyrion Pangea rapit, Rhodopemque Adamastor* e, como nota ao ultimo nome, a ed. de Basilea de 1542 traz *"Gigantis nomen staturosi et membratura immani conspiciendi. Damastor Claudiano dicitur* (Rav. Textor transcreve aquelle passo de Sidonio no *Officina*, pag. 439 da ed. de 1552)".

Cumpre dizer que a palavra é formada da raiz grega *dam-*, base *dam-a-*, que se encontra no latim *domare*, port. *domar*. Damastor, por *Dama-d-tor* (46), é o que doma, o domador; Damastus, o domado; Adamastus, o não domado. Adamastor seria o não domador, se déssemos ao A inicial a significação privativa que tem no Adamastus. Mas aqui deve ser o A que os grammaticos chamam augmentativo, como em Atlas, o que supporta (sc. o céu), do verbo *tlāō*. Esta difficuldade na formação da palavra, em que o suffixo *-tor*, que indica um *nomen agentis*, briga com a significação ordinaria do *a*, foi decerto a causa das variantes que ficam apontadas.

Na est. 52 e segg. conta o Adamastor como se apaixonou por Thetis, a esposa de Peleu, e como fez intervir nisto Doris, que combinou um encontro entre os dois. Ora a respeito de Peleu diz a 1.ª edição do commentario: "foi casado com a nympha Thetis, uma das cincoenta filhas de Nereu e de Doris."

Quer dizer: Thetis era filha de Doris e esta teria sido intermediaria entre a filha casada e um estranho, que por ella se havia apaixonado.

A priori se devia presumir que as relações entre Doris e Thetis não eram as que suppõe o commentario. E isto confirma-o a maneira como o gigante fala na est. 52, em que Thetis é contraposta ás filhas de Nereu:

> Hum dia a vi coas filhas de Nereo
> Sair nua na praia (47).....

(45) "*François Rabelais. Tout ce qui existe de ses œuvres*... Par L. Moland (Paris, Garnier), p. 115. O 1.º livro de *Pantagruel* foi publicado em 1532 ou 1533."

(46) Cf., por ex., *histōr*, *o que sabe*, de h i d - t o r, raiz *hid-*, correspondente á do latim *vid-e-o*. Com a differença que em *hid-* o *d* não é suffixo como em *dama-d*. Cf. o verbo *damazō*, de *dama-d-i-ō*. Nos poemas homericos já apparece duas vezes, e referido a pessoas differentes, o patronymico *Damastorides*, o filho de Damastor. *Ilíada*, XVI, 416 e *Odysséa*, XX, 321.

(47) Cf. "correr na lagoa" (III, 7, 2-3), "trazer no porto" (V, 35, 1-4); "descer nos ombros" (VI, 17, 1-2); "sair no campo" (VI, 60, 7-8); "fugir na

Effectivamente o Poeta preferiu á opinião tradicional, referida pelo commentario, outra que fazia de Thetis filha de Chiron, e que encontrou nas *Genealogiae* de Boccaccio (l. VII, c. 16; l. XII, c. 1). "Thetis minor nympharum una fuit... Peleo... nupsit... Hanc dicit Leontius Chironis fuisse filiam... Thetis nobilis fuit mulier. Et ob id Chiron pater eius", etc. Só assim se explica o papel desempenhado por Doris e a contraposição de V, 52.

Na 2.ª ed. o commentario reproduz a nota da 1.ª, intercalando-lhe, porém, a clausula: "segundo a versão mais geral". Mas isto não basta para elucidar o leitor. O que este precisa de saber, por uma forma clara e positiva, é que Thetis não era filha de Doris.

Voltemos ainda ao texto de Boccaccio. Julgando insufficiente a differença de graphia *(Thetis* e *Tethys)*, para não confundir a esposa de Peleu com a do Oceano (e para Camões, de Neptuno), o autor das *Genealogiae* recorre aos epithetos *minor* (a 1.ª) e *magna* (a 2.ª). Camões escreve da mesma maneira o nome de ambas: Thetis (I, 16; III, 115; V, 55, 59, 91; VI, 36; VIII, 74; IX, 48, 89; X, 75); salvo em IV, 49, onde a graphia foi simplificada (Tetis). Apesar disto, distingue-as bem por vezes (compare-se, por ex., V, 52, 1, com VI, 21, e IX, 85); mas fazendo de Thetis "a princesa" do mar (V, 52), dava-lhe uma categoria que devia ser pertença exclusiva de Tethys.

E' o que já acontecia nos poetas latinos.

A este respeito transcrevi nas *Observações* as seguintes palavras de Mirmont *(Apollonios de Rhodes et Virgile*, pag. 85): "Quant aux Titanides, Téthys n'est nommée (par Virgile) qu'une fois *(Géorg.*, I, v. 31). — D'ailleurs Virgile confond *Téthys* avec la Néréide *Thétis (Egl.* IV, v. 32: *tentare Thetim ratibus)*. Cette confusion est fréquente dans la poésie latine. Cf. Stace, *Silv*, IV, 6, v. 18:... *Erythreae Thetidos;* Martial, XX, 30, v. 11; Claudien, *de Rapt. Pros.*, I, v. 148:... *Gaetula Thetis.*" O mesmo acontece nos *Lusiadas*, pois em alguns dos passos que ficam citados tanto se pode falar da mulher do Oceano (ou de Neptuno), como daquella que o apaixonado Adamastor chama "das agoas a princesa" (48).

Na est. 65:

> Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
> Outra armada primeira, que buscaua
> O tormentorio Cabo,...

---

espessura" (IX, 77, 3). etc. E' a construcção correspondente ao *in* latino com accusativo, tão usada ainda no tempo do Poeta.

(48) Em I, 16, 5:

> Thetis todo o ceruleo senhorio
> Tem pera vos por dote apparelhado,

ha uma imitação do passo de Vergilio, *Georgicas*, I, 31, referido por Mirmont:

> Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis.

"Thetis" está portanto ali por "Tethys". Mas noutros logares não ha elementos para fazer a distinção. Cf. por ex., III, 115; IV, 49; V, 91; etc.

a palavra "Outra" merecia uma nota que o commentario lhe não junta. Derivada do latim altera, *outra segunda*, por contraposição a alia, *outra diversa*, "Outra" está aqui na significação primitiva de "a outra", i. é, a armada de Bartholomeu Dias (49).

Dois exemplos apenas, dos muitos que poderiam ser citados:

A çear nos assentamos,
tam tristes como partimos,
de comer pouco gostamos,
nũa cama nos lançamos
sem dormirmos.

Outro dia leuantados
com nossos males contentes, etc.

(Canc. geral, III, p. 27).

"Floramã dormio aquella noite no castello, e *outro* dia, querendose despedir de Latranja, ella o não quiz ver" *(Palmeirim*, III, p. 76).

A est. 71 começa por estes versos:

Corrupto ja & danado o mantimento
Danoso & mão ao fraco corpo humano...

A 2.ª edição emendou o "mão" para "mao" e até hoje ninguem voltou á graphia primitiva. E todavia esta provém indubitavelmente do Poeta, que assim encontrou escripta a palavra varias vezes e nos melhores autores (50). Cf., por exemplo, no *Canc. geral*, IV, 372:

Fez de ouro, prata & sseda,
& de moeda
hũ mão (51) vestido de momo.

---

(49) Sobre esta armada, v. Barros, *Déc.* I, 3, 4. Obrigado a retroceder pelo voto dos capitães e officiaes, "quando Bartholomeu Dias se apartou do padrão que alli assentou, foi com tanta dor e sentimento, como se leixára hum filho desterrado pera sempre, lembrando-lhe com quanto perigo de sua pessoa e de toda aquella gente, de tão longe, vieram sómente áquelle effecto, pois lhe Deos não concedera o principal." Memoraveis e enternecedoras palavras, que todos os commentadores dos *Lusiadas* deviam reproduzir ao occuparem-se de V, 65. Dobrado o cabo, embora o não tivesse visto, e já no rumo que o levaria á India, compreende-se bem a amargura com que o arrojadissimo navegador teve de desistir do sonho que começava a acalentar. Mas tinham razão os que o não deixaram passar avante. Barros continua: "Partidos dalli, houveram vista daquelle grande e notavel cabo, encuberto per tantas centenas de annos, como aquelle que, quando se mostrasse, não descubria sómente a si, mas a outro novo Mundo de terras".

(50) E' a mesma resonancia nasal, de *mãe, mũito, o mim, mãis* ("Pera ficar mãis leue"... *Palmeirim*, II, p. 197), etc.

(51) A edição de Coimbra emenda para "mao".

E no t. V, p. 70-71:

Tãtos males tem meu mal,
que sse nam podem dizer,
& tam mãos (52) sam de calar,
como sse podem soffrer.

Cf. tambem na *Coronica do Condestabre* (1.ª ed., 1526): "mão seu pesar" (f. 26 *v.*); "atão mão (aquecimento)" (f. 32); "um porto... muy mão;... passou aquelle mão porto" (f. 43). E no *Palmeirim:* "os bõs,... os mãos" (II, p. 186); "pera os mãos pequenas forças bastam" *(Ibid.*, p. 244); "sempre os bõs aos mãos sam odiosos" *(Ibid.*, p. 399). "He bẽ que os mãos sejã castigados" (III, p. 33, aliás 43) (53).

Na est. 83, diz V. da Gama, referindo-se aos que morreram de escorbuto e ficaram enterrados na foz do Rio dos bons signaes:

Quam facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Em "como aos nossos"="como os nossos (outeiros)", quís o Poeta deixar exemplificadas as construcções do typo "é tão bom coma ti", correntes nas obras literarias do seu tempo e ainda hoje de uso commum na linguagem popular.

Leixame que a liberdade
que a ty quisera deuer
que a deua a tempestade,
que mais justa na verdade
que ty, se pode dizer.

(Canc. geral, III, 250).

"Ante ti tãs hũ muy chegado parente do caualleiro do saluage, que te tirara destes pensamentos, em que andas, como fez a outros qu'os tinhã tã maos com'ati" *(Palmeirim*, III, p. 33, aliás 43) (54).

---

(52) Na ed. de Coimbra: "maos".

(53) Repare-se como o simples til de v. 71, 2, ministra um argumento decisivo para a questão da prioridade das duas edições datadas de 1572. Fiel ao seu systema, o Poeta archivou a graphia "mão". Pretendendo apresentar uma edição mais correcta, que a data falsificada podia fazer suppor ter sido revista pelo proprio Poeta, a pessoa que dirigiu a nova impressão corrigiu o que suppunha ser um erro. Compreende-se perfeitamente a emenda de "mão" para "mao"; mas ninguem faria a de "mao" para "mão". Cf. a nota a IV, 26, 3.

(54) Cf. Gil Vicente: "Mas casemo-nos eu e ti" (I, p. 137, ed. de 1852); "Ora vamos eu e ti" (*ibid.*, p. 165); "E se eu a ti fosse, leixaria o gado" (p. 314).

Commentario ao v. 7: "como] sc. receberam".

Quer dizer: "quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros estranhos receberão os ossos de toda a pessoa, por mais elevada que seja a sua categoria, da mesma maneira que receberam os nossos."

Mas, em primeiro logar: os nossos ossos? os nossos companheiros? os ossos dos nossos companheiros? Nenhuma das soluções é satisfatoria. O Poeta não diria no preterito: "receberam os nossos ossos"; não contraporia "ossos" a "companheiros", nem é natural que recorresse á equivalencia "nossos ossos" por "ossos dos nossos". E' que "nossos" são os "nossos outeiros", por contraposição aos "outeiros estranhos". Estes, do mesmo modo que os nossos, assim "como aos nossos",

Receberão de todo o illustre os ossos.

O Poeta não faz o confronto entre os tripulantes que morreram longe da patria e as outras pessoas, para dizer que quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros estranhos poderão tambem receber os ossos destas. E' differente o conceito que elle enuncia no v. 5.º e desenvolve nos tres seguintes: Como é facil encontrar sepultura para um cadaver! Longe da patria, bastam quaesquer ondas do mar: qualquer outeiro serve para isso, tão bem como os nossos.

Na est. 85 diz V. da Gama ao rei de Melinde:

... e vês aqui, se atente ouviste,
Te contey tudo quanto me pediste.

O commentario lê "a tento", mas não ha motivo para rejeitar a forma "atente". Basta reparar em "contente". "Atento" e "atente", como, por ex., "aceito" e "aceite" (55).

Do ti gallego diz J. Cornu (*Port. Gram.*, p. 118): "O nominativo da 2ª pessoa do singular (do pronome pessoal) é *ti*. Do *tu* conservam-se apenas alguns vestigios Cf. dr. J. J. Nunes, *Compendio de Gram. Hist. Portuguesa*, p. 239.

Dos dois typos do comparativo latino — *melior te* e *melior quam tu* — provieram respectivamente *melhor de ti* (cf. a nota a IX, 73, 2) e *melhor do que tu*, e por contaminação: *melhor do que ti*, em que o caso obliquo *ti* faz as vezes do nominativo *tu*. E daqui a possibilidade do: *vamos eu e ti*. Por outro lado, o *ti* é precedido de preposição: *a ti, de, por, em, para ti*, etc., sendo a primeira a que caracteriza as formas dativas (*mim, ti*, etc.). Portanto: *é melhor do que a ti; se eu fosse a ti;* etc. E dos comparativos de differença passou-se, por analogia, para os de igualdade: *é tão bom como ti; quaesquer outeiros como aos (comós) nossos.*

(55) Neste passo do *Canc. geral*, II, 94:

Conuiday de boamente
qualquer homẽ estranjeyro
mas um olho neie atente.
e o outro no parçeyro,

"atente" explica-se melhor como verbo, do que como adjectivo.

Na est. 86 pergunta V. da Gama:

> Julgas agora, Rey, se ouue no mundo
> Genter que tais caminhos cometessem?

E' manifesta a contaminação das duas construcções: "Julgas que" (com interrogação) e "Julga se". Foi da combinação das duas que proveio o "Julgas se".

Alguns exemplos, que o Poeta leu no *Palmeirim:* "E com cuidar nisto lhe fazia noua saudade" (I, p. 4). Contaminação de: "com cuidar se lhe fazia" e: "cuidar lhe fazia". "Honra e fama... he a cousa, que se mais deue estimar, que a propria vida" *(Ibid.,* p. 172). Contaminação do superlativo relativo *(é a cousa que mais se deve estimar)* com o comparativo *(é cousa que mais,* etc.). "Isto nace do erro, que a fraqueza humana tem, que he os mais homẽs murmurarẽ mas (56) vezes do bẽ, do que contradizem o mal" (II, p. 181). "Seu recebimento se fez co'as mayores festas e nouas inuenções, do que se naquella terra nunca virão" (III, p. 10). "Dizer vos meu nome pequeno seruiço vos faço." *(ibid.,* p. 165).

Commentario: "A construcção "Julgas... se houve?" é estranha; assim, modificando o texto, uns editores teem posto "Julga agora, Rei, se houve no mundo"; outros "Julga tu agora, Rei, se houve no mundo"; outros (F. e Sousa e com elle G. de Amorim) "Agora julga, ó Rei, se houve no mundo" (supprimindo todos elles o ponto de interrogação que vem no fim do 2.º verso nas edições de 1572); outros emfim (Freire de Carvalho, e com elle A. Coelho) "Julgas agora, Rei, que houve no mundo" (conservando o ponto de interrogação). Mas parece-me possivel que o Poeta, empregando "julgar" na accepção de "ajuizar" e tendo na mente o passo de Sallustio: *Nunc vos existumate, facta an dicta, pluris sint (Jug.* 85), dissesse "Julgas" por "Não podes julgar?"

A contaminação dispensa todas estas conjecturas.

Na est. 89, 1-2:

> Ventos soltos lhe finjão, e imaginem
> Dos odres, e Calipsos namoradas,

ha uma construcção do typo "cuida e nota... na gente... e como"... (I, 57), isto é: cuida na gente e nota como (v. a nota a este logar). Temos, portanto, de unir "Ventos soltos lhe finjão" com "Dos odres" e "imaginem" com "Calipsos".

O commentario limita-se a observar — e não podia dizer outra cousa — que "Dos odres] pertence para "soltos". Mas "Ventos soltos" é só complemento de "finjão", ou é-o tambem de "imaginem"? E' o que elle não esclarece. Cf. as notas a VI, 18, e 46.

---

(56) Por "mais", como em IV, 71, 8. O editor de 1786 accrescentou o i. Cf. a nota a IV, 71, 8.

Na est. 95, Camões cita o exemplo de Octavio, que

> ..... entre as mayores opressões
> Compunha versos doutos e venustos.

E comprova esta asserção, appellando para o testemunho de Fulvia, mulher de Antonio:

> Não dirá Fulvia certo que he mentira,
> Quando a deixava Antonio por Glafira (57).

Fulvia é que pode dizer se Octavio fazia ou não versos doutos e venustos. Basta que se recorde dos que lhe fez, quando, despeitada por Antonio a deixar por Gláphyra, pretendeu tomar amores com elle. "Lá porque Antonio tem relações amorosas com Gláphyra, tambem Fulvia as quer comigo? Tudo menos isso! Antes a guerra!" — exclama Octavio nos termos mais crus (58).

O commentario desliga por um ponto final os vv. 7-8 dos dois precedentes e não nos esclarece sobre o que "não dirá Fulvia que é mentira".

Parece, além disso, não ter conhecimento do assumpto do epigramma de Marcial (59), pois diz: "Pondo Cam. Marco Antonio ao lado de Augusto (60) e referindo-se os seis versos de Augusto contidos no citado epigramma aos amores escandalosos de Antonio com Gláphyra, pode considerar-se certo que o Poeta hauriu esta noticia naquelle epigramma". Os versos de Augusto não tratam dos amores escandalosos de Antonio; occupam-se da libidinosa pretensão de Fulvia.

O commentario continua: "Não é, porém, liquido... se a Gláphyra dos versos de Augusto é a mulher de Archelau... ou se aquelle nome é um pseudonymo, talvez de Cytheris,... tambem amante de Antonio."

Mas porque é que a Gláphyra, citada no 1.º dos versos de Augusto, ha de ser um pseudonymo, se realmente houve uma Gláphyra, com quem Antonio manteve relações amorosas? (61)

---

(57) Com a penultima accentuada por exigencia da metrica. Cf. Abíla (III, 77; IV, 49; VIII, 17, 71); Capadóces (III, 72); Leucothóe (III, 1); etc.

(58) Os versos são citados por Marcial, para se justificar com o exemplo de tão elevada personagem, da arguição de fazer versos obscenos. V. Marcial, XI, 20. Sobre a authenticidade dos versos, cf. a *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, XIII, 1381.

(59) Allude a elle Faria e Sousa, como adverte o commentario. "Marcial, segundo nota F. e S., cita seis versos (de Augusto) e referindo-se a elles diz: *Absolvis lepidos... libellos* (XI, 20)." E parece que foi com esta allusão que o commentario se contentou.

(60) Em que qualidade? Se Camões fala em Antonio e Gláphyra, é unicamente para se referir á occasião em que Octavio fez os versos a Fulvia. Foi

> Quando a deixava Antonio por Glafira.

(61) V. a *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa-Kroll, v. *Glaphyra*.

A est. 97 termina por este verso:

Porque quem não sabe arte não na estima.

O commentario lê "a arte" e observa que "a correcção é já antiga". Não ha emenda nenhuma a fazer, pois o artigo está incorporado no *a* de "arte", que deve ler-se aberto. E' caso vulgarissimo, bem conhecido de todos os que manuseiam os nossos antigos escriptores. Alguns exemplos:

E porque nos nã sabemos
tam bem *arte* do cantar
como vos, nem *naprendemos*,
em gram merçe vos teremos,
emssynardesnos solfar.
(Canc. geral, II, p. 147).

"Deixay esta (auentura) cõ que empedis o caminho *algũs*, que pera todos se fez franco" *(Palmeirim*, I, p. 124). "(A donzella) disse *Arnalta* o que passaua" *(Ibid.*, p. 448).

"Assi se destruhio *antiga* e soberba Troia" *(Eufrosina*, p. 259). Cf. III, 15, 7; IX, 7, 2; 28, 5; X, 31, 6.

Outras vezes o *a* funde-se no *a* final da palavra precedente. Cf. III, 22, 7; VIII, 32, 5.

Das notas á edição critica do *Rinconete y Cortadillo*, devida ao eruditissimo sr. Rodriguez Marin, transcrevo estes exemplos castelhanos:

"Y plega [a] Dios que llevemos"...
"Que si está [a] partes o entero"...
"Gracia [a] Dios, [a] abril y mayo" (62).

A respeito da fusão do *o*, vid. I, 84, 3; IV, 28, 5; V, 87, 7; VI, 39, 6; e do *ao* VIII, 3, 6; IX, 74, 3.

JOSE' MARIA RODRIGUES.

(62) Isto a proposito de um passo de Cervantes, em que *ve ahi* se deve ler *veo ahi*, se realmente o immortal novelista escreveu *ve*. Cf. p. 329-330.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

VI

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO VI

Começa a est. 3.ª:

> Mas vendo o Capitão que se detinha
> Ja mais do que deuia, e o fresco vento
> O convida que parta.....

Nada diz o commentario a respeito da passagem que ha no 2.º verso, da oração integrante para principal coordenada, pela omissão da particula "que": "Vendo que se detinha e *que* o fresco vento", etc.

Basta, para confronto, transcrever este passo do *Palmeirim* (II, p. 378): "Vendo (o gigante) que os seus de todo eram vencidos e desbaratados, e alguũs, que escaparã, hião fugindo por guarecer a vida, leuantando a voz disse", etc. O caso é precisamente o mesmo. Cf. VI, 30, 4.

Sobre outra especie parecida, a passagem da oração relativa para a absoluta, veja-se II, 82, 3; III, 60, 7; V, 87, 8; IX, 75, 4.

Em ambos os typos se omitte a palavra que exprime a relação de dependencia, para se attender apenas ao conceito que se quer enunciar.

Com referencia ao 3.º verso observa o commentario: "que parta]. No portuguès moderno dir-se-ia "a que parta". Mas o texto dos *Lusiadas* tambem o podemos ler assim, considerando a preposição "a" incorporada no "a" de "convida". Cf. as notas a V, 97, 8; VIII, 32, 5; IX, 53, 4.

Nas est. 8-9 explica-nos o Poeta onde ficam e de que materia são construidas as habitações das deidades maritimas. E' nos abysmos do mar que ellas moram, em palacios de crystal:

Descobre o fundo nunca descuberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina:
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

A "massa cristalina" é o crystal e "transparente" exprime uma qualidade que lhe pertence por natureza; não é um adjectivo restrictivo, é um simples epitheto. E' por isso que o Poeta diz: "Da transparente massa cristalina", isto é: do transparente crystal. E a transparencia é de tal ordem, que os olhos, quanto mais se avizinham, mais lhes custa a distinguir se é diamante ou crystal o que teem deante de si.

Eis como o commentario complica o sentido claro da oitava: "Da" é evidentemente erro typographico por "De". A qualificação pertence para "Torres altas", como "de prata fina" é qualificação de "areias". Cam. diz só que as torres são de "massa cristalina", i. é, de materia que parece crystal, sem precisar mais a idéa pela razão exposta nos versos seguintes. (Já B. Caldera traduzira "de transparente massa christalina".)

"Massa cristalina" não é uma designação generica, não é "materia que parece crystal": é o proprio crystal. Mostram-no o determinativo "Da", o emprego dos dois adjectivos, o segundo dos quaes forma um só conceito com "massa", e, para maior clareza, a aproximação entre o crystal e o diamante, feita nos ultimos versos. O crystal brilha tanto, que a vista, quanto mais se chega ao pé, menos sabe determinar

Se he cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

Se "prata fina" é precedida do simples "de", sem artigo, é porque nem toda a prata é fina, ao passo que o crystal é por si mesmo transparente.

Est. 14. Sobre a mudança de sujeito no v. 5.º, cf. a nota a I, 82. O commentario é omisso.

Na est. 16 Neptuno manda chamar os deuses

Que o mar habitão dhũa e doutra banda.

Commentario: "de hũa e de outra banda] i. é, da parte do nascente e do poente; corresponde ao *litora... sub utroque jacentia Phoebo* do verso 338 das *Met.* de Ovidio (I)".

Que motivo teria Neptuno para excluir os deuses que habitavam da parte do norte e da do sul?

E' sabido que, para nossos antigos classicos, as palavras "de uma e outra banda", "de uma e de outra parte", significavam "todas as bandas", "todas as partes". "Olhou a hũa e outra parte, e nam viu ninguem, se nã o mar mais manso do que sohia, e aorredor de si outro de lagrimas que seus olhos fizeram" *(Palmeirim*, I, p. 192). "Entrados na coua estes caualleiros... acharãna tam grande em si, que parecia hũ laberinto, e da hũa e da outra parte estaua toldadada de tapeçaria" *(Ibid.*, p. 327). "Foram ter a hũ campo descuberto e raso e grande, e indo lançando os olhos a hũa e outra banda, contentando a vista nas boninas e flores graciosas de que estava coalhado, viram vir", etc. *(Id.*, II, p. 7). "Sabendo que lhe cumpria morrer, fazia estranhezas, discorrendo a huma e outra parte, onde via ser necessario" *(Memorial*, p. 180). Cf. II, 65, 6, e VI, 70, 4. (1)

Na est. 17, 2, o Poeta escreveu "ombros". Com o intuito de uniformizar a graphia (e naturalmente tambem de a corrigir), o commentario emenda para "hombros", como está escripto em II, 21, 1. Obedecendo ao seu plano, Camões serviu-se das duas graphias, mas a que o commentario deveria preferir era a de VI, 17, visto que o *h*, como se sabe, não tem justificação etymologica nesta palavra.

Na mesma est. se diz dos cabellos de Tritão que

..... bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão.

Commentario: "Ha aqui contaminação da construcção impessoal "parece que conhecêrão" com a construcção pessoal "parecem ter conhecido".

O verbo "parecer" tem aqui a significação de "mostrar", "deixar ver". E' o transitivo ou antes causativo do "parecer" e "parecer-se" deste passo do *Palmeirim* (II, p. 7): "Floriano... descobrindo as andas vio dentro hũ corpo armado d'armas verdes tam enuoltas em sangue, que nã se parecia a cor dellas, cõ tamanhos golpes que bem parecia qu'ẽ algũa grã batalha ou afronta os recebera". Cf. III, 139, 7, e 141, 3; VII, 69, 8.

Na est. 18 continua o Poeta a descrever a figura de Tritão:

O corpo nú, e os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento e cento:

---

(1) Falando de uma lampada accesa em um recinto, diz o Ariosto, no *Furioso*, III, e. 8:

E quella di splendente e chiaro foco
Rendea gran lume all'uno e all'altro loco.

Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebe crecimento,
Ostras e camarões do musco çujos,
As costas coa casca os caramujos.

Principia o commentario por affirmar que a copulativa do 1.º verso tem a significação de "incluindo", "inclusivamente", como em I, 12, 6:

Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.

Mas, sendo assim, como é que o corpo de Tritão estava, ao mesmo tempo, nu e coberto de animaes do mar? Como é que estava nu, para poder nadar, e coberto de animaes que disso o impediriam?

E' que o "e" não tem a significação que o compentario lhe attribue, mas apenas relaciona os dois primeiros membros de uma construcção alternante do typo "cuida (1) e nota (2) na gente (3)... e como" (4) de I, 57, 5-7 (cf. V, 89, 1-4), em que 1 se liga com 3 e 2 com 4 (2). Isto é: as palavras da est. 18 devem ser distribuidas por esta maneira: O corpo (3) nu, por não ter ao nadar impedimento; mas os membros genitaes todos cobertos de pequenos animaes do mar.

Por mais estranho que este artificio nos pareça, devemos reflectir que elle se não afasta muito das frases intercaladas (cf. as notas a I, 12, 2-4, e III, 132) e dos versos collocados fora do seu logar (v. as notas a IV, 46, e VI, 96). O mais singular é o uso da conjunção, não tanto entre 1 e 2, mas sobretudo entre 3 e 4, que nada tem um com o outro.

Commentario ao v. 7: "A repetição de "camarões", que está no 5.º verso, é indubitavelmente devida a engano do compositor; umas edições teem substituido neste verso a palavra por "missilhões", outras... por "birbigões".

Não é necessario substituir nada; o que falta é um "e" no v. 8.º depois de "costas". No v. 6.º termina a enumeração dos pequenos animaes do mar que encobriam as partes pudendas de Tritão; os versos 7-8 dizem o que elle trazia ás costas, sendo, portanto, possivel e até natural a repetição:

Ostras e camarões do musco (4) çujos
As (5) costas, *e* coa casca os caramujos.

---

(2) Cf. em VI, 46, 5-8, a alternancia chiastica: 1, 4, 2, 3.

(3) Isto é: o peito, o ventre, os braços e as pernas.

(4) O commentario aceita a emenda "musgo". Mas "musco" tem tanto direito á vida como "visco".

(5) O commentario corrige "A's", sem razão. Cf. a nota a VIII, 98, 7. "Vasco da gama mandou algũs criados seus que ho leuassẽ *as costas*". Castanheda, I, c. 18. V. outro passo deste autor, indevidamente alterado pelo commentario em nota a X, 27.

Mostram que é indispensavel a conjunção 1°) a palavra "camarões" do v. 7.°, que assim se explica sem recorrer a engano do compositor; 2.°) o facto de "coa" ser sempre monosyllabo nos *Lusiadas* (6), o que neste passo não aconteceria sem o "e"; 3°) o rythmo do pensamento, pois Tritão não traria ás costas apenas caramujos, elle que trazia por deante

Camarões e cangrejos e outros mais.

Foi o não ter reparado nestas circumstancias que levou o corrector do manuscripto a desligar o v. 7.° do 8.° e a considerá-lo como continuação dos precedentes.

Na est. 19, o 3.° verso:

A voz grande canora foy ouuida,

é assim pontuado pelo commentario, sem qualquer observação:

A voz grande, canora foi ouvida.

Mas quer-me parecer que o "e" de "grande" serve tambem de copulativa. Cf., por ex., "Latona Phebo" (IV, 53), por "Latona a Phebo".

Na est. 21, mencionando as divindades maritimas que acudiram ao chamamento de Neptuno, diz o Poeta:

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,

Commentario: "Tethys... era esposa do Oceano, que neste logar o Poeta identifica com Neptuno".

Para se ver que tal identificação não existe, basta recordar o começo da est. anterior:

Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara.

Se o velho Oceano veio tomar parte no conselho convocado por Neptuno, como é que se pode affirmar que o Poeta os confunde neste

---

(6) Cf. I, 26, 2; 72, 1; II, 60, 2; 101, 3; 106, 6; III, 38, 8; 64, 4; 81, 1, 87, 5; 126, 7; 129, 5; 134, 8; IV, 31, 6; 51, 4; 86, 6; 88, 5; V, 24, 6; 52, 5; 78, 2; VI, 24, 6; VII, 60, 3; VIII, 65, 6; IX, 14, 7; 29, 7; 73, 6; 95, 3; X, 3, 4; 4, 8; 11, 8; 28, 2; 50, 6; 54, 3; 67, 2; 124, 1. Até "com a" é monosyllabo em I, 13, 6, embora disyllabo em I, 88, 6, e V, 78, 2. Reproduzo este ultimo verso:

Coa gente e com as nouas muito mais,

passo? E no começo do seu discurso Baccho não os distingue bem clara e expressamente, dirigindo-se primeiro a Neptuno e depois ao Oceano?

> Princepe que de juro (7) senhoreas
> Dhum Polo ao outro Polo o mar irado;
> .....
> E tu, padre Oceano que rodeas
> O mundo universal e o tens cercado.
> .....
> E vós, Deoses do mar.....
>
> (Est. 27-28).

O que fez aqui o Poeta foi tirar ao "padre Oceano" a esposa, a "madre Tethys" (VIII, 74, 7), para a dar a Neptuno, que aliás já era marido de Amphitrite. E isto sem prejuizo da paz domestica, porquanto para o conselho

> Ambas vem pella mão, ygoal partido,
> Pois ambas sam esposas dhum marido.

E proveio esta innovação do papel que o Poeta queria fazer desempenhar á velha Tethys, em cuja cabeça já alvejavam as cãs (8). Era preciso rejuvenescê-la e fazer della mulher do deus que então presidia ao mar (9), para symbolicamente a casar com o Gama (10), significando assim que os portugueses ficavam senhores da "casa de Tethys" (III, 115).

Com relação á ascendencia desta "linda esposa de Neptuno" escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 65: "Tem-se dito que o Poeta caíu em erro fazendo de Tethys filha de Vesta (cf. VI, 21, 1-4, e IX, 85, 1-4). Eis, por exemplo, o que a este respeito escreve W. Storck: "Tethys, filha de Urano e de Gea (segundo os *Lus.*, VI, 21, e IX, 85: de Celo e — como

---

(7) Cf. a hendiadys "de juro e herdade", correspondente á locução latina *jure hereditario*. "De que ora seus herdeiros são capitães de juro e herdade" (Barros, *Déc.* I, 1, 3). Sobre a forma "jur", v. Viterbo, *Elucidario*, s. v.

(8) Cf. o passo dos *Fastos* citado em nota a V, 15. Ahi lhe chama Ovidio *canam Tethyn*. A outra Thetis, embora o apaixonado Adamastor a denominasse "das agoas a Princesa" (V, 52), era de categoria muito inferior á da filha de Celo e Vesta. Amphitrite era uma divindade apagada, que não podia competir em fama com a esposa do velho Oceano. E era preciso não irritar Neptuno. Dando-lhe uma mulher que lhe não pertencia, o Poeta ficava com o direito de lha tirar, para a entregar a outrem.

(9) O "padre Oceano" era já uma divindade aposentada, que pertencia a outro cyclo. Quem agora tinha o governo do mar era Neptuno. E' este que Baccho vae procurar (VI, 7, 7-8); é a este que elle na assembléa se dirige primeiro (VI, 27), como a quem "de juro senhoreia o mar irado".

(10) V. IX, 84-89; X, 2-3; 142-143.

Camões erradamente suppõe — de Vesta), esposa do Oceano ou (segundo os *Lus.*, VI, 21 e 36) de Neptuno... Vesta, filha de Cronos e de Rhea, a virginal deusa do lar, mas confundida por Camões *(Lus.*, VI, 21, e IX, 85) com Gea, mulher de Celo (= Urano)".

Todavia o Poeta nada mais fez do que conformar-se com o que leu nas *Genealogiae* (de Boccaccio): *"Tethyn magnam dicit Paulus a Chrysippo traditum filiam fuisse Coeli atque Vestae et Oceani coniugem... Vestaque, id est terra, natam...* Os mythographos modernos, geralmente, deixam no esquecimento esta Vesta, a respeito da qual escreve um editor e commentador de Lactancio: *"Duplex apud antiquos fuit Vesta: una Saturni mater, quae etiam pro terra sumitur et dicitur deorum mater...* Veja-se tambem Pauly, *Real-Encyclopädie*, VI, 2.ª p.: "Man genealogirte bei den Römern zwei Vestä: eine ältere, Gattin des Cölus"...

O commentario aproveita o que apurei, mas não indica a procedencia. De sua casa põe uma citação de Macrobio e o erro de que "neste logar o Poeta identifica o Oceano com Neptuno." (11)

Est. 24. Relativamente á "Circes" do v. 6 ("Que Circes tinha usado", etc.), diz o commentario: "E' forma incorrecta, que tambem occorre em Sá de Miranda: Essa Circes feiticeira (carta 3.ª). Na *Marg. Philos*, a pag. 619; está: *... de socijs Vlyssis quos Circes maga*, etc."

E a estas citações do commentario outras se poderiam ainda juntar. Bastará, porém, esta do *Canc. geral*, IV, 21, em que, de mais a mais, se muda o accento da palavra, para rimar com *crês:*

> Tam bem por ventura cres,
> que a causa de me deter
> seja Calipso ou Çirçes,
> & isto te faz temer.

O Poeta accrescenta á palavra um *s* que lhe não pertence, nem ao menos é exigido pela metrica ou pela rima, porque assim encontrou em outros autores.

Mas porque é que houve algum poeta ou prosador que se lembrou de a escrever incorrectamente? (12) Ou tratar-se ha de um simples *lapsus calami*, depois inconscientemente aproveitado?

---

(11) Immediatamente antes do passo das *Fontes* que fica transcripto, occupo-me do nome de Lampetusa (I, 46, 3), que tambem se encontra nas *Genealogiae*, para onde provavelmente passou do *Mythologicon* de Fulgencio. O processo adoptado pelo commentario a I, 46, 3, é o do costume. Até faz sua a observação, que leu nas *Fontes*, de que Boccaccio nas *Genealogiae* "cita Lampetusa como encontrando-se em Ovidio, o que não é verdade".

(12) Com *Circes* cf. a *Hebes* da *Eufrosina*, p. 26.

A questão surge a proposito de tantos nomes proprios, que nos apparecem estropiados nos melhores autores dos seculos XV e XVI. (13)

Outro exemplo. No *Memorial*. p. 187, apparece *Archiles*, com um *r*. *Archiles* se lê tambem em dois passos do *Canc. geral* (I, 364, e IV, 358). E na literatura castelhana pode remontar-se até o *Libro de Alixandro* (14), que data do sec. XIII.

E' desta obra que provém a graphia errada ou deriva de alguma das suas fontes? E, em qualquer dos casos, porque foi o *r* introduzido no nome do heroe grego? Para o tornar mais sonoro, mais euphonico? (15) Ou deve a sua origem a um engano, que não foi reconhecido como tal?

No mesmo *Libro* a forma usual *Vlixes* é mudada em *Vlixéro* (estr. 425), para rimar com *Omero*. etc.

E aqui temos uma das principaes causas da alteração dos nomes proprios.

Verdade é que o *Ulixéro* parece que não encontrou quem se agradasse delle, mas o *Galieno* de Dante (16), por ex., em vez de Galeno, foi

---

(13) Mas nem as outras palavras escaparam. Dois exemplos. O arcipreste de Hita (creio que foi elle o primeiro) lembrou-se de escrever *palanciana* por *palaciana* (*Libro de buen amor*, copla 678). Pois cá chegou o *palanciano*, com a variante *palenciano*, como se derivasse de Palencia.

> Como muy palẽçianas,
> gentys damas muy bryosas,
> mays dyuinas que omanas, etc.
>
> *Canc. geral*, I, 352.

Cf. tambem *palençeano*, *ibid.*, p. 96 e t. V, p. 397. E na *Eufrosina*, p. 193. Mas na *Aulegrafia*: *palanceana* (p. 48). Outro caso curioso é o *agenores* de J. de Mena (*Labyrinto*, copla 4.ª), que o glosador F. Nuñez interpretou *agenos*, Encina *Agenorides* (de Agenor) e F. Sanchez Brocense suppõe ser uma trasladação de *alenïores*. Isto é: a palavra, ou tem letras a mais, ou letras a menos, ou é um latinismo intoleravel. Não sei se houve quem a repetisse. O *palanceanos* deve ter vindo para cá por intermedio de J. de Mena:

> La fuente circuncingian
> Los autores Palancianos...
>
> *La coronacion*, XXXIX.

(14) Ed. do ms. de Paris, feita por Morel-Fatio, Dresde, 1906. V. o longo episodio relativo á guerra de Troia, estr. 306-754. No ms. publicado por T. A. Sanchez e reeditado por Ochoa (*Coleccion de poesias castellanas anteriores al siglo XV*) está *Achiles*.

(15) Uma das causas da alteração dos nomes proprios é a sua adaptação ás leis phoneticas da lingua para que são transplantados. Cf. nos *Lusiadas*, *Alcino*, de *Alcinoo* (II, 82); *Almena*, de *Alcmena* (III, 141); *Tesifonio*, de *Cisiphon* (II, 113); *Menonio*, de *Memnon* (IX, 51).

(16) *Inferno*, c. IV, v. 143. A rimar com *appieno* e *meno*.

> Ippocrate, Avicenna e Galleno.

acolhido no nosso *Canc. geral*, com uma nova alteração (I, p. 242):

Assy qua dor q̃ masseyta
Ypocras, & Galeano (17)
dam em contra de sseu dano
hũa muy gentyl rreçeyta.

Grande estragador de nomes proprios foi J. de Mena, que, por causa da rima, mudou *Cadmo* em *Cadino*, *Tiresias* em *Tirrheo*, a lagoa *Meotis* em lagos *Metoes*, *Beócia* em *Boécia*, etc. E no encalço delle, tambem os nossos poetas do *Canc. geral* fizeram verdadeiras tropelias. Pois se até desfiguraram *Prometeu* em *Pryteo!*

Admirem-se estas visões de Duarte de Brito (t. I, 360-361): (18)

Vy estar o cam Çerueyro
com suas bocas tragantes
de Bursyres ser parçeyro,
vy Sifo com gram marteyro
trazer pedras muy pesantes.
E na Ystrigya vy Crina
com as furias jnfernaes.
.....
Aly vy.....
Tres juyzes estar julgando,
seyras danão (19) com jueyras
cheas dagoa.
.....
Alli vi estar a Pryteo
o fogo do çeo furtar,
vy Atriste (20) com Atreo.

---

(17) Na *Celestina*, a. I: *Crato* e *Galleno*. "¡O si viniéssedes (ou: viviéssedes?) agora, Crato, é Galleno, médicos, ¿sentiriades mi mal?" Na *Tragedia Policiana*, reimpressa por Menéndez y Pelayo (*Origines de la novela*, t. III), lê-se no a. XV: "Erato ni Galeno". Nota do illustre editor: "Así está en el original: pero parece que debe decir *Erasistrato*, nombre de un médico famoso de la antigüedad". E' manifestamente o *Crato* da *Celestina*, o pobre do Hippocrates, metido a tratos e desconjuntado. Jorge Ferreira ficou-se no *Hipocras* (*Eufrosina*, p. 20).

(18) Nomes alterados: Cérbero, Busiris, Sísifo, Estigia, Corina (?), Dânao, Prometeu, Tiestes, Cadmo, Flegetonte.

(19) Devem ser as filhas de Dânao.

(20) Com ou sem erros de imprensa, é Tiestes.

.....
E vy Çila por rrey Nyno
e as filhas de Cadino
em o Flegento ardente. (21)

E os grammaticos, rhetoricos e autores de poeticas sanccionaram os factos consummados e estimularam assim o uso e abuso destas anomalias. "De muchas licencias y figuras pueden usar los poetas por razon del metro y por la necessidad de los consonantes... Tiene el poeta y trobador licencia para acortar y sincopar qualquier parte ó dicion. Así como Juan de mena... dixo: *El hi de maria* por dezir *el hijo de maria*... Y en otra (parte) dixo *Agenores:* por *agenorides*. Puede assi mismo corromper y estender el vocablo assi como el mesmo Juan de mena en otra que dixo *Cadino:* por *Cadmo* y *lagos meiroes* por *meotides* y puede tambien mudarle el acento: assi como en otro lugar donde dije: *platónos:* por *plátanos;* y en otro *penelópe* por *penélope*. Tiene tambien licencia para escriuir un lugar por otro como Juan de mena que puso una Tebas por otra. Y puede tambien poner una persona por otra; y un nombre por otro; y la parte por el todo y el todo por la parte. Otras muchas figuras y licencias pudieramos contar: mas porque los modernos gozan de la breuedad contentemonos con estas, las quales no deuemos usar muy amenudo, pues que la necesidad principalmente fue causa de su inuencion, aunque verdad sea que muchas cosas al principio la necesidad ha introduzido que despues el uso ha aprobado por gala assim como los trages, las casas y otras infinitas cosas que serian muy largas de contar".

---

(21) LA disse o mestre:

Ende vieras al Rey Nino
.....
E a los nietos de Cadino.

(J. de Mena, *La coronacion*, VI).

Cf. no *Canc. geral*, I, 202-204, a curiosa parodia a estas visões e a estes visionarios. As primeiras cousas que o autor vê são uma gaiola onde canta um grilo e uma sertã que estava a arrefecer, depois de nella se ter frito um bordalo:

Em casa creada de nouo poyda
vy musyca doçe de canto grilloso
& sertes estaua em som rrecolhyda
de ser abrasada por ter afrygida
alma pescina do gram bordaloso.

E o Pavia é o *Pauyono*, e Montargil, *Montargylado*. Uma gallinha morta é "galiana da vida passada"; as cortiças são "peles da madre da lande". E no meio disto, outras cousas que não se percebem, como no *Claro escuro* de J. de Mena.

Assim legislou Juan del Encina na sua *Arte de poesia castellana* (22), cuja influencia se não limitou ao seu país natal. (23)

Vendo-se rodeado de tantas e tão amplas liberdades, é natural que o Poeta de algumas usasse, ainda que não fosse senão para mostrar que não abdicava dos seus direitos. Foi assim que deu entrada a *Circes*, trajada á moda. Com o mesmo enfeite se apresenta a constellação Argo em VIII, 71. Pelo contrario, em V, 87, a cidade de Argos perde o seu *s* final, por causa da metrica (cf. Atenas, Tebas, etc.). Ao *ensifero* e *turbulento* Orion, para ficar com um nome mais sonoro, é-lhe addicionado um *t*, e dahi o Orionte de VI, 85, e X, 88. Cythera, por influencia de Cytherea (I, 34; IX, 53, 57), termina por *e* em I, 100:

Mas a Deosa em Cythere celebrada... (24)

Já isto, porém, não acontece em V, 5, onde a rima torna obrigatoria a desinencia em *a*. Varias vezes recorre o Poeta ao suffixo *-io*, que junta a certos substantivos, naturalmente para os tornar mais euphonicos, embora lhes dê o aspecto de adjectivos. Cf. Tesifonio (II, 113) (25); Hesperio (V, 8); Cynifio (VII, 7) (26); Emodio (VII, 17); Menonio (IX, 51). Em IV, 83, é o adjectivo Euxino que recebe o mesmo suffixo (27).

Relativamente ao uso de um numero por outro, note-se o plural *Algarves* em III, 95; VIII, 25, em vez do respectivo singular (28). Intencional é tambem, a meu ver, a graphia *Hispheria* por *Hesperia*, em II, 108.

Mas tudo isto fica muito distanciado dos Cadinos, dos Pryteos e de outras insulsas aberrações. (29)

---

(22) Reimpressa por M. y Pelayo na *Antologia*, t. 5, p. 30 e segg. V. o cap. 8. Encina falleceu em 1533. "Son *Arte de trobar* (1496) expose des idées déjà généralisées parmi les Provençaux dans les *Leys d'amors* (1324) de Guilhem Molinier". Fitzmaurice-Kelly, *Littérature Espagnole, trad. de Davray*, p. 129.

(23) Da *Aulegrafia*, a. 2.º, sc. 10: "Geraminio. Eu, senhor, tenho minha poësia noua, & faço minha viagem por fora da rota de João de Lezina, e benzome da vitola dos antigos como de espirro".

(24) Commentario: "Cythere (Cythera, V, 5) é erro typ. conservado em grande numero de edições".

(25) De *Ctesiphon*. E este já vinha de *Chersiphron*. V. o commentario a II, 113.

(26) Cf. *O. Furioso*, XXXI, 51: Il barbaro Cinifio.

(27) O commentario approva a emenda *Euxino*, esquecendo-se dos outros nomes em *-io*.

(28) O Poeta tem o direito de suppor que não lhe attribuirão o plural a ignorancia ou a um lapso. E por isso o repete. Cf. o caso analogo de II, 55, 6, e X, 141, 8.

(29) Camões não deixaria de ler as obras de J. de Mena. São comtudo

Est. 32-33. Queixa-se Baccho aos deuses do mar de que vê abatidas pelos portugueses as grandes honras que no mundo ganhou, quando venceu as terras indianas. E vê-as abatidas, porque Jupiter e os Fados determinaram dar áquelles, no imperio dos mares, famas maiores que nunca:

> Que o gran (30) Senhor e fados que destinão,
> Como lhe bem parece, o baixo mundo,
> Famas mores que nunca determinão
> De dar a estes barões no mar profundo.

E em seguida exclama:

> Aqui vereis, ó Deoses, como ensinão
> O mal tambem a Deoses: que a segundo
> Se ve, ninguem já tem menos valia
> Que quem com mais razão valer deuia.

Que quer dizer que "Jupiter e os Fados", com o seu poder arbitrario, procedendo *como lhe bem parece*, "ensinam o mal tambem a deuses"? O sentido óbvio é que aquelles, com as suas determinações caprichosas, ensinam alguns deuses a fazer mal.

Mas a que proposito vem isto? Baccho, se tem razão de queixa, é de quem *destina o mundo, como lhe bem parece:* é de Jupiter e dos Fados.

Mas razão de queixa, porque? Porque ensinam "com o seu exemplo" (diz o commentario) (31), alguns deuses a fazer mal? Não; mas porque com as suas resoluções não só permittem, mas incitam, instigam,

---

raros e falliveis, nos *Lusiadas*, os indicios dessa leitura. Citarei apenas o verbo convocar, com a significação de *invocar*.

> A ti, cuyo santo nombre convòco
> (*Labyrintho*, copla XXV).

> ..... E outros vão
> A ajuda conuocando do Alcorão.
> (III, 50).

(30) O commentario considera "gran" erro typographico e emenda para "grão". Todavia no *Palmeirim*, por ex., leu o poeta "grã turco" (II, p. 25); "grã rio" (I, 122); "grã perigo" (I, 279); "grã roydo" (I, 369); etc. E tambem: *soldã, nã, um Alemã* e *Alemam*, etc.

(31) Não se trata de exemplos, mas de decisões tomadas por quem governa o mundo, segundo lhe apraz. Pensaria o commentario na interpretação rebuscada de que Jupiter e os Fados (com o seu exemplo) ensinam (os mortaes) *(a fazer)* o mal tambem a Deuses? Para isso seria indispensavel meter no texto o que lá se não encontra. O que Baccho não pode levar a bem são as deliberações arbitrarias de quem *destina* o mundo, deliberações que animam, instigam (os homens, é claro) a fazer mal a deuses, de modo que estes perdem a sua valia.

indindo os mortaes *ao* mal contra deuses. Disto é que elle se lastima. E o resultado é certo e sabido:

> ..... ninguem já tem menos valia
> Que quem com mais razão valer deuia.

E foi a simples mudança de uma letra, a substituição de "endinão" por "ensinão" que tornou o passo inintelligivel.

Verdade é que o causador da alteração foi o "O" inicial do verso 6.º, que está por "Ao", como o "os" de IV, 41, 8, se deve ler *ós* (= aos).

Do verbo "endinar" com a significação de *instigar, incitar, estimular, encher de indignação contra alguem*, usou o Poeta em IX, 46:

> O louvor grande, o rumor excellente,
> No coração dos Deoses, que indinados (32)
> Forão por Baco contra a illustre gente,
> Mudando (33) os fez hum pouco afeiçoados.

Cf. *Palmeirim* (I, p. 117): "Floramã... namorouse de Altea;... tanto creceo o amor antrelles, que el rey... a fez leuar a seu pay... Amor alli a seguio cõ tamanho cuidado qu'*endinou* al rey a fazer o que ouuireis... Teue maneira como cõ hũ vaso de peçonha... a matará."

Emquanto á preposição *a* em "endinão ao mal a Deoses", a que em IX, 46, 3, corresponde "contra", cf. estes logares do *Palmeirim:* "E remetendo a elle, cuidou do ferir" (I, p. 206). "Pareceo cousa fea dous a hũ" *(Ibid.*, p. 207). "A benignidade dos principes... he causa de se cometer desprezo a elles." *(Id.*, II, p. 137).

Em summa: o que o Poeta disse foi: E no que acontece comigo vereis, o deuses, como Jupiter e os fados *endinam*, instigam, ao mal contra deuses.

Na est. 39 conta o Poeta como vinham cheios de somno os marinheiros a quem pertencia render os do quarto da (34) prima:

> Vencidos vem do sono e mal despertos,
> Bocijando a miudo se encostavão
> Pellas antenas, todos mal cubertos
> Contra os agudos ares que assopravão:
> Os olhos contra seu querer abertos,
> Mas estregando os membros estiravão.
> Remedios contra o sonno buscar querem,
> Historias contão, casos mil referem.

---

(32) Cf. "os ventos indinados", em VI, 71, 5, e "Do vento... as furias indinadas", em VI, 79, 4.

(33) Note-se a significação causativa do participio: *causando mudança.*

(34) O "da" é corrente, por ex., nos *Roteiros* de D. João de Castro.

No v. 6 temos a reducção de dois "os" a um só. Devia ser: "estregando-os, os membros estiravão", mas, em vez disto, ficou o que se lê no texto. Alguns exemplos:

Estas rrezões que se dam,
& salgũa mays sse der,
todasente o escriuam,
digua mays quẽ mays quiser.

(Canc. geral, I, 47).

Está, como se vê, "todasente" por: "todas asente", desapparecendo o primeiro *as* por causa do segundo.

E na p. 114:

Poys que grande bem seria,
& que cousa tam errada
gosã de tam gram valia
perder tua senhoria
dhũa (35) flor tam esmaltada.

A ed. de Coimbra emenda "gosã de" para "gosando tam", etc. Escusadamente, pois por causa do *de*, foi supprimido o *do* do participio. (36)

No t. III, p. 103, diz-se do duque de Bragança, quando foi tomar Azamor:

Partio de Lixbôa com toda sa frorta,
muy apontada em tal perfeyçam,
qual outra nom vimos nem livros se nota.

No ultimo verso a conjunção "nem" inclue em si a preposição *em: nem em*. E no *Palmeirim:* "A vida nã se ha de dar a *quem* maas obras a despende" (II, p. 222). "Ainda qu'eu creo que *quẽ* ruyns obras gastou todo seu tempo, no por vir fara algũas, de que tire o galardão de todas" *(Ibid.*, p. 358). "Vossos disfavores traz̃ me tã fraco, que nã sey *serã* azo d'algũa falta" *(Id.*, III, p. 165).

Na sua modelar ed. do *Rinconete y Cortadillo*, de Cervantes, cita o sr. Rodríguez Marín alguns curiosos casos, de que transcrevo dois (p. 329-331): "A tomar en cuenta don Eugenio de Ochoa el fenómeno de que voy tratando, no se leerían en su edición del *Cancionero de Baena* dislates como este que sigue (num. 105):

---

(35) A mesma ed. emenda: "hũa". Creio que deve ler-se:

perder tu a senhoria
d'hũa .....

(36) V. outro exemplo no mesmo t. I, p. 361, v. 5, em que se lê "danão" por "de Dânao". Cf. a nota a VI, 24.

"Señor, cara *de mono*,
Viejo, falso e contraecho,
Mal labrador de barvecho
E non tal como Ordoño..."

Porque habria escrito:

"Señor, cara de [*de*]moño..."

y asi, sobre constar el verso, estuviera obvia la consonancia, que en aquel texto no parece... En el capítulo XIII de la parte I del *Quijote* dice Vivaldo: "pues no es justo ni acertado que se cumpla la voluntad de quien lo que ordena va fuera de todo razonable discurso". Clemencín notó que en este pasaje falta la gramática, y que se remediaría con sólo añadir dos letras: la preposicion *en* después de *quien* ¡ Como que asi quiso Cervantes que se leyera, aunque no lo escribiera, o no lo estamparan asi ! "

V. tambem em nota a II, 13, 3: "enganado os" (=enganados), por "enganados os" e "rico os" (=ricos) em vez de "ricos os".

Commentario: "A redacção (de 5-6) está enleada; é certo, porém, que "estregando" tem por complemento "os olhos" (e não "os membros", como alguns teem pensado), aliás não se compreende a adversativa "mas". Effectivamente o sentido é, que os olhos queriam cerrar-se, mas os marinheiros, esfregando-os, não os deixavam ser vencidos do somno".

O commentario faz de "olhos abertos" o complemento de "estregando"; mas, como ninguem *esfrega* e muito menos *estrega* (37) os olhos *abertos*, elimina este qualificativo, que só por si torna insubsistente a explicação que apresenta. Além disso, se "olhos" fosse o complemento de "estregando", a adversativa "mas" ficaria fora do seu logar, que é no começo da oração. E ainda que fosse, que não é, uma conjunção pospositiva, como "porém", "todavia", nunca seria permittido afastá-la tanto do principio da frase.

Affirma o commentario que não se compreende a adversativa senão fazendo de "olhos" o complemento de "estregando". Compreende, se repararmos no texto. O verso 5.º forma uma oração principal de participio perfeito (cf. a nota a II, 27); os olhos estavam abertos contra seu querer; queriam fechar-se com o somno; *mas* os marinheiros, para evitar

(37) Quer se derive de **extericare*, i. é, da mesma raiz que se encontra em *tero, trivi*, como propôs G. Viana, quer venha da raiz de que se formou *stringo, strigilis* (almofaça), como julga a sra. d. Carolina Michaëlis, o verbo *estregar* exprime uma acção violenta. Conheço-o nas locuções *estrigar as orelhas a alguem, dar um estrigão de orelhas*. Não consta que outro escriptor português o houvesse empregado, além de Camões, e só neste passo. Naturalmente foi-o buscar á linguagem dos que lidavam com cavallos, não se contentando com o simples *esfregar*, para que ninguem se lembrasse de lhe dar por complemento "os olhos abertos". Estes não é possivel almofaçá-los.

isto, para espalhar o somno, estregavam e estiravam os membros. Era esta a primeira operação, para ficarem *despertos;* e depois outros

> Remedios contra o sono buscar querem,
> Historias contão, casos mil referem.

Na est. 43 refere Veloso que

> La na grande Inglaterra.....
> ..... semeaua
> A fera Erinis dura e má cizania,
> Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Commentario: "Erinys]... é o nome grego da deusa da vingança. Houve confusão na memoria do Poeta com "Eris", que é o nome grego da deusa da discordia."

Não houve confusão nenhuma. Camões usou da palavra no sentido que lhe deram Vergilio e Lucano nestes dois logares:

> In flammas et in arma feror, quo tristis Erinys,
> Quo fremitus vocat.....
>
> *(Eneida,* II, 337-8).

> ..... Iamiam civilis Erinys
> Concidet et Caesar generum privatus amabit.
>
> *(De bello civili,* IV, 187-8).

Erinys é aqui o furor, a furia personificada, e não a deusa vingadora dos grandes crimes, que perseguia inexoravelmente os scelerados, onde quer que elles se refugiassem. Neste caso usava-se geralmente do plural, pois, desde Euripides, eram tres as deusas encarregadas desta missão.

Na Erinys dos dois poetas latinos e na de Camões não entra o conceito da vingança ou castigo do criminoso: é a furia, o furor que leva os homens a combaterem uns contra os outros. Este furor poderia mythologicamente chamar-se filho de "Eris"; mas os dois poetas citados, e com elles Camões, relacionam-no directamente com as "Furias".

Em VII, 10, é a funcção de espalhar a cizânia attribuida a Alecto, uma das tres Furias:

> Entre vos nunca deixa a fera Aleto
> De samear (38) cizanias repugnantes.

---

(38) O commentario emenda para "semear", appellando para III, 84, onde se lê: "semeados". Mas o Poeta quis usar das duas formas, correntes no seu tempo. "Em vez de samear amizades semeam zizania" (*Eufrosina,* p. 287).

E desta Furia diz Vergilio, no passo da *Eneida* (VII, 325-6) citado pelo proprio commentario:

> ..... cui tristia bella,
> Iraeque, insidiaeque, et crimina noxia cordi.

Quer dizer: a missão de Erinys e de Alecto não é só punir os réus dos grandes crimes: é tambem suscitar guerras, cizânias, etc.

Est. 46. As damas da côrte inglesa, não encontrando parentes nem apaixonados que as desaggravassem,

> Com lagrimas fermosas e bastantes
> A fazer que em socorro os Deoses leuem
> De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
> Se vão todas ao duque de Alencastro.

E' omisso o commentario a respeito da disposição das palavras que ha nestes versos. E' um caso de alternancia chiastica: "Com lagrimas fermosas (1) por rostos de alabastro (4) e bastantes (2) a fazer, etc. (3). Cf. a nota a I, 57, 5-6, e o passo ahi citado do padre Vieira: "Adão... não coube (1) nem se contentou (2) com um imperio tão vasto (3), e em uma côrte tão deliciosa como o paraiso (4)". Como se vê, tambem aqui a ordem natural seria: 1, 4, 2, 3. Cf. VI, 18.

Na est. 47, 1, corrige o commentario a forma "Ingres", pois em VI, 44, se lê "Inglesa". Mas Camões, segundo o seu costume, quis deixar registada aquella pronuncia, vulgar no seu tempo, como se infere de passos dos melhores escriptores. "Escreue se nas cronicas antigas Ingresas que Argonida", etc. *(Palmeirim*, I, p. 86). "E de muytos volumes que modernos autores tresladaram das Cronicas Ingresas", etc. *(Memorial*, p. 3). Cf., ainda hoje: *ingresia*.

Est. 52. Os doze cavalleiros portugueses que vão desaggravar as damas inglesas

> Apercebem se... em tempo breue
> Darmas e roupas do uso mais moderno,
> De elmos, cimeras (39), letras e primores,
> Caualos, e concertos de mil cores.

> Bolo de trigo alqueivado,
> .....
> Per minha mão sameado
> Colhido, moído, amassado.
>
> (Gil Vicente, III, p. 85).

E' um caso de dissimilação.

(39) O commentario emenda: *cimeira*. Mas os ditongos *ai* e *ei*, quer nos *Lusiadas*, quer em outras obras do seculo XVI, encontram-se a cada passo re-

Que significa neste logar a palavra "primores"? (40) Não o explica o commentario, mas diz-no-lo o seguinte passo da *Vingança de Agamenom* (124, p. 57):

> O' quem fazelo podesse!
> mas dizem la hũ primor,
> ho qual he, se nam me esquece:
> *Liviano es el dolor.*
> *que de fora no paresce.*

"Letras e primores" são, portanto, termos synonymos, como os que ficam citados em nota a V, 5 (41). E' o mesmo que acontece com as "letras e tenções" de IV, 22:

> Outros fazem vestidos de mil cores,
> Com letras e tenções de seus amores. (42)

Est. 56. Na ida para Inglaterra o Magriço

> Passa Lião, Castella, vendo antigos
> Lugares, que ganhara o patrio Marte.

Commentario: "Não pode determinar-se bem a que factos Camões se refere."

Manifestamente allude a alguma ou algumas das incursões que em differentes reinados se fizeram na Espanha, pelos lados da Beira Baixa. Ora a que satisfaz a todos os requisitos do texto é a que se realizou no tempo de D. Diniz. "Com suas gentes bem ordenadas entrou (El-Rei) por as comarcas de Cidad Rodrigo e de Ledesma e na frontaria os Portugueses tomaram por força um castello que dizem Torres... E dahi foi ElRey D. Dinis fazendo crua guerra sem alguã resistencia nem contradição corenta legoas por Castella até o logar de Simancas, que he duas legoas de Valladolid, onde ElRey D. Fernando estava;... mas ElRey D. Dinis se tornou a um castello de Medina, que dizem Pasaldes,

---

duzidos respectivamente a *a* e *e*. Ex.: *débaxo* (I, 105), *baxo* (III, 14); *peze* (IV, 90); *ezo* (VI, 84); etc. E no *Palmeirim*: *viçera* (I, p. 59); etc.

(40) V. na significação usual em II, 94, 6.

(41) Encontram-se varias letras no *Memorial*. Cf. p. 199, 313, 315, 337; etc.

(42) Diz o commentario a este passo que "a tenção consiste em um desenho, que é o corpo da empresa do escudo, assim como a letra ou mote é a sua alma". Mas veja-se este passo do *Memorial*, p. 317: "Deyfilos... entrou no campo todo de armas verdes, e no escudo huma donzela vestida da mesma cor, ho rosto e cabeça cuberta de muitas nuves, com que não se lhe via. E dizia: Caput inter nubila condit. Sobre a qual tençam ouve pareceres, que huns diziam que ho devia dizer polla sua esperança, outros por sua dama".

e tomaram-no sem resguardo nem resistencia". (Ruy de Pina, *Chronica de D. Diniz*, c. 7). Refere-se, portanto, o Poeta á entrada que D. Diniz fez por terras de Espanha até Simancas, que já fica na Castella Velha (43). Ora é precisamente por estas terras que o Magriço, partindo do Porto (est. 53), tinha de fazer viagem para França.

Lê-se na est. 60:

Ja num sublime e pubrico theatro
Se assenta o Rei Ingles com toda a corte,
Estauão tres e tres e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Não sam vistos do Tejo ao Batro
De força, esforço e danimo mais forte
Outros doze sahir como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.

A quem se referem os vv. 3-4, aos cortesãos ou aos cavalleiros? Decerto a estes ultimos. Aquelles tinham os seus logares marcados pela pragmatica; não se tirava á sorte como haviam de ficar agrupados. Para os que tomavam parte no torneio é que era natural se recorresse ao sorteio, pois os grupos de combatentes não haviam de ser formados arbitrariamente. Eram estes, portanto, e não as pessoas da côrte que estavam tres e tres e quatro e quatro. (44)

E era esta a norma seguida, como se vê pelas seguintes palavras da obra classica de Léon Gautier, *La Chevalerie*, p. 691: *"Neuf heures du matin... C'est l'heure fixée pour l'ouverture du tournoi. Un beau cortège s'ébranle et se met en marche, hérauts en tête, jongleurs aux flancs. Les jouteurs, tous les jouteurs sont là, deux par deux, trois par trois"*. Cf. tambem este passo do *Canc. geral*, III, 126:

---

(43) Em IV, 17, já Camões tinha alludido á guerra entre Portugal e Castella no tempo do rei lavrador:

> Com quem forão contino sopeados
> Estes, de quem o estais agora vós,
> Por Dinis e seu filho sublimados,
> Se não com vossos fortes pais e avos?

Cumpre advertir que as incursões levadas a cabo no tempo de D. Affonso IV tiveram por theatro a Galliza e a Estremadura (R. de Pina, *Chronica de D. Affonso IV*, c. 34 e segg.) D. Affonso V não passou do reino de Leão, pois a batalha do Toro não o deixou ir mais além. A campanha em favor do duque de Lencastre está *in limine* excluida pelo texto: "Vendo antigos lugares que ganhara o patrio Marte", isto é: Vendo logares que *antigamente* ganhara, etc.

(44) De cada lado dois grupos de quatro e um de tres, sobrando um inglês, que ficaria, por assim dizer, de sobresaliente. Nas justas, como se sabe, o combate era entre dois cavalleiros.

Itẽ mays juguamos canas
dous por dous e tres por tres,
de duas em tres somanas,
as vezes de mes em mes.

No *Palmeirim* tambem os chefes do exercito christão, na primeira grande batalha travada em frente de Constantinopla "sayrã de dois em dois e de tres em tres" (III, p. 360), como quem vae encontrar-se com outros grupos inimigos.

Os versos 3-4 devem, portanto, unir-se, não a 1-2, mas a 5-8. O Poeta considera os espectadores e os actores já nos seus logares: "já se assenta", i. é, já está assentado o rei e a côrte; já os grupos de cavalleiros se acham em frente uns dos outros, á espera do signal para darem começo ao torneio. Os versos 5-8 conteem apenas uma observação aos versos 3-4.

Commentario a estes dois versos: "Referem-se ás pessoas da côrte. Storck cita do *Romanceiro general* de Duran: *En Troya entran los Griegos | Tres a tres y cuatro a cuatro* (n.° 474)".

O passo nada prova, pois fala dos gregos que entravam em Troia durante umas treguas:

Miéntras que las treguas duran
Que los dos reyes han dado.

Com o receio de qualquer cilada, não entram isolados na cidade inimiga, mas aos tres e aos quatro.

O que é curioso é que Storck entende as palavras do Poeta como allusivas, não á côrte ou aos cavalleiros, mas ao povo que foi sentar-se cada um por onde podia ou mais lhe agradava. (45)

Est. 64. Especificando os effeitos do primeiro recontro, diz o Poeta:

Qual do caualo voa, que não dece.

Commentario: "que não dece] "que" é particula causal; serve, em casos como este, de justificar o emprego anterior de uma expressão (aqui: voa)."

Em "voa, que não dece" temos uma das varias formas da frase rectificativa, em que *dece* é a palavra rectificada e *voa* a rectificativa.

---

(45) Das Volk nach Zufall oder nach Gelüste
Zu drei und drei sowie zu vier und vier.

Emquanto ás expressões do romance castelhano, é possivel que ellas fossem suggeridas pelo que acontecia com a entrada dos cavalleiros nos torneios. Os livros da idade-média que se occupam de assumptos antigos estão cheios de curiosos anachronismos. Basta dizer que no *Libro de Alixandro*, estr. 515, Diomedes mata em Troia "cinco viscondes". Isto para não falar em *dona* Juno, *dom* Homero, etc.

Outras maneiras de fazer a rectificação: voa, não desce; não desce, voa; não desce, mas voa; não desce, que voa; desce, ou melhor, voa. (46)

Em "voa, que não dece", o *que* é uma palavra pleonastica, pois pode eliminar-se; mas isso não impede que assuma o aspecto de conjunção causal ou consecutiva: voa, porque se não pode chamar áquillo descer; voa, de modo que aquillo não é descer (47). Cf. o *que* pleonastico integrante nas locuções do typo *emfim que* (V, 33; X, 85), isto é: *emfim (direi) que*, a par do simples *emfim* (V, 97), e o *que* pleonastico relativo em IV, 97 *(Que promessas... que lhe fardes?)*; V, 23, 5; VI, 79, 1; IX, 83, 2.

A causal ou consecutiva de VI, 64, 5, é tão pouco consistente como as integrantes e relativas que ficam citadas. A sua existencia está dependente de um *que* pleonastico (48), que, como tal, pode desapparecer.

Na est. 72, 2, 4, 7:

> Cum subito temor e desacordo,
> .....
> Toma gram suma dagoa pelo bordo:
> Vão outros dar a bomba não cessando
> Aa bomba .....

aceita o commentario as tres correcções: "Com subito", "somma" e "á bomba", mas nenhuma dellas é necessaria.

Camões não diria "Cum temor", sem determinar esta palavra por meio de um adjectivo ou oração relativa; nada impede, porém, que escrevesse "Cum subito temor". Accentua-se assim mais o conceito que se quer exprimir, pois "cum subito temor" é mais alguma cousa do que "com subito temor". Cf., por ex., VI, 97:

---

(46) E' o typo latino, com a particula rectificativa *immo*.

(47) "Quand deux semblables propositions sont réunies au moyen de *que*, la conjonction a naturellement un sens consécutif fort affaibli, et ne se distingue guère d'une conjonction de coordination... La seconde proposition n'est souvent qu'une façon plus imagée, plus pittoresque d'exprimer la première". Ritchie, cit. por Leo Spitzer (*Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*, p. 75). E Spitzer accrescenta: "São muito difficeis de marcar aqui os limites entre o *que* consecutivo e o causal; o castelhano *fuyendo van que no aguardan*, pode tambem traduzir-se: *fogem, pois não esperam*, e Ritchie cita do francês arcaico um *que causal* e outro equivalente a: *pois pelo contrario*".

(48) O *quod* e *quia* pleonasticos encontram-se bastantes vezes no latim da decadencia. Löfstedt (obra cit., p. 302) reproduz frases com *tantum quod*, *non solum quia*, *plane quia*, *vere quia*, etc. Cf. no português: *verdadeiramente que*, *assim que*, etc. "Estou onde nam espero sayr,... assi que, minha Senhora, aconselhay-me que faça" (*Palmeirim*, I, p. 8).

38 REVISTA DE LINGUA PORTUGUESA

Temperado com hum arduo sofrimento

e VIII, 64:

Cũa alta confiança que convinha. (49)

E no *Canc. geral*, I, 180:

O que vos vay na presente
sobrinho vos apresento
cuũa vontade contente,
porque de vos me contento.

"Suma" é forma que precedeu "somma" (cf. "musco" em VI, 17, 7; "terees", em VI, 49, 8; (50), etc.), e ainda não desappareceu completamente. Cf. *summa*, synonymo de resumo *(Summa theologica, Summa de casos*, etc.), *em summa;* etc.

Com relação ao *ũ*. por e a par de *aa* ou *d*, vid. as notas a I, 95; IV, 20, 4; VI, 18, 8; 88, 2; VIII, 98, 7.

Na est. 80, 1-7, diz o Poeta:

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia, (51)
.....
Chama aquelle remedio sancto, etc.

Commentario: "Por necessidade metrica o Poeta supprimiu, menos regularmente, a conjunção "que" antes de "com"."

---

(49) Cf. IX, 86, 2. Em X, 5, 8:

Cũa voz dhũa angelica Syrena,

temos a contaminação de duas construcções: *Cũa voz de*, e *Com voz de uma*.

(50) E' escusado dizer que o commentario emenda para *terees*. No *Canc. geral* é ainda corrente a desinencia em *ds* ou *ees*, a par de *eys, eis*.

Cuydados como sabes
certo cousas sam geraes,
cuydados achalos es
no comprar, quando cõpraes,
no vender, quando vendes. (I, 19).

Cf. no *Palmeirim*, I, p. 342: "De seu natural (as molheres) sam tam mudauees, que", etc. E' uma excepção como a do "terees".

(51) Além da falta do *que*, repare-se ainda na construcção asymetrica: *Vendo o mar... aberto e que subia*.

A necessidade metrica não seria sufficiente para justificar tal suppressão. A causa deve ser outra, pois a mesma construcção se encontra tambem na prosa. Cf. o passo do *Palmeirim*, cit. em nota a VI, 3, e o seguinte de Fernão Lopes: "Este disse a elRei de Castella que a çidade da Guarda domde elle era bispo, era muito forte, e na frontaria de seu reino, e todollos mais que em ella viviã eram seus criados e faziam o que lhe elle mandasse" *(Chron. de D. Joõo I*, 1.ª p., c. 43). Cf. as orações que, de relativas que deviam ser, se transformam em principaes e de que é exemplo typico este de II, 82:

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Acharse mais verdade, ó Rei benigno,
E aquella certa ajuda *em ti* esperamos
Que teve o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguro navegamos.....

Como se vê, o *em ti* do 3.º v., em vez de *em quem*, muda a qualidade da oração.

E' precisamente o que acontece tambem neste passo da *Vingança de Agamenom*, p. 102:

O' poderoso senhor,
que o justo demandar
concedes ao pecador,
e *de ti* desconfiar
he muy iniquo error!

Um exemplo do *Palmeirim* (I, p. 450): "Arnalta, a quẽ estas palauras satisfaziam muito, junto coas outras calidades, que sentia de quẽ lhas dezia, *e sua* condição era mudavel, como as mais das molheres tẽ por natureza, começou sentir", etc. As palavras sublinhadas estão por: *e que sua*, ou: *e cuja*. Cf. ainda nos *Lusiadas*, III, 60, 5-8; V, 87, 6-8; IX, 75, 4, etc. No 1.º passo, a construcção ficaria completa, lendo no 7.º v.: *alguns dos quaes;* no v. 3.º do 2.º, seria necessario subentender o relativo *cujo* e dar-lhe o logar que lhe pertence: *Mas com cujo som*, etc.; no 3.º, o *que* deveria entrar depois da adversativa: *Mas que*.

A causa psycologica da passagem das orações subordinadas — integrantes ou relativas — para a categoria de principaes, filia-se na lei do menor esforço, que omitte a relação de dependencia, como mais custosa de formular. E' um caso do predominio da parataxe sobre a hypotaxe.

Est. 88. Para acalmar os ventos, enfurecidos contra os portugueses, Venus recorreu ás "amadas ninfas belas" e

Assi foy, porque tanto que chegarão
A vista dellas, logo.....

O commentario, com a grande maioria dos editores, emenda: "A' vista". Mas não ha duvida nenhuma que o Poeta escreveu como se lê nas primeiras edições. "Assi como ja outras frotas *a vista* dos muros de Constantinopla forã destruidas,... assi", etc. (*Palmeirim*, III, p. 293). Por nenhũa via podia entrar na cidade *a vista* dos imigos" (*Ibid.*, p. 332). "Chegaram *a vista* da torre de Dramusiando a oras que o sol sahia" (*Id.*, I, 94). "Foi ter *a cidade* de Lambre;... alli se embarcou... e em poucos dias forã *a vista* do cabo", etc. (*Ibid.*, p. 162). Cf. IV, 20, 4; VI, 18, 8, e 72, 7. Emquanto ao caso inverso de *aa* ou *á*, em vez de *a*, v. I, 99, 7; VIII, 73, 2; 98, 7.

Na est. 92, depois de dizer que da gávea os marinheiros avistaram terra, observa o Poeta:

> Ja fora de tormenta e dos primeiros
> Mares, o temor vão do peito voa.

Que quer dizer "fora dos primeiros mares"? Que mares são estes? Evidentemente houve aqui qualquer alteração do texto.

O commentario explica: "dos primeiros | Mares] i. é, dos perigos que anteriormente tinham passado no mar". O sentido deve realmente ser esse, mas o texto é que não o exprime.

Creio que o Poeta tinha escripto "Medos", com a significação de "perigos". Cf. II, 47, 2; VI, 82, 1; IX, 16, 7, e tambem VI, 94, 3, e 95, 1.

Os "primeiros medos" são os da ida, a que se referem os dois primeiros e os dois ultimos destes logares; dos outros, dos da volta, fala o terceiro (IX, 16, 7). Agora, passados os primeiros medos, foge o temor vão, que já não tem razão de ser.

"Medo" com a significação de "perigo", isto é, o effeito pela causa, é vulgar no *Palmeirim*. Basta citar este passo: "Dous gigantes... se lhe puserã diante cõ grandes maças nas mãos. Mas como é Palmeirim estes medos fizessem menos medo que os outros que passara, saltando fora do cavallo", etc. (II, p. 202). "Estes medos", i. é: estes perigos. Cf. a *Ceia Policiana* de Anrique Lopes (fl. 45 v.—46):

> Nẽ vós, terseyro galerno,
> nẽ o temor desses medos
> o traram ao meu caderno. (52)

Na est. 93 o piloto de Melinde, annunciando a V. da Gama que estão chegados a Calecu, diz-lhe:

---

(52) V. *Primeira partc dos Autos e Comedias... por Antonio Prestes e por Luis de Camoens e por outros auctores... Agora novamente juntos e emendados nesta primeira impressão por Affonso Lopes... 1587* Exemplar da Bibliotheca Nacional.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece.

Commentario: "O epitheto "verdadeira" não é, como pensa Storck, para designar a "India oriental", em contraposição ás "Indias Occidentaes" ou "Novo Mundo", de que o piloto não podia ter conhecimento; mas serve de assignalar bem a idéa de que o piloto não se enganava, tendo por India a terra que descobria no horizonte".

Muito pouco saberia o piloto do seu officio, se duvidasse que era a India a terra que apparecia no horizonte.

A "terra" de 93, 1, é a de Calecu, o reino da India que V. da Gama demandava.

No final da est. 92 tinha o piloto dito:

Terra he de Calecu, se não me engano.

E agora accrescenta, já com mais segurança: esta é por certo a terra da India (e não: a India), que vós buscaes.

E como o nome de India se dava a muitas regiões, desde a Abessinia até o extremo oriente (53), o piloto emprega o qualificativo "verdadeira", para a distinguir das outras a que menos propriamente se applicava aquelle nome.

Tanto em Barros, como em Castanheda encontrou o Poeta reminiscencias ou allusões a esta pluralidade de Indias. Assim, o primeiro dá esta epigraphe ao c. 7 da *Déc.* I, 4: *Em que se descreve o sitio da terra a que propriamente chamamos India dentro do Gange.* E começa: "A região a que os Geographos *propriamente* chamam India, he a terra que jaz entre os dous illustres e celebrados rios Indo e Gange". E Castanheda, no proprio cap. em que refere a chegada de V. da Gama a Calecu, diz que esta cidade está situada no Malabar, "hũa provincia da segunda India" (l. I, c. 13).

Est. 96. Indicando os meios por que se alcança a gloria, diz o Poeta que não é

... cos manjares nouos e exquisitos,
Não cos passeos molles e ociosos,
Não cos varios deleites e infinitos,
Que afeminão os peitos generosos:

(53) E' elucidativo a este respeito o *Livro de Marco Paulo*, cuja traducção portuguesa appareceu em 1502. Logo na introducção de Valentim Fernandes se lê: "A India antre os nossos cosmografos se reparte em aquella que he alem do ryo Indo e aquem do ryo Gange e em aquella que he alem do dito ryo Gange... E toda a outra terra contra o oriente... he chamada Syn e Serica,... que as nossas simprizes chamam India septentrional". No l. III, "que falla das Indias", começa M. Paulo a descripção destas "em a ilha grande

Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude:

Mas com buscar.....

Nada diz o commentario acêrca da transposição de versos que ha nesta est. Como se vê, do v. 3.º passa-se ao 5.º e depois volta-se ao 4.º, a que se segue o 6.º Cf. a nota a I, 12.

José Maria Rodrigues.

---

de Cipangu *(Japão)* e termina-a na "provincia de Abastia" (Abessinia). "Decraradas sumariamente as principaes ilhas e regiões da India maior... e outrosy da India menor,... agora breuemente descorramos pellas terras principaes da India mediaã, a que per especial nomẽ chamam Abastia" (c. 43).

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

VII

Annotações á 2ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO VII

Lê-se na est. 11:

> Nam vedes que Pactolo e Hermo rios
> Ambos voluem auriferas areas?
> Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios.

Nas *Fontes dos Lusiadas* aproximei estes versos dos seguintes, do *Orlando Furioso* (XVII, 78):

> Pattolo et Ermo, onde si tra' l'or fino,
> Migdonia e Lidia, e quel paese buono
> Per tante laude in tante istorie noto,
> Non è, s'andar vi vuoi, troppo remoto.

Em nota transcrevi o commentario de Casella á palavra "Migdonia" (1) e accrescentei: "Naturalmente por causa da metrica e por haver uma Migdonia entre o Tigre e o Euphrates, Camões substituiu por *Assiria* a região a que se refere Ariosto" (p. 464).

O commentario limita-se a reproduzir o passo do poeta italiano; mas ha mais alguma cousa a explicar: o apparente e forçado asyndeton entre as palavras "Lidia, Assiria"". E digo *apparente*, porque a copu-

---

(1) "Tre erano le Migdonie, una in Macedonia, l'altra in Mesopotamia, la terza nella Frigia Maggiore, e di questa ultima, celebrata per la sua ricchezza e prossima alla Lidia, deve intendere l'Ariosto." *L'Orlando Furioso... con note... di G. Casella. Firenze, 1905.*

lativa surge espontaneamente no meio das duas palavras, ao pronunciá-las: *Em Lidiassiria.*

Deste artificio encontrou o Poeta varios exemplos. Assim, no *Canc. geral*, III, 261, Dido, procurando demover Enéas da resolução de a deixar, diz-lhe:

Por teu pay, as sagradas
reliquias Diliaom,
pollas setas namoradas, etc.

No 1.º verso, do *y* de "pay", seguido do artigo "as", sae a conjunção "e", que completa o verso grammatical e metricamente. (2) "Em ti se encerram a verdade a mentira... a fraqueza e a força" *(Eufrosina*, p. 82). Do *e* final de "verdade", não elidido, resulta a copulativa que falta e que os editores lá teem introduzido. (3) "As (lagrimas) que ella derramaua erã tantas, que corrião pelas faces hião ter aquelle lugar onde todo se mesturaua" *(Palmeirim*, I, p. 18). Neste passo, é o *i* de "hião" que serve de conjunção para ligar este verbo ao precedente. Cf. as notas a I, 84, 3; VI, 19, 3; 39, 6; VII, 50, 1; IX, 74, 3.

Veem aqui a proposito os dois casos já citados do castelhano:

[*He*] estado de vos ausente.

Y vinagre [*y*] yel os dan.

Note-se o plural "lavrão" sem sujeito, equivalente a "lavrão-se". Cf. "dizem" = "diz-se". "Vees tú las madexas del oro delgado que hilan en Arauia?" *(Celestina*, a. I).

Na est. 13, 4, escreveu o Poeta: "Preceptos". Commentario: "preceptos" por "preceitos" (como está em VII, 40) é graphia que não corresponde á pronuncia viva". Mas corresponde ao plano firmado pelo Poeta e que não pode ser esquecido em uma edição critica dos *Lusiadas*. "Mandamento... que de necessidade ey de cumprir, como se fosse diuino precepto" *(Palmeirim*, II, p. 423).

Na est. 18, 6, emenda o commentario "gram corrente" para "grão c." Cf. est. 26, 1, "gram viajem", que muda para "grão viagem". (4)

De conformidade com os escriptores do seu tempo, o Poeta considera dos dois generos as formas *gram (grã)* e *grão*. Por isso, tanto diz "grão Mauorte" (II, 50), como "gram Tonante" (VI, 78), "gran Senhor" (VI, 33), "gram Magriço" (VI, 62; 68), "gram rodeio" (V, 65). E por outro

(2) A ed. de Coimbra introduz no texto um "[&]", que o poeta do *Canc.* propositadamente omittiu.

(3) Ainda da *Eufrosina:* "Venha o demo escolha, taes sam huns como outros" (p. 147).

(4) Cf. "viagem" em V, 43, 1, e VIII, 61, 8.

lado: "gram victoria" (III, 115), "gram suma" (VI, 62), "gram viajem" (VII, 26), a par de: "grão victoria" (III, 55), "grão geanalosia" (5) (III, 3), "grão fidelidade" (III, 41), "grão corrente" (V, 67), "grão verdade" (VIII, 75).

E considera-as dos dois generos, naturalmente por se confundirem as desinencias *am*, *an*, *ã*, *ão*. Logo no c. 1.º do *Palmeirim* nos apparecem estas graphias: Primaleam, Juliã, paixã, liam, nam, entam, nã, perderam, tenção, seguirão, escuridão, não, menhã, tã, estauã, pareciam, empedião, sam, Soldã, mão, entã, coraçã, etc.

Est. 22. Depois de ter dito na est. 21 que "la do mar undoso" se enxerga

> Hum monte alto, que corre longamente,
> Seruindo ao Malabar de forte muro.

continúa o Poeta na est. 22:

> Da terra os naturais lhe chamão Gate,
> Do pé do qual pequena quantidade
> Se estende hũa fraida estreita, que combate
> Do mar a natural ferocidade.

Quer dizer: ao longo da costa, de norte a sul, corre uma elevada cordilheira e entre esta e o mar, portanto na direcção de leste-oeste, interpõe-se uma estreita faixa de terra. Na est. 22 fala-se da largura desta faixa; o seu comprimento infere-se da est. 21, 6.

Segundo o commentario, o Poeta, em 22, 2-3, quer dizer que a estreita fraida "se estende do norte para o sul"; mas nesse caso não empregaria, no 2.º v., a preposição *De*, mas sim *A*. "Do pé do qual" indica o ponto de partida: do monte para o mar. "Ao pé do qual se estende" é que denotaria á direcção supposta pelo commentario.

A locução adverbial "pequena quantidade", i. é, "pouco", deve juntar-se, não ás palavras que a precedem, mas ás que se lhe seguem. A faixa começa ao pé da serra, e não a pouca distancia desta, particularidade, que, embora fosse exacta, era destituida de importancia. Mas, começando no sopé da cordilheira, pouco se alarga entre esta e a costa. Isto é que cumpre saber, para formarmos uma idéa verdadeira do que é geographicamente o Malabar. (6) E é por isso que o Poeta modifica

---

(5) O Poeta leu, no *Canc. geral*, "jenelosia" (III, p. 86) e no *Palmeirim*, "genelosia" (I, p. 121) e "genealosia" (I, p. 417), e foi provavelmente esta ultima forma a que elle preferiu. O commentario emenda para "genealogia", mas accrescenta: "a pronuncia — *losia*, registada em Moraes, não é de todo certo que não fosse a de Camões".

(6) Eis o que se lê em uma das fontes do Poeta, citada pelo commentario a VII, 21: "Os quaes montes (Gate)... vem correndo contra o sul assi como a costa do mar vae á vista delle, leixando entre as suas praias e o sertão da terra hũa faixa delle chãa e alagadiça". Barros, *Déc.* I, 4, 7. Outra fonte,

tanto o verbo, como o sujeito: "se estende *pequena quantidade* uma fralda *estreita*".

Emquanto ao uso e sentido da locução adverbial cf. IV, 99, 5, e estes logares do *Palmeirim:* "Hũ delles, que de corpo era grande cantidade mayor que seu companheiro", etc. (I, p. 102). "O tomou por cima do escudo cõ tanta força, que entrou por elle grã cantidade" *(Ibid.*, p. 168).

Commentario: "pequena quantidade] equivale a: dilatando-se pouco". Como se vê, bastaria dizer: equivale a: pouco. Cf. VII, 26, 8.

Est. 27. Monçaide, depois de ter informado o emissario que V. da Gama enviava ao Çamorim, de que este se achava fora da cidade, offerece-lhe a sua casa:

> E que em tanto que a noua lhe chegasse
> De sua estranha vinda, se queria
> Na sua pobre casa repousasse.

Commentario ao 1.º destes versos: "em tanto que] = emquanto não".

A explicação é insufficiente. O que ha neste verso é a contaminação do conceito negativo — *em tanto que a nova lhe não chegasse* — com o positivo — *até que a nova lhe chegasse*. E o caso inverso tambem não é raro. "Não quereria que os seus bateis viessem a terra, ate ele *não* ir aos nauios". (Castanheda, l. I, c. 74). "E o pai parece me que te *nam* recolher a novidade nam faz fundamento de o mandar" *(Eufrosina*, p. 79). Nestes dois passos, como se vê, é o conceito positivo que soffre a contaminação do negativo. (7) Cf. as notas a I, 18, e IX, 9.

Ainda no final desta est. nos apparece outro caso de contaminação:

> ... alegria não pode ser tamanha,
> Que achar gente vezinha em terra estranha.

As construcções aqui combinadas são: — *alegria... tamanha como* — e — *alegria... maior que* —. O commentario satisfaz-se com a explicação: "Que] por "como" é arcaico". Cf. a nota a V, 86.

Castanheda (l. I, c. 13) diz: "Esta prouincia (do Malabar) começa no monte Deli, e acaba no cabo de Comorim, que he espaço de setenta e duas legoas de comprimento, e tem doze, e quinze de largo; he toda terra baixa e alagadiça;... está antre o mar indico e hũa serra muy alta". E' a esta largura de "doze e quinze legoas" (cf. VI, 59, 8) que o Poeta se refere na est. 22.

(7) Nestes conceitos ha dois elementos a que é preciso attender: o tempo que decorre antes de o facto se realizar e o momento em que este se produz. Se na mente de quem fala ou escreve prevalece o primeiro, o conceito é negativo — *emquanto isto se não faz* —; se predomina o segundo, é positivo — *até que isto se faça*. A duração é a mesma nos dois casos; os pensamentos que se exprimem equivalem-se; só o modo de os enunciar é que diverge. E vê-se por isto como é facil passar do predominio da duração que precede o facto para o do momento em que este se dá, e vice-versa, i. é, como espontaneamente se effectua a contaminação dos dois conceitos. Note-se que ha casos em que o facto é expresso sob a forma negativa, o que não tira ao conceito o caracter de positivo: "Duarte Pacheco... esperou ate que ho tempo *não fosse tão verde como era* (Castanheda, l. I, c. 89). Não lho tira tambem a negativa que recae sobre a duração: "Nã tardou muitos dias que chegou Dalisarte" *(Palmeirim*, t. III, p. 66). E com a contaminação: "Nã tardou muito que nã veo huma donzella" *(Ibid.*, p. 19).

Mas o Poeta não se limita a usar deste processo nas construcções grammaticaes: fá-lo tambem ás vezes com os proprios factos que narra, como já se viu a proposito da viagem de V. da Gama (V, 4-12). E é o que agora acontece tambem com a mensagem enviada ao Çamorim.

Em uma das suas fontes, Castanheda, leu Camões: "Surto V. da Gama... mandou hũ dos degradados que leuaua a Calicut: assi pera que visse que terra era, como pera fazer experiencia nele do gasalhado que lhe farião.... Começou logo de se ajuntar a gẽte a velo como a homem estranho... E... leuarão á pousada de dous mouros naturais de Tunes... E hũ deles... sabia falar castelhano e conhecia muyto bem os Portugueses... E agasalhou ho, & mandoulhe dar de comer... E despois que comeu, disse-lhe... que se tornasse pera as naos, & que iria coele a ver V. da Gama e assi o fez: E elle (mouro) lhe disse que el rey de Calicut... estaua então em Panane,... cinco legoas de Calicut, que lá lhe mandasse dizer como estaua ali,... o que pareceo bem a V. da Gama... e rogoulhe que fosse com Fernão Martinz ho lingoa, por quem mandou recado a el rey... (8) E chegados diante del rey, Fernão Martinz lhe disse per outro lingua que hi estaua que Vasco da Gama lhe trazia cartas del Rey de Portugal,... que se mandasse que lhas leuaria... E el rey mostrou que folgaua muyto... & mandou dizer a V. da Gama que fosse muy bẽ vindo, e que ele fosse ancorar suas naos a Pandarane... e de Pandarane se fosse por terra a Calicut, onde já estaria para lhe falar... Estando neste porto derãlhe hũ recado do Catual de Calicut... que ele era vindo a Pandarane com outros homẽs nobres por mandado del rey pera ho acompanharem ate Calicut que podia desembarcar quãdo quisesse" (l. I, c. 15 e 16).

Tudo isto é logico, verosimil, corrente.

Mas vejamos agora como Barros, outra fonte do Poeta, conta o que se passou: "Vasco da Gama, tanto que ancorou,... mandou em terra o Mouro piloto, (9) e hum degredado, notificando per elles a ElRey sua chegada, e o recado que lhe trazia, pedindo que lhe mandasse dizer quando havia por bem que fosse a elle... O Mouro,... como quem sabia a terra, foi-se logo aos paços delRey; e porque achou nova que era em um lugar que seria dalli cinco leguas, sem tornar aos navios com recado se foi a elle... V. da Gama, vendo que não vinha aquelle dia... começou tomar má suspeita delle... Porém quando veio ao outro dia á tarde,

---

(8) A fonte de Castanheda, o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*, diz apenas o seguinte: "Ao tempo que nós chegámos a esta cidade de Calecut elrey estava della quinze legoas, e o capitam moor mandou lá dous homens, pellos quaaes lhe mandou dizer", etc. (p. 52-53, ed. de 1861). Como saberia Castanheda quem eram esses dois homens? Meter-se-ia a adivinhar e calcularia que deviam ter sido Monçaide e o lingoa português? Leria isto em outra fonte?

Segundo Goes, cuja obra é posterior á de Castanheda, V. da Gama enviou Monçaide "por lingoa de dous homens", que eram "Fernão Martins e outro português". *Chron. de D. Manuel*, 1.ª p., c. 39. D. Jeronymo Osorio concorda com Goes, mas omitte o nome de F. Martins (*Da vida e feitos d'ElRei D. Manuel*, trad. de F. M. do Nascimento, I, p. 93).

(9) Era um mouro do Guzerate, chamado Malemo Caná, que V. da Gama encontrou em Melinde e levou comsigo. Barros, *Déc.* I, 4, 6. "Os malemos... erão os pilotos". Corrêa, *Lendas da India*, I, 1.ª p., p. 38.

tirou toda esta suspeita com a vinda delles e de hum piloto do Çamorij, per o qual elle lhe fazia saber o contentamento que tinha de sua vinda,... e que... depois lhe mandaria dizer quando havia por bem que fosse a elle... O dia que o piloto delRey lhe trouxe seu recado,... entre alguns... que vieram com elle foi hum Mouro per nome Monçaide, o qual por ser conhecente do piloto Malemo Caná, elle o agasalhou em sua casa, e assi o degredado, a noite que dormiram em terra... Este Monçaide... era natural do reyno de Tunez... e tivera já communicação com os Portugueses... Vindo recado do Çamorij que fosse, sahio V. da Gama", etc. (*Déc* I, 4, 8).

Tambem tudo isto é possivel e tem visos de probabilidade.

Mas como conciliar as duas narrativas? E sobre tudo: quem foi dar ao Çamorim a noticia da vinda dos portugueses? Foi o lingua Fernão Martins, acompanhado de Monçaide, como affirma Castanheda, ou foi o piloto mouro e um degradado, como se lê em Barros?

Que fez o Poeta, em presença das duas narrativas inconciliaveis? Apresentou outra versão.

Chegado a Calecut, V. da Gama manda desembarcar um português

> A fazer sabedor o Rei gentio
> Da vinda sua a tam remota parte (est. 23).

E' o *degredado* de Castanheda? Mas este saiu apenas para colher informações e para ver como era recebido em terra. Nem V. da Gama encarregaria naturalmente de tal missão uma pessoa desqualificada. Verdade é que, segundo Barros, o piloto mouro levava na sua companhia um degradado, mas não era este o que ia encarregado de falar ao rei.

O Poeta aproveitou, ao que parece, a primeira parte da narrativa de Castanheda, mas tirou ao português mandado a terra a qualidade que lhe attribue o chronista, para o encarregar da missão a respeito da qual se contradiziam as suas fontes.

Mas continuemos. O emissario de V. da Gama attrae logo as attenções de toda a gente:

> ..... a não vista arte, (10)
> A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
> Fez concorrer a vello todo o pouo (est. 23).

Ora, entre os que o rodeavam, achava-se um mouro da Berberia, que sabia falar castelhano e que, reconhecendo a nacionalidade do estranjeiro, se lhe dirigiu e o interrogou sobre o que vinha fazer:

---

(10) Cf. *Aulegrafia*, prologo, p. 2: "De modo, feição, guisa, arte & maneira — porque abafemos a copia Castelhana —, que esta foy a fonte dos enganos do mundo". Era particularidade estilistica, muito em voga no tempo do Poeta, a junção de duas palavras synonymas ou de significação muito proxima, sobretudo nomes ou verbos. "Foi cousa maravilhosa o zelo e fervor de espirito com que procurou a cura e remedio das almas,... e o alivio e refrigerio dos corpos... Assim acordado e esperto como estou, me acho e sinto tão cansado e moido", etc. Lucena, ed. da *Anthologia portugueza*, I, p. 26 e 35.

Entre a gente que a vello concorria
Se chega hum Mahometa que nascido
Fora na região da Berberia (11) (est. 24).

Informado do que pretendia o recem-vindo,

O mouro que Monçaide se chamaua,
.....
... vendo em fim que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade (est. 26).

Que faz então o português, a quem V. da Gama tinha mandado á cidade,

A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte?

Aceita o convite de Monçaide para repousar e comer em sua casa, até que "a nova de sua estranha vinda" chegasse aos ouvidos do Çamorim e

Como se longa fora ja a amizade
Coelle come e bebe e lhe obedece (est. 28).

E depois disto

Ambos se tornão logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece.

E a mensagem para o regio morador de Panane? Essa lá foi seguindo pelo seu pé e chegou ao termo da viagem, quando Monçaide ainda estava de conversa com V. da Gama e com a sua gente:

Assi contaua o Mouro: mas vagando
Andaua a fama ja pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandaua da verdade (est. 42).

---

(11) Nova divergencia. Segundo Castanheda, "chegado o degradado (a Calicut) começou logo de se ajuntar a gente a velo como a homem estranho; e yão muytos apos ele, e alguns lhe falauão (arauia), mas ele não respondia... E crendo que fosse mouro, leuarãono á pousada de dois mouros naturaes de Tunez... E em entrando ho degradado, disselhe logo Monçaide", etc. (I. I. 15). Segundo Barros, o piloto mouro e o degredado que o acompanhava tiveram de ir á terra onde se achava o Çamorim, a cinco leguas de Calecut, e na impossibilidade de voltarem para bordo no mesmo dia, foram ficar a casa de Monçaide, "o qual por ser conhecente do piloto Malemo Cana, elle o agazalhou em sua casa, e assi o degredado a noite que dormiram em terra" (I, 4, 8).

E o resultado foi que

Ja vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade, (12)
Os principaes que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.

Como resolver as difficuldades que suscitam estes passos? Como é que o português vae a terra, por mandado de V. da Gama, para notificar a sua chegada ao Samorim, e depois nem elle nem outro qualquer se desempenham desta missão, tendo o rei de Calecut conhecimento da vinda da gente estranha apenas pela fama e mandando buscar por iniciativa propria o capitão dessa gente? (13)

O Poeta encontrou tambem aqui duas versões muito differentes. Segundo uma (Castanheda, Barros), V. da Gama enviou emissarios ao Samorim, a darem-lhe noticias suas e a solicitarem-lhe o recebesse em audiencia. Segundo outra (G. Corrêa), foi o monarca indio que se antecipou, porque V. da Gama tinha estado á espera que elle, informado pelos moradores da terra, o mandasse chamar.

Eis o que se lê no fantasioso autor das *Lendas da India*, t. I, p. 1.ª, c. XVI: "Os pilotos mandarão sorgir,... porque dali (i. é, de Capocate) começaua a cidade de Calecut,... onde surgindo acodio multidão de gente á praya, toda preta,... todos com grande espanto de verem o que nunca virão: o que sendo dito a ElRey, tambem veo ver as naos... De noite V. da Gama se foy pera seu irmão e Nicolao Coelho, e antre si estiuerão praticando o modo que terião com este Rey,... que lhe parecia que seria melhor ordenar-se como embaixador... Vasco da Gama ficou com seu irmão falando com o mouro taibo, (14) que lhe disse que á terra nom fosse sem arrefem, que assi o costumauam os homens que nouamente vinham á terra... ElRey esperou que os nossos mandassem a terra, mas os nossos nom mandarão... O mouro e os pilotos dizião ao Capitão mór que mandasse a terra, elle respondia que nom hauia de sahir em terra alhea sem licença de seu dono;... e assi estando veo huma almadia carregada de lenha a vender, e porque na nao havia muita lenha a nom tomarão, e, tornando-se, o Capitão mór os mandou chamar... e mandou dar a cada hum hum vintem, e que se fossem embora... O que logo foy

(12) Contaminação de: "ambos os sexos" e "toda idade". Cf. a imitação de Bernardes, *Flores do Lima*, elegia 2.ª:

..... mil crueldades
Usadas dos que vão seguindo Marte
Em todo sexo, em todas as idades.

Aqui já é mais difficil de justificar o "todo o sexo".

(13) O commentario não se occupa do assumpto.

(14) Era, segundo Corrêa, um corretor mouro, natural de Cambaia, chamado Dauane, que V. da Gama tinha tomado na costa de Africa, antes de chegar a Moçambique, e que lhe prestou muitos serviços. Aproveitando o dito de um cafre, os portugueses puseram-lhe a alcunha de "taibo", i. é, bom. (T. I, 1.ª p., pag. 32, 35, 60; etc.)

contado a ElRey, que com os seus praticando gabaua muito a franqueza e bondade dos nossos. E perguntando ElRey tudo aos pescadores, elles lhe disserão... que nom ousauão sahir a terra porque nom tinham licença d'ElRey... No que assi estiuerão tres dias;... e vendo o Capitão mór que ElRey nom mandaua recado praticárão com o mouro... que lhe disse que deuião mandar recado a ElRey, e dizer o que querião. O que assi pareceo bem, e mandárão ao mouro que se concertasse pera ir a terra: no que estando veio de terra huma almadia grande, em que veo hum criado d'ElRey, homem fidalgo a que elles chamão Naire,... que chegando ao bordo da nao, sem entrar dentro, perguntou pelo capitão da nao... Disse o Naire que ElRey lhe mandava dizer quem era, e o que queria em seu porto... O Capitão mór respondeo que nom mandára seu recado porque nom tinha sua licença, mas agora que elle o mandaua assi o faria. Então o mouro foy com o Naire", etc. (15)

Tendo ao seu dispor as duas versões, o Poeta recorreu ao processo literario da contaminação: (16) aproveitou uma até certa altura e depois serviu-se de outra. O ponto de contacto, a sutura, está nas est. 26-27.

O português que V. da Gama enviou

> A fazer sabedor o Rei gentio
> Da vinda sua a tam remota parte (est. 23),

que, para se desempenhar da sua missão, tinha de procurar este rei, soube de Monçaide que elle

> ..... estaua fora da cidade
> Mas de caminho pouca quantidade (est. 26).

Que devia, portanto, fazer o emissario? Dirigir-se aonde estava o rei, se ainda tinha tempo; no caso contrario, voltar para bordo ou pernoitar na cidade, para no dia seguinte dar cumprimento ás ordens recebidas, visto que o Samorim não estava longe. E era esta a solução indicada, em vista das disposições de Monçaide.

Mas que faz este e o português? Procedem como se não houvesse

---

(15) Segue-se uma historia muito comprida e complicada de idas, vindas, intrigas de mouros, dilações por parte do Çamorim, etc. Nicolau Coelho foi falar com este, antes de V. da Gama. Um dos que vieram a terra foi João Martins (deve ser o Fernão Martins, de Castanheda), que foi levado á presença de um castelhano, que apparentemente tinha abraçado o mahometismo. O que com este se passa é a reproducção do que se deu com Monçaide.

(16) Da raiz *tag (tangere, contactus*, etc.) *Contaminatio* era o termo, a principio depreciativo, que se dava ao processo seguido por Nevio, Plauto, Terencio, etc., na composição de algumas das suas obras dramaticas. A uma peça grega, que traduziam ou adaptavam, cerziam scenas de outras peças, de assumpto mais ou menos parecido, ordinariamente por causa do interesse que essas scenas despertariam. São faceis de presumir os inconvenientes que daqui resultavam. "Dieses derbe Verfahren schädigte um den Gewin wirksamer Einzelheiten ohne Zweifel oft genug die Komposition des Ganzen und verursachte mancherlei unausgeglichene Widersprüche". Teuffel, *Geschichte der Römischen Literatur*, 5.ª ed., § 16, n. 9.

Sobre a contaminação de conceitos, cf., por ex., a nota a VII, 60, 1-4. A das construcções grammaticaes é mais frequente do que as outras duas especies

mensagem nenhuma a transmittir directamente ao rei; como se o estranjeiro tivesse desembarcado apenas para, com a sua presença, produzir alvoroço na cidade, e levar aquelle a inquirir do que se tratava e a proceder na conformidade do que averiguasse, que seria naturalmente mandar ir V. da Gama á sua presença.

E' por isso que Monçaide convida o português apenas a comer e repousar "hum pouco" em sua casa, "em tanto que a nova de sua estranha vinda" chegava ao Çamorim; e que depois iria com elle ver a armada.

E quando a esta chegaram, o que os dois diriam a V. da Gama é que naquelle momento já não faltaria muito para que a noticia

Da vinda sua a tam remota parte (est. 23)

chegasse aos ouvidos do Çamorim.

O que realmente aconteceu, pois ainda o mouro se achava no mar e

..... vagando
Andaua a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandaua da uerdade (est. 42).

E com isto se realizava o intuito de V. da Gama, o ser mandado chamar pelo Çamorim.

Sendo, como são, heterogeneas as duas versões, é fatal a incoherencia no ponto de ligação. E lá está ella bem patente na transformação da "mensagem" (26, 5) (que tinha de ser directamente communicada) em "nova" (27, 1) (que corre de boca em boca). E para preparar a transição contribue a clausula "de caminho pouca quantidade" (26, 8): a "mensagem", transmudada em "nova", não levará muito tempo a chegar ao seu destino.

Com a sua variante, devida á contaminação, veio o Poeta augmentar as divergencias e contradições que já existiam a respeito da maneira como V. da Gama entrou em relações com o rei de Calecut. Foi como o conta Castanheda? Passou-se o que diz Barros? Tem fundamento a narrativa de Gaspar Corrêa? Devemos cingir-nos ao *Roteiro*?

Discordancias analogas se encontram, mais ou menos, em todos os capitulos da viagem de V. da Gama, para só me referir a ella. E isto por varias causas: desleixo dos que se achavam em condições de apurar e precisar os factos e o não fizeram; falta de cuidado em ir escrevendo os acontecimentos, sem deixar decorrer muito tempo; desejo de supprir lacunas, sem a posse dos elementos necesarios para o fazer; divergencias inevitaveis em autores que escrevem independentemente uns dos outros; etc. (17)

(17) A' hypercritica do 4.º ou 5.º millenio da nossa era não será difficil demonstrar scientificamente que a viagem do Gama "aos berços onde nasce o dia" (*Lus.*, I, 27) não é mais do que um mytho solar, a que até falta o merito da originalidade, pois não passa de uma variante da expedição dos Argonautas (cf. *Lusiadas*, I, 18). As fontes historicas, allegadas pelos defensores da tradição de tantos seculos, facilmente serão postas de parte, como forjadas em data muito posterior, tantas e de tal ordem são as contradições de que ellas estão recheadas. Por muito menos se tem impugnado o valor historico de outras narrativas.

Na est. 29 conta o Poeta como V. da Gama recebeu Monçaide:

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouuindo clara a lingoa de Castella,
Junto de si o assenta.....

Commentario: "em cabo] = em extremo ("alegre en estremo", F. e Sousa). O autor de *Camões defendido* cita (a pag. 34) esta locução como vinda em Lucena (II, 11) e no *Affonso Africano* (VI, 33). G. de Amorim, com outros editores, pensando erradamente que "em cabo" quer dizer "por fim", põe virgula depois de "cabo".

E' exacta a interpretação de F. e Sousa; mas o arrazoado do commentario seria vantajosamente substituido pela transcripção da fonte do Poeta. "E quando assi... ouuirão falar (Monçaide) estauão todos pasmados.... & V. da Gama o *abraçou*, e ho *fez assentar* a par de si,... certificandolhe questaua *ho mais ledo* homem do mundo", etc. (Castanheda, l. I, c. 15). Aqui temos, nestas ultimas palavras, o "em cabo ledo" de Camões. E, antes delle, já no *Auto da feira* Gil Vicente tinha feito dizer a Branc'Anes, ao saber que quem della havia fugido era o diabo que andava na feira, feito "marchante": (18)

S'eu soubera quem elle era
Fizera-lhe bom partido
Que me levara o marido.
.....
Inda que mais não levara
Desta feira, em extremo
Me alegrara e descansara,
.....
Porque, inda que era diabo,
Fizera serviço a Deos
E a mim mercê em cabo,
E vicra-me dos ceos,
Como vem a frol ao nabo.

Aqui temos as duas locuções *em extremo* e *em cabo*, empregadas como synonymas. (19) Cf. *Marco Paulo*, l. I, c. 21; c. 61; l. II, c. 14; c. 67.

---

(18) Cf. o francês *marchand*. No português operou-se depois uma restricção de sentido. Sobre este phenomeno cf. Bréal, *Essai de sémantique*, p. 118 (ed. de 1897). E' o inverso do que se dá, por ex., com "tratante". Aqui, o conceito accessorio de *falta de seriedade no trato* tomou vulto e fez desapparecer, pela sua frequencia, a idéa de trato, e a palavra, se, por um lado, deixou de applicar-se a todos os negociantes, passou, por outro, a designar todos os que mostravam aquella falta, qualquer que fosse a sua profissão. Adquiriu, portanto, uma extensão muito maior. O mesmo aconteceu com "traficante".

(19) Com a significação local, cf. este passo do *Palmeirim*: "Foi ter cõ hũ rio de muita agoa, que tinha hũa ponte bẽ obrada e forte e em cada cabo hũa torre nã menos" (I, p. 496). Vid. III, 71, em que o Poeta diz de Siene que "pera nenhum cabo a sombra inclina". Isto é, no solsticio do verão, ao meio dia, os objectos, naquella localidade do Egypto, não fazem sombra na direcção de qualquer dos polos, pois o sol está-lhes no zénite.

Est. 32. Referindo-se á historia antiga do Malabar, diz Monçaide:

> Sarama Perimal (20) foy derradeiro
> Rei, que este Reino teue vnido e inteiro.

Commentario: "derradeiro] menos regularmente, por: o derradeiro".

Não foi sem ter encontrado precedentes que o Poeta omittiu o artigo. Assim, no *Canc. geral*, I, 265, leu elle:

> Dyzeyme per que maneyra
> em vos fale ousadamente,
> se das fremosas primeyra
> soes, & seres derradeyra
> mays afamada da gente.

Aqui temos: "primeira" e "derradeira" sem artigo, como acontecia tantas vezes com o superlativo relativo "mais" por "a mais". Cf. a nota a V, 5, e a VIII, 98.

Na est. 33, explica Monçaide como "o culto mahometico" se propagou na India:

> Succedeo que pregando convertessem
> O Perimal, de sabios e elloquentes,
> Fazem a ley tomar com feruor tanto,
> Que prosupos de nella morrer sancto.

O commentario colloca ponto e virgula depois de "Perimal" e supprime a virgula que está no fim do v. 6.º Mas não ha razão nenhuma para se deixar de fazer aqui a pausa usual. (21) As gentes que vieram "do seio Arabico", com a sua sabedoria e eloquencia, converteram o Perimal. E depois da pausa vem nova observação, já com o verbo no indicativo.

O commentario rejeita, e com toda a razão, a emenda "sabias" no v. 6.º, para concordar com as "gentes" do v. 2.º E accrescenta: "Camões empregou o masculino por synese, tanto menos de estranhar, porque o sujeito "gentes" está já muito distante, e os epithetos de "sabios e eloquentes" pertencem rigorosamente, não ás gentes na sua totalidade, mas só a uma parte, áquelles que converteram o Perimal á fé mahometana".

A falta de concordancia era usual com a palavra *gente*, mesmo sem estes requisitos. Cf. VII, 31:

---

(20) Castanheda chama-lhe Sarranaperima (l. I, c. 13) e Barros, Sarama Pereimal (*Déc.* I, 9, 3). A forma rigorosa é Chêrumân Perumâl. V. *The Book of Duarte Barbosa... Translated... and annotated by Mansel Longworth Dames. London... Hakluyt Society, 1921.* T. II. p. 3, n. 1. A dynastia dos Perumâl, oriunda dos districtos de leste, foi substituida pelas de Calecut, Travancor e Cananor. *Ibid.*, p. 4-5, n. 1.

(21) Em vez da simples virgula, melhor ficaria aqui outra pontuação que indicasse pausa maior, a pausa propria do final do 6.º verso.

Ditosa condiçam, ditosa gente,
Que nam sam de ciumes offendidos.

"O duque mandou toda aquella gente, que repartidos corressem a floresta e vissem", etc. (*Palmeirim*, I, p. 15). "A mor parte da gente que estaua na sala estiuerã pera fogir" (*Ibid.*, p. 316). "Tanta gente popular que vinhã por ver seus nouos principes" (*Ibid.*, p. 323). "Gramparte da gente faltandolhe ho capitão fogiram per outra parte e recolheramse na serra" (*Memorial*, p. 182). E com a palavra "povo": "O confuso pouo, levado da cobiça do despojo, que dos vencidos esperava, brutamente baratavam as vidas" (*Ibid.*, p. 9). Cf. ainda nos *Lusiadas*, I, 38, 3, e I, 39, 3, IV, 21; 88.

Na est. 34 diz-se que o Perimal resolveu ir ser religioso

Onde o propheta jaz, que a ley pubrica.

Commentario: "E' perifrase, inexacta, de "Meca" ("... ir morrer á casa de Mecha", em Barros); o sepulcro de Mahomet está em Medina".

Transcrevo das *Observações:* "Tanto em Barros (*Déc.* I, 9, 3) como em Castanheda (l. I, c. 13) leu Camões que o Saramá Perimal resolvera ir morrer "á casa de Meca". E no primeiro encontrou tambem a noticia expressa de que o corpo de Mahomet estava em Medina (III, 1, 3)... Não ha necessidade nenhuma de attribuir ao Poeta uma inexactidão, em que não era natural elle incorresse. Basta considerar como antecedente do *onde*, não precisamente a cidade de Meca, mas a região onde ella está e em que tambem fica Medina. Compare-se Barros (II, 3, 1): "De Zidem a trinta e seis leguas está Iudá... Da qual a Mecha, *que está metida no sertão onde jaz o corpo de Mahomed*, auerá pouco maes ou menos quinze leguoas". Indo para Meca, o monarca indio ia para o *sertão onde jaz o corpo de Mahomed*, ia para

Onde o propheta jaz, que a ley pubrica.

Emprego analogo do adverbio relativo *onde* se encontra em VII, 68, 8:

Monçaide torna: .....
Somente sey que he gente la de Hespanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha". (22)

Est. 35. Antes de se retirar para Meca, o Perimal repartiu pelos parentes os seus estados:

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dã Cranganor,
E os mais, a quem o mais serue e contenta.

(22) Observação do commentario a este logar: "onde] está, menos exactamente, por: junto da qual".

Commentario ao ultimo verso: "os mais] sc. logares; cf. III, 57,1-3. E' todavia possivel que "os" seja erro typographico, em vez de "as" sc. terras".

E' duro subentender "logares", que o contexto não suggere, ao passo que em III, 57, facilmente occorre a palavra "cidade":

> E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
> Facilmente das outras es princesa.

Emquanto ao feminino plural "terras", que aliás se encontra na fonte do Poeta, (23) nada autoriza a repeti-lo aqui, pois já fica muito afastado (VII, 33, 1), nem o sentido é precisamente o mesmo. A tudo isto me parece preferivel a emenda da ed. de 1633: "E o mais". Isto é: e o resto dos seus estados. A relação entre os dois "mais" mostra que devia ser esta a lição do original.

Na est. 36, 6, lê-se na 1.ª ed. "Camorį". O commentario emenda para "Samorí", pois "em todos os mais logares [VII, 22, 59; VIII, 81; IX, 11; X, 11, 14, 17, 28, 65] está "Samorim". E accrescenta: "é todavia notavel que em Barros I, 4, 9, está, creio que por erro typographico, "Camorij" pelo menos nove vezes".

Não tem fundamento a suggestão de que o Poeta poderia ter copiado o erro de Barros, pois este não existe na 1.ª ed. das *Décadas*. O "Ç" destas tem a respectiva cedilha, embora ligada ao corpo da letra. E se ha capitulo onde se pode fazer o confronto das duas letras é precisamente este, a começar pela epigraphe, onde se encontram os dois nomes "Calecut" e "Çamorij".

O que aconteceu nos *Lusiadas* foi o seguinte: Camões, segundo o seu costume, quis fazer uso das duas graphias: "Samorim" e "Çamorį", (24)

---

(23) "E deu a outros outras terras" (Barros, *Dec.* I, 9, 3). Nem a conversão do Perumāl, nem a consequente divisão dos seus estados e ida para Meca se podem considerar como cousa averiguada (Dames, obra cit., p. 3 e 5). Barros é o primeiro que fala no assumpto. Numa historia do Malabar, escripta em malayālam, o convertido chama-se Bāna Pērumāl, e não Chērumān. O primeiro historiador muçulmano que repete o que disse Barbosa é do principio do seculo XVII. Thorne suggere que talvez algum rei tivesse abraçado o islamismo entre 1450 e o tempo do escriptor português e que esse rei fosse confundido com o famoso Perumāl. Emquanto á divisão a que se refere a est. 35, Dames suppõe que ella se faria pelos processos ordinarios da successão, em uso no Malabar. "O Çamorim e a dynastia de Travancore occupariam provavelmente o throno já algum tempo antes da extinção dos Perumais". (II, 4-5).

(24) Transcrevo de uma nota subministrada a M. L. Dames por J. A. Thorne: "Çamidre ou Zomodri é transliteração bem adequada do malayālam Sāmūtiri, abreviado em Sāmūri (por corrupção tambem Tāmūri); daqui, pela addição que os portugueses fizeram da nasal (cf. Comorim e Cochim), Samorim ou Çamorim, o moderno Zamorin". Emquanto á composição e significação da palavra, continua Thorne, uns relacionam-na com o sanscrito *Samudra, mar*, e significaria *Senhor do mar*, o que não correspondia á realidade, nem tinha parallelo nos titulos dos principes do Malabar: para outros a palavra é composta de *Samudra* e *giri* e quer dizer *Senhor do mar e dos montes* ou *da terra que fica entre o mar e os montes*. Um fidalgo indio suggeriu-lhe os componentes *Svāmi* e *'eri* e *Çamorim* seria a denominação emphatica de *Senhor*. Os dois indianistas consideram esta explicação como verdadeira e Thorne chama a

mas faltava na typographia o "Ç" maiusculo cedilhado e dahi o erro de que elle não teve culpa.

Facto semelhante se deu com o "Cuamquem" de X, 97, 8, que o Poeta escreveu com "Ç" cedilhado, como fizeram, por ex., Barros (*Dec.* II, 8, 1), P.e F. Alvares (*Verdadeira informação*, etc., f. 120, v.); D. João de Castro (*Roteiro de Goa a Suez*, p. 84, etc.). Com a differença de que o "Cuamquem" de alguns exemplares, como o de Oxford e o que serviu a B. Caldera, para a sua versão castelhana, foi no decorrer da tiragem da respectiva folha, mudado para "Suamquem". O "Camorį" de VII, 36, é que escapou á revisão que se ia fazendo nas folhas que se estavam a imprimir e de que é caso typico o "quanto" por "que to" de II, 39, 6.

Est. 37. Para Camões só ha duas castas no Malabar:

> Dous modos ha de gente, porque a nobre
> Naires chamados sam, e a menos digna
> Poleas tem por nome, a quem obriga
> A ley não mesturar a casta antiga.

Como explicar isto, se ellas são muitas mais? Eis, por ex., o que diz Barbosa, ao terminar a enumeração e costumes dellas: "Nestes (Pareens) se acabaom has diferenças das leys dos Gentios, que saom por todas dezoito, e cada hũa he sobre sy sem se poderem tocar nem misturar em casamento; e afóra estas dezoito leys dos Gentios naturaes do Malabar,... ha outras de gentes estrangeiras mercadores e tratantes na tera" (25), etc.

O commentario nada observa a este respeito.

Camões, a meu ver, limitou-se aos extremos (26), tomando por modelo este passo de Gaspar Corrêa: "Nesta região do Malabar a casta dos fidalgos chamão Naires, que he a gente da guerra. He gente que, por sangue e costumes, são muy estremes e apurados de toda outra gente baixa...

---

attenção para o facto de Barbosa ter escripto que o titulo de Çamidre "he hũu ponto donra sobre os outros (Reys)". V. obra cit., II, p. 5-6, e 260. Com isto concorda Barros, *Déc.* I, 4, 7: "O qual por excellencia se chamava Çamorij, que ácerca delles he como entre nós o titulo de Emperador". E Castanheda: "E chamaua se çamorim que em sua lingoa quer dizer emperador" (l. I, c. 14). E Camões repete o que nos dois encontrou (est. 36).

(25) *Livro de Duarte Barbosa*, na *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, t. II, p. 337. Sobre o autor e a importancia da obra, v. o traductor inglês M. L. Dames, na introd. ao t. I. Com relação ao que Barbosa diz das cartas do Malabar, informa o indianista inglês: "The list, though not exhaustive, includes nearly all the castes of importance which still exist in Malabar... The correspondence is very close, not only in name, but in occupation and social precedence" (II, p. 70).

(26) Em todo o caso, abaixo dos Poleás ainda estão os Pareens (no texto impresso de Barbosa, Parcens), que, afora a semelhança do nome, parece que nada teem, diz Dames, com os *Parias* da costa oriental, que aliás não são actualmente a casta mais baixa (t. II, p. 69). Dos Poleás do Poeta diz Barbosa: "Estes se tem antre eles (Gentios) por malditos e escomungados, viuem nos campos e uarzeas, em lugares... honde senam por desastre podem ir gentes honradas. ... Qualquer homem e mulher que com estes se tocar matamno loguo seus parentes, e em vingança mataom dos Poleas atee que se enfadaom sem auerem pena algũa", etc. (p. 337).

E estes (a gente baixa) são tão malditos, que nom podem andar per nenhum caminho se nom bradando, por não virem de supito os Naires ter com elles, porque logo os matão;... e esta gente baixa nom podem trazer armas por se nom defender; e quando assi vão bradando, se algum Naire lhe brada, logo se metem polo mato, muy longe dos caminhos" (T. I, 1.ª p., pag. 75).

Para isto contribuiria tambem Castanheda, que, depois de falar longamente dos Naires, termina por estas palavras o c. 13 do l. I: "Ha tãbẽ outros generos de gentes no Malabar de diversas seitas e custumes que seria prolixidade dizelãs, que todos obedecẽ aos reys, senão os mouros". (27)

Como explicação do ultimo verso o commentario limita-se a dizer: "não misturar]. No português moderno teria de antepor-se a preposição "a".

Mais do que isso. Actualmente dir-se-ia: "a não *se* misturar á casta antiga", i. é, á casta nobre. O verbo, que devia ser pronominal (v. o passo de Barbosa, que acaba de ser citado em nota), está usado intransitivamente, como o "multiplicar" de VII, 12, 6. Sobre o "a" por "á" v. as notas a IV, 20, 4, e VI, 18, 8.

Est. 50. Na edição *princeps* e na outra que, com a mesma data, foi subrepticiamente publicada alguns annos mais tarde, está assim o 1.º v. desta est.:

Ja chegão perto, & não passos lentos.

A ed. de 1582 accrescentou "cõ" antes de "passos" e esta emenda tem sido geralmente admittida. (28) E' o que tambem faz o commentario, que a attribue á ed. de 1597 e observa que "já B. Caldera traduzira: *y no con passos lentos*". Creio, porém, que não é necessario alterar o texto e que o "a" que falta antes de "passos" está incluido no adverbio *"não"*, pronunciado como o "nam" de I, 51, 7; 102, 7; etc. Por outros termos: haveria aqui uma especie analoga á de VII, 11, 5.

Alguns exemplos, que o Poeta encontrou e de que não deixaria de tomar nota, segundo o seu costume, para opportunamente os aproveitar:

---

(27) Barbosa divide as castas em dois grupos: "Ha afora estas gentes acima honze leys de outras mais baixas, com que as outras se nom misturaom e tocaom sob pena de morte, e antre hũus e outros ha grandes apartamentos, guardando-se de se misturar hũa casta com outra casta" (p. 333).

(28) G. de Amorim lembra: *e não a*. A ed. das *Joias literarias* lê: *e vão com*. Se o *vão* não é erro de imprensa, o texto assim modificado está em opposição com a respectiva fonte. No dia do desembarque, "posto o Catual e elle (V. da Gama) em caminho pera Calecut, que seria dalli cinco leguas, começaram os doze que levava ficar de dous em dous, porque... era tão grande o curso dos que levavam o andor, que em todo o caminho foi V. da Gama sem elles". No dia seguinte, o outro catual, que, por ordem do Çamorim, vinha receber V. da Gama, "mandou-lhe dar outro andor que trazia adestro... e seguiram seu caminho aos paços delRey, onde V. da Gama esperou pelos seus, que não podiam aturar o curso daquelles que levavam o andor". Barros, *Dec.* I, 4, 8. E' claro que o Poeta se quer referir a V. da Gama e não aos que, por não poderem acompanhá-lo, se iam ficando atrás.

"Amtre os quaaes foi huũ castello de Portalegre" (F. Lopes, *Chron. de D. Joõo I*, 1.ª p., c. 43). Em "huũ" está o artigo da palavra "castello". (29) "A aventura a que dizeis que his, nam soys vos a quẽ nenhũa de ficar por acabar, se nam aquella que nam cometerdes" (*Palmeirim*, I, p. 173). O editor de 1786 accrescenta um *a* depois de "nenhũa", mas era escusado, pois sae desta palavra. "Aqui o tocou algũa desconfiança, que o amor e afeiçam, cõ que as olhaua, misturado *cõ pouco* que lhe parecia que era olhado dellas, o trazia desesperado" (*Id.*, III, p. 122). "Se foi *cõ* exercito caminho de Lisania" (*Ibid.*, p. 23). "Tinha por condiçã, se compria *cõ desejo*, desejar logo outra" (*Id.*, II, p. 269).

Do *Canc. geral*, V, 192:

> Dom Martinho nam me cre,
> se lhe falo, nam ve
> nem me ouue:
> vede, senhor, quem trouue
> a pedilo meu por merçe.

A syllaba que falta no 2.º verso podia supprir-se com o *e* do "cre" do verso anterior (cf. *Lusiadas*, III, 69, 2-3; II, 41, 5-6; IV, 29, 7-8); mas creio que o poeta do *Canc.* quis fazer do *nam* duas syllabas: *nam me vẽ*, em correspondencia com o *nem me ouue*, do 3.º verso. E se o não fez no 2.º verso, não ha duvida que no 4.º recorreu a este processo, pois "quem" é preciso desdobrá-lo em "quem me", para completar o sentido e a metrica. (30) Cf. as notas a V, 2, 3, e IX, 74, 3.

Na est. 53, referindo-se a Semiramis, figurada nos portaes da residencia do Çamorim, observa o Poeta:

> Ali tem junto ao lado nunca frio
> Esculpido o feroz ginete ardente,
> Com quem teria o filho competencia,
> Amor nefando, bruta incontinencia.

---

(29) Refere-se o chronista a castellos que "os poboos meudos, mall armados e sem capitam, com os vemtres ao soll, ante de meo dia... filhavom por força. Antre os quaaes", etc. (Pag. 75-76 da ed. do *Archivo Historico*). E a epigraphe do cap. diz: *"Como o castello de Portallegre e o dEstremoz forom tomados.*

(30) A ed. de Coimbra antepõe um "&" ao 2.º v. e accrescenta "[me]" depois de "quem" no 4.º Escusadamente. Cf. a nota a VI, 39, 6, e ainda este passo do *Canc. geral*, I, p. 232:

> Por trajos demasiados,
> em que todos sam jgoaes,
> sam confusos
> os tres estados; danados,
> alterados mesteyraaes
> em seus vsos.

O artigo que falta no meio do 3.º v. foi incorporado na desinencia da primeira palavra.

Neste passo da p. 172-173, t. I:

> Mas eu perdoado seja,
> se falar hu me nam chamam,
> poys que sam dos que vos amã
> que mays vosso bem deseja,

ou havemos de ler, do 3.º para o 4.º v., *amã o que*, ou esta ultima palavra equivale a *quem*, como em VIII, 25, 4.

Para explicar o penultimo verso, com o qual tambem o ultimo se acha em estreita relação, limita-se o commentario a transcrever estas palavras de Justino: *Ad postremum cum concubitum filii petisset* [Semiramis], *ab eodem interfecta est.*

E' manifesto que estas palavras não autorizariam Camões a falar na "competencia" do filho da mais que depravada rainha. E' que a fonte deste verso não é o escriptor allegado, mas Boccaccio, no *De claris mulieribus*. E como nesta obra se adduz tambem a opinião de Justino, usa o Poeta da forma dubitativa "teria". Cf. a nota a IX, 34.

Na est. 54 affirma-se que Alexandre Magno subjugou a India

Ate as agoas Gangeticas undosas.

Commentario: "Nomeando o Ganges, C. só quer dizer que Alexandre chegou á região banhada, ao oriente, pelo Ganges."

Temos por certo aqui uma reminiscencia da lenda medieva segundo a qual o conquistador macedonio chegou ás margens do Ganges e por elle foi embarcado até o paraiso. "Cette curieuse legende, diz P. Meyer, a fait plus d'une apparition dans les littératures vulgaires du moyen âge... En voici l'analyse: Alexandre, après avoir conquis l'Inde, parvient auprès du Gange. Il s'embarque sur ce fleuve avec cinq cents hommes choisis", (31), etc.

E no final da est. refere-se do conquistador da India

Que ja não de Filipo, mas sem falta
De progenie de Jupiter se exalta.

Commentario: "sem falta] = com toda a certeza, infallivelmente (cf. "Pronosticos sem falta verdadeiros," J. Fr. Barreto, *En. Port.*, X, 24; "Deves de ser sem falta algum pirata", *Lisb. edif.*, III, 51), pertence para "de progenie (= de ser progenie) de Jupiter".

Tanto aqui, como em VIII, 20, "sem falta" não tem significação especial; quasi que serve apenas para completar o verso. E' uma cunha muito usada em varias linguas. (32)

Est. 55-56. Em nota á est. 51, 8, pondera o commentario: "Superfluo será observar que as estancias 52 a 56 conteem sómente uma ficção poetica".

---

(31) *E'tude sur les manuscrits du Roman d'Alexandre* na *Romania* de 1882, p. 245.

(32) No *Vocabulario* da sua primorosa ed. do *Cantar de mio Cid*, v. *falta*, escreve Menéndez Pidal: "frase muy usada con varios sentidos: sin falta; ... cabal, justamente;... cumplida, lealmente;... puntual, solicitamente;... ciertamente;... ó más bien un ripio para el asonante... Esta muletilla es corriente en siglos posteriores; ... en la poesia francesa es también usual; ... y lo mismo en la poesia provenzal abunda "senz failla", etc.

Vejamos se isto é inteiramente exacto a respeito das duas ultimas. Dizem ellas:

Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá que outras victorias
Estas que agora olhais abaterão:
Aquí se escreverão nouas historias
Por gentes estrangeiras que virão,
Que os nossos sabios magos o alcançarão
Quando o tempo futuro especularão.

E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Não valerá dos homẽs resistencia,
Que contra o Ceo não vai da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no mundo ouuido
O vencedor por gloria do vencido.

Abramos agora as *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, t. I, 1.ª p. 69-70: "Nesta terra da India usão muito de feiticeiros e adiuinhadores, e mormente nesta costa da India, que se chama terra do Malauar;... e segundo depois soube, nesta terra de Cananor houve um tão diabolico feiticeiro, em que tanto crião, que tudo o que falou escreverão e guardarão como profecias, que havia de ser. Do qual tinhão huma lenda em que dizera que toda a India hauia de ser tomada e senhoreada de hum Rey muy longe, que tinha gente branca, que farião muito mal aos que nom fossem seus amigos, e que isto seria d'aly a muitos tempos; e deixou sinaes de quando isto seria. E com grande aluoroço que ElRey (de Cananor) houve da vista destas naos (de V. da Gama), falou com seus adiuinhadores, perguntandolhe que lhe dixessem que naos eram aquellas e donde vinham. Os feiticeiros, falando com seus diabos (33), lhe disseram que as naos eram de hum grande Rey, que vinhão de muy longe, e segundo o que achauão escrito estas erão as gentes que hauião de tomar a India por guerra e paz, como já muitas vezes tinhão dito, porque o tempo estava escrito que era acabado".

E que se não trata de uma pura invenção do autor das *Lendas*, mas que realmente havia na India, muito antes da chegada dos portugueses, profecias relativas a povos do occidente que haviam de conquistar aquella

(33) Corrêa exprime-se de conformidade com a crença formulada nestas palavras de um moderno theologo alemão (v. Himpel): "Götzendienst wird Dämonendienst, denn wo Truggestalten der Lüge, da ist auch der Vater derselben mit seinen Kräften, den *schédim*, *daimonia* (Deut. 32, 17), gegenvärtig und thätig... Dass die Götter und ihre Bilder absolute Nichtigkeiten und wider dämonische Realitäten sind, können nur die nicht begreifen, für welche letztere nicht vorhanden sind". *Wetzer und Welte's Kirchenlexikon*, 2.ª ed., 1885. T. V, 817; s. v. *Götzendienst*.

região, provam-no uma das cartas e os *Mirabilia* do missionario francês, fr. Jordão de Séverac, que foi bispo de Coulão na primeira metade do seculo XIV. (34) Da carta transcreve R. Beazley estas palavras: "Nomen nostrum Latinorum maius apud Indos, quam apud nos ipsos... Latinorum continue expectant adventum sive passagium, quia ferunt in ipsorum libris penitus esse scriptum;... tota die rogant Dominum quod accelleret optatum adventum" (t. III, p. 220, n. 1). E mais adeante, depois de elogiar a exactidão dos *Mirabilia* no que toca á Indiã, o erudito professor inglês fala das profecias a que elles se referem, nos termos seguintes: "As to the prophecies handed down among Indian pagans that the Latin nations were to conquer all the world, Jordanus here repets the tradition which he has already stated with more emphasis and detail in his mission-letter of January, 1323-4; — a tradition which is perhaps sufficiently attested by native witnesses; which four centuries later began to receive fulfilment; and which we may compare with the still existent forebodings that Hindustan is destined to be the prey of a people from the north" (p. 227).

Não pode, pois, dizer-se, como pretende o commentario, que as est. 55-56 "conteem somente uma ficção poetica".

Conhecedor de uma predição que tão bem quadrava ao plano do seu poema, Camões não deixaria de lhe dar entrada neste. E fê-lo por uma forma engenhosa, pondo-a na boca do catual.

O proprio Beazley, embora a colloque na mesma plana da outra a que allude, nem por isso deixa de observar que ella se começou a cumprir no seculo XVIII, com o dominio dos ingleses.

Commentario a 55, 1: "Sobre a collocação de "Os Portugueses" v. o com. a I, 86, 6". E aqui: "No português antigo não existia a regra de não se collocar o sujeito antes do participio nas construcções correspondentes aos ablativos absolutos latinos". (35)

Destas construcções com o participio do presente (36), umas correspondem, com effeito, aos ablativos absolutos do latim de todas as epocas (e aos accusativos da mesma especie, da epoca da decomposição da lin-

---

(34) Veja-se C. R. Beazley, *The dawn of the modern geography*, Oxford, 1906. T. III, p. 215 e segg. Trabalho notavel, de vastissima erudição.

(35) O verso commentado é este:

Outros muitos já postos em cilada.

Mas aqui, temos antes uma frase nominal, em que o participio perfeito equivale a um verbo finito. Cf. a nota a II, 27. Mais dois exemplos: "E acabo de pouco elles *acordados* do sonno; e veendose postos antre tantos deleitamentos pensavam que ja possuyam", etc. (*O livro de Marco*, l. I, c. 28). "(ElRey) mandou (ao Vedor) que ao outro dia désse gengiure o que assi se fez. E *trazido* o gengiure á feitoria, que vinha barrado com barro vermelho, porque assi o leuauão pera fora, porque hia com o barro melhor e com mais força. Mas o barro era tanto sobejo", etc. G. Corrêa, *Lendas da India*, I, 1.ª p., p. 92.

(36) Morphologicamente é o ablativo do gerundio, pois os participios do presente, e apenas os de alguns verbos, só subsistem como adjectivos ou como substantivos: *vidente, ouvinte, estante*; etc. Por outro lado, os casos do gerundio foram substituidos pelo presente do infinito com preposição: *de ver,*

gua), mas outras representam os nominativos absolutos do typo *benedicens nos episcopus profecti sumus (Peregrinatio Aetheriae*, V, 11), de que já se cita um exemplo em Quinto Curcio e que posteriormente tomaram grande desenvolvimento.

Houve, portanto, no português dois typos de frases correspondentes, um, a: *Videntibus Portugalensibus istas memorias, dicebat*, etc., e outro a: *Portugalenses videntes istas memorias, dicebat*, etc. E, ao lado deste ultimo, tambem os seguintes: *a) Portugalenses videntes istas memorias et dicebat*, etc. em que *videntes* está por um verbo no modo finito; *b) Portugalenses videntes..., dicentes*, em que não ha verbo no modo finito.

Alguns exemplos do *Livro de Marco Paulo:* "E visitando de licença do delegado ho sepulcro de nosso Senhor em Iherusalem, *e* tomarom do oleo da lampada do sepulcro" (l. I, c. 6). "Dizem que Alixandre ho grande querendo passar por a terra dos Zorzanos *e* nom pode, porque", etc. (l. I, c. 14). "E *enviando* logo em pos elles mesegeiros *mandandoos chamar*. E elles assi tornados, recebeoos", etc. (l. I, c. 6). (37)

Facilmente se vê que, perante os progressos da arte de escrever, estavam condemnados os typos correspondentes aos do nominativo absoluto e do participio como verbo finito, alheios ao latim classico, que se tomava por modelo, ficando só em campo o do ablativo absoluto: *Videntibus Portugalensibus*.

E' verdade que no latim o participio pode estar antes ou depois do nome, mas no português a falta dos casos levava a considerar a construcção "os Portugueses vendo" como a representante do nominativo absoluto latino. Era, portanto, esta que tinha de desapparecer. (38)

Relativamente á syntaxe de 55, 5-6, remete o commentario para a nota a I, 52 ("dos feios focas se navega"), onde diz: "No português moderno o emprego da conjugação reflexa como passiva só tem logar quando se não declara o agente; o português antigo não conhecia esta restricção".

Isto é apenas enunciar o facto, sem o explicar.

A voz passiva nas linguas romanicas forma-se, entre outros processos (39), pela mudança do pronome reflexo *se* em particula apassivativa:

---

para ver. Do gerundio ficou só o ablativo, com a preposição *em: em os portugueses vendo*, ou, *em vendo os portugueses*. Cf. na *Chronica do Condestabre* "sem lho contradizendo nenhũ" (c. VII), "sem se mais detendo" (c. IX), etc., ao lado de "sem mais tardar" (c. XI).

(37) Cf. *Memorial*, p. 35: "*Ho qual* (filho de Atalanta) *sendo* nam menos esforçado que seu pay Alcides, *vindo* ali Persio filho de Jupiter no cavallo Pegasseo pollo ar voando, com a cabeça de Medusa, com que converteo Atalante nos montes que ora se dizem Atalantes do seu nome, *e* em luyta lhe ganhou ho cavalo e ho escudo de Palas, chamado Egide". Aqui temos, no mesmo periodo, o nominativo absoluto *(Ho qual sendo)* e o participio *vindo* ligado por *e* a *ganhou*.

Neste passo do *Palmeirim* está o participio antes do verbo finito: "O cavalleiro da fortuna, que a dor de tã grande desuentura *sentia* dentro nalma, e *vendo* que o outro num pe:bara aquella aventura, a teue em mais do que te entã cuydaua" (t. I, p. 266).

(38) Como deixaram de ser usadas as frases do typo *Venditur libros=Vende-se livros*. As de hoje são imitações de outras linguas e não as herdeiras ou representantes daquellas. Cf. a nota a II, 103.

(39) "Com relação ao passivo, servem-se (as linguas romanicas) principalmente do verbo *sum* com o participio do preterito; no norte da Italia usa-se *fio;* além disso, é muito frequente — e no rumeno, exclusivo — o emprego

a casa vende-se = *a casa é vendida*. Nesta phase, exclusivamente apassivativa, o verbo podia ter claro o agente da passiva: *a casa vende-se pelos herdeiros*. Mas a particula adquiriu nova funcção: a de pronome indefinido, correspondente, na significação, ao *on* francês, ao *man* alemão, etc. *A casa vende-se*, isto é: *alguem vende a casa*. Ora esta nova phase já não é compativel com a indicação do agente.

O conceito por que termina a est. 56, encontrou-o Camões em mais de uma das suas fontes. (40) Falando de Cesar, que

> Cleopatra legò tra' fiori e l'erba,

diz Petrarca:

> ..... ed è ben dritto,
> Si vinse il mondo ed altri (41) ha vinto lui,
> Que del suo vincitor si glorie il vitto.
>
> *Trionfo d'amore*, 91-93.

> E sser disto sabedor
> me faz ficar no sentido
> quee conforto do vençido
> ser mayor o vencedor.
>
> *Canc. geral*, II, 323.

"O desgosto de ser vencido se desfaz em ser tal o vencedor" (*Palmeirim*, II, 540).

Na est. 60 começa V. da Gama a sua fala ao Çamorim:

> Hum grande Rei, de la das partes, onde
> O ceo volubil com perpetua roda
> Da terra a luz coa terra esconde,
> Tingindo a que deixou de escura noda,
> Ouuindo do rumor que la responde
> O eco, como em ti da India toda
> O principado está, & a magestade,
> Vinculo quer contigo de amizade.

Nos vv. 1-4 dá-se a contaminação de dois conceitos inconciliaveis, que em outros logares do poema se encontram separados.

Segundo um delles — o primitivo e que por muito tempo continuou a dominar na poesia — a terra é um disco e o sol começa o seu curso dia-

---

do pronome reflexo e ainda *vento*, na Italia, para a 3.ª pessoa do singular, e no retico para todas". Meyer-Lübke, *Gram. d. Romanischen Sprachen*, II: § 113.

(40) Em tempo suppûs infundadamente que o texto do v. 8 tinha soffrido alteração.

(41) "Cioè Amore", commenta Leopardi, *Rime di F. Petrarca con l'interpretazione di G. Leopardi. Firenze*, 1854.

rio no oriente (na India ou nos mares proximos) e vem terminá-lo no mar que banha as costas occidentaes da Europa e da Africa. O oriente e o occidente são, portanto, pontos fixos, como o norte e o sul, e por elles se pode determinar a posição de um país. Cf. I, 8, 1-4; 14, 2; 27, 8; 28, 4; III, 7, 1; 20, 4; VI, 6, 1-3; etc. V. tambem estes dois passos do *Furioso:*

Cosi fu differita la tenzone,
Fin che di Gange uscisse il nuovo albore. (42)
(XIX, 106).

Il più ardito garzon, che di sua etade
Tosse da un polo a l'altro, e da l'estremo
Lito degl'Indi a quelle ove il sol cade.

De conformidade com este modo de pensar, o que V. da Gama devia dizer ao Çamorim era isto:

Hum grande Rei, de la das partes onde
Da terra a luz solar *no mar se esconde.* (43)

Segundo a outra concepção, a terra é redonda e o sol, arrastado pelo primeiro mobil, circumda-a, produzindo successivamente o dia e a noite na direcção de leste para oeste. Estes pontos são meramente relativos; de nada serve, por isso, para determinar a situação de uma localidade, dizer apenas que ella fica para oriente ou para occidente, sem nos reportarmos a outra. O que para nós é oriente, é para outros occidente e vice-versa.

E a noite é produzida pela sombra da terra (44), ou, o que vem a dar na mesma, pela descida do sol para baixo do horizonte, quando vae levar "aos antipodas o dia". Cf. VIII, 44; X, 1; etc.

Lidos separadamente, os vv. 2-4 fazem sentido, pois formulam a theoria que acaba de ser exposta; mas não é só nas "partes onde" fica Portugal que o "ceo voluvil" produz o effeito indicado: é em todas as partes do globo.

---

(42) Cf. Dante, *Paraiso*, XI, 50-51:

..... Nacque al mondo un Sole,
Come fa questo talvolta di Gange.

(43) I, 6: se esconde da terra, metendo-se no mar. Cf. as palavras de Monçaide ao catual, em VII, 68:

Somente sey que he gente la de Hespanha,
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

(44)

Eram da sombra da terra
as nossas terras cubertas,
quando parecem desertas
as abitações sem guerra.

Canc. geral, III, 44.

Admittido que a terra era espherica e que o sol se movia em torno desta, a consequencia necessaria, a respeito da noite, era que esta provinha da sombra da terra e não do facto de o sol se esconder no mar. E a mesma explicação subsiste com o movimento real da rotação da terra.

Em summa: os dois conceitos são inconciliaveis e um delles não se presta a fixar a situação de qualquer país. Apesar disso, o texto deixa, á simples leitura, a impressão de que se trata de um rei do occidente.

O commentario, depois de observar que é isto o que o Poeta quer dizer, embora por uma forma "assaz torcida", prosegue: "esconde da terra a luz solar" equivale a: "occulta ao hemispherio oriental a luz do sol"; "co a terra", i. é, por meio do hemispherio occidental, que ficando interposto entre o sol e o hemispherio oriental, recebe então a luz do sol; "a [terra] que deixou", i. é, o hemispherio oriental".

Isto não é exacto. O que para cada logar separa os dois hemispherios a que se refere o commentario é o meridiano desse logar; portanto o sol pode andar muitas horas no hemispherio occidental, sem deixar de illuminar tambem o oriental. O circulo que neste caso se toma em consideração é o horizonte. Descendo para o hemispherio inferior é que a noite cobre o superior (45). E isto vae-o fazendo o sol successivamente; a cada momento, na direcção leste-oeste, se vae escondendo de uma parte da terra, pela interposição desta.

Commentario aos vv. 5-6: "rumor] por: fama (como tambem ás vezes *rumor*). "ouvir de", como *audire ex aliquo*. responde] Tambem *respondere* se usa falando-se do eco"...

A meu ver, "do rumor" não é complemento de "Ouvindo", mas de "eco": um rei do occidente, ouvindo a voz da fama (46) que lá chega (47), como em ti, etc. A palavra "eco" não pode estar tomada no sentido proprio, pois, saindo o som da India, seria lá que se ouviria o eco, repercutido de cá. Pelo mesmo motivo, "responde" tambem não pode ter a accepção obvia que lhe compete ao tratar-se do bem conhecido phenomeno physico. Neste, como se sabe, o som parte de *A*, ouve-se em *B* e daqui volta como eco, para ser outra vez ouvido em *A*. Na significação propria

---

(45) E' o "emisfero" deste logar da *Divina Commedia (Paraiso*, XX, 1-3):

Quando colui che tutto il mondo alluma
Dell'emisfero nostro si discende,
E il giorno d'ogni parte si consuma...

(46) Cf. VIII, 40, 6, a respeito dos progenitores illustres:

Se alta fama e rumor delles se estende.

(47) A mesma significação tem o verbo "responder" em III, 121:

Do teu Principe ali te respondião
As lembranças que na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fermosos se apartavão:
De noite em doces sonhos que mentião,
De dia em pensamentos que voavão.

As lembranças do apaixonado principe ali chegavam, ali vinham ter com a bem amada; de dia e de noite o seu pensamento ali estava sempre com ella.

Commentario: "te respondião] em logar de "respondiam (isto é, correspondiam, como *respondere*) ás tuas lembranças" é expressão abreviada, semelhante a "excedem Rodamonte" em I, 11". Mas o que o Poeta diz é que são as lembranças de D. Pedro que "respondem", chegam a toda a hora ali onde está a linda Inês, de maneira que esta anda sempre ante os olhos daquelle que tanto lhe quer.

devia dizer-se: *que de lá responde*. Mas se de lá respondesse, só cá, i. é, na India, poderia ser ouvido.

Est. 63. V. da Gama termina por estas palavras a sua embaixada:

> E da vontade em ti sobristo posta
> Me des a my certissima reposta.

Isto em oração principal, sem que o commentario faça a menor observação a respeito da forma verbal "dês". E' o chamado jussivo ou conjuntivo optativo, de que ha muitos exemplos no latim e alguns no português. "Neste (escudo) achou (Palmeirim) em campo azul outras letras, que diziã: De mayor perigo sam eu. Sejaes de camanho vos quiserdes, disse Palmeirim" (t. I, p. 389). "Tu sejas muy bem vindo com todas tuas soberbas" (Castanheda, I, c. 52). (48) Do latim cita Draeger, com *des*, estes dois passos: *Huic des quantumvis* (Plauto) e *Litteras des* (Cicero). (49) Sobre o assumpto diz Blase, *Tempora und Modi*, na *Historische Grammatik der lateinischen Sprache* de Landgraf, III, p. 128: "O jussivo e o prohibitivo da 2.ª e da 3.ª pessoa foram usados durante toda a latinidade e alternam muitas vezes com o imperativo. A opinião de que o conjuntivo exprime uma ordem mais branda do que o imperativo e equivale antes ao optativo urbano (é o que pensa, por exemplo, Stahl, *De natura atque usu imperativi apud Terentium*), deve rejeitar-se, como sustenta Loch. Encontram-se a alternar *taceas, valeas, saluos sis*, com *tace, vale, salve*".

Seja como fôr no latim, o que me parece fora de duvida é que o *dês* de Camões diz menos do que o *dá*. E' mais um optativo, do que o imperativo. Cf. tambem este passo do *Canc. geral*, II, p. 8:

> E poys ssoys outro Platam,
> esta duuyda pequena,
> pondo no papel a pena,
> ma tyreys do coraçam.

Espontaneamente se estabelece aqui, do mesmo modo, a differença entre *ma tireis* e *ma tirae*.

Com relação ao penultimo verso, é de notar a divergencia entre a construcção — *pôr em sua vontade* —, usada, por ex., no *Palmeirim*, com a significação de *resolver* (50), e a que o Poeta aqui emprega — *pôr a vontade em si* —, com o equivalente daquella.

---

(48) Do *Cantar de mio Cid*, v. 977:

> Digades al conde, non lo tenga a mal.

(49) *Historische Syntax der lateinischen Sprache*, I, 310-311. Ed. de 1878.

(50) "Achando aquelles donzeis, (o capitão) pos em sua vontade leualos consigo por força, se doutra maneira nã quisessem" (t. I, p. 42).

Na est. 67, 1, fala o Poeta nos "igneos carros" do sol. Commentario: "carros] é plural por singular, como em V, 7". E em nota a este logar: "E' plural em vez de singular, como tambem ás vezes nos poetas latinos (v. Ov. *Met.* V, 402, 643)".

Este plural pertence á linguagem dos poemas homericos, donde passou para os escriptores latinos. (51)

Est. 68. Sobre o commentario ao adverbio "onde" do v. 8 ("está menos exactamente, por: junto da qual"), veja-se a nota a VII, 34, 4.

Na est. 69, Monçaide informa o catual de que os portugueses

> Tem a ley dum Propheta, que gerado
> Foi sem fazer na carne detrimento
> Da mãy, tal que por bafo está aprouado
> Do Deos, que tem do mundo o regimento.

Commentario a "tal... Deos": "é expressão obscura, por nimiamente concisa — mas natural na boca de um mahometano de poucas letras —, equivalente a: é reconhecido como obra (= como gerado por obra) do Espirito Santo".

O que o commentario attribue ás poucas letras de Monçaide, mereceu a Ricardo Burton a seguinte observação: "As Mr. Stanley remarks (Correa, p. 200), (52) Camoens shows more knowledge of El-Islam than most Anglo-Indians of present day. *Bafo* is a translation of Ruh' Ullah (Breath of Allah); Isá bin Maryam having been conceived by the breath of the Archangel Gabriel: — therefore not subject to death, and crucified only in effigy". *Camoens' Life und Lusiads*. Londres, 1881. (No commentario a VII, 69).

Monçaide fala como muçulmano que ainda é, pois segundo o Alcorão, Jesus foi concebido no seio da Virgem Maria por "bafo" ou sopro de Deus, transmittido por intermedio do anjo Gabriel. Eis alguns passos do livro sagrado do mahometismo [traducção de Kasimirski (53)]: "Nous élevâmes (*é Deus que fala*) les prophètes les uns au-dessus des autres. Les plus élevés sont ceux à qui Dieu a parlé. Nous avons envoyé Jésus, fils de Marie, acompagné de signes évidents, et nous l'avons fortifié par

---

(51) Eis a razão que se adduz: "Pluralis saepe pro singulari quia multis partibus constat currus". *Lexikon Homericum* de Ebeling, v. *harma*.

(52) Palavras deste escriptor: "In the speech which (Camoens) puts into the mouth of the Moor Monzaide the poet shows more knowledge of the opinions of the Moors than is to be found generally at the present day, for Monzaide says to the Catual of the Portuguese", etc. Henry Stanley. *The three voyages of Vasco da Gama, London, Hackluyt Society*, 1869. Seguem-se os primeiros versos de VII, 69, traduzidos por Burton, que naturalmente foi quem ministrou a Stanley a observação que acabo de transcrever. Emquanto áquelle, são bem conhecidas as suas viagens de exploração em regiões habitadas por muçulmanos. Basta dizer que foi a Meca e a Medina, disfarçado em xeque. E no meio da sua agitada vida, ainda teve tempo para ser um distinto camonista.

(53) *Le Coran, traduction nouvelle faite sur le texte arabe... Avec notes, commentaires et préface. Paris, 1858.*

l'esprit de la sainteté... (54) Un jour les anges dirent à Marie: Dieu t'annonce son Verbe. Il se nommera le Messie, Jésus fils de Marie, illustre dans ce monde et dans l'autre, et un des familiers de Dieu... Seigneur, répondit Marie, comment aurais-je un fils? aucun homme ne m'a touchée. — C'est ainsi, reprit l'ange, que Dieu crée ce qu'il veut. Il dit: Sois, et il est... Nous envoyâmes vers elle notre esprit. Il prit devant elle la forme d'un homme d'une figure parfaite. Elle lui dit: Je cherche auprès du Miséricordieux un refuge contre toi. Si tu le crains... (55) Il répondit: Je suis l'envoyé de ton Seigneur, chargé de te donner un fils saint. — Comment, répondit-elle, aurais-je un fils? Aucun homme n'a jamais approché de moi... Il répondit: Il en sera ainsi; ton Seigneur a dit: Ceci est facile pour moi. Il sera notre signe devant les hommes, et la preuve de notre miséricorde. L'arrêt est prononcé. Elle devint grosse de l'enfant, et se retira dans un endroit éloigné... Souviens toi aussi de celle qui avait conservé sa virginité, et en qui nous soufflâmes une partie de notre esprit... Et Marie, fille de Imran, qui conserva sa virginité, nous lui inspirâmes une partie de notre esprit". (II, 254; III, 40, 42, 43; XIX, 17-22; XXI, 91; LXVI, 12).

Releia-se o passo dos *Lusíadas* e ver-se ha como é justa a observação de B. Burton a respeito do conhecimento que o Poeta mostra da doutrina do islamismo.

Tambem não é preciso observar que é inexacta a equivalencia do commentario, se dermos ás palavras "Espirito Sancto" a significação que tem na dogmatica christã. (56) E parece que noutra não pensou elle.

Na est. 70 continua Monçaide a sua informação, referindo-se ás guerras entre os portuguezes e os mouros:

Porque elles com virtude sobrehumana,
Os deitarão dos campos abundosos
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraueis, & famosos:

---

(54) Em nota: "Par l'esprit de la saintetê, Mahomet entend l'*ange Gabriel*".

(55) Em nota: "Il faut suppléer par ces mots: Tu ne t'approcheras pas de moi. L'ange Gabriel, qui, selon les mahométans, est le Saint-Esprit, s'approcha de Marie et souffla sur son sein. Le souffle divin descendit dans son sein, et engendra Jésus". Cf. os commentadores do Alcorão, citados por Marracci, na *Refutatio Alcorani*, Padua, 1918, p. 113 e 411. Diz um delles: "Cum autem Gabriel insufflasset in aperturam tunicae eius (sc. Mariae) ad collum, illa concepit". E outro: "Accepit Gabriel digitis suis sinum aperturae indusii eius ad collum et insufflavit in eum et pervenit flatus ad uterum et concepit". O vocabulo "bafo", que o Poeta põe na boca de Monçaide, é o correspondente literal do "souffle" e do "flatus", que se lêem nestas transcripções; é a expressão onomatopaica do phenomeno que estas duas palavras significam. Cf. Meyer-Lübke, *Etymol. Wörterb. d. rom. Spr.*

(56) Partidarios da unidade absoluta de Deus, os mahometanos rejeitam a Trindade e portanto a divindade de Jesus e o Espirito Santo, que, para elles, como fica dito, é o anjo Gabriel. Jesus não é mais que um profeta de categoria superior, um enviado de Deus, como o foram, por ex., Abrahão, Moisés, David e Mahomed.

E não contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades, & altos muros.

No 3.º v. o commentario corrige, com outros, o genero do epitheto "fresca", argumentando com IV, 28 (Guadiana... medroso) e VIII, 29 (o Goadiana). (57)

Fiel ao seu proposito, por tantas formas e tantas vezes revelado, o Poeta empregou o nome deste rio sem artigo (IV, 28; VIII, 29), com o artigo masculino (cf. a nota a VIII, 3), e no genero feminino, pois deste o fazem os respectivos povos ribeirinhos. (58)

Outra emenda feita pelo commentario, com a observação de que é já antiga (data de 1613), é a eliminação do segundo "e" do v. 5 (. *é na A.*)

Tambem sem motivo, tanto aqui, como em VIII, 55, 6:

E quando hũ bom em tudo he justo, & sancto,
E em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal coelles poderá ter conta
A quieta inocencia, em so Deos pronta.

Não é preciso ser muito lido nos nossos melhores escriptores, que antecederam o Poeta ou foram seus contemporaneos, para travar relações com aquelle "e", que tão estranho nos parece hoje, mas que devia ficar exemplificado nos *Lusiadas*. Com o que o Poeta não contou foi com o zelo dos editores e commentadores da sua obra.

Alguns passos apenas, dentre os muitos que seria facil colligir. "E se lhe algũ dizia que era clerigo, *e* ell respondia que assi era clerigo como elle" (F. Lopes, *Chronica del Rei dom Joam*, 1.ª p. c. 110, p. 136, ed. do *Archivo Historico*). "E como forom na teemda do Meestre, *e* elle mamdouhos todos tres premder" (*Ibid.*, c. 177, p. 333). "Pella multidom das rybeiras que no caminho acharom *e* em muytos lugares lhes foy neçessario seu caminho per muytas vezes ser retardado" (*Livro de Marco Paulo*, l. I, c. 5). "Os homẽs desta Armenia que antijguamente tinham fama de grandes e ardidos guerreiros, *e* agora som feitos bebedos e temerosos. Alli esta sobre o mar hũa cidade", etc., (*Ibid.* c. 11). "Quanto (= Quanto ao) mais que dizeis, *e* eu volo concedo, mas eu vim ao mundo", etc. (*Eufrosina*, p. 134). (59) "Pedio a... Licofontes... que com cem

(57) Este segundo logar não deve ser adduzido, pois na edição *princeps* lê-se:

Que entre o Tarteso, & Goadiana habita.

Foi a outra supposta ed. de 1572 que introduziu o artigo. Era mais um *melhoramento*, como muitos outros que nella se fizeram.

(58) Informações de dois collegas meus, os drs. Nunes e Fortes, um, algarvio, e outro, alentejano.

(59) A ed. de 1918 supprime o *e*.

cavaleyros saltasse com os dous gemeos, e porque era fama que ambos saquearam ho castello, *e* lhos trouxesse presos" (*Memorial*, p. 209). "E Pandaro que cõ o peso do corpo e armas ja nam podia soster se, *e* andaua tã afrontado, que nam podendo menear se, lhe cahio a maça das mãos e elle no chão desapoderado de toda sua força (*Palmeirim*, t. I, p. 258). "E posto que ainda a este tempo recreciã caualleiros *e* o imperador os mandou tornar, nam querendo que houvesse mais justas" (*Id.*, t. II, p. 47.

Este "e", a que Löfstedt chama illogico (unlogisches *et*), (60), herdamo-lo do latim popular. (61) E neste explica-se, em muitos casos, observa o referido autor, pela tendencia para a construcção paratactica, que se revela constantemente na linguagem do povo. Começa-se por uma oração subordinada, esquece-se depois o caracter desta e liga-se-lhe a principal por meio da copulativa, como se ambas fossem da mesma especie. O caso, porém, torna-se mais complicado, quando a primeira oração se reduz a poucas palavras e não ha por isso motivo para se não reparar na sua qualidade. Frequentes vezes, continua ainda o escriptor sueco, somos levados a pensar na influencia grega (62), e esta existirá realmente em traducções ou refundições de textos desta lingua; mas não pode contestar-se a existencia de um *et* illogico authenticamente latino. (63)

Est. 71. Exaltando o valor militar dos portugueses, declara Monçaide que elles

> Nam menos em mostrado esforço e manha,
> Em quaesquer outras guerras que aconteção,
> Ou das gentes beligeras de Espanha,
> Ou la dalguns que do Pirene deção.

Commentario a este ultimo verso: "Não é claro a quem pretende o Poeta referir-se; segundo F. e Sousa, fala-se das campanhas de Viriato e Sertorio contra os exercitos mandados de Roma".

Basta dizer que em Aljubarrota, segundo o Poeta leu em F. Lopes (*Chronica de D. João I*, 2.ª p., c. 37), os castelhanos tinham comsigo cinco mil lanças estranjeiras. Tambem depois, na campanha de 1387, "alguns deceram do Pirene", com quem os portugueses tiveram de se defrontar. "El-rei de Castella... estava em Çamora, quando o duque (de Lencastre)

---

(60) Cit. *Philol. Kommentar.*, p. 201.

(61) Plauto já assim usava do *atque* (mas não do *ac*, *et*, ou — *que*), quando precedido de oração temporal. "*Quum ad portum uenio, atque ego illum illic uideo praestolarier* (*Epidicus*, 217). Obr. cit., p. 203.

(62) No grego a particula *kai* é conjunção copulativa, equivalente ao *et* latino, e adverbio, com a significação de *tambem*. A este corresponde o *e* de VII, 70, 5, e até certo ponto o de VIII, 55, 6.

(63) Dois exemplos do Dante, *Purgatorio*, III, 82, e IV, 90:

> E ciò che fa la prima, e l'altre fanno.
>
> E quanto uom più va su, e men fa male.

aportou na Corunha,... e porque soube que el-rei (de Portugal) e o duque tinham ordenado de entrar por esta comarca, enviou a aquella parte,... e aos outros lugares d'arredor, muitos estrangeiros e de sua companha pera a defenderem;... e aquelles fidalgos estrangeiros, que de França e doutras partes pera o servir nesta guerra vinham, elle os recebia mui bem" (*Ibid.*, c. 101).

Não é preciso mais nada para se entender e justificar o que diz Camões.

Est. 74. Na capitaina, onde Paulo da Gama recebeu o catual, via-se, nos toldos e nas bandeiras,

> ..... pintura fera,
> Que tanto que ao gentio se apresenta,
> A tento nella os olhos apacenta.

Commentario ao v. 7: "Que tanto que... se apresenta] é construcção como "que... quando ardêrão" em III, 16".

São de especie differente as duas construcções. Em III, 16:

> Logo os montes da Nimpha sepultada
> Pyrene se aleuantão, que, segundo
> Antiguidades contão, quando arderão,
> Rios de ouro & de prata antão correrão,

o *que* do 2.º verso pertence a duas orações: é sujeito da de *ardêrão* e torna relativa a do ultimo verso, sem nella exercer outra qualquer funcção. E' uma construcção semelhante a esta do latim: "Ea suasi Pompeio, quibus ille si paruisset, Caesar tantas opes non haberet" (Cic., *ad Fam.* VI, 6, 5.

Ora em VII, 74, a syntaxe é outra: o relativo, invariavel, é determinado por um pronome demonstrativo, emquanto ao genero, numero e caso, e pertence, como complemento, á oração a que dá o nome. Isto é: *que... o = o qual; que... delle = do qual; que... nelle = no qual;* etc.; ou = *a quem, de quem, em quem;* etc. Cf. I, 95, 1; II, 40, 3; 43, 4; VII, 40, 7-8; IX, 66, 3; X, 77, 5-6; etc. (64)

Era decomposição vulgar ainda no tempo do Poeta. "Porém Brandamor, que ho nam vencia payxão nem desconfiança... disse", etc. *Memorial*, p. 193. "Junto (da montanha) ia um valle, que co'a escuridão da noite se encobria a frescura delle". *Palmeirim*, I, p. 265.

Esta mesma determinação se pode tambem fazer pelo pronome possessivo, do que temos um exemplo em X, 39:

---

(64) Em certos casos o *que* pode explicar-se como conjunção causal. Cf. I, 95, 1; IX, 66, 3; etc.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto (65)
.....
Pello Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome .....

Em vez de: *que... seu nome*, dizemos hoje: *cujo nome*. "Elrei, que sua idade não podia com tamanho contentamento, se encostou sobre a cadeira". *Palmeirim*, t. I, p. 319.

Era mais facil indicar por este processo a funcção grammatical do relativo, do que pela maneira como hoje o fazemos. Cf. a nota a IX, 91.

A est. 77 começa na edição *princeps* por este verso:

Alçase em pê, co elle os Gamas junto

O plural "os Gamas" não pode ser do Poeta. Quem recebeu o catual foi só Paulo da Gama, pois o irmão estava em terra, á espera da resposta do Çamorim (VII, 64-65) e só dias depois é que voltou para bordo (VIII, 95). (66)

Commentario: "Barreto Feio foi quem primeiro viu em "os Gamas" erro typographico".

A meu ver, houve uma emenda propositada, feita no manuscripto do Poeta, por quem leu estas oitavas com tanta attenção como os editores e commentadores que precederam Barreto Feio. Só se deu pelo erro na primeira metade do seculo XIX! O plural "juntos" é que poderia ter provocado o plural anterior; mas o singular daquella palavra contraria o allegado erro de imprensa.

Nesta mesma est. "venerando" está em rima com "Mauritano" e "humano". Commentario: "E' evidente que só por distracção Camões escreveu "venerando", tendo certamente na lembrança o verso de IV, 94, "Mas hum velho de aspeito venerando"... soberano (é a emenda preferida pelo commentario) é conjectura de F. e Sousa; a ed. de 1651 traz "sobrehumano".

Não é necessario fazer emenda nenhuma. Camões quis deixar exemplificadas nos *Lusiadas* desde as rimas de palavras identicas no som e

---

(65) Neste passo e no começo da est. seguinte:

Esta luz he do fogo, & das luzentes
Armas, com que Albuquerque, etc.,

ha uma reminiscencia do *Inferno* de Dante, IV, 67-69 Guiado por Vergilio, o poeta florentino, ao aproximar-se, no limbo, do sitio onde estavam Homero, "poeta sovrano", Horacio, Ovidio e Lucano, e onde o autor da *Eneida* tinha tambem o seu logar, viu

..... un foco
Ch'emisperio di tenebre vincia,

e colligiu logo

Ch'orrevol gente possedea quel loco.

(66) V. da Gama desembarcou em uma segunda feira, 23 de maio, e voltou para bordo no sabado da mesma semana. Castanheda, I, c. 16 e 22.

na categoria grammatical ou iguaes só naquelle (67), até as rimas imperfeitas, em que as proprias vogaes accentuadas fazem alguma differença. E' o que nesta est. se verifica, pois, além da rima não ser consoante, ao *o* nasal de "venerando" corresponde o oral de "Mauritano" e "humano".

Cf. esta quadra do *Canc. geral*, II, 327:

Deyxe o paço, & as damas
quem for da vossa maneira,
hynda que para mudanças
sereys a moor dançadeira.

Como se vê, o caso é precisamente o mesmo: na rima assoante "damas" e "mudanças" o "a" da assonancia é oral na primeira palavra e nasal na segunda. Maior differença se nota ainda nos versos 2.º e 3.º da seguinte quadra do mesmo *Canc.* (t. III, p. 347):

Assy salue deos minalma,
e a liure de afronta:
eu vos ey medo a tormenta,
& assy aa grande calma.

Na est. 86 assegura o Poeta que não ha de cantar

..... quem acha que he justo & que he dereito
Guardase a ley do Rei seueramente
E não acha .....

"Guardar-se" lê o commentario no 2.º verso e observa que "a correcção é já da ed. de 1584". Mas o Poeta com certeza escreveu o que está na ed. *princeps*, para deixar exemplificada a assimilação do "r" ao "s" e a consecutiva simplificação dos dois "ss". Duma e doutra alteração phonetica podia elle ter feito ampla colheita, e de certo a fez, no decurso das suas leituras. Alguns casos:

Nam pode meu coraçam
libertasse de catiuo (68)
por quee grande assogeyçam
em que viue, & em que viuo.

Canc. geral, V, p. 51

Como puede sin passion
y alteracion
conseruase el casamiento?

Gil Vicente, *Copilaçam*, etc., 1.ª ed., fl. X v.

(67) Cf. em VIII, 94, o verbo "val"; em I, 81, "deste geito" e "de geito"; em IV, 102, "Profundo" e "profundo"; VI, 56, "se parte" e "parte" (verbo); em VII, 59, "em vista" e "vista" (participio).

(68) A ed. de Coimbra introduz o "r" em logar do primeiro "s"; "liberta[r]se".

"Donde se segue não auer feitos bons pera escreuer, nem quem os escreua, e apagasse assi tudo por culpa de invejosos inabeis" (*Ulysippo*, a. V, sc. 1.ª). "Tornaua se a consolar, lembrando lhe que quã obras tam assinadas fazia, ainda que quisesse encobri se, ellas nã o consentiriam." (*Palmeirim*, I, p. 499) "Os lares... induziram fazese (69) o delfico orago" (*Eufrosina*, p. 5). Cf. estes dois versos do *Cantar de mio Cid*, ed. de Menéndez Pidal:

Nos detardan de *adobasse* essas yentes cristianas (v. 1700).

Bolvió la rienda al cavallo por tornasse de cara (v. 3659).

José Maria Rodrigues.

(69) Rodrigues Lobo emendou para "faserse".

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

VIII

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO VIII

Est. 2-3. Apontando para a primeira das figuras pintadas nas bandeiras, diz Paulo da Gama ao catual:

> Este que ves he Luso, donde a fama
> O nosso Reino Lusitania chama.
> .....
> Do Douro, Guadiana o campo ufano,
> Ja dito Elisio, tanto o contentou,
> Que ali quis dar aos ja cansados ossos
> Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O commentario aceita a correcção "Do Douro e Guadiana" e entende que "a identificação do campo Elysio com a Lusitania provém certamente da semelhança de som entre "Elysio" e "Lysa".

Vejamos se ha para isso algum fundamento.

a) O Poeta, como se vê pelo contexto, quer referir-se á região a que Luso deu o nome, á Lusitania. Ora esta, para os romanos, ficava situada entre o Douro e o Guadiana (1). Não lhe bastava, portanto, dizer:

> Do Douro e Guadiana o campo ufano,

pois não havia motivo para excluir, por ex., os campos do Tejo ou os do Mondego. O que devia era indicar os limites do "campo" que de Luso re-

(1) "A Lusitania romana continha toda a região portuguesa de entre Doiro e Guadiana". Dr. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, t. I, p. XXIII.

cebeu o nome. E foi o que fez, escrevendo o que está na edição *princeps*, para se ler: "Do Dourò Guadiana", em que o *ò* resulta da contracção de *o* com *ao* (2).

Não faltam disto exemplos nos livros que o Poeta leu ou podia ter lido. "Quanto mais que dizeis, e eu volo concedo" (*Eufrosina*, p. 134). "Quanto mais", isto é: "Quanto ao mais". "(Cariophilo) diz verdade, dai o demo (= *dai-o ao demo*) que assi as conhece" (*Ibid.*, p. 165). "O nom̃e de nosso senhor Jesu Christo dado esquecimento (= *dado ao esquecimento*) em tanta multidom̃ de pouoos" etc. (*Marco Paulo*, prologo, Avj.). Veja-se tambem o caso analogo de *oo* por *a ao* neste passo de *Canc. geral*, I, 178.

> Item nam he manha fea
> quem achar *damoo* escuro
> estar quedo, & muy seguro,
> & bradar pola candea.

Cf. a nota a IX, 74,3.

b) Não se compreende como a simples "semelhança de som entre Elysio e Lysa" levasse o Poeta a chamar á Lusitania "campo Elisio', em vez de "campo Lisio".

Era este e não aquelle o nome que lhe quadrava. E foi de certo isto o que o Poeta exarou no manuscripto dos *Lusiadas*, pagando assim ao "irmão ou companheiro" de Luso uma divida que estava em aberto desde III, 21:

> Esta foy Lusitania, diriuada
> De Luso, ou Lisa, que de Bacho antigo
> Filhos forão pareçe, ou companheiros,
> E nella antam os Incolas primeiros.

De Lisa derivou-se Lisitania (3) e todavia o Poeta só se refere ao nome que provém de Luso. Não admira por isso que agora, ainda que a proposito deste ultimo, chame "campo Lisio" á Lusitania. Em III, 21 "Lusitania" deriva de "Luso ou Lisa"; em VIII, 3, a região em que Luso acabou os seus dias, dando o nome aos Lusitanos, é o "campo Lisio". E assim já Lisa não tem razão de queixa.

Accresce ainda que, devendo o qualificativo de "campo" derivar de "Luso" ou de "Lisa", pois é da Lusitania ou Lisitania que se trata, o adjectivo "Luso" offerecia o inconveniente de se confundir com o respe-

(2) Relativamente ao artigo antes de "Guadiana", v. a nota a VII, 70.

(3) Em uma das notas ao *Vincentius* de Resende tinha Camões lido: "Tam a Luso, quam a Lysa, regio nomen adcepit. Et a Luso Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania. Utroque enim modo adpellatur" (II, 84).

ctivo nome proprio (4). O Poeta não diria que "o campo já dito Luso tanto contentou Luso, que ali quis" etc. Restava, portanto, "Liso", já usado por Diogo de Teive (5), ou, melhor ainda, "Lisio", de que se tinha servido Manuel da Costa, o *Subtil* (6).

Para nos convencermos de que não é ao Poeta que pertence a responsabilidade do "Elisio", basta ponderar que ninguem havia collocado os "Campos Elisios" na região situada entre o Douro e o Guadiana. Foi na Turdetania, nas margens do Betis, e não na Lusitania, que Estrabão localizou o *Elysion pedion* de Homero (7).

O não se ter relacionado "Lisio" com "Lisa" faria suppor a existencia de um lapso no manuscripto dos *Lusiadas* e dahi a pretensa correcção.

A significação do adverbio "já" é determinada pelo contexto.

Se com "Elisio" quereria dizer "outrora", como no passo citado pelo commentario (III, 44,3), junto a "Lisio" equivale a "depois", "desde então", "agora".

"Peço vos... que daqui por diante me tenhais por vosso, pera vos servirdes de mi; porque *ja* os que souberem que o sam tratarmeham como vosso" (*Palmeirim*, I, p. 31). "*Ja* ey de esperar que me vença algué" (*Id.*, II, p. 370).

Est. 5. Com relação aos vv. 7-8:

> Grandes batalhas tem desbaratadas
> Que as agueas nas bandeiras tem pintadas,

ao que fica dito em nota a V, 9, devo accrescentar o seguinte: No *Purgatorio* leu Camões que Dante viu ali representado num baixo relevo o facto da vida de Trajano que valeu á alma deste ser tirada do inferno (8). O imperador estava a cavallo, acompanhado de numerosa comitiva de cavalleiros (versos 74-81 do c. X).

---

(4) Ao adjectivo "Luso", varias vezes empregado pelo Poeta (II, 48; III, 114; VII, 45; X, 13; 27; 44), falta-lhe um suffixo que o caracterize como tal. Foi por isso que o dr. Diogo de Brito, no epigramma que antecede a *Monarchia Lusitana*, 1.ª parte, recorreu á forma *Lusius* (*Lusia fama*). E foi tambem por certo esta uma das razões por que o Poeta escolheu para titulo da epopéa o derivado *Lusiadas*, da autoria de André de Resende. Em todo o caso, com os "Lusos" podem comparar-se os "Antenori" do Dante (*Purgatorio*, V, 75) e talvez os "agenores" de J. de Mena, no *Labyrintho*, coplа IV. Cf. "os Malabares, "os Chinas", "os Japões", etc.

(5) *Horrea Lysa*, por ex., na *Institutio Sebastiani Principis*, Salamanca, 1558. Foi talvez o "Lysus" que deu origem ao "Lusus", embora não seja a mesma a relação entre os dois adjectivos e os seus substantivos.

(6) *Lysio rege, Lysiis finibus*, etc. do *De Nuptiis Eduardi*, etc. publicado em Coimbra em 1552 e reimpresso, no *Corpus poetarum*, do Padre Reis, t. I p. 283 e seguintes.

(7) *Strabonis Geographica* (Paris, Didot), I, 124. Do assumpto me occupo desenvolvidamente no opusculo *O campo "já dito Elisio" dos Lusiadas*. Coimbra, 1913.

(8) "Si diceva a' tempi di Dante, che S. Gregorio aveva tratto dall'inferno l'anima di Traiano, per la sublime giustizia, che esso principe aveva usata ad una poverella". *La Divina Commedia... con note... raccolte dal dott. G. B. Francesia*. Torino, 1905.

.....e l'Aquile (9) nell'oro
Sovr' esso in vista al vento si movieno.

Ora as "aquile nell'oro" são, como explica Scartazzini, "le romane aquile effigiate in campo d'oro" (*La Divina Commedia riveduta... e commentata*, 1893).

São "aguias pintadas nas bandeiras", pois com razão pergunta este commentador: "Si muovono al vento aquile di metallo massiccio?" (10).

Na est. 9 conta o Poeta que o conde D. Henrique,

Depois de ter cos Mouros superado
Galegos, & Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa, etc.

Commentario ao 1.º verso: "cos Mouros] liga-se a "Galegos e Leoneses".

Segui tambem esta opinião no c. II das *Fontes dos Lusiadas* (p. 37); mas hoje parece-me que o Poeta não quis dizer: "depois de ter superado, vencido, mouros, galegos e leoneses", mas sim: depois de se ter mostrado superior aos galegos e leoneses nas guerras contra os mouros (11). E' a interpretação do Morgado de Matheus (*Lusiadas*, ed. de 1817 p. 390), que se abona com IV, 8,8. E é a que melhor se coaduna com III, 23-26, e com a respectiva fonte. *a*) O conde D. Henrique veio ajudar D. Affonso VI na guerra contra os mouros (III, 23-26) e nella se mostrou superior aos galegos e aos leoneses (VIII, 9). *b*) Duarte Galvão colloca as guerras com os leoneses (e não menciona os galegos, note-se), depois da vinda de Jerusalem, e não antes da ida, como é preciso admittir na explicação do commentario. Eis as proprias palavras do chronista, por elle citadas: "depois que assi ho Conde D. Anrique veyo de Jerusalem nom lhe cessarão guerras com hos Liunezes" (cap. 4).

Verdade é que estas expressões não excluem guerras anteriores, mas Galvão é que não allude a ellas.

E' meramente subjectiva a explicação que o commentario adduz da supposta alteração da ordem chronologica. "Cam. colloca depois das guerras com os leoneses a ida do conde á Terra Santa (v. III, 27), para representar este acto religioso como a coroa da vida de D. Henrique" (12).

---

(9) Alguns editores preferem *aguglie* a *aquile*, mas Dante não chamaria *agulhas* ás figuras das aguias lavradas com a *agulha*. Este tropo excederia os limites do que é permittido aos poetas, que já não é pouco.

(10) Bianchi lê "aquile dell'oro" e admitte a possibilidade de estas "esser messe in asta in modo da girare, e così moversi al vento". *La Commedia, Firenze 1868*. Mera conjectura, baseada apenas no desejo de conciliar o que diz o poeta florentino com o que sabemos a respeito das aguias romanas. Mas para isso não é preciso fazer dellas cataventos. Cf. a nota a V, 9.

(11) Isto é: "cos Mouros" liga-se a "superado" e não a "Galegos e Leoneses".

(12) Camões consegue o mesmo resultado, sem incorrer no inconveniente do anachronismo, dando ás palavras "cos Mouros" o sentido de "em guerras cos Mouros".

A *Chronica* não confronta as vantagens militares obtidas sobre os mouros pelo conde de Portugal com as que alcançaram os outros dois povos peninsulares, pois é nestes termos que dellas fala: "E andando sempre depois, na guerra dos Mouros com El-Rei D. Affonso, fez muitas e assinadas cavalarias, por onde Del-Rei, e de todos os da terra era mui estimado, e querido" (c. I). Mas compreende-se bem que o fizesse o Poeta, dado o intuito com que escreveu os *Lusiadas*.

No penultimo dos versos citados, o commentario separa por virgulas a palavra "caualleiros", dando-lhe a mesma categoria grammatical que tem no c. III, 130,3. Parece-me isto aceitavel. O que pode offerecer duvidas é se "caualleiros" se refere a ambos os nomes gentilicos ou só ao segundo, por causa de IV, 8, 7-8 (Cf. IV, 10, 6-8 e III, 19,5).

Est. 11. Indicando o retrato do fundador da monarchia, explica P. da Gama ao catual:

> Este he o primeiro Afonso.....
> .....
> Por quem no Estigio lago jura a fama
> De mais não celebrar nenhum de Roma.

O commentario limita-se a observar "que o juramento pela Estyge era para os deuses o juramento mais sagrado", sem chamar a attenção para o uso das preposições "por" e "em" do penultimo verso.

No tempo do Poeta, "jurar por alguem" podia ter — e tem aqui — a significação de "jurar a respeito de alguem" e "jurar em" equivalia a "jurar por".

O "por" = "a respeito de" era sobretudo usado com o verbo "dizer".

> Per muyto deues de ter
> poderem por ty dezer
> q̄ foste meu triste fim.
>
> *Canc. geral*, III, 253.

"(Torsi) contentaua se de nam se poder dizer por ella, que cõ modos aprazieis atrazia (13) a si vontades d'outrẽ (*Palmeirim*, III, p. 81).

De *dicere pro aliquo*, "dizer em favor de alguem", passou-se, pela ampliação do sentido, para o "dizer a respeito de alguem", quer seja contra, quer a favor.

Emquanto ao "em" com o verbo "jurar", cf., por ex., este passo de Castanheda (II): "E por isso (o visorey) outorgou a Meliquiaz a paz que lhe pedia, cõ condição que auia de jurar *em* sua ley que nunca mais acolheria em seu porto armada do soldã", etc. Os romanos diziam *iurare in verba alicuius*, i. é, jurar *aliquo praeeunte*, jurar pronunciando uma

(13) Contaminação das formas *trazer* e *attrair*, de **tragere* ou **tracere* e *trahere*. Cf. Nunes, *Gram.*, p. 103-104.

formula prescripta por alguem, jurar portanto fidelidade e obediencia a quem impunha essa formula. "Milites in verba P. Scipionis iurarunt" (T. Livio, XXVIII, 29). E tambem : *iurare in verba magistri*, isto é, ter como certo o que elle diz, sem querer saber dos motivos que tem para isso, mas só porque *ipse dixit*.

> Nullius addictus iurare in verba magistri,
> Quo me cumque rapit tempestas, deferor hospes.
>
> Horacio, *Epist.*, I, 1, 14-15.

Depois, do juramento *in verba*, passou-se para o juramento *nas cousas* (*in res*), tentando assim o "em" fazer concorrencia ao "por", mas apenas com resultado transitorio (14).

Est. 13. A respeito de Egas Moniz, começa P. da Gama :

> Este que ves olhar com gesto yrado,
> Pera o rompido Alumno mal sofrido,
> Dizendo lhe que o exercito espalhado
> Recolha, & torne ao campo defendido :
> Torna o moço do velho acompanhado,
> Que vençedor o torna de vencido, etc.

A fonte destes versos é o seguinte passo da Chronica de Galvão, c. VI: "A batalha (junto de Guimarães) foy brauamente pelleiada, e o principe dom affonso lançado do campo desbaratado. E hindo elle assi huũa legoa de guimarães, encontrou com dom egas moniz seu aio que o vinha aiudar, & ser com elle na batalha. E quando dom egas ho uio, disse : Que he isto, senhor ? Como uindes uos assi ? E respondeo o principe : Venho muy desbaratado, que me uenceo meu padrasto & minha mãy, que hi era com elle. Disse entom dom egas : Nam fezestes bem nem siso (15) dardes batalha sem mim. Mas tornay & eu com uosco, & espero em deos que oie prendamos uosso padrasto & uossa mãy. Recolhei a uos toda uossa gente

---

(14) Cf. este passo do *Livro de Duarte Barbosa* (nas *Noticias para a historia e geographia das provincas ultramarinas*, II, 313) : "Este juramento lhe tomaom desta maneira: metem-lhe na mam esquerda hũa espada nua, e ha outra direita temna posta sobre hũa candêa dazeite aceesa... e dentro hũum anel douro em que toca com hos dedos, de maneira que *naquela* candêa e ouro fas seu juramento;... os outros erdeiros fazem juramento... *sobre* a mesma candêa". Em "jurar a" ("juro aos santos evangelhos"; "juro a Deos seu fora para"). [Gil Vicente, fl. ZZIX, v.]) creio que a proposição equivale a : *na presença de, tomando para testemunha.*

(15) Em alguns mss. : *bem nisso* (n. 1:197, da Torre do Tombo), *bem niso* (n. 725, da Bibliotheca Nacional). Galvão usou por certo da frase *fazer siso*, que tambem se encontra no galego "Gran pouco siso faria se eu sen uos alo fosse". *Cronica Troyana* (texto do sec. XIV), t. I, p. 92. Ed. de M. Rodrigues, Corunha, 1900. Camões tomou nota da construcção que leu no chronista, mas modernizou-a, introduzindo-lhe o *com*, logo na est. que a esta se segue :

> Fez com siso e promessas leuantar-se, etc.

& tornemos a pelleiar. Respondeo o principe : Praza a deos que assi seia. E tornarom entom outra vez aa batalha, & uencerõna".

A narrativa do chronista explica-nos o "gesto irado" do 1.º verso e mostra ao mesmo tempo porque é que o "rompido alumno" merecia o qualificativo de "mal sofrido". Porque não esperou elle por quem o vinha ajudar ? Porque deu ao "fiel Egas amo" (III, 35) o direito de o reprehender, de o arguir de falta de siso, por ter dado a batalha sem elle chegar ?

Segundo o commentario, "mal soffrido] i. é, impaciente de ver o desbarato, pertence evidentemente para Egas Moniz (representado pelo pronome "que").

A fonte do Poeta e a propria construcção grammatical não deixam duvidas sobre a interpretação do texto : Egas Moniz olha com gesto irado para o desbaratado "alumno", que não tivera paciencia de esperar por elle, para darem ambos a batalha.

A respeito do "defendido" do v. 4.º lia-se na 1.ª ed. do commentario : "não pertence para "campo", como alguns suppõem, mas para o sujeito de "torne". Mostrei nas *Observações*, p. 72, que era inaceitavel esta opinião, pois Egas Moniz manda voltar o "alumno" para o campo em que ficou desbaratado e que lhe defendiam, isto é, de que estavam senhores o padrasto e a mãe. O commentario annota agora: "campo defendido] quer dizer : campo onde elle não se tinha podido sustentar, donde tinha sido lançado fora".

Propriamente, "campo defendido" é o campo da batalha, aonde ao vencido é *defeso* voltar, por estar na posse do inimigo victorioso.

Segundo o costume medievo, o vencedor conserva-se tres dias no campo, para prova da victoria alcançada e á espera de que o inimigo quisesse tirar desforra. Cf. III, 53, 4; IV, 45, 1; 59, 4.

Na est. 15 escreveu o Poeta que o consul romano que fôra surpreendido nas Forcas Caudinas

Assi se entrega so firme e constante.

O commentario prefere "A si" e está no seu direito; mas observa que "a correcção é já antiga", como se da parte do Poeta tivesse havido algum erro. Ora, este serviu-se da graphia que a cada passo encontrava e que facilmente se explica. "Deos faz dos baxos (16) maiores. A ordem de suas obras he nam na ter conforme a nosso juizo, porque soo *assi* se entende (17) ninguem he seu conselheiro". *Eufrosina*, p. 132. "Em esta terra quando ho rey morre e se ha de queymar ho corpo delle..., alguũs caualleiros... se lançam com elle viuos no fogo e queimam *assi* mesmos com o corpo do rey morto". *Marco Paulo*. l. III, c. 24. "Pede por graça que elle possa matar *assy* mesmo". "Fire grauemente *assy* mesmo". (*Ibid.*).

---

(16) Cf. "baxo" no v. 3.º desta est.

(17) Por "entende e" (cf. III, 69, 2-3). Com a virgula teriamos o asyndeton.

Est. 18. Ha aqui uma difficuldade a que o commentario nem sequer allude.

Diz o texto:

Nam ves hum ajuntamento (18) de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada noua, (19)
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta proua:
Olha Enrique famoso caualleiro,
A Palma que lhe nasce junto aa coua, (20)
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos (21) sam os Martyres de Christo.

Como conciliar o plural "elles" do v. 7.º com o singular "milagre visto" do mesmo verso e com os dizeres da fonte?

Esta, com effeito, depois de especificar os milagres do "cavalleiro Enrique" (c. 36-38), termina com as seguintes palavras: "Por estes milagres e outros que N. Senhor aprouve de fazer pelos seus Santos Martyres, que alli morreram, tinha El-Rei nelles mui grande devação" (c. 38).

Sendo assim, Camões não escreveria de certo o singular "milagre visto", mas usaria do plural correspondente, que no manuscripto lhe corrigiriam, suppondo prestar-lhe um serviço, mas sem se lembrarem de que era um caso de rima incompleta, semelhante ao de X, 128: *molhados, escapados, executado.*

Este é que passou despercebido ao primitivo corrector (22), ficando reservado para os que lhe succederam. Cf. a nota a esta oitava.

Est. 21. Chamando a attenção do catual para a figura de Giraldo Sem-Pavor, começa P. da Gama:

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde á çilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas & ousadias.

---

(18) Palavras da fonte: "Maravilhando-se (D. A. Henriques) do *ajuntamento* e navegação de tão grande frota", etc. Galvão, c. 34 (ed. de 1906).

(19) Appareceo no mar uma frota de cento e oitenta velas". (Galvão, l. c.).

(20) Cf. Galvão, c. 38: *Da palmeira que naceo na coua do Cavalleiro Anrique e dos milagres que Deus por elle fazia.*

(21) *Denominatio a potiori*, pois a frota era "de gentes que naquelle tempo moveram de Alemanha, e de Inglaterra e de França, para guerrear os infieis por serviço de Deos". (*Id.*, c. 34). Cf. a nota a VIII, 25, 7-8.

(22) E ainda bem, não só porque era esse o texto do manuscripto, mas porque, além disso, permitte formular a correcção que proponho.

A fonte destes versos é o seguinte passo da *Historia da antigvidade da cidade Euora*, de A. de Resende: "Quomo (23) Euora sta situada en esta planura eminẽte & discoberta que de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bẽeto, para obuiar a isto, fezeran hos mouros alli haquella torre, onde tinham perpetua attalaia, que a outra da cidade continuamente fazia suas almenaras & signaes entre si cognescidos. Esta attalaia determinou Giraldo primeiramente tomar. Et sabendo que en ella staua hũo mouro com hũa moça sua filha & nõ mais, partio de nocte com seus caualleiros a grand secreto, & foi se lãçar detras do dicto oteeiro, e mãdando lhes que steuessem prestes para sua tornada, ou hũo certo signal que lhes faria, elle soo sen hauer temor dos casos incertos, conforme a seu nome, se foi contra ha torre, leuando stacas que mettesse per hũos buracos, para subir hacte ha janella, qua de outra maneira nõ se subia sen scala lãçada de cima. Et para poder engannar ha vista de quem veelasse, cercouse todo de rama. Chegou aa torre furtado da frontaria da janella, a horas de meia nocte, e ordenou Deus que fosse em tal asseio, que ho Mouro que hacte entam veelara, se foora a dormir, & encõmẽdara ha veela aa filha. Ha qual quomo moça & pouco cuidadosa de tal cuidado, se soccornou na janella, e addormesceo. Alegre ho caualleiro de tã bõa conjunçam, desattandose da rama, trepou & lançando mão aa moça, deu com ella abaxo: de modo que nunqua mais falou, nem fez rumor algũo. & entrando na torre cortou ha cabeça ao Mouro que achou seguramente dormijndo, & entreghe a ho primeiro soinno. Et por ver que ha hora da nocte era inda tal, que tinha bẽe spaço para sen fazer signal, elle per si tornar a hos caualleiros, cortou tambẽe ha cabeça da moça, & com ellas ambas nas mãos se tornou a elles, animando hos e dando lhes bõo agoiro, com ha cõmoda opportunidade que achara. De alli mouéron para ha torre, & sendo inda muito de madrugada, fez na attalaia hũo fogo aa outra attalaia da cidade", etc.

Por esta narrativa, devida á fantasia do erudito eborense e aproveitada por Camões, se vê facilmente que o 2.º verso da est. 21 se deve separar do 1.º. Ao descer da torre com o auxilio da lança (24), Giraldo não trazia nem podia trazer na mão "as duas cabeças dos vigias". Uma, a da filha do mouro, estava ainda por cortar, fora da torre; a outra não era preciso nem facil descer pela lança com ella na mão. Bastava atirá-la pela janela fora.

O Poeta figura apenas a segunda phase do que occorreu: Giraldo

---

(23) Note-se em todo o trecho a tendencia para encurtar a distancia que já havia entre o português e o latim.

(24) Resende imagina a torre sem porta, pois assim estavam os vigias mais seguros contra qualquer surpresa, nem era necessario que fossem numerosos. E não diz nem precisa de dizer como desceu o assaltante nacturno, pois lá estavam ainda as estacas que lhe tinham servido para subir. O Poeta é que as achou pouco épicas e preferiu recorrer á arma que por vezes servia para escalar muros. "E por ser ho muro baixo sobião pelas lanças". (Castanheda. l. III, c. 27). "Ho contramestre.... não podendo sobir pela escada, por a gente ser muyta, sobio pela lança que leuaua ate que lançou a mão ezquerca ao muro, & se pegou". (*Id.*, l. VIII, c. 30). E, se a lança se empregava para subir, natural era tambem que servisse para descer.

desce da torre, pela janela por onde tinha entrado, utilizando-se da lança que naturalmente lhe havia tambem servido para subir; uma vez no chão, pega nas duas cabeças dos vigias (uma já decepada e arremessada pela janela; a outra cortada agora) e encaminha-se para detrás do outeiro de S. Bento, para o local onde tinha escondido a cilada, onde os seus cavalleiros esperavam que elle tornasse ou lhes fizesse algum signal.

Cada um dos tres primeiros versos da est. esboça, por assim dizer, um quadro á parte e o seu conjunto forma um triptyco (25).

Para o commentario é esta a interpretação das palavras do Poeta: Giraldo desce *do outeiro* pela lança, com as duas cabeças dos vigias, e desta maneira, i. é, com a morte dos vigias, consegue que a cilada (26) não seja reconhecida como tal.

E para chegar a este resultado, que reduz a um simples episodio o triptyco do Poeta, começa o commentario por alterar a narrativa de Resende: "... Entrado na torre, cortou a cabeça ao mouro que dormia; depois, *descendo o outeiro*, corta igualmente a cabeça á filha do vigia... Cam. põe-nos deante dos olhos... Giraldo já a *descer o outeiro*, com o auxilio da lança que lhe servira tambem á subida (lembremo-nos das estacas de que fala Resende)".

Note-se, em primeiro logar, a subrepticia substituição da "torre" pelo "outeiro". Era no sopé daquella que jazia o cadaver da filha do vigia e foi ahi que o audaz guerrilheiro lhe cortou a cabeça: "Lançando mão aa moça, deu com ella abaxo;... cortou tambẽ ha cabeça da moça, & com ellas ambas nas mãos, se tornou a elles" (sc. caualleiros", que estavam "detras do oteciro"), isto é, desceu o outeiro.

Como é possivel, em presença disto, escrever-se que, segundo a narrativa de Resende, Giraldo, "descendo o outeiro, corta a cabeça á filha do vigia"?

Mas prosigamos. "Descer pela lança" está muito bem tratando-se de um muro ou de uma torre; mas um outeiro, que não é o mesmo que um barranco, se pode subir-se ou descer-se "com o auxilio da lança", não se sobe nem se desce "pela lança".

O commentario chega a insinuar, nas ultimas palavras citadas, que, segundo Resende, as estacas serviram a Giraldo para subir o outeiro! Tal é o desejo de estabelecer a confusão entre este e a torre. E tudo isto para não aceitar a interpretação que eu tinha proposto.

Mas não é só a este *argumento* que elle recorre para tal fim. Em seu entender, o 3.º verso não se refere a nada que estivesse figurado nas bandeiras. P. da Gama não diz: Olhe onde Giraldo esconde a cilada, com que alcançou a cidade, mas sim: com o que (i. é, matando os vigias) obtem que o estratagema lhe não seja descoberto. Eis as proprias palavras

---

(25) V. *Fontes dos Lusiadas*, c. I, p. 30-34

(26) I. é, o ardil a que recorreu para poder entrar na cidade. Mortos os vigias da torre, "& sendo inda muito de madrugada, fez na attalaia hũo fogo aa outra attalaia da cijdade: dando a entender que per ho campo... passauan alguus Christãos... Ha attalaia appellidou logo hos da cidade... & sairron aa pressa & sen ordẽe. Com ho que has portas ficaron abertas", etc.

de que se serve: "Onde" equivale a "com o que" (como em VII, 37,3), i. é, com a morte dos vigias, "a cilada" (*insidiae*) é o estratagema que Resende refere. "esconde" equivale a "consegue que (a cilada) não seja reconhecida como tal". Quer dizer: o Poeta exprimiria o conceito de que, com a morte dos vigias, Giraldo escondeu o embuste com que tomou a cidade por manhas e ousadias, i. é, por ousados embustes!

O Poeta emprega aqui a palavra "cilada", não no sentido abstracto, mas no concreto (27): são os cavalleiros que estavam escondidos detrás do monte de S. Bento; foi com elles que Giraldo se apoderou de Evora "por manhas e ousadias".

Releia-se o que diz Resende, que já suggere esta interpretação. "Euora... de nenhũa parte se lhe pode encobrir cilada, se nõ detras do oteeiro de sanct Bẽeto... Giraldo... partio de nocte com seus caualleiros a grand secreto, & foi se lãçar detras do dicto oteeiro".

E' por isso que nos *Lusiadas* se lê:

> Olha aquelle.....
> .....
> Onde a cilada esconde, com que alcança, etc

Este verso pertence, portanto, ao triptyco imaginado pelo Poeta. Não vem a proposito o "onde" de VII, 87.

> Aquelles sos direy que auenturárão
> Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
> Onde, perdendoa, em fama a dilatárão.

"Onde" explica o commentario: "com o que, i. é, com aventurar a vida". Mas nem sempre a vida se perde com aventurá-la. "Onde" equivale a: "em empresas, nas quaes" (28). Cf. *Palmeirim*, III, p. 104: "Despendi o tempo e auenturey a vida, onde mo nã souberã agradecer". Cf. VIII, 93, 4.

Est. 24. No quadro relativo á conquista de Alcacer do Sal.

> ... vão os Reis de Cordoua e Seuilha
> Rotos, cos outros dous, & não de espaço.

Commentario: "não de espaço] = seguidamente".
Na fonte desta est. (R. de Pina, *Chron. de D. Affonso II.* c. 6), leu Ca-

---

(27) Cf., por ex., *Azurara, Chronica do conde D. Pedro*, c. 30: "Fez logo (o Conde) dar ás trombetas, a cujo som as outras ciladas sahirom donde estavom". Já no latim *insidiae* tinha tambem esta significação, como se pode verificar em qualquer diccionario.

(28) O pensamento principal não está no "perdencoa", mas no "aventurárão": "Cantarei aquelles que aventurarom a vida pelo seu Deus, pelo seu rei". E depois, como observação: Podem tê-la perdido, mas por isso mesmo que a perderam, a dilataram.

mões: "Vendose hos Reis mouros (s. el Rei de seuilha, el Rei de cordoua, el Rei de jaem & el Rei de badalhouçe) com suas gentes assi salteados & uencidos, nom tendo ja algũa esperança em sua resistencia nem peleja, procuraram buscar sua saluaçam na fugida, cuio encalço hos xpaãos matando & ferindo seguiram".

São as palavras "procuraram buscar sua saluação na fugida" que o Poeta reproduz em: "vão,... e não de espaço", i. é: e não devagar, depressa. E' locução corrente com esta significação. Basta um exemplo. "Primaliam contou muito de espaço a Flerida sua hirmãa a maneira do apousentamento" (*Palmeirim*, I, p. 328).

Est. 25. Mostra P. da Gama como um "Mestre" vindo de Castella conquista

A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha que por armas lhe resista.

O "que" deste verso emenda-o o commentario para "quem", observando que "a correcção é já antiga".

Data, com effeito, da edição de 1597; mas não deve fazer-se. O Poeta escreveu assim a palavra propositadamente, pois varias vezes a encontrou em construcções em que hoje é obrigatorio o "quem" (29).

Graça de bem pareçer
vos daa tanto poderio
que se nam pode saber,
dama, *que* per mereçer
vos nam cate senhorio.

Canc. geral, I, 264

... Nem se conheçe
que per grado de tam boa
mereçese tal coroa,
qual vos dada ser mereçe.

Ibid, p. 265.

"Podemos ver quanta força tem o vicio em *que* não lhe resiste". (*Memorial*, fl. 179, p. 271) (30).

---

(29) Cf. o "quem" referido a cousas, tão frequente ainda nos *Lusiadas* (II, 36, 4; 37, 2; III, 71, 1; 139, 6; IV, 10, 2; 95, 2; 98, 8; V, 12, 4; VI, 94, 4; VII, 62, 6; VIII, 59, 3; IX, 68, 3; X, 54, 2; etc.), mas hoje substituido pelo "que".

(30) Do *Cantar de mio Cid*, ed. de M. Pidal, v. 1047-1048 (ed. crit.):

Abremos esta vida mientra ploguiere al Padre Santo,
commo *que* ira a de rey e de tierra es echado

E do *Libro de Alixandre* (ed. do ms. de Paris), estrophe 1472. com referencia ás pedras preciosas.

Que mas quiere saber busque alla do son nadas.

Cf. o *qui* francês, o *chi* italiano e o *qui* do castelhano arcaico

Non duerme sin sospecha *qui* aver trae monedado.

Cantar de mio Cid, 126.

No seculo XVI é tambem frequente o "que" precedido de preposição, em logar do moderno "quem" ou "qual". "O segundo se chamou Daliarte, a *que* sua auoo creou comsiguo" (*Palmeirim*, I, p. 86). "Um bem tendes, que se trata a causa com molheres, das *que* a mais sesuda he muito douda" (*Eufrosina*, p. 170).

A est. 25 termina por estes versos :

> Ves Tauila (31) tomada aos moradores,
> Em vingança dos sete caçadores.

Na fonte (R. de Pina, *Chron. de D. Affonso III*) leu Camões que os caçadores eram seis, "o comendador mor de Santiago (D. Pedro Rodrigues) e cinco outros caualeiros". Como havia treguas com os mouros, os seis caçadores atravessaram Tavira, em direcção ao monte das Antas. Irritados com isto, os moradores da cidade foram atacar os caçadores, que, para se defenderem, levantaram um palanque.

Quando estavam cercados, passou por ali o mercador Garcia Rodrigues, que mandou embora a sua gente e se foi juntar aos seis. E "eles todos sete acabaram as vidas como cavaleiros e bons cristãos".

Sendo a *Chronica* tão expressa a respeito do numero e profissões destes, como é que o Poeta menciona "sete caçadores" ? O commentario illude a questão, omittindo o numero destes, ao referir-se á narrativa do chronista. "Pina (diz elle) traz a lenda de uns christãos que em tempo de treguas tinham ido a uma caçada, e vendo virem muitos mouros sobre elles, "fizeram palanque... ha que se recolheram, onde hos Mouros com muyta furia hos vierão loguo commetter... e ho seu palanque foy roto e entrado e elles todos sete... cortados de muitas feridas acabaram as vidas". E o leitor que não conhecer a fonte fica suppondo que "todos sete" eram caçadores e que não ha aqui nenhum reparo a fazer.

Já isso não seria tão facil, se, em vez da expressão vaga "uns christãos", o commentario tivesse escripto, com mais precisão e de conformidade com a *Chronica* : "de seis christãos". Expedientes, para escapar a difficuldades.

E todavia esta não é grande. O proprio chronista suggere a solução, com a epigraphe do capitulo VIII : "Como foy a morte dos sete caualeiros martires". Ora, Garcia Rodrigues não era cavalleiro; era um mercador, um almocreve, que andava com os seus criados e as suas récuas por terras de mouros e de christãos.

---

(31) Foi assim que o Poeta leu a palavra, por ex., em Ruy de Pina, *Chron. de D. Affonso III*, cap. 6 e 8.
E no *Canc. geral*, I, 321 :

> Do alcayde de Tauyla,
> o quoi sempre deos ajude,
> mescreue see de sauce.

Cf. o 2.º v. com I, 6, 7, e com este do Dante (*Purgatorio*, XXI, 72) :

> A quel Signor, che tosto su gl' invii.

Isto é : que oxalá cedo os envie para o céu.

R. de Pina usou da chamada *denominatio a potiori* e o mesmo fez o Poeta: de seis caçadores e um mercador fez sete caçadores. E' a parte mais numerosa ou mais importante a attrair a outra. Cf., por ex., III, 21, 6-7; IX, 1, 2 (8, 7; 9, 3); X, 21, 2-3; etc.

Est. 28. P. da Gama manda reparar em Nunálvares:

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta.

Commentario: "O sentido não é muito claro. B. Caldera, F. e Sousa e Macedo consideram "fama" sujeito de "estende"... Eu penso que o Poeta tinha na lembrança o passo da *Eneida*: *famam extendere factis | hoc virtutis opus* (X, 468-469). Sendo assim, "que" vem a ser o sujeito, e "fama" o compl. objectivo;... o sujeito de "contenta"... é o mesmo que o de "estende", e Cam. pretende significar que Nuno A. Pereira, quer sobrepujar em gloria todos os guerreiros anteriores".

A primeira interpretação é, sem duvida nenhuma, preferivel á do commentario.

A "fama" está aqui personificada, como em VIII, 11,3. (Cf., IX, 44-45).

A "Fama" tanto estende o nome de Nunálvares, tão glorioso o torna, que, para ella, não ha nenhum heroe passado que se lhe possa equiparar.

Na opinião do commentario, o "lusiada" que o Poeta justamente exalta com tantos louvores, não passaria de um orgulhoso, que quer superar todos os que o precederam,

Que de nenhum passado se contenta.

Nem a historia do condestavel nem o escopo do Poeta justificam tal asserção.

Est. 29. Engrandecendo Nunálvares, observa P. da Gama:

Olha por seu conselho e ousadia,
De Deos guiada so & de sancta estrella,
So pode o que impossivel parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella.

No v. 3.º lê o commentario: "Só pôde". Mas não é preciso mudar o tempo deste verbo, como se vê pelos presentes das est. 28, 30, etc.

P. da Gama, tendo os quadros deante de si, fala no presente, como se estivesse a assistir aos feitos ali representados.

O "So" é que, a meu ver, é um erro de imprensa, por: "Se". Não é elle *só*, que, por seu conselho e ousadia, "pode o que impossivel parecia"; é por seu conselho e ousadia que *se* torna possivel, que *se pode*, o que parecia impossivel. O louvor não está no "só", que não corresponderia á verdade, que seria um intoleravel exagero; está no "seu conselho e ousadia". Foi graças a estes, com effeito, que Portugal saiu victorioso da temerosa crise consecutiva á morte de D. Fernando.

Est. 30. Durante a batalha de Valverde, quando mais precisa era a sua presença, Nunálvares "foi achado menos". Ruy Gonçalves, que andava á sua procura, foi-o encontrar fora da hoste "logo acerca entre dois penedos... com os giolhos postos em terra e as mãos e os olhos alçados ao ceo... Chegou-se a elle e em breves razões lhe disse o damno que nelles faziam. E elle, muito quedo, revolveu o rosto e mansamente respondeu e disse: Ruy Gonçalves amigo, inda não é tempo; aguardae um pouco e acabarei de orar". (F. Lopes, *Chron. de D. Joào I*, 2.ª p., c. 57).

Começando a explicar a pintura allusiva a este facto, diz P. da Gama:

> Mas não ves quasi ja desbaratado
> O poder Lusitano, pela ausencia
> Do Capitão deuoto, que apartado
> Orando invoca a suma e trina essencia?

A respeito do ultimo verso conjectura o commentario: "Talvez Cam. tivesse escripto "huna" — termo, então, exclusivamente theologico — que era facil de confundir com "suma" essa." (32).

Supponho que o Poeta escreveu effectivamente "una e trina essencia", autorizando-se com este passo do Dante (*Paraiso*, XXIV, 139-141).

> E credo in tre Persone eterne, e queste
> Credo una Essenza si una e si trina,
> Che soffera congiunto *sunt* et *este* (33).

Mas como a palavra "essencia", tratando-se do mysterio da SS. Trindade, tem uma significação precisa (*Deus é* UM *na essencia, e* TRINO *em pessoas*), deve ter sido o revedor, e não o typographo, quem modificou o texto primitivo.

Em "suma e trina essencia" já este substantivo se pode tomar como synonymo de "ser" (é o que acontece no poeta italiano), já a expressão pode ser theologicamente aceita.

Em todo o caso, ainda offereceu reparos aos jesuitas que prepararam a ed. de 1584, pois a substituiram por: *divina essencia*. Como, porém, o verso ficava errado ou pelo menos com um hiato violento, a ed. de 1597, que é da mesma procedencia da anterior, procurou cortar o mal pela raiz, deixando ficar só a primeira palavra do verso que se lê na primeira edição:

> Orando vestoceo (?) pede clemencia (34).

---

(32) O *s* inicial e médio da 1.ª ed. aproxima-se bastante do *f*, mas não do *h*.

(33) E' o *est*, modificado por causa da rima. Cf. *Purgatorio*. III, 36: "una Sustanzia in tre Persone".

(34) Provavelmente o erro de imprensa "vestoceo" está por: "pera o ceo".

Est. 32. Eis o texto dos primeiros versos, com a pontuação primitiva:

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue, (35)
Ouuir quisseres como se nomea,
Portugues Cipião chamar se deue :
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue :
Mas antes pai, etc.

E' facil a interpretação. Se quiseres saber quem tanta confiança mostra em Deus (cf. a est. anterior), deve dar-se-lhe o nome de "Scipião Português"; mas ao heroe romano a ditosa patria prefere (ou : a patria prefere, ditosa) o seu "dom Nuno Aluarez". Antes quer dar-lhe este nome, do que o de "Scipião Português"; tem-no em mais conta do que ao vencedor de Annibal.

O *a* por que termina o 4.º v. deve repetir-se antes da palavra inicial do 5.º ("arrea *a* Ditosa"), ou, antes, o *a* desta serve de artigo ao nome que se lhe segue ("Ditosa *a* patria"). E' caso vulgar de phonetica syntactica, que o Poeta muitas vezes encontrou e de que, portanto, não deixaria de fazer uso. Cf. as notas a III, 10, 2-3; IV, 29, 7-8; IV, 63, 7-8; IV, 98, 6-7; IX, 53, 4.

O commentario, com os editores modernos, desliga o 4.º v. do 5.º por ponto final, ficando o segundo destes a constituir por si um todo, que é costume empregar-se como epiphonema.

Mas, quem é então o sujeito de "se arreia" ? Quem é que se gloria de "dom Nuno Alvarez" ?

Não nos esclarece o commentario, que em nota aos vv. 3-4 se limita a observar que os versos 1 e 2 se ligam a estes pelo subentendido "dir-vos hei" e que Scipião é o vencedor de Annibal.

Todavia, desconjuntada a oitava pelo ponto final no 4.º verso, torna-se necessario averiguar quem é o sujeito do verbo que neste se encontra. E, como é de suppor, nem todos os commentadores estão de acôrdo. *a*) Para F. e Sousa, é a "fama" do v. 28 : "Dize (o Poeta) que màs ilustre es el nombre de don Nuño Alvarez, que el de Cipion, para que se huviesse de trocar aquel por este... Dixo el P. en la est. 28 que la fama no se agradava de otro algun Heroe para cantarle : luego si ella no se agrada allà de ninguno, sinò deste, bien acà no estima el nombre de Cipion, para trocar por el de don Nuño Alvarez". Mas a

---

(35) Era corrente este verbo com a significação de "confiar" :

Que nem tomara ousadia
Pares Dellena rroubar,
se nã porque satreuia
em seu poder que sabia
que sauia de saluar.

Canc. geral, III, p. 234.

"Isso fique pera qué nam se atreue em si, que os que sam acompanhados de confiança e fortaleza nam uiuê de cautelas". (*Palmeirim*, III, p. 9).

"fama" do v. 28 já está muito longe, para se poder subentender aqui: nessa mesma est. a narrativa toma um rumo que não permitte a ligação grammatical daquella palavra com o verbo da est. 32, v. 4.º b). Na opinião de W. Storck, o sujeito é "o nosso povo", como se o pronome que precede o verbo fosse indefinido:

Man könnt' ihn Scipio Portugals benennen,
Den unser Volk Dom Nun'Alvarez heisst.

O sentido pede effectivamente este ou outro sujeito de significação analoga e lá está para isso a "Ditosa patria" do v. 5.º; mas "o nosso povo" é um intruso no v. 4.º; o "se" que neste se encontra não é o pronome indefinido. c) Segundo Macedo-Viale, é o proprio D. Nuno que "se arrea" de ser antes quem é; é elle mesmo que se julga superior a Scipião:

Nonius ast potius vult ipse Pereira vocari.

Mas para isso era necessario que Camões tivesse escripto:

Mas *elle* de dom Nuno mais se arrea.

E era necessario tambem que quisesse fazer de um dos heroes que com mais carinho e enthusiasmo celebra, — um orgulhoso, ou antes, um vaidoso, que não espera que os outros o julguem superior ao grande capitão romano, mas se tem elle proprio nessa conta.

Em conclusão: tudo se simplifica, tudo entra no seu logar, conservando a pontuação da edição *princeps* e admittindo que o Poeta recorreu a uma vulgarissima contracção de dois *aa*.

Depois de ter dito que a patria se arreia de ter tido tal filho, continúa o Poeta:

Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

Estes versos nenhuma difficuldade offerecem a quem se lembrar que no latim a palavra *alumnus*, além da significação passiva (cf. o "alumno" de VIII, 13,2), apparece tambem com a activa. "Et qui alit et alitur alumnus dici potest, id est, et qui nutrit et qui nutritur; sed melius tamen qui nutritur", diz um texto citado no *Grand Dictionnaire* de Freund-Theil (36).

Commentario ao v. 3: "alumno] é latinismo, por "filho"... *Italia alumnum suum videret* (Cic. *in Verr.* II, 5, 6)". Não pode ser; o con-

(36) V. *Observações*, p. 70-71. Camões conhecia muito bem o *caro datus ibat alumno* da *Eneida*, XI, 31, e o que sobre esta ultima palavra diziam os commentadores, manuseados no seu tempo.

texto exige aqui a significação activa. A palavra "pai" do v. 6.º não permitte hesitações a este respeito. A correcção feita neste verso — *não filho, mas antes pae* — é incompativel com a significação passiva de "alumno".

Est. 43. Em nota informa o commentario: "Alguem pensa que o ter D. Manoel ordenado que fossem representados em tapeçarias certos factos relativos ao descobrimento e conquista da India, foi o que suggeriu a Cam. a idéa das pinturas nas bandeiras da nau".

O precursor português do Poeta, neste ponto, é Manuel da Costa, no poemeto citado em nota a VIII, 3.

Ahi diz elle (ficção poetica ou realidade?) (37), que nos panos que adornavam as paredes interiores do paço de Vilaviçosa estavam figuradas as proezas praticadas pelos portugueses no Oriente:

> Intentos possunt oculos sine fine morari
> Ex alto variis suspensa aulaea figuris.
> Quippe hic Lusiadum partos Oriente triumphos
> Artificis labor exquisita discreverat arte.

E ahi se achavam representadas as façanhas de Duarte Pacheco, dos Almeidas, de Albuquerque.

Lendo os hexámetros do *Subtil*, occorrem logo as estancias correspondentes do canto X dos *Lusiadas*. Mais ainda. No banquete do casamento, um "Demódoco" canta a historia de Portugal, desde D. Affonso Henriques até o então nascituro principe D. João, a respeito do qual se esperava que havia de chegar com as suas victorias até o Egypto (38).

Eis alguns versos avulsos:

> Lysiadum alte repetens primordia Regum,
> Alphonsum canit.....
>
> Inde brevi octonos transcurrens ordine Reges,
> Joannem exaltat primum...
> Hic et grandiloquo Nonium sonat ore Pereiram...
> Tum fortunati Emmanuelis ad aurea venit
> Tempora.....

E' o mesmo que V. da Gama faz ao rei de Melinde.

---

(37) O *Subtil* era oriundo de Vilaviçosa, como elle proprio declara. Seus paes ahi viveram na dependencia (*clientuli*, lhes chama elle) da casa de Bragança. O afamado jurisconsulto, que foi professor em Salamanca e Coimbra, celebra em verso heroico o casamento do infante D. Duarte, filho de D. Manuel, com D. Isabel, irmã do duque D. Theodosio e filha do fallecido D. Jaymz. D. João 3.º foi com a corte assistir ao enlace matrimonal, que revestiu a maior solennidade, e foi acompanhado de estrondosos festejos. Nem lhe faltou depois um epico.

(38) Cf. o que o Poeta, na dedicatoria dos *Lusiadas*, diz ao filho do mallogrado principe. O casamento realizou-se em 23 de abril de 1537 (v. F. Palha, *O casamento do infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança*, p. 54) e o principe D. João nasceu em 3 de junho do mesmo anno.

Est. 45. Segundo G. Corrêa (*Lendas*, I, 1.ª p., c. 15), quando o rei de Cananor teve noticia dos estranhos navios que ali acabavam de passar em direcção a Calecut, "falou com seus adiuinhadores, perguntandolhe que lhe dixessem que naos erão aquellas e donde vinhão". Os feiticeiros, falando com seus diabos, lhe disserão" etc. (Cf. a nota a VII, 55). Suggestionado naturalmente por este passo (39), tambem o Poeta suppõe uma consulta do Samorim aos seus adivinhos:

> Entre tanto os Aruspices famosos
> Na falsa opinião, que em sacrificios
> Anteuem sempre os casos duuidosos,
> Por sinais diabolicos & indicios,
> Mandados do Rei proprio, etc.

Commentario aos vv. 1-4: "Estou inclinado a pensar que "Na falsa opinião" pertence para a oração relativa... e que o periodo ha de ordenar-se deste modo: os aruspices famosos, que na falsa opinião (i. é, segundo a sua falsa crença) antevem sempre em sacrificios (i. é, observando ás entranhas das victimas) os casos duvidosos —; o entendimento geral, porém, é que "Na falsa opinião" pertence para "famosos", significando "falsa opinião" a arte divinatoria em que erradamente se crê".

Quer-me parecer que "famosos na falsa opinião" significa: afamados no conceito (dos gentios), conceito que aliás carece de fundamento, é falso, pois os deuses que elles consultam lhes não podem revelar o futuro, visto não existirem.

Mas pode o diabo responder em nome delles: podem assim os arúspices antever o futuro

> Por sinais diabolicos & indicios.

E foi o que aconteceu agora, pois, como se lê na est. immediata,

> Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro
> De como a noua gente lhe seria
> Jugo perpetuo, eterno catiueiro
> Destruiçam de gente, & de valia.

O commentario colloca entre virgulas o "verdadeiro" do v. 1, pois, na sua opinião, "pertence para "sinal" (e não para "Demo", como por espirito de subtileza entendeu); equivale a: certo (VIII, 56,7)".

---

(39) Na consulta que os mouros tiveram contra os portugueses, um delles contou que no anno anterior, por causa de duas naus de Meca que tardavam, "fizera pergunta a algũas pessoas que usão do officio de astrologia e doutras artes que daqui dependem" e que uma dessas pessoas em um viso de agua lhe mostrara as naus perdidas e mais outras á vela que de muito longe partiam para a India e que a gente dellas seria total destruição dos mouros daquellas partes. E Barros continúa: "com esta historia, ora fosse fingida pera induzir os outros,... ora que o demonio lhe quis representar aquelle seu futuro mal", etc. (I, 4,9).

Não ha subtileza nenhuma na interpretação de F. e Sousa. O Poeta exprime-se de conformidade com a crença de que o diabo se pode servir, para seus enganos, dos idolos adorados pelos gentios. Cf., por ex., estes passos do *Livro de Marco Paulo*. "(Os moradores da provincia de Tesmur) som ydolatras, e aconselhamse com os ydolos, e reçebem delles reposta per engano do dyaboo" (l. I, c. 36). "Em esta prouincia (de Ardandam) e nas outras duas ante nomeadas... nom ha fisicos, mas quando alguũ he enfermo chamam os seus magos ou feytiçeiros que adoram os ydolos, aos quaes ho enfermo decrara a sua enfermidade; e entom os magos ordenam hũa dança e tangem instromentos de musica aa honrra dos ydolos,... e esto fazem tanto tempo atee que ho demo fylha huũ daquelles na dança; e entom leyxam de dançar e preguntam aaquelle que jaz demoninhado porque razom padeçe aquelle enfermo e que lhe ham de fazer pera seer são. E ho demo por suas repostas pelo demoninhado dizendo", etc. (l. II, c. 41) (40).

Termina a est. pela palavra "oulhara", que o commentario escreve "olhara", allegando VII, 55 (*olhais*), X, 147 (*olhai*), VIII, 13,54 (*olhar*). "A forma antiga "oulhar" (accrescenta) é certamente devida á pronuncia do compositor".

No tempo do Poeta, "oulhar" (41) não era ainda forma antiga, pois a usavam Barros, Castanheda, etc. Do primeiro cita o proprio commentario um exemplo em nota a VIII, 76: "Muito atento esteue o Çamorij... oulhando" etc. (I, 4,9). E Castanheda: "oulhando pera Vasco da gama" etc. (I, c. 17). A duplicação da graphia é propositada.

Est. 49. Sob a forma do profeta, Baccho apparece em sonhos a um sacerdote muçulmano e diz-lhe:

Eu parti rudo vello, & tu adormeces?

O commentario emenda: "por ti", com a costumada advertencia de que "a correcção é já antiga".

---

(40) Gaspar Corrêa, lembrando-se naturalmente do texto biblico *omnes dii gentium daemonia* (Ps. 95), diz no cap. ha pouco citado que "os feiticeiros (do rei de Cananor), *falando com seus diabos*, lhe disseram que as naos erão de hum grande Rey", etc. No *Paraiso*, IX, 127-128, Folco diz a Dante:

La tua città, che di colui è pianta
Che pria volse le spalle al suo fattore,

o que Scartazzini commenta: "*pianta*, fondata dal diavolo. Marte, patrono di Firenze. (*Inf*, XIII, 144 e seg.), era per i SS. Padri un demonio come tutte le divinità pagane; cfr. I *Cor*. X, 20".

No v. 19 desta epistola, pergunta S. Paulo a respeito da idolatria: "Quid ergo? dico quod idolis immolatum sit aliquid? aut quod idolum sit aliquid?" E no v. 20 responde: "Sed quae immolant gentes, daemoniis immolant, et non Deo. Nolo autem vos socios fieri daemoniorum".

Cf. as notas a VII, 56, e X, 82-84.

V. o passo de Barros, citado em nota a VIII, 45.

(41) De * *adoculare* > aolhar > aulhar > oulhar > olhar. V. Meyer-Lübke. *Etym. Wört.*, s. v.

Mas no *Canc. geral*. IV, 88, por ex., leu Camões:

Hũa ley se fez & disse
de que todos tem querela,
que quem esta dama visse,
em tam gram pena caysse
que se perdesse *parella*.

E na *Eufrosina*. p. 53: "Par estas barbas, de dar peça de valia, se a nova for tal". E a p. 76: "Essa torta pardez que foi a mais falsa velha interesseira". Cf. Gil Vicente (III, 307):

Com gran temor vou, pardelhas.

Nestas frases, como se vê, o "par" (de *per*) equivale ao "por" (de *pro*, **por*). Cf.: "ir pelo caminho" e "ir polo caminho". De "jurar per" (ou "par") veio "jurar por"; inversamente, de "velar por" resultou "velar per", "v. par".

Est. 51. Perifrase do romper do dia:

Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico & sereno.

O commentario lê: "o rosto" e observa que a correcção foi proposta por G. de Amorim, mas que já B. Caldera traduzira "*su rostro*".

Creio termos aqui a contaminação das construcções "mostrar bom rosto", "rosto sereno", "rosto alegre", etc., em que o qualificativo é restrictivo, exprime uma qualidade accidental, com "mostrar o angelico rosto", "o sereno rosto", etc., epithetos estes que exprimem uma qualidade essencial.

Est. 52. Os mouros principaes de Calecut, reunidos em conciliabulo por causa dos recem-chegados portugueses,

Distruiçam da gente pretendião
Por manhas mais sotis & ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores.

Commentario: "Com "os regedores" Cam. quer designar os "avaros Catuais" da est. 56, e os "Catuais corruptos" da est. 76; mas com esta designação inexacta (42) elle tinha na mente o catual e o feitor de que fala Castanheda".

Aos funccionarios que em Calecut e nos outros estados do Malabar superintendiam na administração dos serviços publicos davam os por-

(42) Apesar da ambiguidade da redacção, o qualificativo deve referir-se a "Catuais", e não a "regedores".

tugueses o nome generico de "regedores" ou "governadores". "El-rey de Calicut, & assi todos os outros reys do Malabar tem hũ regedor que tẽ cargo da justiça, & assi manda em outras muytas cousas como elrey propriamente" (Castanheda, I, c. 14) (43). "El Rey de Calecut tem posto na propria cidade hũu governador ho qual chamaom Talixe;.. este tem alçada na justiça". (Duarte Barbosa, *Livro*, p. 320). "Neste regno de Calecut ha hũu governador que he como justiça moor, que se chama Contante Carnaxee" (*Ibid.*, p. 323) (44). "Foy coele hũ mouro que lhe leuou hum presente dos regedores de Calicut" (Castanheda, I, c. 91). "Desesperando de auer (pimenta) em Cochim, foi Afõso dalbuquerq̃... a buscar carrega á cidade de Coulão, porque sabia que seus regedores desejauã lá nossa feytoria (*Ibid.*, c. 61). "E com isto, (os Mouros), dando peitas aos regedores, e da privança dos Reys (do Malabar), acabarão que consentirão nisto". (G. Corrêa, *Lendas*, I, 1.ª p., pag. 76). "Vaom tambem diante do idolo muytos Nayres... e gouernadores do regno (de Calecut) (Barbosa, p. 317).

Outra palavra tambem muito frequente e que nos *Lusiadas* alterna com "regedor" (cf., por ex., VII, 44; 66; VIII, 78-79; etc.) é "catual". "Empregava-se o termo na India para designar o individuo que exercia todas ou algumas das seguintes funcções: chefe de policia da cidade, inspector dos mercados, juiz criminal, governador da cidade" (Dalgado, *Glossario luso-asiatico*, v. *Catual*) (45).

Emquanto aos "regedores" ou "catuais" que andaram com V. da Gama ou foram peitados pelos mouros, Barros diz o seguinte:

"Vindo recado do Çamorij que fosse, saio Vasco da Gãma com doze pessoas em terra onde o recebeo hum homem nobre a que elles chamão Catual... Partidos deste templo chegarão a outro junto de hũa pouoação onde estaua apousentado outro Catual, pessoa mais notauel que vinha por mandado do Çamorij receber Vasco da Gama... O Catual, como (os Mouros) lhe encherão as mãos e as oreihas, começou logo fazer seu officio... Que elle (Catual) em dizer isto (ao Çamorim) compria com a obrigação que lhe deuia;... que alem do seu, deuia tomar parecer doutras pessoas, apontandolhe logo em algũs seus officiaes que elle Catual sabia já estarem da parte dos Mouros, cà pelo testemunho destes ficauão suas palauras com maior fé" (I, 4, 8 e 9). Segundo Castanheda, "estando (V. da Gama) no porto (de Pandarane) derãlhe hũ recado do Catual de Calicut, que he como corregedor da corte, que ele era era vindo... com outros homẽs nobres por mandado del rey pera ho acompanharem ate Calicut... Desembarcado Vasco da Gama, foy recebido do Catual com muyto prazer...

---

(43) As *Ordenações Manuelinas* começavam pelo "Regimento do regedor da justiça na casa da sopricaçam" e quando entre nós se falava em "regedor" era a este magistrado que se alludia.

(44) Sobre os nomes destes "governadores" e respectivas attribuições, v. a tradução inglesa de Dames, v. II, p. 27 e 32. Cf. o nosso antigo governador da casa do civel".

(45) Etymologicamente, informa o *Glossario*, a palavra, que é de procedencia persa, quer dizer: *commandante de fortaleza*.

Prosseguirã seu caminho ate chegarẽ a Calicut, a cuja entrada leuarã Vasco da gama a outro pagode... E depois se meteo ho Catual coele em hũa casa: & ali foy ter coele hũ irmão do Catual que era grão senhor, & vinha por mandado del rey pera ho acompanhar ate o paço... Vasco da gama & este senhor... abalarão pera os paços del rey com grande estrondo de tangeres & arroido da gente, que despois da vinda do irmão do Catual deu lugar & se afastaua, & yão com tanto acatamento como que fora ali a pessoa del rey de Calicut.... Acordarão (os mouros) que trabalhassem todo ho possivel cõ ho catual & com ho feitor del rey de Calecut que lhe fizessem crer que Vasco da gama que era cossario... Eles por amor da peita contarão logo tudo a el rey" (l. I, c. 16-19). Se déssemos credito a Gaspar Corrêa, antes de V. da Gama desembarcar, já Nicolau Coelho tinha ido avistar-se com o Samorim e mal os portugueses chegaram a Calecut, logo os mouros se entenderam "com o feitor mór d'ElRey, que era Védor mór de fazenda, e assi com o Gozil d'ElRey, que he regedor da justiça", aos quaes "derão grandes dadivas, com que lhe ganhárão as vontades" (*Lendas*, I, 1.ª p., pag. 76-77). E depois de V. da Gama estar em terra, os mouros falaram tambem "com o Catual da porta d'ElRey (46) e lhe derão muito dinheiro" para hostilizar os nossos. (*Ibid*, p. 101).

Posto isto, releia-se o final da est. 52 (cf. os versos 1-2 da est. 53) e ver-se ha que não tem cabimento o qualificativo "inexacta" do commentario. O "catual" de Castanheda, que não é o mesmo que o de Barros, o deste e "o da porta" de G. Corrêa, já são mais que sufficientes para justificar o plural do Poeta. Accresce ainda que o titulo pertencia tambem pelo menos ao "Gozil" de Corrêa. Isto para não falar no termo generico "oficiais" do Samorim, de que Barros usa (47).

Mas supponhamos que ao Poeta não era permittido ter na mente senão "o catual e o feitor, de que fala Castanheda". Ainda, nesta hypo-

---

(46) "E ante de chegar aos paços, per mandado d'ElRey veo a receber o Capitão mór o Catual da casa d'ElRey, que he Guarda mór de seos paços, que se algum entrar onde estiver ElRey sem sua licença, logo á porta dos paços lhe mandará cortar a cabeça, sem o perguntar a ElRey, se quiser" (p. 98). O desembarque de Vasco da Gama e a sua ida até o paço conta-os G. Corrêa por uma forma muito differente da que se lê em Barros e em Castanheda. V. p. 95-98.

(47) Para Camões, o "Catual", o "regedor", parece que é sempre o mesmo individuo; comtudo em VII, 44, apenas se lhe chama "hum regedor do Reino", ao passo que em VIII, 81, se diz que era

O principal por quem se governavão
As cidades do Samorim potente.

Em quem pensava agora o Poeta? Naturalmente no segundo Catual de Barros e no "grão senhor" de Castanheda, embora este lhe não dê o titulo que tinha o irmão.
Dos primeiros versos desta est.:

Era este Catual hum dos que estavão
Corrutos pela Maumetana gente,

é permittido inferir que, segundo Camões, os catuaes corruptos não eram apenas dois, mas deviam ser mais.

these, elle estava no seu direito em recorrer á *denominatio a potiori*, englobando um catual e um feitor em dois catuaes e podendo, portanto, usar do plural "avaros Catuais", "Catuais corrutos". E' precisamente o mesmo que elle faz com o feitor e escrivão que V. da Gama enviou para terra com a mercadoria. "E chegada a mercadoria a terra, & entregue ao catual, & assi Diogo diaz q̄ ficaua por feytor: & Alvaro de Braga por seu escriuão". (Castanheda, I, c. 22). "Conveo a Vasco da Gamma leixar em terra... a Diogo Diaz por feitor, Aluaro de Braga por escriuão" etc. (Barros, I, 4,10).

Como se vê, o feitor era um só; pois, apesar disso, o Poeta não fala senão nos "dous feitores" (IX, 1, 2) (48) ou nos "feitores" (IX, 8, 5; 9, 3; 14, 3). Cf. a nota a VIII, 25,8. Ora, com o mesmo direito, de um catual e um feitor poderia resultar o plural "catuais".

Diz ainda o commentario que "o ultimo verso (da est. 52) explica em que consistiam as "manhas e ardis"; mas "adquirir com peitas os regedores" não eram "manhas e ardis"; era a preparação do terreno para pôr estes em pratica. O plano ardiloso, que não poderia effectivar-se sem a acquiescencia dos "regedores", expõe-no Barros nestes termos: "A conclusão da consulta (que entre si fizeram os mouros principaes de Calecut) acabou que buscassem todolos modos possiueis pera sumir os nossos nauíos no fundo do mar, & que as pessoas como ficassem em terra, hum & hum os irião gastando, com que não houvesse memoria delles, nem do que tinham descoberto" (I, 4,9). E é para isso que

> Com peitas, ouro & dadiuas secretas
> Concilião da terra os principais.

Emquanto ao superlativo relativo do v. 7, cf. a nota a VIII, 98,3.

Est. 54. No v. 8.º ha uma contaminação a respeito da qual nada diz o commentario. Deve o rei que bem governa ter todo o cuidado na escolha dos seus conselheiros ou privados,

> Porque como estê (49) posto na superna
> Cadeira, pode mal dos apartados
> Negocios ter noticia mais inteira,
> Do que lhe der a lingoa conselheira.

Das duas construcções: "Da que lhe der" (50) e "Do que (ou Que) a que lhe der" resultou o "Do que lhe der". A primeira corresponde, no

---

(48) Commentario a este verso: "o feitor propriamente dito e o escrivão".

(49) A forma, hoje usada, "esteja" é devida á influencia de "seja".

(50) Cf. VIII, 95. Soltando V. da Gama, o catual espera

> Interesse maior *do* que lhe vinha,
> Se o Capitão mais tempo detiuesse.

"Ficando com menos soberba *da* que agora tendes" (*Palmeirim*, II, p. 65). Neste passo do *Palmeirim* (II, p. 132): "... porque o teu estado... fique mais abatido e cõ menos gloria e louuor *do que* te agora te poserã tuas obras", "do que" está por "do *em* que". Cf.: do *que aquelle em* que.

latim, ao ablativo *ea*, seguido do relativo *quam* (suppondo, é claro, que "noticia" é traduzida por um nome feminino); a segunda representa a outra maneira de exprimir o segundo termo da comparação: a conjunção *quam*, seguida do nominativo *ea* e do relativo supramencionado. Cf. a nota a IX, 73.

Est. 55. Depois de ter advertido que se não deve aceitar "em grosso", i. é, sem mais exame (51), quem se apresenta sob o manto da humildade, pois debaixo deste pode estar escondida a ambição, o Poeta accrescenta:

E quando hũ bom em tudo he justo e sancto,
E em negocios do mundo pouco acerta
Que mal coelles poderá ter conta
A quieta inocencia, em so Deos pronta.

Com a grande maioria dos outros editores, o commentario elimina a conjunção "E" do 2.º verso. Sem razão. Cf. a nota a VII, 70,5.

Observação final do commentario: "Nesta est. a allusão aos jesuitas, que senhorearam inteiramente o animo do rei de Portugal, é transparente".

Nesta est. e na anterior não se allude aos jesuitas em geral (com estes é a est. 119 do c. X), mas aos dois irmãos e membros da Companhia, padres Luiz Gonçalves da Camara, mestre, confessor e grande privado de D. Sebastião, e Martim Gonçalves da Camara, seu escrivão da puridade.

Quando o Poeta voltou do Oriente, em 1570, eram estes que tinham nas suas mãos a direcção superior do estado; eram estes que na côrte punham e dispunham de tudo.

Não faltavam, porém, descontentes, mesmo entre as pessoas de mais elevada categoria e aquellas que pela sua posição estavam superiores ás paixões politicas, e se norteavam apenas pelo interesse publico. Basta citar D. Alvaro de Castro, um dos *lusiadas*, que o Poeta ia immortalizar (X, 70), e o sabedor e avisado bispo de Silves, D. Jeronymo Osorio (52).

Camões enfileirou ao lado destes e com toda a hombridade exarou na epopéa que ia apparecer o que pensava a respeito do andamento dos negocios publicos. As est. 54-55 do canto VIII são avisos ao rei: são precauções contra a possivel ambição de quem se apresentava envolvido "num

---

(51) "Agora fidalgo frances nam mantem palavra, salvo em quanto lhe vem bem, e nos caa, como tomamos toda novidade em grosso, temos feito lei". (*Eufrosina*, p. 51).

(52) Cf., por ex., Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, t. I, c. 1.º

pobre e humilde manto" (53). Demais, para dirigir os "negocios do mundo", não basta a santidade, pois mal se entenderá com elles, quem traz os olhos só em Deus.

Nestas est. Camões é, por assim dizer, o porta-voz da opposição aos Camaras.

Est. 56-57. Depois de dizer que os catuaes, induzidos pelos mouros, dilatavam o despacho aos portuguêses, continúa o Poeta :

Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenauão,
Que leuar a seu Rei hum sinal certo
Do mundo que deixa descuberto.

Nisto trabalha so, que bem sabia.
.....

Que querem dizer as palavras : O Gama, de tudo quanto os mouros ordenavam, só pretende levar a D. Manuel um signal certo do descobrimento da India ? Não era precisamente o contrario disto o que elles se esforçavam por conseguir ?

A difficuldade, a que o commentario se não refere, provém de faltar um elo no encadeamento logico das idéas, isto é, trata-se de uma brachilogia, de uma frase encurtada. V. da Gama só pretende *que* os *mouros o não matem*, para levar, etc. Comtanto que lhe não tirem a vida, tudo está resolvido a soffrer. Cf. I, 54, 7-8, e VIII, 32, 2-3. Nestes dois passos, completa-se o pensamento com a intercalação de *dir-vos hei* entre os vv. 7-8, e *dir-te hei* entre 2-3.

Como é de suppor, da brachilogia resulta ás vezes uma frase appa-

---

(53) Da violentissima carta de D. Jeronymo Osorio "ao padre Luiz Gonçalves da Camara, mestre e confessor de el-rei D. Sebastião no anno de 1570", escripta por ocasião da ida do rei a Coimbra, em outubro daquelle anno, i. é, poucos mezes depois que o Poeta chegou a Lisboa, transcrevo apenas o trecho seguinte : "Primeiramente Vossa Reverendissima está havido na opinião da mais gente desta terra, e ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lh' mais sobmetem, por mais amigo do mundo e honra, do que esse habito requer; porque dizem que, quando Vossa Reverendissima se não correu de ser o primeiro da Companhia que aceitasse por sua pessoa officios publicos e governo da terra,... que logo ordenou as cousas e entabolou seu irmão, mancebo, sem experiencia de negocios, sem autoridade, saido das escolas de quatro dias com mediocres letras, pobre de conselho, com el-rei menino", etc. *Obras ineditas*, Lisboa 1818. Cf. um dos pasquins lançados por aquella occasião em Coimbra no terreiro do paço e que o dr. Simões de Castro descobriu na bibliotheca do Porto :

Um mancebo sem experiencia
e hũ velho sem saber
dois irmãos sem consciencia
deitam este Reino a perder.

V. *Notas acêrca da vinda e estada de el-rei D. Sebastião em Coimbra no anno de 1570. Coimbra 1922*. O "velho sem saber" creio que é o vedor da fazenda, D. Martinho Pereira, nomeado por D. Sebastião, quando em 1568 tomou conta do governo. "Fidalgo já entrado em annos,... não tinha outro merecimento além do fanatismo, em que acompanhava o irmão de D. João III", diz delle Rebello da Silva (obra cit., p. 54-55).

rentemente paradoxal ou absurda, como em VIII, 56, que é preciso completar mentalmente com o auxilio do contexto.

Est. 65. Começo do discurso que V. da Gama dirige ao Samorim:

> Se os antigos delitos, que a malicia
> Humana cometeo na prisca (54) idade,
> Nam causaram que o vaso da niquicia,
> Açoute tão cruel da Christandade,
> Viera pôr perpetua inimicicia
> Na geraçam de Adão, co a falsidade,
> O' poderoso Rei, da torpe seita,
> Nam conceberas tu tam má suspeita.

O conteúdo desta oitava resume-se no seguinte: Se não fossem os mahometanos (prótase, versos 1-7), não conceberas tu tão má suspeita (apódose, v. 8). E a prótase é assim desenvolvida: Se os delictos antigos não fizessem apparecer Mahomet, que, com a sua falsa e torpe seita, veio tornar inimigos irreconciliaveis os descendentes de Adão.

Attribuindo o apparecimento do mahometismo aos peccados antigos, Camões não faz mais do que generalizar o que leu em Barros a respeito da perda de Espanha. "Pero vindo o tempo té o qual Deos quis dissimular os peccados de Espanha, esperando sua penitencia,... em lugar de penitencia acrescentou outros muy graues & pubricos peccados & que mais acabaram de encher a medida de sua condenaçam... Com as quaes cousas prouocada a justiça de Deos, usou de seu diuino & antigo juizo: que sempre foy castigar pubricos e geraes peccados com pubricos & notaveis peccadores" etc. (*Déc.* I, 1,1). Outra das suas fontes, Sabélico, chama a Mahomet "pestis illa teterrima' e da nova religião diz: "Arabiae defectio magnum peperit humano generi incendium. Inde seminarium illud malorum terris ortum, errore inextricabili, qui mortalium partem multo maximam in veri obliuionem abduxit" (*Enneades*, VIII, l. 6.º).

Commentario: "o vaso da nequicia] = o vaso da maldade, é o Demonio; no entender, porém, de Man. Corrêa, é Mahomet".

O conteúdo da est. mostra que é deste e não daquelle que o Poeta fala.

Continúa o commentario: "Em "co a falsidade" começa a apódose (o membro condicionado)".

Estas palavras pertencem ainda á prótase; indicam o modo como o "vaso da nequicia" veio lançar entre os homens uma inimizade irreconciliavel.

E conclue: "co a falsidade... da torpe seita] allude ao que se diz em 51-53".

Neste caso, V. da Gama raciocinaria assim: Se o demonio não tivesse posto perpetua inimizade entre os homens, já tu, com a falsidade

---

(54) Este adjectivo tem aqui apenas a significação de "antiga", e não a de "primitiva". Refere-se aos primeiros seculos da era christã (cf. o v. 4) e não aos primordios da humanidade.

dos mouros, não conceberias tão má suspeita contra nós. E' natural que o rei de Calecut não ficasse percebendo muito nitidamente o nexo entre a prótase e a apódose. A que proposito vem aqui o demonio?

Que perpetua inimizade é esta que elle veio pôr na progenie de Adão? A que facto se quer alludir? Que "antigos delitos" motivaram a ingerencia do "vaso da nequicia" (55) nas relações entre os homens? Outras tantas perguntas, a que não é facil responder.

Compare-se tudo isto com o raciocinio que o Poeta realmente attribue a V. da Gama: Se os peccados da humanidade não tivessem feito apparecer a seita mahometana, inimiga irreconciliavel dos christãos, já tu não conceberias tão má suspeita contra nós; já os partidarios da "torpe seita" nos não calumniariam.

Est. 76. Convencido pelas considerações de V. da Gama, o Samorim

Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutus, mal julgados.

Commentario: "mal julgados] = de quem elle tinha formado juizo errado".

Duas vezes foram os catuaes "mal julgados" pelo rei de Calecut: quando lhe faltaram á verdade a respeito dos portugueses e elle suppunha lhe falavam com sinceridade, e agora que lhe parece terem-se enganado, quando elles sabiam bem o que disseram e os motivos por que.

O commentario exprime-se por forma que se refere ao primeiro destes juizos; mas o contexto reporta-nos ao segundo.

O Samorim, tendo ouvido V. da Gama, começa a julgar os catuaes por enganados, mas julga-os mal, porque elles estavam, não enganados, mas comprados, para dizerem mal dos portugueses (56).

Est. 77. O Samorim autoriza o Gama a que

Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Commentario: "troque" sc. uma fazenda; "e venda" sc. outra". Não é preciso fazer esta distinção, nem as fontes do Poeta a justificam (57). Na repetição de palavras synonymas ou de significação analoga ha apenas

---

(55) Como o commentario observa, trata-se de uma expressão biblica que no *Genesis*, XLIX, 5, é applicada a dois dos filhos de Jacob: *Simeon et Levi fratres: vasa iniquitatis bellantia*. No *Inferno*, II, 28, Dante chama a São Paulo "lo Vas d'elezione".

(56) Já fui de opinião que "julgados" tinha a significação activa: "que julgam", como, por ex., "errados" em X, 76,4. Mas os catuaes faziam accusações aos portugueses, não por julgarem, embora sem fundamento, que ellas fossem verdadeiras, mas porque estavam corruptos pelas dadivas dos mouros.

(57) Estas só empregam os verbos "comprar" e "vender". Cf. Barros *Dec.*, I, 4, 9. Castanheda, I, c. 24.

um processo estilistico, muito em uso no tempo de Camões. Cf., sem sair do canto VIII, "amostra e avisa" (est. 4), "impede e difere" (est. 82), "fosse e tornasse" (est. 85), "pode e val" (est. 94). Na est. 92,3. reapparecem os dois verbos, mas na est. 94 o feitor e o escrivão ficam em terra com a fazenda, para

Que a podessem vender pelo que val.

e o c. IX começa por estes versos:

Tiuerão longamente na cidade
Sem vender se a fazenda os dous feitores.

Alguns exemplos do *Livro de Marco Paulo*: "suplicarom e pidirom" (l. I, c. 9); "muytos delles (fala-se de umas pedras preciosas chamadas balasses) da e troca (el rey) por ouro e por prata" (*ibid*, c. 34); "da e reparte" (c. 66); "ho liom recea e se teme" (l. II, c. 49); etc.

Est. 81. Era do catual que os mouros esperavam a realização dos seus enganos; e

Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira.

Do commentario: ..."O verbo latino *delirare* significa primordialmente "apartar-se do rego". Não parece que se encontre em outra parte "delirar" na accepção que tem neste logar".

No Dante (*Inferno*, XI, 76-78) leu Camões esta pergunta, com que Vergilio começa a responder a uma observação do poeta florentino:

..... Perchè tanto delira
... l'ingegno tuo da quel che suole,
Ovver la mente tua altrove mira?

O verbo deriva do latim *lira*, rego aberto pelo arado.

Est. 93. Para G. Corrêa, os indios, a começar nos vendedoras de lenha que vieram a bordo dos navios de V. da Gama (cf. VII, 3) e a terminar no Samorim, eram todos negros. "E assi o disserão os negros da lenha" (I, 1.ª p., p. 72). "Veo da terra huma almadia grande, em que veo hum criado d'ElRey, homem fidalgo a que elles chamão Naire;... homem muyto preto e muyto bem desposto". (*Ibid.*, p. 73). "Chegando o Capitão mór foy leuado... até a casa... onde ElRey estaua;... homem muito preto, nu, com panos brancos vestido do embigo até o joelho". (*Ibid.*, p. 98). Não admira, portanto, que o Poeta, no 1.º v. desta est. diga com referencia ao catual:

Concertã se que o negro mande dar,

e que em IX, 12, 8, chame tambem "negros" aos mercadores de Calecut que V. da Gama tinha presos, como represalia.

Commentario: "não é absolutamente certo o sentido em que a palavra ("negro") ha de tomar-se, sendo que uns entendem se refere á côr muito baça do sujeito;... outros, com Garcez Ferreira, crêem que é empregada como expressão afrontosa, que se tornou vulgar depois de principiar o trafico da escravatura negra".

Não foi de certo por amabilidade que o Poeta carregou na côr dos indios (58); mas não o faria, se não tivesse autoridades em que se apoiar.

Est. 96. Termina o Poeta com a reflexão de que, tanto no rico como no pobre, muito

Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

Commentario: "O sentido do adjectivo "immigo" neste logar não parece poder determinar-se peremptoriamente. Visto que o Poeta mais de uma vez associa as duas idéas de "perfido" e de "inimigo" (I, 71, 92; II, 30; III, 119),... e na linguagem religiosa "o inimigo" equivale a "o diabo", é natural pensar que "inimigo" está por "perfido" ou "diabolico"; mas pode ser tambem que esteja no sentido de "que é a perdição de alguem, fatal para alguem", como *inimicus* em "castra inimica petunt". (Verg. *En.* IX, 315)".

A sêde do dinheiro é inimiga de quem a tem, de quem della soffre, porque o obriga a afastar-se do caminho da virtude, do cumprimento dos seus deveres.

Est. 98. Um dos males que produz o "metal luzente e louro" é que

Este a mais nobres faz fazer (59) vilezas.

O commentario limita-se a dizer: "a mais nobres] por: aos mais nobres (e assim escreven B. Feio; já B. Caldera traduzira: *a los mas nobles*)".

---

(58) Em geral, os nossos escriptores do sec. XVI contentam-se com o qualificativo "baço". Do Samorim diz Castanheda: "El rey era homẽ baço & grande de corpo", etc. (I, c. 17).

(59) Junção muito usada em algumas das linguas romanicas e devida, em parte, á aliteração, mas tambem e principalmente á significação generica do verbo, que dispensa o trabalho mental de buscar outro mais preciso. "As perfeições de vossa fermosura e parecer sam para desbaratar vontades liures e fazer fazer estremos" (*Palmeirim*, II, p. 157).

Quel da Esti il fe' far, che m'avea in ira.

Dante, *Purgatorio*, V, 77.

No tempo do Poeta ainda o superlativo relativo (isto é, o superlativo que estabelece a comparação com todos os outros individuos da mesma especie, o superlativo comparativo) se não distinguia muitas vezes do simples comparativo (que apenas faz o confronto com algum ou alguns desses individuos). Era só pelo contexto, pelo sentido da frase, que essa distinção se fazia. "Cuydaua que, antre todolos males que o amor pode ordenar, ser auzente era maior" (*Palmeirim*, III, p. 44). "Isso poderia ser em algum tempo, se foi; mas neste he maior bulra do mundo" (*Eufrosina*, p. 107). "Eu irei de ca mais cedo que poder" (*Ibid*, p. 109). Hoje é indispensavel o accrescentamento do artigo: *o maior, a maior, o mais cedo.*

Dos dois typos primitivos: *a*) "é melhor que todos" e *b*) "é melhor de todos", o primeiro subsiste sem alteração; ao segundo começou a addicionar-se-lhe o artigo na sua funcção individualizante (60) e a dispensar-se o termo de comparação: "é o melhor de todos", "é o melhor".

Não usamos, porém, do artigo, quando o superlativo relativo concorda com um nome que já o tem. Assim: "o homem mais forte" (cf. "o mais forte homem"), "homem, o mais forte" (61); mas não: "o homem o mais forte", como dizem, por ex., os franceses e os italianos (62).

Com a construcção ainda empregada por Camões, compare-se este passo do Dante (*Purgatorio*, XXVI, 115-118):

O frate, disse, questi ch'io ti scerno
Col dito (e additò uno spirto innanzi)
Fu *miglior* (63) fabbro del parlar materno.

O v. 7 da est 98 está assim graphado na 1.ª ed.:

Este depraua as vezes às ciencias.

Commentario: "Em "as v.", "às sc." houve troca na collocação do accento".

---

(60) Cf. "é capitão da gente" com: "é o capitão da gente". O artigo foi-se introduzindo para evitar a possivel e por vezes facil confusão entre o comparativo e o superlativo relativo.

(61) "Tudo de ouro e córes as mais proprias". Lucena, ed. da *Antologia*, II, 167.

(62) Para o estudo da evolução do comparativo e do superlativo no português, vejam-se tambem estas frases: *a*) "Seu recebimento... se fez coas mayores festas e nouas inuenções, do que se naquella terra nunca virá". (*Palmeirim*, III, p. 10). Contaminação do superlativo relativo com o comparativo, ellipse de "mais" antes de "nouas". *b*) "De cores diuersas, tã finissimas em si, que as nã podia sofrer a vista". (*Id.*, I, p. 412). "De tão antiquissimos tempos não tem escriptura". (Barros, *Dec.* II, 5,1). *c*) "Per cõmercio naquellas partes era a mais riquissima". (*Id.*, *ib.*, 6, 1). *d*) "Dos quais (perigos) o muito principal era o grande numero... dos corsarios". (Lucena, ed. da *Antologia*, I, 247).

(63) O contexto mostra que se trata de um superlativo. "Questi è Arnaldo Daniello, che fu il più artificioso e leggiadro dicitore nel suo idioma materno,... che era il provenzale", explica um commentador, Francesia.

Não ha motivo nenhum para se recorrer a esta explicação. No *Palmeirim*, por ex., a cada passo se encontra "as vezes" pelo actual "ás vezes".

Um exemplo apenas: "Cada hũ... trabalhaua por mostrar as suas (forças)... trauando se as vezes a braços" (I, p. 50) (64). Cf. a nota a VI, 18.

Com relação ao "a" aberto em "às", cf. a nota a I, 99, 7.

José Maria Rodrigues.

(64) Mas tambem: "Assi andaram aas vezes ferindo se brauamente". (*Ibid.*, p. 73). Cf. *Lusiadas*, IX, 33, 4 e 7.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

IX

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO IX

Est. 3. Para aniquilarem os portugueses, esperavam os mouros pelos navios de Gidá, pois

> Daqui aos Malabares, por contrato
> Dos infieis, fermosa companhia
> De grandes naos, pelo Indico Oceano,
> Especiaria vem buscar cada anno.

Commentario: «por contrato [Dos infieis] = por contrato com os infieis, com os muçulmanos. Storck parece que liga, talvez com razão, «dos infieis» a «fermosa companhia de grandes naos».

Como se vê pelas respectivas fontes, a palavra «contrato» tem aqui apenas a significação de «trato», «commercio». «Os mouros de Calicut... ficárão muy salteados... porque vião claramente quanto perdião do muyto que ganhauão tendo sós ho trato da especiaria;... e mais que os auião de ter (aos christãos) por cõpetidores em seus tratos» (Castanheda, I, p. 65). «Os mouros assi naturaes da terra como algũs estrangeiros que estauão naquella cidade Calecut por razão do trato da especiaria (do qual negocio elles erão senhores), quando virão que a embaixada de Vasco da Gamma» etc. (Barros, I, 4, 9). «O Çamorij,... perdendo a elles, perdia vassallos, e não virem mais a seu porto naos de Mecha, Judá, Adem, Ormuz, & doutras muitas partes, no commercio das quaes estaua todo seu estado». *(Ibid)*.

Era por causa do trato, do commercio, que os navios dos infieis, i. é, dos mouros, iam todos os annos do mar Roxo á India. (1)

Est. 7. Monçaide informa o Gama das armadas

Que de Arabica Meca vem cadano.

O commentario emenda, com a generalidade dos editores: «da Arabica». Escusadamente. O Poeta escreveu «de Ar.», para se ler: «de Arábica», por «de a A.» Cf. III, 15, 7, e IX, 28, 5.

Est. 9. Começa a est. por estes versos:

Porem não tardou muito que voando
Hum rumor nam soasse com verdade.

Commentario: «não soasse] A negativa, bem que contraria ao rigor logico, é vulgar na conversação».

Temos aqui a contaminação de dois conceitos: o do tempo anterior ao facto, considerado na sua duração, e o do momento em que o facto se realiza ou começa a realizar-se. O primeiro exprime-se sob a forma negativa, pois o acontecimento que se toma como ponto de referencia ainda se não effectivou: «Durou («não durou») muito o tempo em que o rumor *não* soou». O segundo reporta-se ao começo do tempo em que o facto passa da possibilidade á realidade e desta lhe resulta a expressão positiva: «Tardou («não tardou») o tempo em que o rumor soou». «Nã tardou muito que sobre as ameas chegou hũ homem» (*Palmeirim*, I, p. 5). Mas tambem, como nos *Lusiadas* (2): «Nã tardou muito que nã veo huma donzella» (*Id.*, III, p. 19).

Est. 10. Alguns dos marinheiros

....quebram co peito duro a barra.

Para explicar este verbo cita o commentario as seguintes palavras de F. e Sousa:

«*El dezir que quebran la barra es hiperbole de la grande fuerza con que se arrojan a ella*». E transcreve tambem a traducção de Macedo: «*Pars alia impellunt robusto pectore lignum*».

---

(1) A virgula que no texto está depois de «infieis» deve, portanto, passar para o fim do verso precedente, de conformidade com a opinião attribuida a Storck, que allás traduz por esta forma:

Von dort besucht bis Malabar die Lande
Ungläub'ger nach Vertrag ein mächt'ger Zug
Lastbarer Schiff'...

(2) Salvo o verbo, que nestes está no conjuntivo.

O verbo apparece no *Palmeirim* com a significação de «vergar», «torcer», que é a que lhe dá aqui o Poeta. «Nisto sayo por hũa porta falsa do castello hũ caualleiro de grã corpo.... brandindo hũa lança cõ tanta força que a quebraua» (I, p. 370). Cf. p. 420: «Nisto se abrio a porta do castello e sayo de dentro o gigante Almourol,.... brandindo hũa lança cõ tanta força, que inda que a grossura della fosse grande, parecia que hũa ponta juntaua coa outra». E a p. 30: «Vio hũa companha de donzellas,.... vestidas todas de negro, seus fermosos cabellos lançados atras, quebrados por muitas partes do pouco doo, que suas donas ouueram delles».

Est. 12 e 14. Conta Barros que, quando o feitor Diogo Dias e os portugueses que com elle estavam em terra vinham secretamente para a praia, ante manhã, afim de embarcarem, foram presos pelos mouros, que tambem lhes tomaram quanta fazenda traziam. Como represalia, V. da Gama houve á mão obra de vinte e tantos pescadores que vieram ao mar, o que causou grande alvoroço nas familias destes. O Çamorim, informado do que se passava, mandou entregar os presos e a fazenda a V. da Gama por dois senhores gentios, encarregando-os ao mesmo tempo de haverem deste os pescadores que tinha em seu poder. Mas, «por causa dalgũa fazenda que lhe não quizerão entregar, Vasco da Gamma reteue certos Indios, que trouxe consigo» (I, 4, 10). Alguns dos pescadores ou outros? Parece, pela redacção, que foram outros, embora se não fique sabendo que qualidade de gente era e a que titulo tinha ido a bordo.

Segundo Castanheda, quando V. da Gama teve conhecimento da prisão de Diogo Dias e de Alvaro de Braga, não se deu por achado, antes acolhia de bom rosto os malabares que iam á sua nau, [1] á espera de algum liomem de preço de quem se apoderasse, até que uma vez foram lá «seys homẽs honrrados com dezanove que leuauão cõsigo», que todos ficaram detidos, mandando V. da Gama dizer ao Samorim que lhos entregaria em troca dos portugueses presos. Depois de varias peripécias, estes puderam ir para o mar e V. da Gama enviou ao Samorim «os seus Naires [2] e os outros deixou» e trouxe para Portugal, afim de serem «testemunhas de seu descobrimento» [3]

---

(1) «E ao outro dia... foy hũa só almadia a bordo da capitaina em que forão quatro moços que leuauão a vender pedras finas & parecendo à Vasco da gama que yão por espias pera verem o que lhe fazião, & pera se saber como estaua cõ el rey, os agasalhou como dantes... E (os moços) contarão a el rey ho bõ gasalhado... & (este) tornou a mandar que fossem a bordo... E dali por diante forão os malabares a bordo» (I, 23).

(2) Por certo «os seys homẽs honrrados» que ficaram detidos com os dezenove que levavam comsigo.

(3) Se fosse verdadeira a narrativa de Gaspar Correa, nada se teria passado do que se lê quer em Barros, quer em Castanheda. V. da Gama foi para bordo muito irritado com o que lhe tinham feito em terra e ameaçando que, «se tornasse algum tempo a Calecut, elle tomaria vingança de quem lhe mal fizera». Informado disto, o Samorim mandou-lhe dizer pelo castelhano Alonso Perez e por um bramene que «tinha muito pesar do que era passado, mas que elle tinha preso quem lhe tinha a culpa e lhe daria o castigo que uuria; que portanto lhe rogava que tornasse ao porto».

Vasco da Gama não annuiu, os dois mensageiros foram despedidos e «por hauer vento, as naos se fizerão á vela».

Vejamos agora o que fez o Poeta em presença das duas versões inconciliaveis.

Segundo as est. 10-12, baseadas em Castanheda, V. da Gama

> Faz represaria nũs, que aas naos vierão,
> A vender pedraria que trouxerão.

E as familias destes, vendo que as naus portuguesas estavam prestes a partir, vão em grande grita queixar-se ao Samorim, o qual

> Manda logo os feitores Lusitanos
> Com toda sua fazenda liuremente,
> .....
> Porque lhe torne a sua presa gente:
> Desculpas manda o Rei de seus enganos,
> Recebe o Capitão de melhor mente
> Os presos que as desculpas, e tornando
> Algũs negros, (1) se parte as vellas dando.

Isto é: V. da Gama traz comsigo alguns dos mercadores em que tinha feito represalia.

A est. 14, porém, conta as cousas de conformidade com Barros, pois V. da Gama

> Leua algũs Malabares, que tomou
> Per força, dos que o Samorim mandara
> Quando os presos feitores lhe tornou.

Como conciliar o «tornando» de 12, 7, com o «tomou» de 14, 1?

«Desapparecem as difficuldades, diz o commentario, se, com a ed. de 1663, se entender que «tornando» está, por erro typographico, em logar de «tomando», servindo assim os tres primeiros versos da est. 14.ª de explicar o «tomando alguns negros» da est. 12.ª».

Mas não é preciso recorrer ao erro typographico, pois se trata de uma duplicação, analoga, por ex., á de III, 21, 7, comparado com VIII, 3, 1, e 4, 4, á de X, 93, 7-8, comparado com X, 95, 1-2; etc.

Est. 18. Diz o Poeta que

> ... a Deosa Cipria... ordenada
> Era pera fauor dos Lusitanos
> Do Padre eterno, & por bom genio dada
> Que sempre os guia já de longos annos.

(1) Cf a nota a VIII, 93, 1.

Commentario: «o Padre eterno] Jupiter... Ver em «o Padre eterno» a primeira pessoa da Trindade christã é desacerto de que até alguns admiradores de Camões se não livraram.

E parece que até o proprio Camões, como se collige de X, 83:

> ..... a santa prouidencia,
> Que em Jupiter aqui se representa,
> Por espiritos mil que tem prudencia
> Gouerna o mundo todo, que sustenta.

Se o Jupiter do poema representa a Providencia, que muito é que Venus symbolize nelle um dos espiritos por que esta governa o mundo?

Que muito é, portanto, que Venus se possa dizer ordenada pelo «Padre eterno» da Trindade christã?

Est. 21. Situação geographica da «ilha dos amores». Resolvida a dar algum descanso no mar aos portugueses que voltavam da India, Venus determina

> De terlhe aparelhada la no meio
> Das agoas algũa insula diuina,
> Ornada desmaltado e verde arreio:
> Que muitas tem no reino que confina
> Da primeira co terreno seio,
> Afora as que possue soberanas,
> Pera dentro das portas Herculanas.

Tal é o texto das primeiras quatro edições e ainda de parte dos exemplares da quinta.

Segundo nelle se lê, a «insula diuina» é uma das que Venus possuia «no reino que confina da primeira co terreno seio».

O «reino», escusado é dizê-lo, é o mar, é o «reino de cristal, liquido e manso» da est. 19. E como «terreno seio» é o mesmo que «enseada», «golfo», e, além disso, «primeira» não pode concordar senão com a «insula» do v. 21, segue-se que a «ilha dos amores» appareceu no mar que confina com a enseada da primeira ilha.

Que é isto, como indicação geographica? Manifestamente não é nada.

Accresce ainda que, pelo lado da metrica,

> Da primeira co terreno seio

é um verso inadmissivel.

Não foi, portanto, isto o que o Poeta escreveu.

Com o intuito de remediar os dois inconvenientes, B. Caldera, na traducção castelhana dos *Lusiadas* que publicou em 1580, introduziu no enigmatico verso a palavra «madre»:

> Que islas tiene en el reyno que confina
> De la primera madre con el seno.

Este additamento foi introduzido em parte dos exemplares da 5.ª edição:

> Da mãy primeira co terreno seio,

e apesar da declaração attribuida ao commentador M. Corrêa, tem merecido o applauso de quasi todos os editores do poema. (1)

O commentario julga «segurissima» a correcção «da mãe primeira» e suppõe que «proveio de nota marginal posta pelo proprio P. ou por quem directa ou indirectamente delle a houvesse recebido». (2) Relativamente ao que se lê no commentario de M. Corrêa, observa que «o cura de S. Sebastião da Mouraria não é pessoa que mereça credito». E emquanto á interpretação do texto, addicionado com a palavra «mãe», diz: «o reino que confina | Da mãe primeira co terreno seio] é «o reino do Padre Oceano que rodeia o mundo universal» (v. VI, 27). A «mãe primeira» é a Terra, a *Tellus mater*, *Terra mater* da religião romana... Em «o terreno seio da mãe primeira» o pleonasmo é ainda menos estranho que em «Se lá dos ceos não vem celeste aviso» (II, 59), em «a sede dura... Do peito... sitibundo» (IV, 44)... Cam., querendo justificar a sua ficção da «insula divina», diz-nos que Venus, além das ilhas do mar Mediterraneo («pera dentro das portas Herculanas»), celebradas pela literatura greco-romana, taes como Chypre e Cythera (v. V, 5), possue muitas outras na vastidão do mar que circumda a parte solida do globo».

Quer dizer: para o commentario, o supposto «seio da terra» do v. 6.º é o mesmo que «a parte solida do globo»!

---

(1) Eis o que na obra de M. Corrêa se lê a proposito do texto das primeiras edições: «*Da primeyra co terreno sepo*. Assi fez Luís de Camões este verso, e não como anda impresso: da mãy primeira co terreno seio; que foy acrecentamento da syllaba mãy, por crerem que faltava no verso, o que não he. Nem a palavra mãy naquelle lugar quer dizer cousa que satisfaça; quando as syllabas da palavra primeyra tem quatro, pois tem quatro vogais. E ainda que o ay (!) seja dipthongo e se tome por uma syllaba só, costumam os poetas dividi-los. E assi o ouvi a Luis de Camões: os que quiserem que errasse Luis de Camões, façam o verso desta maneira: com o terreno seio».

Está-se a ver em tudo isto a mão do proprietario e editor do commentario de M. Corrêa, P. de Mariz esperava vender melhor a obra, apresentando-a como escripta por um amigo do Poeta, a instancias e com indicações deste.

(2) Não ha motivo nenhum para contestar a B. Caldera a prioridade da «correcção», recorrendo a uma hypothese que nada justifica. E não foi este o unico passo do poema, que elle modificou, com o intuito de emendar o que se lê na 1.ª edição. Cf., por ex., X, 102, 4.

Escusado é observar que o « seio da terra », se tal conceito se achasse enunciado naquelle verso, não poderia ser senão o centro do globo terraqueo ou talvez tambem o interior da superficie solida.

E como o mar não confina nem com o primeiro, nem com o segundo, o commentario resolveu a difficuldade, eliminando um dos elementos componentes do conceito. Em vez de escrever: « na vastidão do mar que circumda o *centro do globo* ou o interior da superficie da terra », o commentario simplifica o problema pela forma que fica exposta.

O Poeta não tem a responsabilidade do que lhe querem attribuir, pois não lhe pertence a palavra « mãe ». O que se lia no manuscripto que elle enviou para a censura, era cousa muito diversa, como logo se verá.

Mas, se a palavra referida não é da sua autoria, são-no as que terminam o verso: « co terreno seio ». E estas, apesar da apparencia, nada têm que ver com o « seio da terra » do commentario.

O « terreno seio » da est. 21 é uma expressão geographica, equivalente a « enseada »: é uma curva formada pela costa, é um seio em que a terra, por assim dizer, acolhe o mar.

« Enseada é o arco á borda do mar, formado a modo de sino ou seio », define Moraes, e cita este passo de Lucena: « fazendo a costa hum grande arco, a que chamamos enseiada ». (1)

E, como á curva reintrante da terra corresponde uma saliente do mar, tambem a esta se deu o nome de seio ou enseada. (2) E para as distinguir, a primeira pode chamar-se e tem-se chamado « terreno seio », e a segunda, « maritimo seio ». (3)

---

(1) No latim tambem a palavra *sinus* pode significar « *in ora maris terra curvata et recedens, ac velut sinum praebens aquis incurrentibus* ». Forcellini = Do Vit, *Tot. lat. lexicon*.

(2) Em X, 125, o golfo de Sião é indicado pela curvatura da costa:

> Daqui tornando a costa ao Cynosura
> Se encurva e pera a Aurora se endereita.

O mesmo acontece com o de Bengala, em X, 120:

> Ja com esta cidade tão famosa
> Se faz curva a Gangetica enseada;
> Corre Narsinga, rica e poderosa,
> Corre Orixa, de roupas abastada;
> No fundo da enseada o illustre rio
> Ganges vem ao salgado senhorio.

O commentario explica: « a Gangetica enseada] o golfo de Bengala ». Não é precisamente a mesma cousa, pois « enseada » aqui não é o mar, mas a curva formada pela costa.

(3) Cf. o « maritimus sinus » de Cicero, na *Verrina* 5.ª, § 56. A este se contrapõe, como se vê, o « terreno seio » dos *Lusiadas*.

Como é de suppor, Camões umas vezes usa apenas do substantivo, sem lhe accrescentar qualquer das duas determinações. Assim, por ex., em II, 45, diz:

> E se Antenor os seios penetrou
> Iliricos...

E em X, 35, 1:

> E logo entrando fero na enseada
> De Dio...

Outras vezes, porém, o seio é qualificado como «terreno» ou como «maritimo».

Assim, na propria *ilha dos amores* havia «uma enseada feita pela costa», i. é, um «terreno seio»:

> Pera la logo a proa o mar abriu,
> Onde a costa fazia hũa enseada
> Curua e quieta, cuja branca area
> Pintou de ruivas conchas Cyterea
>
> (IX, 54).

De outro «terreno seio» se faz menção em V, 73:

> Fizemos desta costa algum desvio,
> Deitando pera o pego toda a armada,
> Porque, ventando Noto manso e frio,
> Não nos apanhasse a agoa da enseada
> Que a costa faz ali daquella banda,
> Donde a rica Sofala o ouro manda (1).

Pelo contrario, em X, 106, fala o Poeta de um «seio do mar», i. é, de um «maritimo seio»:

> A terra de Cambaya ve riquissima,
> Onde do mar o seio faz entrada.

Em conclusão: o «terreno seio» de IX, 21, é uma curva reintrante da terra, preenchida por uma porção de mar. Portanto a *ilha dos amores* veio ao encontro dos portugueses no mar ou

> ..... no reino que confina (2)
> Da..... co terreno seio.

(1) Na respectiva fonte (Barros, *Dic.* I, 4, 3) leu o Poeta: «E daqui por diante começou (V. da Gama) de se afastar algum tanto da terra, com que de noite passou o cabo a que ora chamamos das Correntes; porque começa a costa encurvar-se tanto pera dentro passado elle, que sentindo Vasco da Gama que as agoas o apanhavam pera dentro, temeo ser algũa enseada penetrante, donde não pudesse sair.»

(2) Repare-se neste verbo, que indica limites determinados. O Poeta não vae dizer vagamente que Venus tem muitas ilhas «na vastidão do mar que circumda a parte solida do globo», o que era inutil, pois essas ilhas com certeza que ficavam no mar. O seu intuito é dizer com precisão que mar é esse. E desde já sabemos que é um golfo ou enseada, que se pode procurar nas cartas geographicas, da mesma maneira que o Mediterraneo, que lhe é contraposto nos versos 7-8.

Que falta neste ultimo verso? Sem sombra de duvida, desappareceu a indicação da terra ou terras cuja curvatura ou «terreno seio» formava o «maritimo seio» em que foi encontrada a ilha de Venus. Ora ao vir da India para a costa oriental da Africa, Vasco da Gama atravessou o grande golfo que é formado pela curvatura que, partindo do cabo Comorim, vem terminar naquella costa.

«Vasco da Gama (diz Barros, *Déc.* I, 4, 10)... se fez á vela via deste reino, atravessando aquelle grande golfão que ha da costa da India a estroutra de Melinde na terra de Africa». E Castanheda, ao narrar a viagem para a India (l. I, c. 13): «Provido Vasco da Gama de todo o necessario pera sua viagem, partiosse de Melinde pera Calicut... e dali começou logo datrauessar hum golfão de setecentas e cincoenta legoas, porque faz ali a terra hũa muyto grande enseada». -

E' nestas ultimas palavras que temos a origem e a explicação do «terreno seio» de IX, 21. Entre Melinde e Calecut, i. é, entre a costa oriental da Africa e a occidental da India, a terra (de Africa e de Asia) faz uma enseada muito grande, forma um vastissimo «terreno seio», a que corresponde um «golfão de 750 legoas», um «reino» maritimo, em que não faltam ilhas.

Escreveu, portanto, o Poeta:

> Que muitas tem no reino que confina
> *De Africa e de Asia* co terreno seio,
> Afora as que possue soberanas,
> Pera dentro das portas Herculanas.

Como se alterou tão profundamente o que tinha saído da penna do Poeta? Naturalmente quem andou a fazer correcções no manuscripto enviado á censura e depois impresso sem intervenção do autor, sublinhou as palavras *De Africa e de Asia* e annotou á margem: *Da primeira,* querendo dizer com isto que o Poeta melhor faria referindo-se apenas á Africa. E isto, creio eu, por causa da interpretação errada de X, 96, em que Tethys diz ao Gama:

> Ve *ca* a costa do mar, onde te deu
> Melinde hospicio gasalhoso e caro.

Mas o *cá* não suppõe a proximidade da costa africana, pois a deusa maritima está a dar ao Gama uma lição de geographia, apontando-lhe para o globo de que falam as est. 77 e segg. do c. X: «olha toda essa terra de Africa» (X, 92): «olha la as alagoas donde o Nilo nace» (X, 95): «ca destoutra banda de Roçalgate» (X, 101): etc.

Depois o compositor supporia que a observação marginal era destinada a substituir as palavras do texto [1] e dahi o verso, que tem sido uma verdadeira *crux interpretum*.

E que o Poeta collocou a *ilha dos amores*

> ..... no reino que confina
> De Africa e de Asia co terreno seio,

acha-se confirmado por algumas allusões dos *Lusiadas*.

Assim a «insula divina» appareceu aos portugueses quando

> Cortando vão as naos a larga via
> Do mar ingente pera a patria amada,
> Desejando proverse de agoa fria
> Pera a grande viagem prolongada.
>
> (IX, 51).

Isto é: as naus já estão afastadas da India; ha muito tempo que andam no mar [2], pois já precisam de prover-se de agua; mas, por outro lado, têm ainda deante de si «a grande viagem prolongada.»

Uma referencia mais precisa ao mar das Indias temo-la em X, 53. Aqui a nympha que está profeticamente celebrando os feitos dos portugueses, no Oriente, diz a respeito de um dos futuros governadores da India:

> Virá despois Meneses, cujo ferro
> Mais na Africa que ca terá provado.
> Castigará de Ormuz soberba o erro
> Com lhe fazer tributo dar dobrado.

Cá é o que ficava para lá do cabo da Boa Esperança: é a costa oriental da Africa, a India, etc., por contraposição á Africa occidental, neste caso a Marrocos, onde D. Duarte de Menezes «acabou honrados feitos», [3] como capitão de Tanger.

Na est. 26 diz o Poeta, referindo-se a Acteon, i. é, a D. Sebastião, [4] que Cupido

> ... por castigo quer doce e seuero
> Mostra lhe a fermosura de Diana.

---

(1) Bastava ella ser da letra do revedor, para que a introduzissem no texto.

(2) Por causa das calmarias, «o grande golfão», á volta, levou a atravessar quatro longos e angustiosos mezes. Cf. Barros, *Dec.* I, 4, 11. «E ia faltando a agoa e apertauase a regra.» Castanheda, I, 27. Cf. *Lusiadas*, IX, 18, 8, onde o Poeta diz que Venus, protectora dos portugueses, desejava.

> Darlhe nos mares tristes alegria.

(3) As palavras são de Barros, *Dec.* III, 7, 1.

(4) Nota do commentario: «Segundo já foi observado, a est. allude á repugnancia que o rei caçador D. Sebastião mostrava a contrair matrimonio».
Cf. sobre o assumpto as *Fontes dos Lusiadas*, p. 126.

O commentario emenda «Mostrar-lhe», com a costumada advertencia de que «a correcção é já antiga.»

Trata-se, porém, de um caso de phonetica syntactica, que não ha o direito de fazer desapparecer. «Nõ era boõ galardoõ *aueelhas* asy de tirar» (*Cronica do Condestabre*, f. 50.) «O escudo que tomastes a donzella devies *tornalho*» (*Palmeirim*, I, p. 84). «A elle *nega lhe* seu merecimento nã seria rezã» (*Ibid.*, p. 426.) «Começou *dizelhe*» (*Ibid.*, p. 413.) «Quisesse *segura lhe* as vidas» (*Id.*, III, p. 150.) Cf. VII, 86, 2.

Na est. 27, continuando a enumeração dos «erros grandes» que o filho de Venus nota no mundo, diz Camões:

> E vê do mundo todo os principais,
> Que nenhum no bem pubrico imagina,
> Vê nelles, que não tem amor a mais
> Que a si somente, e a quem Philaucia ensina.

Nos dois primeiros versos ha uma prolepse, como em II, 48 (cf. a respectiva nota), accrescendo aqui uma negativa sob a forma de adjectivo no singular: «Vê que do mundo os principais nenhum» etc.

O commentario suppõe que no 2.º v. ha uma oração relativa, que substitue um infinitivo.

E a proposito do 4.º verso observa: «e a quem] equivale a: e [vê] que a elles Philaucia ensina, i. é, que só escutam os conselhos do egoismo. Está o pronome relativo «quem» em vez da conjunção «que» com um pronome pessoal «a elles.»

O pronome relativo não está em vez da conjunção e de um pronome pessoal: exerce a sua funcção propria, sendo apenas necessario subentender o antecedente: «Vê nelles *gente, pessoas*, a quem» etc. Cf. este passo do *Palmeirim* (I, p. 420): «Senhora, em quẽ vossas mostras tamanho aballo fazẽ, nam deue querer» etc. «Em quẽ» = a pessoa, aquelle, em quem etc.

Continua o commentario: «E' justamente o inverso do emprego da conjunção «que» com um pronome pessoal, em vez do pronome relativo, que se vê em I, 95, 1; II, 43, 4.»

Ora tanto em I, 95, 1,

> O Capitão, que já lhe então convinha,

como em II, 43, 4,

> Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,

o «que» não é conjunção, é o relativo, com o caso determinado pelo pronome pessoal: «que...lhe» = a quem: «Que...lhe» =

Ao qual. Este relativo invariavel, tornado variavel pela sua junção ao pronome pessoal ou possessivo da terceira pessoa, encontra-se muitas vezes nos escriptores do seculo XVI. Cf. ainda nos *Lusiadas* X, 39, 4-5 (« que... seu » = cujo); 87, 3 (« Que ...nelle » = No qual): 99, 3 (« que lhe » = a que); etc. « Junto (da montanha) hia hũ valle, que coa escuridã se encobria a frescura delle » (*Palmeirim*, I, p. 265). « El rey, que sua hidade nã podia cõ tamanho contentamento, se encostou sobre a cadeira » (*Ibid.*, p. 319). E' um caso da applicação da lei do menor esforço. E' mais facil, com effeito, « empregar o relativo °como invariavel, determinando-o depois pelo pronome, do que procurar logo a forma que elle deve ter, por causa da funcção que exerce. Custa menos a dizer, por ex.: « que coa escuridã se encobria a frescura delle », do que: « cuja frescura se encobria coa escuridão ».

Em 29-30, informa o Poeta que o deus do Amor ajuntava um exercito de Amores, para com elles corrigir os males que iam pelo mundo. Em nota á est. 29 o commentario esclarece que no *Banquete* de Platão o amor é apresentado como origem de todo o bem que ha no universo; que este conceito é reproduzido nas literaturas do Renascimento e que daqui provém, em seu parecer, « a idéa que teve Camões de fazer do filho de Venus o restaurador da ordem na sociedade ». E em nota á est. 30: « Claudiano, no *Epithalamio* a Honorio, descreve a residencia de Venus em Chypre na companhia de Cupido e dos Amores (versos 42-96). Foi este passo, segundo observa F. e Sousa, o que suggeriu a Camões o pensamento fundamental da descripção contida nas est. 30 a 32, como tambem foi o que inspirou Angelo Poliziano na descripção do reino do Amor (nas *Stanze per la giostra*)».

O pensamento fundamental da descripção contida nas est. 30 a 32 do canto IX, bem como o da expedição contra o mundo rebelde, proveio directamente da *Oitava rima* de Boscán, o qual, para este poemeto, se aproveitou, por sua vez, do que havia lido em A. Poliziano e em Bembo. (1)

Segundo o poeta catalão, é Venus quem manda reformadores para corrigirem erros que vão pelo mundo, sendo duas damas barcelonses o alvo especial da expedição:

> Vno dolor de tanta desuentura
> Esta reyna de todos los amores,
> Y assi, porque este mal tuuiesse cura,
> Por el mundo embio reformadores:
> Los quales con industria y con cordura
> Moderassen en parte estos errores.

(1) Veja-se Menéndez y Pelayo, *Juan Boscan*, pag. 318 e segg.
O illustre escriptor inclina-se a crer que Boscán não recorreu ao texto de Claudiano, para falar nos *mil Cupidillos*, que rodeiam *el gran Cupido*. Para se referir a elles bastava o que leu em A. Poliziano.

.....
Y assi quiero que sean corregidos
Por vosotros los hechos desyguales,
Que contra mi se hazen y mi hijo,
De la qual causa ha mucho que m'aflijo.
.....
Assi que ver podeys quanto va en esto,
En que estas damas sean corregidas;
Y el corrigir sabed que ha de ser presto... (1)

Nos *Lusiadas* é Cupido quem está já preparando a expedição «contra o mundo revelde», quando Venus vae ter com elle (IX, 25).

Com o que Camões diz dos «ministros de Cupido» nas est. 30 e segg. podem comparar-se estes versos de Boscán:

Despues que de tirar está cansado,
Desciende desta torre el gran Cupido,
De otros mil Cupiditos rodeado,
Que llenan d'el cada año su partido.
Estos tambiē de amores dan cuydado,
Y saben dar llaga en el sentido;
Dan llagas, pero dan llagas vulgares,
Con vulgares plazeres y pesares.

Traen tambien sus arcos y saetas,
Mas traen las sin hierros desarmadas,
Y assi son sus heridas imperfetas,
Hechas en gentes baxas y cuytadas.
Destos salen concordias indiscretas,
No pensadas jamas ni concertadas.
.....

Na est. 34 pondera o Poeta que

...tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli e Cynirea,
Hum mancebo de Assiria, hum de Judea.

«O «mancebo de Assyria»; explica o commentario, é Antiocho, filho de Seleuco, rei da Syria — confundida com a Assyria bastas vezes nos escriptores antigos... Antiocho apaixonou-se por Estratonice, sua madrasta... F. e Sousa pensa que tambem poderá ser Ninyas, filho de Semiramis, rainha da Assyria: mas Justino... diz:

(1) *Las obras de Boscan y algunas de Garcilasso de la Vega*. Anvers, 1556, Fl. 203 e segg.

Ad postremum cum concubitum filii petisset ab eodem interfecta est; conseguintemente o caso não podia servir ao P. para exemplo de amores peccaminosos da parte de mancebos».

Mostrei nas *Observações*, p. 21-23, que o «mancebo de Assiria» era o filho de Semiramis (cf. VII, 53, 7-8) e que foi no *De claris mulieribus* de Boccaccio que o Poeta encontrou a noticia do «amor nefando» de Nino (ou Ninyas): «Plurium se miscuisse (Semiramidem) concubitu creditum est, & inter moechos (bestiale quod potius quam humanum) filius Ninus numeratur».

E é um exemplo de «amor nefando» do filho pela propria mãe que a symetria chiastica pede em IX, 34, 8: 1.º) Byblis, apaixonada pelo irmão; 2.º) Myrrha, filha de Cinyras, pelo pae; 3.º) Nino, pela mãe; 4.º) um filho de David, pela irmã. Cf. VII, 53.

A paixão de Antiocho pela madrasta, que o pae lhe cedeu, não a qualificaria Camões de «amor nefando», em vista das circumstancias que se davam, nem a equipararia, portanto, aos casos que cita.

Como se infere do *Auto del-rei Seleuco*, o nosso poeta avaliava este facto com criterio semelhante ao de Petrarca, no *Trionfo d'amore*, c. II, 94 e segg.:

> I' vidi un da man manca fuor di strada,
> A guisa di chi brami e trovi cosa
> Onde poi vergognoso e lieto vada,
> Donar altrui la sua dilctta sposa:
> O sommo amor, o nova cortesia!
> .....
> Questa, mia prima, sua donna fu poi;
> Che per scamparlo d'amorosa morte
> Gli diedi; e'l don fu licito fra noi.

Na est. 59, continuando a enumerar as frutas da «ilha dos amores», especifica o Poeta as peras, nestes termos:

> E vós, se na vossa arvore fecunda,
> Peras pyramidais, viuer quiserdes,
> Entregaiuos ao dano que cos bicos
> Em vós fazem os passaros inicos.

Isto é: depois de criadas, quando amadurecem, as peras são tamanhas, que só podem conservar-se nas pereiras, se os passaros as debicarem, tornando-as assim menos pesadas.

Commentario: «Como bem explica Man. Corrêa, Cam. quer dizer que as pereiras estavam tão enormemente carregadas de fruto (repare-se no epitheto «fecunda»), que era necessario sacrificarem-se alguns pomos para os restantes poderem medrar. Corresponde esta

poetica apostrophe ao que Plinio recommenda no l. XVII, § 260: *haec autem omnia poma intervelli melius est, ut, quae relicta sint, grandescant.* O P. não está redigindo um tratado scientifico, sendo portanto impertinencia objectar que os passaros não vêm picar os frutos ainda não maduros».

Não ha impertinencia nenhuma na objecção. Embora não estivesse a escrever um tratado scientifico, Camões tinha de conformar-se com o que a observação e o bom senso lhe ditavam. Sem exclusão da quantidade, o Poeta quer-se referir ao tamanho, ao peso, das peras, quando chegam á maturação. Quando as pereiras estão enormemente sobrecarregadas de fruta ainda atrasada no seu desenvolvimento, não são os passaros que inutilizam parte desta, para que a restante possa medrar.

Na est. 64, falando das nymphas da «ilha dos amores», informa o Poeta que

> Outras cos arcos de ouro se fingião
> Seguir os animais que nam seguião.

Commentario: «se fingião | Seguir] em vez de «fingiam seguir» não é construcção usual. G. de Amorim suspeitou, porventura fundadamente, que por erro typographico está «se» por «so»(=só)».

Suspeita infundada, como se pode inferir destes exemplos: «Os cauallos... cayram com seus senhores, que se souberã sayr delles com tamanho acordo» etc. (*Palmeirim*, I, p. 49). «O da fortuna se deteue,... passando pela memoria... os temerosos acontecimentos que se já antigamente alli aconteceram» (*Ibid.*, p. 222). «Targiana se vestiu hũa roupa inteira». (*Id.*, II, p. 87). «Sabete que eu sam o que matey a Calfurnio» (*Ibid.*, p. 265). E Vieira (*Sermões*, I, 35): «Os peixes la se vivem nos seus rios».

E' uma especie de dativo de proveito, que dá mais intensidade á significação do verbo.

Na est. 71, ainda a respeito das nymphas, diz-se que

> De hũa os cabellos de ouro o vento lena
> Correndo, e da outra as fraldas delicadas.

O commentario aceita a emenda «de outra», com a advertencia de que é já antiga.

E esta naturalmente fez-se, por se entender que só sendo as nymphas duas, e não mais, é que poderia dizer-se: «De hũa... da outra».

Mas o Poeta emprega o singular pelo plural e momentaneamente considera abrangidas nos dois grupos todas as nymphas que vão fugindo: « De hũas... das outras ». (1)

Emquanto ao uso do artigo nas frases deste typo, vejam-se os seguintes passos do *Palmeirim*: « Da hũa e da outra vanda acodirã », etc. (I, p. 76). « Assi de hũa banda, como da outra » (III, p. 367). « Rotas as batalhas de hũa e outra parte » (III, p. 374). « Olhauã se hũ a outro casi por espanto » (I, p. 429).

Est. 73. Depois de ter dito, na est. 72, que algumas das nymphas que os portugueses foram encontrar a banhar-se, fugiam nuas pelo mato, o Poeta prosegue:

> **Outra como acudindo mais depressa**
> **Aa vergonha da Deosa caçadora,**
> **Esconde o corpo nagoa...**

Temos aqui uma allusão ao episodio já referido em II, 35, mas tal como o conta Ovidio, nas *Metamorphoses*, III, 155 e segg., e não com a variante das *Genealogiae* de Boccaccio; isto é, Diana está fora da agua e não é nesta que se esconde, quando se vê surpreendida por Acteon. (2)

Ora a nympha da « ilha dos amores » escondeu-se logo na agua; acudiu ou, por outra, fingiu acudir mais depressa á vergonha do que o fizera a deusa caçadora, que se deixou ficar entre as nymphas da sua comitiva. Grammaticalmente, portanto, « da Deosa caçadora » é complemento, não de « vergonha », mas de « mais depressa » e equivale a: « que a D. c. » E' como se traduzissemos o latim « preliosior auro » por: « mais precioso do ouro », o que é corrente no italiano:

> **Non men gentil di Ganimede e bello.**
>
> (*Furioso*, IV, 47, 8).

E tambem não faltam exemplos nos nossos escriptores:

> **Que la hija de Sanctana**
> **vos chamem muy exçelente,**
> **criada primeyramente**
> **fostes da vida mundana.**
>
> (*Can. geral*, I, 289).

---

(1) Cf. 1, 86, 3; 92, 2; IX, 72, 1 e 3.

(2) No *Furioso*, XI, 58, Olimpia

> S'andava in quella guisa che scolpita
> O dipinta è Diana ne la fonte,
> Che getta l'acqua ad Atteone in fronte.

E' a versão de Ovidio.

Aqui temos «primeiramente... da»=«primeiramente que a» ou: «do que a».

Seu conselho derredor
com muy grande acatamento,
senado de grande onor
muyto moor demperador
era seu assentamento (1).
(*Ibid.*, p. 116).

Note-se a haplologia «mor de» por: «mor do de». «A mesa del Rey mais alta se põe de todallas outras mesas» (*Livro de Marco Paulo*, l. II, c..13). Um exemplo do castelhano:

Apelles que nul ome meior del non obrava.
(*Libro de Alexandro*, 87).

Nas frases deste typo, o segundo termo de comparação ou é um substantivo ou palavra que o represente, como nos exemplos que ficam citados, ou um pronome demonstrativo, seguido do relativo, como em II, 9, por ex.:

A cidade correrão e notários
Muito menos daquillo que querião.

E em VII, 39:

Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia.

Um exemplo apenas do *Palmeirim*, (I, p. 306): «Se tanto vossa alteza folga com sua vitoria, mais rezã tem da que cuyda pera isso». (2)

---

(1) Alguns exemplos do *Cancioneiro de Colocci-Brancuti* (Ed. de Molteni):

Se nos eu amo mais doutra Molher.
(N.º 224).

Ca de prã a fez parecer melhor
De quantas outras eno mundo son.
(N.º 266).

Por deos, senhor, que nos tanto bem fez
Que nos fez parecer e falar
Melhor, senhor, e melhor semelhar
Das outras donas e de melhor prez.
(N.º 274).

(2) Cf. VIII, 54, 8:

.....noticia mais inteira
Do que lhe der a lingoa conselheira,

em que ha a contaminação de «Da que» e «Do que a que».

Commentario: «acudindo... | Á vergonha da Deosa caçadora] é geralmente interpretado como querendo dizer «evitando a vergonha que Diana sentiu quando Acteon a viu tomar banho» (v. o com. a II, 35):... ha porém quem entenda que o sentido é «evitando a vergonha que havia de ter de Diana, se se deixasse ver naquelle estado de nudez»;... mas tal interpretação não me parece aceitavel, por isso que essas nymphas eram realmente deusas do mar e não pertenciam á comitiva de Diana.»

Como se vê pelo que deixo dito, a especie não é tão complicada como o julga o commentario. Trata-se apenas de uma particularidade de construcção que o Poeta quís deixar exemplificada.

Na est. 74 começa assim uma comparação:

> Qual cão de caçador sagaz e ardido,
> Usado a tomar na agoa a aue ferida,
> Vendo rosto o ferreo cano erguido
> Pera a garcenha ou pata conhecida,
> .....

No 3.º verso o commentario lê: «Vendo no», e observa em nota: «Man. Corrêa escreveu «Vendo no rosto»; a ed. de 1597 traz «ó rosto» (o que equivale, na pronuncia popular a «ao rosto», lição que Trigoso, ao que me parece, não muito fundadamente, acha preferivel.»

«Vendo» está por «Vendo ao», como em VIII, 3, «Douro» por «Douro ao.» Cf. os exemplos citados em a nota a este passo. Mas, em vez de se ler simplesmente «Vendó», a segunda syllaba tem de desdobrar-se em duas: «Vendo ó.» Cf. as n. a VII, 50, 1; II, 41, 5-6; III, 69, 2-3; IV, 29, 7-8. No *Palmeirim* III, p. 325, em «Flerida perdou a D. Duardos», «perdou» = perdoou, e no *Memorial*, f. 98 (p. 150), em «Á minha [1] morte eu lha perdó», «perdó» = perdoo. Cf. este passo do *D. Quijote*, 2.ª parte, c. IX (texto da 1.ª ed.): «Y advierte, Sancho, que yo veo poco que aquel bulto grande y sombra que desde aqui se descubre la debe de hacer el palacio de Dulcinea.» Como adverte o sr. Rodríguez Marín, na sua monumental edição critica (t. IV, p. 189), *poco* está por *poco ó*, precisamente o mesmo que se verifica nos *Lusiadas*.

Primeira parte da est. 82:

> Ja nam fugia a bella Nimpha [2] tanto
> Por se dar cara ao triste que a seguia,
> Como por yr ouvindo o doce canto,
> As namoradas magoas que dizia.

(1) O *Á* accentuado como em I, 90, 7; etc.

(2) O revisor da 1.ª edição ou quem examinou o poema antes de ir para a imprensa pôs virgula depois de «Nimpha», considerando o «tanto» correlativo de «Como». E' manifesto que este adverbio se deve ligar a «fugia». A nympha ainda fugia, mas já não fugia tanto.

Até então a nympha tinha fugido muito, para se dar cara ao que a seguia. Agora fugia menos, por dois motivos: *a*) por se não dar tão cara, como fôra o seu primeiro proposito; *b*) por ir ouvindo o doce canto.

O «tanto» do 1.º verso tem por correlativo, não o «Como» do v. 4.º, mas o subentendido: «como até ali.» O «Como» é apenas copulativo e liga os dois motivos. Em «não fugia tanto por se dar cara» estão incluidos dois conceitos: *a*) tinha fugido muito, com o fim de se dar cara; *b*) fugia agora menos, empregava agora menos esforços para se dar cara, já não queria dar-se tão cara.

Commentario: «A redacção do primeiro verso não está muito accurada; mas o P. evidentemente quer dizer que, se a nympha ainda ia fugindo, não era tanto para se dar cara (como a principio; est. 76, 3-4), quanto para poder ouvir o canto de Leonardo.» O que o Poeta diz é que a nympha não fugia agora tanto, porque já não queria dar-se tão cara, como a principio tencionava, e tambem porque queria ouvir o doce canto.

Est. 85. Na «ilha dos amores» V. da Gama é recebido por Tethys.

> .....a quem se humilha
> Todo o coro das Nimphas...

Commentario a este passo: «corresponde, quanto ao sentido geral, a... *viro Phœbi chorus assurrexerit* [levantou-se em sinal de respeito] *omnis* (Verg. *Buc.* VI, 66)».

Melhor seria citar algum dos muitos textos portugueses em que o verbo se emprega para exprimir o respeito que a alguem se manifesta. «Florismarte,... humilhandose ante o Miramolim, disse» (*Memorial*, p. 116). «Doristão, humilhandoselhe de novo (fala-se da donzela Laudisea), tornoulhe» etc. (*Ibid.*, p. 205).

Cf. o que se lê em Menéndez Pidal, *Cantar de mio Cid*, 3.ª parte, v. *omillar:* «reflexivo... inclinarse delante de uno para saludarle... El que saludaba pronunciaba este verbo: *omillon a uos e al conde dõ Remond* (v. 3036)...; «hoy en dia eso han aun por costumbre en España de decir a los homes buenos et honrados: homillámonos». Part. II.ª, 21, 23.ª». No sentido de «submeter-se», v. VIII, 24, 5.

Est. 95. Depois de ter dito como devem os portugueses proceder, afim de tornarem os «reinos grandes e possantes», conclue o Poeta:

> E fareis claro o Rei que tanto amais,
> Agora cos conselhos bem cuidados,
> Agora coas espadas, que immortais
> Vos farão, como os vossos ja passados:
> Impossibilidades não façais,
> Que quem quis sempre pode...

Commentario ao penultimo verso: «A comparação deste verso com o seguinte mostra que o sentido é: não imagineis que com isso pretendeis impossibilidades».

Effectivamente, o que o Poeta devia dizer era isto, mas não é o que está no texto. «Impossibilidades não façais» quer dizer: não vos metais em cousas impossiveis: mas o motivo apresentado no v. seguinte é que não se coaduna, antes está em opposição com esta norma.

Para haver coherencia, era preciso que, em vez de «façais», estivesse no texto «fareis».

E foi isto, creio, o que o Poeta escreveu, deixando mais um exemplo da rima imperfeita ou incompleta, que não seria mais para estranhar do que qualquer destes:

Ventura, vós que causastes,
que nom sey rremedyarme?
Acabay ou acabayme,
poys tam çedo começastes.

Canc. geral, II, 5.

Nom syruaes sempre cõ hũa,
sse vos mal disser a dyta,
mas a quem vos disser yta,
a essa tanjey a mula.

Ibid., 92.

Em te manter lealdade
tenho eu grandasessego,
poys ane tu piedade,
senhora, do teu rrodrygo.

Ibid., 140.

Y pues tanto fuy de cote
de mys males llamador,
plazermya, sy por muerte
se quytasse my dolor.

Id., III, 349.

Depois far-se-ia no manuscripto a emenda, que produziu aqui um effeito ainda peor do que em VIII, 18, 7.

José Maria Rodrigues.

ESTUDOS SOBRE OS "LUSIADAS"

X

Annotações á 2.ª edição do prof. Epiphanio Dias

CANTO X

Est. 2. Os portugueses sobem com as nymphas para os paços de Tethys.

> ..... que abundantes
> Mesas daltos manjares excelentes
> Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
> Restaurem da cansada natureza.

O commentario acha boa a emenda «aparelhadas», que data da edição de 1639 (F. e Sousa) [1]. Não ha, porém, motivo para alterar o texto. O participio concorda com «manjares», porque na mente do Poeta este conceito se sobrepôs ao de «mesas».

E, se a grammatica habitual ficou prejudicada, o sentido nada soffreu.

Nem faltam exemplos nos contemporaneos de Camões. «Inda vos eu nã tenho por tam amigo da minha honra.... que crea de vós essas palavras, pero que o medo dellas me façã fazer o que nã deuo» (*Palmeirim*, I, p. 97). «A diabrura dos golpes de seu contrario nenhũa resistencia sofriã» (*Id.*, II, p. 255). «Estaua leuantada sobre os pes, o collo alto, a composição do rosto

(1) A ed. de 1663 preferiu «aparelhado».

tão viuo, a catadura» etc. (*Id.*, III, p. 261). «Soo a graça desses olhos vencerám aos brutos animaes» (*Eufrosina*, p. 213). (1)

Como se vê, o complemento do sujeito toma o logar deste, que, por sua vez, fica equivalendo a um complemento. «Esses olhos com a sua graça»: «manjares aparelhados em mesas»; etc.

E' um caso de attracção, exercida pelo complemento sobre o verbo ou adjectivo.

Est. 7. Uma das nymphas

> Com doce voz está subindo ao ceo
> Altos varões, que estão por vir ao mundo,
> Cujas claras Ideas vio Protheo
> Num globo vão, diafano, rotundo,
> Que Jupiter em dom lho concedeo
> Em sonhos, e depois no reino fundo
> Vaticinando o disse, e na memoria
> Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Commentario ao 2.º verso: «Poderá entender-se que estas palavras não hão de tomar-se em sentido rigoroso, por isso que alguns dos heroes já eram nascidos, (2) e que o Poeta quer só dizer que ainda não tinham nome no mundo (3); mas o que se lê em II, 55, 6, leva antes a suppor que tambem aqui o Poeta caiu em uma incongruencia chronologica.»

Já fica dito que em II, 55, não ha nem podia haver incongruencia chronologica. E o mesmo acontece aqui. Pois o Poeta, em uma narração seguida, havia de esquecer-se de que as proezas cantadas profeticamente pela nympha iam começar a realizar-se dali a pouco? Tão pouco importante ou tão pouco conhecido era para elle o assumpto?

E' ainda um caso de *denominatio a potiori* o que aqui temos. A preferencia é dada aos nascituros, embora menos numerosos

---

(1) Ainda um exemplo do *Canc. Geral*, II, p. 44:

> No pueden nel mundo ser
> tormientos mas infernales,
> ny se pueden comprender
> la grandeza de mys males.

(2) Eram-no quasi todos. Basta reparar em que a narrativa da nympha se realizou depois de outubro de 1498 (partida da India), que o primeiro facto especificado a que ella se refere é o embarque de Duarte Pacheco em abril de 1503 (cf. X, 12, e Castanheda, I, 55) e que os ultimos se deram sendo vice-rei da India D. João de Castro, que, tendo nascido em 1500, falleceu no exercicio do seu cargo em 1548.

(3) Muitos delles já o tinham e foi por isso que D. Manoel e D. João III os enviaram para a India. A respeito, por ex., do primeiro vice-rei, D. Francisco de Almeida, que partiu para o Oriente em 1505, leu o Poeta em Castanheda (II, 1): «El rey... tinha feita assaz experiencia de sua pessoa em feitos que fez desforçado canaleyro, assi na conquista do reyno de Grãda, como em outras partes em que se tinha achado.»

(cf. X, 21, 3-4), e isto porque: 1) é a respeito delles que a predição é plena (estão por vir ao mundo e hão de praticar acções maravilhosas); 2) é facil a transição dos feitos, que todos são futuros, para os seus autores, tomando-se estes por aquelles; 3) é natural a contaminação, na mente do Poeta, entre o tempo em que a nympha soube de Proteu «a clara historia» e aquelle em que a narra; 4) no modelo classico, a *Eneida* c. VI, se trata só de almas «*superum ad lumen ituras*» (v. 680), «*nostrum in nomen ituras*» (758), isto é, de

Altos barões que estão por vir ao mundo.

Cf. a nota a X, 21, 3-4.

Na est. 8 dirige-se o Poeta á musa da epopéa:

Aqui minha Caliope te invoco
Neste trabalho estremo, porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Nada diz o commentario a respeito destes versos, todavia a sua leitura suggere mais de uma difficuldade.

Pede Camões a Calliope que, em pago do que escreve, esta lhe torne o gosto de escrever, que vae perdendo.

Compreende-se que o Poeta invoque a musa, para que, «em pago» da invocação, ella lhe dê o gosto de escrever, que lhe vae faltando. Mas a que vem a referencia ao que escreve? Admittamos, porém, que disse: «em pago do que escrevo, torna-me o gosto de escrever»: o que não faz sentido nenhum é o additamento: «e em vão pretendo». Que é o que o Poeta pretende em vão, isto é, sem o conseguir? Escrever? A isto oppõe-se o «escrevo». Se escreve, como é que «em vão pretende escrever»?

E' convicção minha que houve aqui uma alteração do texto primitivo, analoga á de IV, 29, 5, e que no manuscripto do Poeta se leria:

Aqui, minha Caliope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque, em pago,
Me tornes *o que eu só* em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Isto é: Camões, ao chegar á ultima parte dos *Lusiadas*, sente-se já sem o gosto de escrever e reconhece que só por si não tem forças para o rehaver. Invoca por isso a musa, para que esta lho conceda, em pago da sua invocação.

A proposito de X, 12, 3:

Sem saber o que em si ao mar traria,

escrevi nas *Fontes dos Lusiadas*, p. 574: «Em tempo suppús que devia ler-se «o», em vez de «ao», sendo o mar quem não sabia o que em si havia de trazer. Mas posteriormente encontrei no *Palmeirim* muitos passos que mostram não haver erro de imprensa neste verso. «O caualleiro que na ponte está, diz que,... sabendo que aqui vẽ os milhores caualleiros do mundo, deseja justar cõ algũs, pera ver o que tem em si» (I, p. 331). «Aquelle caualleiro,... pera ver o que em si tẽ, quis guardar este passo» (II, p. 304).

Segundo o seu costume, o commentario dá por não escriptas estas palavras e continua a attribuir-me a proposta de emenda que apresentei no *Instituto* de 1908.

Est. 14. Resolvido a guerrear os portugueses a todo o transe, o Samorim (texto da 1.ª ed.)

> **Farà que todo o Naire em fim se moua,**
> **Que entre Calecũ jaz, e Cananor,**
> **Dambas as leis immigas, pera a guerra,**
> **Mouros por mar, Gentios polla terra.**

Commentario: «De ambas as leis immigas] sc. a dos mouros e a dos gentios, como se explica no ultimo verso («immigas», convem a saber, do christianismo); liga-se, como complemento, a «todo Naire» (tomado em sentido geral, por: guerreiro indiano). «pera a guerra» pertence para «se mova.»

Por outras palavras: o Samorim fará mover para a guerra contra os portugueses aos naires dos mouros e aos dos gentios.

Não pode ser. Os naires são os nobres do Malabar, como o Poeta o deixou dito em VII, 37-38, e como é corrente em todos os autores que tratam do assumpto. «Haueis de saber que nesta terra do Malabar ha outra ley de gente, que chamaom Nayres, e antre eles saom fidalgos, nem tem outro oficio senam seruirem na guera:... nom pode ser Nayre senam de linhagem de Nayre» etc. (*Livro de Duarte Barbosa*, na *Collecção de noticias... publicada pela Academia das Sciencias*, t. II, p. 310 e segg.). «Nair... Name of the ruling caste in Malabar» (*Hobson-Jobson,... by H. Yule... and... A. C. Burnell, London*, 1886).

Nunca o Poeta faria, portanto, a ligação grammatical que o commentario lhe attribue: nunca falaria em «naires de ambas as leis.»

Se é authentica a lição do 7.º verso, «De ambas» etc. é complemento de «guerra» e o sentido é que o Samorim faz que se movam para a guerra de ambas as leis, i. é, dos mouros e gentios, todos os naires que vivem entre Calecut e Cananor.

Foi isto o que o Poeta quis dizer? Não me parece. O Samorim não põe em movimento só os naires; os mouros entram tambem na luta. «Abalou el rey (de Calecut) por terra com corenta e sete mil

homês de peleja antre naires e mouros.» (Castanheda, l. I, c. 68). Repare-se ainda na ambiguidade da construcção, pois parece que a luta é entre mouros e gentios.

Ora tudo se remedeia, admittindo que no v. 7.º está, por erro de imprensa, «Dambas», em vez de: «E ambas.» O Samorim faz que se movam para a guerra os naires e ambas as leis inimigas (dos christãos), mouros e gentios.

E Macedo-Viale, Storck e Burton interpretaram o passo, como se nelle se lesse: «E ambas.»

Eis as respectivas traducções:

> **Pugnabunt geminae qui legis scita sequuntur,**
> **Terra gentiles,... aequore Mauri.**
>
> **Feindlich im Glauben zieh'n zum Kampf sie beide,**
> **Der Mohr zu Wasser etc.**
>
> **Two hostile peoples linkt at war's demand.**

Commentario: «O dr. J. M. Rodrigues (no *Instituto* de 1906, pag. 53-57), não entendendo a syntaxe deste passo, em que ha um hyperbato semelhante a tantos dos poetas gregos e romanos, pensa que «Dambas» é erro typographico por «E ambas», e que as traducções de Macedo, Storck e Burton favorecem a sua opinião. A pretensa correcção é claramente de todo despropositada, e as traducções, de que fala, de modo nenhum apadrinham o seu parecer.»

Est. 16, 5. Texto da 1.ª ed.:

> **Farà que os seus de vida pouco escassos.**

O commentario aceita escusadamente a correcção: «da vida.» Cf. I, 105, 6, e X, 127, 7, e o *Canc. geral*, I, 358:

> **A morte, por nam sentir,**
> **mays que vyda desejaua.**

Est. 19, v. 5. Não ha motivo para substituir por «Marcio» o «Martio» da 1.ª ed. E' o mesmo caso de «Actias guerras» de II, 55, 3, que o commentario aceita.

Nada prova o «Marcio» de IV, 39, 4, pois esta duplicação de formas obedece á norma seguida pelo Poeta.

Na est. 21, alludindo a Leonidas, diz o Poeta:

> **Ou quem com quatro mil Lacedemonios**
> **O passo de Termopilas defende.**

Explica o commentario: «E' Leonidas, que teve a missão de defender o desfiladeiro das Thermopylas..., quando Xerxes... invadiu a Grecia no anno de 480. Em Justino lê-se:... *cum Leonidas, rex Spartanorum, cum quattuor milibus militum angustias Thermopylarum occupasset* (II, 11).» E empunhando a férula, prosegue: «Cam. equivocou-se pensando que as forças capitaneadas por Leonidas eram todas de lacedemonios, quando pertencentes a este Estado eram só 300 homens.»

Bem sabia Camões que nem todos os soldados de Leonidas eram lacedemonios; [1] mas nada o impedia de fazer uso, mais uma vez, da *denominatio a potiori*. E' o mesmo processo mental que, em VIII, 25, de seis caçadores e um mercador faz sete caçadores: que, em III, 21, equipara Lisa a Luso, relativamente á filiação; que, em IV, 64-65, 1-2, dá o mesmo itinerario aos dois emissarios de D. João 2.º; que, em IX, 1, 2; 8, 5; 9, 3; 12, 1; 14, 3, passa o escrivão á categoria de feitor; que, em X, 87, levou a dar o nome de animaes a todos os signos do zodiaco. [2]

Em nota a X, 27, transcreve o commentario esta epigraphe de Castanheda, II, c. 5: «De como ho gouernador mandou por fogo a cidade de Mombaça» etc. e observa que deve ler-se «á cidade.» Em obediencia a este criterio muito teria o commentario que emendar, tanto em Castanheda, [3] como nos outros escriptores portugueses do seculo XVI. Cf. *Lusiadas*, IV, 20, 4; VI, 18, 8; 72, 7; VII, 37, 8; VIII, 98, 7.

Na est. 28 diz-se da «ferrea pela»:

Que sae com trouão do cobre ardente.

Commentario: «A lição não é de todo segura. As ed. de 1572 tem «com trouão», que ha de entender-se equivalente a «troando»; mas é necessario considerar «sae» dissyllabo, como «cae» em IX, 47, 7. F. e Sousa escreveu «como trovão», sendo o substantivo tomado no sentido de «raio», sentido que tem adeante na est. 66. Sinto-me inclinado a crer que assim escreveu Camões.»

Não ha motivo nenhum para alterar o texto. Segundo o seu costume, o Poeta usou uma vez do «cae» e do «sae» como dissyllabos.

---

(1) Em Sabellico (*Enneada* III, 1. 2) leu elle que Leonidas tinha comsigo nas Thermopylas uns 4:080 gregos e que na luta sobresairam os lacedemonios, cujo numero não é indicado. «Clara erat Graecorum pugna, sed Lacedaemoniorum multo clarior... Caeteris itaque metu dilabentibus, Leonidas cum Spartanis, Thespiensibus et Thebanis, quos obsidum loco retinuit» etc.

(2) Observação do commentario: «Nem todas as figuras dos doze signos são animaes; mas este modo geral de dizer occorre nos proprios tratados technicos.»

(3) No proprio capitulo cuja epigraphe o commentario corrige se lê: «E partirão com prea mar que chegaua a agoa *as* casas.» Pelocontrario, no cap. 6 temos um *á* = *a*: «E assy foy achada a ancora que alli ficou ao cõde almirante, quando alli foy ter, indo descobrir *á* India.» Cf. *Lusiadas*, I, 99, 7; VIII, 98, 7.

porque uma vez os encontrou tambem assim empregados no *Canc. geral*.

E quem mal cae mal jaz

T. III, p. 129.

Quẽ a som de manystreis
sahe tam demasyado,
que faria com cristeis
em logar despouoado?

T. IV, p. 348-9.

Caso analogo se dá com a palavra «treição», trisyllabica em II, 5,

E̬ nesta treição determinavão,

e no seguinte passo do *Canc. geral* (III, 220):

Contou que Rheso e Dolão
forom mortos loguo, vindo
ambos, hũ delles dormindo
e outro por treyção.

Assim se explicam tambem certos versos dos *Lusiadas*, que parecem ultrapassar a medida, como, por exemplo, estes:

E com hum amor intrinseco acendidos (III, 24, 1);
Que em tanta antiguidade não ha certeza (III, 29, 2);
Com toda hũa coxa fora, que em pedaços (X, 31, 1);
Sẽ aproueitar dos homens força e arte (VI, 73, 8).

Comparem-se respectivamente os seguintes versos [1] do *Canc. geral*:

Vou cõ hũ homẽ nesta hyda (V, 232);
Se vos nã aa de contentar (III, 319);
Ca de jugar com hũa facha (I, 322);
Nem aproueyta ser calada (I, 309).

Isto emquanto á maneira de contar as syllabas; pois relativamente aos metros, tambem nos *Lusiadas* ficaram archivadas especies antigas ou de transição. Assim, em V, 77, 3,

Dizem que por naos, que em grandeza igoalão,

temos um verso de arte maior.

(1) E' escusado observar que se trata de versos de sete syllabas.

De versos com accento na 4.ª, 7.ª e 10.ª, que tambem apparecem entre os de arte maior, ha mais de um exemplo no poema:

Rompendo a força do liquido estanho.

VIII, 73, 5.

O louvor grande, o rumor excellente.

IX, 46, 1.

E com accento na 3.ª, 8.ª e 10.ª:

Sacras aras e sacerdote santo.

II, 15, 2.

Cf. IV, 94, 7; VIII, 99, 7; X, 31, 3. (1)

Voltemos á est. 28. Diz o Poeta que as balas de artilharia saíam das peças «com trovão», i. é, com um estampido semelhante ao do trovão. E' um estrondo comparado com outro. Mas se elle tivesse escripto «como trovão», seria necessario dar a esta palavra uma significação que ella não tem — a de raio.

Argumenta o commentario com a est. 66 deste canto e na respectiva nota reporta-se tambem a X, 46, 2. Mas nestes dois passos a palavra «trovões» designa os tiros da artilharia.

Lê-se com effeito no segundo:

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem crueza... (2).

E no primeiro, relativo á tomada e ao incendio de Baticalá:

De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia. (3)

Servindo-se da palavra «trovões», o Poeta dá a preponderancia ao phenomeno auditivo, embora não seja este o que causa damnos.

Nas duas estancias podia a palavra ser substituida por «tiros», em cujo conceito predomina tambem hoje aquelle elemento: ouviu-se um tiro. Mas do mesmo modo: foi morto a tiro.

---

(1) São versos como este de D. Juan Manuel, citado por Menendez y Pelayo (*J. Boscan*, p. 198):

A gran daño se vos podrie tornar.

(2) Nota ao 2.º verso: «trovões] = raios; «trovões ardentes» são as balas.» Basta advertir que uma bala em nada se parece com o trovão. O epitheto «ardentes» foi suggerido pelo phenomeno luminoso que faz parte do tiro.

(3) Commentario: «trovões] como em X, 46, 2». Isto é: trovões = raios e raios = balas.

Ainda na est. 28 diz o Poeta, referindo-se a D. Lourenço de Almeida:

> **Despois lançando arpeos ousadamente**
> **Na capitaina immiga, dentro nella**
> **Saltando, a fará, só com lança e espada,**
> **De quatrocentos Mouros despejada.**

Commentario: «O participio «lançando» está subordinado ao participio «saltando» e por isso estes participios não estão ligados por conjunção, á semelhança deste passo de Cesar: *Lissum expugnare conatus.. triduum moratus... re infecta inde discessit (b. civ.* III, 40).»

Os dois participios estão coordenados, pois se trata de duas acções successivas da mesma categoria. (1) O que temos é um asyndeto, como por ex., em II, 26, 4, e III, 50, 3, e neste passo do *Palmeirim* (II, p. 348): «Pois o caualleiro do Tigre, diz a historia que apartado de Seluiam andou tanto que chegou a hũa villa pequena situada na costa do mar, onde fretou hũa galee de Venecianos, que estaua esperando frete auia dias, deixando o cauallo, soo cõ as armas se meteo dentro, seguindo a via da ilha de Colambrar.»

Como se vê, antes de «deixando», collocariamos hoje uma copulativa.

Nada prova o passo do escriptor latino, pois o *moratus* exprime uma circumstancia de tempo.

Em X, 31, contando a morte de D. Lourenço de Almeida, diz o Poeta:

> **... outro pilouro quebra os laços**
> **Com que co alma o corpo se liara.**

Suppõe o commentario que em «co alma» falta o artigo e adopta por isso a antiga correcção «co a alma.»

Mas era corrente, tanto na prosa, como no verso, a fusão do «a», quer com o a inicial, quer com o final da palavra que se lhe seguia ou o precedia.

Bastam os seguintes exemplos do *Canc. geral*, tambem com a palavra «alma»:

---

(1) Em Castanheda (II, p. 86) leu o Poeta: «Dom Lourenço... foy abalroar a mayor das capitainas que trazia seiscentos homẽs de peleja, & tres vezes deytou ho arpeo, & outras tantas lho desaferrarão os immigos... Mas da quarta vez foy aferrada, & os nossos saltarão logo dentro muy ousadamente, principalmẽte dõ Lourenço» etc. E em Barros (*D.* I, 10, 4): «O qual (D. Lourenço) tanto que a investio,... por não lhes tornarem outra vez lançar o arpeo fora, saltou logo dentro com hum golpe .dos seus... e assi se meteram com os imigos, que seriam mais de quatrocentos homens de peleja.» Foi decerto a metrica que levou Camões a optar por este ultimo numero.

Nã queyra deos que sayntaes
o queu syntya
quando mo judeu metya
dous ferros quentes mortaes
que alma mestremeçia.
(II, 200).

E liuray alma de pena
que vos he aparelhada.
(I, 107).

Nam vos lembre tanto alma,
pois nam na tendes perdyda.
(V. 17).

Cf. a nota a VIII, 32, e a X, 112.

Est. 41. Os Parseos de Ormuz

... a força de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

Commentario: « onde] parece-me que está na accepção de: para que assim; cf. VII, 25, 8.»

O verbo « ate » mostra que « onde » é adverbio de logar. E' na cerviz que se lhes ata a obrigação de pagar o tributo. A metaphora por que começa o verso prosegue assim naturalmente, o que não aconteceria com a interpretação do commentario: « para que assim se lhe ate (= imponha) obrigação » etc.

Nada prova o passo allegado de VII, 25:

Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a lei divina se acrecente.

Basta notar a differença entre « por onde » e « onde ».

Em X, 44, dirigindo-se á « opulenta Malaca nomeada », diz-lhe a nympha:

As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

Commentario: «A syntaxe e a ligação das idéas... não são claras... O sentido deve ser que, não obstante as setas ervadas e os

crises e a valentia dos defensores, Malaca terá de render-se aos portugueses. Quanto á forma, não parece poder admittir-se senão que « setas, crises, Malaios, Jaos, nomes a que se junta em apposição « todos », são o compl. objectivo de « farás ».

Nos versos transcriptos ha a contaminação de dois conceitos proximos: « de nada te valerão » e « farás obedientes » (i. é. serás obrigada a fazer obedientes). O Poeta começa a falar nas « setas » e « crises », tendo na mente o primeiro conceito, e depois a referencia aos « Malaios » e « Jaos » fá-lo passar para o segundo, a que fica subordinado todo o passo. E esta subordinação seria ainda maior, se em vez de « Todos » estivesse « Tudo ».

No v. 4 da est. 46 o commentario aceita a correcção « tudo »: mas houve uma epoca em que « todo » e « tudo » se empregavam indistintamente. Cf. I, 91, 5.

Em X, 49, refere-se este exemplo:

> **Per força, de Judita foi marido**
> **O ferreo Balduino, mas dispensa**
> **Carlos, pai della, posto em cousas grandes,**
> **Que viva e povoador seja de Frandes.**

Do commentario: « posto em cousas grandes] não é claro para quem pertence. Parece-me que se refere á dignidade de conde (cf. X, 58, 6) e que por isso pertence para o sujeito das duas orações do ultimo verso ».

O passo não offerece duvidas. « Posto em cousas grandes » manifestamente se liga a « Carlos », para indicar, embora de forma vaga, que era pessoa de categoria elevada, [1] sem o que o argumento não colheria. No caso presente seria inadmissivel a transposição supposta pelo commentario. Com effeito, a ligação entre « posto » e « Carlos » faz com que a clausula que começa pela primeira destas palavras se não possa construir depois do « Que » do v. 8.

Est. 52. De Diogo Lopes de Sequeira informa o Poeta:

> **E fará descobrir remotas ilhas,**
> **Que dão ao mundo novas maravilhas.**

Commentario: « O contexto parece indicar que se fala de ilhas do mar Vermelho; mas estas foram exploradas por occasião da viagem de 1541: talvez, porém, Cam. se refira ao descobrimento de Borneo ».

A expedição de Sequeira ao mar Vermelho effectuou-se em 1520, e não em 1541. [2]

---

(1) Trata-se, como explica o commentario, do rei de França, Carlos o Calvo, cuja filha foi raptada por Balduino, feito depois conde pelo sogro.
(2) Cf. Barros, *Dec.* III, l. 3, c. 10; l. 4, c. 3.

E não é ás ilhas deste mar, nem tãopouco á de Borneo que o Poeta se refere.

Sequeira tinha sido enviado em 1508 a descobrir Malaca [1] e trouxe já decerto dessa viagem a noticia das *ilhas do ouro*, expressão vaga, na qual se compreendia a terra que depois recebeu o nome de Australia.

E quando mais tarde estava a governar a India, secebeu de D. Manuel o encargo de mandar descobrir essas ilhas. [2] «E entre outras cousas que ElRey mandava a Diogo Lopes de Sequeira que fizesse aquelle anno (de 1520), era que na mesma não com Pedro Eanes enviasse alguma pessoa, de que elle confiasse esta ida, a descubrir as Ilhas do ouro, a través da ilha Çamatra,... por lhe muitas pessoas que andaram naquellas partes da India, darem grande esperança de se poderem descobrir. A qual ida Diogo Lopes logo alli deo a Christovão de Mendonça,... da viagem do qual adeante faremos menção». [3] E adeante, falando de Jorge de Albuquerque, que ia para a China, mas tinha de parar em Çamatra: «E a outra companhia que lá li o haviam de seguir, eram Christovão de Medonça com tres navios a descubrir as Ilhas do Ouro, e com elle Pedro Eanes Francez» (III, 4, 9). E de Çamatra C. de Mendonça «foi-se pera Malaca» *(Ibid.* 5, 3). E depois não ha mais noticias delle.

E' que as *Ilhas do Ouro* podiam ficar, e parte da Australia realmente ficava já para leste da linha divisoria fixada pelo tratado de Tordesilhas. Dahi o segredo que era preciso guardar.

O que é certo é que, passados poucos annos começavam a fazer-se em França [4] esboços cartographicos de *Java grande* (a Australia), com nomes portugueses, mais ou menos estropiados [5]. Tal é o chamado mappa do Delfim (1536), hoje no Museu Britannico, o de Descelier (1546), o de Vallard (1547), e especialmente o de Deslein (1566), em que nas costas da Australia apparece, de distancia a distancia, a bandeira portuguesa. «Java la Grande, diz Calvert, referindo-se a este mappa, stands boldly in its place, fully equal in size to South America, and is made by the artist to fly the flag of Portugal at intervals along the coast line... It would appear that at this date the Portuguese considered themselves masters of the Australian continent» (p. 25).

---

(1) *Id.*, *Dec.* II, l. 4, c. 3 e segg.

(2) A' ordem, que foi enviada de Lisboa em 1520, não devia ser estranha a viagem de Fernão de Magalhães, iniciada em setembro de 1519.

(3) Barros, *Dec.* III, l. 4, c. 3.

(4) Jean Rotz, autor do mappa de 1542, embora fosse hydrographo do rei de Inglaterra, era francês de nacionalidade e foi ao rei de França que elle originariamente dedicou o seu trabalho.

(5) Veja-se A. Calvert, *The discovery of Australia*, *London. 1902.* O cap. *Maps* começa a p. 21. Sobre a nomenclatura cf. p. 147-148. Um exemplo apenas da maneira como foram alterados os nomes portugueses. O que devia ser *Aguada de Alvim* (*Dalvim*), num dos mappas é *Agnada Dolin*, noutro *Guada Dollim*, noutro *Agnoda Dallom*, noutro *Agooda D'allom*. Até hoje só escaparam, nas cartas da Australia, os *Abrolhos* (*Houtman's Abrolhos*) na costa occidental (cf. o *Atlas* de Schrader), mas mesmo esses tendem infelizmente a desapparecer. Nos Atlas de Stieler e de Andrée já se acham substituidos por uma palavra inglesa.

Quando andou pelo Extremo Oriente, não faltaram ao Poeta occasiões de se informar a respeito das ilhas que Diogo Lopes de Sequeira mandou descobrir, supprindo por esta forma o singular silencio de Barros a respeito do exito da expedição ás *ilhas do ouro*.

Emquanto á referencia que o commentario faz á ilha de Borneo, como podendo ser a que o Poeta tivesse na mente em X, 52, observarei o seguinte: 1.º) A *Encyclopedia Britannica* (v. Borneo) diz que esta ilha foi descoberta no começo do seculo XVI, segundo uma narrativa, pelo português Lourenço Gomes, em 1518; segundo outra, por D. Jorge de Meneses, em 1526. 2.º) O primeiro não podia ter sido enviado áquelle descobrimento por Lopes de Sequeira, pois este só chegou á India em setembro de 1518 e nos meses que ainda faltavam desse anno, em que aliás continuou com o governo aquelle a quem vinha succeder, só despachou para fora da India a João Gomes, a quem D. Manuel mandara fazer uma fortaleza nas Maldivas. (1) 3.º) Foi o quarto successor de Sequeira que mandou a D. Jorge de Meneses descobrir o caminho para as Molucas pelo norte de Borneo. (2) 4.º) Segundo Guillemard, a ilha de Borneo deve ter sido descoberta pelos portugueses pouco depois da conquista de Malaca em 1511, pois foi pelo sul desta ilha que elles, antes de passar um anno, iniciaram a navegação para as Molucas (3).

Est. 55. D. Henrique de Meneses vencerá os malabares,

> **Cometendo as bombardas, que nos ares**
> **Se vingão só do peito que as comete.**

Commentario: « Nestes versos, que não são em verdade muito claros, e que F. e Sousa não explica, o verbo « cometer » tem a significação de « afrontar, arrostar-se com ».

Esta significação é corrente nos *Lusiadas*: « cometer o duvidoso mar » (I, 27, 1-2); « as ondas do Oceano » (IV, 48, 4); « incertas viagens e remotas » (VIII, 61, 8), etc. A difficuldade está antes no complemento « nos ares ». Que quer dizer que as bombardas se vingam nos ares de quem as commete?

Vejamos o que se lê na fonte do Poeta (Castanheda, l. VI, c. 88): « Arrancarão huns e outros pera os lugares que lhes eram assinados que cometessem,... remando todos com a mayor pressa que podião, por escaparem das bombardadas dos Imigos, que erão tantas que parecia

---

(1) Castanheda, l. V, c. 1. Barros, *Dec.* III, l. 3, c. 1.
(2) Barros, *Dec.* IV, l. 1, c. 16. Esta missão já presuppunha o conhecimento da ilha.
(3) D. Jorge, depois de ter deixado Borneo, foi impellido para leste pelos ventos e correntes, que o levaram « ás ilhas de huns povos a que chamam Papuas, a que muitos por esta ida chamam Ilhas de D. Jorge » (Barros, l. c.). E era este o nome que nós ainda hoje daviamos dar á Nova Guiné e ás ilhas proximas.
(3) *Australasia* (*Stanford's Compendium of Geography*), p. 215.

que chovião; ... porém a maior furia dos pelouros era sobre os que acompanhavão o governador... E sendo os pelouros tantos como digo, muitos dos capitães do esquadrão do governador... lhes havião medo e se passauão ao de D. Simão, por la não ser o perigo tamanho».

Em presença desta narrativa, bem podia o Poeta dizer que D. Henrique de Meneses não recuava deante das bombardas, cujos pelouros, movendo-se nos ares, vindos pelos ares, chovendo dos ares, podem ser fataes a quem a elles se expõe.

E' claro que «nos ares» não é complemento de logar onde, mas equivale a «pelos ares», «através dos ares».

O adverbio «só», que poderia ser expletivo, como em II, 7, 8, parece ter sido motivado pela narrativa de Castanheda: as bombardas só se vingam de quem as «comete»; quem lhes foge, escapa á sua vingança.

Est. 60. Referindo os feitos bellicos de Lopo Vaz de Sampaio, diz o Poeta (texto da 1.ª ed.):

> E não menos de Dio a fera frota
> Que Chaul temerá de grande e ousada,
> Fará coa vista so perdida e rota,
> Por Heitor da Silveira, e destroçada.

De quem é complemento «Por H. da Silveira»? Dos tres participios «perdida e rota... e destroçada»?

E' o que parece entender o commentario, pois elimina as virgulas dos dois ultimos versos.

Mas então que fez Lopo Vaz? Serviu-se de H. da Silveira como «meio» ou «instrumento», para perder e desbaratar a frota de Diu? Sendo, porém, assim, como é que foi aquelle que a perdeu e rompeu, «so coa vista»?

Pela fonte do Poeta (Castanheda, VII, c. 92 e 94) sabemos: 1.º) que Lopo Vaz só com a sua chegada pôs em fuga a frota de Diu: 2.º) que, por sua ordem, Heitor da Silveira destroçou aquella frota, passados alguns dias.

Eis o que se lê no primeiro dos capitulos citados: «Estando ho gouernador em Goa lhe foi dado hum recado... que as fustas de Diu, que eram cincoenta e tantas, chegavão á boca da barra... Ho gouernador leuou hũa armada de cincoenta e duas velas... E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ira».

E' o que o Poeta resume nos primeiros tres versos da est. 60.

O cap. 94 tem por epigraphe: «De como o gouernador pelejou com a armada de Diu e a desbaratou», mas, lendo-o, vê-se que quem de facto pelejou com essa armada e a venceu foi H. da Silveira, embora sob as ordens do governador. «(Este) foyse ao bargantim

Deitor da silueira e disselhe que ao outro dia... esperaua que pelejassem com as fustas e deulhe ho regimento do que auia de fazer, porque ele auia destar nos galeões fauorecendo a batalha... E ao outro dia... Eytor da silueira, como foi ho dia claro, correo todos os bargantins e catures de sua capitania que não tirassem nenhum tiro aos ĩmigos, se não despois de desperarem de os aferrar, que assi o tinha mandado o gouernador... Entretanto chegou Eitor da silueira com os outros capitães e aferrando os ĩmigos apertarãnos tã rijo que fizerão saltar muytos ao mar e outros matarão e desbaratárão... E isto feito, ajuntou Eytor da silueira sua armada e as fustas que tomou aos ĩmigos e foyse pera ho gouernador que ho recebeo cõ muyto prazer».

E' o que o Poeta diz nestas palavras: «Sampaio fará a frota de Diu destroçada por Heitor da Silveira».

A unica difficuldade está no «e» que precede «destroçada» e devia achar-se no começo do verso 4.º. Mas esta desapparece, recordando o que fica dito a proposito de IV, 70, 1. E' um exemplo do «e» posposítivo. (1)

E' indispensavel, portanto, a virgula no fim do 3.º verso pois a sua omissão faria suppor que os tres participios têm o mesmo complemento.

No commentario a X, 64, 5-8, continua o *sic* apposto ao «passar» deste trecho de Castanheda (VII, c. 126): «e tambem pera que se tivesse tempo passar [*sic*] dali a Cochin e destruilla».

Nas *Observações*, p. 27-29, citei mais logares de Castanheda e de outros autores em que apparece a mesma construcção.

Trata-se, não do infinito, mas do primitivo imperfeito do conjuntivo, derivado da forma latina correspondente. «(El-Rei Dom Fernando) emviou Gomçallo Vaasquez Dazevedo, seu gramde privado, *que* se fosse pera elles, e *seer* (2) de companhia em aquella obra» (*Crón. de D. Fernando*, nos *Ineditos da Academia*, t. IV, p. 390). «O que disto mais sentia (D. Denis) era *que* o Iffante, sabendo que estas falsidades assi se deziam, nõ as *estranhar* e *castigar*» (R. de Pina, *Crón. de D. Denis*, ed. de 1729, c. 20). E ainda hoje: «Os que não tem forças nem armas com que se *defender* morrem como ovelhas» (Vieira, *Sermões*, ed. de 1854, t. I, p. 6). «Todos tem muito que *aprender*» (*ibid*, p. 63).

---

(1) Outro, embora mais attenuado, do *D. Quijote*, 2.ª p., c. 35 (t. V, p. 231 da ed. do sr. R. María):

> ..... A ti, valiente
> Juntamente y discreto don Quijote.

E o eruditissimo editor compara o começo da 1.ª egloga de Garcilaso:

> El dulce lamentar de dos pastores,
> Salicio juntamente y Nemoroso.

(2) E' o latim *sederet*.

Em X, 68, menciona o Poeta os

> **Persas feroces, Abassis e Rumes,**
> **Que trazido de Roma o nome tem.**

A 1.ª ed. do commentario explicava: «Rumes] são os mahometanos da Turquia».

Mostrei nas *Observações* que nem todos os mahometanos da Turquia eram rumes e nem todos os rumes eram mahometanos, «São differentes nações Rumes e Turcos: porque estes tem sua origem da provincia Turchestan, e os Rumes da Grecia e Tracia, e como taes se tem por mais honrados que os Turcos, fazendo lhe vantagem nos seus costumes e valor e tendo por afronta chamarem lhes Turcos» (Barros, *D. IV, 4, 16*). «Os verdadeiros turcos são aquelles que decerão dos montes Caspios, e forão conquistar toda essa Natolia, toda essa Grecia, e o grande imperio de Constantinopla... Os Rumes são todos aquelles naturais da provincia de Tracia, e aquella parte de Constantinopla que se chama Romania... E não só os que se passárão a ley de Mafamede,... mas ainda os de toda Grecia que ficárão na sua antiga» (D. do Couto, *Déc.* IV, 8, 9).

A 2.ª ed. do commentario modificou a nota por esta forma: «Rumes] geralmente falando são os mahometanos da Turquia». Mas, como se vê, o accrescentamento das duas palavras não faz desapparecer a inexactidão da nota primitiva. (1)

Em X, 77, o Gama e a comitiva

> **... hum globo vem no ar, que o lume**
> **Clarissimo por elle penetrava.**

Commentario: «que] = tal que».

Em «que... por elle» temos antes um exemplo do relativo invariavel, seguido de um pronome com preposição, que lhe determina o genero, o numero e o caso. Isto é: «que... por elle» equivale a: «pelo qual». Cf. I, 95, 1: II, 40, 3: 43, 4: V, 6, 2-3:

---

(1) «Rúm» era o nome que os arabes davam aos romanos. «Rúmiya», i. é, «Romana», era o nome dado pelos arabes da Espanha a uma escrava christã. O imperador de Constantinopla era «o rei de Rúm». Cf. *Encyclopedia Britannica*, v. *Roum* (*Rúm*).

Os rumes, portanto, como diz o P. «trazido de Roma o nome tem».

VII. 74. 7-8 (1); IX. 66. 3: X. 39. 5: 99. 3 (2); e a nota a IX. 27.

Est. X. 78. O globo que Tethys mostra ao Gama.

> Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
> Nunca sergue ou se abaxa e hũ mesmo rosto
> Por toda a parte tem e em toda a parte
> Começa e acaba em fim por diuina arte.

Este passo está devidamente explanado na *Astronomia dos Lusiadas* do dr. Luciano Pereira da Silva, livro que não é permittido desconhecer a quem queira estudar e muito menos commentar a nossa epopéa nacional. Apesar disso, lia-se na 1.ª ed. do commentario, e continua a ler-se na 2.ª: «ora se abaxe, agora se erga, | nunca se ergue ou se abaxa] quer dizer: A superficie do globo, quer ella desça, vista do equador para o polo austral, quer suba, vista do equador para o polo boreal (cf.: *Mundus, ut ad Scythiam Rhipaeasque arduus arces | consurgit, premitur Libyae devexus in austros*; Verg. *Georg.* I, 240-241), i. é, tanto em um como em outro hemispherio, em parte nenhuma apresenta elevação ou depressão alguma (*nihil eminens, nihil lacunosum*, diz Cicero na traducção do *Timeo*, 6), em ponto nenhum a peripheria está a maior ou menor distancia do centro (*cuius omnis extremitas paribus a medio radiis attingitur*, Cic., no logar cit.), em summa, o globo é perfeitamente, rigorosamente espherico».

Toda esta laboriosa explicação cae pela base, se repararmos 1.º) que no passo citado se não trata do globo terraqueo, mas de outro, em que se acham figurados todos os orbes que constituem o universo (3); 2.º) que nos dois versos transcriptos pelo commentario se não fala da esphericidade, mas do movimento de rotação do globo formado pelo conjunto das espheras. «A esphera, *volvendo*, isto é,

---

(1) Fala-se da «pintura», mostrada por Paulo da Gama ao Catual:

> Que tanto que ao Gentio se apresenta,
> A tento nella os olhos apacenta.

«Que... nella» = Na qual. A construcção corrente seria: Na qual o gentio, tanto que se lhe apresenta, a tento os olhos etc. Commentario: «Que tanto que... se apresenta] é construcção como «que... quando ardêrão» em III, 16.» A hypothese é differente, pois em III, 16: «que,... quando ardêrão, rios de ouro... então correrão», o relativo «que» pertence a duas orações, a uma (*ardêrão*), como sujeito, a outra (*correrão*), para a subordinar áquella em que está o respectivo antecedente.

(2) O proprio commentario a este passo admitte a equivalencia «que lhe» = «a que»:

> Olha Toro e Gidá, que lhe falece
> Agoa das fontes...

E' porque o «tal» não tinha aqui cabimento. Deve por isso dar-se a preferencia á explicação que abrange todos os casos.

(3) O texto é bem claro, a começar na est. 77, 5, e a continuar até a est. 90.

curvando-se em torno do eixo do mundo em circulos parallelos, ora se erga, ora se abaixe, em relação a um plano horizontal,... não se ergue nem se abaixa relativamente ao seu centro» (Dr. L. P. da Silva, obr. cit., p. 38 e seg.).

Est. 83. O 5.º verso está assim escripto na 1.ª ed.:

Insinalo a prophetica sciencia.

O commentario prefere a velha correcção «Ensina-o», mas a forma usada por Camões é uma simplificação de «Ensina-no-lo», como por ex., «idolatria» o é de «idololatria» (cf. II, 54, 3, e X, 147, 6). O mesmo acontece com o «tenholo» da *Eufrosina*, p. 249, que está por «tenho-vo-lo» [1].

O commentario inclue entre parentheses os versos 5 e 6 desta estancia e observa: «O parenthese dos versos 5 e 6 deu logar a que as duas orações de «favorecem» e «empecem» ficassem anacoluthicamente coordenadas á de «Por espiritos mil... | Governa o mundo todo», quando, em rigor, haviam de ter a forma de subordinação: servindo os bons de favorecerem e os maus de empecerem».

Não ha anacolutho, mas sim um parenthese que abrange os 4 ultimos versos da est. 83, [2] ligando-se os 4 primeiros directamente com a est. 84.

E tambem porque a santa Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil que tem prudencia
Governa o mundo todo que sustenta
(Insina-lo a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos que apresenta;
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos em quanto podem, nos empecem):

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus deoses já dera, fabulando.

Na est. 82 havia Tethys declarado ao Gama que ella e as outras divindades do paganismo eram uma invenção dos homens e só serviam para ser empregadas na poesia e para designar astros. Agora (est. 83-84), diz que nos *Lusiadas* Jupiter é o nome dado á Providencia, que governa o mundo por meio de espiritos — como o ensinam as

(1) «GALINDO. Pois me não quereis, vou buscar quem me queira, e com tudo sou vosso. PELONIA. Tenholo em gasalho».

(2) Ou talvez melhor: dois parentheses consecutivos (v. 5-6 e v. 7-8).

letras sagradas — espiritos bons e espiritos maus —, e que os outros deuses da mythologia não são mais do que nomes por que se designam esses espiritos.

Mas não será isto, pelo menos, uma irreverencia? Não, porque é a propria Escriptura sagrada que dá o nome de deuses aos anjos bons. Mais ainda: dá tambem esse mesmo nome aos anjos maus, embora accrescente que estes não são deuses verdadeiros, mas sim demonios (est. 84):

> ... Os anjos da celeste companhia
> Deoses o sacro verso está chamando,
> Nem nega que esse nome preminente
> Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

E' a doutrina contida neste passo de Sto. Agostinho, *De civitate Dei*, l. IX, c. 23: «In nostris sacris litteris legitur: *Deus deorum Dominus locutus est*. Et alibi: *Confitemini Deo deorum*. Et alibi: *Rex magnus super omnes deos*. Illud autem ubi scriptum est: *Terribilis est super omnes deos*, cur dictum sit deinceps ostenditur. Sequitur enim: *Quoniam omnes dii gentium dæmonia, Dominus autem cælos fecit. Super omnes* ergo *deos* dixit, sed *gentium*, id est, quos gentes pro diis habent, quæ sunt *dæmonia*... Illud vero ubi dicitur: *Deus deorum*, non potest intelligi Deus *dæmoniorum*, et *Rex magnus super omnes deos* absit ut dicatur Rex magnus super omnia dæmonia».

Quer dizer: segundo a interpretação dada por Sto. Agostinho a alguns textos biblicos, nestes applica-se o nome de deuses aos anjos bons: e, se esses textos falam em «deuses dos gentios», é para declarar que elles são demonios.

Depois de ter apresentado os deuses da gentilidade como «fabulosos»,

> Fingidos de mortal e cego engano, (1)

Camões perfilha logo a seguir outra opinião: considera esses deuses como seres reaes, como anjos maus ou demonios.

E' que as estancias 83-85, 2, têm o aspecto de haverem sido introduzidas mais tarde (2) naturalmente por conselho amigavel de

---

(1) Cf. IX, 90-92, em que o Poeta perfilha as idéas de Evémero. Os deuses dos gentios foram personagens que tiveram existencia real e que a posteridade divinizou, graças aos feitos que tinham praticado:

> . . . Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
> Eneas e Quirino e os dous Thebanos,
> Ceres, Palas, e Juno com Diana,
> Todos foram de fraca carne humana.
>
> Mas a fama, trombeta de obras tais,
> Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
> De deoses, semideoses immortais.

(2) Embora o contexto as ponha na bocca de Tethys, deixam bem a impressão de que é o Poeta que fala em seu proprio nome. A transição de 83 para 85,3, podia fazer-se, sem que o sentido ficasse prejudicado.

fr. Bartolomeu Ferreira, para tornarem possivel a approvação do poema sem quaesquer mutilações, apesar do papel que nelle desempenham os deuses da fabula.

Ao menos não pode negar-se a estreita connexão entre o conteudo destas estancias e o que se lê na approvação do revedor do Santo Officio: «Somente me pareceo que era necessario advertir os lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos Portugueses na India, usa de hũa ficção dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos livros que compos de Ordine, aas Musas Deosas, todavia como isto é Poesia e fingimento, e o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo poetico, não tivemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo a por tal, e ficando sempre salua a verdade da nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios».

Na est. 87 diz Tethys, apontando para o oitavo circulo [1]:

> Olha estontro [2] debaxo, que esmaltado
> De corpos lisos anda e radiantes,
> Que tambem nelle tem curso ordenado
> E nos seus axes correm scintilantes.

Segundo as doutrinas astronomicas expostas no *Tratado da Sphera* de P. Nunes e perfilhadas pelo Poeta, a oitava esphera tem tres movimentos: *a)* o diurno, de oriente para occidente, em 24 horas, que lhe é transmittido pela decima esphera (est. 85, 5-86, 4); *b)* outro, de occidente para oriente, effectuado, não sobre o eixo do equador, como o movimento diurno, mas sobre o da ecliptica, e produzido pela nona esphera (est. 86, 5-8), pelo segundo mobil, que o perfaz em 49.000 annos [3]; *c)* o movimento de accesso e recesso, chamado tambem, depois, de trepidação, que consistiria em um avanço para leste, tambem pela ordem dos signos, e depois no correspondente retrocesso, aos quaes se deu primitivamente a amplitude de 8 graus, sendo cada um delles percorrido em 80 annos [4].

---

(1) Aqui circulo=orbe ou esphera.

(2) O commentario serviu-se de um exemplar da 1.ª ed. em que se lê «o outro», e como desconhecia o facto de se terem introduzido algumas emendas no texto daquella, emquanto se ia fazendo a tiragem, attribue o «estontro» da 2.ª ed. a quem dirigiu esta. Tudo leva a crer que no manuscripto do Poeta estivesse «estoutro». Divergencia analoga se dá em IV, 71, 2, em que nuns exemplares se lê «Parelle» e noutros «Por elle». Cf. a ed. facsimilada da Bibliotheca Nacional, p. VIII e XXXIV.

(3) Foi o conhecimento da precessão dos equinoxios que levou Hipparco a admittir este movimento, a que attribuiu um pouco mais de um grau por seculo. Ptolemeu fixou-o em um grau, dando-lhe por isso a duração de 36.000 annos. Por considerações *a priori*, de ordem extrascientifica, as *Tabuas Affonsinas* elevaram este numero a 7×7000 annos, que o Poeta arredondou bastante por largo em 360°×200 (X, 86, 8), passando-o assim de 49.000 annos para 72.000.

(4) A duração total do supposto movimento foi depois elevada a 4.171 annos. Posteriormente as *TabuasAffonsinas* fixaram-na em 7.000, que, multiplicados por 7, dão os 49.000 do segundo movimento. Introduzido para explicar o phenomeno da precessão dos equinoxios, ao lado do movimento circular *b*), que manifestamente se conformava muito melhor com os phenomenos astronomicos conhecidos, o movimento *c*) conservou-se ainda por muito tempo nos livros que adoptavam o systema de Ptolemeu. Chronologicamente, é o precursor do movimento de nutação.

Era este, segundo a doutrina corrente no tempo de Camões, o movimento proprio da oitava esphera, da esphera das estrellas. « A oytaua sphera (diz o texto de Sacrobosco, traduzido por P. Nunes) em cem annos anda um grao ». Mas á margem accrescenta o traductor: « Isto segundo a opinião de Ptolomeu, porque os astrologos que depois foram acharam que este movimento de occidente pera oriente pella ordem dos signos pertence a nona esphera e que não he de cem annos hũ grao, mas em 200 hũ grao e 28 minutos, de sorte que em 49 mil annos falando naturalmente se comprirá sua revolução [1]. E o movimento proprio a oytava he o da trepidação, que se faz em 7000 annos » (*Tratado da Sphera*, c. I).

Tendo a oitava esphera tres movimentos, a qual ou quaes delles se refere o Poeta? Julga o commentario que é só a um, ao que lhe é transmittido pela decima esphera. O « curso ordenado » do Poeta quer dizer, para elle, que as estrellas guardam sempre as mesmas distancias, umas em relação ás outras [2], e « os axes » é o eixo da esphera ou os polos desse eixo: « nos seus axes] nos axes ou polos, i. é, no eixo, (ou, como se diz modernamente, sobre o eixo) da esphera. Em latim *axis* toma-se tambem por polo ».

E' claro que o Poeta não podia deixar de referir-se ao movimento proprio da esphera das estrellas, isto é, ao movimento *c*), ha pouco definido. E' o que elle chama o « curso ordenado » [3], que as estrellas têm na sua esphera. Mas, além desse, especifica ainda outro: o movimento diurno, o movimento *a*), que as faz correr scintillantes « nos seus axes », isto é, no céu proprio. Entre as varias significações da palavra *axis*, uma é precisamente a de *céu*, como se pode ver no *Thesaurus linguæ latinæ*, s. v.: « (*axis*) *legitur apud prosarios et poetas* (*inde ab Ov.*) *pro ipso cælo. . . .Medio cum Phœbus axe est* (Luc., III, 2);... *astriferos inclinat Iuppiter axes* (Stat., *Thebais* VIII, 83). E a significação, como se vê, é a mesma para o singular e para o plural.

De maneira analoga procede Camões com os movimentos do sol. O da esphera propria acha-se indicado em X, 89, 5; do que lhe é transmittido pela decima esphera, pelo « mobile primeiro » occupa-se a est. 86, v. 3-4.

Do movimento *b*), de que tambem partilha a esphera das estrellas, fala a mesma est. 86, v. 5-8.

---

(1) Raciocinio *a priori*, que parte dos 49.000 annos, arbitrariamente determinados. Dividiram-se os minutos de 360º (360×60=21.600) por 490 seculos (49.000 annos) e achou-se o quociente 44' (numeros redondos), que em 2 seculos são 88' ou um grau e 28', fracção esta que o Poeta desprezou em X, 86. O valor a que se chegou modernamente é de 1º 23' 30" por seculo, o que corresponde a 28.000 annos (numeros redondos).

(2) «Tem curso ordenado] «[*stellae*]... *ita semper se habentes* (i. é, guardando sempre as mesmas distancias umas em relação ás outras] *tendunt in occasum continue et uniformiter* (Sacrobosco, *Sphaera* II).»

(3) I. é: curso prescripto, curso determinado pelo Criador dos mundos, que tambem é, por isso mesmo, um curso feito por certa ordem, segundo leis preestabelecidas.

Na est. 88 «turbulento» rima com «fazendo» e «horrendo». O commentario menciona as propostas de emenda («tremendo», «meluendo») e inclina-se a crer que houve distracção do Poeta.

O que houve foi o intuito de deixar mais um exemplo de rima incompleta. Cf. III, 120; IV, 32; VII, 77; X, 128.

Est. 102. Ao chegar, na descripção da costa da Asia, ao cabo Moçandão, diz o Poeta:

> **Por aqui entra o lago, que he fechado**
> **De Arabia, e Persias terras abundantes.**

E' assim que se lê na 1.ª edição. Manuel Corrêa achou asada a occasião de prestar mais um serviço *ao seu amigo* Camões e, com B. Caldera, emendou: *De Arabia, e Persia* etc.

O commentario acha bem, apesar da justa reclamação de Gomes de Amorim [1]: «A qualificação de «terra abundante» dada á Arabia («a rica Arabia» III, 72), que, segundo G. de Amorim, Cam. não podia dar a esta região, [2] é inteiramente conforme ás tradições da poesia romana do tempo de Augusto: *nec otia divitiis Arabum liberrima muto* (Hor. *Epist.* I, 7, 35-36)...[3] Com respeito á Persia, cf. *Persarum | montes qui esse aurei perhibentur* (Plaut. *Stich.* I, 1, 24)»...

Melhor era ter lido o cap. de Barros, que serviu de fonte a Camões. E' o 4.º da *Dec.* III, l. 6, na primeira parte do qual «se descreve todo maritimo, que o mar Parseo contem em si». E começa: «Este mar a que chamamos Parseo, jaz entre duas terras, huma que lhe fica ao Ponente, chamada Arabia, e a do Levante Parsea, e tomou mais o nome desta, que da outra, porque o maritimo da Persia he bem povoado... E do interior da mesma Persia alguns rios notaveis vem descarregar suas aguas nelle, e a terra da Arabia não tem alguma cousa destas... Não ha em toda esta costa da Arabia mais que quatro povoações... Todo o outro maritimo,... tudo he um areal, o mais deserto e esteril do que a Arabia tem... E por razão da esterilidade desta costa deram ao mar a denotação mais de Parseo, que Arabio, porque da parte da Persia tem os lugares que veremos. ... E indo pera dentro

---

(1) «A geographia e a historia nos ensinam que a parte da Arabia, que o seio persico separa da terra do seu nome, é pobrissima. No dizer de um dos nossos commentadores, nem sequer tem mantimento para sustentar as aves do céu, quanto mais a gente!» *Lusiadas*, t. II, p. 265.

(2) G. de Amorim refere-se apenas á parte da Arabia que confina com o golfo Persico. São terminantes as suas palavras, transcriptas na nota precedente. E o Poeta só quer effectivamente caracterizar a parte da Persia e a da Arabia que circumdam o golfo, e não as duas regiões, consideradas na sua totalidade. Cf. X, 100 e 103.

(3) Para os romanos a Arabia era «rica», não pela sua fertilidade, mas pela importancia commercial, pois era a transmissora das riquezas que vinham do Oriente e talvez da Africa oriental. Annotando o § do *Livro de Duarte Barbosa* referente a Zimbaoche (a Zimbaoa de Fr. João dos Santos), diz Dames: «It is also possible that the gold wich found its way to Rom through Arabia came from this source» (T. I, p. 11).

do estreito, entramos (da parte da Persia) na terra chamada Mogastam, que quer dizer palmar, por o grande numero de palmeiras que ha per toda aquella comarca». E noutra parte, falando desta mesma terra, diz Barros que era ella uma das que forneciam Ormuz de agua e «de toda a hortaliça, verdura, fruta verde e sorôdea» (*Dec.* II, 2, 2).

Tudo isto mostra que não deve alterar-se a lição primitiva.

Emquanto ao rythmo da frase (*Arabia e Persias terras*), cf. II, 61, 4: III, 95, 6: VIII, 34, 2: IX, 26, 4: X, 75, 3: 86, 1.

Est. 112. Os Bramenes, vendo os milagres e a santidade do apostolo S. Thomé,

Hão medo de perder autoridade.

Commentario: «perder autoridade] (sem artigo) = padecer quebra na autoridade».

Deduz-se do contexto que elles não têm apenas medo de padecer quebra na sua autoridade, mas sim de totalmente a perderem.

E' que o artigo está incorporado no *a* de «autoridade». E não faltam exemplos.

Quantos jazem so a terra
que foram mal nauegados,
quantos *amor* fazem guerra
que na sua ley mal erra,
todos sam meus conuydados.

Canc. geral, I, 98.

Por um pequeno prazer,
que queyma mais que a brasa,
nam queirays *alma* perder.

Id., IV, 395.

Cf. a nota a VIII, 32, 5, e X, 31, 6.

Est. 119 A proposito do apostolo S. Thomé pergunta o Poeta:

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a sancta fé?
Olhai que, se sois sal e vos danais
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

Commentario: «Já no tempo de Man. Corrêa havia quem entendesse a apostrophe como dirigida aos jesuitas. Com razão diz este commentador que o Poeta tinha em vista os sacerdotes em geral, e nota que os governadores da India se queixavam para a metropole da falta de missionarios naquellas partes».

Não ha, nem é licito haver duvidas que se trata dos jesuitas, então conhecidos entre nós pelo nome de «apostolos» (1), palavra cuja significação é a de *enviados*, de *mandados de Deus*.

O Poeta abraçou calorosamente o partido dos que queriam ver os Camaras fora do mando, fora da côrte (2). Cf. VII, 84-85, e VIII, 54-55.

Com relação ao verbo do v. 1.º diz o commentario: «usurpais] Este verbo não está no mau sentido em que actualmente só se emprega, mas, á imitação de *usurpare*, na accepção de «usar de», equivalendo «usurpais o nome» a «vos chamaes»...

O contexto mostra, sem sombra de duvida, que «usurpais» está no sentido, corrente no português, de «usais indevidamente». Como quereis que vos chamem «apostolos», se vós não fazeis como S. Thomé, mas vos deixaes ficar na patria? Tal nome não vos pertence: não tendes direito a elle.

Est. 127. Do rio Mecom, palavra que significa «capitão das aguas», diz o texto da 1.ª ed.:

> Tantas recebe doutro ao no estio,
> Que alaga os campos largos e inquieta.

Baseado num passo de Barros, em que se lê que ao Mecom «se ajuntão tantos e tão cabedaes rios» etc., propús a emenda «doutros», que o commentario aceita. Mais tarde reconheci que não havia emenda nenhuma a fazer, pois se trata de um caso de phonetica syntactica, semelhante ao de III, 8, 4, e analogo ao de III, 84, 2.

Se o Mecom inunda os campos «so no estio», se o tempo das suas cheias periodicas é de junho a outubro (commentario ao v. 5), a que proposito vêm estas palavras: «só» — em francês *rien que* — no sentido em que, por ex., se diz «só de juros de inscripções recebe elle seis contos de reis»? Como se o Poeta quisesse dizer: só no estio, para não falarmos nas outras estações! O sentido das palavras do 1.º verso é bem claro: o Mecom recebe no estio tantas aguas dos seus affluentes, que alaga os campos marginaes: mas isso acontece só nesta estação, pois, nas outras, as aguas que lhe trazem esses affluentes não o fazem sair fora do leito.

---

(1) Cf. o padre B. Telles, *Chronica da Companhia de Jesus*, 1. 1. c. 9, ns. 4 e 6; etc.
(2) E atrás dos Camaras estavam, ou suppunha-se que estavam, os jesuitas.

Como se vê, esta clausula, isto é, o *só* podia eliminar-se sem prejuizo para o que o Poeta quer dizer, mas desta maneira torna-se mais explicito. Cf. o « só » de II, 7, 8.

Est. 128. O singular « executado » rima na 1.ª ed., com « molhados » e «escapados». O commentario, fazendo sua uma emenda já antiga, passa tudo para o singular. Indevidamente, pois o *erro* foi intencional. Cf., por ex., o *Canc. geral*, IV, 259:

> Eu achey caminhos cheos
> dos judeus quyam fogindo,
> huũs com medo, e rreçeo,
> outros de rriso cahyndo.

Est. 129. Chama o Poeta á Conchichina: « de escura fama » E o commentario explica: «refere-se ao que Barros diz daquella costa no logar acima transcripto; corresponde ao *infamis* de Horacio em *infames scopulos Acrocerannia (Od.* I, 3, 20; cf. VI, 82,4)». E são estas as palavras alludidas de Barros: «O qual (reino da Cauchij China) acerca de nós é o menos sabido daquellas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas e grandes baixos (I, 9, 1)».

As palavras de Camões, applicadas, não á costa, mas ao reino, reproduzem as de Barros: « é o menos sabido reyno daquellas partes», e não o motivo por que isto assim é. Cf. logo no v. seguinte: « de Ainão a incognita enseada ».

Est. 150. Entre os conselhos que, com toda a hombridade, Camões dá a D. Sebastião, inclue-se este:

> Tenham Religiosos (1) exercicios
> De rogarem por vosso regimento,
> Com jejuns, disciplina, pellos vicios
> Comuns; toda ambição terão por vento...

E' obvio o sentido deste passo: ordenae aos membros das ordens religiosas que roguem pelos vicios communs; mas o commentario complica tudo com esta explicação: « por vosso regimento » e « pelos vicios comuns » estão coordenados, tendo interposto « com jejuns, disciplina »:... mas as preposições não têm o mesmo sentido no primeiro e no segundo membro; « por [= a bem de) vosso regimento » é « para que vós na governação sejaes bem inspirado »; « pelos vicios comuns » e «para que sejam perdoados os delitos de todos e os culpados voltem ao bom caminho».

---

(1) A falta do artigo explica-se, a meu ver, da forma seguinte: o *s* de *os* desappareceu por causa do *r* seguinte (cf. *do rios* em III, 84, 2) e o *o* foi absorvido pelo ditongo precedente (cf. VII, 50, 1).

Camões encontrou a cada passo a palavra « regimento » empregada para significar as ordens, as instrucções, emanadas da autoridade superior. Elle proprio diz no c. VII, e. 66, que o Catual

> De seu Rei tinha já por regimento
> Saber da gente estranha donde vinha.

E em Castanheda, quasi a abrir: « como lhe ho gouernador dera por regimento » (l. V, c. 61). « Não leuaua em regimento que esteuesse em Baharem » (*ibid.*, c. 70).

Quer dizer: « por vosso regimento » liga-se, não a « rogarem », mas a « Tenhão », e a interposição dá-se com este complemento e não com as palavras que o commentario suppõe.

José Maria Rodrigues.

Composto em Monotype Centaur 11/15 pt: notas, 9/12 pt.